

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

**UM ESTUDO SOCIOCOGNITIVO DE CONCEPTUALIZAÇÕES DO  
*TRABALHO* EM TEXTOS JORNALÍSTICOS DOS SÉCULOS XIX, XX E XXI**

**ELIANE SANTOS LEITE DA SILVA**

Salvador  
2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

**UM ESTUDO SOCIOCOGNITIVO DE CONCEPTUALIZAÇÕES DO  
TRABALHO EM TEXTOS JORNALÍSTICOS DOS SÉCULOS XIX, XX E XXI**

**ELIANE SANTOS LEITE DA SILVA**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aurelina Ariadne Domingues Almeida**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, do Curso de Doutorado em Língua e Cultura, da área Linguística Histórica, na linha de pesquisa Constituição Histórica do Português e das demais línguas românicas, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Letras.

Salvador  
2017

Ao nosso filho primogênito que chega, em nossas vidas, no momento certo.

## AGRADECIMENTOS

*Não temerei mal algum, porque Tu estás comigo.  
(Salmo de Davi).*

O que vivemos em quatro anos pode ser resumido em uma página escrita? Ou mesmo em uma tese de conclusão de um estudo? Penso que não. Mas é possível que destaquemos algumas pessoas que foram essenciais para que tivéssemos concluído o que começamos, na certeza de que não caberia em palavras o sentimento de gratidão que ora nos invade. Ainda assim, utopicamente, o farei.

Ao final deste percurso, posso dizer: não foi fácil. Mas foi, paradoxalmente, prazeroso, por ter sido desafiador, por ter sido novo, por ter sido complexo... Foi, principalmente, aconchegante, porque, em todo tempo, pude, assim como o Rei Davi, experimentar os “braços eternos” de meu Deus Maravilhoso cuidando de cada detalhe em minha caminhada, como um Pastor o faz com suas ovelhas, e, por isso mesmo, pude vencer meus medos.

Por isso o Deus Todo-Poderoso é a primeira Pessoa a quem dedico minha gratidão, por ser Presença constante em minha vida, e, também, pelo Seu cuidado, ter colocado em meu caminho, pessoas especiais, como as citadas em seguida, que tornaram possível minha caminhada, nesse percurso de quatro anos. Por isso, agradeço, imensamente, a tais pessoas:

Aos meus pais, José Vieira Leite e Creusa dos Santos Leite, a base de tudo que sou como pessoa,

Aos meus irmãos, em especial, a Emanuele Leite, que me socorreu em vários momentos em que estava “em Salvador” produzindo, produzindo e produzindo,

Ao meu esposo amado Salatiel Almeida, que foi meu ponto de equilíbrio e de paz quando batiam as turbulências e que orou incessantemente para meu sucesso,

À minha amiga-irmã Joseane Brandão, por ser o que é em minha vida, sempre presente nas horas incertas,

Aos meus irmãos e irmãs em Cristo, que acompanharam minhas lutas e me sustentaram, também, em intercessão,

Aos professores, colegas e amigos do Seminário Batista do Nordeste, por torcerem e orarem por mim,

Às minhas amigas Lidiane Silva, Flávia Rodrigues e Darlene Badaró, por compartilharem momentos especiais em viagens e resenhas, que renovavam minhas energias,

À minha querida orientadora Professora Doutora Aurelina Ariadne Domingues Almeida, que, ao confiar em meu potencial, pacientemente, me fez ver que seria possível ir além, através de seu competente trabalho de orientação e cuidado, o qual muito me ajudou a amadurecer como pessoa e como pesquisadora,

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, pelo constante partilhar de saberes, os quais não serão esquecidos,

À Professora Doutora Elisângela Santos, por ter acompanhado meu trabalho desde sua primeira e tímida apresentação, em uma mesa do PROHPOR, na UFBA, em 2013, e sempre oferecer suas lúcidas e proveitosas contribuições de aprimoramento para minha pesquisa,

Às Professoras Doutoras Juliana Soledade, Maíra Avelar e Sandra Cavalcante, por suas contribuições trazidas ao meu trabalho, na ocasião de suas participações na banca examinadora,

À Professora Doutora Celina Abbade, por estar sempre por perto em minha vida acadêmica, desde 2009, trazendo sua leveza e alegria em momentos tensos,

Aos membros do GESCOG (Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva - UFBA), por estarem dispostos a ouvir o outro, em uma troca prazerosa de saberes da vida de pesquisa, em especial aos colegas Deivid Borges, Neila Santana e Mailson Lopes, por sempre compartilharem suas impressões sobre nosso estudo, de forma humana e sincera,

Ao nosso querido Ricardo Luiz, que, por conhecer de perto nossas angústias, nos acalmava apenas com seu sorriso cordial, ao cuidar de nossas demandas, junto à Secretaria da Pós,

Ao Instituto Federal Baiano, por ter me concedido o afastamento das minhas atividades docentes para realização do doutoramento, o que foi um grande diferencial qualitativo na realização do mesmo,

Aos meus alunos, motivação importante para que continue sempre estudando, pois é uma das coisas que amo fazer.

A todos e a todas, o meu muito obrigada.

## RESUMO

O presente texto socializa resultados da investigação que propôs o levantamento e estudo das formas de conceptualização do *trabalho*, tendo como corpus, textos de língua portuguesa, circulantes no âmbito do jornalismo escrito, datados dos séculos XIX, XX e XXI, coletados no jornal *O Estado de São Paulo*. O estudo assumiu um caráter quali-quantitativo, descritivo-interpretativo e documental, visando a uma identificação contextual dos sentidos de *trabalho*. O aporte teórico ancorou-se na Semântica Cognitiva, mais especificamente nas discussões propostas por Lakoff e Johnson (2002[1980]; 1999), Lakoff (2007, 1993, 1987), Johnson (1987), Kövecses (2013; 2010), Grady (1999), Silva (2010, 2009, 2005, 2004, 1999) dentre outros. Os resultados foram organizados a partir dos domínios-fonte da experiência identificados, em suas formas de conceptualização, por meio de modelos cognitivos idealizados de cunho metafórico, metonímico e de esquemas imagéticos, que apontaram para a conceptualização TRABALHO É ATIVIDADE como sendo prototípica, nos três séculos esquadrinhados. Através da identificação das formas de conceptualização do *trabalho*, foi possível refletir como se deram as estratégias conceptuais, por meio dos mapeamentos entre os modelos cognitivos idealizados, cujas redes de sentido puderam ser identificadas enquanto caracterizadoras de um determinado tipo de escrita, apontando, assim, para a intrínseca relação entre as manifestações linguísticas, culturais, históricas, sociais, experienciais e conceptuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semântica Cognitiva; Conceptualização; Trabalho; Domínios da experiência; Modelos cognitivos idealizados.

## RÉSUMEN

El presente texto socializa resultados de la investigación que propuso un levantamiento y estudio de las formas de conceptualización del *trabajo*, teniendo como corpus, textos de lengua portuguesa, circulantes en el ámbito del periodismo escrito, fechados de los siglos XIX, XX y XXI, colectados en el periódico *O Estado de São Paulo*. El estudio tuvo un carácter qualiquantitativo, descriptivo-interpretativo y documental, visando a una identificación contextual de los sentidos de *trabajo*. El aporte teórico se ancló Semántica Cognitiva, más específicamente en las discusiones propuestas por Lakoff y Johnson (2002[1980]; 1999), Lakoff (2007, 1993, 1987), Johnson (1987), Kövecses (2013; 2010), Grady (1999), Silva (2010, 2009, 2005, 2004, 1999) entre otros. Los resultados fueron organizados desde los dominios-fuente de la experiencia identificados, en sus formas de conceptualización, por medio de modelos cognitivos idealizados de tipo metafórico, metonímico y de esquemas imagéticos, que apuntaron para la conceptualización TRABAJO ES ACTIVIDAD como siendo prototípica, en los tres siglos escudriñados. A través de la identificación de las formas de conceptualización del *trabajo*, fue posible reflexionar sobre cómo se dieron las estrategias conceptuales, por medio de los mapeos entre los modelos cognitivos idealizados, cuyas redes de sentido pudieran ser identificadas en cuanto caracterizadoras de un determinado tipo de escrita, apuntando, así, para la intrínseca relación entre las manifestaciones lingüísticas, culturales, históricas, sociales, experienciales y conceptuales.

**PALABRAS-CLAVE:** Semántica Cognitiva; Conceptualización; Trabajo; Dominios de la experiencia; Modelos cognitivos idealizados.



## **Lista de Tabelas**

Tabela 1- Dados do século XIX	p.120
Tabela 2- Dados do século XX	p.121
Tabela 3- Dados do século XXI	p.121
Tabela 4- Organização dos DE's	p.132
Tabela 5- Distribuição dos DE's e MCI's por séculos	p.299

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	11
<b>1 ASPECTOS TEÓRICOS</b>	17
1.1 A proposta cognitiva para os estudos da significação	17
1.1.1 A Semântica Cognitiva: suas origens como campo investigativo	17
1.1.2 A Semântica Cognitiva e seus principais pressupostos teórico-filosóficos	21
1.1.3 A categorização e a organização do conhecimento	25
1.1.4 A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados	28
1.1.4.1 Os MCI's metafóricos e a Teoria da Metáfora Conceptual	31
1.1.4.1.1 A hipótese da invariância e as projeções entre domínios	37
1.1.4.1.2 Classificação das metáforas	40
1.1.4.1.3 A Teoria da Metáfora Primária	43
1.1.4.2 Os MCI's metonímicos	48
1.1.4.2.1 Classificação das metonímias	53
1.1.4.2.2 A metaftonímia: interação metáfora – metonímia nas formas de conceptualização	57
1.1.4.3 Os MCI's de esquemas imagéticos	61
1.1.5 Contributos da sociocognição para a abordagem de fenômenos linguístico-conceptuais	72
1.1.5.1 As formas de conceptualização e sua relação com a cultura	73
1.1.5.2 O <i>sociocognitivismo</i> e os estudos cognitivos-sócio-históricos	81
<b>2. ASPECTOS FILOSÓFICO-METODOLÓGICOS</b>	94
2.1 A questão metodológica em pauta: os caminhos da pesquisa em Semântica Cognitiva	95
2.2 Por uma proposta filosófico-metodológica de tratamento dos dados em pesquisas qualiquantitativas	105
2.2.1 O mito do objetivismo na pesquisa científica: uma (re)leitura a partir da Semântica Cognitiva e da Teoria da Complexidade	105
2.2.2 Os caminhos trilhados na pesquisa	113
2.2.3 O corpus: procedimentos de constituição e estudo	117
2.2.4 Breve panorama histórico-social do jornal <i>O Estado de São Paulo</i>	127
<b>3. ASPECTOS INTERPRETATIVOS</b>	131
3.1 Os domínios-fonte da experiência e as conceptualizações do <i>trabalho</i>	131
3.1.1 Domínio da experiência da ATIVIDADE	132
3.1.1.1 Modelo cognitivo idealizado do OFÍCIO	133
3.1.1.2 Modelo cognitivo idealizado do APERFEIÇOAMENTO	141
3.1.1.3 Modelo cognitivo idealizado do SERVIÇO	146
3.1.1.4 Modelo cognitivo idealizado do ESFORÇO	149
3.1.1.5 Modelo cognitivo idealizado da ESPECIALIDADE	162
3.1.1.6 Modelo cognitivo idealizado da ESCRAVIDÃO	170
3.1.1.7 Modelo cognitivo idealizado da EXPLORAÇÃO	179

3.1.1.8 Modelo cognitivo idealizado da OCUPAÇÃO	184
3.1.2 Domínio da experiência do EVENTO	187
3.1.2.1 Modelo cognitivo idealizado da CERIMÔNIA	187
3.1.2.2 Modelo cognitivo idealizado da ATUAÇÃO	188
3.1.2.3 Modelo cognitivo idealizado do FESTEJO	192
3.1.2.4 Modelo cognitivo idealizado do PROTESTO	198
3.1.2.5 Modelo cognitivo idealizado da COMPETIÇÃO	205
3.1.3 Domínio da experiência das RELAÇÕES	206
3.1.3.1 Modelo cognitivo idealizado da MOTIVAÇÃO	206
3.1.3.2 Modelo cognitivo idealizado da PUNIÇÃO	208
3.1.3.3 Modelo cognitivo idealizado da VIRTUDE	216
3.1.3.4 Modelo cognitivo idealizado da RECOMPENSA	219
3.1.3.5 Modelo cognitivo idealizado da DIFICULDADE	222
3.1.3.6 Modelo cognitivo idealizado do STATUS SOCIAL	226
3.1.3.7 Modelo cognitivo idealizado da COMPANHIA	228
3.1.3.8 Modelo cognitivo idealizado do NEGÓCIO	230
3.1.3.9 Modelo cognitivo idealizado da RELIGIÃO	234
3.1.3.10 Modelo cognitivo idealizado da CRISE	240
3.1.4 Domínio da experiência do TEMPO	242
3.1.4.1 Modelo cognitivo idealizado da MARCAÇÃO	243
3.1.4.2 Modelo cognitivo idealizado da ROTINA	246
3.1.5 Domínio da experiência do ESPAÇO	248
3.1.5.1 Modelo cognitivo idealizado do LUGAR	249
3.1.5.2 Modelo cognitivo idealizado da CONSTRUÇÃO	255
3.1.6 Domínio da experiência da NATUREZA	256
3.1.6.1 Modelo cognitivo idealizado da CRIAÇÃO	256
3.1.7 Domínio da experiência do PROCESSO	271
3.1.7.1 Modelo cognitivo idealizado do RESULTADO	272
3.1.7.2 Modelo cognitivo idealizado do MEIO PARA ALCANÇAR ALVO	277
3.1.7.3 Modelo cognitivo idealizado do FIM	288
3.1.7.4 Modelo cognitivo idealizado ATIVIDADE A SER AVALIADA	289
3.1.7.5 Modelo cognitivo idealizado FUNCIONAMENTO / DESEMPENHO	291
3.2 Por uma leitura cognitivo-sócio-histórica dos fenômenos de conceptualização do <i>trabalho</i>	293
3.2.1 A teia e seus fios: as formas de conceptualização unindo os pontos para uma sócio-história do <i>trabalho</i>	295
3.2.2. As constelações e seus pontos: um olhar sobre o entrecruzar dos dados	302
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>319</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>324</b>
<b>ANEXO: OCORRÊNCIAS EM ORDEM CRONOLÓGICA</b>	<b>340</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde seus primórdios, até o século XIX, as pesquisas em Linguística objetivavam, em linhas gerais, realizar levantamentos de dados da língua com interesses histórico-comparativistas, em perspectiva diacrônica. O início do século XX reconfigura esse quadro, tratando a língua enquanto sistema dicotômico, através de metodologias que primavam por uma abordagem opositiva da língua. Como um dos interesses dos estudiosos era que a Linguística alcançasse o *status* de ciência, os mesmos precisavam adequar-se aos modelos das pesquisas em ciências exatas, o que exigiu o máximo de tentativas para alcançar a chamada “objetividade” no tratamento dos dados, e se refletia em extensas quantificações e na exclusão do sujeito dos referidos estudos.

A partir de meados do século XX, tal modelo sofreu muitas críticas. A análise da intensa troca linguística entre os humanos, gerada pelos avanços tecnológicos, não mais poderia limitar-se à quantificação e comparação dos dados de língua isoladamente, de modo que os procedimentos teórico-metodológicos de determinadas correntes de estudos linguísticos assumiram outra motivação: contextualizar os resultados das pesquisas, considerando tanto o sujeito falante quanto sua cultura.

Novos caminhos na ciência em geral proporcionaram mudanças epistemológicas, também, nos estudos linguísticos, que partiram, então, do pressuposto de que analisar a língua não deveria ser mais um processo restrito aos dados coletados em uma determinada situação linguística, antes, pressupunha considerar a intrínseca relação entre o sujeito usuário da língua e seu contexto cultural específico. Como, portanto, não considerar tal imbricação no processo de funcionamento da língua? Reconhecendo ser impossível tal façanha, diferentes perspectivas de análise linguística têm contribuído para o amadurecimento de abordagens da língua mais holísticas e dialogantes. Como a herança filosófica ocidental é predominantemente disciplinar, é tarefa ousada optar por um caminho interdisciplinar para a abordagem da análise linguística. Os estudos semânticos mais contemporâneos têm apresentado essa preocupação. Porém, tal inquietação nem sempre permeou os estudos dessa área do saber linguístico, em específico, como aqueles voltados ao estudo da significação.

A princípio, a Semântica pode ser definida, como propõe Oliveira (2009), como a área dos estudos linguísticos cujo interesse de investigação repousa sobre a significação. Não desconsideramos, todavia, o fato de que tal conceito seja diretamente dependente do enfoque dado nos estudos propostos, muitas vezes, ultrapassando o âmbito linguístico, de acordo com cada abordagem, dentre as quais podemos indicar as semânticas: *Lexical, Formal, Argumentativa, Computacional, Cultural, da Enunciação, dos Protótipos* e a *Cognitiva*, sendo esta última a que mais interessa à presente investigação. O ponto em comum, nos estudos das referidas abordagens semânticas, é o interesse pelo *significado* nas linguagens humanas em suas mais diversas nuances; porém, defini-lo, até então, não tem sido uma tarefa simples, já que a própria noção de significado é flutuante e relaciona-se a questões filosóficas e epistemológicas, além de implicações advindas do histórico de vida, das relações com o mundo, dos conhecimentos culturais de cada um, além do próprio contexto situacional que envolve determinada construção que pretenda ser compreendida<sup>1</sup>.

Enquanto subárea da Linguística Cognitiva (doravante LC), a Semântica Cognitiva (doravante SC) busca compreender os diversos fenômenos da categorização e da conceptualização humanas (ou seja, como os conceitos e os significados são estruturados na mente), a partir de fenômenos como metáfora e a metonímia, em uma perspectiva experientialista.

Como, na presente investigação, nos fundamentamos nos pressupostos teóricos e metodológicos da SC, optamos por considerar essa perspectiva, especialmente ao tratar dos processos de conceptualização. Nesse aspecto, os principais inauguradores da SC, George Lakoff e Mark Johnson (2002 [1980]), desconstruem a perspectiva objetivista então predominante na maioria dos estudos linguísticos ao apontarem o que seja o significado, partindo de um ponto de vista experientialista, segundo o qual, o significado não existe *per se*, antes, é construído

---

<sup>1</sup>Para maiores esclarecimentos sobre o significado, enquanto atrelado às preocupações semânticas, vide Otaola Olano (2004). A autora dedica um capítulo inteiro de sua obra *Lexicología y Semántica Léxica* para discutir a complexidade que envolve o conceito de *significado*, mediante a multiplicidade das perspectivas teóricas a partir das quais é possível abordá-lo, primeiramente, como conceito em si mesmo (significado na palavra), como sendo relacionado às condições de verdade (significado na oração) e como estando em contexto (significado relacionado ao processo comunicativo, ao uso). Assim, ao subdividir as perspectivas teóricas dos estudos linguísticos lexicais e semânticos nesses três grandes blocos, a autora trata dos diversos sentidos de *significado*, relacionando-os, respectivamente, aos interesses de cada abordagem teórica.

pelo sujeito, a partir de suas interações no mundo, através do seu corpo. Nesse aspecto, Lakoff (1987) defende que tal abordagem busca caracterizar o significado em termos da natureza e da experiência dos organismos durante o processamento do pensamento e, ainda, mais radicalmente, assevera que o significado “não é uma coisa, ele envolve o que é significativo para nós. *Nada é significativo em si mesmo* [...] deriva da experiência de funcionar como um ser de uma determinada espécie em um determinado ambiente. (LAKOFF, 1987, p.292. Grifo nosso)<sup>2</sup>.

Assim, para além de uma interação mente-corpo, o experiencialismo defendido na SC rejeita a dicotomia objetivista sujeito-objeto, que exclui a experiência do sujeito na construção do conhecimento, pressupondo que os objetos sejam independentes da interação do sujeito com o mundo, a fim de reinterpretá-lo e reconstruí-lo. (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Partindo desses pressupostos, poder-se-ão entender as formas de conceptualização do mundo, por meio de fenômenos como as metáforas e metonímias conceptuais, além dos esquemas imagéticos, já que os mesmos “são significativos porque estão baseados nos conceitos diretamente significativos e nas correlações de nossa experiência” (CASTILLO, 2008, p.196)<sup>3</sup>. Esse caráter holístico, na abordagem dos fenômenos de conceptualização, enquanto relacionados às interações do sujeito com seu corpo e ambiente, é uma das características distintas da SC, em relação às formas de abordagem do significado defendidas por outras perspectivas de estudos semânticos aqui já citadas.

O presente estudo assumiu esse viés cognitivista, uma vez que objetivou compreender as formas de conceptualização do *trabalho* através de mecanismos conceptuais, como a metáfora, a metonímia e os esquemas imagéticos emergentes nos Modelos Cognitivos Idealizados (doravante MCI) identificados. O material linguístico sobre o qual nos debruçamos, a fim de investigar tal fenômeno conceptual, correspondeu a textos jornalísticos impressos<sup>4</sup>, datados entre os séculos XIX e XXI.

As inquietações que nortearam a presente investigação visaram a apresentar as formas de conceptualização do *trabalho* identificadas nos referidos textos,

---

<sup>2</sup>Tradução nossa do original: “Meaning is not a thing; it involves what is meaningful to us. Nothing is meaningful in itself. [...] derives from the experience of functioning as a being of a certain sort in an environment of a certain sort”.

<sup>3</sup> Tradução nossa do original: “Las metáforas son significativas porque están basadas en los conceptos directamente significativos y en las correlaciones de nuestra experiencia”.

<sup>4</sup> Informamos que são os textos impressos, visto que, no caso dos textos do século XXI, há versões apenas *online* de alguns jornais. O que não é o caso do jornal investigado.

buscando compreender de que forma as mesmas se evidenciaram na língua portuguesa, no âmbito da documentação pertencente ao lastro temporal selecionado, de modo a apontar para possíveis mudanças e/ou permanências no sistema conceptual do *trabalho*. Para tanto, partimos da hipótese de que o estudo de usos específicos da língua portuguesa, em uma perspectiva semântico-cognitivista, contribuiria com a compreensão sobre o caráter experiencialista das formas de conceptualização identificadas no sistema conceptual dos escreventes, mediante pistas deixadas em suas escritas.

Assim, traçamos como objetivos específicos de pesquisa:

- realizar um levantamento das expressões linguísticas que instanciaram as formas de conceptualização de *trabalho* nos textos jornalísticos selecionados, entre os séculos XIX e XXI;
- esquadrihar como tais formas de conceptualização se evidenciaram na língua portuguesa como pistas para discutirmos sobre as possíveis mudanças/permanências no processo de conceptualização do *trabalho*;
- discutir como o estudo de caráter semântico-cognitivista pode revelar a base experiencialista das formas de conceptualizações aventadas.

A fim de alcançar tais objetivos, a pesquisa assumiu um caráter quali-quantitativo, descritivo-interpretativo e documental, a partir de uma perspectiva semântico-cognitivista.

Os documentos que compuseram o corpus estão publicados no jornal brasileiro *O Estado de São Paulo*, cujos originais estão disponíveis *online*. A organização das ocorrências foi feita por séculos, tendo se estabelecido o número de cem (100) ocorrências para cada um (XIX, XX e XXI). Visto que o critério para identificação das expressões linguísticas que apontassem para a conceptualização de *trabalho* não foi o lexical, mas sim, o contextual, realizamos a leitura de cada edição na sua íntegra para identificação das mesmas.

Após o levantamento das ocorrências, debruçamo-nos sobre cada uma delas, a fim de identificarmos os domínios da experiência evocados e as formas conceptualizadoras adotadas. Em seguida, fizemos um levantamento das

particularidades das ocorrências, de modo a discutir o comportamento dos processos cognitivos observados.

Após a aplicação de tais procedimentos nos dados de cada século, seguimos com a organização dos resultados por domínios-fonte da experiência e dos modelos cognitivos idealizados identificados, a fim de apresentarmos e discutirmos as mudanças e/ou continuidades no sistema conceptual, através do cotejo entre as formas de conceptualização do *trabalho* identificadas ao longo do período definido.

Nesse sentido, buscamos identificar as formas de conceptualização, por meio de esquemas imagéticos, metáforas e metonímias conceptuais, enquanto caracterizadores de um determinado tipo de escrita, no que diz respeito às crenças, valores e costumes dos escreventes, partindo do pressuposto de que há, em toda e qualquer sociedade, uma intensa relação entre as manifestações linguísticas, culturais, experienciais e conceptuais.

A fim de apresentarmos os resultados do nosso estudo, a organização que propusemos para a presente tese foi a seguinte:

Na primeira seção, *Aspectos Teóricos*, socializamos o aporte teórico que norteou a tese ora apresentada. A referida seção foi subdividida em cinco subtópicos: no primeiro, *A Semântica Cognitiva: suas origens como campo investigativo*, apresentamos o surgimento da SC enquanto subárea da LC, e os principais desdobramentos que lhe conferiram o estatuto de autonomia em relação a outras abordagens da significação. No subtópico seguinte, *A Semântica Cognitiva e seus principais pressupostos teórico-filosóficos*, traçamos os principais pressupostos teóricos e filosóficos da SC, que foram ainda ampliados nos subtópicos seguintes: *A categorização e a organização do conhecimento* e *A teoria dos modelos cognitivos idealizados*, que tratam da forma de organização dos conhecimentos experienciados pelo ser humano, a partir, dentre outros elementos, dos MCI's, enquanto veículos de construção da realidade conceptual do falante/escrevente. No último subtópico, *Contributos da sociocognição para a abordagem de fenômenos linguístico-conceptuais*, discutimos alguns aspectos do sociocognitivismo enquanto uma perspectiva contemporânea de abordagem dos fenômenos conceptualizadores, no que tange a alguns caminhos interpretativos que oferece, no âmbito dos estudos da significação.



A segunda seção, intitulada *Aspectos filosófico-metodológicos*, traz as decisões, de ordem metodológica, que tomamos ao longo do percurso da investigação desenvolvida e que tem, aqui, seus resultados expostos. A mesma segue organizada em dois subtópicos: no primeiro, *A questão metodológica em pauta: os caminhos da pesquisa em Semântica Cognitiva*, foram apresentadas as principais reflexões de caráter filosófico do próprio fazer pesquisa linguística na área da SC e que geraram inquietações durante o processo de escolhas atinentes ao nosso processo investigativo. Em seguida, o subtópico *Por uma proposta filosófico-metodológica de tratamento dos dados em pesquisas quali-quantitativas* abordou as contribuições da Teoria da Complexidade no que respeitou aos caminhos para dirimir as referidas inquietações, norteando as decisões procedimentais tomadas, e que foram, por sua vez, socializadas com maiores especificidades nos próximos subtópicos: *O mito do objetivismo na pesquisa científica: uma (re)leitura a partir da Semântica Cognitiva e da Teoria da Complexidade*; *Os caminhos trilhados na pesquisa*; *O corpus: procedimentos de coleta e análise* e *Breve panorama histórico-social do jornal O Estado de São Paulo*.

A fim de demonstrarmos como buscamos aplicar o arcabouço teórico então escolhido, expusemos, na terceira seção, os *Aspectos Interpretativos*, seguidos das reflexões sobre os dados coletados. A mesma foi subdividida a partir das reflexões desenvolvidas a partir do estudo do corpus, em dois subtópicos: *Os domínios-fonte da experiência e as conceptualizações de trabalho*, no qual organizamos as ocorrências coletadas a partir dos sete (07) domínios da experiência identificados, que, por sua vez, possibilitaram a identificação de trinta e três (33) MCI's, a partir dos quais pudemos apresentar as formas de conceptualização do *trabalho*, na documentação investigada. Por fim, no subtópico *Por uma leitura cognitivo-sócio-histórica dos fenômenos de conceptualização do trabalho* apresentamos nossas impressões a respeito do entrecruzar de sentidos observados ao longo do estudo, no que tange ao sistema conceptual do *trabalho*.

Em seguida, temos as *Considerações Finais*, seguidas das *Referências* e do *Anexo*.

## 1 ASPECTOS TEÓRICOS

### 1.1 A proposta cognitiva para o estudo da significação

#### 1.1.1 A Semântica Cognitiva: suas origens como campo investigativo

Os estudos cognitivistas surgem em meados do século XX, a partir de questionamentos no seio de teorias linguísticas formalistas, de cunho gerativo, que centravam sua proposta na análise das estruturas sintáticas, dando pouca atenção aos fatos semânticos. Já na década de 70, no âmbito da chamada “primeira geração” dos estudos em LC, emerge uma proposta de investigação preocupada com o significado e com o funcionamento da linguagem para que, através dos processos de significação, compreendam-se mais profundamente as estruturas mentais. Em tal ambiência de contestação, teóricos, ainda, gerativistas propõem a então chamada *Semântica Gerativa* que, porém, não contou com maiores desenvolvimentos.

A ênfase no interesse pela inclusão da semântica nos estudos cognitivos tomou corpo através da criação da LC, cujos pesquisadores passam a ser considerados como dissidentes do então programa gerativo chomskiano. Nesse sentido, o novo modelo teórico da chamada “primeira geração” dos cognitivistas concentrava-se em temas como a inteligência artificial, a psicologia da informação, a lógica formal, a antropologia cognitiva, dentre outros, além de considerar a mente como um computador, focalizando as pesquisas no aspecto formal da linguagem.

É somente a partir da década de 80 que os estudos cognitivistas correspondentes à chamada “segunda geração” irão assumir o interesse em abordar mais de perto o significado, defendendo uma forte dependência entre os conceitos de razão e de corpo. Com essa nova abordagem, entende-se o significado enquanto flexível (adaptável às mudanças do mundo), perspectivista (não reflete o mundo objetivamente) e enciclopédico (intimamente relacionado ao conhecimento de mundo dos falantes) (SILVA, 1997); nesse sentido, pressupõe-se o reconhecimento das formulações individuais sobre a realidade, como sendo partilhadas na comunidade a que se pertença.

Assim, a LC, mesmo sendo *cognitivista*, não apresentou o forte cunho *mentalista-cerebral* como proposto pela Linguística Gerativa, mas buscou associar os fenômenos de conceptualização (portanto, mentais) às experiências corpóreas (experienciais) e histórico-culturais dos sujeitos conceptualizadores (ALMEIDA, 2016a). A esse respeito, citamos Lakoff (2012 [1990]), ao explicitar sua opção por uma modalidade de estudos cognitivistas que assumissem outros compromissos metodológicos e epistemológicos:

Para mim, a linguística cognitiva se define por dois compromissos primários, que chamarei de Compromisso de Generalização e Compromisso Cognitivo. O compromisso de generalização é o compromisso de se caracterizarem os princípios gerais que regem todos os aspectos da linguagem humana. Vejo-o como o compromisso de se tratar a linguística como um empreendimento científico, que busca princípios gerais. Já o compromisso cognitivo é aquele que torna as explicações sobre a linguagem humana consistentes com o que já foi descoberto a respeito da mente e do cérebro, tanto em outras disciplinas como na nossa [...]. O compromisso cognitivo não isola a linguística dos estudos da mente e considera com atenção os vários outros dados referentes a ela. Nenhum desses compromissos impõe uma forma particular de resposta. Assim, constituem compromissos metodológicos, e não compromissos teóricos. (LAKOFF, 2012 [1990], p.8; 15).

Nesse contexto é que a ênfase nas reflexões sobre o significado justificou o surgimento da SC<sup>5</sup>. Tal orientação teórica diferiu da perspectiva gerativa, no que diz

---

<sup>5</sup> Citamos aqui uma colocação de George Lakoff, que, embora longa, julgamos ser relevante por tratar das motivações que levaram a tal rompimento: “Tomando como primários os compromissos de generalização e cognitivo, todos os outros compromissos passam a ser secundários: compromissos filosóficos, compromissos com as formas apropriadas de descrição linguística, e outros pressupostos acerca da natureza do pensamento e da linguagem. E isso é realmente relevante, porque, quando compromissos primários e compromissos secundários entram em conflito entre si, o compromisso primário tem prioridade, ao passo que o secundário deve ser descartado. Consideremos um exemplo. Um tempo atrás, quando eu ainda era um linguista gerativista, o meu compromisso com o paradigma da manipulação de símbolos, que define a linguística gerativa, era secundário. Conservei esse compromisso por muitos anos, contanto que ele não contradissesse os compromissos primários de generalização e cognitivo, os quais sempre definiram o meu trabalho. Porém, na metade da década de 1970, a descoberta da categorização de nível básico e prototípica e o subsequente estabelecimento da necessidade de esquemas imagéticos para se descreverem certas generalizações linguísticas gerou em mim um confronto de compromissos. O compromisso cognitivo exigia que eu considerasse seriamente a categorização de base prototípica. O compromisso de generalização me obrigava a encarar seriamente os esquemas de imagem. Como eles não poderiam ser assumidos pelo paradigma gerativista de manipulação de símbolos, e como esse compromisso gerativista era secundário, optei por abandoná-lo. Apesar de o compromisso gerativista ser logicamente consistente com os compromissos cognitivo e de generalização, ele se mostrava empiricamente inconsistente com eles. Continuar com o compromisso gerativista implicaria desistir dos compromissos cognitivo e de

respeito, por exemplo, à visão da mente enquanto modular, passando a ser entendida como sendo corporificada, na qual inexistem módulos mentais estanques na construção do conhecimento, especialmente, o linguístico, em que a mente faz um movimento de construção mediante a interação com as experiências corporais, o que envolve sensações, emoções e percepções, e as experiências sociais, o que ativa a capacidade de estabelecer projeções em domínios cognitivos diferentes.

Uma consequência dessa perspectiva é o entendimento das conceptualizações enquanto geradas pela interação humana no mundo através do corpo. Assim, por exemplo, conceitos de profundidade e altitude advêm das respectivas percepções experimentadas mediante noções de verticalidade e equilíbrio proporcionadas pelo corpo humano. Tais conceitos, por sua vez, são manifestos linguisticamente em elaborações (as chamadas *expressões metafóricas*) como *estou no fundo do poço*, que apontam para metáforas conceptuais como “MAU É PARA BAIXO” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p.63). Essas relações entre espaço e proposição metafórica fornecem uma amostragem de que a metáfora não é mais entendida, sob essa perspectiva teórica, como um ornamento da linguagem, mas corresponde ao modo como o ser humano conceptualiza suas experiências, por meio de *modelos cognitivos idealizados*, em interação com o mundo e o seu corpo.

Os pressupostos filosóficos da SC foram reforçados por Lakoff e Johnson (1999), na obra *Philosophy in the flesh*, em que os autores propõem que a mente é corporificada e partícipe do processo de elaboração do conhecimento, através dos processos cognitivos: “a mente é corporificada; o pensamento é inconsciente (imaginativo); conceitos abstratos são grandemente metafóricos” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.14)<sup>6</sup>. Tal proposta, nesse sentido, refuta o que se defendeu, durante séculos, na tradição filosófica ocidental, a respeito da razão objetivista.

---

generalização, ou seja, abrir mão da linguística cognitiva do modo como a entendo[...]. O que faz a diferença não é somente o fato de a linguística cognitiva conseguir explicar mais fenômenos do que a gerativa. Ela, de fato, o faz; porém, os explica de maneira diferente. Tomemos como exemplo a natureza da representação semântica. Os compromissos de generalização e cognitivo fizeram com que linguistas cognitivos postulassem noções como esquemas de imagem, mapeamentos metafóricos e metonímicos, espaços mentais, categorias radiais etc., para, assim, caracterizarem as generalizações semânticas. Os fenômenos que levaram a tais conclusões geralmente não são discutidos pelos linguistas gerativos. Na minha opinião, isso acontece principalmente porque o aparato descritivo disponível na linguística gerativa não é capaz de dar conta dos princípios gerais que regem tais fenômenos. Isso não é encarado como um problema pelos gerativistas, pois a sua disciplina é definida de modo restrito, a ponto de excluir tais fenômenos”. (LAKOFF, 2012 [1990], p.10,13).

<sup>6</sup> Tradução nossa do original: “The mind is inherently embodied. Thought is mostly unconscious. Abstract concepts are largely metaphorical”.

Assim, a então chamada filosofia do *experientialismo* ou *realismo corpóreo* concebe mente / corpo enquanto intrinsecamente dependentes no estabelecimento dos significados, defendendo que:

a razão não é descorporificada, como a tradição largamente ensinou, mas surge da natureza de nossos cérebros, corpos, e experiência corporal [...]. Os mesmos mecanismos neurais e cognitivos que usamos para perceber e nos mover ao redor também usamos para criar nosso sistema conceptual e modos da razão. Desse modo, para entender razão nós precisamos entender os detalhes de nosso sistema visual, nosso sistema motor e os mecanismos gerais que envolvem os neurônios. Em suma, razão não é, de modo nenhum, um aspecto transcendente do universo ou da mente descorporificada. Ao contrário, é formada crucialmente por peculiaridades de nosso corpo humano, para remarcar detalhes da estrutura neural de nossos cérebros, e das especificidades de todas as nossas funções no mundo<sup>7</sup>. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.14-15).

Tal abordagem cognitivista advoga pela relação do ser humano com sua experiência física e social, mediada por seu corpo. Uma implicação dessa perspectiva é que não mais se pensa na língua predominantemente enquanto instrumento de comunicação, mas também como atividade social, que envolve não somente os elementos linguisticamente previsíveis, como também os cognitivos (visto que a mente é corporificada) e os sociais (mediante a necessidade de estabelecer interação com o mundo e com o outro) na construção do conhecimento, não como um sistema fechado em si mesmo, mas como processos eminentemente sociais. Sob essa perspectiva, enquanto área de investigação, a SC é, por natureza, heterogênea, enfocando a interdisciplinaridade, ao buscar dialogar com outras áreas do conhecimento, como a Psicolinguística, a Antropologia, as Neurociências, a História, dentre outras.

---

<sup>7</sup> Tradução nossa do original: "Reason is not disembodied, as the tradition has largely held, but arises from the nature of our brains, bodies, and bodily experience [...]. The same neural and cognitive mechanisms that allow us to perceive and move around also create our conceptual systems and modes of reason. Thus, to understand reason we must understand the details of our visual system, our motor system, and the general mechanisms of neural binding. In summary, reason is not, in any way, a transcendent feature of the universe or of disembodied mind. Instead, it is shaped crucially by the peculiarities of our human bodies, by the remarkable details of the neural structure of our brains, and by the specifics of our everyday functioning in the world".

### 1.1.2 A Semântica Cognitiva e seus principais pressupostos teórico-filosóficos

A fim de abordar alguns dos principais pressupostos da SC, recorreremos às contribuições de Evans e Green (2006, p.157), ao sistematizarem alguns pontos como os mais relevantes, a saber, que: “(1) A estrutura conceptual é corporificada; (2) A estrutura semântica é a estrutura conceptual; (3) A representação do conhecimento é enciclopédica; (4) A construção do conhecimento é a conceptualização”<sup>8</sup>.

Os autores tratam da natureza corporificada da estrutura conceptual a partir das experiências do corpo humano: “[...] uma tentativa de explicar a natureza da organização conceptual com base na interação com o mundo físico é a *tese da cognição corporificada*”<sup>9</sup> (EVANS; GREEN, 2006, p.157. Grifo dos autores). Sumariando a importância das projeções entre domínios para o estabelecimento da estrutura conceptual, os autores propõem que:

A ideia por trás da projeção metafórica é que o conhecimento é estruturado pela experiência corporal dado por conceitos concretos como o esquema de imagem do RECIPIENTE, que por seu turno serve para estruturar domínios conceptuais mais abstratos como ESTADOS. Neste sentido, a estrutura conceptual é corporificada<sup>10</sup>. (EVANS; GREEN, 2006, p.158).

Observa-se, no entanto, que as projeções entre domínios nem sempre ocorrem de um domínio concreto para um domínio abstrato, como originalmente defendiam Lakoff e Johnson (2002 [1980]). Estudos recentes, como os de Almeida (2014b), Silva e Almeida (2014) e Lopes (2014, no prelo), têm apontado para uma direcionalidade múltipla<sup>11</sup>, no que tange ao movimento das projeções, seja partindo de domínios

<sup>8</sup> Tradução nossa do original: “(1) Conceptual structure is embodied (the ‘embodied cognition thesis’); (2) Semantic structure is conceptual structure; (3) Meaning representation is encyclopedic; (4) Meaning construction is conceptualization”.

<sup>9</sup> Tradução nossa do original: “[...] an attempt to explain the nature of conceptual organization on the basis of interaction with the physical world is the *embodied cognition thesis*”.

<sup>10</sup> Tradução nossa do original: “The idea behind metaphorical projection is that meaningful structure from bodily experience gives rise to concrete concepts like the CONTAINER image schema, which in turn serves to structure more abstract conceptual domains like STATES”.

<sup>11</sup> Aqui consideramos tal perspectiva de abordagem para, em termos didáticos, apresentar as relações interdomínios, mas não se desconhece que tal questão tem sido ponto de discussões e críticas sobre a proposta inicialmente sistematizada por Lakoff e Johnson (2002[1980]). Estudiosos da conceptualização ainda defendem o posicionamento de que a unidirecionalidade da projeção entre domínios se dê (em grande parte das situações de conceptualização) pela ordem concreto-abstrato. A

concretos para abstratos, seja de concretos para concretos, ou ainda de abstratos para abstratos. A este respeito, assim se posicionam Ibarretxe-Antuñano e Valenzuela (2012, p.25): “Algumas metáforas põem em contato dois domínios complexos e bastante estruturados, como ocorre com o amor e as viagens, ou as discussões e as guerras [...]; outras projeções utilizam domínios mais simples”<sup>12</sup>. O próprio Lakoff (1993) já se posicionou de modo diferente sobre a múltipla (e não mais unidirecional) projeção entre os domínios, propondo que existem correspondências nas projeções interdomínios, de modo a preservar a estrutura dos esquemas evocados em determinadas elaborações metafóricas e que, desse modo, organizam novas estruturas conceptuais.

A respeito do segundo ponto, atinente à estrutura semântica, Evans e Green (2006, p.158) postulam que “este princípio afirma que a língua refere-se a conceitos na mente do falante mais do que a objetos no mundo exterior”, de modo que “a estrutura conceptual pode ser igualada a conceitos [...]”<sup>13</sup>. Nesse sentido, traçam distinções a respeito da proposta convencional na linguística, que prevê a separação entre conceitos gramaticais e lexicais, que são, a partir de então, entendidos como um contínuo. Assim, as associações de significados vão além das palavras, visto que, inclusive, observando a própria estrutura sintática das sentenças, é possível perceber as formas de conceptualização que subjazem às escolhas comunicativas do falante/escrevente, ao optar por uma determinada estrutura linguística, ao invés de outra:

[...] é importante pontuar que os semanticistas cognitivos não reivindicam que a linguagem refere-se aos conceitos internos da mente do falante e nada mais. Isto poderia conduzir a uma forma extrema de subjetivismo, no qual os conceitos são divorciados do mundo a que ele se refere. De fato, nós temos conceitos em primeiro plano seja porque eles são uma forma útil de entender o mundo externo ou porque eles são formas inevitáveis de entender o mundo, dadas nossa arquitetura

---

esse respeito, vide a pesquisa de Soriano (2012), sobre as conceptualizações do ser humano como animais.

<sup>12</sup>Tradução nossa do original: “Algunas metáforas ponen en contacto dos dominios complejos y bastante estructurados, como ocurre en el caso anterior con el amor y los viajes, o las discusiones y las guerras [...]; otras proyecciones utilizan dominios más sencillos”.

<sup>13</sup>Tradução nossa do original: “This principle asserts that language refers to concepts in the mind of the speaker rather than to objects in the external world. [...] semantic structure [...] can be equated with concepts” (Grifo das autoras).

cognitiva e nossa psicologia. Portanto, a Semântica Cognitiva aponta um caminho entre a oposição extrema do subjetivismo e o objetivismo encapsulado na semântica tradicional das condições de verdade por reivindicar que conceitos referem-se a experiências vividas<sup>14</sup>. (EVANS; GREEN, 2006, p.160).

No que tange a essa complexa questão do que seja o significado, as correntes semânticas tradicionais buscavam estabelecer uma distinção rígida entre o chamado *significado linguístico* e o *significado enciclopédico*<sup>15</sup>, sempre, dando preeminência ao primeiro, em seus estudos. A esse respeito, discutindo o terceiro ponto, a respeito da SC, Evans e Green (2006) tratam da representação enciclopédica do conhecimento. Compreendemos que tal abordagem busca desfazer a dicotomia linguístico *versus* enciclopédico, considerando, por sua vez, que o estabelecimento do significado não implica em isolar esses aspectos, estando, de um lado, as ocorrências linguísticas, e, de outro, as elaborações conceptuais humanas relacionadas com o mundo; ou seja, seria incoerente conceber, em uma proposta cognitivista, uma perspectiva analítica que aborde a “língua pela língua”. Desse modo, uma perspectiva holística é indispensável para a efetivação de quaisquer estudos semânticos cognitivistas. Retomando o clássico exemplo do conceito de *solteirão (bachelor)*<sup>16</sup>, citado por Lakoff (1987, p.70), os autores explicitam como, nos estudos em SC, já não se concebe, por exemplo, uma divisão tão rígida entre semântica e pragmática, visto que o significado de uma sentença é dependente do contexto<sup>17</sup>.

---

<sup>14</sup> Tradução nossa do original: “(...) it is important to point out that cognitive semanticists are not claiming that language relates to concepts internal to the mind of the speaker and nothing else. This would lead to an extreme form of subjectivism, in which concepts are divorced from the world that they relate to. Indeed, we have concepts in the first place either because they are useful ways of understanding the external world, or because they are inevitable ways of understanding the world, given our cognitive architecture and our physiology. Cognitive semantics therefore steers a path between the opposing extremes of subjectivism and the objectivism encapsulated in traditional truth-conditional semantics by claiming that concepts relate to lived experience”.

<sup>15</sup> Aqui consideramos a contribuição definitiva de “conhecimento enciclopédico” apresentada por Santos (2011, p.35), segundo a qual o referido conhecimento seria “proveniente da interação humana e das relações estabelecidas com os outros (experiência social) e com o mundo (experiência física)”.

<sup>16</sup> O exemplo foi, originalmente, citado por C. Fillmore, em obra de 1982.

<sup>17</sup> Assim discutem as autoras: “Nós temos assumido até agora que os conhecimentos associados com palavras podem ser definidos: por exemplo, o significado de SOLTEIRÃO ‘adulto masculino não-casado’. Contudo, nós temos começado a ver que significados de palavras, que nós chamamos de conceitos lexicais, não podem ser diretamente definidos. De fato, definições estritas como ‘adulto masculino não-casado’ falham para capturar adequadamente o alcance e a diversidade do conhecimento associado com algum conceito lexical dado. Por esta razão, a SC rejeita a visão de definição ou dicionarística do significado de palavras em favor de uma visão enciclopédica”. (EVANS; GREEN, 2006, p.160). Tradução nossa do original: “We have assumed so far that the meanings associated with words can be defined: for example, BACHELOR means ‘unmarried adult male’. However, we have already begun to see that word meanings, which we are calling lexical concepts,



Essa perspectiva, é, também, apontada por Valenzuela et al. (2012, p.49), visto que: “cada vez que utilizamos uma palavra ou expressão linguística é necessário invocar conhecimento do mundo de maneira ampla e flexível, e, muitas vezes, não necessitamos conhecer todo o significado linguístico de um conceito para poder utilizá-lo”<sup>18</sup>. Os autores ilustram tal dependência, com o exemplo do significado de “baleia”, geralmente categorizado a partir dos conhecimentos enciclopédicos que sejam suficientes para compreendê-la como entidade no mundo, independentemente dos conhecimentos científicos aos quais se tenha acesso. Assim, ao conhecer o comportamento do animal em seu habitat, já será possível saber de qual animal se trata ao evocar “baleia”, ainda que não se tenha acesso a especificidades conceituais sobre o mesmo.

No quarto e último aspecto apontado por Evans e Green (2006), a respeito do estabelecimento do conhecimento como sendo a conceptualização, percebemos uma reflexão a respeito do experiencialismo. É necessário, no entanto, aqui, frisarmos que a categorização e a conceptualização dos conhecimentos do mundo se dão via *modelos cognitivos*, como propõe Lakoff (1987)<sup>19</sup>.

Mediante o exposto, observamos que os principais pressupostos da SC defendem o caráter motivado, não arbitrário, do signo; priorizam as análises da linguagem em uso; além de proporem uma abordagem mais holística dos dados, considerando tanto o conhecimento linguístico quanto o enciclopédico do falante na construção dos sentidos, advindos dos processamentos conceptuais<sup>20</sup>.

---

cannot straightforwardly be defined. Indeed, strict definitions like ‘unmarried adult male’ fail to adequately capture the range and diversity of meaning associated with any given lexical concept. For this reason, cognitive semanticists reject the definitional or dictionary view of word meaning in favour of an encyclopaedic view”.

<sup>18</sup> Tradução nossa do original: “(...) cada vez que utilizamos una palabra o expresión lingüística es necesario invocar conocimiento del mundo de manera amplia y flexible, y que muchas veces no necesitamos conocer todo el significado lingüístico de un concepto para poder utilizarlo”.

<sup>19</sup> Vilela (1996), Feltes (2012) e Silva (1997) discutem a importância de considerar os modelos cognitivos na identificação dos significados.

<sup>20</sup> Schröder (2004) cita o linguista alemão Olaf Jäkel (2003), que sistematizou o que considerava como principais “teses” defendidas pela SC. Julgamos pertinente apontá-las como uma súmula dos pressupostos da SC, alguns deles já discutidos no presente subtópico: 1. TESE DA UBIQUIDADE: A metáfora não é uma exceção da criatividade poética ou da retórica. 2. TESE DO DOMÍNIO: Metáforas não podem ser vistas isoladas, mas conceitualmente. Tais conceitos interligam dois domínios (origem e destino). 3. TESE DO MODELO: Metáforas conceituais formam modelos cognitivos com estruturas da organização do conhecimento. 4. TESE DA DIACRONIA: Estudos sobre o desenvolvimento histórico de metáforas conceituais revelam mudanças de pensamento. 5. TESE DA UNIDIRECIONALIDADE: A relação entre o domínio de origem e o de destino não é reversível. 6. TESE DOS INVARIANTES: Os esquemas que são transferidos a um novo domínio não são modificados. 7. TESE DA NECESSIDADE:

Assim sendo, elaborar um estudo sob uma perspectiva cognitivista requer também do pesquisador um posicionamento interdisciplinar, visto que a compreensão mais efetiva dos diversos modelos cognitivos e culturais aos quais se tenha acesso incidirá sobre um volume significativo de informações, por vezes, não disponíveis de modo explícito no material linguístico considerado, como já o apontou Vilela (1996, p.325): “as línguas naturais fazem parte da cognição humana e como tal ligam-se a outros domínios e isto aponta para a necessidade de uma investigação interdisciplinar”.

Passemos, com o seguinte subtópico, a uma apresentação dos principais pressupostos advogados em SC sobre os fenômenos da categorização, já que foram estas discussões as que contribuíram significativamente para a revisão dos estudos cognitivistas, a partir dos anos finais das décadas de 1970 e 1980.

### 1.1.3 A categorização e a organização do conhecimento

Na obra de 1987, *Women, fire, and dangerous things*, George Lakoff discute o caráter interdisciplinar das ciências cognitivas, ao elencar questões norteadoras de pesquisas então realizadas, a respeito do desenvolvimento da razão (raciocínio) e da mente humanas, especialmente, no que tange ao processo de categorização. Nesse sentido, traça um paralelo entre a visão tradicional de categorização, que compreende a razão como abstrata e descorporificada, e a proposta da LC, que percebe a razão como corporificada e diretamente relacionada às experiências vivenciadas no mundo.

Antes de tratar paulatinamente os pressupostos da nova teoria cognitiva, Lakoff (1987) apresenta as ideias da teoria clássica sobre a categorização, a fim de problematizar e desconstruir suas implicações filosóficas. Assim, por exemplo, critica a proposta gerativista, por assumir uma visão apriorística de categorização, e não partir de dados empíricos. Essa perspectiva, apesar de ser coerente com a proposta

---

A metáfora tem três funções básicas: ela serve para a explicação, a compreensão e a exploração do mundo social. A sua base encontra-se em nossas experiências sensoriais e motoras. 8. TESE DA CRIATIVIDADE: A metáfora é aberta para inúmeros novos caminhos de pensamento. 9. TESE DA FOCALIZAÇÃO: A descrição da metáfora é parcial. Ela destaca certos aspectos do domínio destinatário e esconde outros. (JÄKEL, 2003, p.40 apud SCHRÖDER, 2004, p.246).

da semântica formal /clássica, não era adequada para a então recém-inaugurada semântica cognitivista.

Nesse sentido, Lakoff (1987) discute diversos resultados de estudos empíricos que mostram o que considera obsoleto nos estudos clássicos, ao revelarem efeitos prototípicos nas categorias linguísticas (morfologia, fonologia, sintaxe, sujeito, agente e tópico, orações de tipo básico), defendendo que a linguagem utiliza-se de mecanismos cognitivos gerais, relacionados à categorização, a partir do estabelecimento de protótipos. Desse modo, a preocupação lakoffiana é apontar quais elementos do nosso aparato cognitivo geral são utilizados pela linguagem, já que a categoria linguística revela muito sobre o processo de categorização em geral, criticando a ideia da linguagem enquanto um módulo independente da cognição.

A fim de contextualizar sua opção sobre o título da referida obra – traduzida para o português como *Mulheres, fogo e coisas perigosas* – George Lakoff explica que a motivação para o mesmo surgiu a partir dos resultados de um estudo de como se davam os processos de categorização das coisas do mundo, na língua Dyrbal, na qual as categorias *mulher*, *fogo* e *coisas perigosas* participavam de um mesmo conjunto de entidades (categoria *balan*).

Partindo dos resultados de suas investigações, Lakoff (1987) destaca que as pesquisas sobre a categorização ganharam maior impulso com os contributos de Eleanor Rosch, a partir da década de 70, ao apontar para a existência de membros exemplares (chamados *protótipos*) nas categorias, e que essas podem ser independentes das peculiaridades de alguns seres. A então denominada *Teoria do Protótipo*<sup>21</sup> mudou as formas de estabelecimento das categorias, já que as mesmas eram, de acordo com a perspectiva estruturalista, compreendidas como imanentes aos seres; a mente e a razão humanas não são mais entendidas como abstratas e descorporificadas (nem como um “computador”, analogia motivada pelos avanços tecnológicos da informática). Assim, Lakoff (1987) aponta que o conceito de razão tem implicações diretas sobre a forma de categorização.

---

<sup>21</sup> A *Teoria do Protótipo* é uma das várias teorias em SC que discutem a categorização humana e os processos de estabelecimento dos significados. A esse respeito vide Lakoff (1987), Feltes (2007), Ferrari (2011) e Silva (1997).

De acordo com a visão tradicional, a forma de categorizar o mundo pautava-se no critério de partilhar ou não determinadas características, ou seja, cada membro precisa partilhar certas características (as chamadas *condições necessárias e suficientes*) para que seja de fato enquadrado em uma categoria. Em contrapartida, a nova proposta cognitiva lakoffiana propõe que se parta da noção de protótipo para especificar o pertencimento ou não de determinado membro nas categorias, a partir das chamadas *semelhanças de família*<sup>22</sup>. Enquanto a visão tradicional pautava-se na orientação filosófica do objetivismo, a perspectiva cognitivista deixa de concentrar-se prioritariamente no aspecto linguístico, para então, focar nas formas de categorização humanas, defendendo que o pensamento é corporificado, imaginativo, possui propriedades gestálticas e é ecologicamente estruturado, portanto, não-atomístico. Em consequência, a estrutura conceptual pode ser representada por *modelos cognitivos*, buscando basear-se empiricamente, através de dados da língua em uso, para representar os fenômenos de categorização.

Nessa nova perspectiva, a experiência e a imaginação humanas andam juntas no processo de significação do mundo; por isso, não seria interessante analisar “componentes” da razão humana isoladamente, mas, sim, considerá-la como um todo. Este novo posicionamento difere, por exemplo, do pressuposto gerativista, segundo o qual a linguagem se constitui em um módulo independente na estrutura cognitiva, e, geralmente, as formas de categorização relacionam as coisas às entidades abstratas, em que as categorias são entendidas como “recipientes” dentro dos quais as “coisas” do mundo estão ou não estão, a depender das propriedades comuns, compartilhadas por todos os membros. Lakoff (1987), no entanto, através da nova visão filosófica, o chamado *realismo experiencialista* ou *experiencialismo* – segundo o qual razão e corpo estão imbricados no processo de categorização e não constituem duas instâncias isoladas – preocupa-se em compreender como as pessoas categorizam o mundo, a fim de entenderem a mente e a razão como muito mais do que um espelho, uma máquina ou um processador de símbolos. Nessa perspectiva, a categorização constitui-se em um fenômeno inconsciente, portanto, involuntário, de fundamental importância para a própria sobrevivência humana em suas relações sociais.

---

<sup>22</sup> A esse respeito, vide Wittgenstein (1999 [1945]).

Assim, como precursora dos pressupostos da categorização, uma significativa contribuição do pensamento lakoffiano (1987) é o fato de defender que o estudo linguístico não deva se constituir como um fim em si mesmo, mas sim como um meio para se chegar às questões de ordem epistemológica e filosófica que influenciam na compreensão da própria experiência humana, através dos MCI's.

Passaremos, no próximo subtópico, a uma exposição sobre a relação entre os MCI's e a criação dos significados, apontando, mais detidamente, os de tipo metafórico, metonímico e de esquemas imagéticos, por serem os que interessaram mais diretamente à presente investigação.

#### 1.1.4 A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados

Lakoff (1987) apresenta o conceito de MCI's como sendo estruturas de significado por meio das quais os seres humanos organizam o conhecimento: "Cada MCI é um todo complexo estruturado, uma *gestalt*, que usa quatro tipos de estruturação: os mapeamentos proposicionais, os imago-esquemáticos, os metafóricos e os metonímicos". (LAKOFF, 1987, p.68)<sup>23</sup>. Ruiz de Mendonza Ibáñez (2000, p.355) ratifica esse conceito lakoffiano, ao propor que os MCI's correspondem a "estruturas de conhecimento estáveis na mente do ser humano, que obedecem a determinados princípios organizativos"<sup>24</sup>. Cienki (2007, p.176) aponta que essas estruturas são compreendidas como "idealizadas" na medida em que são resultados de constructos humanos mentais que são partilhados socialmente e independem de uma existência objetiva no mundo, de modo que "são propostos como uma forma de organizar o conhecimento, de acordo com certos princípios de estruturação cognitiva"<sup>25</sup>.

Evans (2007) enfatiza que o conceito lakoffiano de MCI corrobora a noção desenvolvida pela teoria do protótipo, visto serem os MCI's uma representação mental

<sup>23</sup> Tradução nossa do original: "Each ICM is a complex structures whole, a *gestals*, which uses four kinds of structuring principles: propositional, image-schematic, metaphoric and metonymic mappings".

<sup>24</sup> Tradução nossa do original: "estructuras de conocimiento estables en la mente del ser humano, que obedecen a determinados principios organizativos".

<sup>25</sup> Tradução nossa do original: "are proposed as a way in which we organize knowledge, according to certain cognitive structuring principles"

a respeito de algum aspecto do mundo, sendo que seu caráter idealizado repousa sobre o fato de que os mesmos são abstraídos a partir de experiências vivenciadas pelo ser humano, ao invés de representarem instâncias rígidas e específicas de tais experiências. Macedo (2008, p.34) propõe que tais estruturas são “organizadoras do conhecimento que provêm a base para a estruturação de categorias e para os efeitos de protótipos pertinentes às formas de conceber e organizar as coisas na nossa interação com o mundo”. Macedo (2008, p.34) assim resume as funções conceptuais dos MCI’s conforme propostos por Lakoff (1987):

Os MCI's são entendidos a partir do conceito de corporificação, constituindo-se, portanto, como uma forma de representação situada que emerge a partir da interação do sujeito cognoscente com o mundo, e porque incluem aspectos imaginativos da cognição, tais como a metáfora e a metonímia. O pensamento faz uso desses modelos presentes no sistema conceptual para orientar adequadamente a produção e a compreensão linguística.

Silva (1997, p.77) compartilha a ideia lakoffiana de um MCI enquanto “um conhecimento individualmente idealizado, isto é, de um *modelo cognitivo*, e interindividualmente partilhado pelos membros de um grupo social, ou *modelo cultural*”. Desse modo, a significação e a estrutura de uma categoria conceitual dependem diretamente dos MCI’s então compartilhados sob a forma dos conhecimentos experienciados na ocasião do estabelecimento dos sentidos. Silva (2010, 2009b) defende, nesse sentido, que determinados MCI’s são eminentemente culturais (como a noção das refeições em diferentes grupos sociais), ao se relacionarem mais diretamente aos conhecimentos enciclopédicos partilhados, como as crenças tradicionais, por exemplo.

Croft e Cruse (2008[2004]) retomam o conceito lakoffiano dos MCI’s, ilustrando-o a partir do exemplo clássico (aqui já citado, quando discutido por Evans e Green (2006)) do conceito de SOLTEIRÃO, e pontuam a necessidade primordial de, para o significado ser elaborado, o falante precisar acionar seus conhecimentos enciclopédicos que estão interconectados em sua mente, de modo que “o significado de uma palavra constitui, portanto, uma perspectiva de nosso conhecimento sobre o mundo, tal como manifesta o conceito perfilado pela respectiva palavra”. (CROFT;

CRUSE, 2008, p.53)<sup>26</sup>. Desse modo, os autores defendem que a própria escolha vocabular já aponta para uma forma de conceptualização das relações existentes entre os conhecimentos de mundo do falante e sua experiência a ser comunicada.

Além do exemplo já citado, os autores tomam outro (posteriormente, também, discutido por Kövecses (2010a)), sobre o conceito de MENTIRA, relacionando-o com a noção de prototipia, já que o mesmo pressupõe uma noção escalar de *mentira*, em contextos situacionais diversos, a exemplo das chamadas *mentira branca*, *mentira de cortesia*, que não podem ser categorizadas como sentenças verdadeiras, mas, no entanto, não são admitidas como *mentiras propositais* ou *deliberadas*, sendo o maior motivador para que se categorize uma sentença como sendo uma *mentira*. Assim, Croft e Cruse (2008[2004]) relacionam os MCI's como parte constitutiva das formas de organização da estrutura conceptual.

Cabe destacarmos que a estrutura conceptual de um MCI, conforme sinaliza Evans (2007, p.104), pode ser organizada de várias formas, visto que “constituem corpos coerentes de representação do conhecimento, [...] estes incluem o fato de serem organizados em virtude do esquema imagético, da metáfora e da metonímia”<sup>27</sup>.

Discutindo as implicações dos mapeamentos metafóricos<sup>28</sup>, no âmbito dos distintos MCI's, Lakoff (2012 [1990]) relaciona essas projeções à *Hipótese da Invariância*, que, segundo o autor, corresponde a um princípio geral estruturador que permite uma melhor compreensão dos sistemas linguístico e conceptual. Desse modo, Lakoff (2012 [1990]) entende que a SC cumpre seu maior compromisso, ao descrever as relações atinentes à linguagem e à cognição, considerando as investigações sobre mente e corpo, a fim de obter mais claramente outras informações sobre o funcionamento das generalizações que se dão no âmbito conceptual, seja ele individual ou compartilhado, através dos MCI's.

---

<sup>26</sup> Tradução nossa do original: “el significado de una palabra constituye, por tanto, una perspectiva de nuestro conocimiento sobre el mundo, tal como pone de manifiesto el concepto perfilado por dicha palabra”.

<sup>27</sup> Tradução nossa do original: “constitute coherent bodies of knowledge representation, [...] these include being organized by virtue of the image schema, metaphor and metonymy”.

<sup>28</sup> Ruiz de Mendoza Ibáñez (2004, p.13) entende os mapeamentos como “inferências” ou “implicações semânticas” derivadas da metáfora.

Outros estudiosos discutem essas noções de MCI's, porém, atribuindo-lhes outras nuances ou nomenclaturas, por se inscreverem em outras perspectivas de abordagem, que não foram consideradas na presente investigação<sup>29</sup>.

No presente estudo, foram priorizadas as discussões sobre os MCI's de tipos metafóricos, metonímicos e de esquemas imagéticos, as quais serão melhor detalhadas em seguida.

#### 1.1.4.1 Os MCI's metafóricos e a Teoria da Metáfora Conceptual

Os *modelos cognitivos metafóricos* correspondem às operações de projeções em que um domínio empresta parte de sua estrutura conceptual a outro. Assim, de acordo com este conceito lakoffiano (1987), as *metáforas conceptuais* passam a ser compreendidas como um dos tipos de MCI's, e não mais como a base principal para as operações de conceptualização, como outrora fora defendido por Lakoff e Johnson, em 1980, ao elaborarem a considerada teoria cognitivista fundante, que abordava a metáfora como fenômeno da conceptualização, a *Teoria da Metáfora Conceptual* (doravante TMC).

Cabe reiterarmos que os estudos linguísticos tradicionais entendiam a metáfora como um recurso retórico, geralmente, de uso circunscrito ao contexto literário, que possibilitava a geração de um significado novo a partir do que se podia tomar de outro já conhecido, semelhantemente ao que se faz em comparações diretas, de modo que a metáfora era analisada enquanto uma figura de linguagem ou uma estratégia para ornamentar a expressão linguística, recurso este a ser sobreposto ao sentido considerado "literal".

Assim, as teorias que problematizavam a metáfora como sendo relevante para o estabelecimento do sentido tinham, desde enfoques referencialistas até descritivistas: o primeiro entendia a metáfora como comparação entre coisas – entre referentes –; enquanto o segundo, a perspectiva descritivista, apontava para a metáfora enquanto uma transferência de significados, em uma orientação mais

---

<sup>29</sup> Silva (1997) elenca alguns deles: Langacker (1987) que discute a noção de *domínio cognitivo*; Fillmore (1975, 1978) e Talmy (1978) abordam a noção de *frame*; D'Andrade (1989) discute a noção de *modelos culturais*.



pragmática, excluindo o referente e identificando-a a partir do então denominado “conflito semântico” (o sentido emerge justamente do que se constituía como diferença / oposição entre os significados). No entanto, as discussões sobre a metáfora, a partir da perspectiva cognitivista, privilegiaram as operações cognitivas de projeção interdomínios no estabelecimento dos significados, especialmente a partir do ano de 1980, quando os pesquisadores George Lakoff e Mark Johnson publicam a obra *Metaphors We Live By*<sup>30</sup>, na qual sistematizam a TMC, ao discutirem como os significados são conceptualizados.

A partir dessa perspectiva que então inauguram, os autores postulam que as formas de conceptualização se dão, basicamente, através de metáforas e metonímias, não enquanto aparatos ou recursos literários usados, ocasionalmente, pelo falante, mas como fundamento da própria construção cognitiva. Lakoff e Johnson (2002 [1980]) defendem que o sistema conceptual dos seres humanos funciona inconscientemente, de modo que, através da linguagem, tem-se uma via para vislumbrar as complexidades atinentes à conceptualização do mundo e justificam o interesse em investigar as expressões linguísticas para que se estabeleça contato com as diversas formas de compreensão elaboradas no sistema conceptual do falante<sup>31</sup>.

Assim, a obra de 1980 pôde, em certo sentido, ser compreendida como uma primeira provocação<sup>32</sup> para que os semanticistas da época repensassem sua forma de conceber a metáfora. Ao divulgarem a nova perspectiva, com outras motivações teórico-metodológicas, seguindo assim, a proposta da SC (cujos principais pressupostos, de uma forma geral, foram discutidos em tópico anterior), Lakoff e

<sup>30</sup> Traduzida, em 2002, para o português, sob o título *Metáforas da vida cotidiana*, pelo grupo GEIM, sob a coordenação de Mara Sophia Zanotto.

<sup>31</sup> Os autores discorrem, ao longo da obra *Metáforas da vida cotidiana*, a respeito das metáforas conceptuais que identificaram como fundamentais na elaboração linguística, em língua inglesa cotidiana, que julgaram poderem ser estendidas para outras línguas/culturas ocidentais. O fato de tais exemplos não terem sido resultantes de coletas de dados provenientes do uso concreto (em outras palavras, não são provenientes de corpora linguísticos, coletados com os rigores metodológicos exigidos para as pesquisas linguísticas), gerou muitas críticas à argumentação dos autores sobre as metáforas conceptuais e as expressões metafóricas analisadas. No entanto, é inegável a contribuição da obra de 1980 sobre o modo de pensar a respeito das formas de conceptualização, em especial, aquelas baseadas em metáforas conceptuais, em linguagem chamada “não literária”, principalmente porque, mesmo tendo sido inventados, os pesquisadores da área de SC, geralmente, têm confirmado a recorrência da maioria dos exemplos ali apresentados.

<sup>32</sup> Pelo número de publicações contemporâneas sobre o tema, constatamos o efeito vultoso que tal provocação surtiu no âmbito dos estudos em linguagem. Somente a título de ilustração, uma busca textual no *Google*, em 01 de abril de 2015, com a entrada “metáfora conceptual” apresentou um resultado de 463.000 ocorrências, em apenas 0,27 segundos, só em língua portuguesa.

Johnson (2002[1980]) propõem que as reflexões semânticas ultrapassem o plano linguístico. Por exemplo, ao analisarem a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, os autores não só apontam expressões linguísticas metafóricas, mas também os comportamentos sociais que trazem à tona essa mesma metáfora, mesclando o aspecto linguístico ao experiencial. É nesse sentido que Ibarretxe-Antuñano (2010, p.54) defende que a metáfora é “onde confluem a linguística, a ciência e a cultura”<sup>33</sup>, o que podemos observar no trecho:

É importante perceber que não somente *falamos* sobre discussão em termos de guerra. Podemos realmente ganhar ou perder uma discussão. Vemos as pessoas com que discutimos como um adversário. Atacamos suas posições e defendemos as nossas. Ganhamos e perdemos terreno. Planejamos e usamos estratégias [...]. Muitas das coisas que *fazemos* numa discussão são parcialmente estruturadas pelo conceito de guerra. É nesse sentido que DISCUSSÃO É GUERRA é uma metáfora que vivemos na nossa cultura; ela estrutura as ações que realizamos numa discussão. (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p.47. Grifos dos autores).

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) destacam, nesse sentido, que as conceptualizações são motivadas culturalmente. Assim, em uma comunidade onde as discussões não são percebidas em termos de guerra, essa metáfora assumiria outras nuances. Uma ilustração para essa diferença pode ser apontada em determinadas tribos indígenas, nas quais certas disputas são resolvidas, através de rituais que envolvem lutas corporais: ao invés de buscar vencer o oponente com uma argumentação verbal, a estratégia usada naquela determinada cultura será uma disputa físico-corporal, sendo, então, vencedor quem primeiro subjugar fisicamente seu oponente. Na verdade, essa forma de conceptualizar a disputa não deixaria de evocar a mesma metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, mas o faria, através de outros domínios da experiência, como o domínio corporal, excluindo as elucubrações orais ou escritas.

Nesse ínterim, os autores afirmam que “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980],

---

<sup>33</sup> Tradução nossa do original: “donde confluyen la lingüística, la ciencia y la cultura”.

p.48)<sup>34</sup>, indo além do uso ornamental e/ou linguístico. Essa expressão “em termos de outra” aponta para o fato de que não há, como se defendia na tradição clássica da linguística, a necessidade de haver semelhanças apriorísticas entre os conceitos a serem projetados, por exemplo, de *discussão* e de *guerra*, sendo que tal semelhança será criada conceptualmente em determinada cultura, de forma inconsciente, pelo fato de que o conceito de *guerra* estruturará parcialmente o conceito de *discussão*, de modo sistemático, na medida em que haverá uma espécie de pré-seleção de determinados usos, através das quais poder-se-á estabelecer o processo de conceptualização, ao apontar para decisões do conceptualizador, ao destacar determinados elementos de um conceito a serem projetados em outro. Assim, “uma parcela da rede conceptual de guerra caracteriza parcialmente o conceito de discussão, e a língua segue essa caracterização” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p.50).

Desse modo, ao falar de discussão em termos de guerra, não são todos os aspectos da guerra que são tomados pelo falante para explicar (ou estar envolvido em) uma discussão, mas alguns deles, por exemplo, as estratégias de ataque, o posicionamento dos oponentes ou os resultados da guerra. Dificilmente, por outro lado, haverá a projeção entre os domínios-fonte e alvo de questões que digam respeito, por exemplo, às vestimentas dos oponentes, à alimentação no campo de batalha, dentre outros. Essa característica aponta para a sistematicidade do funcionamento da metáfora, que, apesar de ser um fenômeno inconsciente, pode ser acessado pela linguagem.

Assim, percebemos o quanto a proposta de Lakoff e Johnson (2002[1980]) extrapolou a visão então predominante a respeito das metáforas, ao defenderem que estas emergem inconscientemente na geração do próprio conhecimento humano e na sua forma de comunicação cotidiana, em uma perspectiva experientialista, ou seja, a partir da projeção das experiências corporais do ser humano na (e com a) natureza e da forma como este interage em comunidade, visto que

---

<sup>34</sup> Os autores pontuam ainda que as projeções são parciais, pois, se fossem totais, “um conceito seria, de fato, o outro” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p.57), o que seria tautológico, portanto, antieconômico linguisticamente.

[...] os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana [...]. Baseando-nos, principalmente, na evidência linguística, constatamos que a maior parte do nosso sistema conceptual ordinário é de natureza metafórica. E encontramos um modo de começar a identificar em detalhes quais são as metáforas que estruturam nossa maneira de perceber, de pensar e de agir. (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p.45-46).

Assim sendo, a metáfora, nessa nova abordagem, se trata de um processamento cognitivo conceptualizador e também categorizador, o que permite ao pesquisador compreender níveis distintos da experiência humana, seja por suas interações sociais, ou por suas experiências com o próprio corpo e o ambiente, e, conseqüentemente, com a realidade que passa a criar.

O fenômeno da categorização, conforme já discutido em subtópico anterior, expõe a forma como o ser humano define as categorias através dos protótipos (os representantes de determinada família de conceitos), que, por sua vez, são estabelecidos a partir das necessidades comunicativas de cada cultura ou grupo social e incluem os aspectos imaginativos da cognição, como a metáfora e a metonímia, de modo que “a linguagem metafórica seria uma consequência, um reflexo, da capacidade de pensar metaforicamente que é nossa maneira mais comum de pensar”<sup>35</sup> (NUBIOLA, 2000, p.83). Desse modo, as metáforas encontram-se tanto no domínio cognitivo (daí o serem chamadas *metáforas conceptuais*) quanto no domínio da linguagem enquanto expressão do pensamento (a saber, as *expressões metafóricas*): “As metáforas conceptuais são esquemas abstratos, que servem para agrupar expressões metafóricas. Uma expressão metafórica, ao contrário, é um caso individual de uma metáfora conceptual” (CUENCA; HILFERTY, 2007 [1999], p.100)<sup>36</sup>.

Surge, então, um questionamento: se as metáforas conceptuais são constructos mentais, como é possível ao pesquisador ter acesso às mesmas? Em resposta a esse aspecto teórico (que recai sobre as preocupações metodológicas),

<sup>35</sup> Tradução nossa do original: “El lenguaje metafórico sería entonces una consecuencia, un reflejo, de la capacidad de pensar metaforicamente, que es nuestra manera más común de pensar”.

<sup>36</sup> Tradução nossa do original: “Las metáforas conceptuales son esquemas abstractos, que sirven para agrupar expresiones metafóricas. Una expresión metafórica, en cambio, es un caso individual de una metáfora conceptual”.

consideramos que a forma de identificação das metáforas sugerida por Lakoff e Johnson (2002[1980]) parte da análise das expressões metafóricas, pelo fato de estas apontarem linguisticamente para as metáforas conceptuais subjacentes à produção dos sentidos, pelo escrevente.

Uma analogia que remete aos conceitos de metáfora conceptual e expressões metafóricas comumente é feita com a imagem de um *iceberg*: aquilo que dele emerge, e conseqüentemente, torna-se visível, pode ser comparado às expressões metafóricas, enquanto a parte que está submersa corresponderia às metáforas conceptuais que motivam tais expressões. Outra reflexão pode ser extraída da imagem proposta: já que tanto a “ponta” quanto a “base” do *iceberg* estão unidas, como partes constituintes de um todo, assim também as expressões metafóricas e as metáforas conceptuais correspondem, juntas, e, metonimicamente, às conceptualizações do falante.

A exposição de alguns conceitos atinentes à TMC torna-se relevante para um melhor reconhecimento da estrutura interna de uma metáfora. Assim, temos o *domínio-fonte* (ou *origem*), que é o domínio de onde se acessam os conceitos a serem projetados no *domínio-alvo* (ou *destino*), que, por sua vez, é o domínio a partir do qual surgem os conceitos novos. Tal fenômeno é denominado por Lakoff e Johnson (2002[1980]) como *mapeamento* (ou *projeção*) *entre domínios*. Tais projeções correspondem a associações entre os domínios, em que um domínio mais familiar ao falante serve de “alicerce” sobre o qual a mente corporificada estabelecerá novos conceitos. Lakoff (2012 [1990]) ilustra como tais mapeamentos se dão através de associações entre domínios distintos da experiência, usando como demonstração a metáfora O AMOR É UMA VIAGEM, e pontua que:

A metáfora pode ser explicada como um mapeamento (no sentido matemático) de um domínio-fonte (neste caso, viagens) para um domínio-alvo (neste caso, o amor). O mapeamento é solidamente estruturado. Existem correspondências *ontológicas* que determinam quais elementos do domínio do amor (por exemplo, o casal, seus objetivos comuns, suas dificuldades, o relacionamento em si etc.) se correlacionam, de modo sistemático, com quais elementos no domínio da viagem (os viajantes, o veículo, os destinos etc.) [...]. O mapeamento possui ainda correspondências *epistêmicas*, nas quais o conhecimento sobre viagens é mapeado para o conhecimento sobre o amor. Tais correspondências nos permitem pensar sobre o amor da mesma

maneira que pensamos sobre uma viagem [...]. As correlações ontológicas mapeiam esse cenário de viagem (às vezes, chamado de “estrutura do conhecimento” pelas ciências cognitivas) para um cenário correspondente de amor, em que se encontram alternativas correspondentes para as ações. Cria-se, então, o cenário correspondente de amor, fruto da aplicação das correlações ontológicas a essa estrutura de conhecimento. (LAKOFF, 2012 [1990], p.17. Grifos nossos).

O autor destaca, ainda, que o que constitui a metáfora não é uma expressão linguística-metafórica específica, pois se a metáfora fosse uma questão somente de linguagem, e não também de pensamento e cognição, cada expressão linguística geraria uma expressão metafórica específica, mas o que ocorre é que uma mesma metáfora pode ser expressa por várias (e na maioria das vezes muito distintas) expressões metafóricas.

#### 1.1.4.1.1 A Hipótese da Invariância e as projeções entre domínios

De acordo com Lakoff (2012 [1990]), a possibilidade, anteriormente citada, de evocar a mesma metáfora conceptual através de expressões metafóricas distintas ocorre porque a estrutura do domínio-fonte é preservada, no que tange aos seus esquemas imagéticos<sup>37</sup>, durante os mapeamentos. É o que o autor denomina como a *Hipótese da Invariância*, no sentido de que:

[...] todas as inferências do domínio-fonte referentes à topologia cognitiva (estrutura do esquema de imagem) serão preservadas no mapeamento. Isso explica o que tem se observado empiricamente em estudos sobre metáforas até agora, ou seja, que a metáfora preserva a

---

<sup>37</sup>A esse respeito, pontua: “Considerando-se que todos os mapeamentos metafóricos são parciais, a Hipótese da Invariância estabelece que a parte da estrutura do domínio-fonte que é mapeada preserva a sua topologia cognitiva – embora nem toda a topologia cognitiva do domínio-fonte precise ser mapeada. Já que a topologia cognitiva dos esquemas de imagem determina os seus padrões de inferência, a Hipótese da Invariância sugere, então, que padrões de raciocínio imagético são projetados para padrões de raciocínio abstrato através de mapeamentos metafóricos. Isso nos leva a crer que pelo menos uma parte do raciocínio abstrato (e talvez todo ele) seja uma versão metafórica do raciocínio baseado em imagens [...]. E porque o domínio-fonte desses conceitos metafóricos está estruturado com base em esquemas de imagem, a Hipótese da Invariância sugere que o raciocínio que envolve esses conceitos é baseado fundamentalmente em imagens. Isso inclui o conteúdo de raciocínios escalares, modais, temporais e causais. Esses casos abrangem uma diversidade tão grande de formas de pensamento abstrato que a pergunta que naturalmente surge é se todo o pensamento abstrato humano é uma versão metafórica do pensamento imagético. Vejo isso como uma questão crucial para pesquisas futuras em linguística cognitiva”. (LAKOFF, 2012 [1990], p.7).

estrutura inferencial – pelo menos alguns tipos de estrutura inferencial. Também pode-se afirmar, a partir dessa hipótese, que uma grande parte das inferências abstratas – se não todas elas – são versões metafóricas de inferências espaciais inerentes à estrutura topológica dos esquemas de imagem. [...] A Hipótese da Invariância sustenta que, se os conceitos abstratos são entendidos metaforicamente, então as suas representações imagéticas são os esquemas de imagem que foram projetados metaforicamente a partir do domínio-fonte das metáforas. (LAKOFF, 2012 [1990], p.24).

Em outras palavras, a estrutura topológica (através dos esquemas imagéticos) do domínio-fonte de uma metáfora é preservada no domínio-alvo. É nesse sentido que Evans (2007, p.117) entende a hipótese da invariância como sendo “o princípio que captura as restrições que governam os mapeamentos entre domínios na Teoria da Metáfora Conceptual”<sup>38</sup>.

Como uma importante implicação da referida hipótese, Lakoff pontua que, em consequência dessa forma de compreensão, pode-se considerar que “o pensamento abstrato é um caso especial de pensamento baseado em imagens [...], o qual se dá através de uma projeção metafórica para um domínio abstrato”. (LAKOFF, 2012 [1990], p.36). O que ele chama de “correspondências” são os significados do domínio-fonte aplicados a determinados aspectos do domínio-alvo que se pretende destacar, no estabelecimento dos sentidos. Essas correspondências, conforme pontuado, irão acionar o que chama de *metáforas imagéticas*, que seriam superimposições conceituais de imagens do domínio-fonte sobre um domínio-alvo. Ruiz de Mendoza Ibáñez (2004, p.11) ilustra da seguinte forma essas correspondências: “Este princípio garante, por exemplo, que se no domínio-fonte temos uma árvore e no [domínio] alvo uma pessoa, a copa pode corresponder à cabeça, o tronco ao corpo, os ramos aos braços, as raízes às pernas e pés”<sup>39</sup>.

Lakoff (2012 [1990]) ilustra tal movimento pela comparação que se estabelece entre uma ampulheta e o corpo de uma mulher: o aspecto a ser focalizado, a partir de ambas as imagens, a fim de estabelecer as correspondências, será a cintura da mulher em comparação com a parte central do objeto, por ambas serem mais estreitas e possuírem a forma sinuosa. Assim, essa perspectiva imagética da

<sup>38</sup> Tradução nossa do original: “The principle which captures the constraints that govern cross-domain mappings in Conceptual Metaphor Theory”.

<sup>39</sup> Tradução nossa do original: “Este principio garantiza, por ejemplo, que si en el dominio fuente tenemos un árbol y en el meta una persona, la copa se haga corresponder con la cabeza, el tronco con el cuerpo, las ramas con los brazos, las raíces con las piernas y pies.”

construção do sentido apresenta algumas implicações em relação à TMC, especialmente sobre como os mapeamentos se dão nas metáforas de imagem, a saber:

Como funcionam [as metáforas]? O que restringe os mapeamentos? Que tipos de estruturas internas as imagens mentais possuem para permitir que alguns mapeamentos funcionem facilmente, outros, apenas com certo esforço, e outros, ainda, nem funcionem? Qual é a teoria geral que une as metáforas de imagem a todas as metáforas convencionais que mapeiam a estrutura proposicional de um domínio para a estrutura proposicional de outro domínio? Sugerimos que imagens mentais convencionais são estruturadas por esquemas de imagens, e que as metáforas de imagem preservam a estrutura esquemática da imagem, mapeando as partes em termos das partes e o todo em termos do todo, recipientes em termos de recipientes, caminhos em termos de caminhos, entre outros. A generalização seria a de que todas as metáforas são invariáveis em relação à sua topologia cognitiva, ou seja, cada mapeamento metafórico preserva a estrutura dos esquemas de imagem. (LAKOFF, 2012[1990], p.39).

Dessa forma, entendemos que os conceitos apreendidos pelo ser humano são resultado da sua experiência corpórea e das interações sensoriais do próprio corpo com o mundo e a realidade, sendo a partir desse arcabouço concreto e mental que há a apreensão de novas ideias, pela evocação dos esquemas imagéticos. Almeida (2009) demonstra tal processo, ao analisar a expressão *João entrou em depressão*, apontando a intrínseca relação entre domínios:

[...] temos os domínios *lugar* (mais especificamente lugar físico) e *estado* (no caso, a depressão). [...] o *domínio-fonte*, serve de ponto de partida para a metáfora, oferecendo uma espécie de esquema conceptual básico a partir do qual o *domínio-alvo* poderá ser apreendido. Dessa forma, podemos compreender a depressão como um estado (domínio-alvo) a partir de características tipicamente atribuídas às locações físicas (domínio-fonte). [...] É condição fundamental para a metáfora que o domínio-fonte seja, em algum sentido, mais básico ou familiar que o domínio-alvo, e a familiaridade do domínio-fonte está diretamente associada à sua relação com a experiência corpórea. (ALMEIDA, 2009, p.35).

Assim, percebemos o quanto a elaboração metafórica é intrinsecamente relacionada tanto aos aspectos corporais, quanto ao contexto cultural dos falantes, já que a projeção entre domínios ocorre mediante o aproveitamento de conceitos existentes tanto na mente do falante quanto circulantes na sociedade, visto que sem



essa partilha, seria impossível criarmos novos domínios conceptuais. Defendemos, nesse sentido, que quaisquer conceitos são apreendidos pela mente humana através de formas conceptuais metafóricas, metonímicas ou de esquemas imagéticos.

#### 1.1.4.1.2 Classificação das Metáforas

A partir da observação das experiências corporais e ambientais do sujeito, os semanticistas cognitivos têm estabelecido diversas tipologias classificatórias para as metáforas. Kövecses (2010) aponta quatro principais critérios que possibilitam a identificação de distintas classificações, a partir das funções das metáforas na geração dos novos sentidos, a saber: a *convencionalidade*, a *função cognitiva*, a *natureza* e o *nível de generalidade*.

Uma metáfora é *convencional* quando já está tão arraigada na forma de pensar sobre um domínio abstrato que as respectivas expressões linguísticas não causam mais estranhamento ao próprio falante, sendo, assim, identificadas como “[...] expressões bem usadas, formas clichês de falar sobre domínios abstratos”<sup>40</sup> (KÖVECSES, 2010, p.34). Um exemplo apresentado pelo autor é a expressão linguística “Parem o mundo. Quero descer!”<sup>41</sup>, que, mesmo sendo uma expressão metafórica não-convencional, ainda assim remete à metáfora convencional A VIDA É UMA VIAGEM. Nesse sentido, expressões cotidianas convencionais para expressar a mesma metáfora seriam: *Ela se encontra em uma encruzilhada!*, *Não sei onde vou chegar com esse comportamento*, dentre outras, em que a metáfora em questão emerge com mais fluidez para o falante.

Por sua vez, a *função cognitiva* remete às formas que habilitam o falante a reconhecer um conceito, seja associando-o com outro, ou relacionando-o com suas experiências corporais e espaciais, o que permite estabelecer a seguinte classificação<sup>42</sup>:

<sup>40</sup> Tradução nossa do original: “[...] well worn, cliched ways of talking about abstract domains”.

<sup>41</sup> Tradução nossa do original: “Stop the world! I want to get off”.

<sup>42</sup> Optamos por apontar aqui os tipos clássicos de metáforas apresentados por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), embora não desconhecamos o fato de que as discussões sobre as metáforas já incluem outras classificações das mesmas, sob outras perspectivas teóricas dentro da própria SC.

*Metáforas Estruturais:* ocorre quando “um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro” (LAKOFF; JOHNSON (2002[1980], p.59). Um exemplo clássico apresentado pelos autores é a metáfora TEMPO É DINHEIRO, que ancora expressões metafóricas como “Ele está *desperdiçando* meu tempo”, sendo DINHEIRO o domínio-fonte e TEMPO o domínio-alvo, já que ambos compreendem um conceito em termos do outro, remetendo à possibilidade de valoração por sua importância social, por poderem ser perdidos, desperdiçados ou aproveitados. Assim, “o domínio-fonte provê uma estrutura relativamente rica de conhecimento para o domínio-alvo [de modo que] a função cognitiva dessa metáfora é habilitar o falante para entender o [domínio] alvo A através dos significados da estrutura do [domínio] fonte B”<sup>43</sup>. (KÖVECSES, 2010, p.37).

*Metáforas Orientacionais:* são aquelas que, segundo Lakoff e Johnson (2002[1980], p.59-60),

organizam todo um sistema de conceitos a partir de outro [...]. Tais orientações metafóricas não são arbitrárias, elas têm uma base na nossa experiência física e cultural. Embora as oposições binárias para cima-para baixo, dentro-fora etc, sejam físicas em sua natureza, as metáforas orientacionais baseadas nelas podem variar de uma cultura para outra.

Tais oposições espaciais são experienciadas pelo ser humano a partir de sua interação com o mundo físico, através de seu corpo. Assim como se percebe na metáfora FELIZ É PARA CIMA, que tem sua base física na noção de que a postura ereta corresponde ao estado emocional positivo, em detrimento de “postura caída [que] corresponde à tristeza e depressão”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 60).

*Metáforas Ontológicas:* possibilitam a conceptualização do mundo baseando-se em entidades e substâncias, o que “permite-nos selecionar partes de nossa experiência e tratá-las como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p.75-76). O exemplo clássico apresentado pelos autores é o caso da metáfora INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE, que indica a possibilidade de agir em relação a esta “entidade”, e/ou de interagir com ela,

---

<sup>43</sup> Tradução nossa do original: “The source domain provides a relatively rich knowledge structure for the target concept [...]. The cognitive function of these metaphors is to enable speakers to understand target A by means of the structure of source B”.

como sugere a expressão metafórica “Precisamos *combater* a inflação”. Assim sendo, a variedade de experiências cotidianas com objetos físicos amplia as possibilidades de criação de metáforas ontológicas, ao se buscar conceptualizar “eventos, atividades, emoções, ideias” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p.76), ou outros participantes de um domínio experiencial que sejam menos claramente definidos do que o domínio espacial, por exemplo.

Kövecses (2010) relaciona a função cognitiva das metáforas ontológicas a sua possível ressignificação através de novas metáforas estruturais, sugerindo, assim, uma não rigidez na delimitação dos tipos de metáforas:

Dado que experiências não-delineadas recebem um status mais delineado via metáforas ontológicas, falantes podem usar estas metáforas para tarefas mais específicas: (1) para referir, quantificar ou identificar aspectos da experiência que têm sido mais delineados [...] (2) uma vez que nenhuma experiência tem recebido o status de uma ‘coisa’ através de uma metáfora ontológica, a experiência então conceptualizada pode ser estruturada futuramente pelo significado das metáforas estruturais. (KÖVECSES, 2010, p.39)<sup>44</sup>.

Outro ponto a se destacar é a impossibilidade de determinar de modo preciso e decisivo quantas ou quais metáforas podem surgir em processos semelhantes, já que as pessoas de cada cultura conceptualizam o mundo de forma diferente, o que as licenciam a estabelecerem seu processamento conceptual dentro dos limites da coerência comunicativa de sua comunidade, de forma perspectivista.

Ainda a respeito da proposta classificatória de Kövecses (2010), sobre a *natureza* das metáforas, o autor postula que as metáforas podem ser baseadas em *conhecimento* ou *imagens*. As do primeiro tipo são constituídas por elementos básicos do conhecimento que são mapeados ou projetados entre os domínios fonte e alvo. Já as do segundo tipo, chamadas também *metáforas de esquemas imagéticos*, mobilizam os MCI’s dos esquemas imagéticos. As experiências físicas ocasionam a referência aos esquemas imagéticos, que, por sua vez, estruturam metaforicamente

---

<sup>44</sup> Tradução nossa do original: “Given that undelineated experiences receive a more delineated status via ontological metaphors, speakers can use these metaphors for more specific jobs: (1) to refer to, to quantify, or to identify aspects of the experience that has been made more delineated [...] (2) Once a “nonthing” experience has received the status of a thing through an ontological metaphor, the experience so conceptualized can be structured further by means of structural metaphor”.

os conceitos-alvo. O autor aponta que esse tipo de motivação metafórica, por si só, é muito limitada, já que, para um maior aprofundamento da percepção das metáforas, será necessária a compreensão sobre o arcabouço cultural dos conceptualizadores.

Essa co-dependência aponta para o quarto e último critério – o *nível de generalidade* – a partir do qual, as metáforas de nível mais *específico* oferecerão mais detalhes em sua formação estrutural (exemplo da metáfora A VIDA É UMA VIAGEM), ao contrário das *genéricas*, que dispõem de pouca informação a respeito do significado evocado, como nas metáforas primárias, a exemplo de MAIS É PARA CIMA.

A forma de classificação das metáforas proposta por Kövecses (2010) oferece ao semanticista uma perspectiva mais ampliada de abordagem dos dados, ao assumir outros olhares sobre o processamento metafórico, entendendo-o como um fenômeno que envolve múltiplas nuances.

#### 1.1.4.1.3 A Teoria da Metáfora Primária

Teóricos contemporâneos da SC têm pensado as metáforas conceptuais em termos mais epistemológicos, como Joseph Grady, que desenvolveu a *Teoria da Metáfora Primária* (doravante TMP), enquanto um desdobramento da TMC<sup>45</sup>. Grady (2007, p.192) compreende as *metáforas primárias*<sup>46</sup> como “padrões simples que

---

<sup>45</sup> Não desconsideramos, com Ortiz (2011, p. 60), que “la teoría Conceptual de la Metáfora ha sufrido distintas modificaciones y actualmente es una combinación de cuatro partes: la Teoría de la Integración Conceptual de Fauconnier y Turner, la Teoría de la Metáfora Primaria de Grady, la Teoría de la Combinación de Christopher Johnson y la Teoría Neuronal de Narayanan”. Na presente discussão somente levamos em conta, a título de desdobramento da abordagem da TMC, a *Teoria da Metáfora Primária*, especialmente por tratar de modo mais aprofundado a relação da corporificação na geração dos sentidos metafóricos.

<sup>46</sup> Como aponta Macedo (2008, p.34), as metáforas primárias, também, chamadas *básicas* têm uma “base neural resultantes de experiências co-ocorrentes e recorrentes sendo uma de natureza perceptual sensorio-motora e outra de natureza conceptual [...]. Assim, nosso sistema conceptual se desenvolveria a partir de percepções possibilitadas pela natureza e pelas especificidades do nosso corpo, na interação com o ambiente. [...] Tal visão de metáfora coloca o paradigma lakoffiano em harmonia com a visão de uma cognição integrada, resultante da atuação efetiva de agentes cognitivos na emergência do conhecimento em geral e do linguístico em particular”.

mapeiam conceitos fundamentais de percepção, em outros igualmente fundamentais, mas não diretamente perceptuais”<sup>47</sup>.

O autor ilustra tal conceito retomando o exemplo de Lakoff e Johnson (2002 [1980]) da metáfora MAIS É PARA CIMA, de modo que, a experiência de empilhar objetos, por exemplo, possibilita o mapeamento do conceito de aumento da quantidade, relacionado à altura percebida no ato de empilhamento; nesse aspecto, tem-se uma associação do domínio-fonte *acima / altura*, relacionado à experiência visual (por isso considerado fundamental), com o domínio-alvo (também fundamental), mas não diretamente relacionado ao aspecto corporificado da apreensão do sentido, que é a *quantidade*. Outras correlações estabelecidas por Grady são as seguintes:

[...] conceitos fonte de metáforas primárias incluem PARA CIMA, PARA BAIXO, PESO, BRILHO, PARA FRENTE, PARA TRÁS, DOCE, vários conceitos simples de ‘dinâmica de forças’, e assim por diante. Conceitos alvo correspondentes são construídos por esses blocos básicos da experiência mental como DOMÍNIO, MAU, DIFICULDADE, FELICIDADE, SUCESSO, O PASSADO, ATRAÇÃO e COMPULSÃO.<sup>48</sup>(GRADY, 2007, p.193).

Em outras palavras, os domínios-fonte das metáforas primárias geralmente evocam experiências sensoriais que são consideradas universais, através de representações imagéticas, em sua maioria, inconscientes. O caráter universal das metáforas é defendido na TMP no sentido de que, como os seres humanos compartilham, em geral, das mesmas características corporais, as experiências provenientes dessa estrutura corporal serão as mesmas. No entanto, não se descartam as influências dos filtros sociais e culturais sobre a conceptualização metafórica, o que as torna, nesse sentido, particulares, especialmente sendo metáforas não convencionais. Assim se posiciona Grady (2007, p.194): “Dado que todos os humanos compartilham aspectos básicos de percepção e experiência que

<sup>47</sup> Tradução nossa do original: “which map fundamental perceptual concepts onto equally fundamental but not directly perceptual ones”.

<sup>48</sup> Tradução nossa do original: “Source concepts for primary metaphors include UP, DOWN, HEAVY, BRIGHT, FORWARD, BACKWARD, SWEET, various simple ‘force-dynamic’ concepts, and so on. Corresponding target concepts are such basic building blocks of mental experience as DOMINANT, SAD, DIFFICULT, HAPPY, SUCCESS, THE PAST, APPEALING, and COMPULSION”.

são refletidos em metáforas primárias, estes padrões devem aparecer nas línguas ao redor do mundo”<sup>49</sup>.

Nesse sentido, dificilmente as representações imagéticas podem ser decompostas em outras elaborações metafóricas (daí a expressão “primária”), ao contrário das chamadas “metáforas complexas”, que, segundo Grady (2007), trazem, em seu bojo, diversos outros mapeamentos mais elaborados, imbricados no estabelecimento do significado metafórico, não estabelecendo, segundo o autor, uma relação experiencial entre os domínios, e como exemplo, cita a metáfora TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES. Por outro lado, os conceitos-alvo não são, obrigatoriamente, caracterizados por esta representação visual ou experiencial, trata-se, conforme já apontado, de um domínio da experiência menos conhecido, ou, em outros termos, mais abstrato, e que se pretende conceptualizar. Desse modo, as metáforas primárias são “consequências naturais ou até mesmo inevitáveis de associações recorrentes na vida diária”. (GRADY, 2007, p.194)<sup>50</sup>.

Sob a perspectiva da TMP, Grady (1999)<sup>51</sup> aponta dois principais tipos de motivação para a conceptualização através das metáforas primárias, a saber, as *metáforas baseadas em correlação* e as *metáforas baseadas em semelhança*. As primeiras são aquelas diretamente relacionadas às experiências corporais, geradas a partir de experiências desde a infância, a exemplo da relação CALOR-PROXIMIDADE-AFETO, estabelecida entre a criança e sua mãe, em situações de interação física. As mesmas ativam o aspecto neural da elaboração do significado, de modo que tais mapeamentos constituintes das metáforas primárias “são tratados como circuitos neurais relacionando representações dos conceitos-fonte e alvo – circuitos que são automaticamente estabelecidos quando um conceito perceptual e

---

<sup>49</sup> Tradução nossa do original: “Given that humans everywhere share the basic patterns of perception and experience that are reflected in primary metaphors, these patterns ought to show up in languages around the world”.

<sup>50</sup> Tradução nossa do original: “(...) natural or even inevitable consequences of recurring associations in daily life”.

<sup>51</sup> Joseph Grady desenvolveu tal tipologia na ocasião da escrita de sua tese doutoral, em 1997, intitulada *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Por ser uma publicação de difícil acesso, recorreremos à apresentação de tais conceitos feita pelo próprio autor, no texto *A typology of motivation for conceptual metaphor: correlation vs. resemblance* publicado em 1999, além do já citado texto de 2007.

um não perceptual são repetidamente co-ativados”. (GRADY, 2007, p.194)<sup>52</sup>. Além disso, discute que esse tipo de motivação encontra-se na base das cenas primárias, presentes, também, nesse tipo de metáforas:

Uma ‘cena primária’ recorrente, que pode ser caracterizada em um nível muito local e esquemático, envolve uma estreita relação entre duas dimensões da experiência – tipicamente com uma mais diretamente relacionada à entrada sensorial do que outra. O típico dessas cenas é que elas são elementos da experiência humana universal – experiências sensório-motoras básicas, emocionais e cognitivas que não dependem das particularidades da cultura. (GRADY, 1999, p.7)<sup>53</sup>.

Para ilustrar tal motivação, Grady (1999) apresenta a expressão metafórica DESEJAR É TER FOME, que estabelece uma relação entre a sensação física advinda da fome e o foco consciente em realizar algo. Nesse caso, há uma relação experiencial básica do pensamento motivando a conceptualização, a partir de um estado cognitivo e emocional básico.

A respeito do segundo tipo, as *metáforas baseadas em semelhança*, por sua vez, o autor argumenta que não há uma evocação direta de uma perspectiva corporificada para haver a conceptualização, antes, trata-se de uma metáfora complexa, que se baseia em algum tipo de semelhança entre os domínios-fonte e alvo. Para ilustrar tal tipologia não motivada pelo aspecto experiencial direto, Grady (1999) usa o exemplo<sup>54</sup> da expressão metafórica *Aquiles é um leão*. O autor aponta que a semelhança encontra-se na coragem, tanto do leão, quanto de Aquiles; assim, apenas, um aspecto do leão é destacado, a fim de ser conceptualizada, de modo semelhante, a pessoa corajosa, sem que, necessariamente, os domínios-fonte e alvo (leão / Aquiles) tenham compartilhado de experiências sensório-motoras, a fim de se estabelecer tal associação, mas ambos possuem alguma característica que irá uni-los:

<sup>52</sup> Tradução nossa do original: “the mappings that constitute primary metaphors are treated as neural circuits linking representations of source and target concepts—circuits which are automatically established when a perceptual and a nonperceptual concept are repeatedly co-activated”.

<sup>53</sup> Tradução nossa do original: “Namely, a recurring ‘primary scene’, which can be characterized at a very local and schematic level, involves a tight correlation between two dimensions of experience—typically with one more directly related to sensory input than the other. Typical of these scenes is that they are elements of universal human experience—basic sensori-motor, emotional and cognitive experiences which do not depend on the particulars of culture”.

<sup>54</sup> O autor informa que foi, originalmente, citado por George Lakoff e Mark Turner, na obra *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*, publicada em 1989.

Por que nós projetamos bravura humana em aspectos do comportamento instintivo dos leões e vice-versa, ao invés de associar pessoas corajosas com frangos ou peixes dourados, por exemplo? A explicação mais plausível é que nós percebemos algo em comum entre leões estereotípicos, que é a base para este esquema, e pessoas corajosas. Leões e pessoas corajosas ambos (parecem) enfrentar adversários perigosos sem medo. (GRADY, 1999, p.11)<sup>55</sup>.

Concordamos com Ortíz (2011), ao afirmar que uma das vantagens dessa abordagem repousa sobre a simplificação ao identificar os elementos que são projetados nos diferentes domínios, o que, conseqüentemente, facilita a compreensão sobre a estrutura das metáforas complexas, enquanto compostas por (ou baseadas em) metáforas primárias, que são motivadas sensorialmente.

Após discutir as motivações que permeiam as distintas conceptualizações, a partir das metáforas primárias, Grady (1999) apresenta pelo menos três critérios que as distingue, no que tange a uma proposta tipológica: a *direcionalidade*, a *ontologia* e a *convencionalidade*.

O primeiro aspecto, da *direcionalidade*, aplicado às metáforas primárias, é discutido através da metáfora CINTURA DE MULHER É AMPULHETA. Grady (1999, p.20) defende que “qualquer instância pode servir como fonte para o outro alvo”<sup>56</sup>, a depender do foco que seja estabelecido no ato da conceptualização, de modo que, por exemplo, assim como a cintura de uma mulher pode ser conceptualizada como uma ampulheta, o referido objeto pode ser “feminilizado”, ao se destacar sua parte mais estreita. Assim, esse aspecto nos parece desconstruir a ideia da unidirecionalidade das projeções entre os domínios, nas metáforas conceptuais, conforme proposto inicialmente no âmbito da TMC, conforme já discutimos em subtópico anterior.

O aspecto da *ontologia* destaca que as metáforas *de correlação* e as *de semelhança* evocam diferentes tipos de domínios-fonte e alvo. Geralmente, as

---

<sup>55</sup>Tradução nossa do original: “Why do we project human bravery onto aspects of lions' instinctive behavior, and vice versa, rather than associating brave people with chickens or goldfish, for instance? The most plausible explanation is that we perceive something in common between stereotypical lions, whatever the basis for this schema, and brave people. Lions and courageous people both (appear to) confront dangerous opponents without fear”.

<sup>56</sup> Tradução nossa do original “either instance may serve as source to the other's target”.



primeiras relacionam conceitos de tipos diferentes (como no exemplo da metáfora MORTE É SONO, que evoca o estado da inatividade), enquanto as metáforas de semelhança estabelecem correspondências entre conceitos de mesmo tipo, como é o caso de dificuldades e peso, que apontam para a metáfora DIFICULDADES SÃO FARDOS (GRADY, 1999).

Por sua vez, a *convencionalidade* aponta para a imprevisível criatividade humana para estabelecer semelhanças entre conceitos aparentemente díspares, gerando, sempre, novas metáforas de semelhança, ao contrário das metáforas de correlação, que terminam por restringir tais criações (por sempre estabelecerem relações com conceitos de uma mesma natureza), de modo que, quanto mais criativa a metáfora, menos convencional ela será para o falante<sup>57</sup>.

Apontados alguns dos pontos que julgamos mais relevantes para a apresentação dos MCI's de cunho metafórico, passemos à discussão dos MCI's metonímicos.

#### 1.1.4.2 Os MCI's Metonímicos

Os MCI's de tipo *metonímico* também correspondem, assim como os metafóricos, a projeções, que, porém, ocorrem no âmbito de um mesmo domínio conceptual, estabelecendo uma relação de correspondências entre um domínio e seus possíveis subdomínios, e como Lakoff (2002 [1980], p.92) pontua: “tem primeiramente uma função referencial, quer dizer, nos permite utilizar uma entidade por outra”.

Barcelona (2012, p.127) amplia esse conceito, ao afirmar que “a metonímia é uma ‘projeção’ porque a fonte causa a ativação mental do alvo, ao impor uma

---

<sup>57</sup> Optamos por apresentar algumas discussões atinentes às classificações das metáforas (e, também o fizemos em relação às metonímias), pois julgamos serem relevantes para compreendermos o caráter contextual de cada forma conceptualizadora, ainda que, em nosso estudo, não tenhamos nos detido em tais classificações sobre os processos que identificamos. Ao fazermos, consideramos, por exemplo, os tipos de metáforas, metonímias e de EI's, a fim de melhor discutirmos determinados comportamentos conceptuais, em algumas ocorrências.

*perspectiva* sobre ela”<sup>58</sup>. Tal perspectiva é corroborada por Ruiz de Mendoza Ibáñez (2004), que ilustra o referido movimento de projeção intra-domínio da seguinte forma:

A metonímia é outro tipo de projeção conceptual no qual um domínio representa outro; ou seja, se emprega o nome de um domínio em substituição do de outro; por exemplo, Hitler invadiu a França, onde “Hitler” representa as tropas que operavam sob as instruções do Führer<sup>59</sup>. (RUIZ DE MENDOZA IBÁÑEZ, 2004, p.5).

Nesse sentido, podemos entender a metonímia como um potencial gerador de significação, ao apontar um novo aspecto de uma entidade de modo perspectivista. Lakoff (1987) ilustra essa ideia, a partir da noção ocidental dos dias da semana. A estruturação de tal conceito é condicionada por outros como a noção dos chamados “dias úteis”, o período de vinte e quatro horas dentro do qual se recorta uma noção temporal de “dia”, a sucessão de sete dias consecutivos que compõem uma semana, dentre outros. Em contrapartida, apresenta o conceito de “semana” na cultura balinesa, em que coexistem três calendários, motivados por razões sociais e culturais diferentes. Conseqüentemente, a noção sobre dia da semana será diferente daquele proposto nas culturas ocidentais. Com este exemplo, Lakoff (1987) defende que os MCI’s, tanto os de cunho metafórico quanto os metonímicos, são processos culturais (portanto, não universais) que contam com diversas outras mobilizações cognitivas.

Lakoff e Johnson (2002[1980], p.91-92) distinguem a metonímia da metáfora (mais especificamente aquelas de tipo ontológico) ao apontar que, no caso desta última, usa-se uma característica humana para compreender determinados conceitos, enquanto que, na primeira (metonímia), usa-se “uma entidade para referir-se a outra que é relacionada a ela [representando a outra]”. Assim, a metonímia é uma forma de selecionar e/ou destacar determinados aspectos da realidade, a partir da forma perspectivista como são conceptualizados. Nesse sentido, Barcelona (2012) também considera a metonímia como um fenômeno ativo na conceptualização, ao propor o seguinte conceito de metonímia (que o próprio julga generalizante):

<sup>58</sup> Tradução nossa do original: “la metonimia es una ‘proyección’ porque la fuente causa la activación mental de la meta al imponer una *perspectiva* sobre ella” (Grifo do autor).

<sup>59</sup> Tradução nossa do original: “La metonimia es otro tipo de proyección conceptual en la que un dominio representa a otro; es decir, se emplea el nombre de un dominio en substitución del de otro; ej. Hitler invadió Francia, donde ‘Hitler’ representa las tropas que operaban bajo las instrucciones del Führer”.

A metonímia é a projeção assimétrica de um domínio conceptual, chamado “fonte”, sobre outro domínio conceptual chamado “meta”, situados ambos dentro do mesmo domínio conceptual funcional e conectados por uma função pragmática. O resultado da projeção é a ativação mental da meta.<sup>60</sup> (BARCELONA, 2012, p.126).

O autor considera a metonímia como “projeção”, no sentido de que o domínio-fonte causa a ativação do domínio-alvo, na medida em que impõe uma perspectiva sobre ele. Assim, cria-se um novo sentido a respeito de uma mesma entidade, em concordância com Kövecses (2006), que assim define a metonímia, a partir da perspectiva dos MCI’s:

A metonímia é um processo cognitivo em que um elemento conceptual ou entidade (coisa, evento, propriedade), o veículo, provê acesso mental para outra entidade conceitual (coisa, evento, propriedade), o alvo, dentro do mesmo frame [ou enquadre], domínio ou modelo cognitivo idealizado<sup>61</sup>. (KÖVECSES, 2006, p.99).

Littlemore (2015) também parte do conceito de metonímia como uma perspectivização da realidade e defende que se constitui em um “processo linguístico e cognitivo através do qual nós usamos uma coisa em lugar de outra”, de modo que “metonímia geralmente envolve o uso de um conceito simples ou concreto para referir a algo que é mais complexo e abstrato, ou sensitivo”<sup>62</sup> (LITTLEMORE, 2015, p.1), dessa forma, trata-se de um processo conceptual em que “uma entidade é usada para prover acesso a uma outra entidade à qual está, de alguma forma, relacionada”<sup>63</sup> (LITTLEMORE, 2015, p.3). Esse provimento ocorre na medida em que possuímos um arcabouço suficiente de conhecimentos a respeito de um aspecto da realidade e o projetamos sobre outro aspecto ainda não tão claro em nosso sistema conceptual.

---

<sup>60</sup> Tradução nossa do original: “La metonimia es la proyección asimétrica de un dominio conceptual, llamado “fuente”, sobre otro dominio conceptual llamado “meta”, situados ambos dentro del mismo dominio conceptual funcional y conectados por una función pragmática. El resultado de la proyección es la activación mental de la meta”.

<sup>61</sup> Tradução nossa do original: “Metonymy is a cognitive process in which one conceptual element or entity (thing, event, property), the vehicle, provides mental access to another conceptual entity (thing, event, property), the target, within the same frame, domain or idealised cognitive model”.

<sup>62</sup> Tradução nossa do original: “cognitive and linguistic process through which we use one thing to refer to another”; “metonymy often involves using a simple or concrete concept to refer to something that is more complex and abstract, or sensitive”.

<sup>63</sup> Tradução nossa do original: “one entity is used to provide access to another entity to which it is somehow related”.

Ao defendermos a ubiquidade da metonímia em nossos processos conceptuais, podemos entender que “a presença da metonímia em nosso pensamento todos os dias significa que [ela] deixa vestígios na língua e em outras formas de expressão”<sup>64</sup>. (LITTLEMORE, 2015, p.1). Nesse sentido, tanto quanto a metáfora, podemos entender que as formas de conceptualização metonímicas permeiam nossa forma de organizar, selecionar e perspectivar informações, de modo a culminar em formas conceptuais tão produtivas quanto aquelas metafóricas, delas se distinguindo pelo fato de que, ao invés de acionar referências mais distanciadas conceitualmente, na metonímia, a relação entre o referente e o termo que o aciona é mais próxima. Esta concepção coaduna-se com a perspectiva de Lakoff e Turner (1989), ao compreenderem a metonímia como uma projeção que ocorre no mesmo domínio conceptual.

Além da função referencial da metonímia, Littlemore (2015) aponta sua importância cognitiva pelo fato de ser usada, inclusive, no estabelecimento de identidade durante os discursos e facilitar nossa comunicação verbal, além de proporcionar uma reflexão sobre nossa forma metonímica de pensar, visto que tal fenômeno:

Ajuda a construir relações através do apelo aos conhecimentos partilhados através desses mesmos processos que podem facilitar os distanciamentos sociais. Metonímia envolve, mais indiretamente, o destaque de uma grande quantidade de eufemismo e linguagem vaga [...]. Uma das razões por que nós necessitamos da metonímia é que é impossível captar todos os aspectos da nossa intenção significativa na linguagem que usamos. Em outras palavras, a linguagem sempre “subespecifica” o sentido quando não pode se expressar tudo o que é relevante para a interpretação.”<sup>65</sup> (LITTLEMORE, 2015, p.2,4).

Essa ideia de subespecificação aponta, a nosso ver, para uma questão de economia linguístico-conceptual, o que recai no aspecto pragmático das interações humanas: seria praticamente impossível ao ser humano estabelecer comunicação,

---

<sup>64</sup> Do original: “The presence of metonymy in our everyday thinking means that it leaves traces in language and in other forms of expression”.

<sup>65</sup> Do original: “It helps build relationships through appeals to shared knowledge and through these same processes it can facilitate social “distancing”. Metonymy involves indirectness, with means that it underlies a great deal of euphemism and vague language [...]. One the reasons why we need metonymy is that it is impossible to encapsulate all aspects of our intended meaning in the language that we use. In other words, language always “underspecifies” meaning in that it cannot possibly express everything that is relevant to its interpretation”.

caso não houvesse especificidade referencial no tratamento das informações. Um exemplo disso, em linguagem cotidiana, o temos na expressão *Mão de obra barata*. A mesma aponta para duas formas de conceptualização: tanto remete-nos a um tipo de trabalho específico (aquele realizado por um agente humano, e não uma máquina, por exemplo), quanto abarca quaisquer atividades desenvolvidas por este agente (manufatura, limpeza, escrita etc.), porém, que sejam, de algum modo, exploradas por outro agente humano. O uso da expressão “mão” para referir-se ao agente do trabalho aponta para uma metonímia de tipo PARTE-TODO, em que a parte do corpo humano representa todo o ser humano; e, pela ativação dos conhecimentos enciclopédicos captamos a ideia de que com as mãos é que, geralmente, executamos a maioria de nossas atividades. Vale pensar, inclusive, em alguns tipos de punições ainda aplicadas em países de cultura oriental, por exemplo, ao cortar as mãos de infratores, como punição para roubos, por exemplo: uma vez sem “mãos”, o sujeito seria, nesse caso, impedido tanto de “roubar” novamente quanto de trabalhar em outra atividade qualquer, o que seria a pena maior, visto que o invalidaria, no sentido produtivo.

Pensamos que a metonímia, nesse caso, funcionaria como uma espécie de “elástico semântico”, através do qual os sentidos podem ser ampliados e, em outro movimento conceptual, voltarem a seu estado inicial: é possível perspectivar um aspecto da realidade, e, em seguida, captar o sentido mais geral daquele conceito<sup>66</sup>. Dessa forma, enfatizando a importância do conhecimento partilhado para o estabelecimento das conceptualizações, percebemos que o conceito de metonímia como um tipo de MCI é plausível, visto que:

Os modelos cognitivos idealizados compreendem o conhecimento cultural que as pessoas têm e não estão restritos ao “mundo real”. Ou seja, eles também englobam visões subjetivas das pessoas sobre um

---

<sup>66</sup> Citamos, a este respeito, Littlemore (2015, p.7): “a metonímia é usada para comunicar ideias bastante complexas de modo relativamente eficiente e que pode servir como uma abreviação para eventos e ideias muito longas. É tão comum que nossa linguagem seria estranha sem ela. Uma comunicação bem-sucedida envolvendo metonímia requer uma grande quantidade de conhecimento partilhado entre os falantes, suas visões de mundo e suas expectativas de como as coisas devem ser”. Tradução nossa do original: “metonymy is used to communicate fairly complex ideas relatively efficiently and that it can serve as shorthand for much longer events or ideas. It is so prevalent that our language would sound odd without it. Successful communication involving metonymy requires a large amount of shared knowledge between speakers, concerning their worldview and their expectations of how things should be.”

determinado conceito e podem ser altamente idiossincráticos por serem uma abstração do contato das pessoas com aquele conceito em particular. Eles são altamente esquemáticos e flexíveis e podem ser estáticos ou dinâmicos, ou ambos. Eles são “idealizados” no sentido de que não são necessariamente “reais”<sup>67</sup>. (LITTLEMORE, 2015, p.10).

#### 1.1.4.2.1 Classificação das metonímias

Radden e Kövecses (1999) propuseram pelo menos três aspectos a serem considerados, ao analisarmos a metonímia, entendendo-a como um fenômeno conceptual, um processo cognitivo e que opera como um MCI. Os autores defendem que a natureza cognitiva da metonímia é mais claramente delineada quando se parte para a observação da estrutura de categorias conceptuais. Para tanto, Radden e Kövecses (1999) retomam a proposição de Lakoff (1987), a respeito do MCI de *mãe*, ao discutirem como um membro de uma categoria geralmente é posicionado na mesma, a partir de efeitos prototípicos delineados por características que os situam, devido ao seu comportamento conceptual. Assim, como um processo cognitivo, a “metonímia não simplesmente substitui uma entidade por outra entidade, mas as inter-relaciona para formar um novo e complexo significado.”<sup>68</sup> (RADDEN; KÖVECSES, 1999, p.19). Os autores defendem, ainda, que a noção de MCI defendida por Lakoff e Johnson (2002 [1980]) e Lakoff (1987) se coaduna melhor com o entendimento de metonímia como sendo um processo conceptual, visto que:

O conceito de MCI inclui não somente o conhecimento enciclopédico das pessoas sobre um domínio particular, mas também os modelos culturais dos quais fazem parte [...]. MCI's e sua rede de relações conceptuais os caracterizam como podendo dar origem a associações que podem ser exploradas em uma transferência metonímica.<sup>69</sup> (RADDEN; KÖVECSES, 1999, p.20).

<sup>67</sup> Idealised cognitive models encompass the cultural knowledge that people have and are not restricted to the “real world”. That is to say, they also encompass people’s subjective views of a particular concept and can be highly idiosyncratic as they are an abstraction from people’s encounters with that particular concept. They are highly schematic and flexible, and can be static or dynamic, or both. They are “idealised” in the sense that they are not necessarily “real”.

<sup>68</sup> Tradução nossa do original: “metonymy does not simply substitute one entity for another entity, but interrelates them to form a new, complex meaning”.

<sup>69</sup> Tradução nossa do original: “The ICM concept is meant to include not only people’s encyclopedic knowledge of a particular domain but also the cultural models they are part of. [...] ICM’s and the

A respeito da “transferência metonímica”, Radden e Kövecses (1999) apontam que, ao contrário da metáfora, que, em geral, apresenta um comportamento unidirecional, a metonímia, na maioria dos casos, é um processo que envolve mapeamentos reversíveis; assim, por exemplo, observam-se metonímias como PARTE PELO TODO, e, também, TODO PELA PARTE, em uma mesma situação conceptualizadora. A respeito desse tipo de relação conceptual reversível, gerada pelos mapeamentos metonímicos, os autores assim se colocam:

Relações conceituais dentro de um MCI que podem dar origem a uma metonímia serão chamadas de “relações de produção de metonímias”. Assim, as relações conceituais que detêm entre um recipiente e a(s) coisa(s) contida(s) podem produzir as metonímias CONTAINER PELO CONTINENTE e CONTINENTE PELO CONTAINER<sup>70</sup>. (RADDEN; KÖVECSES, 1999, p.20).

Foi partindo dos tipos de relações que se estabelecem intra-domínio que Radden e Kövecses (1999) propuseram uma classificação para as metonímias, como aqui esboçamos, com algumas adaptações referentes aos exemplos trazidos pelos autores, como segue:

*MCI coisa-parte*: constituem-se em tipos de processos que focalizam as partes mais salientes de uma entidade a fim de ampliar ou especificar o movimento conceptual, a partir de metonímias do tipo TODO PELA PARTE/ PARTE PELO TODO; COISA TODA PELA PARTE DA COISA/ PARTE DA COISA PELA COISA TODA, como observamos em *O mar não está pra peixe*, em que “mar” aponta para uma parte do oceano ao se relacionar diretamente com o conceito na linguagem pesqueira; ou, ainda, pode referir-se a uma situação não favorável, dentro de uma situação maior, apontando, para a metáfora OCEANO SÃO SITUAÇÕES DA VIDA.

*MCI constituição*: envolve substâncias ou materiais sendo entendidas como constituintes da coisa, em que se observam metonímias do tipo OBJETO PELO MATERIAL QUE CONSTITUI O OBJETO/ MATERIAL QUE CONSTITUI O OBJETO

---

network of conceptual relationships characterizing them give rise to associations which may be exploited in metonymic transfer”.

<sup>70</sup> Tradução nossa do original: “Conceptual relationships within an ICM which may give rise to metonymy will be called ‘metonymy-producing relationships’. Thus, the conceptual relationships that holds between a container and the thing(s) contained may produce the metonymies CONTAINER FOR CONTENTS and CONTENTS FOR CONTAINER”.

PELO OBJETO, a exemplo da expressão “Não posso *comer açúcar* demasiadamente” ao nos referirmos a alimentos doces, ou adocicados, em demasia.

*MCI evento*: processos conceptualizadores em que os eventos são entendidos como coisas que podem ter partes e focalizam aspectos distintos da referida situação, através de metonímias como TODO O EVENTO POR PARTE DO EVENTO (ou “subeventos”) / PARTE DO EVENTO POR TODO O EVENTO, assim como o percebemos em expressões do tipo *Eu falo Espanhol*, em que o “falar” engloba outras habilidades como escrever, ler, compreender, interpretar etc.; ou em *João levou Maria até o altar*, em que parte do evento (ou um subevento) *levar até o altar*, evoca toda a cerimônia do casamento, ou ainda *A greve parou o trânsito*, sendo que o elemento perspectivado não seria todo o movimento grevista, mas apenas a barreira física imposta pelos grevistas em determinado ponto do caminho, impedindo o fluxo normal de veículos e pessoas.

*MCI categoria-membro*: assemelhando-se ao MCI coisa-parte, este tipo de MCI metonímico gera relações mais específicas de representação que se referem à constituição da categoria criada conceptualmente, por exemplo, através de MEMBRO DA CATEGORIA POR CATEGORIA/ CATEGORIA POR MEMBRO DA CATEGORIA; GENÉRICO POR ESPECÍFICO / ESPECÍFICO POR GENÉRICO. Exemplos em linguagem cotidiana seriam *O trabalhador está cansado de ser enganado*, em que *trabalhador* (parte-específico) está em lugar de uma classe de trabalhadores (todo-genérico); ou, ainda, *O trabalho melhorou o ambiente da fábrica*, em que o geral (trabalho) é particularizado, pela ação (trabalho) de alguns.

*MCI redução*: nesse aspecto, a metonímia figura como a redução de uma forma, que é associada ao todo da coisa conceptualizada, como PARTE DA FORMA PELA FORMA COMPLETA/ FORMA COMPLETA POR PARTE DA FORMA, por meio de expressões metonímicas como *Que maravilha! Hoje é Sexta-feira*, em que um dia da semana é tomado em lugar do conjunto de 3 dias, especialmente, por representar, prototipicamente, o final das atividades laborativas; dessa forma, os aspectos de “final de período de trabalho” e de “começo de período de descanso” são evocados concomitantemente, de modo a representar a “forma” prototípica positiva que o “final de semana” adquirirá para o conceptualizador: ausência de trabalho.



Além desta taxonomia (que, inclusive, apresenta outros desdobramentos, que julgamos necessário apenas citar alguns deles aqui), Radden e Kövecses (1999, p.45ss) apresentam outras possibilidades de relações metonímicas, baseados nas diversas possibilidades das relações experienciais humanas, considerando as saliências perceptuais acionadas durante os processos conceptualizadores, ativados pelas formas como percebemos e interagimos, ecologicamente, com e no mundo. Tais processos, dentre outros, são<sup>71</sup>:

HUMANO POR NÃO-HUMANO (PRODUTOR POR PRODUTO [*Eu tenho um Ford*]; CONTROLADOR/POSSUIDOR POR CONTROLADO/POSSUÍDO [*Tenho um pneu furado*]);

SUBJETIVO POR OBJETIVO (PERCEPÇÃO PELA COISA PERCEBIDA [*Que bela vista!*]; FORMA/CONCEITO POR COISA/EVENTO [*O casamento demorou*]);

CONCRETO POR ABSTRATO (CORPORAL PELO EMOCIONAL [*coração por bondade*]; CORPORAL PELO AGENTIVO [*Segure sua língua*]; CORPORAL PELO MENTAL [*Ele é o cabeça da empresa*]; VISÍVEL PELO INVISÍVEL [*Salve sua pele por salve sua vida*]).

EMOÇÃO PELA SUA CAUSA [*Você é minha alegria*].

Barcelona (2012), retomando esta classificação, a resume a partir dos critérios propostos por Radden e Kövecses (1999), sugerindo os seguintes: LOCALIZAÇÃO E LOCALIZADO; SUBEVENTO E EVENTO COMPLETO; PROPRIEDADE SALIENTE E ENTIDADE; PRODUTOR E PRODUTO; UNIDADE GEOGRÁFICA E PARTE SALIENTE; PARTE CORPORAL E PESSOA; CAUSA E EFEITO; EMPRESA E EMPREGADO; ENTIDADE E PARTE RELEVANTE; CONTROLADOR E CONTROLADO; RECIPIENTE E CONTEÚDO; OBJETO E MATERIAL; CONDIÇÃO E RESULTADO; OBJETO E ORIGEM; POSSUIDOR E POSSUÍDO; AÇÃO, EVENTO OU PROCESSO E SEUS ELEMENTOS; CATEGORIA E MEMBRO.

Ainda que tais relações e processos metonímicos propostos por Radden e Kövecses (1999) tenham nos parecido um tanto polarizadores, por exemplo, ao oporem sentidos, julgamos relevante apresentá-los, visto terem contribuído para

---

<sup>71</sup> Para cada elaboração metonímica, os autores consideram sua perspectiva reversa, conforme já demonstramos nos parágrafos anteriores.

aumentarmos as possibilidades de identificação das formas de conceptualização de *trabalho*, em algumas ocorrências estudadas em nosso corpus. A contribuição mais efetiva que tais classificações trouxeram para o nosso estudo empírico foi o aumento das possibilidades hermenêuticas de abstração dos dados, já que a captação dos sentidos é, aprioristicamente, contextual, de modo que nem todas as classificações puderam ser aplicadas diretamente ao nosso objeto; isto porque nossa preocupação não foi, a princípio, classificar as formas de conceptualização de *trabalho*, mas, sim, interpretá-las à luz de um estudo sociocognitivo.

#### 1.1.4.2.2 A metaftonímia: interação metáfora – metonímia nas formas de conceptualização

Em uma perspectiva cognitivista, os estudos não abordam a compreensão da metáfora e/ou da metonímia como fenômenos estanques, antes, postulam a existência, na produção de sentidos, em geral, de uma interação entre ambos fenômenos conceptuais<sup>72</sup>. Ruiz de Mendoza Ibáñez (2004) defende esta perspectiva, como citamos:

A metáfora e a metonímia constituem mecanismos de ampliação dos conceitos. Se alguém diz *Meu trabalho é uma prisão*, o conceito codificado de *prisão* (lugar onde se encerra a quem transgredir certas leis como castigo por seus delitos) retoma menos traços que o conceito ampliado que implica certas condições nas quais se vive, o sofrimento que produzem, o desejo de escapar da situação etc<sup>73</sup>. (RUIZ DE MENDOZA IBÁÑEZ, 2004, p.24).

Essa “junção conceptual” tem sido denominada de *metaftonímia* e trata-se de um processo de elaboração cognitiva que imbrica a metonímia e a metáfora. Este

<sup>72</sup> Sperandio (2014; 2016), por exemplo, desenvolveu suas investigações nesse sentido, ao propor uma análise em que os aspectos metafóricos e metonímicos, pela Teoria de Integração Conceptual, são tidos como os motivadores da geração de sentidos, em textos verbais-imagéticos, ao observar, além das expressões linguageiras, as motivações conceptuais.

<sup>73</sup> Tradução nossa do original: “La metáfora y la metonimia constituyen mecanismos de ampliación de los conceptos. Si alguien dice *Mi trabajo es una cárcel*, el concepto codificado de *cárcel* (lugar donde se encierra a quien transgrede ciertas leyes como castigo por sus delitos) recoge menos rasgos que el concepto ampliado que implica ciertas condiciones en las que se vive, el sufrimiento que producen, las ganas de escapar a la situación, etc.”.

termo foi cunhado por Louis Goossens, em obra de 1990. Em artigo de 2003, o autor aprofunda este conceito, ao defender que ambas, metáfora e metonímia, podem ser encontradas entrelaçadas nos usos linguístico-conceituais ordinários, situando-se em extremos opostos de um contínuo, de modo que não existiria uma linha divisória clara entre elas. A partir do seu estudo de um corpus que compreendia os domínios das nomenclaturas das partes do corpo, dos sons produzidos pelos seres humanos, pelos animais e pelas forças da natureza, Goossens (2003) levantou diversas ocorrências em que tais processos cognitivos se intercambiaram na tessitura dos sentidos. A respeito de sua proposta conceitual da *metaftonímia*, comenta: “Eu gostaria de atribuir à *metaftonímia* o status de um termo que pode ajudar a aumentar nossa consciência do fato de que a metáfora e a metonímia podem ser interligadas”<sup>74</sup>; e nesse sentido, defende que “as linhas de fronteira entre os domínios são muitas vezes difusas, que é uma das razões pelas quais a metáfora e a metonímia podem interpenetrar-se”<sup>75</sup> (GOOSSENS, 2003, p.350,352).

Outros estudiosos cognitivistas têm defendido essa proposta de inter-relação metáfora-metonímia, em vários tipos de investigações semânticas. Para citarmos alguns exemplos, apresentamos os que seguem. Dirven (2003) reforça essa interpenetração entre metonímia e metáfora, ao propor, em seu estudo, que há um contínuo entre aspectos de figuratividade da linguagem, embora aborde distinções entre linguagem figurada e literal. Geeraerts (2003), ao investigar a composicionalidade de expressões idiomáticas, observa como ambos os processos estão presentes e são indispensáveis para a compreensão do caráter motivado (ou não) de tais elaborações, no que chama de “arquitetura semântica prismática” (GEERAERTS, 2003, p.437), considerando, para tanto, informações de cunho etimológico. Nesse sentido, afirma: “O reconhecimento de que os mecanismos de extensão semântica como a metáfora e a metonímia podem operar em sucessão (e, na verdade, em séries com múltiplas etapas) é natural em semântica diacrônica”<sup>76</sup>. (GEERAERTS, 2003, p.462).

---

<sup>74</sup> Tradução nossa do original: “I would like to assign *metaphonymy* the status of a term which should help to increase our awareness of the fact that metaphor and metonymy can be intertwined”.

<sup>75</sup> Tradução nossa do original: “the boundary lines between domains are often fuzzy, which is one of the reasons why metaphor and metonymy may interpenetrate”.

<sup>76</sup> Tradução nossa do original: “The recognition that mechanisms of semantic extension such as metaphor and metonymy may operate in succession (and, in fact in series with multiple steps) is a natural in diachronic semantics”.

Radden (2003), partindo das discussões de Grady (1997) a respeito da metáfora primária e de Johnson (1987), a respeito da corporificação, realiza um estudo sobre a conceptualização MAIS É PARA CIMA, e defende que existe um contínuo entre a realização literal e a figuração das expressões idiomáticas, e que o mesmo envolve a produção inicialmente metonímica, na medida em que o sujeito particulariza o sentido, e em seguida metafórica, ao atribuir o novo sentido ao que está sendo dito, acionando domínios conceptuais distintos (no caso em análise, preço/inflação e aumento vertical). Tal relação gera o que chama de “metáforas baseadas em metonímias”, em trecho que citamos:

Metáforas que surgem a partir de cenas primárias e que envolvem fusão são chamadas por Grady (1997) de “metáforas primárias”. Desde que sua base imediata seja metonímica, elas serão chamadas de “metáforas baseadas em metonímias”. A metáfora MAIS É PARA CIMA como em *preços altos e aumento de preços* é, portanto, vista como baseada em uma relação metonímica.<sup>77</sup> (RADDEN, 2003, p.412).

Nesse sentido, o autor levanta como uma das fontes para tal imbricação os modelos culturais e populares, que correspondem às visões de mundo compartilhadas por uma comunidade, e que, por isso, regem seus comportamentos sociais; ao destacar sua importância para nossa cognição, o autor aponta que tais modelos “[...] interconectam fenômenos distintos do mundo de uma forma coerente e explicativa, e, assim, abrem novas relações, que podem ser exploradas por metonímias e metáforas”<sup>78</sup>. (RADDEN, 2003, p.427).

Croft e Cruse (2008[2004]) também discutem a importância dos usos metaftonímicos nas elaborações conceptuais, entendendo-as, a partir de Lakoff e Johnson (2002 [1980]) como sendo intercambiáveis, por exemplo, quando uma metonímia serve de base conceptual para uma metáfora. Os autores ilustram esse fenômeno com o exemplo *Meus lábios estão fechados*, a partir do qual, inicialmente, tomam-se, metonimicamente, *lábios* por *boca* e, em seguida, *boca* pela *pessoa*, mais especificamente, *a pessoa que pratica a ação de falar*, de modo que “a

<sup>77</sup>Tradução nossa do original: “Metaphors which arise from primary scenes and involve conflation are referred to by Grady (1997) as “primary metaphors”. Since their immediate basis is metonymic, they will be referred as “metonymy-based metaphors”. The metaphor MORE IS UP as in *high prices* and *rising prices* is thus seen as based on a metonymic relationship”.

<sup>78</sup> Tradução nossa do original: “[...] interconnect distinct phenomena of the world in a coherent and explanatory way and thus open up new relationships, which may be exploited by metonymy and metaphor”.

conceptualização metonímica da expressão precede a sua conceptualização metafórica” (CROFT; CRUSE, 2008[2004], p.285)<sup>79</sup>.

Outro aspecto desse tipo de configuração conceptual é levantado por Martínez (2010), através da análise da expressão *língua de serpente*, que, após esse mesmo movimento interpretativo *língua – boca – pessoa*, defende que acionamos os conhecimentos enciclopédicos sobre as serpentes, segundo os quais a sua picada transmite o seu veneno. Desse modo, através da sua boca, aqui metonimizada por *língua*, a serpente transfere o seu veneno (algo ruim, que causa danos e até a morte) para quem for por ela picado. Assim sendo, uma língua que seja de serpente não transmite coisas boas. Ao utilizarmos tal expressão, referindo-nos a seres humanos, chegamos, metaforicamente, aos seguintes mapeamentos: PESSOAS SÃO ANIMAIS e, por acarretamento metonímico, temos PESSOAS SÃO SERPENTES, e, ainda mais, metaftonimicamente, chegamos a PESSOAS MALDIZENTES SÃO SERPENTES VENENOSAS. Sobre este aspecto da compreensão metaftonímica da realidade, assim se expressa a autora:

o que se quer destacar é o fundamento que a realidade proporciona na formação de metonímias, o fenómeno metonímico se vincula ao mundo e, em especial, à experiência do ser humano acerca da realidade de contiguidade entre as partes de seu próprio corpo ou entre o mesmo e o mundo que o cerca. (MARTÍNEZ, 2010, p.89)<sup>80</sup>.

Defendemos que as diversas formas de conceptualização, geralmente imbricam processos metafóricos e metonímicos na elaboração da realidade, de modo que não foi preocupação do nosso estudo segmentar tais fenómenos, mas sim identificá-los, a fim de percebermos, mais claramente, o aspecto corporificado das conceptualizações sobre *trabalho*, ao longo do tempo.

Passemos, no subtópico seguinte desta seção, às discussões sobre o último tipo de MCI por nós considerado no âmbito de nossa investigação, o de esquemas imagéticos.

<sup>79</sup> Tradução nossa do original: “la conceptualización metonímica de la expresión precede a su conceptualización metafórica”.

<sup>80</sup> Tradução nossa do original: “lo que se quiere destacar es el fundamento que proporciona la realidad en la formación de metonimias, el fenómeno metonímico se vincula al mundo y, en especial, a la experiencia del ser humano acerca de la relación de contigüidad entre las partes de su propio cuerpo o entre él mismo y el mundo que le rodea”.

### 1.1.4.3 Os MCI's de esquemas imagéticos

Considerando o aspecto corporificado das formas de conceptualização, passemos a algumas reflexões sobre outro tipo de MCI, dentre os propostos por Lakoff (1987) e Johnson (1987), o de esquemas imagéticos (doravante EI).

Johnson (1987) é contado como um dos principais estudiosos da tese da corporificação, aplicada aos EI's. Na introdução da obra *The mind in the body*, o autor explana sobre a teoria corporificada abordando o descaso histórico das teorias do conhecimento a respeito da imaginação, perspectiva que estaria diretamente relacionada à visão que se tinha de cognição. Nesse aspecto, a perspectiva filosófica do objetivismo, enquanto principal influência epistemológica no mundo ocidental, tem sido repensada pelas ciências cognitivas<sup>81</sup> e, por conta do novo foco proposto pelo experiencialismo, nos estudos empíricos então desenvolvidos, a corporificação do conhecimento e entendimento humanos são intimamente conectados às formas de estrutura imaginativa da experiência. A fim de ilustrar a noção de corporificação, ou “compreensão imaginativa”, o autor considera dois tipos de estrutura imaginativa que são centrais, inclusive, para o presente estudo: os esquemas imagéticos e as metáforas.

De acordo com Johnson (1987), os *esquemas imagéticos* são entendidos como padrões interativos, recorrentes e dinâmicos, que envolvem nossas interações perceptuais e programas motores, de modo a tornarem nossa experiência no mundo coerente. Oakley (2007) acrescenta a este conceito a ideia de que “um esquema de imagem é uma redescrição condensada da experiência perceptual com o propósito de mapear a estrutura espacial na estrutura conceptual”<sup>82</sup>.

---

<sup>81</sup> Assim, o autor resume as principais características do objetivismo, e suas implicações sob as formas de conceber o conhecimento; um exemplo disso é a perspectiva da razão enquanto simplesmente a capacidade de estabelecer conexões inferenciais, para compreensão de conceitos literais. Nesse aspecto, o ser humano é excluído do processo de conceptualização. Porém, com a chamada “crise do objetivismo”, os estudiosos empíricos passaram a revisitar as noções de construção do conhecimento pela via racionalista. Johnson (1987), nesse sentido, entende que a dualidade razão *versus* corpo é uma das causas para a desvalorização do corpo como sendo irrelevante para a natureza objetiva do conhecimento, no objetivismo.

<sup>82</sup> Tradução nossa do original: “an image schema is a condensed redescription of perceptual experience for the purpose of mapping spatial structure onto conceptual structure”.

Johnson (1987) ilustra tal conceito, com a ideia de VERTICALIDADE, através da metáfora MAIS É PARA CIMA, enquanto relacionada à noção imago-esquemática de VERTICALIDADE, de modo que tais noções constituem-se na base *física* para nossa conceptualização de quantidade. Assim, o autor expõe que, não somente é interessante defender que o corpo está na mente (aludindo ao título de sua obra), mas discutir como se dá este processo, levando em conta a estrutura corporal do ser humano e suas implicações.

Enquanto a filosofia objetivista não considera os EI's como relevantes na elaboração do conhecimento, Johnson (1987, p.XIX) defende que “o movimento corporal humano, a manipulação de objetos e a interação perceptual envolvem padrões recorrentes sem os quais nossa experiência seria caótica e incompreensível<sup>83</sup>”. A partir de tal posicionamento filosófico, o autor propõe o seguinte conceito e estrutura de funcionamento dos EI's:

são padrões abstratos em nossa experiência e nosso entendimento que são não-proposicionais e centrais para a significação e as inferências que fazemos. Consideramos, primeiramente, um *esquema de imagem*, enquanto um padrão dinâmico que funciona como a estrutura abstrata de uma imagem, e assim, conecta-se com uma vasta gama de diferentes experiências que manifestam esta mesma estrutura recorrente. Um esquema como este é o esquema FORÇA COMPULSIVA [...] [que] existe como um padrão contínuo, analógico de, ou em, alguma experiência particular ou cognitiva que eu tenha sobre compulsão<sup>84</sup>. (JOHNSON, 1987, p.2. Grifo do autor).

A fim de demonstrar o funcionamento dos EI's, Johnson (1987) apresenta uma análise do trecho de uma entrevista feita a um estuprador, relatando seu ponto de vista sobre os crimes cometidos, a partir de amostras de conversas sobre a visão de alguns profissionais a respeito do referido estupro. Seu objetivo foi demonstrar ser impossível compreender a lógica dos argumentos utilizados, sem, antes, entender a estrutura básica e metafórica que lhe era subjacente. Desse modo, alguns elementos

---

<sup>83</sup>Tradução nossa do original: “human bodily movement, manipulation of objects, and perceptual interactions involve recurring patterns without which our experience would be chaotic and incomprehensible”.

<sup>84</sup> Tradução nossa do original: “are abstract patterns in our experience and understanding that are not propositional, and yet they are central to meaning and to the inferences we make. Consider, first, an *image schema*, which is a dynamics pattern that functions somewhat like the abstract structure of an image, and thereby connects up a vast range of different experiences that manifest this same recurring structure. One such schema is the COMPULSIVE FORCE schema [...] exists as a *continuous, analog* pattern of, or in, a particular experience or cognition that I have of compulsion”.

foram considerados por Johnson (1987) como indispensáveis para a compreensão, como a percepção do leitor no estabelecimento dos sentidos, a identificação de metáforas conceituais, além do entendimento sobre o contexto, para, somente após este processo, identificar a “metáfora dominante” do texto, que trará à tona os mapeamentos ali presentes. Nesse sentido, foi o que Johnson (1987) chamou de “padrões do pensamento”, além de vários modelos populares, que tornaram a comunicação inteligível, por exemplo, o modelo cognitivo popular da sexualidade, acionado para compreender o estupro como um crime, na cultura analisada. Considerando a importância do contexto, explica como os padrões de entendimento se estabelecem para os leitores, exemplificando com o padrão do EI de FORÇAS:

Tais interações constituem nossos primeiros encontros com forças, e revelam padrões recorrentes relacionados entre nós e nosso ambiente. Tais padrões desenvolvem-se como estruturas de significado através do qual nosso mundo começa a apresentar uma medida de coerência, regularidade e inteligibilidade [...]. Lentamente, nós expandimos nosso significado de “força”. Em cada uma das atividades motoras existem padrões repetitivos que identificam ações de força particulares. Estes padrões são corporificados e dão coerência e significado estrutural a nossa experiência física em um nível preconceptual [...], e podemos discuti-los em um nível abstrato. É claro, nós formulamos um conceito de “força” que podemos explicar em termos proposicionais. Mas seu significado - o significado identificado – vai além do nosso entendimento conceptual e proposicional<sup>85</sup>. (JOHNSON, 1987, p.13).

Tais padrões não ficam somente no sentido particular da experiência, mas são interpretados e codificados pela comunidade. Desse modo, defende, ainda, que nossos esquemas perceptuais envolvem várias estruturas possíveis, já que elas não são fixas, mas são alteradas de acordo com as diferentes aplicações às situações particulares, que, pela experiência, se tornam coerentes e compreensíveis cognitivamente<sup>86</sup>. Nesse sentido, Johnson (1987) aponta para o fato de que nossa

---

<sup>85</sup> Tradução nossa: “Such interactions constitute our first encounters with forces, and they reveal patterned recurring relations between ourselves and our environment. Such patterns develop as meaning structures through which our world begins to exhibit a measure of coherence, regularity, and intelligibility [...]. Slowly we expand the meaning of ‘force’. In each of these motor activities there are repeatable patterns that come to identify that particular forceful action. These patterns are embodied and give coherent, meaningful structure to our physical experience at a *preconceptual* level, [...] and can discuss them in the abstract. Of course, we formulate a concept of ‘force’, which we can explicate in propositional terms. But its meaning – the meaning it identifies – goes deeper than our conceptual and propositional understanding”.

<sup>86</sup> Rohrer (2005, p.165) enfatiza a base neural dos EI's, como sendo “padrões dinâmicos de ativação, compartilhados entre os mapas neurais do córtex sensorio-motor”, partindo de estudos experimentais e neurológicos, a respeito de *déficits* de linguagem corporal em humanos, que apontam para a relação



experiência com recipientes e delimitações espaciais tridimensionais seja uma mostra significativa do aspecto corporificado das nossas formas de conceptualização. Assim, nós entramos e saímos de salas e espaços, manipulamos objetos em nosso ambiente, - por exemplo, desde o início de nossas vidas, já “saímos do útero”, entramos e saímos do berço etc. - o que, reiteradamente, nos remete a um tipo de organização espacial e temporal. Por isso, considera como básico o esquema DENTRO-FORA, seja com uma, duas ou três dimensões, já que tais orientações envolverão algumas implicações na estrutura desse esquema orientacional DENTRO-FORA, como por exemplo:

- 1- envolve, geralmente, proteção de, ou restrição a, forças externas;
- 2- há uma limitação ou restrição de forças dentro do recipiente;
- 3- por conta dessa restrição de forças, o objeto contido obtém uma fixidez relativa à localização;
- 4- tal fixidez significa que o objeto contido torna-se ou acessível ou inacessível para a visão do observador;
- 5- finalmente, experimenta-se a transitividade do recipiente (se B está em A, então está em B e também em A).

Tais implicações são chamadas por Lakoff e Johnson (2002 [1980]) de “acarretamentos”, porque fazem parte da estrutura interna do EI. Dessa forma, os EI’s não são proposicionais, nem estruturas abstratas sujeito-predicadas, especificadas por condições de verdade ou necessárias e suficientes, mas, antes, existem em um contínuo<sup>87</sup>. Os mesmos não são, necessariamente, imagens mentais concretas, mas sim “estruturas organizativas das representações mentais em um nível mais geral e abstrato, do que aquele em que se formam imagens mentais particulares<sup>88</sup>” (JOHNSON, 1987, p.23-4), de modo que apresentam características estruturais

---

existente entre o funcionamento normal do córtex e a compreensão semântica, estruturadas linguisticamente via metáforas, como citamos: “Esquemas imagéticos são estruturas que ligam a experiência sensorio-motora à conceptualização e à linguagem” (ROHRER, 2005, p.173). (Do original: “Image schemata are structures which link sensorimotor experience to conceptualization and language”). Assim, Rohrer (2005) sumariza como as recentes pesquisas sobre o cérebro, por meio, por exemplo, de tecnologia de imagens, deram novo fôlego para as investigações sobre os EI’s, enfatizando seu aspecto transdisciplinar.

<sup>87</sup> Assim como o protótipo não é uma figura concreta de um representante da categoria, assim também os EI’s são estruturas organizativas do conhecimento, e não uma fôrma pronta para armazenarem os conceitos a serem projetados.

<sup>88</sup> Tradução nossa do original: “structures that organize our mental representations at a level more general and abstract than that at which we form particular mental images”.

comuns para muitos e diferentes objetos, eventos, atividades, e movimentos<sup>89</sup>. O autor exemplifica essa questão, ao afirmar que o esquema de uma face humana pode ser concretizado de forma muito detalhada, mas, por outro lado, o EI de uma face, em geral, confere apenas as características básicas, que podem ser instanciadas em um enorme número de diferentes imagens de outras faces. Para corroborar essa ideia, Johnson (1987) elenca alguns estudos realizados em uma perspectiva psicolinguística que apontaram para o caráter mais cinestésico das formas de conceptualização, e diferenciam os EI's, das imagens concretas, no sentido de que os primeiros são influenciados por conhecimentos em geral, enquanto as imagens mentais/concretas não o são; eles são mais abstratos e maleáveis que elas, de modo que: “um esquema de imagem não é uma imagem particular [...], eles têm partes e relações estruturais que surgem principalmente no nível de nossas percepções físicas ou corporais e [nossos] movimentos<sup>90</sup>”. (JOHNSON, 1987, p.26, 28).

Consideramos, nesse sentido, que o aspecto dinâmico dos EI's tem implicações diretas sobre a forma de entendermos a significação e a racionalidade, enquanto dependentes de um contexto mais amplo de esquemas, capacidades, práticas e conhecimentos compartilhados. Isto porque estabelecer um conceito de “significado” é um processo que leva em conta os EI's como estruturas organizativas, ordenadas parcialmente por nossa cultura e modificadas por nossas experiências concretas corporificadas. Para ilustrar tais relações, Johnson (1987) retoma o EI DENTRO-FORA e discute como o mesmo permeia a maioria de nossas atividades cotidianas, e como tais relações experienciais definem o nosso entendimento a respeito de muitas outras questões, abordando que alguns sentidos envolvem as orientações espaciais diretamente, enquanto outros sentidos apontam para noções mais abstratas. Assim, defende que “um mesmo esquema pode representar um

---

<sup>89</sup> Outros desdobramentos têm sido propostos para o conceito de EI's, a exemplo das contribuições de Zlatev (2005, p.313), que advoga pelo conceito de *esquemas miméticos*, enquanto criadores de realidades, que unem a “experiência fenomênica e o significado partilhado em uma comunidade”, sendo uma espécie de aprimoramento dos conceitos até então divulgados de EI, porém, com foco maior na linguagem (até mesmo a pré-verbal) enquanto sua âncora mais significativa, em lugar, por exemplo, da experiência corporal. O autor argumenta que, pelo fato de os EI's envolverem pelo menos seis dimensões distintas (representação, acessibilidade à consciência, nível de abstração, dinâmica, modalidade sensorial e intersubjetividade) o seu conceito termina por ser altamente polissêmico. E, sendo este um conceito fundante em LC, deveria passar por revisões, a fim de obter mais eficácia enquanto categoria de análise. Por ora, no entanto, optamos por ancorarmo-nos nos conceitos de EI propostos por Lakoff (1987) e Johnson (1987).

<sup>90</sup> Tradução nossa do original: “An image schema, then, is not a particular rich image [...] is more general abstract, and malleable than rich images; and they have definite parts and structural relations that emerge chiefly at the level of our physical or bodily perceptions and movement”.

amplo número de possibilidades orientacionais<sup>91</sup> (JOHNSON, 1987, p.33.), e por isso, criam-se padrões de inferência baseados em diferentes esquemas.

Ao contrário do que se propunha pela lógica formal, segundo a qual as estruturas seriam puras, não empíricas e transcendentais, Johnson (1987) propõe que seja possível entender uma base experiencial de estruturas lógicas e inferenciais, motivadas pelos EI's, e ainda defende que os mesmos “podem fazer isto porque têm estrutura interna definida que pode ser figurativamente estendida para estruturas de nosso entendimento por relações formais entre conceitos e proposições”<sup>92</sup> (JOHNSON, 1987, p.38). É nesse sentido que defende que cada padrão inferencial do esquema DENTRO-FORA surge a partir das nossas experiências com recipientes, e acrescenta: “seu uso em raciocínio abstrato é uma importante projeção metafórica sobre o esquema RECIPIENTE, no qual a estrutura inferencial é preservada pelo mapeamento metafórico”<sup>93</sup>. (JOHNSON, 1987, p.40).

Lakoff (1987) apresenta os EI's como estruturadores da maioria dos conceitos circulantes socioculturalmente, a partir de noções de espacialidade e orientação que contribuem para o estabelecimento dos significados e da realidade, em uma perspectiva experiencialista, a partir da interação do ser humano com seu meio ambiente e seu corpo, sendo, nessa perspectiva, um dos tipos de MCI's. As noções de DENTRO-FORA, ALTO-BAIXO, ATRAÇÃO-REPULSÃO são exemplos de como tais noções subjazem aos processos de conceptualização, através da corporificação.

Outros estudiosos têm se debruçado sobre a análise dos diversos tipos de EI's e suas manifestações nos processos de conceptualização, sem se preocuparem em oferecer um conceito hermético a este respeito. Aqui citamos Ruiz de Mendoza Ibáñez (2004), ao abordar a relação que identifica entre os EI's e as projeções metafóricas:

---

<sup>91</sup> Tradução nossa do original: “a schema can represent an enormous number of orientational possibilities”.

<sup>92</sup> Tradução nossa do original: “They can do this because they have definite internal structure that can be figuratively extended to structure our understanding of formal relations among concepts and propositions”.

<sup>93</sup> Tradução nossa do original: “their use in abstract reasoning is a matter of metaphorical projection upon CONTAINER schemata, in which the inferential structure is preserved by the metaphorical mapping”.

os esquemas imagéticos, propostos por Johnson (1987), são representações topológicas pré-conceptuais, como as noções de movimento, de parte-todo, de espaço tridimensional delimitado (ou recipiente) e as orientações espaciais (acima/abaixo, frente/trás, esquerda/direita). Normalmente, se exploram metaforicamente produzindo metáforas primárias, muito básicas, diretamente conectadas com nossa experiência sensório-motora. Por exemplo, na oração “Estou metido em uma boa confusão”, se conceptualizam os problemas como uma região delimitada no espaço cujas condições interiores são negativas para o protagonista. Em expressões como “Os preços sobem/baixam”, se correspondem à quantidade (domínio-alvo) com a altura (domínio-fonte), correlação que se dá, com frequência, em nossa experiência cotidiana (pense-se, por exemplo, na relação entre o nível e o volume de líquido a encher um recipiente)<sup>94</sup>. (RUIZ DE MENDOZA IBÁÑEZ, 2004, p.5,6).

Gibbs e Colston (2012 [1995], p.47), ao apontarem que “estudos em LC sugerem que há mais de duas dúzias de esquemas de imagem diferentes e várias de suas transformações surgem regularmente no pensamento, no raciocínio e na imaginação humana diariamente”, também não limitam o número de possibilidades taxonômicas para os El’s, antes, defendem que os mesmos:

emergem no decorrer de atividades sensório-motoras como manipular objetos, se orientar no espaço e tempo e direcionar o foco perceptivo para vários fins [...]. Os esquemas de imagem cobrem uma ampla gama de estruturas práticas predominantes na experiência, além de possuírem estrutura interna e poderem ser elaborados metaforicamente para ajudar em nossa compreensão de domínios mais abstratos. (GIBBS; COLSTON, 2012 [1995], p.47).

Cabe ressaltar que a compreensão desses “domínios mais abstratos”, enquanto ancorados pelos El’s, é defendida por Johnson (2007, p.7), ao propor que “[a sua compreensão] procura combinar o trabalho da ciência cognitiva com a descrição fenomenológica tradicional, a fim de proporcionar uma visão enriquecida da criação humana do significado”<sup>95</sup>. Assim sendo, esse entendimento que advoga a

<sup>94</sup>Tradução nossa do original: “Los esquemas de imágenes, propuestos por Johnson (1987), son representaciones topológicas preconceptuales, como las nociones de movimiento, de parte-todo, de espacio tridimensional delimitado (o recipiente) y las orientaciones espaciales (arriba/abajo, delante/detrás, izquierda/derecha). Normalmente se explotan metafóricamente produciendo metáforas primarias, muy básicas, directamente conectadas con nuestra experiencia sensomotora. Por ejemplo, en la oración “Estoy metido en un buen lío”, se conceptualizan los problemas como una región delimitada en el espacio cuyas condiciones interiores son negativas para el protagonista. En expresiones como “Los precios suben/bajan”, se hace corresponder la cantidad (dominio meta) con la altura (dominio fuente), correlación que se da con frecuencia en nuestra experiencia cotidiana (piénsese, por ejemplo, en la relación entre el nivel y el volumen de líquido al llenar un recipiente)”.

<sup>95</sup> Tradução nossa do original: “I attempt to blend work from cognitive science with traditional phenomenological description, in order to provide an enriched view of human meaning-making”.

respeito do que seja o significado, reitera a visão que Johnson já defendia sobre a perspectiva encarnada do mesmo, conforme citamos: “O significado não é apenas uma questão de conceitos e proposições, mas também envolve imagens, esquemas sensorio-motores, sentimentos, qualidades e emoções que constituem nosso encontro significativo com o nosso mundo”<sup>96</sup>. (JOHNSON, 2007, p.8).

Johnson (1987, p.126) apresenta os que considera como os principais tipos de EI's, os quais sejam: RECIPIENTE, EQUILÍBRIO, COMPULSÃO, BLOQUEIO, CONTRA-FORÇA, ELIMINAÇÃO DE BARREIRAS, POSSIBILITAÇÃO, ATRAÇÃO, INCONTÁVEL-CONTÁVEL, CICLO, PERTO-LONGE, ESCALA, FUSÃO, CHEIO-VAZIO, SUPERPOSIÇÃO, CONTATO, PROCESSO, SUPERFÍCIE, OBJETO, COLEÇÃO<sup>97</sup>.

Assim, são várias as possibilidades de compreender e de classificar os EI's; especialmente, por seu caráter dinâmico. Dessa forma, julgamos desnecessário tentar elencar todos os possíveis esquemas até então já identificados, em operações de conceptualização abordadas em outros estudos, sem que estejam associados ao respectivo contexto de ocorrência, que venha a proporcionar uma análise mais completa sobre o referido modelo cognitivo.

Às vezes, um único MCI de EI não é suficiente para abarcar toda a significação de um conceito, de modo que há uma combinação de MCI's, a fim de explicitar melhor determinados aspectos conceptuais, como o defende Gibbs e Colston (2012 [1995]), segundo os quais, um mesmo EI pode ser instanciado em diversos tipos de domínios, pois a estrutura interna de um único esquema pode, em geral, ser metaforicamente entendida<sup>98</sup>.

---

<sup>96</sup> Tradução nossa do original: “I am going to argue that meaning is not just a matter of concepts and propositions, but also reaches down into the images, sensorimotor schemas, feelings, qualities, and emotions that constitute our meaningful encounter with our world”.

<sup>97</sup> Tradução nossa do original: “CONTAINER; BALANCE; COMPULSION; BLOCKAGE; COUNTERFORCE; RESTRAINTREMOVAL; ENABLEMENT; ATTRACTION; MASSCOUNT; PATH; LINK; CENTER-PERIPHERY; CYCLE; NEAR-FAR; SCALE; PART-WHOLE; MERGING; SPLITTING; FULL-EMPTY; MATCHING; SUPERIMPOSITION; ITERATION; CONTACT; PROCESS; SURFACE; OBJECT; COLLECTION”.

<sup>98</sup> A este respeito, citamos Oakley (2007, p.217): “O raciocínio abstrato depende da capacidade de mapear categorias perceptivas em categorias conceptuais de ordem superior. Nossas conceptualizações (a maioria dos eventos simples e das ações) envolvem transformações de esquemas imagéticos”. Tradução nossa do original: “Abstract reasoning depends on the ability to map perceptual categories onto higher-order conceptual categories. Our conceptualizations (most simple events and actions) involve transformations of image schemas”.

A fim de elucidar como se dão essas relações em rede, Lakoff (1987) analisa o MCI de *mãe* como sendo um *cluster model*<sup>99</sup>. O referido modelo acarreta em diversas noções para o conceito “mãe”, que são problematizadas enquanto demonstrações típicas de que um único conceito é insuficiente para abarcar as relações entre os esquemas ali imbricados, considerando que seja “um conceito baseado em um modelo complexo no qual uma quantidade de modelos cognitivos individuais se combinam, formando um modelo em grupo”. (LAKOFF, 1987, p.74)<sup>100</sup>. Nesse caso, os modelos cognitivos que se agrupam na conceptualização de *mãe* são os seguintes: o geracional, o da criação, o conjugal, o genético e o genealógico. Geralmente, o conceito em questão agregará mais de um desses modelos, em sua configuração, o que possibilitará as extensões metafóricas.

Corroborando com esta perspectiva de esquemas atuando em grupo, assim se posicionam Lakoff e Turner (1989, p.97): “temos muitos desses esquemas imagéticos que usamos da mesma forma [...]. Quando entendemos uma cena, nós naturalmente a estruturamos em termos dos esquemas imagéticos elementares”<sup>101</sup>. E Oakley (2007, p.218) ainda reitera esta inter-relação, ao afirmar que “os esquemas imagéticos e suas transformações operam como princípios estruturantes do modelo cognitivo idealizado; eles “colam” complexas redes em conjunto”<sup>102</sup>.

Ainda sobre os distintos tipos de esquemas, temos a contribuição de Peña Cervel (2012, p.71) que parte de outras classificações, pelos chamados “padrões experienciais” de conceptualização, elencando, assim, algumas características dos EI’s que motivaram sua proposta taxonômica<sup>103</sup> (cujas características resumimos a seguir), ao propor que os esquemas, de um modo geral, são:

*preconceptuais*- proporcionam experiências anteriores à aquisição da linguagem, a exemplo do esquema do RECIPIENTE, segundo o qual a criança,

<sup>99</sup> Traduzimos tal expressão como “modelo em grupo”.

<sup>100</sup> Tradução nossa do original: “a concept based on a complex model in which a number of individual cognitive models combine, forming a cluster model”.

<sup>101</sup> Tradução nossa do original: “We have many such images-schemas that we use in just the same ways [...]. When we understand a scene, we naturally structure it in terms of such elementary image-schemas.”

<sup>102</sup> Tradução nossa do original: “Image schemas and their transformations operate as structuring principles of the Idealized Cognitive Model: they “glue” complex networks together”.

<sup>103</sup> A autora apresenta sua proposta taxonômica dos esquemas imagéticos, segundo a qual, há três esquemas básicos para a estruturação dos demais, a saber, REGIÃO DELIMITADA, CAMINHO e PARTE-TODO, que formariam o padrão para uma ordenação e projeção dos demais esquemas.

mesmo antes de falar, experiencia o tirar e colocar objetos em interiores, por vezes, imaginários;

*não-proposicionais e corpóreos*- correspondem a padrões de significação que independem de expressões linguísticas, como a noção de VERTICALIDADE, aplicada ao formato da maioria das construções nas grandes cidades;

*estruturados*- apresentam uma lógica interna que lhes atribui significação coerente, não sendo, portanto, estruturas caóticas ou incoerentes. Assim, no esquema DE LIGAÇÃO, por exemplo, é possível haver a identificação de cada elemento constitutivo, e, em consequência, realizar o levantamento dos mapeamentos deles advindos;

*dinâmicos*- não são padrões estáticos que estão disponíveis na mente humana, mas estão sujeitos a reelaborações por parte do falante, durante sua atividade cognitiva;

*culturais*- apesar de todos os seres humanos compartilharem das mesmas características corporais, e, a maioria dos esquemas proporcionarem características experienciais semelhantes (alto-positivo; baixo-negativo etc.), a perspectivação que cada cultura oferece a determinados aspectos das noções experienciais será diferenciada, por distintos aspectos, assim, como exemplo, a noção FRENTE-TRÁS aplicada à noção de tempo, em determinadas culturas, é distinta: enquanto a cultura ocidental geralmente conceptualiza o tempo como movente (*A semana passou rápido*), em culturas orientais, como se percebe em expressões da língua hebraica, que perspectiva o ser humano como movendo-se ao encontro do tempo (*Chegarei ao fim dos meus dias*);

*superposicionais*- geralmente, os esquemas se sobrepõem, complementando as possibilidades de conceptualização. Assim, nas análises que serão socializadas nesta tese, em diversas ocorrências, identificamos mais de um EI, como o RECIPIENTE, CENTRO-PERIFERIA e FORÇA, por exemplo, ancorando conceptualizações como o movimento de entrada-saída de trabalhadores no/do mercado de trabalho.

Após esta breve exposição sobre três, dos tipos de MCI's elencados por Lakoff (1987), a saber, os metafóricos, metonímicos e de EI's, podemos, com Ruiz de Mendoza Ibáñez (2004), compreender que:

as características básicas de um modelo cognitivo idealizado, tal como se costuma entender em Linguística Cognitiva são: (1) constitui uma estrutura conceptual não simbólica, fundamentada na experiência; (2) produz efeitos de prototipicidade (pode haver manifestações centrais ou marginais da mesma); (3) incide na forma em que compreendemos o mundo, servindo como filtro de informação percebida; (4) possui propriedades gestálticas, quer dizer, se pode acessar de forma global; (5) recorre, de forma organizada e convencionalizada, nosso conhecimento sobre o mundo; (6) trata-se de uma estrutura dinâmica ou mutável na medida em que está sujeita às diferentes formas que os indivíduos têm de perceber seu entorno e comunicar-se acerca dele<sup>104</sup>. (RUIZ DE MENDOZA IBÁÑEZ, 2004, p.6).

A partir do exposto, entendemos que, para compreender um MCI, se faz necessário levarmos em conta sua heterogeneidade constitutiva, que Lakoff (1987) explica lançando mão da metáfora da rede: “[...] cada elemento de um MCI pode corresponder a uma categoria conceptual [...]. Cada esquema é uma rede de nós e links. Cada nó em um esquema pode então corresponder a uma categoria conceptual” (LAKOFF, 1987, p.69)<sup>105</sup>.

A necessidade de considerar elementos que estão além do aspecto linguístico, para compreendermos um MCI, e, portanto, as operações de conceptualização, contribui para que assumamos uma proposta de interpretação dos dados empíricos a partir de um arcabouço teórico-metodológico que contemple as questões atinentes à cognição, sem desvinculá-las das vivências socioculturais e experienciais dos sujeitos nela envolvidos. É a respeito dessa proposta por nós defendida que tratamos no próximo subtópico.

---

<sup>104</sup> Tradução nossa do original: “las características básicas de un modelo cognitivo idealizado tal como se suele entender este concepto en Lingüística Cognitiva son: (i) constituye una estructura conceptual no simbólica asentada en la experiencia; (ii) produce efectos de prototipicidad (puede haber manifestaciones centrales o marginales de la misma); (iii) incide en la forma en que comprendemos el mundo, sirviendo como filtro de información percibida; (iv) posee propiedades gestálticas, es decir, se puede acceder a él de forma global; (v) recoge, de forma organizada y convencionalizada, nuestro conocimiento sobre el mundo; (vi) se trata de una estructura dinámica o cambiante en la medida en que está sujeta a las diferentes formas que los individuos tienen de percibir su entorno y comunicarse acerca de él”.

<sup>105</sup> Tradução nossa do original: “[...] any element of a cognitive model can correspond to a conceptual category [...]. Each schema is a network of nodes and links. Every node in a schema would then correspond to a conceptual category”.



### 1.1.5 Contributos da sociocognição para a abordagem de fenômenos linguístico-conceptuais

Kövecses (2009, 2010b) defende que são múltiplas as motivações para a variação de sentidos conceptualizadores em uma mesma cultura. Elas podem envolver questões sociais, regionais, étnicas, estilísticas, subculturais, diacrônicas e individuais. Tais dimensões apontam para desdobramentos recentes nos estudos em LC e SC, que levam em conta as especificidades tanto na produção de enunciados metafóricos, quanto na circulação das formas de conceptualização, enquanto uma construção cultural coletiva. Essa nova perspectiva tem sido denominada de *sociocognição*.

De acordo com Almeida (2016b, p.7), os estudos sociocognitivistas propõem que “os sentidos não são dados *a priori*, não são estáticos, mas antes são flexíveis e negociáveis, sendo construídos na simbiose entre corporificação e situacionalidade sociocultural”. Desse modo, a referida perspectiva propõe que os dados linguísticos sejam analisados sob um olhar mais holístico, contemplando aspectos como a história, a cultura e própria constituição corporal dos conceptualizadores, o que leva em conta o aspecto interacional dos fenômenos comunicativos.

Como, na presente investigação, partimos do pressuposto de que o sistema conceptual pode mudar, entendemos a necessidade de ampliarmos o leque de possibilidades explicativas sobre a variação das formas de conceptualização de uma categoria, no âmbito de uma mesma cultura, especialmente no que tange à dimensão sócio-histórica, considerando a sociocognição como um ponto de convergência de algumas de nossas percepções sobre a relação entre a língua e o mundo.

Entendemos, nesse aspecto, que esta proposta pode ser entendida como um contributo para observarmos as variações das conceptualizações, já que tanto o aspecto cultural quanto o experiencial parecem ser indispensáveis para a compreensão do mundo, pelos seres humanos, através das formas como o expressam comunicativamente; dessa forma, considerar o aspecto variável das elaborações cognitivas torna-se relevante para um estudo sobre o sistema conceptual. Reconhecemos, assim, a inter-relação entre língua e cultura

(KÖVECSES, 2010b), como sendo uma teia de significados (GEERTZ, 2008 [1989]), a partir da qual poderemos buscar identificar relações interpretativas a respeito do próprio ser humano, que, em comunidade, compartilha saberes, discursos, costumes e crenças.

No presente subtópico, apresentaremos algumas considerações sobre a relação que observamos entre as formas de conceptualização e a cultura; e, em seguida, abordaremos as contribuições da sociocognição, no que tange à defesa por uma base corpóreo-conceptual, que entendemos coadunar-se com os estudos em SC.

#### 1.1.5.1 As formas de conceptualização e sua relação com a cultura

As investigações iniciadas por Lakoff e Johnson, em 1980, desencadearam diversas outras perspectivas hermenêuticas sobre os fenômenos da conceptualização. Diferentes estudos foram elaborados, problematizando a perspectiva universalista, outrora proposta na TMC, em prol da importância da cultura no processo de conceptualização. Nesse sentido, Kövecses (2009) discute a necessidade de debruçarmo-nos em estudos mais contextualizados das formas conceptualizadoras em culturas específicas, sob a perspectiva da SC, de modo que as noções da metáfora e da metonímia conceptuais, por exemplo, sejam melhor elucidadas, ao buscarmos elementos interpretativos em outras áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais, corroborando a ideia de que as mesmas se constituem em processos “linguísticos, conceituais, neurais, corpóreos e sociais ao mesmo tempo.” (KÖVECSES, 2009, p.259).

O autor entende a “universalidade em conceituação metafórica” (KÖVECSES, 2009, p.259) como sendo as noções partilhadas por pessoas de culturas diferentes, a respeito de algum conceito. Por exemplo, no campo das emoções, tem-se o conceito de felicidade, geralmente associado ao EI PARA CIMA (positivo)- PARA BAIXO (negativo), que é compartilhado em inglês, português, espanhol, húngaro e chinês. Para explicar tais semelhanças, há três opções, segundo o autor: o acaso, o empréstimo linguístico ou as motivações universais. Defendendo o terceiro ponto de

vista como o mais coerente nesse aspecto, Kövecses (2009) retoma a discussão sobre as metáforas consideradas primárias, ou seja, aquelas “motivadas por correlações universais na experiência corpórea” (KÖVECSES, 2009, p.260); assim, ao considerar a postura corporal geralmente ereta, em movimento, pulando, de alguém que se encontra feliz, considera plausível estabelecer tais correlações a partir das metáforas primárias, conforme propostas por Grady (1997).

Partindo desse pressuposto, a metáfora FELIZ É PARA CIMA seria considerada de nível genérico (ou universal) e as possíveis especializações de sentido dessa metáfora seriam diferentes em cada língua. Kövecses (2009) aponta como uma particularidade do inglês a conceptualização ESTAR FELIZ É ESTAR ACIMA DO SOLO, que não ocorre em chinês por exemplo. Uma ocorrência específica no português do Brasil seria ESTAR FELIZ É ESTAR NAS NUVENS, que não deixa de ser um nível ainda mais específico de ambas as expressões. Essa conceptualização remonta ao tipo de variação, denominada pelo autor, de “entre culturas”, e que evidencia melhor tais distinções nas diversas formas de conceptualização, assim:

a metáfora constitui um esquema genérico que é preenchido por cada cultura que a utiliza. Quando é preenchida, ela recebe um conteúdo cultural único em um nível específico. Em outras palavras, uma metáfora conceitual de nível genérico é atualizada por formas culturalmente específicas em um nível específico. [...] As metáforas de nível específico são atualizações da metáfora de nível genérico. (KÖVECSES, 2009, p.262).

Kövecses (2009) defende, ainda, que os constituintes<sup>106</sup> de uma metáfora estão potencialmente envolvidos na variação metafórica, de modo que, um estudo que se proponha a observar como se dá tal variação em uma mesma cultura necessitará considerar tais elementos, ou pelo menos buscar identificar quais são os predominantes na variação. O autor apresenta pelo menos duas vias explicativas sobre a motivação para a variação conceito-metafórica: as experiências humanas (contexto, história social e/ou pessoal) e os processos cognitivos (metáforas,

---

<sup>106</sup> Tais constituintes são, de acordo com Kövecses (2009, p.266), “base experiencial; domínio-fonte; domínio-alvo; relação entre a fonte e o alvo; expressões linguísticas metafóricas; mapeamentos; desdobramentos; mesclagem; atualizações não-linguísticas e modelos culturais”.

metonímias, mesclagens, além da experiência corpórea) usados na elaboração do pensamento abstrato. A esse respeito, defende que

o contexto cultural mais amplo consiste, simplesmente, em todos os conceitos e valores únicos e salientes que caracterizam culturas, incluindo os princípios governantes e os conceitos-chave numa dada cultura ou subcultura. Esses têm especial importância na conceptualização porque permeiam diversos domínios gerais de experiência em uma cultura ou grupo cultural. (KÖVECSES, 2009, p.269).

E, ainda sobre a nossa base corpórea que, acredita ser universal, e, portanto, possibilita conceptualizações por meio de metáforas universais, sugere que

A base corpórea universal *não* é utilizada da mesma forma ou nas mesmas proporções em línguas e variações diferentes. Isso quer dizer que povos diferentes podem estar direcionados a aspectos diferentes do funcionamento do seu corpo em relação a um domínio-alvo, ou que eles podem ignorar ou subestimar certos aspectos do funcionamento do seu corpo no que diz respeito à conceptualização metafórica de um domínio-alvo. [...] a base experiencial universal, em vários casos, não leva necessariamente a uma conceptualização universalmente equivalente. [...] Acredito que a fisiologia universal proporciona apenas uma base *potencial* para a conceptualização metafórica – sem limitar mecanicamente quais serão as metáforas específicas. (KÖVECSES, 2009, p.272. Grifos do autor).

Partindo do pressuposto de que as mesmas operações cognitivas usadas pelos seres humanos para estabelecerem o raciocínio em geral também o são para o desenvolvimento de relações sociais, Kövecses (2010b) defende que há uma forte relação conceptual entre língua e cultura que precisa ser considerada no âmbito dos estudos cognitivistas, de modo que “o discurso é outra fonte de criação de significados nas culturas” (KÖVECSES, 2010b, p.740)<sup>107</sup>. Apesar de todos os seres humanos compartilharem a mesma estrutura cerebral, isto não é verdade em relação às suas respectivas culturas: mais uma vez, emerge a discussão universalidade *versus* individualidade das conceptualizações, já anteriormente abordada: enquanto algumas experiências básicas possam ser tidas como universais (e por isso mesmo, fazerem emergir, por exemplo, metáforas consideradas praticamente universais), outras não são, pois são determinadas culturalmente, a exemplo de algumas

---

<sup>107</sup> Tradução nossa do original: “Discourse is another source of making in cultures”.

especificidades nas formas de compreensão do mundo. Para ilustrar tais correlações, Kövecses (2010b) traz algumas questões, como a noção espacial de localização, as formas de categorização (exemplificando com o conceito de arte) e, por fim, as formas como se representa o conhecimento, sob diferentes perspectivas teóricas. Assim, defende que:

o mundo como nós experimentamos é sempre o produto de alguma categorização prévia e enquadramento por nós mesmos e pelos outros. Um aspecto crucial do enquadramento é que indivíduos diferentes podem interpretar a “mesma” realidade de formas diferentes. Essa é a ideia de “interpretação alternativa”<sup>108</sup>. (KÖVECSES, 2010b. p.742).

As formas distintas de estabelecermos compreensão no e sobre o mundo podem ser motivadas por diversos elementos conceptuais, através dos quais a experiência fará sentido. Essa é uma das vias que, segundo Kövecses (2010b), pode explicar as variações das formas de conceptualização, seja em uma mesma ou em distintas culturas, visto que, por exemplo, enquanto em uma cultura, uma determinada categoria possa ser conceptualizada predominantemente por meio de metáforas, em outra, pode ocorrer mediante a predominância de metonímias, ou, ainda, por meio de outras operações cognitivas. Nas palavras de Kövecses (2010b, p.755): “as pessoas não usam suas capacidades cognitivas da mesma forma, de cultura para cultura”<sup>109</sup>, e ainda podemos acrescentar, na mesma cultura<sup>110</sup>. A esse respeito, assim se posiciona Silva (2010, p.42):

A base experiencial do significado é frequentemente entendida de um ponto de vista universalista, em termos de corporização (“embodiment”). Mas o significado tem origens especificamente culturais e históricas e,

<sup>108</sup> Tradução nossa do original: “The world as we experience it is always the product of some prior categorization and framing by ourselves and others. A crucial aspect of framing is that different individuals can interpret the ‘same’ reality in different ways. This is the idea of ‘alternative construal’”.

<sup>109</sup> Tradução nossa do original: “people do not use their cognitive capacities in the same way from culture to culture”.

<sup>110</sup> Corroborando esta perspectiva, Lakoff (2007) já defendia ser preferível a realização de investigações de cunho cognitivo a partir da análise da vida cultural. Ao investigar, por exemplo, os discursos políticos nos EUA, o autor ancorou seu estudo na observação sobre a moralidade do povo americano, visto que a construção dos discursos se deu, naquele contexto, motivada pelo padrão moral da comunidade: quando este era evocado pelos discursos dos candidatos a cargos públicos, o resultado foi uma maior aceitação, em relação ao seu oponente. Assim, observou que as expressões metafóricas que prevaleceram foram aquelas relacionadas à família.

portanto, origens que não são universais. Crucialmente, os aspectos corporizados da mente, cognição, linguagem e significado estão situados num contexto sociocultural. Consequentemente, a corporeidade implica a situacionalidade sócio-cultural. Por esta mesma razão, esquemas imagéticos, metáforas, metonímias etc. envolvem especificidades culturais.

A consideração pelas especificidades culturais pode ser observada em Kövecses (2010), que, com sua proposta de ampliação da TMC, discute outras teorias sobre a compreensão dos fenômenos conceptuais, como a *Categorização*, a *Teoria da Integração Conceptual*, a *Teoria Neural da Metáfora* e própria TMC<sup>111</sup>. Diante de tais possibilidades interpretativas, o autor pontua que, comumente, há o questionamento sobre qual delas será a melhor forma de tratar os fenômenos conceptuais. Em resposta, adota uma abordagem holística, defendendo a complementariedade entre as diversas formas e suas especificidades interpretativas; e, para ilustrar sua opção, parte da análise de uma única metáfora, bastante discutida no âmbito da SC: O CIRURGIÃO É UM AÇOUGUEIRO, através da qual acredita poder usar várias “lentes” teóricas para focalizar de formas diferentes um mesmo objeto. Nesse aspecto, propõe que a TMC é “baseada na ideia de que o foco do significado principal oferece-nos uma boa forma de caracterizar a emergência do significado da sentença” (KÖVECSES, 2013, p.11)<sup>112</sup>, estabelecendo propriedades atributivas à elaboração metafórica, pelas projeções inter-domínios.

Essa caracterização do significado, segundo o autor, ocorre em quatro fases: (1) reconhecer que há duas categorias conceptuais independentes (no exemplo dado: CIRURGIÃO e AÇOUGUEIRO); (2) devido à similaridade entre eles, buscar o estabelecimento de uma relação metafórica; (3) perceber que a propriedade da incompetência emerge do conceito CARNIFICINA contra o pano de fundo do conceito de CIRURGIA; (4) considerar que a projeção dessa propriedade pode se dar através da mesclagem, ao caracterizar o cirurgião e considerar um novo domínio conceitual a partir do outro<sup>113</sup>. Assim, atribuir o conceito de incompetência ao cirurgião somente é possível, ao estabelecer um comparativo com o conceito de açougueiro, e após

---

<sup>111</sup> Kövecses (2010), ao trazer novas observações sobre a TMC, assim como sua proposta de novas motivações taxonômicas para as metáforas, em texto de 2013, elenca as diversas hipóteses que se seguiram à TMC, especialmente os desdobramentos advindos com a *Teoria Contemporânea da Metáfora*, proposta por Lakoff (1993).

<sup>112</sup> Tradução nossa do original: “based on the idea of the main meaning focus gives us a good way of characterizing the emergence of the sentence’s meaning”.

<sup>113</sup> Traduzido e resumido de Kövecses (2013, p.11).

identificarem-se os mapeamentos de aspectos comuns entre eles, abordar suas particularidades, diferenciando os significados. Assim, CIRURGIÃO será o fundo conceptual para que se compreenda o significado de AÇOUGUEIRO.

É nesse sentido que a SC prioriza as análises da linguagem em uso, a fim de que, a partir dos diversos contextos culturais, seja possível perceber mais claramente outros sentidos possíveis, visto que não considera o significado como sendo inerente às expressões linguísticas, mas, sim, construídos pelo falante/leitor em suas interações. Assim, Kövecses (2009) propõe um balanceamento das discussões sobre a universalidade e a variação das metáforas, considerando seus aspectos intra e inter-culturais, buscando partir do seguinte pressuposto: “entender até que ponto e de que forma o pensamento metafórico é relevante para um entendimento de cultura e sociedade” (KÖVECSES, 2009, p.257). Tal questão envolve tanto as perspectivas teóricas dos estudos em cognição (cuja tendência, geralmente, identifica-se ao aspecto universalizante do pensamento) quanto o das ciências sociais e humanas, que tendem a defender um olhar local, perspectivador, em detrimento das generalizações, sobre os dados.

Essa percepção de fenômenos conceptuais como sendo, ao mesmo tempo, individuais e sociais, tem proporcionado ao semanticista buscar uma abordagem analítico-metodológica que englobe, também, aspectos da cultura ao considerar os dados da linguagem em uso. A própria noção de MCI's, como proposta por Lakoff (1987), e como vimos demonstrando ao longo da presente seção, sugere que, sem o suporte sociocultural a abordagem cognitiva dos dados empíricos figuraria incompleta. A ideia de tais modelos serem *idealizados*, conforme já discutimos, aponta não para sua existência necessariamente objetiva, mas, sim, para as convenções culturais a respeito dos conceitos que se pretendem elucidar, através dos modelos culturais. É nesse aspecto que Lakoff e Turner (1989) propõem, a partir de seus estudos sobre linguagem poética, que os processos cognitivos são ubíquos e convencionais, justamente por serem partilhados socialmente. Ao levantarem alguns aspectos sobre a metáfora, por exemplo, assim se colocam:

A metáfora é uma ferramenta tão comum que nós a usamos inconscientemente, com tão pouco esforço que quase nem notamos. Ela é onipresente: a metáfora permeia nossos pensamentos, não

importa o que estamos pensando. É convencional: a metáfora é uma parte integrante de nosso pensamento e linguagem cotidianos. E é insubstituível: nos permite compreender nós mesmos e nosso mundo de forma que nenhuma outra forma de pensamento o pode.<sup>114</sup> (LAKOFF; TURNER, 1989, p. XI).

Em outras palavras, a “metáfora é uma questão de pensamento”<sup>115</sup> (LAKOFF; TURNER, 1989, p.XI), a respeito de todos os temas que nos dizem respeito. Ao tratarem sobre seu objeto de estudo, os autores advogam que é justamente pelo fato de tais expressões se basearem nos sentidos que nos são familiares que a linguagem poética nos é compreensível. E esse acesso não é individual, mas possibilitado pelas vivências culturalmente partilhadas, como abordam no seguinte trecho:

Grandes poetas podem falar para nós, porque usam os modos de pensamento que nós possuímos. Usando as capacidades que todos compartilhamos, os poetas podem iluminar nossa experiência, explorar as consequências de nossas crenças, desafiar os modos como pensamos e criticar nossas ideologias<sup>116</sup>. (LAKOFF; TURNER, 1989, p. XI).

Lakoff e Turner (1989) ilustram esta perspectiva, ao analisarem expressões literárias sobre a vida, morte e tempo; a respeito da morte, por exemplo, observam que predominam a metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM, e, ao destacarem os sentidos dos mapeamentos estabelecidos a partir da nossa perspectiva cultural sobre a morte como uma passagem, ou partida para outro lugar, defendem que diferentes posicionamentos, historicamente acumulados em nossa cultura, moldam esta forma de pensar, como as mitologias grega e egípcia, a religiosidade judaico-cristã, dentre outras, de modo que “metáforas podem ser baseadas não somente em experiências diretas recorrentes, mas também no conhecimento”<sup>117</sup> (LAKOFF; TURNER, 1989, p.84). Essa possibilidade de acionarmos sentidos diversos na elaboração conceptual a respeito de entidades, eventos ou categorias no mundo é

---

<sup>114</sup> Tradução nossa do original: “Metaphor is a tool so ordinary that we use it unconsciously, with so little effort that we hardly notice it. It is omnipresent: metaphor suffuses our thoughts, no matter what we are thinking about. It is conventional: metaphor is an integral part of our ordinary everyday thought and language. And it is irreplaceable: metaphor allows us to understand ourselves and our world in ways that no other modes of thought can”.

<sup>115</sup> Tradução nossa do original: “metaphor is a matter of thought”.

<sup>116</sup> Tradução nossa do original: “Great poets can speak to us because they use the modes of thought we all possess. Using the capacities we all share, poets can illuminate our experience, explore the consequences of our beliefs, challenge the ways we think, and criticize our ideologies”.

<sup>117</sup> Tradução nossa do original: “metaphors may be grounded not only in recurrent direct experience but also in knowledge”.



uma importante característica dos MCI's, visto que são definidos culturalmente, como argumenta Ruiz de Mendonza Ibáñez:

[...] dois aspectos muito importantes da teoria da metáfora. Em primeiro lugar, observamos que uma operação metafórica se fundamenta sobre uma operação prévia de seleção de estrutura conceptual. Em segundo lugar, é evidente que tal seleção se realiza em pelo menos dois níveis: um, o relativo ao modelo cognitivo que se aplica; outro, o tocante a que parte do modelo previamente selecionado resultará pertinente para a operação metafórica. Por sua vez, esta reflexão implica que a observação do comportamento das metáforas que se baseiam em um modelo cognitivo idealizado nos pode servir de indicador natural da estrutura interna de relações deste último.<sup>118</sup> (RUIZ DE MENDOZA IBÁÑEZ, 2004, p.10).

Como endossa Silva (2010, p.46), o ponto de partida para o semanticista cognitivista é entender que:

Primeiro, não há conceitos universais. Segundo, a experiência corpórea tem um componente cultural. Consequentemente, os modelos cognitivos são formatados por modelos culturais. Teórica e metodologicamente, o conceito tipicamente cognitivista de corporização deve ser complementado com o não menos importante conceito de situacionalidade sócio-cultural. Uma implicação de maior alcance é a própria compreensão de cognição: de uma perspectiva puramente interna da "cognição como cérebro", com a primeira geração das ciências cognitivas, e mais tarde da perspectiva experiencial da cognição corporizada, passa-se agora a entender que (i) a cognição é situada, já que a atividade cognitiva tem sempre lugar num contexto sócio-cultural; (ii) a cognição é distribuída, pela repartição do esforço cognitivo entre dois ou mais indivíduos e entre eles e os seus instrumentos cognitivos; e (iii) a cognição é sinérgica, como atividade de colaboração entre indivíduos, não só sincrônica, mas sobretudo sócio-histórica.

Uma forma de mediar tais propostas, sendo que ambas se complementam, constitui-se em um desafio para os estudos semântico-cognitivistas; é a este respeito

---

<sup>118</sup>Tradução nossa do original: "[...] dos aspectos muy importantes de la teoría de la metáfora. En primer lugar, observamos que una operación metafórica se fundamenta sobre una operación previa de selección de estructura conceptual. En segundo lugar, resulta evidente que dicha selección se realiza en al menos dos niveles: uno, el relativo al modelo cognitivo que se aplica; otro, el tocante a qué parte del modelo previamente seleccionado resultará pertinente para la operación metafórica. A su vez, esta reflexión implica que la observación del comportamiento de las metáforas que se basan en un modelo cognitivo idealizado nos pueden servir de indicador natural de la estructura interna de relaciones de este último.

que têm se preocupado os estudos em sociocognição, e sobre os quais trataremos em seguida.

#### 1.1.5.2 O *sociocognitivismo* e os estudos cognitivos-sócio-históricos

Os estudos desenvolvidos no âmbito da cognição têm tido muitos avanços, especialmente no que tange ao estabelecimento de uma relação dialógica com outros campos do saber, cumprindo sua agenda originária, estabelecida durante a década de 1980, quando os semanticistas propuseram esta perspectiva interdisciplinar na abordagem dos fenômenos linguístico-conceptuais. Reconhecendo as limitações de tempo e espaço a nós impostas, optamos por apresentar, brevemente, as principais discussões que têm sido postas no âmbito das investigações cognitivas, no bojo das produções que propõem à inter-relação cognição e sociolinguística. Para tanto, ancoramo-nos nas contribuições de Silva (2010, 2009a, 2009b, 2005, 2004, 1999), Salomão (2003, 1999, 1997), Miranda (2001) e Almeida (2016a, 2016b).

Silva (1999) apresenta um panorama sobre os estudos até então desenvolvidos em SC, em uma perspectiva comparativa, em relação a outras propostas de cunho lexical. O autor destaca o que é considerado “cognitivo” em tais estudos, visto que seu interesse é, em princípio, pela semântica, e, portanto, pelo significado dos fenômenos linguageiros. Ainda a esse respeito, em texto posterior, afirma:

ao assumir que a interação com o mundo é mediada por estruturas informativas na mente, tais como a linguagem, ela [a SC] é cognitiva no mesmo sentido em que o são as outras ciências cognitivas. A Linguística Cognitiva toma a linguagem como meio da relação epistemológica entre sujeito e objecto e procura, assim, saber como é que ela contribui para o conhecimento do mundo. [...] Consequentemente, a Linguística Cognitiva assume que factores situacionais, biológicos, psicológicos, históricos e sócio-culturais são necessários e fundacionais na caracterização da estrutura linguística. (SILVA, 2004, p.2).

Partindo deste ponto de vista, Silva (2004) defende uma perspectiva analítica que cumpra os compromissos interdisciplinares delineados no âmbito da LC e da SC,

ao considerar os demais elementos partícipes do processo cognitivo como corroboradores da interação. As implicações deste posicionamento teórico-filosófico são assim postas:

Metodologicamente, a Linguística Cognitiva autodefine-se como modelo baseado no uso (expressão introduzida por Langacker, 1988, 2000). Uma orientação maximalista, não-redutiva e de baixo para cima (em contraste com o espírito minimalista, redutivo e de cima para baixo do modelo generativista). Daqui, a importância do método da observação do uso real das expressões linguísticas com base em corpora. Experiencialismo e análise do uso implicam uma orientação fundamentalmente hermenêutica. [...] E a resposta ao crucial problema da interpretação consistirá, não em encontrar uma espécie de alfabeto do pensamento humano, mas em fundamentar empiricamente as interpretações das expressões linguísticas na experiência individual, colectiva e histórica nelas fixada, no comportamento interaccional e social e na fisiologia do aparato conceptual humano. (SILVA, 2004, p.2).

Considerando as dimensões “experiência individual, colectiva e histórica” das formas de conceptualização que vão se fixando, ao longo do tempo, propõe-se o chamado *Sociocognitivismo*, como aparato teórico-metodológico para o desenvolvimento das investigações em SC. Propondo uma reflexão a este respeito, Silva (2009b, p.511) assim se coloca:

Perspectiva cognitiva e perspectiva social da linguagem serão compatíveis? Poderá a abordagem da linguagem de um ponto de vista psicológico, e portanto como parte da organização do conhecimento na mente individual, integrar os aspectos sociais das línguas? Poderá a concepção da cognição humana reconhecer como determinantes os aspectos interindividuais, sócio-culturais e variacionais?

Em resposta, o autor sinaliza que a SC busca assumir estes desafios epistemológicos ao propor uma abordagem cognitiva engajada no aspecto social da linguagem, justamente por reconhecer que ainda “existem, todavia, algumas resistências à inevitabilidade de integrar na agenda da LC a variação lectal (dialectal, sociolectal, idiolectal) e outros aspectos sociais da linguagem” (SILVA, 2009b, p.511).

Partindo da proposta inaugural dos semanticistas cognitivos americanos (Lakoff e Johnson, Langacker e Talmy), Silva (2009a, 2009b) defende que os estudos em SC tornam compatíveis as perspectivas social e cognitiva da linguagem, na medida em que “estuda a linguagem como parte integrante da cognição humana,

metodologicamente se apresentando como um ‘modelo baseado no uso’ linguístico, e, não só permite, como promove uma visão integrada da linguagem” (SILVA, 2009b, p.511). Esta perspectiva foge da proposta descontextualizadora, em que se defendia o acesso do “cognitivo sem o social”. A recontextualização, promovida pelos estudos em LC, constitui-se em uma ruptura de caráter teórico-filosófico-metodológico com as assim chamadas ciências cognitivas da primeira geração, via de regra, vinculadas aos modelos gerativistas. Essa volta do “psicológico ao social”, proposta pela LC, de acordo com Silva (2009a, p.516), baseia-se nos princípios fundantes da teoria, os quais são: um modelo orientado para o significado, experiencialista, baseado no uso e recontextualizador, o que implica em outro recente desdobramento dentro da SC, a chamada *cognição situada* (ou *cognição social*<sup>119</sup>), a respeito da qual Silva comenta:

A cognição é situada, já que a actividade cognitiva tem sempre lugar num contexto sócio-cultural; a cognição é distribuída, pela repartição do esforço cognitivo entre dois ou mais indivíduos e entre eles e os seus instrumentos cognitivos; a cognição é sinérgica, como actividade de colaboração entre indivíduos, não só sincrónica, mas sobretudo sócio-histórica. (SILVA, 2009a, p.517).

Após sua exposição de cunho mais filosófico-epistemológico sobre o sociocognitivism, Silva (2009a) apresenta mais didaticamente a referida proposta de investigação:

Cabe perguntar o que há de específico na emergente Sociolinguística Cognitiva e que contributo pode ela oferecer à investigação sociolinguística em geral? Podemos apontar três aspectos. Em primeiro lugar, a própria perspectiva cognitiva dos fenómenos variacionais; concretamente, a *aplicação dos modelos cognitivos descritivos no estudo da variação linguística*. Em segundo lugar, a exploração da cognição social, particularmente, a elucidação da interacção dialéctica entre o nível individual cognitivo e o lado social das normas colectivas. Finalmente, mas não menos importante, o desenvolvimento de métodos quantitativos baseados em corpora e de métodos de análise multivariacional da confluência de factores conceptuais, discursivos e variacionais dos fenómenos linguísticos. (SILVA, 2009a, p.519. Grifo nosso).

---

<sup>119</sup> O autor, a este respeito, cita: Zlatev (1997; 2007); Tomasello (1999); Bernárdez (2004, 2005, 2008a, b); Ziemke, Zlatev & Frank (2007) e Frank, Dirven, Ziemke & Bernárdez (2008).

A nossa perspectiva de interpretação, para o presente estudo, centrou-se no primeiro aspecto levantado pelo autor: a discussão em torno dos “modelos cognitivos descritivos”, especialmente, conforme já sinalizado, nos modelos cognitivos de carácter metafórico, metonímico e imago-esquemático.

Além desses princípios gerais e norteadores, o autor elenca, também, algumas questões que têm norteado as investigações, de modo mais pragmático, sobre o que chama de “variação lectal<sup>120</sup>” e sua relação cultura/cognição:

diferenças linguísticas locais e nacionais reflectem diferenças culturais? Até que ponto essas diferenças se correlacionam com diferenças cognitivas? [ou, ainda, sobre as referidas variações lectais e o conhecimento da linguagem:], como é que a variação lectal afecta a ocorrência dos fenómenos linguísticos? Que modelos cognitivos e culturais os falantes utilizam para categorizar diferenças lectais? Como medir variação e mudança linguísticas? Até que ponto as diferenças linguísticas nacionais reflectem diferenças culturais e se relacionam com diferenças conceptuais? (SILVA, 2009a, p.519).

Essas e outras questões são apontadas enquanto a forma como contemporaneamente se tem pensado os problemas relacionados às línguas, entendidas como formas de conceptualização.

Uma dessas propostas é o sociocognitivismo, que, a partir da década de 1990, surge, formalmente, como linha investigativa no Brasil, em consonância com os princípios da agenda de estudos cognitivistas, aqui já esboçada nos subtópicos anteriores<sup>121</sup>. Defendendo a *Hipótese Sociocognitiva* (SALOMÃO, 1997, 1999, 2003; MIRANDA, 2001), tais estudos consideram aspectos sociais e culturais na abordagem de fenômenos linguístico-conceptuais. Como aborda Salomão (1999), tal desdobramento teórico se dá, na medida em que postula

a linguagem como operadora da conceptualização socialmente localizada através da atuação de um sujeito cognitivo, em situação comunicativa real, que produz significados como construções mentais, a

<sup>120</sup> De acordo com Silva (2010, p.48), “o termo lectal designa todos os tipos de variedades linguísticas ou *lectos*: dialetos, variedades nacionais, sociolectos, registros, estilos”.

<sup>121</sup> A este respeito, citamos Miranda (2001, p.57): “O prisma teórico construído a partir da unificação dessas reflexões [sobre cognitivismo e interacionismo] corresponde à Hipótese Sócio-Cognitiva da Linguagem, desenvolvida no Brasil pelo grupo de pesquisa Gramática e Cognição (UFJF/UFRJ/UERJ)”.

serem sancionadas no fluxo interativo. Em outras palavras, a hipótese-guia é que o sinal lingüístico (em concomitância com outros sinais) guie o processo de significação diretamente no contexto de uso. Pela sua ênfase equilibrada em todas as fontes de conhecimento disponíveis (gramática, esquemas conceituais, molduras comunicativas), esta hipótese denomina-se sócio-cognitiva. (SALOMÃO, 1999, p.64).

Inaugura-se, assim, uma perspectiva mais holística de abordagem dos dados linguísticos, não apenas como significantes estanques, mas como mostra de um processo conceptual movente, cujo motor é o sujeito, em suas interações comunicativas.

Salomão (2003) defende que, na contemporaneidade, as relações interpretativo-referencialistas do/no mundo se dão, não mais sob a égide do binômio mente/mundo, mas sim ser humano/corpo/linguagem/mundo. Isto implica em dizer que o foco cognitivista dos estudos em significação não está mais, necessariamente, em questões mentalistas, antes, opta por perceber a relação homem-mundo-linguagem como essencial em sua leitura do mundo, de modo a “explicar a produção do sentido como espaço cooperativo dos participantes na cena comunicativa” (SALOMÃO, 2003, p.75).

Sem considerar o elemento contexto-interacional, a compreensão dos elementos conceituais fica apenas no plano linguístico/formal, o que, de acordo com o sociocognitívismo, resulta em um procedimento hermenêutico insuficiente e “impenetrável se não relativizado às cenas conceituais motivadoras de sua enunciação” (SALOMÃO, 2003, p.76). Essa insuficiência aponta para o primeiro princípio que se constitui como nuclear para o programa sociocognitivo, o da *escassez da forma lingüística*, segundo o qual a forma, de *per si*, não “contém” o sentido, já que este é construído pelo outro, no âmbito de suas interações, sendo, portanto, perspectivista, como já o defendiam Lakoff e Johnson (2002 [1980]), ao questionarem a existência de um sentido objetivamente identificável, para os fenômenos linguísticos. Assim sendo, diversos fatores contribuem, em conjunto, para a apreensão dos sentidos, como por exemplo, em uma interação verbal, elementos como a entonação, a modularização, a gestualidade, postura corporal, expressão facial, disposição espacial dos falantes, dentre outros, chamados de “semioses concorrentes” (SALOMÃO, 1999, p.65), jogam um papel relevante na apreensão significativa.

Além da semiose, Salomão (1999) propõe outros dois princípios, a saber, o do *dinamismo contextual* e o princípio do *partilhamento das ações de linguagem*. O *dinamismo contextual* põe em xeque a noção de *contexto* como sendo um conjunto de variáveis às quais recorreremos para compreender determinada cena enunciativa, geralmente, não relacionada ao falante. Esse paradigma propõe uma continuidade entre sujeito e mundo, por meio da linguagem, ou seja, “contexto como modo de ação construída socialmente, sustentada interativamente e temporalmente delimitada” (SALOMÃO, 1999, p.75). Comentando essa noção movente de *contexto*, novamente citamos Salomão:

Cabe a pergunta: onde termina a linguagem? Onde começa o contexto? Dentro da perspectiva que adotamos, o mundo (para nós que o percebemos ou o conceptualizamos) é também sinal; há, portanto, uma continuidade essencial entre linguagem, conhecimento e realidade que não as reduz entre si, mas as redefine em sua fragmentária identidade (como realidade, ou como conhecimento, ou como linguagem), segundo as necessidades locais da interação humana. (SALOMÃO, 1999, p.70-71).

Corroborando esse princípio do contexto enquanto ação no mundo, há o princípio do *partilhamento das ações de linguagem*, que sugere a construção coletiva desse mesmo contexto, como uma “operação social” (FERRAZ, 2007, p.24). A partir dessa perspectiva interacionista, o pesquisador volta o seu olhar para as relações do sujeito-com-o-outro, e também para as relações do sujeito-com-o-mundo. A fim de ilustrar essa questão, citamos Salomão (2003), ao discutir nossa forma cotidiana de encararmos o tempo, e como consultamos nossos relógios, ao mensurarmos o passar das horas:

Consideremos a experiência de uso dos relógios de pulso: na verdade os usamos para garantir a comensurabilidade de nossos estares-no-mundo; a certeza de que os relógios marcam o mesmo horário subsidia nosso sentimento de estarmos juntos no tempo. A externalidade destas formas simbólicas que se afiguram “coisas” tem a finalidade de construir nossa condição de pertinência a um grupo social específico, o qual, em condições históricas assemelhadas, faz sentido – o mais coletivo de todos os modos de produção. (SALOMÃO, 2003, p.79-80).

O fato de que podemos compreender os significados como sendo partilhados cultural-socialmente, segundo Salomão (2003, p.79), “reflete o caráter eminentemente

social da cognição”, e que, filosoficamente, situa-se em um paradigma que, retomando Lakoff e Johnson (1999), percebe o mundo como pragmaticamente encarnado.

Ilustrando essa preocupação da retomada do aspecto cultural-contextual para a identificação dos sentidos, Salomão (1999) cita as investigações realizadas em torno do *espectro de cores*, desenvolvida em diversos grupos sociais, e que, a partir dos estudos em categorização, apontam para a eminência da perspectiva do grupo como motivadora do estabelecimento das cores, além de outras categorias (LAKOFF, 1987). Esse aspecto cultural das formas de conceptualização são, igualmente, defendidas por Tomasello (2007[1999]), em seus estudos sobre a antropologia evolutiva, visando a melhor compreender as origens da cognição do ser humano, ancorado em uma perspectiva cultural. Nesse sentido, Salomão (1999) discute o nosso aparato cognitivo, ao responder a outras circunstâncias significativas, que ultrapassam o plano do modularidade mental (como outrora se defendia nos estudos iniciais de cunho cognitivista):

Dentro da moldura teórica que nos recortamos, a linguagem é essencialmente um dispositivo para a construção do conhecimento. Acreditamos que em decorrência do processo evolutivo, um número limitado de estruturas (codificáveis pelo som, pelo gesto, pela escrita) sirva à projeção, difusão e transformação de informações em situações objetivamente as mais dissimilares. A aquisição desta capacidade requer que cada criança nasça dotada de poderosos recursos cognitivos embora não necessariamente de uma faculdade da linguagem autônoma, infensa à experiência comunicativa, cultural e histórica. É neste campo da lingüística, entre os estudos sociais e cognitivos, sobre os quais acreditamos, esperançosamente, que seja possível lançar uma ponte, que nossas convicções sócio-cognitivistas se localizam. (SALOMÃO, 1999, p.76).

Miranda (2001) corrobora esta perspectiva, ao afirmar que:

Firmado a partir da sustentação do caráter social da cognição humana, o princípio do partilhamento nos processos de significação põe em relevo a participação dos interactantes. O sentido não seria, pois, uma propriedade intrínseca da linguagem, mas o resultado de uma atividade conjunta que presume cooperação, consentimento. Em outros termos, significa dizer que a linguagem é conhecimento para o outro, que o sentido é uma construção situada no jogo, no drama da interação. É



assim, pois, que informações idênticas podem ser processadas de modo distinto em contextos diferentes. (MIRANDA, 2001, p.58).

Miranda (2001) destaca que é sabido que o sociocognitivismo não inaugura os estudos em cognição (o que se demonstra a partir da extensa produção na área da LC, em geral, e da SC, e seus muitos desdobramentos); no entanto, em relação aos pressupostos de caráter analítico-metodológicos, levanta alguns limites entre tais abordagens, que, aqui citamos:

Há, no entanto, uma diferença a ser relevada entre o cognitivismo praticado por tal grupo e a agenda investigativa sustentada pela Hipótese Sócio-cognitiva. O cerne dessa dissensão está no fato de os cognivistas anunciarem a dimensão contextualizada do processo de significação, mas acabarem, de fato, presos a um trato do usuário como um agente essencialmente cognitivo. É uma questão de FOCO: o que é para esses estudos a periferia é para o sócio-cognitivismo o centro. *O coração da atividade interpretativa está no caráter social da cognição e, portanto, no sujeito interativo* – um sujeito que constrói a identidade, o conhecimento, na dialogia, no partilhamento com o outro. O objetivo é, pois, fazer cumprir uma agenda: sem sujeitos ou cenas idealizados, buscar flagrar o processo de significação, desvelando-lhe a face cognitiva, social e linguística. O compromisso de, no trato analítico, não fugir da complexidade. (MIRANDA, 2001, p.59. Grifo nosso).

Desse modo, evidencia-se o caráter holístico das abordagens sociocognitivistas: “O pleito sócio-cognitivo erige-se em um tripé: linguagem, cognição e uso, em que a definição e a relação posta para os dois primeiros implica, de fato, uma larga determinação do uso” (MIRANDA, 2001, p.62). O foco na questão da linguagem em uso deve ser aqui salientado, visto que são os usos que possibilitam o que Miranda (2001, p.62) chama de o “caráter público da interpretação”, ao apresentar o que entende como as principais teses defendidas pela sociocognição:

TESE I: A linguagem é uma forma de ação.

TESE II: As ações de linguagem são ações conjuntas.

TESE III: A cena interativa – molduras comunicativas – tem caráter estável e dinâmico a um só tempo.

TESE IV: Múltiplas informações (e semioses) disputam o foco na cena interativa.

Acreditamos que as referidas teses já condensam os principais pressupostos até aqui por nós expostos, porém, algumas observações nos pareceram necessárias.

As teses I e II, que defendem as ações de linguagem como sendo conjuntas, e que, portanto, são resultados de interações partilhadas em sociedade, se coadunam com nosso entendimento de que não se fez necessário, no caso da presente investigação, termos acessado uma quantidade muito grande de ocorrências a fim de observarmos os fenômenos conceptualizadores do *trabalho*<sup>122</sup>. Partindo do pressuposto de que toda e qualquer manifestação linguística é partilhada e de que se estão postas como estão, supomos que houve, no caso da linguagem jornalística, por exemplo, um leitor em potencial que compreenderia o que se escreveu; assim, reiteramos nossa hipótese de que o domínio discursivo do jornalismo configura-se como uma fonte potencial de mostras da linguagem em uso. Assim, o sujeito escrevente constitui-se na e pela linguagem, visto que, por ela, estabelece interação, por ser esta uma “ação conjunta”:

Na perspectiva sociocognitiva não há cesura entre linguagem e mundo. O realismo cognitivista (não-metafísico) reconhece que o mundo existe e que a mente é inseparável do mundo, em sua materialidade e em sua história: de fato, a mente é parte do mundo e, nesta condição, não o representa, mas atua nele, e o transforma ao transformar-se. (SALOMÃO, 2003, p.83).

A respeito da tese III, salientamos que esse caráter estável-dinâmico das “molduras comunicativas” (que aqui entendemos como os domínios da experiência a partir dos quais se organizam as estruturas conceptualizadoras) é que possibilita tanto a mudança/variação quanto a permanência dos sistemas conceptuais, ao longo dos séculos. Sem esse caráter de expansão e retorno, os sujeitos não poderiam estabelecer comunicação, visto que a economia linguística não seria eficaz. Cabe salientar que este aspecto da linguagem não é autônomo, antes, trata-se de uma construção ao longo do tempo, pelo próprio falante, como sendo o “trabalho ecológico do sujeito cognitivo”, assim caracterizado “por orientar sua ação numa específica moldura (física, mental, social) e por movimentar contínuas semioses para a construção do sentido como entendimento localmente validado”. (SALOMÃO, 2003, p.73). Reiterando esta percepção, citamos Silva (2010, p.47):

---

<sup>122</sup> Na seção posterior, discutiremos a respeito do mito do objetivismo no que tange à representatividade das amostras de corpus.

Pensamento e linguagem existem em mentes individuais, mas constroem-se na interação social. A conceptualização é, pois, necessariamente interativa: os nossos conceitos, os nossos significados, as nossas 'realidades' são produto de mentes individuais em interação entre si e com os nossos contextos físicos, sócio-culturais, políticos, morais etc. As categorias linguísticas constituem-se por abstração e convencionalização a partir de eventos de uso, isto é, instâncias atuais do uso da linguagem. Consequentemente, faz parte da base conceptual do significado de uma palavra ou construção qualquer aspecto recorrente do contexto interaccional e discursivo.

Assim, o interesse pelo aspecto histórico dos desdobramentos cognitivos ancorados nos usos linguísticos fundamenta os estudos sociocognitivistas na contemporaneidade, a exemplo dos estudos sobre os MCI's, por levarem em conta as formulações coletivas a respeito de categorias diversas: ao mesmo tempo em que são individualmente e cognitivamente idealizadas, são, também, coletivamente partilhadas, o que leva a manutenções ou rupturas conceptuais<sup>123</sup>. Como sugere Almeida (2016a, p.51), ao discorrer sobre as metáforas conceptuais circulantes em redes sociais e produzidas durante as manifestações populares ocorridas no Brasil, no ano de 2013:

[...] é necessário refletir sobre metáforas conceptuais construídas on-line, advindas de outras metáforas já existentes em nosso cérebro coletivo, formadas por nossas experiências socioculturais, constituídas no devir da história humana; é a relação da história no seu fazer-se e da história feita no seu constituir-se. História da língua, história do Brasil, história do homem fazendo-se on-line.

Os estudos linguístico-cognitivistas contemporâneos têm se prestado a investigar fenômenos diacrônicos, de variação intralinguística, com esta perspectiva sociocognitiva<sup>124</sup>. Entendemos que um importante acarretamento para tais estudos diz respeito à nova concepção de língua e gramática que então é delineada. Concordamos com Salomão (1997), ao propor que em lugar de entendermos a língua/gramática como estrutura, doravante a(s) percebemos como fenômeno:

<sup>123</sup> A esse respeito, vide o conceito lakoffiano dos MCI's, já discutidos na presente seção.

<sup>124</sup> Citamos, como exemplo de um dos estudos pioneiros nesse aspecto sociocognitivista e diacrônico, interlinguístico, a investigação de doutoramento de Silva, publicada sob o título "A Semântica de DEIXAR: uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical", de 1999, e também sumariado em Silva (2005).

Esta virada fenomenológica quanto à gramática nos leva a que a encaremos como dispositivo sócio-cognitivo: não apenas operadora da criatividade linguística, mas também instrumento da delimitação social sobre a liberdade de interpretação, em concorrência com os demais sistemas semasiológicos com os quais funciona articuladamente. [...] a gramática não só organiza a interação, mas constitui, por seu direito próprio, um modo de interação social. (SALOMÃO, 1997, p.35).

Em consequência deste pressuposto, Salomão (1997) defende, e com ela concordamos, que a previsibilidade do funcionamento da língua/gramática passa a ser revista<sup>125</sup>, visto que não possuem uma existência autônoma, o que cede lugar ao interesse do linguista em entender as motivações dos falantes para, assim, compreender a mudança na língua, já que “a gramática é o instrumento da conceptualização socialmente determinada” (SALOMÃO, 1997, p.36). Os movimentos conceptualizadores operacionalizados pelos falantes assumem um lugar central na investigação proposta pelo enquadre teórico das ciências cognitivistas, como aponta Almeida (2016b, p.7):

O sociocognitivismo requer uma abordagem da conceptualização (processo dinâmico de construção de sentidos, logo, de compreensão do mundo), situada socialmente, portanto a partir de usos efetivos da linguagem e realizada por pessoas conceptualizadoras que geram variados sentidos, nas diferentes interações das quais participam em diferentes situações cotidianas, com sua mente corporificada.

Pelo fato de tais interações não serem estanques, nem abruptas, mas, sim, processuais, cabe ao linguista conferir tais fenômenos a partir de dados da linguagem em uso (SALOMÃO, 1997, 2003). Como defende Almeida (2016b, p.8), no escopo da sociocognição, “concebe-se uma cognição interacional e, socialmente, localizada, considerando, como elemento basilar, para a significação, ao invés das estruturas linguísticas, os usos sociais da língua pelas pessoas”. Isso implica que

o conjunto de representações das experiências das gerações precedentes, na forma de um acervo de modelos culturais, [aponta para

---

<sup>125</sup> Citamos, ainda, Salomão (2003), a este respeito: “O avanço das ciências cognitivas permite-nos pensar em um novo universalismo, assim como em uma nova razão, compatíveis com um conceito de mente, autorizado por imperiosa evidência empírica, como rede de conexões neurais operando em continuidade ecológica com o ambiente imediato, num fluxo de energia recíproca. Esta continuidade mente/mundo, antes de ser descartada como biologismo reducionista, encontra respaldo na *concepção radial da cultura*, endossada por estudos contemporâneos da antropologia cognitiva” (SALOMÃO, 2003, p.80. Grifo nosso).

a noção de que] cultura é cognição distribuída, [que requer] o tratamento da cognição como *rede social* e o reconhecimento da dimensão material da experiência cognitiva. (SALOMÃO, 2003, p.80. Grifo nosso).

Nesse aspecto, contemplamos esse pressuposto, visto que a partir do nosso interesse de pesquisa, propomos um olhar cognitivo e social sobre os dados, e buscamos investigar um fenômeno conceptualizador que atravessou o lastro temporal por nós definido, a saber, os séculos XIX, XX e XXI.

Esperamos que nossa investigação possa ter desvelado aspectos cognitivos-sócio-históricos relacionados às formas das operações conceptualizadoras, em amostras do português do Brasil, de modo a ventilar contribuições interpretativas sobre o sistema conceptual do *trabalho*, visto que:

o cognitivo e o social estão, afinal, intrinsecamente relacionados. Por um lado, o cognitivo implica o social, visto que a cognição não pode ser entendida como um fenômeno meramente individual, mas antes como uma actividade situada, distribuída e sinérgica. Por outro lado, o social pressupõe o cognitivo, na medida em que a linguagem reside primariamente nas mentes individuais, sem as quais a interação linguística não poderia existir. Investigações recentes em várias áreas das ciências cognitivas aportam evidências convergentes sobre a corporização e a situacionalidade sócio-cultural da cognição humana. A Linguística Cognitiva tem desempenhado um papel da maior relevância na exploração destes conceitos no estudo da linguagem e na consequente reinterpretação das relações entre linguagem, cultura e cognição. (SILVA, 2009a, p.521).

Concordes com esta perspectiva, defendemos, em nosso estudo, o caráter dialógico e movente dos processos conceptualizadores. Dessa forma, a movência dessas formas de conceptualizações do *trabalho* foram melhor abordadas levando em conta, de modo mais efetivo, as relações humanidade-mundo-linguagem que estiveram disponíveis a nós, através dos dados empíricos aos quais acessamos, além de nossos conhecimentos enciclopédicos partilhados.

Buscamos, através desta seção, apresentar o aporte teórico que fundamentou a presente investigação, na busca pela compreensão da conceptualização do *trabalho*, por meio de modelos cognitivos metafóricos, metonímicos e imago-esquemáticos acionados em textos escritos jornalísticos.

O levantamento aqui realizado não pretendeu ser conclusivo, mas, sim, apontar os passos, ao buscarmos estabelecer nosso olhar semântico-cognitivo sobre os fenômenos relacionados às formas de conceptualização então identificadas no corpus investigado.

Reconhecemos, nesse ínterim, que nem todas as mais recentes teorias da área da SC, atinentes à conceptualização, foram aqui abordadas. Essa decisão, no entanto, não diminui o mérito das mesmas, em detrimento daquelas que foram aqui apontadas como norteadoras para a nossa investigação, mas se justifica pela necessidade de delimitação do nosso aporte teórico, a fim de procedermos às análises, objetivando alcançarmos uma maior coerência procedimental, considerando, inclusive, as limitações impostas pelo tempo disponível para execução do presente estudo.

Tratamos, na próxima seção, a respeito das escolhas filosófico-metodológicas tomadas para a execução da nossa investigação e do caminho percorrido, no trato com os dados selecionados.

## 2. ASPECTOS FILOSÓFICO-METODOLÓGICOS

A tarefa de estudar a língua e os sistemas conceptuais humanos, em uma perspectiva histórica, constitui-se em um desafio para os semanticistas. Em primeiro lugar, deparamo-nos com as diferentes possibilidades de abordagem que implicam em distintos caminhos metodológicos, seja em uma proposta sincrônica, que proponha uma investigação a partir de recortes temporais, ou em uma proposta sócio-histórica, que opte por um olhar comparativo, sobre mudanças identificadas, ao longo do tempo. Na presente investigação, por termos objetivado analisar o comportamento semântico das conceptualizações do *trabalho* em recortes temporais distintos, e, *a posteriori*, observar como o fenômeno se deu ao longo do tempo, tivemos um interesse tanto sincrônico quanto diacrônico.

Uma problemática, que surgiu ao longo da nossa investigação, referiu-se ao estabelecimento das fontes para a análise; isto pelo fato de não termos partido de um corpus definido para considerar determinado fenômeno, mas, aprioristicamente, termos o objeto de pesquisa, a saber, as conceptualizações do *trabalho*, para, a partir de então, passarmos à etapa de constituição do corpus.

Assim sendo, a presente seção apresentará as inquietações metodológicas que surgiram durante o desenvolvimento do nosso estudo, permeando questões sobre a possibilidade (ou não) de adotar critérios de escolha das fontes que possam diminuir a intervenção do pesquisador sobre os resultados que se venha a encontrar; e, ainda, sobre os caminhos metodológicos que as recentes pesquisas em SC têm apontado, enquanto uma área em constituição, especialmente, no que tange aos referidos critérios, a fim de promover um equilíbrio qualitativo-quantitativo na composição da amostra.

Para tanto, explicitamos os passos metodológicos então adotados ao longo da investigação, cujos resultados serão aqui apresentados.

## 2.1 A questão metodológica em pauta: caminhos da pesquisa em Semântica Cognitiva

Uma das decisões metodológicas mais complexas a serem tomadas em estudos da área das Ciências Linguísticas, a nosso ver, é estabelecer um limite entre uma abordagem de cunho qualitativo e outra de caráter quantitativo. Diversos estudiosos, a exemplo de Günther (2006), Kabatek (2013), Berlinck (2008), Chueke e Lima (2012), Sardinha (2000), têm se debruçado sobre o tema, propondo algumas respostas norteadoras a este respeito, por isso, julgamos pertinente considerar as referidas falas na presente discussão.

Buscamos, além desses contributos, através de um levantamento bibliográfico em teses e dissertações defendidas nos últimos cinco anos na área de SC, vislumbrar os caminhos metodológicos que estão sendo trilhados pelos pesquisadores brasileiros, ao discutirem questões atinentes ao comportamento conceptual em textos verbais, a fim de verificarmos como tais caminhos poderiam colaborar nas decisões que tomaríamos durante a presente investigação. Passemos, portanto, com o presente subtópico, à exposição das referidas decisões, no que tange à composição do corpus para análise, após considerarmos os caminhos já trilhados por outros pesquisadores da área.

A busca pelas teses e dissertações deu-se através da consulta ao site do Banco Brasileiro de Teses e Dissertações (BBTD), refinando a pesquisa com as expressões “conceptualização”, “metáfora”, “semântica cognitiva”, “trabalho”, “jornalismo”. Além desse repositório, buscamos, também, tais obras seguindo as indicações encontradas em artigos, livros e nas próprias dissertações e teses da área, consultando-as diretamente nos endereços apontados pelos autores, em suas referências, através do site de busca *Google*<sup>126</sup>.

---

<sup>126</sup> Tal etapa da pesquisa nos foi bastante produtiva, de modo que o mapeamento das produções não ocorreu em um único momento, mas se estendeu ao longo de todo o ano de 2014, contando com as contribuições do grupo de pesquisa em Semântica Cognitiva (GESCOG) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que, além de discutir tais questões nos encontros semanais regulares, promoveu, no referido ano, um *Workshop*, a fim de problematizar questões de ordem metodológica percebidas em teses e dissertações recentemente defendidas na área de SC.



Para tanto, selecionamos duas dissertações de Mestrado e duas teses de Doutorado, defendidas entre os anos 2010 e 2012, em diferentes programas de Pós-Graduação de Universidades brasileiras. A escolha dos trabalhos finais buscou contemplar instituições de pesquisa de distintas regiões do país, sendo elas a Universidade de São Paulo, a Universidade Federal de Minas Gerais, a Universidade Federal de Caxias do Sul e a Universidade Federal da Paraíba<sup>127</sup>. O critério de busca concentrou-se em trabalhos que tivessem se debruçado sobre fenômenos de conceptualização, em uma perspectiva cognitivista. Pelas limitações de tempo, não nos foi possível realizar uma pesquisa exaustiva, daí a razão de termos selecionado somente quatro trabalhos finais para discutirmos na presente seção<sup>128</sup>.

No breve levantamento então realizado, percebemos que houve um silenciamento dos autores, no âmbito das suas escritas, sobre o que se caracteriza como uma pesquisa de cunho qualitativo<sup>129</sup>. A nossa impressão foi que, de uma forma geral, se entende *pesquisa quantitativa* como aquela que oferece um olhar investigativo sobre um grande número de dados (podemos aqui pensar em palavras ou caracteres), que, devido à impossibilidade de tratamento manual da informação, recorre-se ao uso de ferramentas computacionais para levantamentos e quantificações estatísticas. Por outro lado, a *pesquisa qualitativa* seria aquela que se utiliza de uma quantidade razoável<sup>130</sup> de dados, que viabilize o tratamento manual e individual dos mesmos, sem necessidade de quantificações mais aprofundadas, através de programas computacionais específicos.

---

<sup>127</sup>As dissertações de Mestrado analisadas foram: *Jornalismo institucional: metáforas conceituais e recursos argumentativos presentes no discurso jornalístico* (SANTOS, 2010); *Metáforas do corpo humano nas ciências da saúde: os mapeamentos conceituais das estruturas, órgãos e vísceras* (FERREIRA, 2012). As teses de Doutorado consultadas foram as seguintes: *Aspectos linguísticos, comunicativos e cognitivos das metáforas terminológicas: uma análise baseada em um corpus da Genética Molecular* (OLIVEIRA, 2011); *Metáforas conceituais da corrupção na charge e no blog jornalístico* (CARNEIRO, 2012).

<sup>128</sup>A consulta a materiais de divulgação de pesquisas em SC, durante a realização da pesquisa, não esteve limitada a esse número, porém, pela necessidade de limitações de tempo e espaço, e, para cumprir o objetivo aqui proposto, que foi demonstrar como determinadas pesquisas têm sido delineadas no que respeita ao trato com questões metodológicas de cunho quali e quantitativo, acreditamos que este número tenha sido suficiente, sem pretensões de estabelecer generalizações sobre o que ocorre em todas as pesquisas em SC, tarefa que, no presente contexto, seria inexecutável.

<sup>129</sup>Com o referido levantamento, não pretendemos buscar modelos para aplicação (ou não) na presente investigação, mas sim observar como os pesquisadores têm se posicionado a respeito da prática da pesquisa qualitativa, em SC, contemporaneamente. Por isso, não julgamos necessário emitir um posicionamento crítico a respeito de cada um deles, informando o que será ou não adotado em nossa investigação.

<sup>130</sup>Por entendermos que a *razoabilidade* seja uma questão relativa, antes de nos posicionarmos, metodologicamente, para realizarmos uma investigação de caráter *qualitativo* ou *quantitativo*, tivemos a necessidade de repensar tais conceitos, por meio desse exercício.

Temos consciência, porém, de que a questão não é assim tão simples quanto parece, visto que se faz necessário compreender os pressupostos filosóficos que norteiam as posturas de cunho metodológico adotadas nas distintas propostas de investigação. Há pesquisas de caráter qualitativo que consideram grande quantidade de dados, em suas análises<sup>131</sup>, enquanto outras realizam pesquisas quantitativas, como no caso de pesquisas por amostragem, a exemplo das pesquisas de opinião (IBGE, Vox-Populi etc), com um número de dados pequeno, ao se considerar o todo que representa o número real de dados.

Concordamos, nesse íterim, com Cardoso (2013) que considera a confluência quantitativo-qualitativo em pesquisas na área de (Socio)linguística como um “dadaísmo metodológico”, o que não impede que tal confluência assuma outras nuances, revendo os sentidos então postos, assim como o movimento literário ao qual compara a referida prática de pesquisa: “Uma possível inquietação acadêmica leva esse pesquisador mais maduro a experimentações ‘dadaístas’, entendidas como agitação, insatisfação, rompimento de um *status quo*, abertura ao novo” (CARDOSO, 2013, p.145).

Também nesse sentido, Günther (2006) defende uma abordagem que chama de “ecumênica”, ao propor uma atitude conciliatória entre as abordagens qualitativa e quantitativa na prática metodológica em Ciências Sociais (mais especificamente, na Psicologia), já que, segundo o autor, é a pergunta de pesquisa que definirá os caminhos mais adequados a serem palmilhados metodologicamente, o que não pode ser decidido de forma definitiva aprioristicamente, em algumas situações.

Em sua proposta, Günther (2006, p.202) levanta alguns pontos a partir dos quais busca contrastar uma pesquisa qualitativa de uma quantitativa, a saber: “postura do pesquisador; estratégias de coletas de dados; papel do sujeito; aplicabilidade e uso dos resultados de pesquisa”, de modo que, nas investigações de cunho qualitativo, as fontes dos dados são, em grande parte, textos, os quais, segundo o autor, recebem tratamento hermenêutico por parte dos pesquisadores, procedimento este chamado geralmente de *análise documental*. O autor sugere, em conclusão à sua reflexão, que o pesquisador, idealmente, poderia adotar os diferentes métodos e/ou abordagens

---

<sup>131</sup> Santos (2011), a fim de investigar a polissemia do verbo *tomar* em língua portuguesa, em uma perspectiva diacrônica, analisou o total de 860 ocorrências. Utilizando métodos da Linguística de Corpus, a pesquisa constituiu-se como qualiquantitativa.

que respondessem coerentemente às questões de pesquisa, em uma tentativa conciliatória, ao invés de contrapor ou medir qual delas é mais eficaz em determinada situação ou instrumentação de análise, considerando que esta é mais “uma questão de natureza empírica, prática e técnica” (GÜNTHER, 2006, p.207), não deixando, no entanto, de reconhecer a extrema dificuldade que esta postura impõe ao pesquisador.

Outro aspecto a ser considerado, no que tange às preocupações do pesquisador, especialmente ao fazer pesquisa linguística, é a chamada “representatividade do corpus”. Aqui, consideramos a fala de Kabatek (2013), em artigo que responde a tais questões aplicadas à pesquisa em Linguística Histórica, ao afirmar que:

– um corpus representativo para a história de uma língua é uma construção teoricamente impossível já que uma língua, ainda que somente se manifeste em textos, não é a soma dos textos, mas algo distinto.

– um corpus representativo é, além disso uma construção empiricamente impossível já que a produção de textos que se tem arquivado não corresponde a mais do que uma mínima parte da produção linguística total, e isto não somente no que se refere aos textos concretos, os tokens dos textos, mas inclusive com referência aos tipos de textos produzidos.

Com tudo [isso], é necessário se colocar a questão da representatividade dos textos (representatividade se não da história da língua, talvez pelo menos representatividade menor ou maior para a reconstrução de uma evolução particular)<sup>132</sup>. (KABATEK, 2013, p.9).

Assim, o estabelecimento de um corpus que seja representativo envolve, também, uma construção subjetiva, que, na realidade, não encontra parâmetros uniformes nem na literatura específica da área de Metodologia da Pesquisa, nem nas demais áreas de investigação, conforme pudemos perceber, através da busca em teses e dissertações, aqui socializada, já que cada área estabelece seus próprios critérios, nesse sentido.

---

<sup>132</sup> Tradução nossa do original: “–un corpus representativo para la historia de una lengua es una construcción teóricamente imposible ya que la lengua, aunque solo se manifieste en textos, no es la suma de los textos sino algo distinto. – un corpus representativo es, además, una construcción empíricamente imposible ya que la producción de textos que se ha archivado no corresponde a más que una mínima parte de la producción lingüística total, y esto no solo en lo que se refiere a los textos concretos, los tokens de los textos, sino incluso con referencia a los tipos de textos producidos. – con todo, hay que plantearse la cuestión de la representatividad de los textos (representatividad si ya no de la historia de la lengua, quizá por lo menos representatividad menor o mayor para la reconstrucción de una evolución particular)”.

Refletindo sobre os três motivos apresentados pelo autor, no que tange à impossibilidade de tal constituição, retomamos, em especial, a segunda afirmação, de acordo com a qual, ainda que se constitua um corpus quantitativamente robusto, nunca será possível abarcar todas as produções existentes de uma determinada língua para a realização de uma investigação; porém, mesmo que os pesquisadores tenham consciência de tal limitação imposta pelo aspecto numérico das produções linguísticas, que são contínuas e abundantes, quaisquer recortes realizados no material serão limitados e somente poderão oferecer resultados parciais e localmente situados.

Percebemos, assim, que a preocupação numérica, nesse sentido, fica dependente dos interesses e condições de pesquisa, o que inclui tempo disponível para realização das análises propostas e a percepção subjetiva do pesquisador acerca do que seja suficiente, dentro da própria coerência constitutiva da amostra.

Como nossa pretensão foi investigar fenômenos conceptualizadores observados no âmbito do domínio discursivo do jornalismo, acreditamos ter sido coerente não limitar o olhar sobre, apenas, um gênero textual, visto que, em uma única edição, coexistem diversos tipos e gêneros de textos<sup>133</sup>, através dos quais, há a circulação da postura ideológica do jornal, enquanto formador de opiniões, uma vez que um jornal veicula, metonimicamente, as visões de mundo de um grupo de editores, que, por sua vez, representam uma coletividade com interesses e comprometimentos políticos, sociais, culturais e ideológicos diversos.

Ainda no que tange à recorrência, outro ponto levantado por Kabatek (2013), e que interessou à presente investigação, é que, geralmente, nas pesquisas qualitativas, não há uma preocupação sobre uma coleta robusta de ocorrências. Assim, ao contrário do que se propõe em abordagens quantitativas, para pesquisas como a que realizamos, uma única ocorrência será um dado significativo, até mesmo o chamado “não-dado”, é, ainda que pareça contraditório, uma informação a ser

---

<sup>133</sup> Apesar de, em nossa investigação, não termos levado em conta essa diversidade de gêneros textuais, para efeitos de variável a ser estudada, na totalidade das ocorrências, em alguns casos, foi útil termos pensado na influência que o estilo de determinado gênero de texto acarretou na escrita, como nos casos das *propagandas* (como pudemos observar nas ocorrências (134), (135), (136), (137), (166), (178), (179), (195), dentre outras) e dos *classificados* (como nos casos em (43), (113) e (114)).

investigada<sup>134</sup>, mesmo porque, no caso da presente investigação, o enfoque não se concentra, apenas, no aspecto linguístico, mas sim, no conceptual. Nesse aspecto, na presente investigação, não aderimos ao uso de programas informáticos de identificação de candidatos a metáforas, especialmente, porque, para fins de estudo, o olhar foi individualizado sobre cada ocorrência de expressões linguísticas que se remeteram ao *trabalho*; assim, no corpus considerado, não estabelecemos como critério de coleta que as ocorrências lexicalizassem as formas de conceptualização do *trabalho*, já que consideramos o contexto das ocorrências.

Outra questão colocada por Kabatek (2013) diz respeito à fidedignidade das fontes. O autor discute que, no processo de constituição das amostras, ainda que determinada pesquisa não tenha, originalmente, a intenção de contribuir com a história da língua, as fontes, geralmente, representam um determinado recorte temporal, cabendo ao pesquisador, estabelecer critérios de utilização que não firam a originalidade dos textos, mas que respeitem as características pensadas para a composição do corpus.

Considerando essa questão, para constituirmos o corpus da investigação realizada, selecionamos, apenas, materiais textuais que se encontravam disponíveis *online*, o que esperamos, em certa medida, dirimir questionamentos sobre o processo de constituição dos textos, uma vez que os mesmos foram tomados das versões legíveis já digitalizadas, o que possibilitou o acesso direto ao material completamente disponível na *internet*. Optando por este procedimento, assumimos as limitações de todo um processo de recolha das fontes originais, de reconhecimento de possíveis falhas durante a edição, e, mesmo sendo o texto digitalizado, considerar que nem sempre o mesmo está disponível em sua integralidade, podendo ter passado por seleções que possam ter sido motivadas por diversas variáveis, desde a própria inexistência dos originais à época da tarefa de digitalização, até a escolha intencional por este e não por aquele texto. Porém, é importante ressaltar que mesmo tomando todos esses cuidados, ainda assim, haverá limitações à pesquisa científica. Entendemos este processo como o assumir constante de estarmos no lugar das

---

<sup>134</sup>Consideramos que uma recorrência numérica com altos índices de repetição seja uma informação relevante, e que merece ser discutida, pois aponta para dados de variação ou mudança na língua, com reflexos na diacronia que se pretende expor, porém, trata-se uma informação extra, e não a condição *sine qua non* para que se considere ou se descarte um dado.

incertezas metodológicas, e de nos submetermos a tais entraves, que fogem ao controle do pesquisador (MATURANA, 2001).

Concordamos com Kabatek (2013), quando põe em xeque a questão da representatividade dos dados, criticando a atitude contemporânea, por vezes, extremista, de, em muitas situações, objetivizar demais os procedimentos de pesquisa, de modo a adotar práticas quantitativas em excesso, sem refletir se tais aplicações são, em todos os casos, adequadas para as Ciências, especialmente, as Humanas e Linguísticas. Nesse sentido, não descartamos o mérito da aproximação das Ciências Humanas às Ciências Naturais, através da adoção de métodos quantitativos, no entanto, questionamos a adoção generalizadora de tais métodos para toda e qualquer investigação<sup>135</sup>.

Nesse sentido, a respeito das polêmicas discussões sobre a existência e validade ou não de uma representatividade quantitativa para um corpus em linguística, concluímos, com Kabatek (2013, p.25), que “não existe representatividade quantitativa de um corpus, o que (teoricamente) poderia existir é certa representatividade qualitativa: um corpus com quase toda a gama de possibilidades de uma língua em dado momento”<sup>136</sup>.

Assim, a fim de trazermos à tona pistas para compreendermos as formas de conceptualização do *trabalho*, optamos por partir do elemento textual, na execução da presente investigação, visto concordarmos com a ideia de que o todo comunicativo pode conduzir o pesquisador a outras elucubrações, que possibilitarão um olhar mais apurado sobre os fenômenos linguajeiros que lhe interessarem:

---

<sup>135</sup>Tal atitude, na Linguística Histórica, segundo o autor, é devido ao que chama de “desnecessário complexo de inferioridade dos linguistas frente às ciências exatas” (KABATEK, 2013, p.13), postura demonstrada, por exemplo, na ênfase em análises baseadas em experimentos, demonstrações e dados quantificáveis. Tal problema remete-os, novamente, ao primeiro tópico levantado pelo autor, no qual deixa clara sua posição sobre a discordância de que um número X de textos possa, a partir de um olhar do pesquisador, ser tomado como a fiel representação da língua, em sua inteireza. É necessário reconhecermos as limitações do recorte feito, e que não busquemos generalizações demasiadas, a partir de dados que são, por natureza, específicos. A própria natureza heterogênea da língua problematiza, a nosso ver, essa possibilidade de abordagem, através de uma conceptualização metonímica da língua, tomando a parte pelo todo.

<sup>136</sup> Tradução nossa do original: “no existe representatividad cuantitativa de un corpus, lo que (teóricamente) podría existir es una cierta representatividad cualitativa: un corpus con (casi) toda la gama de posibilidades de una lengua en un momento dado”.

[...] como podemos identificar a trama tradicional de um texto? Seguramente, para dar conta de maneira exaustiva das distintas tradicionalidades representadas em um texto, a única via é a análise filológica minuciosa e detalhada. A identificação das possíveis alusões históricas de cada palavra, a aproximação à mais completa intertextualidade (sempre aproximativa), tudo isso não é questão de frequência ou de dados quantitativos: é questão de um trabalho de reconstrução histórica pormenorizada, [...] a recontextualização dos textos, de suas condições de produção, a qual inclui – afã utópico, já se sabe – a reconstrução não só da tradição de alguma outra expressão ou frase, mas do ato de pronúncia mesmo; inclui não só a situação concreta, mas o repertório linguístico e tradicional do qual disponha no momento dado o produtor do texto, um repertório amplo, de variedades e de textos, do qual eleger precisamente o que depois nos é dado como resultado textual. Todo este repertório está – ainda que seja negativamente – presente na produção do texto, e não deveríamos ignorá-lo e pensar que o mero resultado deste processo descreve o processo inteiro.<sup>137</sup> (KABATEK, 2013, p.20).

Chueke e Lima (2012), ao discutirem as influências que a abordagem metodológica qualitativa recebeu, em uma perspectiva histórica, apontam dois principais posicionamentos filosóficos: o *posicionamento lógico-positivista*, que defende um olhar indutivo e objetivo do pesquisador sobre os dados, a fim de que esses confirmem determinada teoria escolhida aprioristicamente; e o *posicionamento emergente*, de acordo com o qual, a subjetividade está intrinsecamente relacionada ao fazer pesquisa, assumindo que o pesquisador não pode, consciente ou inconscientemente, desvencilhar-se de sua subjetividade e experiências ao abordar determinados fenômenos. Assim, o que entra em discussão é o contraste objetividade X subjetividade, ou ainda, a existência de algum procedimento que seja puramente objetivo, já que quaisquer procedimentos de análise e interpretação dos dados, mesmo estando teoricamente situados, não deixam de contar com a influência de

---

<sup>137</sup> Tradução nossa do original: “[...] ¿cómo podemos identificar el entramado tradicional de un texto? Pues seguramente, para dar cuenta de manera exhaustiva de las distintas tradicionalidades representadas en un texto, la única vía es el análisis filológico minucioso y detallado. La identificación de las posibles alusiones históricas de cada palabra, el acercamiento a la más completa intertextualidad (siempre aproximativo), todo esto no es cuestión de frecuencia o de datos cuantitativos: es cuestión de un trabajo de reconstrucción histórica pormenorizada, [...] la recontextualización de los textos de la historia de una lengua: la reconstrucción de los entornos de los textos, de sus condiciones de producción, lo cual incluye – afán utópico, desde luego – la reconstrucción no solo de la tradición de alguna que otra expresión o frase, sino del acto de producción mismo; incluye no solo la situación concreta, sino el repertorio lingüístico y tradicional del que disponía en el momento dado el productor del texto, un repertorio amplio, de variedades y de textos, del que eligió precisamente lo que después nos es dado como resultado textual. Todo este repertorio está – aunque sea negativamente – presente en la producción del texto, y no deberíamos ignorarlo y pensar que el mero resultado de este proceso describe el proceso entero.”

critérios determinados e estabelecidos por uma coletividade acadêmica, que busca ser a voz legítima em suas respectivas áreas do saber (MATURANA, 2001; MORIN, 2000).

Tratando de outra problemática sobre as pesquisas qualitativas, que diz respeito à motivação para a escolha das fontes, Berlinck (2008) apresenta as dificuldades de delimitação das fontes para composição do corpus de pesquisa, que, muitas vezes, são conduzidas pelas limitações impostas pelo arcabouço teórico. Assim, como sua perspectiva de análise foi a Sociolinguística Variacionista, defende que, ao invés de somente consultar textos com um determinado nível de formalidade e que sejam da modalidade oral da língua (o que é comum nas práticas de pesquisas desta área), o pesquisador poderia recorrer aos diversos gêneros, também da modalidade escrita da língua, já que esses oferecem outras possibilidades igualmente válidas de análises linguísticas. Por exemplo, em sua discussão, Berlinck (2008) apresenta os critérios que estabeleceu na definição dos níveis graduais de formalidade em gêneros epistolares, em cartas pessoais e carta de leitoras, publicadas em revistas femininas, destacando que tais gêneros podem oferecer uma interface oral-escrito da língua<sup>138</sup>. O autor discute o nível de formalidade/informalidade da escrita de cunho epistolar, já que tais textos não passam por nenhum tipo de edição prévia à sua publicação, de modo que o texto resultante desse processo de escrita, apesar de estar vinculado a um jornal ou revista específico, não corresponde, diretamente, às ideologias e visão de mundo dos editores.

Essa questão revela que o nível de formalidade escolhido pelo autor do texto está intimamente relacionado ao público leitor do suporte no qual o mesmo será publicado, e não apenas ao estilo do escrevente. Assim, ao investigar as cartas de leitoras publicadas em revistas femininas destinadas ao público jovem, Berlinck (2008) as considera como um gênero textual que oferece um ponto de equilíbrio entre a escrita e um nível de informalidade que correspondesse aos interesses das pesquisas variacionistas, considerando tal gênero como correspondendo à

---

<sup>138</sup> Também discute a pertinência do uso de textos teatrais de sincronias pretéritas a fim de analisar a variação e mudanças linguísticas, gênero igualmente considerado misto, em sua modalidade escrita, já que a finalidade do mesmo é para que seja oralizado; assim, Berlinck (2008) propõe uma revisão na dicotomia língua escrita-formal X língua oral- informal. Nesse sentido, cita o trabalho de Pontes (1990) que, fundamentando-se na proposta de Lakoff e Johnson (2002[1980]) sobre a ubiquidade das metáforas na linguagem cotidiana, propõe a diminuição da dicotomia, tão enraizada, entre escrita literária e escrita coloquial.



modalidade oral-escrita da língua. Tal procedimento teórico-metodológico demonstrou como os interesses de pesquisa, como aqui já apontamos, podem conduzir os passos metodológicos e estabelecerem a coerência no âmbito da investigação.

Retomando outra inquietação, exposta no início da presente seção, a respeito das possíveis contribuições da SC no que tange aos procedimentos de pesquisa, percebemos que, ainda, não há um direcionamento definitivo e/ou homogêneo sobre passos metodológicos, nem tampouco a respeito de uma busca por equilíbrio entre os aspectos quantitativo e qualitativo. Assim, percebemos que, enquanto área relativamente recente nos programas de Pós-Graduação no Brasil, a SC encontra-se em fase de estabelecimento; por outro lado, seu caráter multifacetado, que orienta abordagens multidisciplinares estimula a não padronização das práticas de investigação. A própria constituição epistemológica do campo da cognição, e seus possíveis diálogos com os campos afins, inviabiliza o estabelecimento de maiores uniformizações dessa espécie. De modo que cabe ao pesquisador definir seus critérios de busca, coleta e análises, baseando-se em princípios que, de uma forma geral, possibilitem uma prática coerente com os procedimentos científicos em geral.

Defendemos, assim, que os princípios específicos, norteadores dos critérios por nós adotados para a seleção e composição da amostra<sup>139</sup>, se coadunaram com os princípios gerais defendidos pela SC. A título de ilustração, no que tange à representatividade, os estudos qualitativos em SC, em geral, partem do pressuposto de que as diferentes pesquisas apresentarão resultados que serão uma das diversas e possíveis leituras/análises daquela amostra em específico, de modo que o foco não se encontra, no âmbito dessas investigações, nas generalizações de longa escala<sup>140</sup>, mas sim, em compreender determinado fenômeno, a partir do recorte ao qual se propôs estudar.

Focamos, assim, ao constituirmos nossa amostra, no aspecto local, específico, e não nas generalizações, já que nosso interesse relacionou-se com o fenômeno da conceptualização, ao esquadriharmos o corpus.

---

<sup>139</sup> Os mesmos serão socializados descritivamente em subseção posterior.

<sup>140</sup> Por exemplo, nas perspectivas dos estudos em Linguística de Corpus geralmente, preocupa-se em responder à questão: "Representativo para quem?", concentrando-se na determinada parcela da linguagem ou da língua que se buscará representar com aquela amostragem em específico. A esse respeito, vide Sardinha (2000).

## 2.2 Por uma proposta filosófico-metodológica de tratamento dos dados em pesquisas quali-quantitativas

No presente subtópico, buscamos discutir nossa inquietação metodológica, anteriormente apresentada, a respeito do processo de escolha das fontes, e os caminhos para sanarmos tais inquietações pela Teoria da Complexidade.

### 2.2.1 O mito do objetivismo na pesquisa científica: uma (re)leitura a partir da Semântica Cognitiva e da Teoria da Complexidade

Teóricos da Complexidade têm discutido a recorrência à quantificação enquanto subsídio primordial para o estabelecimento do que seja uma performance científica nas pesquisas. Maturana (2001), em sua obra *Cognição, ciência e vida cotidiana*, defende, a partir de seus estudos sobre percepção e sistema nervoso, que a realidade somente existe enquanto construída pelo observador. Após realizar sua defesa da subjetividade enquanto motivadora para o estabelecimento dos critérios de cientificidade, aponta que a quantificação, enquanto uma estratégia das ciências para legitimarem os resultados e as próprias explicações científicas, não representa o único critério legítimo, antes, é comumente usado para demarcar espaços de poder, através de estratégias de explicação:

Sob a suposição implícita ou explícita de que a ciência tem a ver com a revelação das propriedades de uma realidade objetiva (ontologicamente independente), acredita-se freqüentemente, até entre os cientistas, que para qualquer teoria ou explicação ser científica ela deve envolver quantificações e predições. [...] Estas crenças são enganadoras e inadequadas, porque obscurecem nossa visão direta das operações pelas quais os observadores-padrão constituem a ciência como um domínio cognitivo. *O que torna científica uma explicação ou teoria científica não é a quantificação ou a possibilidade que ela cria, para o observador, de prever algumas de suas futuras experiências, mas o fato de ela ser validada através da aplicação do critério de validação das explicações científicas sem referência à quantificação ou qualquer restrição de domínio. [...] uma medição ou quantificação não constitui uma validação independente ou objetiva de qualquer observação que o observador faz, mas, se ela é feita adequadamente, facilita ou*

possibilita suas deduções na área de coerências operacionais de seu domínio de experiências à qual é aplicada. *Quantificações (ou medições) e predições podem ser usadas na geração de uma explicação científica, mas não constituem a fonte de sua validade.* (MATURANA, 2001, p.140-1. Grifos nossos).

Ao relacionar o fazer ciência com os aspectos cognitivos da linguagem, por exemplo, o autor deixa claro que a subjetividade permeia a prática do cientista, que é, segundo ele, movido pelo que chama de “paixão do explicar”. Entendendo a ciência, como um domínio cognitivo, postula que “como tal é uma rede de conversações que envolve afirmações e explicações validadas pelo critério de validação das explicações científicas sob a paixão do explicar”. (MATURANA, 2001, p.131). Em consequência, critica a tentativa de neutralidade da prática de divulgação científica, discutindo que:

A ciência é uma atividade humana. Portanto, qualquer ação que nós cientistas realizamos ao fazer ciência tem validade e significado, como qualquer outra atividade humana, apenas no contexto de coexistência humana no qual surge. Todas as atividades humanas são operações na linguagem, e como tais elas ocorrem como coordenações consensuais de ações que acontecem em domínios de ações especificados e definidos por uma emoção fundamental [...]. Além disso, o que constitui a ciência como um tipo particular de explicação é o critério de validação que nós cientistas usamos, explícita ou implicitamente, para aceitarmos nossas explicações como explicações científicas ao praticarmos a ciência sob a paixão do explicar [...]. Resulta do que disse que nós, cientistas, nos tornamos cientistas durante o operar sob a paixão do explicar, quando constituímos a ciência como um domínio particular de explicações, sendo rigorosos em nosso empenho de sermos sempre impecáveis na aplicação do critério de validação das explicações científicas, ao gerarmos explicações que chamamos de explicações científicas. É esta forma de constituição da ciência e do cientista que dá ao uso da ciência sua peculiar efetividade operacional. (MATURANA, 2001, p.132-3).

Assim, o fazer-se cientista é, na verdade, uma prática compartilhada na e pela própria comunidade acadêmica, que valida ou não o que se considera científico: pelo fato de as atividades humanas serem impregnadas de paixões, de tendências e defesas pessoais, há a necessidade da existência da comunidade científica, para exercer tal poder de validação sob as alegadas descobertas objetivas da ciência.

Assim, Maturana (2001) postula que a ciência está fundamentada no próprio desejo do observador, já que considera a realidade como parte do próprio observador. Ainda sobre a práxis científica, mais especificamente, sobre as “explicações científicas”, o autor discute que a mesma “paixão”, também, influencia na tomada de

decisões a respeito dos critérios de aceitabilidade de uma resposta para que esta alcance um estatuto de explicação científica, novamente, sob a influência da própria comunidade científica. Pontua, ainda, que tal limitação da aceitabilidade ao âmbito científico termina por estabelecer um movimento circular e tendencioso, já que, sempre, haverá novas motivações especulativas, para que se construam novas explicações, a partir das experiências. Assim, consideramos, com Maturana (2001), que a construção científica é limitada e passível de constantes reformulações.

Por compreendermos que o analisar e o interpretar o mundo linguajero seja uma prática científica, por certo, a metodologia e a forma de construir tais explicações ou intervenções linguísticas também o são:

Em outras palavras, não há um único aspecto ou operação do critério de validação das explicações científicas que seja científico por si mesmo, e, portanto, não há operações tais como observações, deduções, confirmações ou predições científicas. Existem apenas explicações científicas enquanto proposições de mecanismos gerativos que são aceitas como válidas exclusivamente na medida em que são parte da satisfação do critério de validação das explicações científicas. (MATURANA, 2001, p.135).

Desse modo, julgamos como sendo relevante reconhecemos o mito da objetividade científica, a fim de que se proponham (novos) modelos e abordagens em ciências que deem conta de outras demandas dos estudos linguísticos, que perpassam e até ultrapassam o nível da língua de *per se*, alcançando os domínios da cognição e da experiência. Nesse aspecto, estudos, como os que aqui propusemos, necessitam de um aparato metodológico mais flexível, a fim de atender às possibilidades de interpretação da amostra, não apenas enquanto observação, mas como tentativa de apreender ao máximo as interações e intervenções humanas que foram (re)construídas no e através do material linguístico, e como esse oferece um espectro mais amplo para compreensão sobre os modos de conceptualização da categoria sobre a qual nos debruçamos.

A proposta dos estudos de cunho cognitivista se coaduna com tal perspectiva, já que a subjetividade e a experiência são, geralmente, levadas em conta no processo de geração de sentidos, tanto na (ou através da) língua, quanto no mundo. Porém, esse reconhecimento, ainda, não é pacificamente aceito por boa parte da academia,

que ainda busca estabelecer critérios de “objetividade” que homogeneizem a práxis científica.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) também discutem o mito do objetivismo, considerando as implicações que recaem sobre a vida cotidiana a partir desta forma de pensar e organizar o mundo. Os autores apresentam suas limitações, especialmente, no que diz respeito às formas de interpretar a realidade; assim, fazem um levantamento dos principais pressupostos filosóficos que permeiam a abordagem do mito do objetivismo, os quais sejam:

o mundo é constituído por objetos. Eles têm propriedades independentes de quaisquer pessoas ou outros seres que os experienciem [...];  
 adquirimos nosso conhecimento do mundo experienciando os objetos e chegando a saber que propriedades os objetos têm e como eles se relacionam entre si [...];  
 compreendemos os objetos de nosso mundo em termos de categorias e conceitos. Essas categorias correspondem às propriedades que os objetos têm em si mesmos e às relações entre eles [...];  
 há uma realidade objetiva e podemos dizer coisas que são, objetivamente, absolutamente e incondicionalmente verdadeiras e falsas sobre ela [...];  
 as palavras têm significados fixos, isto é, nossa linguagem expressa os conceitos e as categorias em termos dos quais pensamos [...];  
 ser objetivo é ser racional; ser subjetivo é ser irracional e se deixar dominar pelas emoções.  
 a subjetividade pode ser perigosa, pois ela pode provocar uma perda de contato com a realidade. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p.296-7).

A respeito dos pontos destacados, os autores apontam que, para alcançar a chamada “linguagem objetiva”, os falantes precisam, por exemplo, evitar a utilização da metáfora, que, nessa perspectiva, ainda, é compreendida como um ornamento da linguagem e não como um fundamento para conceptualização na vida cotidiana. Assim sendo, fazer uso da linguagem dita “metafórica” recairá na linguagem subjetiva, que, por essa lógica, não se coaduna com os princípios da ciência positivista.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) discutem, ainda, que, tão tendencioso quanto a proposta objetivista, em outro extremo, encontra-se o *mito do subjetivismo*, segundo o qual a realidade somente pode ser interpretada e compreendida, através dos sentidos, dos sentimentos, da sensibilidade estética e espiritual. Assim, nessa outra perspectiva, busca-se superar determinados limites impostos pelo objetivismo, para poder ler e interpretar o mundo, a partir, meramente, da ótica da percepção pessoal e única dos seres humanos.

Reconsiderando as implicações de ambas as posturas no âmbito dos estudos linguísticos como sendo extremos que devemos evitar, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) propõem o que chamam de *síntese experiencialista*. Essa é a proposta em que se baseiam para figurarem entre os inauguradores de uma das perspectivas metodológicas mais adotadas em LC, segundo a qual a base para a compreensão do mundo é a interação do ser humano com a realidade, a partir de sua configuração corpórea, que possibilita a categorização e conceptualização do mundo e das coisas no mundo.

Um dos seus principais pressupostos considera que os objetos são “entidades relativas às nossas interações com o mundo e às nossas projeções sobre ele; as propriedades são interacionais ao invés de inerentes e as categorias são como *gestalts* experienciais definidas via protótipo”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p.323). Desse modo, os autores oferecem uma terceira via enquanto fundamento filosófico para os estudos linguístico-conceptuais, a saber, a perspectiva experiencialista que considera o pensamento metafórico como *racionalidade imaginativa*, que fundamenta as formas de categorização dos conhecimentos do mundo.<sup>141</sup>

Nesses aspectos, a perspectiva defendida pelos autores de linha cognitivista assemelha-se às propostas metodológicas esboçadas no âmbito das Teorias da Complexidade, e por isso julgamos necessário termos abordado aqui tais questões.

Morin (2000), um importante representante da Teoria da Complexidade, propõe uma revisão sobre as formas de produção do conhecimento. Em sua obra *Sete saberes necessários à educação do futuro*, apresenta, como o próprio título sugere, sete principais posturas que deveriam permear a forma de educar na contemporaneidade. Dentre essas, destacamos, aqui, o primeiro “saber”, ao tratar das “cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão”, que aborda a necessidade de o fazer científico/acadêmico assumir o erro como parte de um processo natural de construção

---

<sup>141</sup>A esse respeito, assim se pronunciam os autores: “Rejeitamos a concepção objetivista de uma verdade absoluta e incondicional, sem adotar a alternativa subjetivista de verdade obtida, apenas, por meio da imaginação não restringida por circunstâncias externas. A razão de focalizarmos tanto nossa atenção sobre a metáfora é que ela une razão e imaginação. A razão, no mínimo, envolve a categorização, a implicação, a inferência. A imaginação, em um dos seus muitos aspectos, implica ver um tipo de coisa em termos de um outro tipo de coisa, o que denominamos pensamento metafórico. A metáfora é pois, uma racionalidade imaginativa” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p.302).

do conhecimento. Tal proposta é incômoda para uma sociedade em que o erro, especialmente, no âmbito educacional, é rechaçado, reprimido e punido.

Na realidade, esse princípio trata da aceitação da nossa condição humana, enquanto seres limitados, mas que, sempre, buscamos, através de sucessivas correções e reincidências nos mesmos erros, chegar a um estado de perfeição, que, contraditoriamente, é inalcançável. Assim, o autor defende que “existe o risco do erro sob o efeito de perturbações aleatórias ou de ruídos em qualquer transmissão de informação, em qualquer comunicação de mensagem” (MORIN, 2000, p.19,20), de modo que o estabelecimento dos saberes tem como agravante a percepção do observador. É nesse sentido que a realidade é construída pelo sujeito e não necessariamente constitui-se em um reflexo perfeito e unilateral das coisas do mundo:

Todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos. Daí resultam, sabemos bem, os inúmeros erros de percepção que nos vêm de nosso sentido mais confiável, o da visão. Ao erro de percepção acrescenta-se o erro intelectual. O conhecimento, sob forma de palavra, de idéia, de teoria, é o fruto de uma tradução/reconstrução por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte, está sujeito ao erro [...]. (MORIN, 2000, p.20).

Assim sendo, Morin (2000) defende que o foco de preocupação da educação deveria estar nas origens do erro, e não em suas consequências, de modo a propor que investigações sobre percepção, emoções, dentre outras, ocorram no âmbito escolar, enfocando o necessário auto-conhecimento como via de progresso para a humanidade.

Em outra obra, *A cabeça bem feita*, elencando o que considera sérios desafios para a humanidade, no século presente, Morin (2003) aponta para o problema da excessiva compartimentalização dos saberes no âmbito da educação formal, que terminou por atrofiar a capacidade humana de estabelecer correlações, contextualizar e integrar, a fim de gerar o conhecimento (o que vai além do mero acúmulo de informações). Essa preocupação extrema com as especialidades na ciência terminou por obstacularizar a busca por formulação de respostas mais holísticas na construção do saber.

Por essa razão, as tentativas de respostas acadêmicas aos fenômenos analisados, então, chamadas “interdisciplinares” ainda são encaradas com restrições no âmbito científico. Nesse sentido, o que distingue a “cabeça bem cheia” da “cabeça bem feita” (MORIN, 2003, p.21) é o fato de a primeira limitar-se a acumular informações, enquanto a última busca estabelecer conexões, tratando de problemas e relacionando os saberes, a fim de dar-lhes sentido, sendo que:

Uma cabeça bem-feita é uma cabeça apta a organizar os conhecimentos e, com isso, evitar sua acumulação estéril. Todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de *representações*, idéias, teorias, discursos. (MORIN, 2003, p.24. Grifo nosso).

Compreendemos que “representação”, aqui, não seja um processo passivo, apenas de recepção de informações, mas compõe-se de observações, retomadas e reconceptualizações, pelo sujeito, em sua plena atividade modificadora, com múltiplas formas de expressão. Nesse sentido, tal pensamento dialoga com a proposta analítica da SC que busca não dicotomizar os conhecimentos enquanto linguísticos *versus* enciclopédicos, mas, sim, considerar quaisquer uns dos possíveis vieses interpretativos que o objeto possibilite ao pesquisador, a fim de oferecer um melhor entendimento sobre o fenômeno em questão. Assim, a perspectiva de abordagem do conhecimento, proposta pela Teoria da Complexidade, figura, a nosso ver, como uma contribuição procedimental para estudos sociocognitivistas, visto que:

[...] não só leva a situar um acontecimento em seu contexto, mas também incita a perceber como este o modifica ou explica de outra maneira. Um tal pensamento torna-se, inevitavelmente, um pensamento do complexo, pois não basta inscrever todas as coisas ou acontecimentos em um “quadro” ou uma “perspectiva”. Trata-se de procurar sempre as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes. Trata-se, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade [...]. Para seguir por esse caminho, o problema não é bem abrir as fronteiras entre as disciplinas, mas transformar o que gera essas



fronteiras: os princípios organizadores do conhecimento<sup>142</sup>. (MORIN, 2003, p.25).

O autor discute, ainda, a necessidade de enfrentamento das incertezas como parte indispensável da construção do conhecimento: “A maior contribuição de conhecimento do século XX foi o conhecimento dos limites do conhecimento. A maior certeza que nos foi dada é a da indestrutibilidade das incertezas, não somente na ação, mas também no conhecimento”. (MORIN, 2003, p.55). Nesse pressuposto filosófico da Teoria da Complexidade, percebemos outro ponto em comum com as premissas da SC, ao propor que o sujeito repense a própria estruturação do conhecimento, ao investigar as conceptualizações, tendo nas fontes linguísticas, não um fim em si mesmo, mas um meio para compreender como o ser humano pensa e interage no mundo, e, conseqüentemente, como se vê e (re)constrói (n)esse mundo.

Cabe ressaltar que, a respeito dessa participação do sujeito na construção do conhecimento, o extremo defendido pelo *mito do subjetivismo* deve, igualmente, ser evitado. Como já discutido anteriormente, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) apontam que um dos grandes problemas do referido mito é propor que “a experiência não tem estrutura natural, e, portanto, não pode haver qualquer restrição externa natural sobre o sentido e a verdade”; diante disso, a proposta experiencialista contra-argumenta que “a experiência é estruturada holisticamente em termos de *gestalts* experienciais [cujas dimensões de suas estruturas] emergem naturalmente de nossa experiência” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p.341).

É a partir dessa premissa que um estudo, com interesse em compreender os processos de conceptualização, se torna possível, visto que é a interação do sujeito com o mundo, através do seu corpo, que possibilita a apreensão das estruturas conceptuais então emergentes.

---

<sup>142</sup>A respeito de como a SC busca reformular as bases filosóficas ocidentais do conhecimento, vide Feltes (2007).

## 2.2.2 Os caminhos trilhados na pesquisa

Em acordo com as concepções anteriormente apresentadas, pesquisas têm sido desenvolvidas no sentido de contestar o mito da objetividade, também, em expressões linguísticas comumente tidas como “literais”, objetivas, portanto, inquestionáveis, por estarem a serviço da Ciência. Citamos, em seguida, dois estudos de cunho cognitivista que tiveram tais preocupações.

Contenças (1999), ao defender que a linguagem da divulgação científica é impregnada de metáforas, analisa artigos científicos da área da Genética, a fim de demonstrar como tais expressões, ditas “objetivas” e lógicas estão, em sua essência, atreladas às analogias: “De uma concepção de ciência positivista, lógico-dedutiva, com uma pretensão a uma linguagem ‘pura’, passou-se para uma perspectiva diferente, onde tem lugar a analogia e a metáfora”. (CONTENÇAS, 1999, p. 39). Assim sendo, pelo fato de a linguagem cotidiana ser elaborada metaforicamente, a expressão do pensar cientificamente não se furtaria a tal ancoragem conceptual, também, por metáforas, sem intenção de rebuscamento ou “ornamento” da linguagem, enquanto figura de linguagem, mas sim como aspecto constituinte das próprias formas de conceber o mundo:

[...] deste modo, as teorias desenvolvidas localmente podem ser transportadas para outros lugares cognitivos, fora do seu contexto inicial. Trata-se de um procedimento contrário à generalização através da quantidade e da uniformização, mas que privilegia a imaginação. (CONTENÇAS, 1999, p.39).

Outro trabalho que, também, se debruçou sobre o tema das metáforas na linguagem da divulgação científica foi o de Sedeño (2011), ao discutir a respeito das metáforas de gênero adotadas em Biologia, na área da fisiologia reprodutiva. Os resultados encontrados atestaram que a metáfora é um componente central tanto na inferência quanto no raciocínio por analogia, isto porque tanto as crenças quanto os estereótipos que permeiam as culturas vêm à tona quando da reflexão científica, pelo fato de que as concepções de mundo delas resultantes constroem o próprio conhecimento científico. Desse modo:

[...] as metáforas que os biólogos usam para descrever seus dados têm importantes consequências não só cognitivas, mas sociais, que às vezes ficam ocultas porque estão tão arraigadas que parecem óbvias. Porque um dos fatores que torna aceitável as metáforas em ciência é sua aparente falta de arbitrariedade.<sup>143</sup> (SEDEÑO, 2011, p.106).

Assim, Sedeño (2011) concluiu que os usos linguísticos, por serem, também, sociais, não podem ser livres de tais formas cognitivas<sup>144</sup>. Em consequência, os textos de divulgação científica, que passam a servir para o público leigo como parâmetros para interpretação da própria ciência, também, veiculam estereótipos e conceitos pré-construídos, já que a linguagem não é vazia de significação.

Reconhecendo que a perspectiva filosófica assumida na pesquisa influenciará, inevitavelmente, nos procedimentos metodológicos para sua execução, no que tange às pesquisas em SC, consideramos, enquanto dados de análise, amostras que correspondam à linguagem em uso, já que as formas de conceptualização não estão isoladas das formas de os seres humanos colocarem-se no mundo. É nesse sentido que, no que respeitou à presente investigação, os textos aqui considerados, estando circunscritos ao domínio do jornalismo, nos possibilitaram uma compreensão das formas de conceptualização do *trabalho*, em momentos históricos distintos, e, visto que objetivamos perceber as motivações culturais, históricas e sociais que contribuíram para o uso de diversas formas conceptualizadoras, buscamos assumir um olhar interdisciplinar durante nosso processo hermenêutico.

Assim, para a interpretação do corpus, levamos em conta elementos que, talvez, para outras abordagens semânticas, não seriam prioridade, mas em se tratando de SC, são relevantes, por exemplo, aspectos da política, da cultura, da história do trabalho, dentre outros.

Reconhecemos, no entanto, as limitações e subjetividades às quais tal abordagem submeteu-se. Nesse ponto, podemos retomar a questão norteadora que este subtópico buscou discutir, a saber, se é ou não possível adotar critérios de

---

<sup>143</sup>Tradução nossa do original: “las metáforas que usan los biólogos para describir sus datos tienen importantes consecuencias no sólo cognitivas, sino sociales, que a veces quedan ocultas porque están tan arraigadas que parecen obvias. Porque uno de los factores que hace aceptable las metáforas en ciencia es su aparente falta de arbitrariedad”.

<sup>144</sup>Como aponta Miceli (2007, p. IX): “Pelo fato de que a ciência objetivista assume um ponto de vista absoluto que não se atém, via de regra, ao que provém do observado [...] acredita na ilusão da ciência como ‘uma espécie de espectador divino’”.

escolha das fontes que possam dirimir a intervenção do pesquisador sobre os resultados que se venha a encontrar. Como já apontado, assumimos, arriscadamente, que não, já que a subjetividade permeia quaisquer elaborações científicas, de modo que o olhar do pesquisador, geralmente, é motivado por suas próprias expectativas em relação ao que se busca encontrar. Cabe ressaltar que não pretendemos, como já fora apontado, incorrer no mito da subjetividade, que é tão limitante quanto o da objetividade (LAKOFF, JOHNSON, 2002 [1980]) (embora sob aspectos diferentes), pelo fato de ambos deturparem a busca pelo rigor acadêmico, indispensável para a execução de quaisquer investigações.

Diante do exposto, e estando cientes de que os critérios de constituição do corpus é um fator relevante a ser considerado nas pesquisas linguísticas, tanto no que tange à quantidade quanto às características das amostras, acreditamos ser suficiente afirmar que o principal critério adotado para a escolha das fontes para a presente investigação foi a opção por textos que versassem sobre *trabalho* e estivessem publicados em jornais que atendessem aos critérios que serão apontados na subseção seguinte<sup>145</sup>.

Por tratar-se de uma investigação que procurou observar um fenômeno conceptual em gêneros textuais distintos, entendemos que determinados gêneros, por serem recorrentes no contexto do jornalismo, poderiam propiciar certas ocorrências de formas de conceptualização do *trabalho*, outros, ao contrário, não se apresentariam tão produtivos nesse sentido. Assim, estabelecermos um padrão para coleta dos dados partindo dos gêneros específicos não nos pareceu ser a melhor opção.

Cambráia (1996) discute a respeito dessa dificuldade imposta ao pesquisador no que tange à falta de critérios para a delimitação de gêneros para constituição de um corpus, cujo objetivo seja a investigação diacrônica da língua. O autor aponta,

---

<sup>145</sup> O estabelecimento de tais critérios resultou de uma construção advinda de leituras e reflexões que ocorreram durante a participação em atividades complementares, eventos na área específica de SC, o cumprimento da creditação das disciplinas e as orientações teórico-práticas obtidas ao longo do nosso doutoramento (ALMEIDA, 2014a; 2015), em cuja ambiência foi possível refletir e repensar, junto ao *Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva* (GESCOG), sobre os caminhos até então percorridos na tão recente área da SC, a fim de estabelecer os encaminhamentos metodológicos a serem adotados pelo grupo; especialmente porque não identificamos, até o momento, em pesquisas desenvolvidas em SC, um padrão ou orientação rígida em relação ao quantitativo exato que seja representativo para a composição de uma amostra.

especificamente, as seguintes dificuldades: “(a) a falta de uma tipologia<sup>146</sup> bem definida; (b) a inexistência de um mesmo tipo de texto em todas as fases da história do português; e (c) a dificuldade de localização de edições críticas e fidedignas de textos antigos”. (CAMBRAIA, 1996, p.1). Em relação ao primeiro problema, já é consensual entre os estudiosos dos gêneros textuais (MARCUSCHI, 2000, 2008; SEIXAS, 2009) que são as demandas sociais, contextuais e comunicativas que apontam e criam novos gêneros, a partir de múltiplas combinações ao longo do tempo; assim, já assumimos que tal lacuna não poderá ser preenchida de modo homogêneo, e que, por isso, optamos por recorrer aos textos que estavam disponíveis e que atendessem aos critérios então estabelecidos para a seleção dos documentos<sup>147</sup>.

Em relação ao problema que se apresentou mais significativo à presente investigação, a saber, a inexistência dos mesmos gêneros textuais ao longo do recorte temporal escolhido, Cambraia (1996) defende que a dificuldade se apresenta ao estabelecer, claramente, como se configura o texto literário *versus* não literário e a classificação do texto por assuntos (isso para a pesquisa que considere o estilo como uma variável).

Essa questão do estilo não interferiu nas escolhas das fontes para nosso estudo, primeiramente, porque tal dicotomia não é ponto problemático nas investigações em SC, que considera o estilo / tipo textual como um contínuo, e não como categorias estanques e contrastivas; em segundo lugar, porque, mesmo que se mantivesse tal dicotomia, partiríamos do pressuposto de que o fenômeno a ser estudado não estaria limitado à linguagem literária, ocorrendo em linguagem cotidiana, enquanto fenômeno de conceptualização, sem maiores preocupações estilísticas.

A questão inquietante para a presente investigação, nesse sentido, concentrou-se, de fato, na multiplicidade dos gêneros existentes, independentemente do estilo de

---

<sup>146</sup>Respeitamos a expressão “tipologia” usada pelo autor, mas no âmbito da presente discussão, nos remetemos à ideia de “gêneros” textuais, conforme já discutida em nota de rodapé, na presente seção.

<sup>147</sup> Quanto ao último problema apontado por Cambraia (1996), a respeito da fidedignidade das fontes, atualmente, já contamos com as edições confiáveis, disponibilizadas em rede, fruto de investigações que se preocuparam com a composição de *corpora* linguísticos, como resultados de projetos realizados em longo prazo, e que já cobrem um lastro temporal significativo. Atualmente, contamos, por exemplo, com a disponibilização de dados resultantes de pesquisas linguísticas e edições de textos de diversos programas de investigação de grande porte, como o *Programa para a História do Português Brasileiro*, o *Thyco Brahe*, dentre outros, que já demonstraram níveis seguros de fidedignidade linguística e servem como fontes de pesquisas; como é o caso das edições dos jornais baianos do século XIX.

escrita. Para resolver essa questão, optamos por considerar textos circulantes, especificamente, no âmbito do jornalismo (sem excluir aqueles que apareciam até que o número de ocorrências estabelecido fosse completado).

Acreditamos que, pelo fato de termos organizado os resultados obtidos a partir dos domínios-fonte da experiência identificados (e os modelos cognitivos idealizados que lhes subjaziam) resolvemos a questão de qual taxonomia dos gêneros empregariamos em nossa organização (ALMEIDA, 2015). Assim sendo, decidimos que os gêneros textuais seriam levados em conta, apenas, nos momentos interpretativos, nos quais entendemos serem estas informações relevantes para enriquecimento de determinadas situações ao longo do estudo, como sinalizamos, anteriormente, e não foram, nesse sentido, determinantes para realização do mesmo.

### 2.2.3 O corpus: procedimentos de constituição e estudo

A fim de fundamentarmos as decisões metodológicas então tomadas no presente estudo, apresentamos os critérios adotados para a composição do corpus e a configuração que, em consequência, este assumiu:

- O corpus compôs-se por textos de caráter público, que versam sobre *trabalho*, de forma direta ou indireta. Assim, foram escolhidos textos do domínio discursivo do jornalismo impresso, mais especificamente, textos verbais, em língua portuguesa, cujos originais estão disponíveis *online*<sup>148</sup>;
- A fim de tentarmos estabelecer um equilíbrio na distribuição da quantidade de textos por períodos analisados, optamos por coletar o número de cem (100) ocorrências para cada século;
- A amostra foi composta por documentos compreendidos no lastro temporal entre os séculos XIX e XXI;

---

<sup>148</sup>Por limitações de tempo para a realização da pesquisa, não procedemos à inclusão, no corpus, de textos da modalidade oral do jornalismo, como o rádio e a televisão, pois tal decisão acarretaria na necessidade de realizar transcrição dos documentos. A opção por utilizar somente textos escritos, cujos originais estejam disponibilizados em rede, corresponde, além disso, a uma decisão metodológica assumida, até então, pelo grupo do qual fazemos parte, o GESCOG (*Grupo de Pesquisa em Semântica Cognitiva-UFBA*) vinculado ao PROHPOR (*Programa para a História da Língua Portuguesa*).

- Realizamos a coleta no jornal *O Estado de São Paulo*, em cujo portal na *internet* pudemos encontrar todo o acervo do mesmo disponível para consulta.

Diante da exposição dos critérios estabelecidos para a composição do corpus, cabe aqui explicitarmos as razões para algumas escolhas metodológicas.

Inicialmente, a maior motivação para definirmos tal recorte temporal (séc. XIX, XX e XXI) foi o fato de termos escolhido investigar textos jornalísticos impressos, o que, automaticamente, excluiu quaisquer produções textuais que antecedessem o surgimento da imprensa jornalística.

Visto que optamos por textos brasileiros, em língua portuguesa e decidimos recuar ao máximo a coleta de material jornalístico disponível, chegamos ao século XIX, por ter sido este o período em que a imprensa jornalística floresce em terras brasileiras. Por isso, não foram incluídos textos portugueses, já que não pretendíamos realizar uma análise comparativa entre o Português Europeu e o Brasileiro, em uma perspectiva dialetológica<sup>149</sup>. Assim, julgamos conveniente concentrar o recorte histórico a partir do século XIX, por já contarmos com uma documentação brasileira disponível.

Diante da decisão de compor um corpus cujos textos que o constituem estivessem disponibilizados na íntegra, *online*, e que constasse de todo o lastro temporal escolhido, optamos pelo acervo *online* do jornal *O Estado de São Paulo* que disponibiliza todas as edições do referido periódico na íntegra, para consulta livre, desde a primeira delas, datada de 1875.

Assim, o referido jornal atendeu a todos os critérios, aqui, definidos, a saber: oferecer facilidade de acesso, estar disponibilizado *online*, ser de circulação nacional, apresentar as edições na íntegra e contemplar o recorte temporal dos três séculos.

Inicialmente, a coleta dos dados dar-se-ia em pelo menos uma edição do jornal a cada vinte e cinco anos, visto ser um período que pode ser o correspondente a uma sincronia<sup>150</sup>. Porém, devido à disparidade quantitativa do número de páginas das

---

<sup>149</sup> Inicialmente, objetivávamos contemplar um lastro temporal que recuasse até o século XVII, porém, um recorrido na história da imprensa em Portugal nos permitiu vislumbrar que poucos documentos estavam disponíveis para consulta nesse período, visto que as primeiras documentações nesse sentido datam de 1626, e correspondiam, de acordo com Sousa (2008) praticamente a recopilações de jornais circulantes na imprensa francesa. Além disso, Sousa (2008) aponta que, no período entre 1667 e 1715, devido à influência repressora do Absolutismo, não se noticia a publicação de nenhuma edição de jornais em Portugal.

<sup>150</sup> No que tange à duração de uma sincronia não há, entre os linguistas, acordo a respeito da determinação de um número exato de anos. Segundo Saussure (2006 [1916], p.117): “Na prática, um estado de língua não é um ponto, mas um espaço de tempo, mais ou menos longo, durante o qual a soma de modificações ocorridas seja mínima. Pode ser de dez anos, uma geração, um século e até

edições dos jornais ao longo do tempo, o critério para a consulta migrou do número de edições, para o número de ocorrências. Esta opção nos pareceu mais equitativa, para a distribuição final dos dados. Nas tabelas seguintes, indicamos o quantitativo do material coletado.

Em relação ao século XX, apesar de terem sido coletadas 141 ocorrências, somente estudamos o número fixo de 100 ocorrências. Optamos por estabelecer o critério de exclusão das ocorrências identificadas na edição do ano 1991 que excederam o quantitativo estabelecido de 100 ocorrências por século.

Como a coleta iniciou-se a partir da documentação do século XX, e até então tínhamos adotado o critério de consultar pelo menos quatro edições por século, o número de ocorrências encontrado no século XX foi superior aos demais séculos (141). Ao passar à coleta da documentação referente ao século XIX, o número bem inferior de páginas por edição ocasionou na mudança de critério. Como a primeira edição do referido século foi de 1875, ainda que fossem consultadas todas as edições, somente encontraríamos o total de 92 páginas (foram verificadas as quantidades de páginas de todas as edições disponíveis, referentes ao dia 1 de maio). Desse modo, em relação ao número excedente do século XX, optamos por considerar apenas as oito (8) primeiras ocorrências da edição do ano 1991, a fim de totalizar a quantidade 100 ocorrências. A opção por considerar uma menor quantidade de ocorrências do ano 1991 se deu em função da maior proximidade temporal entre este ano, e o primeiro ano do século XXI (2000). Acreditamos que este distanciamento entre os anos escolhidos poderia caracterizar mais satisfatoriamente a escrita novecentista.

---

mais. Uma língua mudará pouco durante um longo intervalo, para sofrer, em seguida, transformações consideráveis em alguns anos. [...] Em suma, a noção de estado de língua não pode ser senão aproximativa". A este respeito, citamos, ainda Mattos e Silva (2008, p.11), que, ao discutir o tópico *Será possível separar sincronia de diacronia?*, argumenta, a nosso ver, contra tal possibilidade, defendendo, antes, uma inter-relação entre ambas: "[...] sincronia e diacronia são duas faces de um mesmo fenômeno [...]. Com a sociolinguística laboviana ou variacionista, cai por terra a 'homogeneidade' do objeto de estudo saussuriano, quando, já nos *Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística*, de 1968, defendem os autores a 'heterogeneidade' sincrônica. Essa 'heterogeneidade ordenada' permitiu que a mudança linguística se integrasse a esse modelo teórico, que criou o artifício metodológico do 'tempo aparente', dando margem à demonstração da mudança numa diacronia sincrônica, com base no estudo da variação de falantes de faixas etárias diferentes, conviventes numa mesma comunidade de fala, em um mesmo tempo e lugar. Pelas frestas da variação etária se evidenciava, na sincronia, a diacronia". Diante disso, entendemos que a determinação exata da duração de uma sincronia, além de não ser ponto passível entre linguistas, não se configura como indispensável a nossa discussão.



Em relação à coleta do século XXI, após estabelecido o critério da quantidade de 100 ocorrências por século, optamos por coletar as ocorrências seguindo a ordem em que apareciam no jornal.

Vale ressaltarmos que as repetições das expressões que remeteram a uma mesma forma de conceptualização do *trabalho*, ainda que em períodos distintos, também foram consideradas em nossa coleta; isto porque entendemos que tanto a ausência, quanto a repetição de dados são questões a serem consideradas para a interpretação dos mesmos, pois podem apontar para mudanças e/ou permanências na forma de compreendermos o sistema conceptual então investigado.

Abaixo, nas tabelas 1, 2 e 3, apresentamos a distribuição quantitativa das referidas ocorrências por edições consultadas, sendo o seu total de 19 edições e 453 páginas<sup>151</sup>.

**Tabela 1- Dados do século XIX**

Ano	Número de páginas da edição	Total de ocorrências consideradas
1875	4	5
1877	4	4
1878	4	8
1879	4	12
1880	4	5
1881	4	7
1883	4	3
1885	3	9
1888	4	10
1890	4	2
1892	4	6
1895	6	11
1898	6	18
13 edições	55 páginas	100 ocorrências

**Fonte: elaboração nossa**

<sup>151</sup> Informamos o número de páginas consultadas a fim de justificarmos nossa opção por determo-nos em um número fixo de ocorrências por séculos, ao invés de recorrermos a um determinado número de páginas ou, ainda, de edições a serem consultadas.

**Tabela 2- Dados do século XX**

Ano	Número de páginas da edição	Total de ocorrências consideradas
1910	16	38
1938	32	28
1962	52	26
1991	100	8
4 edições	200 páginas	100 ocorrências

Fonte: elaboração nossa

**Tabela 3- Dados do século XXI**

Ano	Número de páginas da edição	Total de ocorrências consideradas <sup>152</sup>
2000	84	19
2016	105	81
2 edições	198 páginas	100 ocorrências

Fonte: elaboração nossa

A limitação do número de ocorrências teve por objetivo a leitura integral de cada uma das edições, ao invés de procedermos a uma busca por trechos específicos, para que procedêssemos à discussão sobre a influência dos DE's evocados nas ocorrências, por entendermos que os diferentes domínios da experiência instanciam diferentes formas conceptualizadoras.

Desse modo, procedemos à leitura linha a linha de todo o conteúdo das referidas edições, seguida da identificação das expressões linguísticas que licenciavam conceptualizações de *trabalho*. Acreditamos que esta opção tenha possibilitado um processo de introspecção mais contextualizado do que realizar a busca lexical através de um localizador, o que limitaria, de certa forma, as ocorrências àquelas que

<sup>152</sup> Esta discrepância na quantidade de ocorrências consideradas nas duas edições ocorreu porque optamos por começar a coleta pela edição de 2016, pois pressupúnhamos que, como a mesma tinha um maior número de páginas, poderíamos identificar todas as 100 ocorrências em uma única edição, a fim de evitarmos a exclusão aleatória de dados. Como isto não ocorreu (foram identificadas 81 ocorrências), usamos, também, a edição de 2000 para completarmos o número estipulado de 100 ocorrências por século.

acionariam a entrada lexical do domínio-alvo (*trabalho*)<sup>153</sup> somente às expressões informadas nos localizadores.

Somente a título de ilustração, no caso em específico de uma das edições, em uma busca através do localizador do site, pela entrada “trabalho”, na opção “jornal impresso” (que equivale ao conteúdo integral do mesmo, e não apenas de cadernos específicos), obtivemos o número de 16 ocorrências; a entrada “trabalhar” ofereceu 9 resultados; a entrada “trabalhador”, 1 resultado. Por outro lado, durante a leitura da edição na íntegra detectamos 38 ocorrências, pois o critério de localização das formas de conceptualização não foi somente pela entrada lexical, mas pela leitura contextual. Mesmo assim, a maioria das formas conceptualizadoras identificadas acionaram a entrada lexical *trabalho* como domínio-alvo. A partir da comparação entre esses dois procedimentos, optamos por realizar a leitura dos documentos em sua integralidade, devido à pouca diferença entre os resultados e para evitar, conforme já foi sinalizado, uma restrição dos mesmos aos termos de busca que utilizaríamos para a consulta.

Como o objetivo geral da presente investigação foi o de observar como se deram as conceptualizações de *trabalho*, decidimos que seriam estudadas somente as edições do dia 01 de maio de cada ano, por ser este o *Dia do Trabalho*, esperando verificar quais tipos de conceptualização apareceriam, motivadas por esta data simbólica no país.

Após a exposição das decisões de cunho filosófico que fundamentaram o processo de composição do corpus e a explicitação de como este se constituiu, no presente subtópico, passemos à apresentação dos procedimentos organizativos do corpus e as decisões metodológicas que viabilizaram os procedimentos para o desenvolvimento do estudo proposto na investigação desenvolvida, de caráter qualiquantitativo, descritivo-interpretativo e documental.

Cabe ressaltarmos que, nossa investigação pode ser entendida, enquanto qualiquantitativa, pelo fato de termos tido a necessidade de delimitar, especialmente, o número de ocorrências consideradas, demonstrando, inclusive, numericamente, em tabelas, sua distribuição. Porém, pelo fato de não termos levado em conta, para efeitos de conclusões interpretativas, o aspecto “quantidade de dados” das estruturas

---

<sup>153</sup>Reconhecemos que tal opção também seja possível, e muito utilizada em SC, especialmente quando o foco da pesquisa é primordialmente quantitativo, o que não foi o caso da presente investigação.

conceptuais, além de não termos lançado mão de instrumentos quantificadores, para fins de obtenção de resultados estatísticos, não entendemos termos nos localizado enquanto tendo realizado um estudo puramente quantitativo.

Ancoramo-nos, inclusive, na proposta de Cameron e Deignan (2006), no que tange ao método de leitura e introspecção, para fins de rastreamento de expressões conceptualizadoras do *trabalho*, tendo já estabelecido o corpus, passamos à releitura de cada ocorrência, a fim de identificarmos as conceptualizações, que, possivelmente, não estariam explícitas nos textos, embora a maioria delas tenha apresentado a expressão *trabalho* (e derivados). Isto porque, em concordância com Cameron e Deignan (2006), entendemos que as mesmas somente poderão ser localizadas mediante um entrelaçar conceptual, com elementos distintos do sistema conceptual<sup>154</sup>.

Para sua consecução, cumprimos os seguintes passos:

- Leitura da documentação;
- Identificação das expressões linguísticas que apontaram para conceptualizações de *trabalho*;
- Organização das ocorrências por séculos;
- Estudo de cada ocorrência, através da identificação dos domínios da experiência evocados;
- Agrupamento das ocorrências por DE's e MCI's evocados, buscando seguir a ordem cronológica;
- Discussão do comportamento dos processos cognitivos observados em cada domínio-fonte, a partir dos EI's utilizados, além das formas conceptuais metafóricas e/ou metonímicas adotadas;
- Interpretação dos resultados obtidos, através da identificação das mudanças e/ou continuidades nas formas de conceptualização do *trabalho*, após estudo geral das ocorrências.

---

<sup>154</sup> Assim se colocam as autoras: "O processo de emergência [das conceptualizações] através da interação não-linear de elementos do sistema é muito diferente de uma mudança que pode ser explicada através da interação de elementos que se mantêm em redes fixas umas com as outras". (CAMERON; DEIGNAN, 2009, p.675). Tradução nossa do original: "The process of emergence through non-linear interaction of system elements is very different from a change that can be explained through the interaction of elements held to be in fixed relations to each other".

No primeiro momento, o estudo seguiu a disposição das ocorrências ao longo da edição, sem maiores preocupações com o tipo de DE ou MCI relacionado. Assim, as ocorrências foram estudadas, individualmente, sem seguir um padrão organizativo, além da sua própria ordem de aparecimento nas edições.

Após a conclusão da abordagem individual das formas de conceptualização, passamos à organização das ocorrências por DE e, em seguida, por MCI's, devido à variação dos domínios-fonte da experiência que foram evocados nos processos de conceptualização.

Optamos por proceder à exposição dos resultados a partir dos respectivos DE's, considerando que, através de tal abordagem dos dados, poderíamos perspectivar mais claramente o conjunto dos resultados encontrados, apresentando-os com uma melhor coerência organizativa (ALMEIDA, 2015).

Organizamos os DE's, a partir das várias nuances demonstradas nas ocorrências. Assim, por exemplo, ao expormos o DE do TEMPO, observamos determinadas particularidades nas ocorrências que nos permitiram identificar seus respectivos MCI's, como MARCAÇÃO e ROTINA. O objetivo não foi estabelecermos categorias em excesso, mas perspectivarmos, metonimicamente, o que nos pareceu viável como forma de exposição dos resultados. Assim, nosso interesse foi especificar melhor quais aspectos conceptuais nos pareceram mais salientes dentro do mesmo domínio, através das referidas ocorrências, organizando-as em modelos cognitivos comuns.

A ordem de apresentação das ocorrências se deu considerando, quando possível, a cronologia de seu aparecimento ao longo de todo o corpus. Isto implicou em que a estrutura organizativa que empregamos para apresentar as ocorrências considerou o DE como um todo, ao abarcarmos ocorrências ao longo dos três séculos. Dessa forma, ao observarmos que determinadas ocorrências partilhavam uma mesma forma conceptualizadora, optamos por estudá-las em grupo, ainda que não estivessem cronologicamente ordenadas<sup>155</sup>.

---

<sup>155</sup> Esta decisão explica, por exemplo, o fato de que a primeira ocorrência que aparece em nosso estudo, para fins de discussão, ter sido a de número (40), por exemplo, e não a de número (1). Isto porque, a nosso ver, a mesma foi a primeira dentro do recorte temporal do primeiro século investigado

Com esta configuração, cada DE pode – ou não – contar com ocorrências de cada sincronia. Assim sendo, ao expor um DE, apresentamos, primeiramente, as ocorrências correspondentes ao século XIX, seguidas por aquelas do século XX e, por fim, as do século XXI, que também tenham sido mapeadas no(s) mesmo(s) MCI, em sua forma de conceptualização do *trabalho*. Julgamos esta opção como sendo mais econômica, do ponto de vista ilustrativo, ao invés de seccionarmos a exposição dos resultados por cada século, o que ocasionaria, inevitavelmente, em repetições explicativas. Além do que, ao seguirmos a proposta teórico-metodológica anteriormente esboçada, entendemos a necessidade de observar o corpus como um todo. Reconhecemos, assim mesmo, as possíveis limitações desta escolha metodológica, que, assim como qualquer outra, pode deixar lacunas interpretativas. Porém, ancorando-nos em Morin (2000, 2003), optamos pela proposta do novo, a fim de testarmos outros caminhos, igualmente necessários para o fazer ciência (ALMEIDA, 2015; MORIN, 2011).

Chamamos a atenção para o fato de que, mesmo a organização das ocorrências tendo sido feita a partir dos DE's identificados, ainda assim apresentará suas limitações. Isto porque, diante do estudo realizado, percebemos que há MCI's imbricados e que foram recorrentes em suas elaborações metafóricas, metonímicas e esquema-imagéticas diversas. Desse modo, escolher um ou outro MCI como o mais representativo não foi uma decisão simples. Como pretendemos apresentar uma leitura interpretativa sociocognitiva dos dados, essa proposta de organização por domínios-fonte e modelos cognitivos, e não necessariamente por períodos, nos pareceu ser mais substancial, visto que a visão da totalidade dos dados nos possibilitou estabelecer uma melhor associação e estruturação de domínios-fonte comuns.

Ao invés de realizar um estudo que compartimentalizasse demasiadamente o corpus, optamos por fazê-lo, numerando as ocorrências de 1 a 300. Assim sendo, aquelas numeradas de 1 a 100 se referem ao séc. XIX, as numeradas de 101 a 200, ao séc. XX, e as de 201 a 300, ao séc. XXI. Além de mantermos, quando possível, a ordem cronológica em que apareceram em cada edição, levando em conta o aspecto temporal, essa forma de organização nos pareceu evitar uma fragmentação no

---

(XIX) que apresentou características que lhe possibilitaram ser enquadrada naquele que julgamos ser o primeiro MCI a ser estudado (OFÍCIO).

corpus. Objetivando uma amostragem do todo, apresentamos, em anexo, uma lista com todas as ocorrências coletadas, organizada por séculos.

A convenção utilizada para apresentar as ocorrências pode ser ilustrada pela seguinte ocorrência:

(1) Não é fácil *trabalhar comigo* [...]. (José Santos, Editorial, O padrinho prisioneiro, p.2, 2015).

Após a identificação do número da ocorrência no corpus, entre parênteses (1), apresentamos as seguintes informações: autoria (quando há esta indicação na edição) [José Santos], o gênero textual<sup>156</sup> [editorial], o título do texto em que foi feita a coleta do trecho [“O padrinho prisioneiro”], a localização do texto no jornal (paginação) [p.2], e o ano da edição [2015].

Salientamos que a grafia e a acentuação originais dos textos foi mantida, conforme publicados no jornal, refletindo o tempo de cada escrita.

Adotamos a convenção de escrita geralmente praticada nos trabalhos em SC, segundo a qual as expressões que representaram conteúdo conceptual, dentre elas os esquemas imagéticos, as metáforas e as metonímias, aparecem no texto em caixa alta; os acarretamentos, seguem destacados em caixa alta e itálico, e as expressões linguísticas, em itálico.

Como todas as edições corresponderam ao dia 01 de maio, e foram coletadas no jornal *O Estado de São Paulo*, julgamos desnecessário repetir estas informações ao final de cada ocorrência; por isso, apenas, especificamos o ano de edição, para título de identificação.

Além disso, optamos por não disponibilizarmos as imagens correspondentes às capturas de tela (*print*) de cada página onde se localizam os trechos originalmente no acervo, e nem propusemos a elaboração de algum anexo em formato digital, a fim de não comprometermos a qualidade do material coletado, especialmente por se tratar de captura de imagens, que, nas datas mais recuadas, ao aplicarmos o *zoom*, houve distorções no texto, que se repetiriam caso houvesse a tentativa de impressão da

---

<sup>156</sup> Indicamos os gêneros textuais a fim de, quando julgamos pertinente, termos considerado as implicações interpretativas que os referidos gêneros trariam sobre as formas de conceptualização. Assim sendo, não foram todas as análises em que levamos em conta essa questão.

referida tela. Contamos, nesse sentido, para fins de consulta do leitor, com o fato de o corpus estar completamente disponível em rede<sup>157</sup> (*online*).

Como últimas considerações de cunho metodológico, passemos, com o próximo subtópico, à apresentação de um breve panorama a respeito do jornal usado, por nós, como fonte de coleta, por entendermos que considerar tais informações pode, em determinados momentos interpretativos, elucidar algumas das escolhas dos conceptualizadores-escreventes.

#### 2.2.4 Breve panorama histórico-social do jornal *O Estado de São Paulo*

Nossa opção pela escolha do jornal *O Estado de São Paulo* se deu por motivos relacionados ao perfil que estabelecemos para a constituição do nosso corpus para a realização da investigação.

Tais critérios foram todos cumpridos no jornal aqui escolhido, assim sendo, nossa opção pela escolha do domínio discursivo do jornalismo como fonte para nossa investigação já fora justificada ao longo da presente seção. Ainda assim, julgamos necessário pontuar algumas informações de caráter descritivo a respeito do referido jornal, pois não ignoramos que determinadas características e intencionalidades, podem, conforme defendemos à luz da sociocognição, influenciar nas escolhas dos conceptualizadores-escreventes, o que recai sobre a criação do sistema conceptual, a respeito de quaisquer categorias de significação. Assim, deter-nos-emos, em traçar, brevemente, um perfil do jornal *O Estado de São Paulo*, contemplando alguns elementos como, público-alvo, história de circulação, dentre outras informações que julgamos relevantes e se encontravam disponíveis.

O jornal *O Estado de São Paulo* nasceu com o nome de *A provincia de São Paulo* no ano de 1875. Seus fundadores foram republicanos liderados por Manoel Ferraz de Campos Salles e Americo Brasillense, cujos objetivos eram criar um diário

---

<sup>157</sup>Informamos que, para fins de consulta e acesso das edições, houve a necessidade de pagamento da assinatura *online* do referido jornal, especialmente por conta da possibilidade de ampliação da tela, recurso esse exclusivo para assinantes. Devido a esse fato, julgamos, igualmente, desnecessário, informar o *link* para acesso direto a cada ocorrência, visto que somente com a devida assinatura poder-se-á acessar o conteúdo, bastando indicar a data desejada para consulta da edição.



de notícias a fim de combater a monarquia e a escravidão. A redação, administração e oficinas foram instaladas em um sobrado na Rua do Palácio, n.14, no Centro Velho de São Paulo. Com um projeto de vendas até então inovador, os representantes do jornal saíam às ruas, a cavalo, anunciando as notícias do dia e vendendo os exemplares. Em expansão, a partir do ano 1877, a sede do jornal passa a utilizar como impressora uma máquina manual, cujos principais trabalhadores contratados eram negros ex-escravos.

Em 1886, o jornal contava com uma tiragem de 3.300 exemplares. Em 1890, o jornal passa a chamar-se *O Estado de São Paulo* (também chamado *Estadão*). Já em 1897, a tiragem do jornal salta para mais de 18.000 exemplares, mostrando sua maior divulgação no país. Em 2003, o jornal publica sua edição número 40.000, e desde então, o jornal tem incluído, em suas tiragens, novos cadernos e suplementos, priorizando o diálogo com as mídias digitais. A partir de 2010, lança, além das versões impressa e *online* a aplicativo para uso em *tablets* ou celulares<sup>158</sup>.

Atualmente, podemos traçar, de acordo com dados disponibilizados no portal do jornal<sup>159</sup>, a partir de uma pesquisa realizada durante todo o ano de 2013, o perfil dos seus leitores. De modo que temos: 56% homens, 22% tendo entre 25 e 34 anos e 59% pertencente à denominada classe média. O total líquido de leitores investigados foi de 1.016.000, no estado de São Paulo. A partir desses dados, podemos inferir que o público-alvo do jornal não são as classes populares, mas sim, as classes médias (ou média alta) da população brasileira.

A respeito do posicionamento político/ideológico do jornal, Novelli (2013, p.3) aponta que “como o jornal era claramente abolicionista [...] defendia a imigração para substituir o trabalho servil”, de modo que “a imigração era um ótimo negócio para aqueles mesmos proprietários de terra que lucraram, e lucravam ainda nesta época, já que o fim da escravidão só ocorreu 14 anos mais tarde, imensamente com a exploração dos escravos na lavoura”.

---

<sup>158</sup> Informações coletadas na página oficial do jornal *O Estado de São Paulo*, na área dos acervos. Disponível em: [http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada\\_1900.shtm](http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1900.shtm) . Acesso em 12 abril 2017.

<sup>159</sup> Informações coletadas em: <http://publicidade.estadao.com.br/estadao/estadao-dados-de-mercado/>. Acesso em 15 abril 2017.

Assim, com uma perspectiva de apoio às oligarquias, o jornal veiculava as movimentações articulatórias de trabalhadores, também em outros países, deixando transparecer seu interesse em, ao apoiar o abolicionismo, contribuir na estruturação da vida dos imigrantes<sup>160</sup>. Estes, como viriam para o Brasil por meio de financiamento do governo, deveriam enquadrar-se em um perfil ideal para o trabalhador imigrante: “robusto, ordeiro e responsável”<sup>161</sup>.

Desse modo, observamos que, desde seus primórdios, o jornal *O Estado de São Paulo* contribuiu para o resgate da memória da formação de uma nova mentalidade no país, especialmente ao reforçar que o fim da escravidão, em São Paulo, substituída pelo trabalho imigrante, seria um dos fundamentos para o crescimento do país.

Assim sendo, entendemos que o lugar de fala dos escreventes do jornal estudado relaciona-se com os interesses patronais, ainda que observemos trabalhadores ali se colocando; desse modo, não ignoramos que tais posicionamentos ideológicos tiveram reflexos sobre as formas de conceptualização do *trabalho*.

Estas informações, especialmente a respeito dos objetivos fundacionais do jornal *O Estado de São Paulo*, podem trazer luz sobre algumas escolhas dos escreventes em suas produções, de modo que, apesar de não termos como objetivo premente a discussão das motivações políticas e intencionalidades das escritas, não as ignoramos enquanto parte da tessitura resultante, as quais acessamos através dos textos a nós disponibilizados.

Com a presente seção, além de apresentarmos os procedimentos metodológicos então adotados ao longo da presente investigação, pretendemos socializar as inquietações de cunho filosófico-metodológico que permearam o estudo que desenvolvemos, levando em conta, inclusive, pesquisas recentes em SC, de modo que pudessem ser percebidas as diversas nuances que tais investigações têm

---

<sup>160</sup> A este respeito, citamos, ainda, Novelli (2013, p.7): “A vinda de imigrantes para a província de São Paulo foi uma necessidade histórica em decorrência do processo de abolição da escravatura nacional. Neste sentido, o jornal *A Província de São Paulo* (APSP), nas suas primeiras publicações de 1875, deu destaque ao fato, sendo favorável à substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre na lavoura brasileira”.

<sup>161</sup> A este respeito, vide Pilagallo (2012), que, como aponta Novelli (2013), reforça esta ideia.

assumido. A fim de verificar tais motivações, em uma perspectiva aplicada, empreendemos um breve levantamento em teses e dissertações no que tange às preocupações dos autores sobre o fazer pesquisa de cunho qualitativo em SC. A não identificação, até então, de discussões aprofundadas nesse sentido nos conduziu a uma busca em outras fontes, que contribuíram de forma mais sólida para o estabelecimento de determinadas posturas frente ao objeto de investigação; dentre tais fontes, destacamos os pressupostos da Teoria da Complexidade, que contribuíram com o repensar das decisões procedimentais para a escolha das fontes e a coleta dos dados. Em seguida, explanamos os passos de pesquisa, em relação ao corpus e aos procedimentos analíticos, a fim de oferecermos um vislumbre de como sistematizamos tais decisões metodológicas. Finalmente, apresentamos um breve levantamento descritivo a respeito do jornal utilizado como fonte.

Passemos, com a seção seguinte, à demonstração dos procedimentos interpretativos adotados no estudo do corpus.

### 3. ASPECTOS INTERPRETATIVOS

#### 3.1 Os domínios-fonte da experiência e as conceptualizações de *trabalho*

Propondo um panorama sobre a história do trabalho, a partir de uma perspectiva evolucionista, Engels (2004[1876]) propunha que a necessidade de aprimoramento das atividades do ser humano, em suas estratégias de sobrevivência, passava pelo estabelecimento de novos métodos que se aperfeiçoaram através do trabalho<sup>162</sup>. De acordo com o autor, a necessidade primeira do ser humano de estabelecer comunicação, por conta do trabalho, foi o que promoveu a evolução da linguagem humana.

Considerando a tese engeliana, observamos que, ao longo da história, tem ocorrido um movimento cíclico de valorização, desvalorização e revalorização do trabalho, a partir, tanto de um grupo dominante economicamente, quanto da chamada “classe-que-vive-do-trabalho”, portanto, dependente economicamente. A esse respeito, Antunes (2011 [1995]) considera que as mais profundas crises enfrentadas no mundo do trabalho afetam as subjetividades e consciências dos trabalhadores, além de suas formas de (auto)representação.

É possível perceber, assim, o traçado da história contemplando as marcas deixadas pelo sujeito envolvido com o trabalho, o que revela muito também de seu tempo, seu contexto e seu mundo, possibilitando ao pesquisador entender, inclusive, outros aspectos da própria história do trabalho, por meio de um vislumbre de como as conceptualizações podem ser agentes elaboradoras das épocas; assim, julgamos interessante que, em nosso estudo, o *trabalho* fosse pensado com foco na ação humana.

Nesse sentido, a presente subseção apresenta os caminhos interpretativos por nós traçados ao nos debruçarmos sobre o corpus, considerado em sua inteireza, a

---

<sup>162</sup> Citamos, a este respeito, Engels (2004 [1876], p.3): “Mas havia sido dado o passo decisivo: a mão era livre e podia agora adquirir cada vez mais destreza e habilidade; e essa maior flexibilidade adquirida transmitia-se por herança e aumentava de geração em geração. Vemos, pois, que a mão não é apenas o órgão do trabalho; é também produto dele”.

partir da identificação dos domínios-fonte da experiência, aqui denominados simplesmente domínios da experiência (DE's) e dos MCI's que entendemos terem sido elaborados pelos escreventes.

Os DE's identificados, a partir dos quais as ocorrências foram apresentadas, são os seguintes: ATIVIDADE, EVENTO, RELAÇÃO, TEMPO, ESPAÇO, NATUREZA e PROCESSO. A forma como organizamos os mesmos, em suas especificidades, manifestas nos fenômenos conceptuais de seus respectivos MCI's, foi a seguinte:

**Tabela 4: Organização dos DE's**

1. ATIVIDADE	2. EVENTO	3. RELAÇÃO	4. TEMPO	5. ESPAÇO	6. NATUREZA	7. PROCESSO
OFÍCIO	CERIMÔNIA	MOTIVAÇÃO	MARCAÇÃO	LUGAR	criação	RESULTADO
APERFEIÇOAMENTO	ATUAÇÃO	PUNIÇÃO	ROTINA	CONSTRUÇÃO		FUNCIONAMENTO/ DESEMPENHO
SERVIÇO	FESTEJO	VIRTUDE				MEIO
ESFORÇO	PROTESTO	RECOMPENSA				FIM
ESPECIALIDADE	COMPETIÇÃO	DIFICULDADE				ATIVIDADE A SER AVALIADA
ESCRavidÃO		STATUS SOCIAL				
EXPLORAÇÃO		COMPANHIA				
OCUPAÇÃO		NEGÓCIO				
		RELIGIÃO				
		CRISE				

**Fonte: elaboração nossa**

A seguir, passemos à exposição da primeira parte do estudo realizado no corpus. Na subseção seguinte, discutiremos esses resultados encontrados, visando apresentar nossa contribuição hermenêutica, no que tange às formas de conceptualização do trabalho, em uma perspectiva sociocognitiva, no lastro temporal aqui delineado.

### 3.1.1 Domínio da experiência da ATIVIDADE

No DE da ATIVIDADE, identificamos os seguintes MCI's: OFÍCIO, APERFEIÇOAMENTO, SERVIÇO, ESFORÇO, ESPECIALIDADE, ESCRavidÃO, EXPLORAÇÃO, OCUPAÇÃO. Passemos a discutir cada um deles, em suas especificidades.

### 3.1.1.1 Modelo Cognitivo Idealizado do OFÍCIO

A partir das primeiras ocorrências, datadas do século XIX, observamos que o desenvolvimento de atividades laborais apontavam para a prática dos chamados *ofícios*. Como sugere Hobsbawm (2000 [1984]), tais práticas enalteciam a figura do trabalho na sociedade, de modo que, ao trabalho, era associada uma perspectivação valorativa positiva, conforme citamos:

Enquanto ‘dedicar-se a negócios’ desenvolvia conotações de desprezo ou de deferência, ‘ter um ofício’, pelo menos para os que possuíam, mantinham suas conotações de satisfação pessoal e orgulho [...]. A estratificação e a separação das classes no séc. XIX estão, portanto, profundamente enraizadas no vocabulário do universo de ofícios pré-industrial, e daí estas memórias cristalizadas. (HOBSBAWM, 2000 [1984], p.360).

Esse caráter positivo das práticas laborais o percebemos nas ocorrências seguintes, como em (40), em que o escrevente solicita os serviços de um profissional específico, a saber, “oficial de pedreiro”. A expressão “precisa-se” sugere que o trabalho de outrem supre uma necessidade, de modo que TRABALHO É SUPRIDOR DE NECESSIDADES:

(40) *Precisa-se de um bom oficial de pedreiro para obra grande; quem estiver n’esse caso e sem serviço póde dirigir-se ao Campo da Luz, rua do barão de Antonima. (Anuncios, p.4, 1881).*

Ainda utilizada na contemporaneidade, ou com sinônimos do tipo “meio oficial de pedreiro”<sup>163</sup>, a expressão “oficial de pedreiro” alude aos serviços prestados por alguém que tem o conhecimento das atividades de pedreiro, porém informalmente,

---

<sup>163</sup>Pudemos observar alguns contextos de uso desta expressão, em textos contemporâneos, como em: “Vagas para *meio oficial de pedreiro* em Itajaí, SC. Executar serviços auxiliares, sob supervisão, de serviços de alvenaria, concreto e outros.”; “*Meio oficial de pedreiro* em Belo Horizonte, MG. Requisito: alfabetizado. Atribuições: auxiliar os técnicos de manutenção predial civil e os técnicos de manutenção hidráulica na realização de suas atividades; realizar a limpeza do local onde forem realizados os serviços; realizar a remoção de entulhos; executar tarefas manuais que exijam esforço físico; executar outras atividades compatíveis com as atribuições do cargo”. Disponíveis em: <https://www.sine.com.br>. Acesso em 20 mar. 2017.

sem a validação por meio de cursos oficiais de formação. O “oficial”, devido aos referidos conhecimentos, por outro lado, não realiza atividades de “ajudante de pedreiro”, visto ter um conhecimento mais aprofundado sobre a prática de construções, por isso, há uma generalização da atividade.

Nesse caso, temos a metáfora conceptual TRABALHO É OFÍCIO, associada à metonímia EXERCÍCIO ESPECÍFICO DE UMA PROFISSÃO POR TRABALHO, o que corrobora com a ideia defendida por Hobsbawm (2000 [1984], p.366), sobre a valorização das especializações: “O sentido de independência do artífice era baseado na crença justificada de que sua técnica era o único fator indispensável à produção”.

Em (43), por sua vez, o escrevente, ao elaborar o anúncio, evoca a importância da experiência do profissional que oferece seus serviços, de modo que notamos o acarretamento *TRABALHO É AQUISIÇÃO DE EXPERIÊNCIA PELA PRÁTICA DO OFÍCIO*:

(43) Um moço que *tem bastante pratica de enfermeiro* deseja *empregar-se tanto n’esta capital quanto no interior da provincia*, dando conhecimento de sua pessoa, e como tambem aonde tem prestado seus serviços. (Classificados – Enfermeiro, p.4, 1883).

Destacamos que, embora o escrevente ressalte o fato de possuir “bastante pratica”, associado ao saber aplicar suas atribuições funcionais, vemos que, ainda assim, ele “deseja empregar-se”. Assim sendo, associamos tal “prática” com o exercício remunerado, que, formalmente, lhe ofereceria maior segurança (emprego). Assim, notamos que *prática* difere, nessa ocorrência, de *experiência*, sob tais aspectos, pela experiência ser uma especificidade metonímica do tipo EMPREGAR-SE POR TRABALHAR.

Nas ocorrências abaixo, observamos como os trabalhadores se disponibilizam para a execução de atividades diversas:

(37) *Um portuguez recentemente chegado a esta capital oferece-se para trabalhos* em qualquer chacara ou na roça. (Anuncios, p.3, 1881).

(113) *Querem alugar-se um casal de estrangeiros* e sem filhos, a mulher para lavar e engommar ou cuidar em creanças e o marido para

jardineiro ou serviços domésticos. Tratar á rua de D. Teresa, n.10. (Classificados, p.3, 1910).

As ocorrências (37) e (113) sinalizam que a mão-de-obra até então predominantemente escrava, em fins do século XIX e início do XX, passa a contar, também, com os imigrantes<sup>164</sup> (“um portuguez”, “casal de estrangeiros”). A este respeito, pontua Martins (1995, p.38-9):

A sociedade positiva só podia ser aquela habitada por um povo social, isto é, uma comunidade de produtores livres e insaciáveis, sempre perseguindo novas necessidades e, portanto, constantemente devotados ao trabalho [...]. [o governo agira] propondo um plano abrangente e minucioso para o aproveitamento dos vários tipos de trabalhadores disponíveis ou em potencial, como os negros alforriados, nacionais livres sem terra, índios e também imigrantes europeus.

Tal panorama foi identificado nas ocorrências, pelo uso das expressões “offerece-se” (37) e “alugar-se” (113) ancoradas na metáfora TRABALHO É ATIVIDADE A QUE SE ENTREGA. O uso verbal “alugar”, ainda que comumente utilizado, à época, estando relacionado às atividades do ser humano<sup>165</sup>, a nosso ver, aponta para o caráter transitório do trabalho a que se pretendia dedicar, além de uma possível coisificação do ser humano, então tratado como mercadoria.

Observamos, assim, uma concepção mais elaborada do que seja um novo ofício, chamado, contemporaneamente, de *serviços gerais*, também presente em (114), contexto em que ainda era comum, ou pelo menos ainda não tido como ilegal, o trabalho infantil:

(114) *Precisa-se de um menino de 16 a 17 annos de idade, para serviços de casa, jardim, etc.* Carta á A. E. J. caixa do correio 18 - S.Paulo. (Classificados, p.4, 1910).

<sup>164</sup> Um panorama desta situação sócio econômica do país nos é apresentada por Furtado (2003 [1959], p.89), a quem citamos: “Pela metade do século XIX, a força de trabalho da economia brasileira estava basicamente constituída por uma massa de escravos que talvez não alcançasse 2 milhões de indivíduos. Qualquer empreendimento que se pretendesse realizar teria de chocar-se com a inelasticidade da oferta de trabalho. O primeiro censo demográfico, realizado em 1872, indica que nesse ano existiam no Brasil aproximadamente 1,5 milhão de escravos. Tendo em conta que o número de escravos, no começo do século, era de algo mais de 1 milhão, e que nos primeiros cinquenta anos do século XIX se importou muito provavelmente mais de meio milhão, deduz-se que a taxa de mortalidade era superior à de natalidade. [...] Eliminada a única fonte importante de imigração, que era a africana, a questão da mão-de-obra se agrava e passa a exigir urgente solução”.

<sup>165</sup> Bluteau (1728) assim define “alugar”: “Tomar por aluguel; dar em aluguel; coisa que uma pessoa aluga para si; a ação de *alugar a outrem*”. (Grifos nossos).



Assim, a força de trabalho passa a ser oferecida a fim de auferir ganhos, ainda que mínimos, a partir do que podemos inferir a conceptualização TRABALHO É LIVRE NEGOCIAÇÃO<sup>166</sup>.

Embora retome a questão do aluguel da mão-de-obra, a ocorrência (59) sugeriu-nos outros desdobramentos:

(59) *Aluga-se uma moça para arrumar a casa e copeira; dorme no aluguel.* (Anuncios, p.3, 1888).

O uso do verbo em pessoa indeterminada (“aluga-se”), ao invés da indicação do seu agente (como se deu nas ocorrências (37) e (113)), em que os próprios trabalhadores se oferecem para o trabalho, indica a possibilidade de que alguém estivesse oferecendo e negociando o serviço de uma terceira pessoa, para, com ele, obter lucro. Pelo contexto da época, 1888, antes, portanto, da promulgação da Lei Áurea, acreditamos poder se tratar da exploração da mão-de-obra escrava, de modo que a força de trabalho de outrem passa a ser oferecida em favor de seu “possuidor”, o que aponta para a compreensão metafórica *TRABALHO É MOEDA DE TROCA*, enquanto um possível acarretamento da metáfora *TRABALHO É LIVRE NEGOCIAÇÃO*.

(41) A comedia, de autor desconhecido, tem situações engraçadas e denuncia sinão *uma decidida vocação para aquelle genero de trabalho, pelo menos forte dose de jeito para a cousa* e graça natural. (Noticiario – Theatro S. José, p.1, 1883).

Em (41), nos trechos “uma decidida vocação para aquelle genero de trabalho” e “forte dose de jeito para a cousa”, observamos que *TRABALHO É RESULTADO DE UMA VOCAÇÃO*, pois para desenvolver bem determinado ofício – no caso em

---

<sup>166</sup> A respeito dessa “venda” da própria força de trabalho, pelo trabalhador, assim se posiciona Smith (1996 [1776], p.70): “É a grande multiplicação das produções de todos os diversos ofícios — multiplicação essa decorrente da divisão do trabalho — que gera, em uma sociedade bem dirigida, aquela riqueza universal que se estende até as camadas mais baixas do povo. Cada trabalhador tem para vender uma grande quantidade do seu próprio trabalho, além daquela de que ele mesmo necessita; e pelo fato de todos os outros trabalhadores estarem exatamente na mesma situação, pode ele trocar grande parte de seus próprios bens por uma grande quantidade, ou — o que é a mesma coisa — pelo preço de grande quantidade de bens desses outros. Fornece-lhes em abundância aquilo de que carecem, e estes, por sua vez, com a mesma abundância, lhe fornecem aquilo de que ele necessita; assim é que em todas as camadas da sociedade se difunde uma abundância geral de bens”.

questão, o de artistas de teatro – faz-se necessário ter *vocação*. Assim, a expressão “genero *de* trabalho”, pelo uso preposicional, indicou-nos a metonímia TIPO DE OFÍCIO POR TRABALHO.

Outra ocorrência reiterou esta forma de conceptualização:

(58) De ordem do exm. sr. conego Manoel Vicente da Silva, director da Escola Normal [...] acha-se de novo aberta [...] a *inscrição para o concurso da cadeira de desenho e calligraphia do sexo feminino desta Escola*. [...] *só podem concorrer segundo o art. 40, senhoras brasileiras, natas ou naturalizadas*. (Editaes – Escola Normal, p.2, 1888).

O anúncio da realização de um concurso público destinado exclusivamente a mulheres chamou-nos a atenção para a situação da inserção da mulher no mercado formal de trabalho. A este respeito, citamos Azevedo (1987), para quem tal inserção não se deu, sem antes ter ocorrido uma mudança na perspectiva do que representaria a figura feminina tentar equiparar-se à masculina, ao inserir-se em atividades laborais formais, fora do ambiente doméstico:

[...] tratava-se, acima de tudo de moralizar o trabalho, e para isso era preciso torná-lo positivo e inevitável não só aos olhos das mulheres pobres como também das ricas. [...] A afirmação da mulher como ser social útil, equiparado ao homem em termos de produção material e mental, só poderia ser conquistada mediante a sua inserção no mercado de trabalho livre. Mas para isso as mulheres, como um todo, teriam de ser criadas tendo como postulado de vida, a positividade do trabalho ou a interiorização da necessidade de trabalhar não só no lar como fora dele. (AZEVEDO, 1987, p.58-9).

É nesse sentido que, em (58), o trecho “cadeira de desenho e calligraphia *do sexo feminino*” sugere, a princípio, que tal oportunidade, por estar restrita às mulheres, não representaria uma afronta social aos homens, já que “*só podem concorrer segundo o art. 40, senhoras brasileiras, natas ou naturalizadas*”, portanto, não haveria concorrência homem x mulher. Metonimicamente, o uso da expressão “cadeira de desenho e calligraphia” indica o lugar e o instrumento, a partir da atividade a ser desenvolvida: o ensino das referidas disciplinas. Essa questão sexista, pelo contexto da ocorrência, e levando em conta a cosmovisão oitocentista a respeito da

mulher na sociedade, nos levou a identificar o acarretamento metafórico *ATIVIDADES DE ENSINO SÃO ATIVIDADES FEMININAS*<sup>167</sup>.

Além de ventilar como se deram os parcos movimentos de inserção da mulher no mercado de trabalho, o corpus nos ofereceu pistas sobre as reações ao processo de industrialização nos ambientes de trabalho<sup>168</sup>. Observamos essa mudança de paradigma, aventada em fins do século XIX, na ocorrência (60), a partir da percepção de que uma determinada atividade poderia ser realizada por qualquer pessoa, desde que o instrumental fosse o maquinário:

(60) [...] *qualquer pessoa pôde trabalhar com essas machinas* que não oferecem perigo algum. Os focos de 1.000 velas servem para illuminar terreiros de café facilitando extraordinariamente o serviço de noite. (Anúncios – Luz electrica para fazendas, p.3, 1888).

Assim, temos uma especialização do tipo de atividade, pela metonímia conceptual TRABALHO POR TÉCNICA. A expressão “trabalhar *com essas machinas*” aponta para o EI de PARTE-TODO, de modo que entendemos o acarretamento *MÁQUINAS SÃO INSTRUMENTOS DE TRABALHO*, e, em consequência, *UTILIZAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE TRABALHO É PARTE DO TRABALHO*.

Percebemos tal ampliação do sentido do ofício, também, nas ocorrências (63), (65) e (115), nas quais, em anúncios, os escreventes – guarda-livros (atividade corresponde, na contemporaneidade, a dos contabilistas) – buscavam oportunidade de trabalho, não apenas em sua área específica, mas em qualquer uma que a demanda oferecesse, de acordo com os trechos em destaque:

<sup>167</sup> As referidas observações não se tratam, conforme vimos pontuando, de generalizações a respeito da sociedade da época, mas, sim, uma reflexão a partir do que essa informação textual oferece-nos. Sabemos, por exemplo, da atuação de professores do sexo masculino nas escolas oitocentistas, mas a referida conceptualização, na ocorrência em estudo, apontou para uma restrição da referida atividade às mulheres. A respeito da história da feminização do magistério no Brasil, a partir de fins do séc. XIX, vide Almeida (2004).

<sup>168</sup> A este respeito, citamos Hobsbawm (2000 [1984], p.379): “[com o início da industrialização] trabalha-se por tanto dinheiro quanto se consegue obter, e nada mais. Isto representa uma quebra fundamental da tradição de ofício, que tinha como objetivo um ganho correspondente ao status do artífice como grupo [...]. A habilidade técnica, o bom trabalho, não era mais a base essencial para bons ganhos [...] A técnica mudou-se para o universo dos diplomas”.

(63) Procura-se um emprego numa fazenda para guardar os livros, fazer a correspondencia, tratar com os colonos e *para outros trabalhos desta ordem* [...]. (Anuncios – Guarda livros, p.4, 1888).

(65) Um guarda- livros, dispondo de algumas horas, encarrega-se de *trabalhos avulsos*. (Anuncios, p.4, 1890).

(115) Um guarda-livros, dispondo de algumas horas, encarrega-se de *trabalhos avulsos*. Cartas nesta redacção a F.I.C. (Anuncios, p.4, 1910).

Assim, o trabalho, mesmo sendo um ofício, poderia ser cumulado com outras atividades “avulsas”. Observamos, inclusive, a ancoragem nos EI’s do RECIPIENTE, por meio da preposição locativa *em*, no trecho “Procura-se um emprego *numa* fazenda” (63) e do CONDUTO, pela preposição *para*, em “*para* guardar os livros”, que sugere a conceptualização metafórica mais geral TRABALHO É ATIVIDADE QUE SE FAZ COM FINALIDADE, EM UM LUGAR, também observada em (80), pelo uso prepositivo no trecho “as oficinas *para* trabalhos manuaes”:

(80) Serão installadas brevemente, na Escola Normal, *as oficinas para trabalhos manuaes dos alumnos da Escola Modelo Caetano de Campos*. (Notas e informações, p.2, 1895).

Ainda em (80) e também em (143), observamos a conceptualização TRABALHO É OFÍCIO ENSINÁVEL:

(143) Mas elle também vae ao Japão com um bom contrato por dois ou três annos, com o fim de installar uma nova machinaria, destinada a *ensinar os japonezes a trabalhar com maior eficiencia e menor custo*. (Reportagem – A mulher japoneza na vanguarda do progresso, p.4, 1938).

Em (143), o ensino do ofício, a que se refere, objetivava, a nosso ver, aumentar a produtividade das fábricas, através do uso de maquinaria específica, como aponta Hobsbawm:

A verdadeira crise do artífice se instaurou quando os operários qualificados tornaram-se substituíveis por operadores de máquinas semiespecializados, ou através de uma divisão diferente do trabalho em tarefas especializadas e tarefas de aprendizado rápido, ou seja, aproximadamente nas duas últimas décadas do século XIX, [quando] os ofícios se encontravam ameaçados pelo capitalismo industrial, mas sem a esperança de evitá-lo. (HOBSBAWM, 2000 [1984], p.373-4).

A partir desse novo panorama, tinha-se cada vez menos os ofícios manuais para conclusão de várias etapas na fabricação de um único produto, por um único trabalhador, em detrimento da especialização das funções, para a produção de um único produto, por meio de vários trabalhadores; o que potencializou o volume da fabricação. A ideia de que “O direito a um ofício não era um direito somente do artífice devidamente qualificado, mas também uma herança de família” (HOBSBAWM, 2000 [1984], p.372) perde, assim, o sentido, a partir do final do século XIX e começo do XX<sup>169</sup>.

O trecho “*trabalhar com maior eficiencia e menor custo*”, em (143), aponta para uma estruturação por meio dos EI’s da VERTICALIDADE e do EQUILÍBRIO, de modo que o resultado do trabalho, tido como positivo, concentra-se no que é menor, em uma projeção metafórica em que MENOS É POSITIVO: “*maior eficiencia e menor custo*”; assim sendo, *mais* produtividade gerará *menor* custo, portanto, melhor qualidade.

Em (196), observamos outro aspecto da especialização dos ofícios, ao retomar a metáfora TRABALHO É TÉCNICA, principalmente pela especificação dos agentes que realizaram a atividade, ou seja, os *técnicos*, conforme destacamos:

(196) Ao todo, o projeto de lei derruba mais de cem artigos da CLT [...] segundo os *técnicos que trabalharam no texto*. (Notícia – Intenção é liberar relação de trabalho, p.4, 1991).

O estudo do MCI do OFÍCIO levou-nos à identificação de formas de conceptualização metafóricas e metonímicas, estruturadas pelos EI’s, cujas ocorrências se concentraram no recorte temporal dos séc. XIX e XX. Não identificamos o referido MCI nas ocorrências do séc. XXI.

Passemos, no subtópico seguinte, às ponderações a respeito do MCI do APERFEIÇOAMENTO.

---

<sup>169</sup> A esse respeito, observaremos o MCI da ESPECIALIDADE, que reforça esta percepção hobsbawmaniana.

### 3.1.1.2 Modelo Cognitivo Idealizado do APERFEIÇOAMENTO

A prática de um ofício, com a passar do tempo, tende, até mesmo de forma espontânea, a apresentar melhorias, devido às constantes repetições demandadas pela rotina laboral. Assim, em consequência do desenvolvimento das atividades peculiares de um ofício, notamos que a experiência passou a ser vista como uma vantagem, em relação à produtividade no trabalho, como o defendia Smith (1996[1776]):

O aprimoramento da destreza do operário necessariamente aumenta a quantidade de serviço que ele pode realizar; a divisão do trabalho, reduzindo a atividade de cada pessoa a alguma operação simples e fazendo dela o único emprego de sua vida, necessariamente aumenta muito a destreza do operário. (SMITH, 1996 [1776], p.68).

Pudemos observar esta preocupação do trabalhador, em destacar seu mérito por dominar a sua prática laboral, na ocorrência (8):

(8) O agente de leilões Roberto Tavares tem a honra de participar ao respeitavel publico desta capital que pelo meritissimo Tribunal do Commercio do Rio de Janeiro foi nomeado leiloeiro desta cidade e seu termo. *A longa pratica desta profissão que exerceu no Rio de Janeiro no largo tirocinio de 10 annos, habilitaram'no a bem desempenhar este encargo*; offerecendo á confiança e a protecção do publico, a garantia do seu passado honroso e sem mancha. (Notícia – Agente de leilões, p.3, 1877).

A relação estabelecida entre as expressões destacadas nos trechos: “*A longa pratica desta profissão*”, “*largo tirocinio de 10 annos*” e “*habilitaram'no a bem desempenhar este encargo*”, aponta para o entrelaçamento entre os EI's da ESCALA e da VERTICALIDADE, de modo que, quanto mais *tempo* de atividade laboral, maior será a *experiência*, e, em consequência, maior será a qualidade do *resultado* dele advindo. Assim, identificamos metáfora complexa: EXPERIÊNCIA DO TRABALHO É GARANTIA DE SUCESSO, de modo que TRABALHO É RESULTADO DE EXPERIÊNCIA ACUMULADA.

Semelhante elaboração temos em (39):

(39) Acha-se á testa do nosso estabelecimento o socio sr. José Sims, *com muitos annos de pratica* em Inglaterra, Rio de Janeiro e ultimamente nesta cidade, *cujos trabalhos já estão muito approvados, o que é uma grande garantia para nossos freguezes.* (Annuncios – Fundação campineira, p.3, 1881).

Na referida ocorrência, há uma projeção sobre o domínio-alvo *trabalho* a partir de um domínio mais concreto, ou familiar, abstratizando-o, a saber, TRABALHO É ATIVIDADE QUE SE AVALIA. O uso de expressões qualificadoras e quantificadoras, como em “cujos trabalhos já estão *muito approvados*”, que nos sugeriu a conceptualização TRABALHO É EXPERIÊNCIA ACUMULADA AO LONGO DO TEMPO, também observada em (96):

(96) Os engenheiros abaixo-assignados, *com longa pratica de serviços, encarregam-se de todos os trabalhos* de sua profissão [...]. (Escritorio de Engenharia, p.3, 1898).

O trecho “encarregam-se de todos os trabalhos” aponta, inclusive, para o EI do RECIPIENTE, sugerindo, experiencialmente, a noção de acúmulo e empilhamento de objetos em determinado espaço, a sobreposição de atividades, na rotina daqueles que a realizam; além do EI PARTE-TODO, em que “todos os trabalhos” generaliza os trabalhos atinentes àqueles de “sua profissão”.

Temos, em (97), uma associação entre espaço e rotina (tempo produtivo corrido) do trabalhador, de modo a sugerir-nos a metáfora TRABALHO É OCUPAÇÃO DE ESPAÇO. A associação espacial, no sentido de delimitação de atuação, observamos no trecho “não só nesta comarca como em qualquer outra servida por estrada de ferro”:

(97) Abelardo de Cerqueira Cesar *encarrega-se de todos os serviços concernentes á sua profissão* não só nesta comarca como em qualquer outra servida por estrada de ferro. (Advogado, p.3, 1898).

Apesar de, inicialmente, ampliar a atuação do trabalhador, pela expressão “todo trabalho”, o escrevente novamente a restringe, pela especificação “concernentes á sua profissão”, no que observamos um recorte metonímico, semelhante ao que ocorreu no trecho seguinte, em (71), cuja atividade é especificada, tanto em relação ao lugar, quanto ao seu tipo e finalidade, sugerindo-nos, ao ancorar-

se no EI ORIGEM-PERCURSO-META, o acarretamento metafórico *TRABALHO É ATIVIDADE ESPECÍFICA REALIZADA EM UM LUGAR, VISANDO A UM FIM*:

(71) O Audace, [submarino] que tal é o seu nome, é dividido em diversos compartimentos, e possui uma porta de tal modo combinada que mergulhadores podem *fazer o seu trabalho no fundo do mar para apanhar os seus objetos de valor*. (Notícias da noite – Um novo submarino, p.2, 1892).

O interesse dos trabalhadores pelo desenvolvimento de suas habilidades, mesmo antes de iniciarem a prática laborativa remunerada já era patente, também no início do séc. XIX, como podemos observar em (9):

(9) Um rapaz *que quer habilitar-se para ser guarda livros, deseja achar uma casa de negocio para practicar*. Não faz questão em ordenado [...]. (Anúncios – Guarda livros, p.4, 1877).

No referido anúncio, há uma solicitação de oportunidade para desenvolvimento da atividade laborativa: “deseja achar uma casa de negocio para practicar”. Assim, o trabalho, nessas circunstâncias, é conceptualizado como prática, visando, no futuro, a desempenhar a mesma função, porém de modo profissional. Dessa forma, notamos o acionamento do EI do PROCESSO, cujas conceptualizações metafóricas são: *TRABALHO É PRÁTICA, TRABALHO É APERFEIÇOAMENTO DO TRABALHADOR, TRABALHO É ACÚMULO DE EXPERIÊNCIA*. Observamos, ainda, o EI do CONDUTO, em que o trabalho é o caminho a ser percorrido até que se chegue ao aperfeiçoamento das destrezas laborativas. A expressão linguística “Não faz questão em ordenado” sugere-nos uma reorganização do conceito de *trabalho*, segundo o qual o tempo de experiência será o fator determinante para a legitimidade ou formalização da ação laboral, o que aponta para o acarretamento *PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO É TRABALHO ILEGÍTIMO*<sup>170</sup>.

Outro aspecto do aperfeiçoamento pudemos depreender das ocorrências (81) e (141):

---

<sup>170</sup> A nosso ver, semelhante conceptualização ainda é perpetuada na contemporaneidade, sob a forma dos chamados “estágios não-remunerados”, em que há o desenvolvimento de atividades trabalhistas, porém sem a legitimidade atribuída ao sujeito considerado profissional; até mesmo o conceito do que seja “profissional” está imbuído de outras variáveis, como tempo, experiência, desempenho, formação, dentre outras.



(81) Depois s. exa. *encerrou-se no seu gabinete de trabalho com seu secretario*. Estiveram por muito tempo *a trabalhar na mensagem* que será lida por ocasião da abertura do Congresso [...]. (Notas e informações, p.3, 1895).

(141) Mais três espectáculos anunciam-se para hoje no Theatro Recreio, onde Genesio Arruda *está trabalhando com sua Compainha de Disparates Comicos*. (Noticias Theatraes, p.3, 1938).

Vemos, nesse ínterim, que o resultado do aperfeiçoamento recai sobre uma categoria não-humana, ainda que o trabalho seja realizado por agentes humanos, como se vê nas expressões: “Genesio Arruda *está trabalhando com sua Compainha de Disparates Comicos*” (141) e “*trabalhar na mensagem* que será lida por ocasião da abertura do Congresso” (81). O uso verbal também foi semelhante em ambas as ocorrências, nas quais as preposições destacadas apontam para os El’s do RECIPIENTE (*em + a mensagem*), e de LIGAÇÃO (*com + companhia*). Assim, depreendemos que o resultado do aperfeiçoamento é que será o trabalho, metonimicamente, elaborado com o sentido TRABALHO APERFEIÇOADO É GERADOR DE MELHORES RESULTADOS, sendo estes, respectivamente, um melhor texto e um melhor espetáculo.

Nesse sentido, a elaboração metafórica TRABALHO É APERFEIÇOAMENTO pode ser compreendida, de modo mais particular, aplicada a agentes não-humanos, ou seja, os resultados do trabalho, nas ocorrências (81) e (141), conforme supracitadas, e de modo mais geral, na ocorrência (9), relacionada ao próprio trabalhador e sua práxis laboral.

Em (281) e (282), notamos a conceptualização metafórica TRABALHO É ESTRATÉGIA A SER APERFEIÇOADA, pelos trechos em destaque:

(281) “Acho que corremos um grande risco. Primeiro porque o *Audax tem um trabalho e um conceito de jogo que é aprimorado a todo momento*. Não foi por acaso que tirou os adversários que tirou”, afirmou o treinador Santos. (Notícia – Ciro Campos – Audax desafia hegemonia do Santos, p.74, 2016).

(282) Essa ascensão significa também declarações muito bem estudadas. “É uma semana decisiva. Tentar fazer um bom placar no primeiro jogo, *trabalhar bem a bola*. Temos de marcar e colocar nosso futebol em prática”. (Gonçalo Junior – Reportagem – Gabriel busca se consolidar como ídolo, p.75, 2016).

Em (290), identificamos que TRABALHO É RESULTADO DE UMA AÇÃO ANTERIOR:

(290) Para tentar aumentar o número de mulheres já no ano que vem, a FPF (Federação Paulista de Futebol) criou um programa especial voltado para *treinamento específico das árbitras, com trabalho físico, técnico ou psicológico*, que permitam aumentar a performance nas diversas competições paulistas no ano que vem. A dificuldade para acompanhar o ritmo dos homens faz com que muitas mulheres acabem desistindo de seguir carreira ou mesmo de evoluir a ponto de ter condições para trabalhar em grandes jogos. (Daniel Batista – Reportagem – Mulher na arbitragem rareia em São Paulo, p.77, 2016).

O trecho “treinamento específico das árbitras, com trabalho físico, técnico ou psicológico” (290), metonimicamente, perspectiva os tipos de trabalhos desenvolvidos, objetivando a preparação das árbitras; assim, temos que o trabalho é entendido como uma preparação para execução futura de outro tipo de trabalho, de modo que, conceptualmente, temos TRABALHO É PREPARAÇÃO, e como, ao longo do referido texto, temos a especificidade do tipo desta preparação, podemos inferir, pelo EI do PROCESSO, que TRABALHO É TREINO. Observamos o objetivo do treino em: “aumentar a performance nas diversas competições paulistas no ano que vem”, de modo que, ancorando-se no EI da ESCALA, cria uma proporção, segundo a qual, MUITO TREINO RESULTA EM MELHOR DESEMPENHO. Tal conceptualização também foi reforçada pelo trecho: “A *dificuldade para acompanhar o ritmo dos homens* faz com que muitas mulheres acabem *desistindo* de seguir carreira ou mesmo *de evoluir* a ponto de ter condições para trabalhar em grandes jogos”.

Em (291), o trecho “as meninas continuam fazendo testes físicos masculinos e além de ter de passar por um teste complicado, precisam estar habilitadas tecnicamente” aponta para um preparo que antecede a execução do tipo de trabalho:

(291) [...] as meninas continuam fazendo testes físicos masculinos e além de ter de passar por um teste complicado, precisam estar habilitadas tecnicamente. Tudo isso faz com que *tenhamos poucas assistentes aptas para trabalhar em jogos grandes no estado*. (Daniel Batista – Reportagem – Mulher na arbitragem rareia em São Paulo, p.77, 2016).

Já o trecho: “poucas assistentes aptas para trabalhar em jogos grandes no estado” especifica qual é este tipo de trabalho. A expressão “*aptas*” nos sugere que

TRABALHO É EXECUÇÃO DE ATIVIDADE QUE EXIGE PREPARO FÍSICO, que, neste caso, seria a prática de exercícios físicos.

Nas ocorrências seguintes, observamos a conceptualização TRABALHO É ATUAÇÃO QUE OCORRE EM UM LUGAR, pelos trechos em destaque, nos quais identificamos o EI de LIGAÇÃO, por exemplo, em (292), pelo uso prepositivo “trabalharem *com* arbitragem”, no sentido de atuar ou realizar algo em alguma circunstância, e nas seguintes, o EI do RECIPIENTE, reforçando a conceptualização metafórica TRABALHO É ATUAÇÃO QUE OCORRE EM UM LUGAR, pela preposição locativa *em*:

(292) Existe muita procura de mulheres para *trabalharem com arbitragem*? [Pergunta de uma entrevista a Ana Paula de Oliveira, da ENAF]. (Daniel Batista – Reportagem – Mulher na arbitragem rareia em São Paulo, p.77, 2016).

(293) Márcia Bezerra Caetano, assistente, 41 anos. Já foi assistente FIFA, e neste ano *trabalhou em três jogos* série A-1 e três da série A-2. (Daniel Batista – Reportagem – Mulher na arbitragem rareia em São Paulo, p.77, 2016).

(294) Tatiane Camargo, 31 anos, assistente. É apontada como a melhor assistente do Estado. *Trabalhou em apenas quatro jogos* da Série A-1, pois foi convocada para *trabalhar no* Sul-Americano feminino em partidas de competições nacionais. (Daniel Batista – Reportagem – Mulher na arbitragem rareia em São Paulo, p.77, 2016).

As ocorrências referentes ao MCI do APERFEIÇOAMENTO estiveram presentes nos séc. XIX, XX e XXI, acionando, predominantemente, elementos conceptuais metafóricos, estruturados pelos esquemas imagéticos, ao mapear os conhecimentos do respectivo domínio-fonte, para sua projeção no domínio-alvo TRABALHO. Não notamos a ocorrência de metonímias no referido MCI.

Passemos à discussão a respeito das ocorrências que, a nosso ver, fizeram parte do MCI do SERVIÇO.

### 3.1.1.3 Modelo Cognitivo Idealizado do SERVIÇO

Ao discutir a relação entre a experiência do trabalhador e a produtividade em sua prática laboral, assim se coloca Smith (1996 [1776], p.68): “o aprimoramento da

destreza do operário necessariamente aumenta a quantidade de serviço que ele pode realizar”. Dessa forma, entendemos que o SERVIÇO, enquanto um tipo de trabalho a ser executado, pode ser aprimorado, conforme apontamos através do MCI do APERFEIÇOAMENTO, ao ponto de suas especificidades poderem ser destacadas, conforme veremos nas ocorrências a seguir.

(16) Patenteando o *immenso serviço* que recebi de tão abalizado medico, *curando meu innocente filho*, tenho em mente *prestar tambem um bom serviço ao publico* e mui principalmente aos paes que tenham a desdita de vêr seus filhos prostrados no leito do soffrimento. (Seção livre – Ao III. Sr. Dr. Jayme Serva, p.3, 1878).

Em (16), notamos o uso da expressão “*immenso serviço*”, para referir-se ao trabalho de um profissional da saúde, segundo o escrevente, “*curando meu innocente filho*”, em que a atividade desenvolvida foi conceptualizada como a prestação de um serviço, que, poderia ou não ter ocorrido. Em retribuição, o sujeito pretende, com a publicação do anúncio, “*prestar tambem um bom serviço ao publico*”, divulgando o nome do referido médico. Assim, identificamos que a metonímia SERVIÇO POR TRABALHO predomina no texto, ao lado do possível acarretamento *SERVIÇO PRESTADO DEMANDA AGRADECIMENTO*.

Semelhante conceptualização temos em (17):

(17) J.F. Hosman. Já há muitos annos conhecido em todo o império do Brasil e muito acreditado pela perfeição do seu trabalho, *tendo trabalhado em 1859 em serviço da familia imperial*, avisa aos seus amigos e antigos freguezes, e ao respeitavel publico, que se acha presentemente nessa provincia de S. Paulo *afim de servir aos habitantes da mesma, com promptidão, garantido o seu trabalho*. (Anuncios, p.4, 1878).

Na referida ocorrência, apesar de não especificar qual seja, o escrevente elogia o trabalho de outrem, e pelas expressões “*tendo trabalhado em 1859 em serviço da familia imperial*”, pudemos localizar a metáfora complexa TRABALHO É ATIVIDADE QUE SE FAZ NO TEMPO, NO ESPAÇO E PARA ALGUÉM, ancorada no EI do RECIPIENTE, o que nos pareceu evidenciar-se, pelo uso prepositivo *em*. Reafirmando a qualidade que pretende manter em seus trabalhos, o escrevente assegura o compromisso de que o referido trabalhador sustentará para com “seus amigos e antigos freguezes, e ao respeitavel publico”, “*afim de servir aos habitantes*”.

da mesma, com promptidão, *garantindo o seu trabalho*". O uso "com promptidão", pelo EI de LIGAÇÃO, enfatiza o modo como o mesmo será executado, resultando em que poderá seguir "*garantindo o seu trabalho*"; inferência ancorada no EI ORIGEM-PERCURSO-META, donde pudemos identificar EXPERIÊNCIA NA ATIVIDADE É GARANTIA DE SUCESSO, o que, a nosso ver, ventila o sentido primordial de currículo.

(44) Cada um trata de se garantir e tomar as medidas convenientes a sua propria segurança [...] os mais competentes e aptos moram fóra, nas fazendas, e não podem chamar a si o *serviço de policiamento da villa*, com a autoridade e energia que as circunstancias exigem. (Comarca do Ribeirão Preto, p.1, 1885).

Em (44), observamos uma especificação do tipo de trabalho realizado, em que a metonímia TIPO DE SERVIÇO PRESTADO POR TRABALHO é licenciada pela expressão "serviço de policiamento da villa". Também ocorre a ancoragem no EI do ATRATOR, através da expressão "*chamar a si o serviço*", o que sugere um deslocamento (do serviço, até o sujeito a quem se serve), motivado por um pedido de ajuda.

(153) São esses os pontos principaes do decreto: a fixação do *salario minimo a que todo trabalhador tem direito, em retribuição aos serviços prestados*. (Notícia – Regulamento das commissões de fixação do salario minimo, p.8, 1938).

Em (153), notamos uma conceptualização mais específica: TRABALHO É SERVIÇO PRESTADO QUE DEVE SER RECOMPENSADO, cujo acarretamento metafórico seria: SALÁRIO É RECOMPENSA, além do acionamento do EI ORIGEM-PERCURSO-META, em que o trabalho é o percurso e o salário, a meta (ou recompensa) a ser alcançada. Dessa forma, no ano em questão, as discussões sobre a fixação do chamado *salário mínimo* giraram em torno desta percepção: o pagamento pelo trabalho realizado passa a ser não somente uma retribuição ou recompensa, mas sim, um direito do trabalhador. Esta mudança na forma de percepção do trabalho teve uma implicação direta na sociedade brasileira, aventando mudanças nos paradigmas econômicos que, até então, regiam a nação.

(222) [...] Com sabotagem da administração pública, Dilma e os petistas pretendem registrar seu protesto contra o “golpe” de que se consideram vítimas [...], mas estarão prejudicando, na verdade, *aqueles para quem o governo deve trabalhar*: os cidadãos brasileiros. (Artigo – Esgares de intolerância, p.3, 2016).

Destacamos, na ocorrência (222), o trecho “*para quem o governo deve trabalhar*”, cujos termos destacados nos levaram a inferir que TRABALHO É SERVIÇO OBRIGATÓRIO PRESTADO A ALGUÉM, em que o *governo* é o agente e os *cidadãos brasileiros* são o alvo.

No presente MCI, cujas ocorrências estiveram presentes ao longo dos três séculos investigados, identificamos conceptualizações metafóricas e seus respectivos acarretamentos, estruturados por meio dos esquemas imagéticos, além da predominância da metonímia TRABALHO POR SERVIÇO.

O próximo MCI estudado foi o do ESFORÇO, o qual discutiremos em seguida.

#### 3.1.1.4 Modelo Cognitivo Idealizado do ESFORÇO

Ao buscarmos compreender a situação do trabalho no Brasil, no final do séc. XIX, fez-se necessária uma retomada ao início do contexto do referido século, a fim de percebermos que os modos de produção não foram substituídos abruptamente, mas, sim, com a passar do tempo, em que certas transformações geraram mudanças nas mentalidades dos próprios trabalhadores. Assim, o esforço demandado pelo trabalhador na execução de seus serviços era associado diretamente ao próprio trabalho, de modo que o mapeamento conceptual entre ESFORÇO e TRABALHO era quase automático, como aponta De Masi (2001, p.12):

A partir de fins do século XVIII e início do XIX, chegou a indústria: milhões de camponeses e artesãos se transformaram em trabalhadores “subordinados”, os tempos e os lugares de trabalho passaram a não depender mais da natureza, mas das regras empresariais e dos ritmos da máquina, dos quais o operário não passava de uma engrenagem. O trabalho – que podia durar até quinze horas por dia – passou a ser um esforço cruel para o corpo do operário e preocupação estressante para a mente do empregado. Quando existia, deformava os músculos e o

cérebro; quando não existia, reduzia os trabalhadores a desocupados e os desocupados a ‘sub-proletariado’.

A partir dessas considerações, apresentamos, em seguida, como captamos o comportamento do MCI do ESFORÇO, na documentação estudada. Na ocorrência (21), a expressão “trabalhas *na* liberdade do paiz”, pelo contexto, sugere-nos o investimento de forças, para conseguir algo, o que aponta para os EI’S da POSSIBILITAÇÃO, FORÇAS, ORIGEM-PERCURSO-META e RECIPIENTE, visto que se tem o objetivo de romper com uma estrutura, a fim de propor outra em seu lugar, persistentemente: “Há inumeros annos que trabalhas [...]”:

(21) [...] Essa voz dirá ao nobre presidente do conselho: - Há inumeros annos que *trabalhas na liberdade do paiz*, há inumeros annos que te cobres de serviços e de merecimentos – oh! não, não olvides o preterito. (Assembleia geral – Discurso do sr. José Bonifácio, p.2, 1879).

No caso do trecho “há inumeros annos que te cobres de serviços e de merecimentos” observamos que este conceptualiza o trabalho por meio do EI do CONDUTO, em que o TRABALHO É MEIO PARA ALCANÇAR ALVO, porém, não sem esforço, donde temos que TRABALHO É ESFORÇO PARA ALCANÇAR ALVO. O uso reiterado do intensificador, nos trechos: “*inumeros annos* [...] *inumeros annos*”, sugere-nos uma ancoragem no EI da ESCALA.

Esta ideia está presente, também, em (30):

(30) [...] a obrigação em que me julgo de, como democrata, *trabalhar pela abolição do systema eleitoral*, por lei ordinaria ou pelo trilho aberto por emergencias extraordinarias, acceitarei o principio da eleição directa, e *trabalharei para que, o mais breve possivel, elle seja consagrado na legislação pátria*. (Ao eleitorado liberal, p.2, 1880).

Nos trechos “trabalhar *pela* abolição do systema eleitoral” e “trabalharei *para* que, o mais breve possivel, elle seja consagrado na legislação pátria”, as preposições *para* e *por* sugerem que houve um acionamento de forças, no campo ideológico, como estratégia de convencimento, para conseguir o objetivo, assim, novamente, temos que TRABALHO É ESFORÇO PARA ALCANÇAR ALVO; por meio dos EI’s do CONDUTO e ORIGEM-PERCURSO-META, em que o trabalho figura como meio.

(38) Participamos ao publico que acabamos de montar o nosso estabelecimento com os aparelhos mais modernos, para *facilitar o trabalho*, de modo que podemos executar qualquer encomenda. (Anuncios – Fundição campineira, p.3, 1881).

Em (38), notamos, indiretamente, pelo trecho “para facilitar o trabalho”, o EI de FORÇA, em que TRABALHO É ATIVIDADE DIFÍCIL, de modo que requer esforço para sua realização. Isto porque facilitar as atividades desenvolvidas implica em adaptação do ambiente de trabalho, com a inserção de “aparelhos mais modernos”.

(49) Com boa vontade e sobretudo se o lavrador se convencer de que deve acompanhar o progresso ou terá infallivelmente de desaparecer, talvez alguma coisa se obtenha e se consiga essa transformação. Os directores de engenhos centraes por meio de conselhos, muito poderão fazer tanto mais quanto fazendo-o, *para si trabalham*. (Correspondência de Portugal, p.1, 1885).

(50) No centro do Brazil temos alguns terrenos que são talvez os mais apropriados para a cultura da canna, *já porque ella ahi dá com abundancia com muito pouco trabalho* [...]. (Correspondência de Portugal, p.1, 1885).

O texto em que estão alocadas as ocorrências (49) e (50) versa sobre a adoção de novas técnicas para extração de açúcar, propondo que haja uma migração da beterraba para a cana-de-açúcar como matéria-prima principal. Em (49), observamos que o escrevente utiliza-se de estratégias de convencimento, o que nos pareceu evidente a partir do trecho “Com boa vontade e sobretudo se o lavrador se convencer de que deve acompanhar o progresso ou terá infallivelmente de desaparecer, talvez alguma coisa se obtenha e se consiga essa transformação”. Dessa forma, os agentes desse convencimento e seus alvos são apontados: “Os directores de engenhos centraes *por meio de conselhos*, muito poderão fazer”. Além disso, o trecho “tanto mais quanto fazendo-o, *para si trabalham*” sugere que o esforço empregado para o convencimento de terceiros trará resultados positivos para quem os convence, assim, temos que TRABALHO É ESFORÇO PARA CONVENCIMENTO, ao acionar os EI's de FORÇA, ORIGEM-PERCURSO-META, e cujos acarretamentos são *ESFORÇO PARA CONVENCIMENTO TRARÁ RESULTADOS, TRABALHO DE CONVENCIMENTO DO OUTRO É TRABALHO PARA SI*. Em (50), o escrevente segue conceptualizando trabalho como esforço, porém, físico: “*ella ahi dá com abundancia com muito pouco trabalho*”, e que, no caso, pode ser medido ou avaliado. Assim, temos que TRABALHO É ESFORÇO FÍSICO MENSURÁVEL.



(51) Segundo as ultimas noticias que nos communicam de Paris, em carta particular, continuavam com grande celeridade *as obras do vasto edificio dos jardins e dependencias* que devem servir a esta importantissima exposiçãõ. A affluencia de expositores, excedente do numero previsto determinára a necessidade de *obras accessorias nas quaes se trabalhava dia e noite*. (Exposiçãõ Universal de Antuerpia, p.2, 1885).

Em (51), temos a associaçãõ do trabalho a obras de construçãõ, como vemos em: “as obras do vasto edificio dos jardins e dependencias” e “obras accessorias”. Tais trechos metonimizam o tipo de trabalho que se realiza, ao demandarem esforço ininterrupto: “dia e noite”; assim, temos TRABALHO POR ESFORÇO CONTÍNUO. Identificamos semelhante conceptualizaçãõ nas ocorrências (77), (78) e (88), a partir dos trechos que, nelas, destacamos:

(77) Esse cidadão, sr. presidente, é um daqueles cidadãos *que mais teem trabalhado, que mais teem se sacrificado, que mais se teem compromettido, até o seus haveres e interesses*, em benefício do progresso e desenvolvimento da Villa da Fartura. (Sessões da Câmara, p.2, 1895).

(78) Informam-nos que no referido trecho se trabalha *com toda a actividade* para o completo restabelecimento da linha [férrea]. (Notas e informações, p.2, 1895).

(88) A *actividade extraordinaria* desenvolvida pelo vice-almirante sr. Arias Salgado, em cujo arsenal *se trabalha dia e noite* [...]. (Cartas de Madrid, p.1, 1898).

Na ocorrência (77), observamos que as expressões *trabalho, sacrificio e compromisso* apontam para uma forma de categorizaçãõ da atividade laboral, que culmina em todos os esforços possíveis de serem empregados. Assim, *TRABALHO É INVESTIMENTO DE ESFORÇOS, PARA ALCANÇAR ALVO*, de acordo com o trecho: “o progresso e desenvolvimento da Villa da Fartura”, reforçado pelo uso repetitivo da expressãõ intensificadora “que *mais teem*”.

Em (78), identificamos a conceptualizaçãõ metonímica de atividade pelo nível ou intensidade do esforço empregado para realizá-la, a saber, *ATIVIDADE PELO MODO DE EXERCÊ-LA*, que é subjacente à metáfora *TRABALHO É ESFORÇO INTENSO*, acionando os EI’s de *FORÇAS* e *ORIGEM-PERCURSO-META*. O trecho “se trabalha com toda a actividade *para* o completo restabelecimento da linha [férrea]”

sugere, ainda, a especificidade do trabalho realizado, no que tange à sua finalidade, ou seja, TRABALHO É ESFORÇO INTENSO PARA ALCANÇAR ALVO.

Em (88), a adjetivação da *atividade*, e o uso da expressão adverbial “dia e noite”, relacionada ao trabalho, através de uma ancoragem no EI do PROCESSO, sugere ininterruptibilidade e continuidade do esforço para conclusão da atividade, apontando para a metáfora TRABALHO É ESFORÇO CONTÍNUO.

Em (82) e (134), observamos a conceptualização do trabalho como resultante do esforço empregado, quando da realização de determinada atividade, conforme destacamos:

(82) Devem usal-o [o Vinho de Peptona Defresne] igualmente as pessoas de constituição debil [...] *as maens cujo vigor é compromettido pelo trabalho do aleitamento*. (Anuncios, p.6, 1895).

(134) [...] eis porque as pessoas *fracas, debilitadas* pelas molestias, *pelo trabalho* ou por excessos devem tomar vinho de Quinium Labarraque. (Propaganda, p.9, 1910).

Pelas expressões “compromettido *pelo* trabalho” (82), e “debilitadas *pelo* trabalho” (134), observamos o EI do CONDUTO, pela preposição *por*, sugerindo que o determinado tipo de trabalho é o meio pelo qual o vigor se esvai. Dessa forma, metonimicamente, temos, em (82), ALEITAMENTO POR TIPO DE TRABALHO, e, por ser considerado um *esforço*, temos o acarretamento *ALEITAMENTO É TIPO DE TRABALHO QUE TIRA O VIGOR DA MULHER*. Temos, assim, em (134), a metáfora mais abrangente TRABALHO É ATIVIDADE QUE TIRA O VIGOR.

O artigo “A conquista do Brasil” narra a saga dos bandeirantes, como conquistadores do país, a partir da transcrição de uma conferência proferida por Oliveira Lima, em 04 de abril de 1910, no Real Theatro de La Monnaie; do mesmo, destacamos a seguinte ocorrência:

(107) Mesmo nos escolhos [recifes], força era aos viajantes *trabalharem dentro da agua*, guiando o barco, felizes ainda se este não sossobrava com o seu conteúdo, ou se alguns dos viajantes não se afogavam na torrente. (Artigo – A conquista do Brasil, p.1, 1910).

Em (107), o trecho destacado em: “*força era aos viajantes trabalharem dentro da agua, guiando o barco*” aponta para o trabalho como sendo o emprego de forças físicas. Ao pensarmos no contexto dos inícios do século XX, no qual as embarcações, em geral, ainda dependiam do emprego da força humana para a execução de muitas manobras, poderemos vislumbrar que o tipo de trabalho ao qual se refere pode, metonimicamente, ser entendido como sendo esforço físico. Aqui, notamos que o EI de FORÇAS foi acionado, juntamente com o do MEIO, mediante a recorrência da metáfora TRABALHO É ESFORÇO INTENSO PARA ALCANÇAR ALVO, que ainda sugere o acarretamento mais específico: *TRABALHO É ESFORÇO FÍSICO INTENSO PARA ALCANÇAR ALVO*. Além desses, identificamos o EI do RECIPIENTE, pela expressão “*trabalharem dentro da agua*”, em que temos, metonimicamente, CONTINENTE PELO CONTEÚDO *água* por *mar*, sendo o mar o lugar onde se executou o referido trabalho/esforço.

Os trechos destacados em (111) sugeriram-nos que TRABALHO É ATITUDE DE ESFORÇO, observável a partir de elementos como a representação artística, localizada no trecho “*numeroso grupo de figuras em attitude de trabalho, dispostas na parte central do monumento*”.

(111) Nem foram estes seus unicos obreiros; em mais modesta labuta outros collaboraram nesta obra, pois, segundo narram as chronicas, começada a edificação [da cidade de S.P.] em 1554, já em 1556 estavam quase acabadas as casas e a igreja, feitas de taipa de pilão, graças ao *esforçado trabalho* dos indios catechumenos, os quaes nas horas disponiveis ajudavam o mestre do serviço, padre Affonso Braz, trazendo às costas as cestas de terra e os potes de agua [..]. Este episodio caracteristico foi com muita felicidade representado no projecto por numeroso grupo de figuras em *attitude de trabalho*, dispostas na parte central do monumento. (Notícia – Monumento commemorativo da fundação de S. Paulo, p.2, 1910).

A maioria das ocorrências seguintes aponta para a metáfora geral que organiza o presente MCI: TRABALHO É ESFORÇO. Como veremos, o que as diferencia, em termos gerais, é a finalidade do referido esforço:

(112) Elle [Anchieta] foi o que ali a recebeu em seus principios, asignalou-lhe lugar em suas terras, ajudou a fazer-lhe casa e igreja, *trabalhou que fossem obedecidos e respeitados os padres*. (Notícia – Monumento commemorativo da fundação de S. Paulo, p.2, 1910).

Assim, no trecho “*trabalhou que fossem obedecidos e respeitados os padres*”, em (112), o EI ORIGEM-PERCURSO-META aponta para a metáfora TRABALHO É ESFORÇO PARA CONVENCIMENTO.

(117) *Recomeçaram com grande actividade os trabalhos do ramal de São Francisco do Iguçu, na estrada de Ferro São Paulo Rio Grande. (Notícias avulsas, p.4, 1910).*

Em (117), observamos que ocorre uma diferenciação entre *trabalho* e *atividade*, pois a expressão “*actividade*” funciona como um adjetivador para *trabalhos*, no sentido de explicar como se deram os mesmos, o que nos sugere a ideia de *movimento intenso, ânimo, energia*, através do EI de FORÇAS. Assim, deduzimos a conceptualização TRABALHO É ATIVIDADE INTENSA.

(118) *Da outra banda se collocam os criadores reformadores, pretendendo mais depressa alcançar a meta almejada, pelo cruzamento das raças indigenas com as adiantadas e aperfeiçoadas raças europeas, ganhando assim tempo e poupando trabalhos. (Notícia – Exposição de animaes, p.3, 1910).*

O trecho “*ganhando assim tempo e poupando trabalhos*”, em (118), sugere-nos as metáforas TRABALHO É ESFORÇO PARA ALCANÇAR ALVO, e TRABALHO É BEM PRECIOSO, que, assim como o tempo, pode e precisa ser poupado.

O texto, em (150), situa-se no contexto em que, no Brasil, em 1938, havia a exploração da mão de obra imigrante europeia. Assim, fez-se necessário o estabelecimento de discursos que legitimassem tais ações, visto que a mão de obra escrava já não estava mais disponível, oficialmente. Desse modo, em (150), observamos, no trecho destacado, que o próprio embaixador italiano dirige-se a seus conterrâneos, “*exhortando*” os trabalhadores a que continuem “*trabalhando para o paiz que os hospeda*”, de modo que trabalho foi conceptualizado como meio para enriquecimento do país, em retribuição por sua recepção aos estrangeiros. Ou seja, mais do que o meio para sobrevivência, o trabalho é meio para sobrevivência de pessoas vivendo em um país que não é o seu, em um contexto de exploração:

(150) Falou, por fim, o sr. Vincenzo Lojacono, agradecendo a acolhida que estava tendo, a satisfação que tinha em ver brasileiros e italianos vivendo em perfeita harmonia e terminou exortando estes últimos a continuarem, como até aqui, *trabalhando para o país que os hospeda*. Todos os oradores foram calorosamente aplaudidos. (Notícia – A visita do embaixador italiano, p.6, 1938).

Desse modo, TRABALHO É ESFORÇO PARA ENRIQUECIMENTO DO PAÍS, além de, pelos EI's do CONDUTO e ORIGEM-PERCURSO-META, entendermos que TRABALHO É MEIO DE EXPLORAÇÃO, observação a que chegamos considerando o cenário econômico e social do país, como um todo, em relação à exploração do trabalhador.

Na ocorrência (157), também, identificamos o EI ORIGEM-PERCURSO-META, em que mapeamos os sentidos: a *origem*, no trecho “Traça, para isso um *plano*”, o *percurso*, em: “E para isso *se esforça e trabalha* como poucos”, e por fim, a *meta*, em “Seu *sonho* é abrigar o comércio de livros entre nós”.

(157) Como homem de negócios, [Quaresma. Um frequentador das livrarias cariocas] não conhece desanimos. Seu sonho é abrigar o comércio de livros entre nós. Traça, para isso um plano. *E para isso se esforça e trabalha como poucos*. (Artigo – O Rio de Janeiro no começo do século XX: livrarias, p.10, 1938).

Assim, TRABALHO É ESFORÇO PARA ATINGIR UM SONHO. Nesse caso, o emprego de forças, também, sugere o EI de CONTRAFORÇAS, visto que, pelo contexto, não se tratava de uma realização facilmente alcançável; além do EI de LIGAÇÃO, pelo trecho “*se esforça e trabalha*”, que sugere ações contíguas, visando a um fim.

Nas ocorrências seguintes, identificamos a predominância da metáfora recorrente no MCI do ESFORÇO, a saber, TRABALHO É ESFORÇO PARA ATINGIR UM ALVO, de modo que destacamos, em cada uma delas, o tipo de finalidade que fora acionada, por meio do EI ORIGEM-PERCURSO-META, predominante em quase todas as ocorrências aqui estudadas:

(166) O estômago é por assim dizer, *uma usina que trabalha intensamente durante todo o dia* [...]. (Propaganda – Magnesia Bisurada, p.18, 1938).

Na propaganda em (166), observamos que o estômago é conceptualizado como uma usina, e o corpo humano como uma fábrica, em uma proposta de personificação de parte do corpo humano, como sendo uma unidade autônoma (também o observamos nas ocorrências (93) e (94), que serão discutidas a posteriori). Sendo uma propaganda, o escrevente focou em elementos de convencimento do outro que oferecessem maior eficácia à sua argumentação, optando, assim, pela discussão sobre o funcionamento ideal do corpo, a fim de divulgar um produto que, segundo sua prescrição, auxiliará nos processos digestórios. Desse modo, podemos observar que os EI's do CICLO e do CONTRAFORÇAS ancoram a conceptualização TRABALHO É ESFORÇO, cujo acarretamento seria *TRABALHO É ESFORÇO INTENSO E CONTÍNUO*, a partir do trecho “uzina que *trabalha intensamente durante todo o dia*”.

(167) Rusk disse ainda que a defesa contra as ameaças comunistas internas e externas baseiam-se não somente na defesa militar, mas também no bem estar geral, pelo que há a necessidade de ajudar economicamente os países subdesenvolvidos. Assegurou que os Estados Unidos continuarão a *trabalhar com os membros do CENTO* para assegurar a defesa e a estabilidade do Oriente Médio. (Notícias - CENTO: iniciada em Londres a reunião do Conselho Ministerial, p.1, 1962).

Em (167), o uso da expressão “trabalhar *com* os membros do CENTO” aponta para um trabalho em equipe, acionando o EI de LIGAÇÃO; já o trecho: “*trabalhar com os membros do CENTO para assegurar a defesa e a estabilidade*” sugere-nos o acionamento do EI ORIGEM-PERCURSO-META, em que o fim seria “assegurar a defesa e a estabilidade do Oriente Médio”.

(170) O Plano Nacional de Habitação é *uma mobilização geral de esforços em favor da casa própria* para a família trabalhadora. (Casa própria aos trabalhadores, p.6, 1962).

Em (170), retoma-se a metáfora TRABALHO É ESFORÇO PARA ATINGIR UM ALVO e ainda especifica o tipo de esforço a ser empregado, pelo trecho em destaque. Assim, TRABALHO É MOVIMENTO PARA ATINGIR O ALVO: o alvo, nesse caso, seria a possibilidade de aquisição “*da casa própria para a família trabalhadora*”. Novamente, observamos o EI ORIGEM-PERCURSO-META, cujo acarretamento

sugere que a *meta* seria uma aquisição “*para a família trabalhadora*” (e não para *todas* as demais famílias) em um movimento metonímico.

Outros exemplos que acionaram elementos distintos do presente MCI estão em (227) e (229):

(227) As comemorações de hoje do Dia do Trabalho são uma mostra de como o ambiente está envenenado para debates do tipo. Braço sindical do PT, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) promete fazer junto com os movimentos sociais ‘o maior 1º de maio da história’. Será contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff, com a presença da própria. ‘Mas o pano de fundo são os direitos dos trabalhadores’, afirmou ao **Estado** o presidente da CUT, Vagner Freitas. [...] Ciente disso, *o vice trabalha para consolidar uma base sindical* que possa lhe dar apoio nas ruas [...]. (Reformas de Temer vão esperar ‘clima político’, p.4, 2016).

(229) [...] A aproximação com as centrais faz parte de um *trabalho mais amplo do vice*, que é construir um “governo de união nacional” para se enfrentar a dura agenda que se coloca à frente, sem a qual não será possível recolocar a economia nos eixos. (Reformas de Temer vão esperar ‘clima político’, p.4, 2016).

Considerando o contexto político de oposição, do ano 2016, em que o então vice-presidente Michel Temer, encontrava-se às vésperas da votação do processo de *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, o mesmo precisou contar com o máximo de bases de apoio político-ideológico que estivessem ao seu alcance, a fim de estruturar o que seria seu plano de governo; o que podemos identificar pelo trecho: “o vice trabalha para *consolidar uma base* sindical que *possa lhe dar apoio nas ruas*. Na semana passada, Temer *recebeu quatro das seis principais sindicais do país*”. Pelo momento bastante acirrado das manifestações populares contra e pró-*impeachment*, promovidas por pessoas que foram para as ruas das principais cidades do Brasil, o então vice-presidente anteviu que o Dia do Trabalhador seria um cenário promissor para outra grande manifestação, conforme sugere-nos o trecho: “Braço sindical do PT, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) promete fazer junto com os movimentos sociais ‘o maior 1º de maio da história’. Será contra o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, com a presença da própria”. Assim, sua estratégia envolveu angariar apoio, através do esforço / trabalho das negociações: “*Ciente disso, o vice trabalha para consolidar uma base sindical que possa lhe dar apoio nas ruas*”.

Inferimos que o uso da expressão “trabalha para” sugere, em (227), que o FIM objetivado, após a aplicação de ESFORÇO, é obter apoio, o que, pelo EI ORIGEM-PERCURSO-META, perspectiva a metáfora conceptual TRABALHO É ESFORÇO PARA ATINGIR O ALVO, e, em consequência, *TRABALHO É ESFORÇO PARA CONSEGUIR APOIO POPULAR*.

Os termos destacados na expressão “*consolidar uma base sindical que possa lhe dar apoio*” (227) e “construir um ‘governo de união nacional’” (229) apontam para o acionamento do EI da ESTRUTURA. A partir dos nossos conhecimentos enciclopédicos sobre edificações, podemos identificar mapeamentos em que *base sindical* estaria para *alicerce*, *dar apoio* estaria para *colunas* de uma construção, de modo que *MONTAR UMA BASE É MONTAR UMA ESTRUTURA*, já que, metaforicamente, APOIO POPULAR É BASE. Em (229), esta conceptualização é ratificada, mediante expressões como: “A aproximação com as centrais faz parte de um *trabalho mais amplo do vice*, que é construir um ‘governo de união nacional’”, que sugerem uma conceptualização ancorada no EI do LUGAR, (“*trabalho mais amplo*”), além de reforçar a noção de uma estratégia montada de modo mais meticuloso, especificando ainda mais a metáfora GOVERNO É ESTRUTURA, sendo assim, temos que TRABALHO É ESFORÇO PARA ESTRUTURAR GOVERNO.

Semelhante conceptualização percebemos em (231) e (232), embora não tenham sido projetados conhecimentos referentes às edificações, notamos que “*trabalhar para*” aponta para a conceptualização metonímica TRABALHO POR PREPARAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO, que percebemos até mesmo pelo título: “Congresso já *trabalha pauta* para ajudar vice”, sugerido pelo EI ORIGEM-PERCURSO-META, através da expressão “*para*”:

(231) Mesmo sem o Senado ter votado o afastamento da presidente Dilma Rousseff, o Congresso começa a votar na próxima semana uma pauta de projetos alinhados a um eventual governo Michel Temer. [...] O líder do DEM, Pauderney Avelino (AM), admitiu que, na Câmara, “existe uma tendência de *trabalhar para o próximo governo*”. (Notícia – Congresso já trabalha pauta para ajudar vice, p.5, 2016).

(232) [...] Na Câmara, os atuais opositores também *trabalham com as demandas de um eventual governo Temer*. [...] “Nesse momento não é nossa intenção *trabalhar com um vácuo de governo*, com uma presidente que governa sem poderes *para isso*, sem



representatividade”. (Notícia – Congresso já trabalha pauta para ajudar vice, p.5, 2016).

Assim, temos que TRABALHO É ESFORÇO PARA OFERECER APOIO, complementando a conceptualização identificada em (227) e (229). Embora se tratem de textos distintos, referem-se ao mesmo evento, e, ainda, diríamos, sob um ponto de vista semelhante: favorável à figura do então vice-presidente Michel Temer. Assim, chamam de *tendência* o fato de os aliados ao vice-presidente oferecerem seu apoio ao político. Em (232), notamos que a conceptualização ancora-se no EI de LIGAÇÃO, pelo uso da expressão *trabalhar com*, que sugere a ideia de proximidade e identificação de estratégias.

Em (234) e (235), identificamos o EI da POSSIBILITAÇÃO, em que se emprega um esforço, a fim de conseguir algo, para alguém, como apontam as expressões em destaque, respectivamente, *eleição* e *demissão*:

(234) “Eu disse à presidente Dilma que foi um erro ter tirado o Moreira [Moreira Franco, ex-ministro da Aviação Civil] do Ministério. Ele *trabalhou muito pela eleição de Dilma em 2014*. Estávamos em lados opostos e Moreira nos atrapalhou bastante”, diz o presidente do PMDB-RJ, Jorge Picciani. (Luciana Nunes Leal, Moreira Franco ainda dá passos de ‘gato angorá’, p.6, 2016).

(235) Segundo o núcleo duro de Temer, o ex-ministro da Justiça e atual advogado-geral da União, José Eduardo Cardozo, errou ao deixar transparecer sua proximidade com o procurador-geral da República. Por causa disso, Cardozo sempre foi criticado pela oposição, pelo governo e pelo PT. Nos bastidores, os ataques mais fortes partiram do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que *trabalhou pela demissão dele da Justiça*. (Adriano Ceolin, Reportagem – Vice admite que Justiça é escolha ‘mais difícil’, p.7, 2016).

Em (237), ao invés do EI da POSSIBILITAÇÃO, identificamos o seu contrário, a saber, o do BLOQUEIO; ou seja, TRABALHO É ESFORÇO CONTRÁRIO, sugerindo oposição a um movimento:

(237) Óbvio que há muita gente responsável e de bom senso que não apenas compreende o que está acontecendo como se preocupa mais com o País do que com um governo falido e um partido em polvorosa [...]. Segundo a turma do Temer, eles têm sido “homens de Estado”. Mantém a compostura até o fim. Não se viraram contra o governo, mas *não trabalham contra o país*. (Eliane Cantanhêde, Artigo – Explodir o país?, p.8, 2016).

A ideia de trabalho como esforço é ratificada na ocorrência (244), na qual percebemos que a expressão metaftonímica *força de trabalho* alude ao recurso da mão de obra do próprio trabalhador, relacionada, inclusive, ao EI do LUGAR, visto que a preposição locativa aponta para a metáfora TRABALHO É ESFORÇO REALIZADO EM UM LUGAR:

(244) O Estado do Meio-Oeste americano lidera o ranking do país na proporção de empregos em manufatura, com 30% de *sua força de trabalho em* linhas de montagem de fábricas. (Reportagem – Fuga de empregos dá fôlego à retórica de bilionário em Indiana, p.15, 2016).

Em (280), observamos pelo menos duas conceptualizações para o *trabalho*: *estratégia* e *esforço*; porém, julgamos como mais saliente a ideia do *esforço* para alcançar um fim, também acionando o EI ORIGEM-PERCURSO-META pela expressão seguinte: “a estratégia segue dois caminhos: ‘Trabalhamos *para* manter o nível e entregar o prometido’[...]”:

(280) Na Influx, fundada por Ricardo Leal, a estratégia segue dois caminhos: “*Trabalhamos para manter o nível e entregar o prometido*: nível avançado de inglês em dois anos e meio com certificação internacional”, diz ele. (Cris Olivette – Reportagem – Crise exige criatividade das escolas de idiomas, p.71, 2016).

O texto aborda as dificuldades enfrentadas por este grupo, que vê os alunos cancelarem ou trancarem as matrículas na época de crises econômicas, visto que o aprendizado de outro idioma não é considerado, por eles, e suas famílias, como sendo uma prioridade. Nesse contexto, o trabalho é associado com a forma de desenvolvimento da estratégia usada pela empresa, para se manter ativa no mercado das escolas de idiomas. Assim, a *estratégia* a que se refere aponta para o *esforço* da empresa em manter-se estabilizada no mercado, sendo que TRABALHO É ESFORÇO PARA DESENVOLVER ESTRATÉGIA.

Como vimos, o MCI do ESFORÇO foi identificado nos séculos XIX, XX e XXI, ancorado em elementos conceptualizadores de cunho metafórico e metonímico, além de sua estruturação ter sido possibilitada por meio de diversos esquemas imagéticos. As especificidades dos acarretamentos, em particular, metafóricos, foram um diferencial neste MCI, visto que o emprego do esforço, seja ele físico ou não, para

atingir um fim, por si só, não responderia ao que seria a conceptualização de trabalho então aventada.

Relacionado a esta necessidade de observar as especificidades dos tipos de atividades laborais, o MCI seguinte, o da ESPECIALIDADE, apresentará outros esclarecimentos sobre as conceptualizações do *trabalho*.

### 3.1.1.5 Modelo Cognitivo Idealizado da ESPECIALIDADE

Ao apresentar a sua teoria econômica, na obra *A riqueza das nações*, Smith (1996[1776]) analisa uma manufatura inglesa de alfinetes, no contexto do século XVIII, a fim de observar como se davam, socialmente, as formas de organização do trabalho, a partir da divisão de tarefas, que se encontravam diretamente relacionadas ao aumento de produção. Uma das maiores contribuições de Smith (1996[1776]) para a Economia Política clássica se deu através da inauguração do seu método empiricista, ao observar as estruturas econômicas de sua época, a fim de propor sua teoria do valor associada à divisão do trabalho<sup>171</sup>. Já no capítulo 1, intitulado “A divisão do trabalho”, Smith (1996 [1776], p.64, 68) assim se expressa:

O maior aprimoramento das forças produtivas do trabalho, e a maior parte da habilidade, destreza e bom senso com os quais o trabalho é em toda parte dirigido ou executado, parecem ter sido resultados da divisão do trabalho. [...] a divisão do trabalho, reduzindo a atividade de cada pessoa a alguma operação simples e fazendo dela o único emprego de sua vida, necessariamente aumenta muito a destreza do operário.

Relacionando diretamente a divisão do trabalho e o avanço social, o autor levanta traços significativos da tendência das Revoluções ocorridas em finais do séc. XVIII, na Europa, influenciadas pelo Iluminismo e pelos métodos empiricistas na filosofia e nas demais ciências:

---

<sup>171</sup> Nesse sentido, como aponta Fritsch (1996 [1776], p.17): “*A Riqueza das Nações* não é somente produto de um intelecto poderoso e do fermento intelectual do Iluminismo inglês, mas é também produto do desenvolvimento histórico do capitalismo”.

A divisão do trabalho, na medida em que pode ser introduzida, gera, em cada ofício, um aumento proporcional das forças produtivas do trabalho. A diferenciação das ocupações e empregos parece haver-se efetuado em decorrência dessa vantagem. Essa diferenciação, aliás, geralmente atinge o máximo nos países que se caracterizam pelo mais alto grau da evolução, no tocante ao trabalho e aprimoramento; *o que, em uma sociedade em estágio primitivo, é o trabalho de uma única pessoa, é o de várias em uma sociedade mais evoluída.* (SMITH, 1996 [1776], p.66. Grifo nosso).

Observamos, de acordo com o exposto, que os ofícios deixam de atender a uma produção mais holística de um determinado tipo de produto, passando a corresponder às expectativas da produtividade, em um sentido mais atomizado, de modo que o produto não mais apresenta as marcas de seu produtor, que é metonimizado, pela fábrica, no TODO PELA PARTE, a fim de cumprir as exigências do mercado.

Esse aumento da produtividade motivado pelo aumento do trabalho, organizado em especialidades<sup>172</sup>, é assim comentado por Fritsch (1996 [1776], p.10,12. Grifo nosso):

[...] o crescimento da produtividade do trabalho, que tem origem em mudanças na divisão e *especialização do processo de trabalho*, ao proporcionar o aumento do excedente sobre os salários permite o crescimento do estoque de capital, variável determinante do volume de emprego produtivo; a pressão da demanda por mão-de-obra sobre o mercado de trabalho, causada pelo processo de acumulação de capital, provoca um crescimento concomitante dos salários e, pela melhora das condições de vida dos trabalhadores, da população; o aumento paralelo do emprego, salários e população amplia o tamanho dos mercados que, para um dado estoque de capital, é o determinante básico da extensão da divisão do trabalho, iniciando-se assim a espiral de crescimento.

Heidemann (2014) também discute como se deu essa divisão, marcando uma nova perspectiva na história do trabalho, que culminou na reconceptualização, também, do trabalhador:

---

<sup>172</sup> Smith (1996 [1776], p.68), assim discute a relação entre as especialidades e os ofícios, no âmbito das indústrias: “[...] da forma como essa atividade é hoje executada, não somente o trabalho todo constitui uma indústria específica, mas ele está dividido em uma série de setores, dos quais, por sua vez, a maior parte também constitui provavelmente um ofício especial. [...] Assim, a importante atividade de fabricar um alfinete está dividida em aproximadamente 18 operações distintas, as quais, em algumas manufaturas são executadas por pessoas diferentes, ao passo que, em outras, o mesmo operário às vezes executa 2 ou 3 delas”.

À partida, o trabalho na modernização se caracteriza pelas diferenças perceptíveis em seu produto. Que os produtos do trabalho sejam diferentes entre si é um pressuposto da divisão do trabalho e o próprio Estado nacional brasileiro é um resultado da divisão territorial do trabalho e não uma comunidade que decidiu conscientemente por essa forma de organização territorial. O que faz das diferenças entre processos de trabalho especificidades secundárias, meras particularidades, é a reprodução do objeto do trabalho, configurando profissões, posições internas da divisão do trabalho a serem personificadas por sujeitos cujos interesses são atributos dessa posição territorialmente condicionada. (HEIDEMANN et al, 2014, p.56).

Em consonância com esta perspectiva, em algumas ocorrências coletadas, encontramos formas distintas de abordagem das especificidades laborais, em uma perspectiva metonímica, como em (7), que explicita um processo de divisão do trabalho ocorrido no âmbito de uma fazenda:

(7) [...] Ao empregado da fazenda mais pratico nesses trabalhos, encarregou do exame arithmetico, e ao engenheiro fiscal do legal, por ser elle mais conhecedor dos contractos, tarifas e despesas de custeio. *Com esta divisão de trabalho*, não podia aquelle aviso ter em vista privar o empregado da fazenda de votar nas questões concernentes ás contas. (Notícia – Estrada de ferro de Santos a Jundiahy, p.2, 1877).

Inferimos que o EI acionado foi do tipo PARTE-TODO, visto que, ao se atomizarem as atividades, cada empregado assumiu uma *parte* do trabalho a ser executado, visto como um todo. Assim, as atividades correspondem à forma de conceptualização, possivelmente de cunho metaftonímico, TRABALHO É ESPECIALIDADE, de modo que TRABALHO É ATIVIDADE CONSTITUÍDA POR PARTES. Outro EI identificado foi do RECIPIENTE, segundo a expressão prepositiva destacada no trecho “Ao empregado da fazenda mais pratico *nesses trabalhos*”, que sugere a metáfora conceptual geral TRABALHO É LUGAR, que remete, por acarretamento, a *ESPECIALIDADE É LUGAR*.

A respeito do modo como as novas necessidades do mercado geraram as especialidades, assim discute Heidemann et al (2014, p.57):

À multiplicação de necessidades acarretada pela diversificação das mercadorias produzidas articula-se uma constelação de novos tipos de trabalhos, muitos dos quais sem remeter diretamente a uma atividade produtora de mercadorias. As “necessidades” de mediação social

parecem se desdobrar em “necessidades” de novas formas de burocratização, controle e representação social.

Observamos esse processo sugerido em (25):

(25) Precisa se de um empregado *que saiba trabalhar em serviços de padaria*. (Anúncios, p.3, 1879).

Temos, nesse sentido, a percepção de que foi a identificação de novas mercadorias, fruto de demandas, que criaram novos tipos de trabalhos, de modo que **TRABALHO É ESPECIALIDADE GERADA POR DEMANDA**. Novamente, identificamos o acionamento do EI do RECIPIENTE, no trecho “que saiba trabalhar em serviços de padaria”, ao perspectivar, metonimicamente, qual o tipo de empregado se busca; assim que temos **TRABALHO/ESPECIALIDADE É LUGAR**.

(31) [...] comunica ao publico e com especialidade a seus amigos que *permanece no exercicio de sua profisão; e, sendo auxiliado em seus trabalhos forenses pelo muito distinto advogado* [...]. (Jahú, p.2, 1880).

Em (31), inferimos que o trabalho é conceptualizado como uma atividade praticada / realizada ativamente por alguém (“permanece no *exercicio* de sua profisão”), de caráter específico (“trabalhos forenses”), que se realiza em um determinado lugar, pelo EI do RECIPIENTE, (“auxiliado em seus trabalhos”) e que precisa de auxílio para sua execução (“sendo auxiliado em seus trabalhos forenses pelo muito distinto advogado”).

(47) O barão do rio Zezere *consequira empregal-o* no ministerio das obras publicas em insignificantissimo logar, estando já *quase incapaz de trabalhar*. O romantismo perdeu este homem que poderia ter sido uma notabilidade. (Correspondência de Portugal, p.1, 1885).

Em (47), observamos como o escrevente, ao relatar o falecimento de um escritor romântico, relaciona o trabalho com a especialidade da atividade executada e com o prestígio de quem a realiza, de modo a identificarmos a metáfora **TRABALHO É ESPECIALIDADE QUE EXIGE CAPACIDADE**, a partir da ideia contrária, no trecho “estando já quase *incapaz de trabalhar*”, houve, na presente ocorrência, uma ancoragem no EI ORIGEM-PERCURSO-META, pelo trecho “*consequira empregal-o*”, sugerindo-nos que **TRABALHO É ATIVIDADE QUE SE ALCANÇA**. Notamos, ainda, o

EI do RECIPIENTE, em “empregal-o *no* ministerio”, subjazendo à metáfora TRABALHO É ATIVIDADE QUE SE REALIZA NO ESPAÇO, assim como em (62), pelo uso “*Nesta grande officina trabalha-se em qualquer modelo*”:

(62) *Nesta grande officina trabalha-se em qualquer modelo ou figurino, com toda e elegancia e capricho.* (Anuncios – La saison, p.4, 1888).

Além da referida metáfora, temos a metonímia TRABALHO É LUGAR DE EXERCER ATIVIDADE ESPECIALIZADA (“*Nesta grande officina trabalha-se*”).

Ainda a respeito das conceptualizações predominantes no presente MCI, consideramos a ponderação de Miceli (2007), ao tratar da divisão de classes implicada nessa nova forma de pensar o trabalho:

[...] o desenvolvimento [da sociedade capitalista] baseia-se numa divisão do trabalho altamente complexa e diferenciada a que corresponde uma sociedade de classes, cujas posições respectivas e cujo peso relativo encontram seu fundamento nas formas pelas quais se reparte, de maneira desigual, o produto do trabalho, sob as modalidades de capital econômico e cultural. (MICELI, 2007, p.XIV).

Tal divisão de classes remeteu-nos, inclusive, à questão sexista, visto que, nos séculos XIX e XX, ainda se atribuíam determinadas atividades exclusivamente a homens ou a mulheres, a partir de critérios não muito precisos, como observamos em (75), cujo texto versa sobre o provimento de cargos de professoras, em uma escola a ser inaugurada em SP:

(75) *A alma das mulheres muito se parece com a alma das creanças, de modo que aquillo que muitas vezes para os homens é um trabalho rude, aspero e improficuo, é quase sempre para as mulheres um mister suave, agradável, meigo e fertil em bonissimos resultados.* Nos Estados Unidos, o paiz onde melhor se educa a infancea, as escolas preliminares e secundarias são quase todas regidas por senhoras. (Expediente, p.1, 1895).

Em uma conceptualização proposta por oposição, pudemos notar que determinadas especialidades do trabalho são atribuídas a homens, a saber, aquelas que, metonimicamente, são do tipo “*rude, aspero e improficuo*”. Por outro lado, tais

atividades, se desempenhadas por mulheres, passam a ser “um mister<sup>173</sup> suave, agradável, meigo e fértil em boníssimos resultados”. O tipo de atividade a que o escrevente se refere o deduzimos pelo corpo completo do texto, além do trecho seguinte: “as escolas preliminares e secundárias são quase todas regidas por senhoras”, a saber, o ofício de lecionar para crianças. Assim, temos que ENSINAR CRIANÇAS É TIPO DE TRABALHO e, mais especificamente, *TIPO DE TRABALHO É ESPECIALIDADE PARA MULHERES*.

Em (91), temos uma conceptualização do trabalho como sendo resultado de experiência acumulada:

(91) Clínica de molestias de criança, coração e pulmões - O Dr. Clemente Ferreira, *laureado pelo Instituto da França, pelos seus trabalhos sobre estas especialidades*, dá consulta das 8 às 9 horas da manhã. (Indicações uteis – Médicos, p.3, 1898).

Aqui, entendemos que o foco da compreensão não esteve sobre o agente, e sim, sobre o tipo de atividade realizada: “laureado pelo Instituto da França, pelos seus trabalhos sobre estas especialidades”; em outras palavras, o motivo do “laureio”, ou das honorárias e titulações obtidas, deveu-se ao fato de que já se trabalhava com as referidas especialidades. Assim, percebemos o acarretamento *TRABALHO É MEIO PARA ADQUIRIR RECONHECIMENTO*.

Em (105) e (108), verificamos que, por meio de uma metonímia, especificou-se qual o tipo de atividade laboral é desenvolvida, de sorte que a mesma determina o modo de vida do trabalhador, ficando, portanto, por meio do EI do PROCESSO, sugerido que *TRABALHO É DETERMINANTE PARA O ESTILO DE VIDA*:

(105) Os descobridores do deserto deixavam atrás uma população fixa, presa aos seus lares, *entregue aos labores agrícolas* – os plantadores de canna, do fumo e de algodão. (Artigo – A conquista do Brasil, p.1, 1910).

(108) Na parte lateral esquerda um índio repousa no chão, parecendo prestar atenção às palavras do missionário, o selvagem, em que o artista simboliza o início da civilização, *tem entre as mãos uma enxada, emblema do trabalho agrícola*. (Notícia – Monumento comemorativo da fundação de S. Paulo, p.2, 1910).

---

<sup>173</sup> De acordo com Bluteau (1728), *mister* significa *ofício*.



Em (108), ao discorrer sobre a inauguração de um monumento em homenagem à fundação da cidade de São Paulo, o escrevente relata o que observou na referida obra de arte. Assim, ao descrever a imagem de um índio, destaca que este aparece como tendo em suas mãos uma enxada, que, entendemos ter sido uma metonímia do tipo INSTRUMENTO PELA ATIVIDADE, e que aponta para o tipo de trabalho ali desenvolvido, em uma alusão ao trabalho agrícola. Assim, a leitura mostra o estabelecimento de uma relação com a história da própria cidade, fundada a partir da exploração da mão de obra, também indígena. Ao mesmo tempo em que era catequizado (“parecendo prestar atenção às palavras do missionário”), sendo considerado um “selvagem” (portanto o “artista simboliza o início da civilização”) o indígena, por sua aculturação, torna-se o ente explorado: “tem entre as mãos uma enxada, emblema do trabalho agrícola”.

Assim, no início do século XX, o escrevente, ao retomar dados históricos sobre o movimento das Entradas e Bandeiras (em (105), “os descobridores do deserto”), ocorridas no início da História do Brasil, aproximadamente desde o século XVIII, traz à tona a perspectiva de que o trabalho, naquele contexto, obrigava o trabalhador a adaptar seu estilo de vida às exigências de suas atividades. Um exemplo seria o caso dos lavradores, que se mantinham próximos às suas lavouras, a fim de melhor aproveitarem os momentos de semeadura, colheita etc. Trata-se, portanto, do retrato de uma população do Brasil ainda majoritariamente agrícola.

Em outro contexto, tratando sobre os procedimentos em um leilão, em meados do século XX, em (133), aponta para a divisão do trabalho que ocorria em um mesmo ambiente, ao indicar tipos diferentes de especialidades:

(133) [...] um canta, o outro paga, e daí, além dos cortezãos, há os arrematantes, *que desempenham bem o seu officio*. (Folhetim – Terceira parte – Memórias de um médico, p.7, 1910).

Em (137), observamos como a metonímia TRABALHO POR UM TIPO DE LABOR conceptualiza o trabalho a partir do próprio resultado do mesmo:

(137) Leilão de uma bem montada officina de relojoaria, havendo grande quantidade de relógios de bolso e de parede, correntes, joias, peças artísticas *com trabalho de labor*. (Propaganda, p.10, 1910).

A informação dicionarística<sup>174</sup> a que temos acesso aponta para a noção de *labor* como sendo idêntica a *trabalho*, mas, pelo contexto da presente ocorrência, não o entendemos desta forma; antes, pudemos captar uma conceptualização que trata o trabalho como sendo um *tipo de labor*, e não necessariamente seu sinônimo.

Em (224), a elaboração metonímica, que toma o TODO PELA PARTE, a partir do trecho “grandes *empresas* impressoras europeias *especializadas* nesse trabalho”, relaciona *empresas* aos *trabalhadores*:

(224) [...] a Venezuela não tem dinheiro nem para pagar a impressão de dinheiro. O pagamento a pelo menos uma das grandes empresas impressoras europeias *especializadas nesse trabalho*, às quais o país habitualmente faz suas encomendas, está atrasado. (Monumental desastre, p.3, 2016).

Com esta nova configuração do trabalho, notamos o apagamento do sujeito, que tem sua especialidade imiscuída entre as dos seus companheiros de trabalho, que, pelo EI PARTE-TODO, terminam por ser um todo, e, por isso mesmo, passam a ser confundidos com a empresa.

No título do texto “Gestão de pessoas: um guia para quem deseja se recolocar no mercado de trabalho”, identificamos, conforme discutimos a seguir, as ocorrências (272) e (273). Nelas, os EI’s do RECIPIENTE e ORIGEM-PERCURSO-META, ancoram a metáfora TRABALHO É LUGAR. Assim como em (47) e (62), presentes nesse mesmo MCI, as ocorrências (272) e (273) apontaram para a percepção TRABALHO É ESPECIALIDADE QUE SE REALIZA EM UM LUGAR, a partir de trechos como: “para *realizar* este tipo de trabalho, *neste ambiente*” (273):

(272) Reflita sobre *qual tipo de trabalho desejaria realizar: de especialista, de apoio, de pesquisa, etc?* (Iaci Rios – Reportagem – Gestão de pessoas: um guia para quem deseja se recolocar no mercado de trabalho, p.51, 2016).

(273) Pense sobre *quais as competências que já possui para realizar este tipo de trabalho, neste ambiente*. E, ainda, porque seria importante realizar este trabalho, usando tais competências? (Iaci Rios – Reportagem – Gestão de pessoas: um guia para quem deseja se recolocar no mercado de trabalho, p.51, 2016).

---

<sup>174</sup> De acordo com Pinto (1832), *labor* significa *trabalho*.

Houve, a nosso ver, uma reafirmação da nova configuração do trabalho, apresentando diversas especialidades, como sendo, metonimicamente, *tipos de trabalho*, conforme destacamos, em (272). Identificamos, novamente, a metáfora TRABALHO É ESPECIALIDADE QUE EXIGE CAPACIDADE (como em (47)), conceptualização esta reforçada pela própria temática do texto, ao abordar estratégias de aperfeiçoamento e reforço das competências dos trabalhadores que se encontram em busca de trabalho, evidenciado também no trecho “E, ainda, porque seria importante realizar este trabalho, usando tais competências?” (273); assim, captamos o acarretamento *TRABALHO É APLICAÇÃO DE COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS*.

Levando em conta a divisão do trabalho, em voga no século XIX, notamos a presença do MCI da ESPECIALIDADE em todos os três séculos investigados. O referido MCI acionou elementos metafóricos e metonímicos, ancorados em esquemas imagéticos, em seus movimentos conceptualizadores.

Passemos às considerações a respeito do próximo MCI identificado, o da ESCRAVIDÃO, levando em conta que a mesma pode, a nosso ver, configurar-se como um tipo de atividade de trabalho, cujo teor de exploração do homem pelo homem nos foi patente.

### 3.1.1.6 Modelo Cognitivo Idealizado da ESCRAVIDÃO

Concordamos com Chalhoub (2011), ao defender que é indispensável ao brasileiro, considerar a escravidão como parte constitutiva de sua história. Levando em conta esse aspecto fundante, notamos como a perspectiva exploratória do homem pelo homem assumiu graus inimagináveis e cruéis, embora, não seja devidamente levada em conta, por alguns historiadores<sup>175</sup>.

---

<sup>175</sup> A este respeito, citamos Chalhoub (2011, p.3) “A força histórica fundadora do século XIX, do qual a escravidão brasileira não tem como ser dissociada, a saber, a consolidação da economia-mundo industrial sob a égide do capital britânico, desapareceu quase que completamente do horizonte analítico da história social e cultural da escravidão que por aqui se consolidou como hegemônica a partir da década de 1980. Com isso, muitos desses historiadores passaram a ignorar como os processos históricos mais amplos que produziram o Estado nacional brasileiro e balizaram sua

No final do século XIX, em 1888, tivemos a promulgação da Lei Áurea. A chamada Abolição, que inaugura um período “oficial” sem escravidão, é discutida por Furtado (2003 [1959]), como tendo sido um processo semelhante a uma reforma agrária, visto que não se constituiu, de imediato, em perda ou aquisição de riqueza pela substituição da fonte de exploração do trabalho<sup>176</sup>, especialmente pelo fato de, a partir de então, o ex-escravo, não ter sido aceito, socialmente, como um trabalhador comum: “a abolição da escravatura teria de acarretar modificações na forma de organização da produção [...] somente em condições muito especiais a abolição se limitaria a uma transformação formal dos escravos em assalariados”. (FURTADO, 2003 [1959], p.106).

Nesse aspecto, a promulgação da Lei Áurea, mesmo sendo uma estratégia política, também contou com reações contrárias, especialmente (e como era previsto) dos senhores de escravo, que foram mais imediatamente afetados pela ausência do chamado “braço escravo”<sup>177</sup>. Inclusive, nos documentos que acessamos, referentes ao século XIX, encontramos muitos anúncios de senhores de escravos, descrevendo e oferecendo recompensas a quem encontrasse seus “escravos fujões”, como assim se referem a eles. Por não tratarem diretamente da conceptualização do trabalho, optamos por não incluí-las em nosso corpus; porém, tais informações nos foram muito

---

inscrição na arena mundial se relacionaram com o chão escravista de nosso país. [...] um descaso profundo com o capitalismo e o enquadramento mundial da escravidão brasileira [...] a necessidade de recuperarmos a poderosa herança intelectual que foi colocada de escanteio pela renovação historiográfica das décadas de 1980-1990, e que teve no problema da formação do capitalismo o cerne de suas preocupações”.

<sup>176</sup> Citamos, ainda, a seguinte contribuição de Furtado (2003 [1959], p.110): “Observada a abolição de uma perspectiva ampla, comprova-se que a mesma constitui uma medida de caráter mais político que econômico. A escravidão tinha mais importância como base de um sistema regional de poder que como forma de organização da produção. Abolido o trabalho escravo, praticamente em nenhuma parte houve modificações de real significação na forma de organização da produção e mesmo na distribuição da renda. Sem embargo, havia-se eliminado uma das vigas básicas do sistema de poder formado na época colonial e que, ao perpetuar-se no século XIX, constituía um fator de entorpecimento do desenvolvimento econômico do país”.

<sup>177</sup> Assim se coloca, a este respeito, Martins (1995, p.105): “Constituindo a escravidão no Brasil a base de um sistema de vida secularmente estabelecido, e caracterizando-se o sistema econômico escravista por uma grande estabilidade estrutural, explica-se facilmente que para o homem que integrava esse sistema a abolição do trabalho servil assumisse as proporções de uma ‘hecatombe social’. Mesmo os espíritos mais lúcidos e fundamentalmente antiescravistas, como Mauá, jamais chegaram a compreender a natureza real do problema e se enchiam de susto diante da proximidade dessa ‘hecatombe’ inevitável. Prevalencia então a idéia de que um escravo era uma ‘riqueza’ e que a abolição da escravatura acarretaria o empobrecimento do setor da população que era responsável pela criação de riqueza no país. Faziam-se cálculos alarmistas das centenas de milhares de contos de réis de riqueza privada que desapareceriam instantaneamente por um golpe legal. Outros argumentavam que, pelo contrário, a abolição da escravatura traria a ‘liberação’ de vultosos capitais, pois o empresário já não necessitaria imobilizar em força de trabalho ou na comercialização de escravos importantes porções de seu capital”.

úteis, visto que, por serem anteriores ao ano da promulgação da Lei Áurea (1888), ainda observamos um tratamento do trabalho como negócio e meio de exploração<sup>178</sup>, no âmbito da escravidão.

As ocorrências que enquadrámos neste MCI nos permitiram observar um aspecto do sistema escravista, a saber, os efeitos da promulgação da Abolição, sobre os direitos de soltura de todos os negros. A principal consequência teria sido a substituição da mão de obra escrava pela do imigrante europeu. A este respeito, citamos Azevedo (1987, p.13):

[...] na segunda metade do século XIX, enquanto o fim do tráfico ameaçava criar uma falta de braços, pelo menos nos setores mais dinâmicos da economia como a cafeicultura paulista, a resistência dos negros já levantava a possibilidade de desorganização do trabalho. Então, cresceu a exaltação a respeito das vantagens de trazer imigrantes europeus e, como corolário, descobriu-se a “incapacidade” do brasileiro negro. Esta “incapacidade”, agora, foi atribuída não só à sua própria biologia, como também, e sem explicitar a ironia, à sua experiência como escravo.

Identificamos essa percepção a respeito da denominada “incapacidade do negro” e a reação da elite dominante, nas ocorrências seguintes:

(56) Muitos escriptos têm sido publicados nesta grande crise da lavoura, relativamente á extincção do elemento servil, e sobre immigração estrangeira para o Brazil e com especialidade para a provincia de S. Paulo. [...] *Os lavradores da provincia estão com as mais difficuldades no intuito de encaminharem suas lavouras*, pois que com a repentina cessação do *braço escravo* e abandono em que ficaram os estabelecimentos agricolas pela *fuga em massa dos trabalhadores*, ficaram como que de todo *paralysados todos os serviços* taes como carpição de cafezaes e colheita de roças. (A posição dos lavradores da provincia de S.Paulo, p.2, 1888).

---

<sup>178</sup> Mais especificamente, a respeito da configuração social da cidade de São Paulo, nos idos do século XIX, a respeito da presença escrava, assim se posiciona Schleumer (2008, p.3,5): “É válido lembrar que escravo negro foi introduzido em São Paulo desde os primeiros tempos da colonização. No entanto, a escravidão negra em São Paulo foi significativa a partir do século XIX. Segundo Suely Robles Reis de Queirós, nos séculos XVI, XVII e na maior parte do século XVIII, sua presença foi inexpressiva, devido à prática da policultura, voltada para a subsistência, base da mão-de-obra indígena. A partir do século XIX, com o desenvolvimento da lavoura açucareira, é que São Paulo integrou-se à economia de exportação e passou a se encaixar no trinômio tradicional que estabelecia a monocultura, latifúndio e escravidão negra. [...] O incremento da lavoura canavieira levou o negro a adquirir uma posição no sistema econômico de São Paulo. Foi a lavoura de cana a responsável pela introdução do escravo negro, em São Paulo, em grande escala”.

Inicialmente, inferimos, pelo título do texto – “A posição dos lavradores da provincia de S.Paulo” – que este aborda a opinião do referido grupo (lavradores), a respeito da chamada “grande crise da lavoura”, causada pela iminência da promulgação da Lei Áurea – em 13 de maio de 1888, portanto, em questão de dias após a publicação do referido texto – que ocasionaria, segundo o escrevente, a “extincção do elemento servil”, e a conseqüente e então necessária “immigração estrangeira para o Brazil e com especialidade para a provincia de S. Paulo”. Pelo trecho “Os lavradores da provincia estão com as mais dificuldades no intuito de encaminharem suas lavouras”, percebemos qual o foco da discussão do texto: o problema financeiro que incomodou os lavradores. A causa para tal “crise” vem apresentada em seguida: “com a repentina cessação do braço escravo”. No referido trecho, observamos uma metonímia, de tipo PARTE PELO TODO, em que o *braço* é perspectivado em detrimento de *trabalhador*.

Essa perspectivização, a nosso ver, tem relação com a ênfase atribuída ao *braço* como sendo o instrumento de trabalho do escravo. Assim, temos que *BRAÇO É INSTRUMENTO DE TRABALHO* e *BRAÇO É TRABALHADOR*, pela metonímia PARTE DO CORPO POR SER HUMANO; o que nos fez identificar a metaftonímia *BRAÇO DO ESCRAVO É TRABALHADOR ESCRAVO*. Outra expressão usada em referência ao trabalhador é “elemento servil”, de onde entendemos que *TRABALHADOR É SERVO* e *TRABALHO É SERVIÇO*.

O trecho “ficaram como que de todo paralyzados todos os serviços” (56) aponta para o EI do PROCESSO, visto que, se o elemento *trabalhador* não se faz presente, as atividades do trabalho cessam, de modo que pudemos entender os acarretamentos: *TRABALHADOR CAUSA MOVIMENTO DO TRABALHO* e *TRABALHO É PROCESSO CAUSADO PELO TRABALHADOR*. A causa dessa cessação das atividades aparece no seguinte trecho: “pela *fuga* em massa dos *trabalhadores*”. O uso da expressão *fuga* aponta para a conceptualização indireta *TRABALHO É LUGAR DE ONDE SE QUER FUGIR*. Em nosso contexto experiencial, temos, portanto, que *TRABALHO É PRISÃO*, logo, *TRABALHADORES SÃO PRISIONEIROS*, e, ao fugirem, *TRABALHADORES SÃO FUGITIVOS*, e, assim, estariam passíveis de receberem punição.

Sobre a noção de “vagabundagem” atribuída ao negro, após a abolição, citamos o que defende Furtado (2003 [1959], p.48, 52):

Era deste modo que se pretendia combater a vagabundagem, problematizada na medida mesma das perspectivas de extinção da escravidão. Ao mesmo tempo, a repressão sistemática sobre aqueles que não tinham um “modo certo de vida” (aqueles que só se ocupavam consigo próprios, não se sujeitando a uma disciplina de trabalho em espaço alheio) deveria engendrar, com o passar do tempo, uma mentalidade de trabalho ou “o amor ao trabalho” na população. Tratava-se em suma de incorporar a população pobre ao modo de vida prescrito pelas elites dominantes. [...] Era preciso coagir ex-escravos e pobres ao trabalho e manter o seu dia-a-dia sob um controle estatal estrito, sem descuidar de lhes abrir novas perspectivas de vida, o que significava incentivar novas necessidades de consumo e de prazer. Estas perspectivas, porém, deveriam restringir-se ao âmbito do trabalho constante e disciplinado. Fora dele não haveria mais espaço para os homens livres a caminho da cidadania.

A conceptualização negativa do ex-escravo adveio, provavelmente, da ideia de negação do trabalho<sup>179</sup>, em favor do *ócio* e da *preguiça*, diante da circunstância que lhe fora imposta, de não acúmulo de bens, o que lhe imputava uma noção de trabalho apenas como meio para subsistência, conforme defende, ainda, Furtado (2003 [1959], p.109. Grifo nosso):

O homem formado dentro desse sistema social está totalmente desaparecido para responder aos estímulos econômicos. Quase não possuindo hábitos de vida familiar, a ideia de acumulação de riqueza é praticamente estranha. *Sendo o trabalho para o escravo uma maldição e o ócio o bem inalcançável, a elevação de seu salário acima de suas necessidades - que estão definidas pelo nível de subsistência de um escravo - determina de imediato uma forte preferência pelo ócio.* Na antiga região cafeeira onde, para reter a força de trabalho, foi necessário oferecer salários relativamente elevados, observou-se de imediato um afrouxamento nas normas de trabalho. Podendo satisfazer

<sup>179</sup> A respeito dessa resistência do ex-escravo em não trabalhar em determinados contextos, assim se posiciona Lara (1998, p. 36, 38): “Para o liberto, as demandas relativas às condições de trabalho eram até mais importantes que o nível dos salários: buscavam afastar qualquer reminiscência característica da escravidão, tendiam a não aceitar empregos em plantações onde tinham sido escravos, preferiam viver longe de seus patrões, procuravam tirar mulheres e crianças do trabalho. Diante desse tipo de demandas, que do ponto de vista dos libertos eram fundamentais na definição de liberdade, os imigrantes pareciam bem menos exigentes: uma opção para os fazendeiros paulistas, que ainda contavam com a vantagem dos subsídios governamentais [...]. [os ex-escravos] passaram a ser vistos como uma massa de trabalhadores nacionais indolentes e apáticos (na visão dos teóricos do final do séc.XIX) ou de anômicos e desajustados à modernidade do capitalismo, despreparados para o trabalho livre devido à experiência da escravidão: trabalhadores que não trabalham, ou então trabalhadores que são incapazes de trabalhar... Por isso desaparecem, literalmente, da história”.

seus gastos de subsistência com dois ou três dias de trabalho por semana, ao antigo escravo parecia muito mais atrativo "comprar" o ócio que seguir trabalhando quando já tinha o suficiente "para viver". Dessa forma, uma das conseqüências diretas da abolição, nas regiões em mais rápido desenvolvimento, foi reduzir-se o grau de utilização da força de trabalho.

Tratando das conseqüências dessa conceptualização negativa sobre o ex-escravo, Lara (1998) discute a exclusão dos negros da história social do trabalho no Brasil, que passa a ser identificada como trabalho livre (ou "operário"), observando como se deu, não sem resistências, essa substituição do trabalho escravo pelo imigrante, a partir do período pós-abolição. É o que a autora chama de "período de transição" (LARA, 1998, p.25), ao apontar que, em geral, as historiografias sobre o trabalho no Brasil situam-se a partir de fins do século XIX (justamente por 1888 ter sido o ano da abolição da escravatura no Brasil) somente abordando o trabalho operário, ou o chamado "trabalho livre", ou assalariado. Notamos, assim, um apagamento do papel do negro da história social do trabalho no Brasil, o que, de certa forma, corrobora o discurso – geralmente composto pelos "não ditos" da História – preconceituoso, excludente e elitista, na formação das mentalidades, de modo que a contribuição do negro segue omitida, quando outrora era relegada ao desprezo, visto não se identificar onde aparece o papel do *trabalhador* escravo na história. O que se observa é a repetição da ideia de irreconciliação entre liberdade, escravidão e trabalho; o que caracteriza e leva à repetição do discurso segregador, segundo o qual "[o trabalho escravo] foi realizado por seres coisificados, destituídos de tradições pelo mecanismo do tráfico, seres aniquilados pela compulsão violenta da escravidão, para os quais só restam a fuga e a morte" (LARA, 1998, p.27).

A respeito desta questão da fuga dos escravos – "pela fuga em massa dos trabalhadores" – na ocorrência seguinte, percebemos outros elementos atinentes à conceptualização dos escravos como "vagabundos", como vemos em (57), texto que dá continuidade à ocorrência (56):

(57) *Os ex-escravos não se sujeitam no trabalho, andam sem destino, passam de uma fazenda a outra, e não se firmam em local algum e vagabundos só procuram escamotear o que lhes é necessario para a fome, de sorte que por emquanto o fazendeiro não pode contar com esse elemento de trabalho. Os imigrantes não accodem de momento ás necessidades da lavoura não só porque desconhecem e estranham os serviços; não estão acclimados, não estão habituados á alimentação*



que se lhes póde fornecer e nem estão afeitos aos nossos costumes [...]. Pois bem, para obter colonos, *para conseguir novos aprendises do trabalho*, lucta o lavrador com os maiores empecilios de alojamento de immigrantes, e quando os consegue [...] leva gente que não accode á urgencia dos serviços. O prejuizo dos lavradores é irremediavel e se conta por milhares de arrobas de café que ficarão perdidas no mato por falta de quem as colha e aproveite, devido á negação do trabalho por parte do liberto e á falta de pratica do immigrante. Serei o primeiro a louvar o governo, pela extincção da escravidão no Brazil, mas é preciso que se nos dê leis que tornem obrigatorio o trabalho. A. José da Costa Wilk. (A posição dos lavradores da provincia de S.Paulo, p.2, 1888).

Desta forma, em concordância com a conceptualização negativa, na ocorrência (57), assim o escrevente se refere ao ex-escravo: “não se sujeitam no trabalho, andam sem destino, passam de uma fazenda a outra, e não se firmam em local algum e vagabundos só procuram escamottear o que lhes é necessario para a fome”.

Assim, o ex-escravo, de *trabalhador* em sua condição de explorado, passa a *vagabundo e escamoteador* (ladrão sutil) quando se encontra em situação de não explorado, em liberdade; de modo a entendermos que o trabalho, através do acionamento do EI do CONDUTO, é compreendido como *meio*, sugerindo a metáfora conceptual TRABALHO É MEIO DE MANTER-SE HONESTAMENTE.

O trecho, em (57), “lucta o lavrador com os maiores empecilios de alojamento de immigrantes, e quando os consegue [...] leva gente que não accode á urgencia dos serviços” reforça a ideia apresentada por Furtado 2003 [1959], ao comentar que o governo brasileiro, à época, oferecia incentivos aos imigrantes, no que tange à sua instalação, para fins de permanência no Brasil, visando ao trabalho<sup>180</sup>. Desse modo,

---

<sup>180</sup> A este respeito, citamos: “As colônias criadas em distintas partes do Brasil pelo governo imperial careciam totalmente de fundamento econômico; tinham como razão de ser a crença na superioridade inata do trabalhador europeu, particularmente daqueles cuja “raça” era distinta da dos europeus que haviam colonizado o país. Era essa uma colonização amplamente subsidiada. Pagavam-se transporte e gastos de instalação e promoviam-se obras públicas artificiais para dar trabalho aos colonos, obras que se prolongavam algumas vezes de forma absurda. E, quase sempre, quando, após os vultosos gastos, se deixava a colônia entregue a suas próprias forças, ela tendia a definhar. [...] A solução veio em 1870, quando o governo imperial passou a encarregar-se dos gastos do transporte dos imigrantes que deveriam servir à lavoura cafeeira. Demais, ao fazendeiro cabia cobrir os gastos do imigrante durante o seu primeiro ano de atividade, isto é, na etapa de maturação de seu trabalho. Também devia colocar à sua disposição terras em que pudesse cultivar os gêneros de primeira necessidade para manutenção da família. Dessa forma o imigrante tinha seus gastos de transporte e instalação pagos e sabia a que se ater com respeito à sua renda futura. Esse conjunto de medidas tornou possível promover pela primeira vez na América uma volumosa corrente imigratória de origem européia destinada a trabalhar em grandes plantações agrícolas. [...] *Estavam, portanto, lançadas as bases para a formação da grande corrente imigratória que tornaria possível a expansão da produção cafeeira no Estado de São Paulo.* O número de imigrantes europeus que entram nesse estado sobe de 13 mil, nos anos 70, para 184 mil no decênio seguinte e 609 mil no último decênio do século. O total para o último

ancorando-nos nas pistas oferecidas, inclusive, pela ocorrência (57), observamos como uma mudança importante na conceptualização e no trato com o trabalho motivou uma reconfiguração da própria constituição populacional na cidade de São Paulo, com implicações sócio-econômico-culturais relevantes para todo o país, por meio da presença massiva de imigrantes<sup>181</sup>.

Na referida ocorrência, a expressão “não se *sujeitam* no trabalho” aponta, ainda, para uma personificação do trabalho, pela metáfora TRABALHO É SENHOR, entendido em lugar dos agentes da exploração, aos quais os ex-escravos não mais se sujeitavam; assim, temos a metonímia do tipo AGENTE PELA AÇÃO.

O trecho “O prejuízo dos lavradores é irremediável e se conta por milhares de arrobas de café que ficarão perdidas no mato por falta de quem as colha e aproveite, devido á negação do trabalho por parte do liberto e á falta de pratica do immigrante” aponta, outra vez, para as causas da crise econômica então enfrentada: são duas situações diferentes, a primeira diz respeito ao escravo: “negação do trabalho por parte do liberto” e a segunda refere-se aos imigrantes: “falta de pratica do immigrante” e “novos aprendises do trabalho”. Dessa forma, temos que TRABALHO É ATIVIDADE QUE EXIGE CONSENTIMENTO, no primeiro caso, e TRABALHO É ATIVIDADE ENSINÁVEL QUE EXIGE PRÁTICA, no segundo.

O trecho final: “Serei o primeiro a louvar o governo, pela extinção da escravidão no Brazil, mas é preciso que se nos dê leis que tornem obrigatorio o trabalho”, aponta para duas questões, a respeito da abolição, por um lado, havia uma postura de concordância com a Abolição, e por outro lado, o desejo de que se estabeleçam “leis que tornem obrigatorio o trabalho”. E antes dessa aparente postura

---

quartel do século XIX foi 803 mil, sendo 577 mil provenientes da Itália”. (FURTADO 2003 [1959], p.95, 98-99. Grifo nosso).

<sup>181</sup> A esse respeito, Furtado apresenta maiores esclarecimentos, que aqui citamos: “Como solução alternativa do problema da mão-de-obra sugeriu-se fomentar uma corrente de imigração europeia. O espetáculo do enorme fluxo de população que espontaneamente se dirigia da Europa para os EUA parecia indicar a direção que cabia tomar. E, com efeito, já antes da independência começara, por iniciativa governamental, a instalação de “colônias” de imigrantes europeus. Entretanto, essas colônias que, nas palavras de Mauá, “pesavam com a mão de ferro” sobre as finanças do país vegetavam raquíticas sem contribuir em coisa alguma para alterar os termos do problema da inadequada oferta de mão-de-obra. E a questão fundamental era aumentar a oferta de força de trabalho disponível para a grande lavoura, denominação brasileira da época correspondente à plantation dos ingleses. Ora, não existia nenhum precedente, no continente, de imigração de origem europeia de mão-de-obra livre para trabalhar em grandes plantações. As dificuldades que encontraram os ingleses para solucionar o problema da falta de braços, em suas plantações da região do Caribe, são bem conhecidas. É sabido, por exemplo, que grande parte dos africanos apreendidos nos navios que traficavam para o Brasil era reexportada para as Antilhas como trabalhadores livres”. (FURTADO, 2003 [1959], p.94).

contraditória, há, ao longo de todo o texto (antes de sua conclusão), a demonstração de insatisfação pela libertação dos escravos. Na verdade, a menção de apoio à Lei Áurea nos soou como um recurso argumentativo da conveniência. Assim, observamos que, no último trecho do texto, há uma conceptualização segundo a qual **TRABALHO É ATIVIDADE OBRIGATÓRIA**, e situação de liberdade seria a negação do trabalho, o que implica em que **TRABALHO É PRISÃO**.

(103) Os metais caros e as pedras preciosas constituíam seu poderoso atractivo, antes mesmo de que, entre a população portugueza, a *caça dos escravos indios, indispensaveis ás duras fainas agricolas, ás quaes era bem preciso entregar-se para alimentarem-se os colonos* e põem de lado alguma coisa, armasse em guerra e fizesse marchar os bandos de aventureiros. (Artigo – A conquista do Brasil, p.1, 1910).

O texto em (103), como o título sugere, ao discutir sobre elementos da *conquista* do território brasileiro nos idos do século XVI, aponta, pelo trecho: “entre a população portugueza, a caça dos escravos indios, indispensaveis ás duras fainas agricolas” para a conceptualização metafórica **TRABALHO É ESCRAVIDÃO**, na medida em que os índios (outro “elemento servil”) aparecem como alvo desta atividade exploratória.

A expressão em destaque “caça dos escravos indios” sugere a conceptualização do índio como sendo um animal a ser caçado, cujo *fim* era o trabalho escravo, assim descrito: “duras fainas agricolas” e também o sustento do *colono*: “para alimentarem-se os colonos”, ancorados no EI ORIGEM-PERCURSO-META. Assim como a caça alimentava o caçador, há um reforço do carácter animalizador atribuído ao homem, em que temos os acarretamentos **ÍNDIO É CAÇA**, **ÍNDIO É ANIMAL** e **ES CRAVIDÃO É CAÇADA**, que redundaram na identificação da metáfora conceptual **TRABALHO É CAÇADA**. Aqui, observamos, inclusive, uma metonímia, em que o tipo de trabalho (portanto, o meio – no caso, a escravidão) é perspectivado a fim de justificar os fins: *sustento* e *agricultura*. Aqui, os EI’s ORIGEM-PERCURSO-META e CONTRA-FORÇA estruturam as referidas conceptualizações, cujos mapeamentos foram mais esclarecidos pelo que pudemos inferir pela ocorrência (104), que é uma continuação do texto em (103):

(104) *Os indigenas foram, é verdade, encarniçadamente perseguidos e reduzidos por milhares á servidão apesar de todo o ardor testemunhado em sua defeza pelos jesuitas; os africanos foram importados em larguissima escala para serem empregados na labuta esmagadora das minas e do arroteamento dos terrenos [...]. (Artigo – A conquista do Brasil, p.1, 1910).*

Em (104), reforça-se a conceptualização TRABALHO É CAÇADA: “Os indigenas foram, é verdade, *encarniçadamente perseguidos* e reduzidos por milhares á servidão”, porém, houve uma resistência: “apesar de todo o ardor testemunhado em sua defeza pelos jesuitas”. Assim, pelo EI da CONTRAFORÇA, observamos que a resistência dos jesuítas coloca-se como um empecilho a esta prática, de modo que a *origem* seria o interesse dos colonos, o *percurso*, o trabalho escravo (a *caçada*) e a *meta*, o sustento dos colonos.

O trecho final da ocorrência (104) “os africanos foram importados *em* larguissima escala para serem empregados *na* labuta esmagadora *das* minas e *do* arroteamento dos terrenos” aponta para o EI do RECIPIENTE, pelo uso das preposições destacadas, além do verbo “empregar”, que sugere a colocação ou utilização de algo, em algum lugar; tais elementos nos permitiram captar o acarretamento *ESCRAVO É INSTRUMENTO DE TRABALHO*.

Presentes nos séculos XIX e XX, os elementos conceptuais metafóricos e metonímicos, ancorados pelos EI's, nos levaram a inferir que alguns conhecimentos do MCI da ESCRAVIDÃO foram projetados no domínio-alvo TRABALHO, como a relação dominador-dominante, interesses de poder, opressão, submissão, resistência, reação. Os mesmos corroboraram nossa defesa pela ideia do MCI da ESCRAVIDÃO enquanto pertencente ao DE da ATIVIDADE, sendo, assim, um tipo de atividade exploratória do homem pelo homem.

Veremos como alguns desses conhecimentos também estiveram presentes no seguinte MCI, o da EXPLORAÇÃO, com suas especificidades conceptuais.

### 3.1.1.7 Modelo Cognitivo Idealizado da EXPLORAÇÃO

Apesar de a última ocorrência que acionou o MCI da ESCRAVIDÃO para referir-se ao trabalho, que identificamos em nosso corpus, tenha sido datada do início do século XX – e isto porque se referia a uma prática até então legalizada no século

XVI, conforme pontuamos – não podemos ignorar a contemporaneidade da escravidão, porém com outras roupagens, especialmente nas grandes capitais, como São Paulo, conforme discute Heidemann et al (2014, p.62. Grifo nosso):

A definição de trabalho escravo é ampla, possibilitando o uso da legislação para diversas situações, tais como aquelas em que o trabalhador não consegue se desligar do patrão por fraude ou violência, quando é sujeito a condições desumanas ou é obrigado a trabalhar tão intensamente que sua vida é colocada em risco. Trabalho escravo, além de desrespeito a leis trabalhistas, é apresentado como violação aos direitos humanos. Veja-se que o artigo 149 do Código Penal, que prevê cadeia para quem se utilizar dessa prática, é de 1940, e foi reformado em 2003 tornando-se mais claro. [...] Note-se que, abolida a possibilidade de se conceber um trabalhador como propriedade privada de outro homem, a prática do escravismo torna-se crime. A razão de ser daquilo que vem sendo chamado de escravismo não se confunde com a identidade entre a propriedade de escravos e riqueza. Parece tratar-se antes de uma possibilidade de reduzir os custos relacionados ao trabalho. [...] *Tendo como processo característico a exploração, essa outra escravidão tem o trabalho como eixo.*

Concordamos com o autor, no que tange ao fato de que, transvestidas em *exploração* do trabalho (imigrante, infantil, de gênero, de idosos etc.), estão as raízes da escravidão, que ainda permeia as mentalidades dominantes, indo além de uma questão racial – não deixando de sê-lo também – mas alcançando níveis sociais ainda mais expressivos.

Passemos às principais questões tratadas no presente MCI da EXPLORAÇÃO, que corroboram esta perspectiva.

Em (68), observemos a seguinte ocorrência:

(68) Em nossa patria – moça e rica – chegamos às vezes a não o compreender – transportando-nos porém aos grandes centros populosos, observando todas as dificuldades que assoberbam a vida allí, sentimos quão criminosa tem sido a *exploração do trabalho*. *Alli, aonde o operario mal adquire para a base material da vida a falsissima lei de Malthus parece se exemplificar ampla e desoladora*. Preso a longas horas de uma agitação automatica e além disto cerceado da existencia civil, o rude trabalhador é muito menos que um homem e pouco mais que uma machina. (Crônica – Dia a dia, p.1, 1892).

O escrevente, ao analisar a situação dos “grandes centros populosos” do país, que chama de “patria moça e rica”, apresenta sua indignação diante das

desigualdades então notadas; e, para tentar explicá-las, o escrevente cita a “lei de Malthus”<sup>182</sup>. Porém, apesar de, aparentemente, discordar desta tese, encontra nela uma justificativa plausível a fim de se reportar à situação que observa na sociedade de então, no que tange à discrepância entre crescimento populacional e diminuição dos meios de sobrevivência, como observamos no trecho “Alli, aonde *o operario mal adquire para a base material da vida a falsissima lei de Malthus parece se exemplificar ampla e desoladora*” (68).

O trecho “observando todas as dificuldades que assoberbam a vida alli, sentimos quão *criminosa* tem sido a *exploração* do trabalho” nos propõe uma conceptualização negativa a respeito das formas de exploração do trabalho. Dessa forma, observamos a metonímia TIPO DE TRABALHO POR TRABALHO, e, mais especificamente, EXPLORAÇÃO DO TRABALHO POR TIPO DE TRABALHO; o que, por acarretamento, leva-nos a perceber o acarretamento *EXPLORAÇÃO DO TRABALHO É CRIME*.

Outra conceptualização que, a nosso ver, permeou toda a ocorrência (68) foi motivada pela metonímia do tipo AGENTE POR ATIVIDADE, em que temos TRABALHADOR POR TRABALHO, já que, para referir-se à exploração do *trabalho*, o escrevente aciona elementos referentes ao *trabalhador*. A fim de esclarecer como se dá esta exploração, assim a descreve o texto: “*Preso a longas horas de uma agitação automatica e além disto cerceado da existencia civil*” (68). A expressão “longas horas de uma agitação automatica” aponta para a metáfora *TRABALHO É ATIVIDADE DESENVOLVIDA*. Os usos das expressões destacadas parecem ancoradas no EI do RECIPIENTE, através do qual entendemos que *TRABALHO É LUGAR*, cujos acarretamentos seriam *TRABALHO É UM LUGAR DE ONDE SE DESEJA SAIR*, *TRABALHO É UM LUGAR QUE CERCEIA O CONTATO COM OUTRAS PESSOAS*, a partir do que chegamos, novamente, à conceptualização *TRABALHO É PRISÃO*.

---

<sup>182</sup> Aqui cabe um breve esclarecimento a respeito dessa expressão. Thomas Malthus, um clérigo anglicano americano, propôs, em 1798, em sua obra *An essay on the principle of population* (Consultamos a versão online da obra, disponível em: <http://rescuingbiomedicalresearch.org/wp-content/uploads/2015/04/Malthus-1798.pdf>), a tese de que o crescimento populacional se dava em proporção geométrica, enquanto a produção de alimentos, em proporção aritmética, ou seja, eram desproporcionais, e culminariam, em determinado momento, em não suprimento para todos, gerando a fome. A fim de alcançar o equilíbrio faz-se necessário a atuação de agentes, que Malthus, polemicamente, defende serem a peste, a fome e a guerra, que, através da dizimação de parte da população, geraria o equilíbrio populacional. Certamente, este aspecto de sua teoria causou muita resistência, e, é nesse aspecto que acreditamos que o escrevente, a chama de “falsissima lei de Malthus”.

Por tratar-se, especificamente, da exploração, temos que EXPLORAÇÃO DO TRABALHO É PRISÃO.

No trecho “o *rude* trabalhador é *muito menos que um homem e pouco mais que uma machina*” (68), temos a conceptualização do trabalhador, baseada no tipo de trabalho ao qual é submetido: ao mesmo tempo em que perde sua característica de *humano*, adquire um status de *máquina*, assim, pelo EI do CONDUTO, temos que TRABALHO É MEIO DE RECATEGORIZAÇÃO E RECONCEPTUALIZAÇÃO DO TRABALHADOR.

Em (202), encontramos uma remissão à situação social de exploração do trabalho, conforme discutimos a partir de (68), datada um ano depois que o texto então citado pelo escrevente de (202) foi publicado (a encíclica papal de Leão XIII, em 15/05/1891):

(202) Por salário, entende-se quantia em dinheiro dada em pagamento de trabalho ou serviço. O Papa Leão XIII, na encíclica de 15/05/1891, preocupou-se sobremaneira com a profunda abjeção, miséria e desumana exploração com que eram tratados [os operários] já no longínquo século 19. *Trabalho extenuante de mais de 12 horas, em locais insalubres, anti-higiênicos, reduzia operários à condição de escravos.* (Fórum de debates – tema: No Dia do Trabalho – Disparidade perturbadora, p.2, 2000).

A caracterização das condições de trabalho, no trecho “profunda abjeção, miséria e desumana exploração com que eram tratados [os operários] já no longínquo século 19. Trabalho extenuante de mais de 12 horas, em locais insalubres, anti-higiênicos”, enriquece a caracterização presente em (68), realçando o aspecto negativo da exploração do trabalho/trabalhador, e, em consequência, tal ambiência “reduzia operários à condição de escravos”. Tal movimento reconceptualizador, aplicado ao trabalhador, pareceu-nos retomar a metáfora conceptual TRABALHO É MEIO DE RECATEGORIZAÇÃO E RECONCEPTUALIZAÇÃO DO TRABALHADOR, visto que o trabalho recategoriza quem o executa, pois *ser operário* é diferente de *ser escravo*, e o que determina, nesse caso, uma condição ou outra é o *tipo de trabalho* realizado. A mesma caracterização, no trecho “*Trabalho extenuante de mais de 12 horas, em locais insalubres, anti-higiênicos*”, remonta, inclusive, aos EI’s do RECIPIENTE e do PROCESSO, o que nos sugere a conceptualização *TRABALHO É*

*ATIVIDADE REALIZADA EM UM LUGAR, DURANTE DETERMINADO TEMPO, tendo o desdobramento TRABALHO EXTENUANTE É RESULTADO DA EXPLORAÇÃO.*

Conforme destacamos no início do presente subtópico, a exploração do trabalho, no século XXI, é vista como uma eufemização da escravidão<sup>183</sup>. Por isso, entendemos que, ao destacar diversos tipos de exploração, os escreventes recategorizam os tipos de trabalho, a partir das formas de exploração, como nos sugere a ocorrência (203):

*(203) Trabalho infantil penoso. Que raio de penoso é este? Trabalho infantil é trabalho infantil e pronto. (Fórum de debates - tema: No Dia do Trabalho – Ideias penosas, p.2, 2000).*

O trecho “Trabalho infantil é trabalho infantil e pronto” sugere a falta desta precisão conceptual a respeito do que seria a exploração do trabalho. Não encontrando, portanto, uma definição adequada, restou ao escrevente retomar a própria expressão a fim de que ela se autodefinia para o leitor: metonimicamente, sugere, portanto, que só o fato de o trabalho ser *trabalho infantil*, já se constitui em *penoso*, ou seja, é redundante pensar em trabalho *infantil penoso*. Assim, temos que TRABALHO INFANTIL É TIPO DE EXPLORAÇÃO DO TRABALHO.

Os elementos conceptuais identificados no MCI da EXPLORAÇÃO nos levaram a observar, de modo semelhante ao que ocorreu com o MCI da ESCRAVIDÃO, que os principais conhecimentos projetados no domínio-alvo TRABALHO foram a relação dominador-dominante, interesses de poder e opressão. O que diferem, a nosso ver, os elementos do MCI da ESCRAVIDÃO do presente MCI é a condição de falseamento da situação de escravidão. Ou seja, enquanto na escravidão a relação era de exploração legalizada socialmente, no caso da EXPLORAÇÃO do trabalho notamos um mascaramento da realidade de escravização.

---

<sup>183</sup> A contemporaneidade da escravidão velada (ou nem tanto) do trabalho tem sido amplamente discutida nas redes sociais, como podemos observar no texto disponível em um blog, que discute uma polêmica posição de uma juíza que categorizou trabalhadores escravizados, em uma fazenda, no Brasil, em 2010, como “viciados em álcool e drogas ilícitas”, além de outras declarações de cunho polêmico. A matéria encontra-se disponível no endereço: <http://reporterbrasil.org.br/2016/09/juiza-diz-que-trabalhadores-sao-viciados-e-que-reter-seus-documentos-causa-bem-a-sociedade/>.



Entendemos que a presença do MCI da EXPLORAÇÃO nos séculos XIX e XXI, na documentação acessada, ofereceu-nos uma pista para reforçar a estratégia contemporânea do falseamento das atividades de escravidão do trabalhador, justamente por estas serem ilegais.

Passemos, em seguida, às ponderações a respeito do MCI da OCUPAÇÃO.

### 3.1.1.8 Modelo Cognitivo Idealizado da OCUPAÇÃO

Ao refletirmos sobre a dependência humana do trabalho, seja como um meio de suprir suas necessidades básicas, seja por almejar inserção social, podemos, com De Masi (2001), entender o quanto a OCUPAÇÃO passou a assumir um papel central na vida humana, de modo a rejeitar, a ideia de ócio, em especial na contemporaneidade. A este respeito, assim se coloca o autor:

O trabalho e a desocupação apresentam desdobramentos paradoxais. Milhões de pessoas se desesperam por estarem excluídas do exercício de alguma atividade da qual entretanto não gostam, que às vezes até detestam, que muitas vezes são aviltantes de tão inúteis, mas que as estatísticas oficiais consideram como “trabalho”. E têm bons motivos para se desesperar, porque a organização social atual faz depender mesmo do exercício daquelas atividades, isto é, do “trabalho”, o direito de obter uma retribuição. Isto é, o direito a viver de um modo decente e independente, ter uma casa e filhos, ser bem aceito no convívio social. (DE MASI, 2001, p.10).

Alguns desses aspectos foram pontuados na documentação acessada, conforme expusemos em seguida.

(14) Linhares, *desempregado a tres annos*, não tem domicilio *nem occupação* [...]. (Seção livre, p.2, 1878).

Em (14), observamos que, a partir da descrição do perfil do sujeito, o foco encontra-se na sua situação econômica: desempregado, sem domicílio e sem ocupação. Nesse caso, a expressão “não tem domicilio nem occupação” pode ser uma consequência direta do fato de estar “desempregado a tres annos”: já que, sem o

meio necessário é impossível adquirir posses. Assim sendo, estar empregado é estar ocupado, e, por inferência, temos que TRABALHO É OCUPAÇÃO.

Nas ocorrências seguintes (72) e (76), pelo uso da preposição *para*, podemos notar que a execução do trabalho enquanto um fim é, resultado de uma preparação, o que subjaz a metáfora TRABALHO É ATIVIDADE QUE REQUER PREPARO:

(72) O deputado Rodolpho Abreu communicou que se achava *prompto para os trabalhos* o seu colega sr. Gonçalves Ramos. (Telegrammas, p.1, 1895).

(76) No dia 15 do corrente, quando se achava o presidente da Câmara Municipal, *prompto para os trabalhos eleitorais*, entrou o sr. tenente coronel Vicente de Oliveira T. M., acompanhado de uma malta de capangas. (Sessões da Câmara, p.2, 1895).

No caso da ocorrência (76), o trecho “*prompto para*” sugere a noção de preparo anterior, visto que, no momento da execução do trabalho, o sujeito já se encontrava apto para realizá-lo, a partir do EI ORIGEM-PERCURSO-META.

A ideia de ocupação, relacionada à rotina do trabalhador, também identificamos em (125):

(125) Os jornaes alarmam-se com a baixa do preço do salitre. Em algumas fabricas, *já trabalha apenas metade dos operarios*. Brevemente, *por falta de trabalho, varias fabricas ficarão paralygadas*. (Notícias – Chile, p.4, 1910).

Nesta ocorrência, temos a metonímia LUGAR PELA ATIVIDADE, no trecho “Em algumas fabricas, já trabalha apenas metade dos operarios”, também reiterada em “por falta de trabalho, varias fabricas ficarão paralygadas”. Desse modo, a ocupação dos operários se dá mediante o acúmulo de atividades laborais, condicionantes à produtividade. No início do século XX, a conceptualização do trabalho como mercadoria é, então, ressaltada.

Em (138), notamos uma elaboração semelhante àquela em (14), porém focando no trabalho como um fim em si mesmo, e não no trabalho, enquanto o meio de ascensão:

(138) A companhia Calçado Rocha [...] *mantem em constante trabalho* cerca de seiscentos operários, internos e externos. (Manifesto para a emissão pública de um empréstimo, p.16, 1910).

O trecho “mantem em constante trabalho” aponta para uma ocupação ininterrupta, pelo uso do advérbio de modo *constante*, ancora-se no EI do PROCESSO. Percebemos, inclusive, que esta atividade ocorre em um lugar, pelo uso da preposição *em*, estruturado pelo EI do RECIPIENTE.

(248) Carla, a fotógrafa gaúcha de 41 anos vai *encaixar o trabalho voluntário entre os compromissos pagos*. (Roberta Pennafort – Reportagem – Uma rede de apoio só para mulheres, p.25, 2016).

(249) Orquídea, de 27 [anos], ajuda “com o que tem no momento”. “Três mulheres me procuraram porque estão estudando para o Enem. Corrijo textos. *Estou desempregada, tenho tempo livre*”. (Roberta Pennafort – Reportagem – Uma rede de apoio só para mulheres, p.25, 2016).

Em (248), os EI’s do RECIPIENTE e da SUPERIMPOSIÇÃO, estruturam as projeções *TRABALHO É ATIVIDADE QUE SE FAZ EM UM LUGAR, TRABALHO É UM CONJUNTO DE ATIVIDADES QUE PODEM SER SUPERPOSTAS*, pelo trecho *encaixar o trabalho voluntário entre os compromissos pagos*, de modo que o “trabalho voluntário”, por não ser algo lucrativo, não terá a prioridade em sua execução, antes, será “encaixado”, ou ajustado, espacial e mentalmente *em* uma rotina de “compromissos pagos”.

Assim como em (248), a ocorrência (249), o trabalho lucrativo como *ocupação* é relacionado ao tempo; de modo que *TRABALHO É OCUPAÇÃO DO TEMPO*, visto que, quando se está “desempregada”, é possível que se tenha “tempo livre”. A relação do trabalho ao tempo não é uma novidade do século XXI. Le Goff (1989) já apontava esta relação intrínseca entre *tempo livre/ócio* e *trabalho*, como sendo coisas opostas. Contemporaneamente, temos uma retomada desta noção, sendo que o chamado “tempo livre” acaba sendo entendido como “tempo disponível para mais trabalho” (DE MASI, 2001, p.21)<sup>184</sup>.

<sup>184</sup> Citamos, ainda, o autor: “O tempo sem trabalho ocupa um espaço cada vez mais central na vida humana. É preciso, então, reprojeter a família, a escola, a vida, em função não só do trabalho mas também do tempo livre, de modo que ele não degenera em dissipação e agressividade mas se resolve em convivência pacífica e ócio criativo. É preciso criar uma nova condição existencial em que estudo, trabalho, tempo livre e atividades voluntárias cada vez mais se entrelacem e se potencializem reciprocamente”. (DE MASI, 2001, p.21).

O contexto da ocorrência (249) situa-nos, portanto, na era da chamada “geração de renda extra” que pode ser entendida como o “trabalho informal”. Ou seja, ao mesmo tempo em que se diz: “Estou desempregada”, é possível dizer também “Corrijo textos”: ao mesmo tempo em que se está disponível para um trabalho formal, pode-se desenvolver uma atividade lucrativa extra.

Semelhante conceptualização temos em (254), em que a expressão “desocupados” está em lugar de “pessoas sem trabalho”:

(254) [...] *o total de desocupados* no País já chega a 11,1 milhões de pessoas, como divulgou o IBGE. (Murilo Rodrigues Alves- Reportagem-Temer quer fechar 2016 criando empregos, p.34, 2016).

Assim, percebemos como o cenário do mundo do trabalho no Brasil foi se reconfigurando ao longo do tempo, e, em consequência, a auto-conceptualização do trabalhador foi, igualmente, sendo modificada.

Accionando elementos conceptualizadores predominantemente metafóricos, e, também, a metonímia conceptual LUGAR PELA ATIVIDADE, estruturadas pelos EI's, o MCI da OCUPAÇÃO contou com ocorrências dos três séculos estudados.

Em seguida, passemos ao estudo do DE do EVENTO, com seus respectivos MCI's.

### 3.1.2 Domínio da experiência do EVENTO

No DE do EVENTO, identificamos os seguintes MCI's: CERIMÔNIA, ATUAÇÃO, FESTEJO, PROTESTO e COMPETIÇÃO, os quais serão, em seguida, discutidos.

#### 3.1.2.1 Modelo Cognitivo Idealizado da CERIMÔNIA

No presente MCI, destacamos o aspecto eventivo da conceptualização do trabalho, pela forma como as expressões linguísticas utilizadas denotam sua relação com algo que pode ser programado e organizado, assim como o fazemos,

experencialmente, com o preparo de uma cerimônia. Observemos como tais aspectos ficaram sugeridos nas ocorrências seguintes:

(4) A 17 deo se a festa maçonica de inauguração do novo templo da loja Fraternidade daquela cidade. [...] *Foram os trabalhos presididos* pelo sr. Tomas de Molina. (Notícias – Rio Claro, p.2, 1875).

(171) Encerrou-se o Congresso dos Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte, que reuniu mais de duas mil pessoas. Os *trabalhos do certame foram presididos* pelo sr. Sinval de Oliveira. (Notícia – Favelados, p.6, 1962).

Tanto em (4) quanto (171), entendemos que o uso do plural em “os trabalhos” sugere múltiplas atividades realizadas, de modo a compreendermos a metáfora conceptual TRABALHO É CERIMÔNIA, cujos mapeamentos seriam: *TRABALHO É EVENTO* e *PRESIDIR TRABALHOS É PRESIDIR CERIMÔNIAS*, ancorados no EI do PROCESSO.

Contando com ocorrências dos séculos XIX e XX, o MCI da CERIMÔNIA acionou, pelo EI do PROCESSO, elementos conceptuais predominantemente metafóricos, ao estabelecer as projeções no domínio-alvo TRABALHO.

Em seguida, comentaremos o MCI da ATUAÇÃO.

### 3.1.2.2 Modelo Cognitivo Idealizado da ATUAÇÃO

Ao estudarmos o presente MCI, observamos determinados elementos que foram projetados no domínio-alvo TRABALHO, por exemplo, o aspecto circunstancial, ou seja, temporário, de determinada realização, com fins laborais. A atuação, nesse caso, tratou-se, na maioria das ocorrências, de algo com tempo e espaço delimitados, como destacamos a seguir:

(15) Poderá falar ‘em probidade politica’ um individuo que se diz liberal, e até republicano (que irrisão!) e entretanto vive da sopa do partido conservador de cuja camara é fiscal, *que tem trabalhado como conservador na qualificação de votante*, excluindo liberais, isto só vem mostrar que é liberal genuino – o coronel? (Seção livre, p.2, 1878).

A ocorrência (15) oferece-nos pistas para a conceptualização de trabalho como atuação, a partir do trecho “que tem trabalhado como conservador na qualificação de votante”, aventando a metáfora conceptual **TRABALHO É ATUAÇÃO CIRCUNSTANCIAL**, visto que a expressão “tem trabalhado como” sugere estado, em detrimento de essência, sugerindo que a atividade não é permanente.

Em (32), a conceptualização de trabalho como **ATUAÇÃO** é mais especificada como sendo **TRABALHO É ESPETÁCULO DE ARTE**, no caso em questão, arte circence:

(32) Chegou alli a companhia japoneza que *ultimamente trabalhou na côrte*. Consta de equilibristas. (Campinas, p.2, 1880).

Assim, a metáfora **TRABALHO É ATUAÇÃO** aponta, inclusive, para a perspectivação locativa, por meio do EI do RECIPIENTE, de acordo com a expressão “trabalhou *na côrte*”, o que acarreta em **TRABALHO É ATUAÇÃO EM UM ESPAÇO**, como também notamos em (54):

(54) Seguiu hoje para a côrte o sr. dr. Ignácio Cockrane, que *vae tomar parte nos trabalhos parlamentares* como deputado. (Noticiario, p.2, 1888).

Outra especificidade temos em (61):

(61) O professor Faure Nicolay *fará os melhores trabalhos* de Magia elegante e alta prestidigitação classica sem nenhum aparato. (Anuncios – Theatro S. José, p.3, 1888).

Aqui, **TRABALHO É ESPETÁCULO DE MÁGICA**; o uso de adjetivação (*melhores*), sugeriu-nos o acarretamento metafórico **TRABALHO É ATIVIDADE QUE SE AVALIA**.

Em (90), temos uma conceptualização metonímica do trabalho, como sendo o resultado do desenvolvimento de um talento:

(90) Na Trindade, representou-se o drama em tres atos *João Darlot*, traduzido do frances por Fialho de Almeida. É um dramalhão obrigado á lagrima com os sermões da semana santa, *sendo de lamentar que o altissimo talento litterario de Fialho se tenha malbaratado em tal trabalho*. (Notícias diversas, p.2, 1898).

Assim, TRABALHO É OBRA LITERÁRIA, e por ter sido apresentada publicamente, temos que TRABALHO É ESPETÁCULO. Porém, supomos que a qualidade do espetáculo não fizera jus ao que se esperava pelo escrevente, de modo que o trabalho, como sendo atuação, incorreu em desperdício, pelo trecho “o altissimo talento litterario de Fialho se tenha *malbaratado* em tal trabalho”. O uso prepositivo, locativo, novamente aponta para o EI do RECIPIENTE, de modo que entendemos, metonimicamente, ATUAÇÃO POR LUGAR.

Em (132), o aspecto locativo acionou a metáfora TRABALHO É ATUAÇÃO EM UM ESPAÇO, pelas expressões “trabalhar no teatro” e “trabalhar nesta cidade”:

(132) *A nova compainha irá trabalhar no teatro Buenos Aires*, da capital argentina, onde dará uma serie de sessenta espectaculos nos mezes de setembro a outubro. Em novembro *deverá a companhia vir trabalhar nesta cidade*, no teatro S. José. (Noticias theatraes, p.6, 1910).

Ainda mais específica, está a ideia de trabalho como sendo espetáculo, conforme o trecho: “trabalhar no teatro Buenos Aires [...] onde dará uma serie de sessenta espectaculos”. Na presente ocorrência, destacamos que o nível de convencionalização da metáfora é tão significativo, que não é mais tão claramente identificada a existência de outra forma conceptualizadora, aqui, subjacente. Em (174) e (263) notamos uma conceptualização semelhante:

(174) O encenador italiano afirmou, por último, que foi seu trabalho *‘transpor para o palco a fusão de uma grande sensibilidade com um pleno domínio da técnica dramaturgica’*. (Notícia – Fusão do regional e do universal na peça do ‘Saci’, p.8, 1962).

Assim, temos em (263), a elaboração metafórica TRABALHO É PERFORMANCE, além da metáfora geral TRABALHO É RESULTADO, pelo trecho “O resultado de suas produções tem recebido elogios”:

(263) Bárbara Paz vai viver o papel de seus sonhos em “Gata em teto de zinco quente” que estreia em 5/5. O resultado de suas produções tem recebido elogios do cineasta Hector Babenco. [...] No último trabalho de Babenco, *Bárbara estava lá dançando na chuva à frente do ator Willem Dafoe*. (Leandro Nunes – Reportagem, p.36, 2016).

Em (179) e (204), identificamos a metáfora TRABALHO É ATUAÇÃO EM UM ESPAÇO:

(179) *Trabalhando nas grandes empresas paulistas*, numa notável contribuição ao progresso nacional, mais de 200.000 industriários sentiram a necessidade da proteção do Seguro de Vida – Coletivo Vida, Acidente de Trabalho e Acidentes Pessoais. (Propaganda – Seguradora Minas-Brasil, p.17, 1962).

(204) O IBGE inscreveu 786 mil candidatos no concurso para *trabalhar no censo deste ano*. Para quem passar nas provas, são pelo *menos dois meses de emprego*, podendo chegar a um semestre. (Coluna do Estadão – Trabalho, p.6).

Em (204), notamos, ainda, que há uma distinção entre os conceitos de *trabalho* e *emprego*. Em outras ocorrências, notamos que tal distinção entre os conceitos dizia respeito à duração temporal do trabalho, no sentido de este ser permanente e oficializado mediante assinatura de carteira de trabalho. Aqui, notamos que o aspecto concentra-se na empresa contratante: por ser o IBGE uma empresa pública, a expectativa de melhores condições de trabalho fica subentendida, pelo trecho “são pelo *menos dois meses de emprego*, podendo chegar a um semestre”. Assim, temos que *EMPREGO É ATUAÇÃO EM EMPRESA PÚBLICA* (ou privada); enquanto *TRABALHO É ATUAÇÃO TEMPORÁRIA*.

Presente nos três séculos investigados, o MCI da ATUAÇÃO utilizou-se, em sua maioria, de elementos metafóricos ao conceptualizar as formas de trabalho, além do uso da metonímia conceptual ATUAÇÃO POR LUGAR, e do EI do RECIPIENTE.

Passemos ao próximo MCI estudado, o do FESTEJO, que, dentre outras questões, ofereceu-nos vislumbres a respeito da história do Dia do Trabalho, em especial, no Brasil.



### 3.1.2.3 Modelo Cognitivo Idealizado do FESTEJO

Hobsbawm (2000 [1984], p.101) discute que, a partir do século XIX, a consciência de classe dos trabalhadores se tornou tão punjante, que passou a haver o estabelecimento de “rituais operários”, com seus símbolos, ritos, emblemas, linguagens e regras, de modo a proporcionar o que chama de “invenção da tradição” (p.101), em uma espécie de caracterização do trabalho, pelo próprio trabalhador. Alguns desses elementos, levantados pelo autor, são as bandeiras, as reuniões, e o que considera o mais relevante dos rituais: o 1º de Maio, visto que as implicações simbólicas ultrapassaram o plano temporal, e chegaram a questões de enfrentamento, especialmente pensando no que o tempo de “não trabalho”, nesta data, representava para os empregadores, antes de sua instituição oficial como feriado internacional. A este respeito, citamos:

O que significava este dia para os trabalhadores? Felizmente não desconhecemos isto, porque os organizadores de uma recente exposição italiana de bandeiras do operariado mostraram algumas a uns poucos anciãos que de pronto as associaram ao 1º de Maio. Citemos Pietro Comollo, natural de Turim, com setenta e muitos anos: ‘As bandeiras eram educativas. Todos costumavam dizer: ‘É a nossa grande festa- é a grande festa dos trabalhadores’. Sabíamos vagamente que era em memória dos que lutaram pela jornada de trabalho de oito horas, os Mártires de Chicago. Assim, aquilo era um ato simbólico, que se tornara simbólico para os trabalhadores... E então, bem, era apenas um feriado: havia os cravos vermelhos. Era uma demonstração de luta não apenas porque tinham conseguido o 1º de Maio através da tenacidade de suas organizações, mas porque nós estávamos todos lá, juntos e unidos. Mesmo os anarquistas apareciam.’. Era o ritual de classe, comunidade, luta e união. (HOBBSAWM, 2000 [1984], p.113).

A respeito das comemorações referentes ao dia 1º de Maio, as ocorrências por nós estudadas, também pareceram evocar a importância que era atribuída no trato, pelos trabalhadores, com a data, como pudemos observar nos excertos seguintes:

(70) A União Operaria de Santos convidou os operarios a *suspenderem o trabalho no dia 1 de maio* e franqueiarem ao publico o seu salão. (Municipios – Santos, p.2, 1892).

(74) *Commemora o mundo-operario a data historica de 1 de maio: glorificação do Trabalho Universal.* Facto de alta transcendencia social

para as classes productoras, *deve ser esse dia considerado feriado entre os operarios*, sem distinção de classes, visto ser elle o inicio das reivindicações sociaes. O Partido Operario *convida aos seus correligionarios a á classe operaria a suspender o trabalho neste dia*, signal de respeito á laustosa data. (Os municipios – Santos, p.1, 1895).

Em (74), notamos algumas estratégias que enfatizaram a importância do trabalho, como o uso de maiúsculas e a adjetivação positiva em “glorificação do Trabalho Universal”. Também, trouxeram à tona a questão temporal, em que o trabalho é associado com o passar das horas ou dias, focando no que se considera tempo produtivo, nos trechos: “deve ser esse dia considerado feriado entre os operarios” e “suspender o trabalho neste dia”. Além disso, o trecho: “suspender o trabalho”, também em (70), relacionou-se à conceptualização através da metáfora TRABALHO É ATIVIDADE REALIZADA NO TEMPO.

A expressão “festa do trabalho” aparece nas ocorrências a seguir, de modo que a conceptualização TRABALHO É MOTIVO PARA FESTEJOS é sugerida:

(69) O governo confia em que *as festas do dia 1 de maio*, não trarão alteração da ordem publica na capital e nas principais cidades do reino. Os operarios mostram-se tranquilos, não tendo até agora celebrado reuniões preparatorias com aquelle fim. (Europa – Italia, p.2, 1892).

(83) *A festa do trabalho* será solemnizada aqui pelo Gremio Operario. (Os municipios – São Simão, p.1, 1898).

(119) Houve hoje diversas reuniões de sociedades operarias para tratar dos festejos a serem realizados amanha, dia da *festa do trabalho*. (Notícia / telegrammas, p.4, 1910).

(120) Os operarios commemorarão a data de 1 de maio, realizando comicios e conferencias sobre a *festa do trabalho*. (Notícia, p.4, 1910).

A ocorrência seguinte, (190), assim como em (74), através do uso de maiúsculas, enaltece a referida data, mesmo no contexto do último quartel do século XX:

(190) São Paulo hospeda [...], *no Dia do Trabalho, mais de um milhão de trabalhadores sem trabalho*. (Reportagem – Dia do (sem) Trabalho, p.37, 1991).

O trecho “trabalhadores sem trabalho” ancora-se no EI do RECIPIENTE, de modo que as pessoas podem ser categorizadas socialmente como as que possuem ou não possuem trabalho, estando, necessariamente, DENTRO ou FORA do mercado

de trabalho, o que sugere o acarretamento *MERCADO DE TRABALHO É LUGAR*. Além disso, o uso evoca a ideia de posse, sendo o possuidor, geralmente, o trabalhador (“com trabalho”), ou seja, os que estão dentro (ou fora) de uma ou outra categoria conceptual. Este tipo de percepção sobre o trabalho como um motivador para um rearranjo social já se insinua na presente ocorrência, e mesmo no título da reportagem em (190): “Dia do (sem) Trabalho”, em que, através de uma metonímia conceptual, sugerida pelo uso parentético “(sem)”, e do EI PARTE-TODO, toma-se o dia do trabalhador pelo dia do trabalho. A possibilidade da dúvida leitura do título sugere um tom provocativo intencional do autor, possivelmente indagando o seguinte: teria sentido uma comemoração, no contexto em que não há “trabalho” suficiente para os trabalhadores?

(195) 1º de maio: não poderia haver dia mais propício para iniciar *um bom trabalho*. [...] Aos 27 anos de existência, só há uma explicação para o *excessivo crescimento do Sistema de Consórcio: muito trabalho*. Para manter o Sistema em pleno funcionamento hoje, 550 empresas contam com a soma individual do trabalho de mais de 60 mil profissionais [...] Hoje, 1º de maio – dia que sentimos bastante nosso, assim como devem senti-lo todos aqueles *que fazem do trabalho a principal arma* para vencer obstáculos [...]. *Que a soma de nossos trabalhos* represente, acima de tudo, o engrandecimento do Sistema de Consórcio. (Propaganda – Sistema de Consórcios, p.4, 1991).

Em (195), percebemos múltiplos aspectos da conceptualização do trabalho. Inicialmente, o trecho “não poderia haver dia mais propício para iniciar um bom trabalho” aponta para questões de temporalidade: o dia ideal para trabalhar é o dia do trabalho. Esta compreensão retoma a forma de conceptualização dominante no final do século XIX, em que os empregadores rechaçavam os trabalhadores que se recusavam ao trabalho, por ocasião desta data (visto tratar-se de uma propaganda de uma empresa de consórcios). Pelo fato de o conceptualizador não ser o trabalhador, e sim o empregador, justifica-se o porquê desta retomada conceptual sobre o dia do trabalho: sendo o “dia” referente ao trabalhador, nada seria mais justo do que o mesmo exercer sua tarefa (“não poderia haver dia mais propício para iniciar um bom trabalho”). Assim, o trabalho é, metonimicamente, personificado em seu agente.

No excerto “só há uma explicação para o excessivo crescimento do Sistema de Consórcio: muito trabalho” notamos o EI ORIGEM-PERCURSO-META, em que o fim a ser alcançado é o *crescimento do sistema de consórcio*, somente possibilitado

através do *trabalho*. Em seguida, os trechos “550 empresas contam com a soma individual do trabalho de mais de 60 mil profissionais” e “que a *soma* de nossos trabalhos represente, acima de tudo, o engrandecimento do Sistema de Consórcio” apontam para o EI PARTE-TODO, segundo o qual se entende que *TRABALHO É ATIVIDADE COMPARTIMENTÁVEL*, o que recai na divisão do trabalho.

No trecho “1º de maio – dia que sentimos bastante nosso”, há, novamente, a metonímia conceptual EVENTO PELO AGENTE, sendo que, o dia do trabalho é tomado pelo dia do trabalhador. Tal ideia é reforçada adiante: “todos aqueles que fazem do trabalho a principal arma para vencer obstáculos”, ou seja, *TRABALHADORES SÃO AGENTES DO TRABALHO*. Aqui, temos outro aspecto do EI ORIGEM-PERCURSO-META, ao apontar o trabalho como “a principal arma para vencer obstáculos”, de modo que *TRABALHO É INSTRUMENTO* para alcançar determinado fim, mais especificamente, *TRABALHO É ARMA*.

Ainda valendo-se da data comemorativa como motivação para a escrita, temos a propaganda em (199):

(199) Olhe quem vai suar a camisa hoje. *Hoje, dia do trabalho, essa vai ser sua única mão-de-obra: abrir uma SKOL.* (Propaganda, p.6, 1991).

Retomando elementos linguístico-conceituais de outros MCI's relacionados às práticas laborais, como *suor, camisa, mão-de-obra*, o texto associa o dia do trabalho a festejos, de forma perspectivista: apontando somente o aspecto da *comemoração*. Valendo-nos dos conhecimentos enciclopédicos, segundo os quais os feriados nacionais no Brasil remetem, contemporaneamente, a descanso e relaxamento, associados ao uso de bebidas, fora do ambiente de trabalho, observamos o acionamento de uma conceptualização invertida do trabalho, em que, metonimicamente, temos que *MÃO DE OBRA É DESCANSO*, e, ainda, *MÃO DE OBRA É BEBER CERVEJA*. Assim, de modo inverso, temos que *TRABALHO É NÃO-TRABALHO*.

Em (226), observamos outros desdobramentos da conceptualização *TRABALHO É MOTIVO PARA FESTEJOS*, com outro enfoque, a saber, a possibilidade de discussão sobre as reformas trabalhistas que, então, eram propostas:

(226) *As comemorações de hoje do Dia do Trabalho* são uma mostra de como o ambiente está envenenado para debates do tipo. Braço sindical do PT, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) promete fazer junto com os movimentos sociais ‘o maior 1º de maio da história’. Será contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff, com a presença da própria. ‘Mas o pano de fundo são os direitos dos trabalhadores’, afirmou ao **Estado** o presidente da CUT, Vagner Freitas. [...] (Reformas de Temer vão esperar ‘clima político’, p.4, 2016).

Pelo contexto da época – deliberações e debates sobre o processo de *impeachment* da então Presidenta Dilma Rouseff – a inclusão do tema da reforma trabalhista na discussão, no dia 1º de Maio, foi muito conveniente, em especial, para os movimentos dos trabalhadores, como observamos nos trechos: “Braço sindical do PT, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) promete fazer junto com os movimentos sociais ‘o maior 1º de maio da história’”; “Mas o pano de fundo são os direitos dos trabalhadores”. Assim, o que mobilizaria as atividades da referida data seria a retomada de discussões com foco nos direitos dos trabalhadores, em um movimento de retorno ao propósito inicial da instituição da data comemorativa, que seriam as reivindicações de melhorias das condições de trabalho, em geral.

O trecho, em (226), ‘o maior 1º de maio da história’, sugere-nos o acionamento das metáforas orientacionais BOM É MAIOR e IMPORTANTE É GRANDE, no sentido de que o sucesso do evento estaria diretamente relacionado com as proporções que alcançasse, seja em número de pessoas presentes ou em repercussão midiática.

Nas ocorrências (230) e (233), observamos como o mesmo evento divulgado em (226) (“A presidente Dilma Rousseff participa hoje, em São Paulo, da comemoração do Dia do Trabalho da central Única dos Trabalhadores (CUT)”) é reconceptualizado como sendo um “ato”:

(230) A presidente Dilma Rousseff participa hoje, em São Paulo, da *comemoração do Dia do Trabalho* da central Única dos Trabalhadores (CUT) e vai anunciar um reajuste para o Programa Bolsa Família como principal medida de um “pacote de bondades” [...]. O governo, o PT, a CUT e os movimentos sociais querem dar um caráter emotivo ao ato, já considerado nos bastidores como “último grande comício” de Dilma. O *tema do ato*, que terá artistas e intelectuais será “Mais Democracia e Mais Direitos”. (Dilma atacará vice em ato da CUT, p.4, 2016).

(233) A fim de aproveitar seus últimos momentos, a presidente estava decidida a aproveitar a *passagem hoje do Dia do Trabalhador* para anunciar o chamado pacote de bondades como aumento nos benefícios dos programas sociais e correção na tabelado Imposto de Renda. Por que não fez antes? Porque não há dinheiro. (Dora Kramer, Artigo – Ponte para o passado, p.6, 2016).

Nas mesmas, as comemorações são conceptualizadas como partes de um todo, que é o dia do trabalho, e, por serem as mais importantes, e protagonizarem o evento, a fala da então presidenta do Brasil era a mais esperada, compondo um conjunto de atos, assim caracterizados: “último grande comício de Dilma”, “o ato, que terá artistas e intelectuais [...]”, “seus últimos momentos”. Observamos, assim, que a metáfora geral TRABALHO É MOTIVO PARA FESTEJOS foi especificada em mapeamentos como *DIA DO TRABALHO É MOMENTO PARA FESTEJO* e *DIA DO TRABALHO É MOTIVO PARA PROTESTOS*. Notamos, outra vez, a metonímia do tipo EVENTO PELO AGENTE, em (233), ao abordar dia do trabalho por “Dia do Trabalhador”.

Na ocorrência (241), em seguida, o percebemos a metáfora conceptual TRABALHO É MOTIVO PARA FESTEJOS, a partir de um aspecto de figura-fundo, ao reconceptualizar o dia do trabalho como sendo um espetáculo:

(241) *Comemorar o Dia do Trabalho é um clássico*. A trilha sonora tinha que acompanhar. (Propaganda – Bachiana Filarmônica, SESI-SP, p.9, 2016).

A relação foi enfatizada a fim de focar no tema da propaganda: um show musical. Assim, a dúbia informação subentendida é a de que se trata de algo nobre, tanto comemorar o dia do trabalho, quanto ouvir música clássica. Assim, *CELEBRAR DIA DO TRABALHO É UM CLÁSSICO*, reforçando o caráter de espetáculo sugerido na ocorrência.

Contando com elementos conceptualizadores predominantemente metafóricos, com a metonímia EVENTO PELO AGENTE, e sendo estruturado por meio dos El's, as ocorrências do MCI do FESTEJO estiveram presentes em todos os três séculos investigados.

Em complementação às discussões a respeito do Dia do Trabalho, passemos ao próximo MCI, a saber, o do PROTESTO.

### 3.1.2.4 Modelo Cognitivo Idealizado do PROTESTO

Conforme pudemos sinalizar, ao discutirmos o MCI do FESTEJO, o dia do trabalho marca uma importante ressignificação da história do trabalho no Brasil; o mesmo inicia-se, como discutido por Smith (1996[1776]), já nos idos do século XVIII, representando as lutas por aumentos de salários e melhorias diversas nas condições de vida (e/ou sobrevida) do trabalhador, conforme citamos:

Os trabalhadores desejam ganhar o máximo possível, os patrões pagar o mínimo possível. Os primeiros procuram associar-se entre si para levantar os salários do trabalho, os patrões fazem o mesmo para baixá-los. Não é difícil prever qual das duas partes, normalmente, leva vantagem na disputa e no poder de forçar a outra a concordar com as suas próprias cláusulas. Os patrões, por serem menos numerosos, podem associar-se com maior facilidade; além disso, a lei autoriza ou pelo menos não os proíbe, ao passo que para os trabalhadores ela proíbe. Não há leis do Parlamento que proíbam os patrões de combinar uma redução dos salários; muitas são, porém, as leis do Parlamento que proíbem associações para aumentar os salários. [...] Tem-se afirmado que é raro ouvir falar das associações entre patrões, ao passo que com frequência se ouve falar das associações entre operários. (SMITH, 1996 [1776], p.119).

Smith (1996 [1776]), apesar de discutir sobre um contexto distinto daquele em que vivia o trabalhador brasileiro, nos pareceu oferecer uma significativa contribuição, a fim de podermos entender a repercussão deste movimento nos países da Europa, que foram influência para os movimentos nascentes, no Brasil, no século XIX, conforme observamos na documentação acessada, especialmente, ao relatarem as experiências internacionais a respeito do que denominavam de “controle dos tumultos” e “manutenção da ordem pública”, referindo-se às articulações populares propostas pelos trabalhadores<sup>185</sup>.

---

<sup>185</sup> A este respeito, citamos a contribuição de Hobsbawm (2000 [1984], p.110-112): “O 1º de Maio internacional, que data de antes de 1889, talvez seja o mais ambicioso dos rituais do operariado. Em certos aspectos, é uma versão mais ambiciosa e generalizada de manifestação do operariado e festividades conjuntas realizadas anualmente, que vimos surgir com um grupo altamente específico de trabalhadores e confinada a regiões isoladas nas demonstrações e festas dos mineiros de duas décadas antes. O 1º de Maio partilhava com estas a característica essencial de ser a apresentação pública e regular de uma classe em si, uma afirmação de poder; de fato, em sua invasão do espaço social do sistema, uma conquista simbólica. Mas, de forma igualmente crucial, o 1º de Maio foi a afirmação da classe através de um movimento organizado – sindicado ou partido. Era o desfile anual das cores do exército do operariado – uma ocasião política impensável sem os *slogans*, as

Um trecho em que observamos tal influência foi na ocorrência (64), que só será discutida adiante: “Os telegramas de Havas e do Centro Telegraphico da Imprensa se têm referido á *grande manifestação socialista que hoje se deve realizar em quase todas as grandes cidades da Europa e em algumas cidades dos Estados Unidos da America do Norte*”.

No entanto, ao referir-se à situação no Brasil, optava-se pela expressão “Festa do Trabalho”, “comemorações do trabalhador”, aludindo aos pseudomovimentos como sendo oportunidades de reflexões quiçá “inocentes” sobre a importância do trabalho na vida cotidiana. Nesse sentido, citamos, novamente, Smith 1996 [1776] ao abordar como era conceptualizado o movimento operário reivindicatório, especialmente pelo uso de determinadas expressões que optamos por destacar:

Muitas vezes, porém, os trabalhadores reagem a tais conluios com suas *associações defensivas*; por vezes, sem serem provocados, os trabalhadores combinam entre si elevar o preço de seu trabalho. Seus *pretextos usuais* são, às vezes, os altos preços dos mantimentos; por vezes, reclamam contra os altos lucros que os patrões auferem do trabalho deles. Entretanto, quer se trate de *conchavos ofensivos, quer defensivos*, todos são sempre alvo de comentário geral. No intuito de resolver com rapidez o impasse, os trabalhadores sempre têm o recurso ao mais *ruidoso clamor*, e às vezes à *violência mais chocante e atroz*. Desesperam-se agindo com *loucura e extravagância* que caracterizam *pessoas desesperadas que devem morrer de fome* ou lutar contra seus patrões para que se chegue a um acordo imediato para com suas exigências. Em tais ocasiões, os patrões fazem o mesmo *alarido* de seu lado, e nunca cessam de clamar alto pela intervenção da autoridade e pelo cumprimento das leis estabelecidas com tanto rigor contra as *associações dos serviçais, trabalhadores e diaristas*. Por isso, os trabalhadores raramente auferem alguma vantagem da violência dessas *associações tumultuosas*, que, em parte devido à interferência da autoridade, em parte à firmeza dos patrões, e em parte por causa da necessidade à qual a maioria dos trabalhadores está sujeita por força da subsistência atual — geralmente não resultando senão na punição ou ruína dos líderes. (SMITH, 1996 [1776], p.119-120).

---

reivindicações, os discursos que, mesmo entre os retraídos trabalhadores das minas, cada vez mais vieram a ser feitos por figuras nacionais que representavam não o sindicato, mas o movimento como um todo. [...] Além disso, foi através da participação pública que a demonstração se tornou um feriado tanto no sentido ritual, quanto no sentido festivo. [...] O que é mais importante, a reivindicação específica do 1º de Maio original [redução da carga horária de trabalho para 8 horas diárias] logo caiu para segundo plano. Cada vez mais, o 1º de Maio tornou-se uma afirmação anual da presença da classe – com mais sucesso onde, contra o conselho dos líderes socialistas e sindicais, ele salientou aquela presença por uma afirmação simbólica da força fundamental dos trabalhadores: *a ausência ao trabalho através de uma greve de um dia*. Em muitos países latinos veio a ser considerado como uma celebração dos mártires – os mártires de Chicago – e às vezes ainda assim é considerado”. (Grifo nosso).



Estas limitações impostas aos trabalhadores, relacionadas à possibilidade legal de sua articulação como categoria, começam a ser revisitadas, especialmente no que tange às formas de reivindicações, que sugerem as primeiras formas de conceptualização das greves. Diante dessas reflexões, percebemos que tais formas são influenciadas pelos grupos de onde o sujeito fala; assim sendo, socio-cognitivamente, nossa hipótese de que o estudo das conceptualizações precisa estar atrelado aos sujeitos produtores de seus discursos, se reforça. A nosso ver, por exemplo, o excerto acima, pelos trechos que destacamos, demonstra o lugar de fala do conceptualizador-padrão, conceptualizando os movimentos dos trabalhadores de forma negativa e desordenada.

Passemos, portanto, à discussão sobre as ocorrências identificadas em nosso corpus, que, a nosso ver, reforçaram estas ideias.

(64) Os telegramas de Havas e do Centro Telegraphico da Imprensa se têm referido á grande manifestação socialista que hoje se deve realizar em quase todas as grandes cidades da Europa e em algumas cidades dos Estados Unidos da America do Norte. *Ultimamente começaram a apparecer receios de que se dessem grandes desordens no dia de hoje e todos os governos europeus, principalmente o da Austria, onde a attitude dos operarios é mais ameaçadora, tomaram suas precauções.* A força publica foi extraordinariamente augmentada [...] É possível, por causa das providencias em tempo adoptadas, que não seja perturbada a ordem publica. [...] para realisarem a manifestação de hoje, que se deve estender por todo o continente, os operarios não pediram licença ás autoridades civis. Reuniram-se em congressos, discutiram-n'a, prepararam-n'a e anunciaram-n'a sem darem satisfações a ninguém. Os governos previnem-se mas não ousam prohibil-a. Há a notar uma circumstancia importantissima: - hoje é quinta feira, dia de trabalho geral. Se a manifestação se realizasse num domingo, disse um orador socialista num dos congressos preparatorios, não teria com certeza a significação que lhe queremos dar, porque os burguezes não deixariam de dizer que ella se compunha, em grande parte, de simples curiosos em descanso. A escolha do dia de hoje, portanto, é uma especie de provocação. Queiram os patrões ou não queiram – as suas officinas hoje háo de ficar inteiramente desertas, porque os operarios resolveram ir fazer discursos e protestos para a praça publica. Foi a *American Federation of Labor* reunida em S. Luiz em dezembro de 1888, que escolheu o dia 1 de Maio. O congresso marxista, reunido depois na Europa, não fez nada mais do que sancionar a escolha dos correligionários norte-americanos. *O tom especial dessa manifestação-monstro é para pedir para que sejam reduzidas a oito horas de trabalho no dia.* [...] Não há divergencias, não há opposições. Em toda parte reina entusiasmo e é firme a resolução em toda a linha. (1º de Maio, p.1, 1890).

Em (64), identificamos um reforço da influência estrangeira sobre os movimentos nascentes no Brasil, conforme destacamos: “Ultimamente começaram a aparecer receios de que se dessem grandes desordens no dia de hõje e todos os governos europeus, principalmente o da Austria, onde a attitude dos operarios é mais ameaçadora, tomaram suas precauções”. Assim, a medida governamental responsiva a esta circunstância foi a reunião de esforços, a fim de manter reprimido tal movimento: “A força publica foi extraordinariamente augmentada [...] É possível, por causa das providencias em tempo adoptadas, que *não seja perturbada a ordem publica*”. Observamos, ainda, o tom de reprovação dos empregadores, sobre as referidas mobilizações operárias: “[...] para realisarem a manifestação de hoje, que se deve estender por todo o continente, os operarios não pediram licença ás autoridades civis. Reuniram-se em congressos, discutiram-n’a, prepararam-n’a e anunciaram-n’a sem darem satisfações a ninguém”, nesse caso, o caráter de atividade ilícita pareceu-nos ficar sugerido.

Pelo trecho seguinte, constatamos que o dia do trabalho ainda não era feriado internacional, antes, entendido como uma justificativa para o não-trabalho: “Há a notar uma circunstancia importantissima: - hoje é quinta feira, dia de trabalho geral. Se a manifestação se realizasse num domingo, disse um orador socialista num dos congressos preparatorios, não teria com certeza a significação que lhe queremos dar, porque os burguezes não deixariam de dizer que ella se compunha, em grande parte, de simples curiosos em descanso”. Ou seja, pelo fato de a data ter recaído em um “dia útil”, ou “dia de trabalho”, conforme consta do trecho, a atitude de não-trabalho é conceptualizada como sendo trabalho, pela metáfora TRABALHO É PROTESTO: “A escolha do dia de hoje, portanto, é uma especie de provocação. Queiram os patrões ou não queiram – as suas officinas hoje háo de ficar inteiramente desertas, porque os operarios resolveram ir fazer discursos e protestos para a praça publica”. Uma informação de cunho historiográfico, sobre a escolha do dia 1º de Maio como o Dia do Trabalho, nos é apresentada no trecho da ocorrência (64): “Foi a *American Federation of Labor* reunida em S. Luiz [EUA] em dezembro de 1888, que escolheu o dia 1 de Maio. O congresso marxista, reunido depois na Europa, não fez nada mais do que sancionar a escolha dos correligionários norte-americanos”.

O trecho: “O tom especial dessa manifestação-monstro é para pedir para que sejam reduzidas a oito horas de trabalho no dia. [...] Não há divergencias, não há

oposições. Em toda parte reina entusiasmo e é firme a resolução em toda a linha” ofereceu-nos outro desdobramento conceptual, de modo que, pelo fato de o trabalhador negar-se a trabalhar, o mesmo estaria fazendo com que o protesto ganhasse visibilidade, o que nos sugere uma conceptualização invertida: PROTESTO É NÃO TRABALHO, e mais especificamente, e por acarretamento, temos que *NÃO TRABALHO É TRABALHO*, por gerar atividades de mobilização por parte do trabalhador.

(172) Ontem a tarde realizou-se na Delegacia do Trabalho mesa-redonda entre patrões e empregados da construção civil para debate das reivindicações salariais dos empregados. Estes pretendem aumento de 60%, vigência do acordo por seis meses e fornecimento de *ferramentas de trabalho pelos empregadores*. (Construção civil, p.6, 1962).

(175) Seu principal objetivo é o de ajudar os operários, tanto nos países adiantados, como nos que estão em processo de desenvolvimento e *conseguiram melhoria de salários, condições de trabalho e bem-estar geral*. [...] Conclamando a classe trabalhadora de São Paulo para que compareça hoje à Praça da Sé, a partir das 8 e 30, participando da concentração dos trabalhadores cristãos e democráticos o Sr. Antonio Pereira, presidente da Confederação dos Empregados no Comércio do Estado de São Paulo frisou [...]. Referindo-se ao dia do Trabalho, o Sr. Antonio Pereira afirmou que *‘essa data vem sendo marcada, pela massa de trabalhadores, como símbolo de luta por melhorias em suas condições de vida e de trabalho’*. (Notícia – 1º de Maio: Grande concentração na Sé, p.13, 1962).

Em (172), observamos que o dia anterior ao dia do trabalho, fora escolhido como um momento para discussões sobre melhorias nas condições de vida do trabalhador, como aponta o trecho: “Ontem a tarde realizou-se na Delegacia do Trabalho mesa-redonda entre patrões e empregados da construção civil para debate das reivindicações salariais dos empregados”. Assim, reforça-se a estruturação do MCI do PROTESTO, ainda especificado em algumas demandas trabalhistas, como: “*aumento de 60%, vigência do acordo por seis meses e fornecimento de ferramentas de trabalho pelos empregadores*” (172)<sup>186</sup>.

---

<sup>186</sup> A respeito da importância ideológica da posse de ferramentas para o trabalhador, assim se posiciona Hobsbawm (2000 [1984], p.369): “A habilidade técnica e a independência do artífice eram simbolizados pela posse de ferramentas pessoais, aqueles meios de produção pequenos, porém vitais, que lhe permitiam trabalhar em seu ofício em qualquer parte”.

Também retomando conceptualizações anteriores sobre o dia do trabalho, a ocorrência (175) aponta para a referida data como sendo oportunidade para protestos. Ao articular uma grande convocação para diversos trabalhadores, o escrevente assim resume o significado da data para os mesmos: “símbolo de luta por melhorias em suas condições de vida e de trabalho”. Nesse sentido, observamos a conceptualização *FALTA DE CONDIÇÕES DE TRABALHO É MOTIVO PARA PROTESTOS*.

Em (198), observamos, pelo próprio título – “Data perdeu significado de confronto” – outro movimento reconceptualizador sobre o dia do trabalho, conforme viemos pontuando: de MOTIVO PARA FESTEJOS (“A comemoração do 1º de Maio, a festa do trabalho”), MOTIVO PARA PROTESTOS (“perdeu significado de *confronto*”), a data passa a ser, de acordo com esta ocorrência, MOTIVO PARA LUTO (“A comemoração do 1º de Maio, a festa do trabalho, tem se revestido de *luto* nos últimos anos”):

(198) A comemoração do 1º de Maio, a festa do trabalho, tem se revestido de luto nos últimos anos, no mundo inteiro. Na França, existem atualmente 2,5 milhões de desempregados, de modo que os operários e todos os que estão trabalhando são pessoas privilegiadas. A festa do trabalho não é uma festa para aqueles que não têm emprego. (Artigo – Data perdeu significado de confronto, p.10, 1991).

Pelos trechos destacados acima, a própria escrita do texto, datado de finais do século XX, aponta para um tipo de protesto mais sutil, visto que aborda o problema do trabalhador sob outro foco, a falta de emprego: “Na França, existem atualmente 2,5 milhões de desempregados, de modo que os operários e todos os que estão trabalhando são pessoas privilegiadas”, o que sugere a conceptualização *TRABALHO É PRIVILÉGIO DE POUCOS*. Desse modo, metaftonimicamente, temos que o trabalho é o motivo tanto para *festejos*, quanto para *protestos*. Já a sua ausência, faz perder o sentido para ambos: “A festa do trabalho não é uma festa para aqueles que não têm emprego”; assim sendo, *FALTA DE TRABALHO É MOTIVO PARA LUTO*. Essa associação com a morte remeteu-nos, por oposição, à conceptualização de

trabalho como sendo vida, geração, ao contrário do desemprego, que sugere morte e luto<sup>187</sup>; assim, temos que TRABALHO É VIDA, *DESEMPREGO É MORTE*.

Como proposto na ocorrência, notamos como passa a se configurar a relação humana com seu trabalho: a centralização do trabalho como agente de significação para a sua existência.

A ocorrência (247), a nosso ver, se enquadra no MCI do PROTESTO, na medida em que apresenta a motivação da classe de trabalhadores da Educação – professores – para que se envolvam na luta por melhorias nas condições de trabalho. Assim, o EI ORIGEM-PERCURSO-META, ancora a conceptualização TRABALHO É MOTIVO PARA PROTESTOS, conforme destacamos:

(247) Os estudantes apoiam os professores, em greve desde o dia 2 de março *por melhores salários e condições de trabalho*. (Fábio Leite – Reportagem – Estudantes invadem de novo Colégio Fernão Dias, p.22, 2016).

Os acarretamentos identificados, a nosso ver, assim podem ser relacionados ao EI ORIGEM-PERCURSO-META: a *origem* seria a condição de trabalho negativa, o *percurso*, o trabalho (ou no caso em específico de (247), sua interrupção) e a *meta* seriam as melhorias no salário e nas condições de trabalho.

Identificado, nos três séculos estudados, o MCI do PROTESTO, através, predominantemente, de elementos metafóricos estruturados por EI's, ofereceu-nos as formas de conceptualização do trabalho então discutidas.

O próximo MCI é o da COMPETIÇÃO, conforme expusemos em seguida.

---

<sup>187</sup> Tal conceptualização, também, é discutida por Antunes (2008, p.2): “se a vida humana se resumisse exclusivamente ao trabalho, seria a efetivação de um esforço penoso, aprisionando o ser social em uma única de suas múltiplas dimensões. Se a vida humana necessita do trabalho humano e de seu potencial emancipador, ela deve recusar o trabalho que aliena e infelicita o ser social”.

### 3.1.2.5 Modelo Cognitivo Idealizado da COMPETIÇÃO

Geralmente relacionadas às diversões, as competições esportivas não se associam ao mundo do trabalho, justamente pelo seu caráter de entretenimento. Porém, na documentação investigada, notamos que, em determinadas situações, a competição foi, sim, relacionada diretamente a atividades laborais, devido ao seu aspecto lucrativo.

O texto em que se encontra a ocorrência (164) trata da caracterização geral sobre os cavalos que estavam atuando em uma competição turfística. O trecho em destaque, pelo uso da preposição *em*, apontou para a conceptualização **COMPETIÇÃO É TRABALHO**, ao tempo em que, ancorando-se no EI do RECIPIENTE, sugeriu-nos a metáfora **TRABALHO É LUGAR**, assim, por acarretamento, temos que *COMPETIÇÃO É LUGAR*:

(164) Veneziano esteve bastante tempo afastado das lides do turfe, *tendo em trabalho*, perdido para a sua companheira, Veneziana. (Notícia – A principal competição do festival turfístico desta tarde, p.15, 1938).

Além de *lugar*, a referida preposição acarretou, na ocorrência, a ideia de *tempo*, de modo que **COMPETIÇÃO É TIPO DE TRABALHO QUE OCORRE EM UM LUGAR, EM UM TEMPO DETERMINADO**, conceptualização esta reforçada em (165), conforme destacamos os trechos relacionados, respectivamente, às ideias de *tempo durativo* e *lugar*.

(165) Veneziana trabalhou bem *em partidas curtas*, podendo fracassar *em um percurso de quase dois quilômetros*. (Notícia – A principal competição do festival turfístico desta tarde, p.15, 1938).

As duas ocorrências do MCI da COMPETIÇÃO aqui estudadas confirmaram a proposta hermenêutica cognitivista, na medida em que demonstram a importância de considerarmos o contexto em que se insere determinada ocorrência, a fim de identificarmos as formas conceptualizadoras. Se isoladas, as mesmas poderiam ser conceptualizadas, conforme sinalizamos acima, como pertencentes a outro DE;

porém, em seu contexto mais específico, captamos outras formas de conceptualização, desta vez, relacionadas ao trabalho.

Datadas do século XX, as ocorrências ancoraram-se, de forma predominante, em metáforas conceptuais e no EI do RECIPIENTE, em suas formas conceptualizadoras.

Em seguida, passemos às discussões sobre o DE das RELAÇÕES e seus respectivos MCI's.

### 3.1.3 Domínio da experiência das RELAÇÕES

No DE das RELAÇÕES, identificamos os seguintes MCI's: MOTIVAÇÃO, PUNIÇÃO, VIRTUDE, RECOMPENSA, DIFICULDADE, STATUS SOCIAL, COMPANHIA, NEGÓCIO, RELIGIÃO e CRISE, cujos movimentos de conceptualização apresentamos em seguida.

#### 3.1.3.1 Modelo Cognitivo Idealizado da MOTIVAÇÃO

Furtado (2003 [1959]) apresenta um panorama histórico da economia do Brasil, ao imiscuir elementos interpretativos advindos de áreas afins, como sociologia e política, a fim de elucidar, dentre outras questões, as causas do então chamado “subdesenvolvimento” brasileiro. Partindo do século XIX, sua questão principal pode assim ser resumida: “[...] por que se industrializaram os EUA no século XIX, emparelhando-se com as nações européias, enquanto o Brasil evoluía no sentido de transformar-se no século XX numa vasta região subdesenvolvida?” (FURTADO, 2003 [1959]. p.74). Buscando responder a esta questão, discute a relação entre economia e trabalho, ao considerar a força produtiva e suas problemáticas, como sendo a força motriz da sociedade brasileira de então. No capítulo *Economia de transição para o trabalho assalariado*, referindo-se ao séc. XIX, o autor traça um panorama sobre os

meados do referido século<sup>188</sup>, abordando que o problema da substituição da mão-de-obra escrava pela imigrante gerou impasses econômicos ao país.

Nessas circunstâncias (ainda em meados do século XIX), as configurações de cunho histórico, político e econômico do Brasil encontravam-se em fase de estabelecimento, o que apontava para a necessidade de uma revisão das mentalidades dos homens e mulheres no que respeitava à sua real e efetiva contribuição para constituir o que seria a nação brasileira, a partir do trabalho. Nesse aspecto, o movimento constante de ressignificação do trabalho, em seu aspecto relacional, era latente.

A partir da documentação aqui acessada, pudemos observar como essa necessidade de revisão conceitual esteve impregnada nos discursos circulantes, ainda nos últimos decênios do século XIX. É nesse aspecto que o MCI então identificado foi o da MOTIVAÇÃO: trabalhadores motivados, inspirados, empolgados com e pelo seu trabalho seriam mais lucrativamente interessantes ao corpo de patrões, os então representantes das elites. Observamos esta proposta na ocorrência (1):

(1) Isento de outra paixão além da que principalmente sempre alimentamos – a da verdade – foi o espírito da mais estreita imparcialidade que *nos guiou em todo este trabalho inspirado pelo amor da patria*. (Historia politica: o poder pessoal, p.1, 1875).

Ao utilizar a expressão “nos guiou em todo este trabalho”, e “*todo este trabalho*” observamos sua estruturação pelos EI’s ORIGEM-PERCURSO-META e ESCALA, de modo que, nesta ocorrência, TRABALHO É PERCURSO. Em continuação, a expressão “este trabalho inspirado pelo amor da patria” sugere-nos que o trabalho era alvo de inspiração, necessitando ser, nesse aspecto, motivado, para, então, ser

<sup>188</sup> Ainda citamos: “Difícilmente um observador que estudasse a economia brasileira pela metade do século XIX chegaria a perceber a amplitude das transformações que nela se operariam no correr do meio século que se iniciava. Haviam decorrido três quartos de século em que a característica dominante fora a estagnação ou a decadência. Ao rápido crescimento demográfico de base migratória dos três primeiros quartéis do século XVIII sucedera um crescimento vegetativo relativamente lento no período subsequente. As fases de progresso haviam sido de efeitos locais, sem chegar a afetar o panorama geral. A instalação de um rudimentar sistema administrativo, a criação de um banco nacional e umas poucas outras iniciativas governamentais constituíam - ao lado da preservação da unidade nacional - o resultado líquido desse longo período de dificuldades. As novas técnicas criadas pela Revolução Industrial escassamente haviam penetrado no país, e quando o fizeram foi sob a forma de bens ou serviços de consumo sem afetar a estrutura do sistema produtivo”. (FURTADO, 2003 [1959], p.83).



realizado: mediante a motivação do “amor da pátria”, as atividades laborais assumiriam outro teor, sugerindo uma passagem de obrigação à satisfação.

Já no final do século XXI, em (297), observamos uma conceptualização indireta do trabalho: o escrevente, ao apontar que os sujeitos “decidiram arregaçar as mangas”, sugere-nos que, diante de uma situação financeira adversa (“com a casa destruída e morando de aluguel”), os mesmos buscaram motivação através do trabalho, a fim de tentar reverter tal situação:

(297) Hoje, com a casa destruída e morando de aluguel, Sônia e Antonio decidiram arregaçar as mangas. [...] O Antônio, pedreiro de formação e designer por hobby, não teme o futuro: “*Não falta trabalho para quem quer*”. (Guilherme Mendes – Reportagem – Identidades rompidas, p.82, 2016).

A ocorrência é estruturada por meio dos EI’s do CONDUTO, ORIGEM-PERCURSO-META: o fato de um deles ser “pedreiro de formação e designer por hobby” viabilizou sua busca para alcançar seu objetivo, visto que “não teme o futuro”. Assim, observamos as metáforas TRABALHO É BEM PRECIOSO, por ser “buscado”, conforme nos sugere o trecho “Não falta trabalho para quem quer”, e, também, TRABALHO É MOTIVAÇÃO PARA BUSCAR VIDA MELHOR, por ser através deste que o trabalhador poderá superar determinadas dificuldades.

As duas ocorrências que compuseram o MCI da MOTIVAÇÃO, presentes nos séculos XIX e XXI, ancoradas em EI’s, apresentaram formas de conceptualização do trabalho por meio de metáforas conceptuais, sem acionar, elaborações metonímicas para tal.

O próximo MCI, o da PUNIÇÃO, será discutido a seguir.

### 3.1.3.2 Modelo Cognitivo Idealizado da PUNIÇÃO

A fim de compreendermos com mais profundidade este MCI, em suas formas de conceptualização do *trabalho*, optamos por apresentar uma breve digressão sobre pontos que, de certa forma, entendemos terem influenciado o sistema conceptual do

*trabalho*, no que tange à punição. Para tanto, retomamos alguns aspectos das narrativas sobre a criação do ser humano, considerando a influência das civilizações judaica e grega sobre a forma de pensar ocidental, cujos reflexos foram por nós percebidos na documentação acessada, a partir do século XIX, no que tange aos valores religiosos do catolicismo romano, a respeito do mundo do trabalho no Brasil.

A narrativa bíblica da Criação, sob a perspectiva judaico-cristã, aponta para o estabelecimento do ser humano como o cuidador do Jardim do Éden (portanto como *trabalhador*), sugerindo, assim, a já existência do trabalho como missão para Adão, não perspectivando, até então, o trabalho de forma negativa, como depreendemos do seguinte trecho: “O Eterno levou o Homem para o jardim do Éden, para que cultivasse o solo e mantivesse tudo em ordem” (PETERSON, 2011, Gênesis, cap. 2, ver.15)<sup>189</sup>. Porém, a narrativa aponta que, através da desobediência a uma ordem divina, o trabalho é recategorizado no Éden, ao assumir um caráter punitivo e sacrificial, e passa a ser meio de sustento sofrível para o ser humano: “[...] maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos e cardos também ti produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto, comerás o teu pão [...]” (ALMEIDA, 1995, Gênesis, cap. 3, ver.17-19). Le Goff (1989, p.10) assim comenta esta passagem bíblica:

A interpretação da condenação ao trabalho, do Gênesis, domina a antropologia da Idade Média. É a luta entre duas concepções do trabalho/canseira e do homem no trabalho. De um lado, insiste-se no carácter de maldição e de penitência do trabalho, do outro, insiste-se nas suas potencialidades como instrumento de resgate e de salvação.

Neste aspecto, a narrativa bíblica sugere uma quebra das relações outrora harmoniosas entre Deus e os humanos, e, como consequência, apresenta as limitações que estes passariam a enfrentar, a exemplo do sofrimento em sua lida com o trabalho, especialmente àquele relacionado à produção da terra. Nesse sentido, Laner (2005, p.39) aponta que a “expulsão do Paraíso teve como consequência

---

<sup>189</sup> Em outra versão, o texto assim expressa: “E tomou, o SENHOR Deus o homem e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar” (ALMEIDA, 1995, Gênesis, cap. 2, ver.15).

dramática a erupção do tempo na consciência do homem, sendo o trabalho a figura material da temporalidade humana. Deste modo, o trabalho se opõe ao repouso”<sup>190</sup>.

Ainda no âmbito das narrativas criacionais, tomamos, da mitologia grega, o *Mito de Prometeu*, narrado por Hesíodo<sup>191</sup>. Em sua primeira narrativa, a *Teogonia*, Hesíodo apresenta a origem dos deuses, a criação do homem e o enfrentamento entre Zeus e Prometeu, quando este, astutamente, oferece um falso sacrifício a Zeus, que, irado, resolve punir o homem, tirando-lhe o fogo. Como retaliação, Prometeu rouba o fogo de Zeus e o devolve à humanidade, no ato de sua criação, que seria, novamente, punida por Zeus com a criação da mulher, *Pandora*, através da qual a humanidade conhecerá todos os males em sua existência, após a abertura da chamada “caixa de Pandora”. Assim, com o roubo do fogo divino, a relação que se estabelece com as reflexões sobre trabalho passa pelo que Lafer (1991, p.63-4) salienta: “[...] Prometeu oferece aos homens o fogo ‘técnico’; passa-se assim do fogo ‘natural’ ao fogo ‘cultural’ [já que] tendo escondido o fogo, o homem, desfalcado, precisa trabalhar para subsistir”. Assim, após a criação da mulher e da quebra da relação mais intrínseca entre deuses e homens, destacam-se três elementos que distinguem a natureza humana da divina: o sacrifício, a agricultura-alimento e a sexualidade-casamento. Desse modo, o trabalho, novamente, é percebido como revelador da precariedade da condição humana, e somente depois, como atividade que visa ao seu sustento, como atividade que proporciona o cultivo da terra e como fonte de alimento para o ser humano.

A partir da relação que estabelece com essa narrativa de Hesíodo, Arendt (2007) discute como aspectos distintos do trabalho, a partir da ideia do “trabalho como um processo de libertação da condição humana” (ARENDR, 2007, p.12), visto que, até então, entendia-se que somente o modo contemplativo de vida oferecia verdadeira liberdade aos homens. Citamos, ainda, a autora, ao afirmar que:

a principal diferença entre o emprego aristotélico e o posterior emprego medieval da expressão [*vita activa*] é que o *bios politikos* denotava

---

<sup>190</sup> A relação trabalho *versus* tempo também é discutida por Le Goff, nos ensaios *Na Idade Média: tempo da Igreja e tempo do mercador* (2013, p.58-82) e *O tempo do trabalho na crise do século XIV: do tempo medieval ao tempo moderno* (2013, p.83-101).

<sup>191</sup> Destacamos que outros autores da época helenista também o citaram, como Platão (*Protágoras*) e Ésquilo (*Prometeu*).

explicitamente somente a esfera dos assuntos humanos, com ênfase na ação, *práxis*, necessária para estabelecê-la e mantê-la. Nem o labor nem o trabalho eram tidos como suficientemente dignos para constituir um *bios*, um modo de vida autônomo e autenticamente humano; uma vez que serviam e produziam o que era necessário e útil, não podiam ser livres e independentes das necessidades e privações humanas. (ARENDDT, 2007, p.21).

Em seu outro poema épico, *Os trabalhos e os dias*, datado provavelmente do final do século VIII a.C., Hesíodo dirige-se a seu irmão Perses, devido a uma disputa por herança. Nele, o autor aprofunda a discussão sobre as consequências da rebeldia de Prometeu em relação a Zeus, dentre as quais está o trabalho associado à fadiga, cansaço e desgaste, na primeira parte, e sua preocupação com uma escrita mais didática sobre a prática da agricultura, em outra parte da obra.

Como ressalta Moura (2012, p.24), os trabalhadores são “homens que precisam do trabalho diário para viver. Eles vivem da terra (secundariamente, da navegação comercial) e dependem do esforço dos próprios braços para que a terra produza”. O autor chama a atenção para o fato de que a noção de trabalho na obra de Hesíodo, no entanto, não deve ser confundida com a noção atual generalizante enquanto atividade humana que visa ao lucro, mas sim se relaciona com a atividade específica do agricultor, de modo que, em Hesíodo, o trabalho não é honrado, antes, é uma necessidade:

Os deuses colocaram-no no caminho da prosperidade; ele é o resultado da separação entre deuses e homens narrada no mito de Prometeu e Pandora, e por isso se reveste em parte de uma aura de punição. Trabalhar não é, contudo, vergonhoso [...]. A possível alegria do trabalho é a da percepção de que se está realizando com eficácia a atividade de que depende a nossa sobrevivência. (MOURA, 2012, p.26).

Assim, nessas duas obras hesiodianas, percebemos ênfases distintas do autor: em *Teogonia*, o mesmo explora o mundo dos deuses ao apresentar sua estrutura, como ocorrendo em um mundo paralelo à realidade humana, buscando a explicação mítica para a tal realidade; enquanto que, em *Os trabalhos e os dias*, Hesíodo discorre sobre o mundo dos homens mortais, que dependem do trabalho para sua sobrevivência, em suas lutas e limitações reveladoras da sua condição mortal, que os difere, como aponta Lafer (1991), dos deuses e dos animais.

Reconhecemos algumas semelhanças entre as referidas perspectivas religiosa e mitológica de *trabalho* aqui sumarizadas e aquelas que identificamos na documentação estudada, a partir do século XIX. Nesse aspecto, é válido ressaltarmos que, por considerarmos que a estrutura social do Brasil de então, já se encontrava permeada por valores morais e religiosos do catolicismo romano, pudemos pinçar informações que melhor explicitaram a(s) forma(s) como o trabalho era conceptualizado.

Por milhares de anos, até o advento da indústria, os que ocupavam o alto da pirâmide social – os aristocratas, os proprietários de terras, os intelectuais – na verdade não trabalhavam. Não era do trabalho que obtinham riqueza e prestígio, mas do nome de família, da proteção às artes e letras e de rendas. Hoje, entretanto, um empresário, administrador ou diretor geral trabalham muito mais horas do que um operário ou empregado. Em suma, antigamente, quanto mais rica, menos a pessoa trabalhava, podendo dedicar-se a si, à família e aos amigos; hoje, entretanto, quanto mais rico, mais o homem trabalha, descuidando de si e dos outros. *O trabalho passou de castigo a privilégio.* (DE MASI, 2001, p.11. Grifo nosso).

A citação acima aponta para uma mudança na forma de conceber o trabalho a partir do ponto de vista da divisão de classes sociais, mediante um retorno à ideia de trabalho como punição por algo cometido, de acordo com o que notamos nas ocorrências seguintes:

(3) [...] tendo há tempos cometido um furto de 600\$000, e sendo *como castigo dessa falta, mandado para uma fazenda a empregar-se em trabalho agrícola*, dahi fugiu, há cerca de onze meses. (Assassinato de tenente coronel, p.2, 1875).

Em (3), a partir do uso da expressão “e sendo como castigo dessa falta”, notamos a conceptualização TRABALHO É PUNIÇÃO. A expressão “a empregar-se em trabalho agrícola” sugere-nos uma ancoragem no EI do RECIPIENTE, a partir da preposição “em”, além do EI de LIGAÇÃO, pelo uso de “empregar-se”, no sentido de “ser colocado em” determinada situação. Outro aspecto que nos chamou a atenção foi o uso “empregar-se em trabalho”, que aponta para um uso da expressão “emprego” com outra conotação, provavelmente não atrelada, ainda, como na contemporaneidade, a um tipo de trabalho (mais especificamente que ofereça maior estabilidade econômica e de vinculação) mas, pelo contexto da ocorrência, como o

sujeito fora “mandado para uma fazenda a empregar-se”, reportamo-nos a uma perspectiva não permanente da atividade a ser realizada, visto ter sido esta uma punição, portanto, com previsibilidade temporal demarcada.

Além disso, compreendemos que a conceptualização se deu mediante especificação do tipo de trabalho a ser realizado: não seria qualquer atividade, mas especificamente o “trabalho agrícola”, de modo que identificamos a metáfora TIPO DE TRABALHO É PUNIÇÃO: além de estabelecer uma perspectiva metonímica, ancorado no EI PARTE-TODO (por ser um “tipo” específico de trabalho) há, também, uma elaboração metafórica, em que os conhecimentos do domínio da punição são projetados no trabalho. Também em (12), observamos uma forma conceptual semelhante:

(12) Á vista da decisão do jury condemno o réu Francisco Sabino nas penas seguintes: [...] *pelos crimes dos art.68, 85 e 87 em prisão perpetua com trabalho.* (Sentença de chegar, p.2, 1878).

O trecho “prisão perpetua com trabalho” sugeriu-nos uma metáfora conceptual, em que o trabalho seria uma especificação para o tipo de prisão condenativa. Novamente, temos os EI’s do RECIPIENTE e de LIGAÇÃO, pela expressão “com trabalho”: a noção de prisão com trabalho insere o sujeito em uma ambiência punitiva (RECIPIENTE), enquanto a conjunção “com” aponta para a noção de realização concomitante (prisão + trabalho; EI de LIGAÇÃO).

A expressão “nas penas seguintes” reforça o caráter apontado por Le Goff (1989), no que tange ao trabalho como punição para pagamento de uma dívida, no seu caso, trata do período medieval, ao retomar a perspectiva teológica, em que têm-se o trabalho e a penitência pela consequência do pecado. Semelhantemente, nas ocorrências aqui expostas, temos o trabalho como pagamento por um crime: “pelos crimes dos art.68, 85 e 87”, pela metáfora TRABALHO É PENA.

Assim também o percebemos, nas seguintes ocorrências:

(35) Que coragem! E que consciências! Exporem um pobre e ignorante homem ás consequências de um processo, e a *prisão com trabalho por um voto!* (A indiferença política, p.2, 1881).

(53) [...] Manoel Teodoro, ex-escravo de d. Candida Maria da Pureza *condemnado á pena de 12 annos de prisão com trabalho*. (Actos officiaes, p.2, 1888).

A expressão “prisão com trabalho”, presente em (35) e (53), pelo uso da preposição “com”, estruturada pelo EI de LIGAÇÃO, além de reforçar o aspecto aqui esboçado, pela metáfora geral predominante no MCI: TRABALHO É PUNIÇÃO, sugeriu-nos o acarretamento metaftonímico *TRABALHO É TIPO DE PUNIÇÃO*.

A caracterização do réu, a partir das expressões: “um pobre e ignorante homem” e em “ex-escravo de d. Candida Maria da Pureza”, nas ocorrências (35) e (53), respectivamente, confirma a perspectiva demasiana (2001), segundo a qual a aristocracia não se submetia ao trabalho enquanto atividade extenuante. Aqui, entendemos, que, em fins do século XIX, a menção a um “ex-escravo” já revela o incômodo gerado pela nova ordem que se evidenciava socialmente, em especial, pelo fato de tal texto ser datado de 1888, ano da promulgação da Abolição da Escravatura<sup>192</sup>:

(99) Há um anno e meio, mas ou menos, nove condemnados [...] fugiram afinal uma tarde. Eram uns verdadeiros demonios, sem temor a Deus nem ao diabo, *endurecidos em toda especie de privações, em todos os trabalhos*, acclimados com este paiz maldicto. (Novela – O orpham - cap. XXII - Os sofrimentos de um innocente, p.6, 1898).

(100) Após este dia de descanso *os condemnados voltaram ao duro trabalho, bem denominado - trabalho forçado!* – porque ninguem por maior que fosse o salario a vencer, *seria capaz de empregar-se em semelhante mister e com semelhante clima!* [...] *“Este horrivel trabalho me inutilizará para sempre!”*. (Novela - “O orpham - cap. XXII- Os sofrimentos de um innocente”, p.6, 1898).

Os textos em (99) e (100) apontam para uma conceptualização negativa desse determinado tipo de trabalho, como sendo uma espécie de condenação, pelos usos em destaque: “os *condenados* [...] *endurecidos em toda especie de privações, em todos os trabalhos*” (99), “os *condenados voltaram ao duro trabalho*”, “bem denominado - *trabalho forçado!*”, “*Este horrivel trabalho*” (100). Juntando-se a tais expressões, observa-se que o EI acionado pela expressão “empregar-se em semelhante mister” foi o do RECIPIENTE, ao estruturar a metáfora TRABALHO É LUGAR, e de forma mais específica TRABALHO É LUGAR NÃO-DESEJÁVEL, e,

<sup>192</sup> Ainda discutiremos estas questões, no subtópico referente ao DE da ESCRAVIDÃO, a posteriori.

ainda, TRABALHO É ATIVIDADE QUE SE FAZ EM LUGAR NÃO-DESEJÁVEL. Observamos, inclusive, pela ocorrência (99), que TRABALHO É INSTRUMENTO MODELADOR DA PERSONALIDADE, no trecho “*endurecidos em todos os trabalhos*”, pelo uso da preposição *em*, no sentido de instrumento.

Outro EI observado foi o do INSTRUMENTO, pelas expressões “endurecidos em toda especie de privações, em todos os trabalhos” (99) e “Este horrível trabalho me *inutilizará* para sempre!” (100), em que o agente da ação verbal é “este horrível trabalho”, e o sujeito (paciente) sendo o “narrador”, sugeriu-nos a metáfora TRABALHO É AGENTE DE INUTILIZAÇÃO e TRABALHO É LIMITADOR DA CAPACIDADE DO TRABALHADOR, de modo que TRABALHO É GERADOR DE NÃO-TRABALHO, na medida em que supomos que o fato de ser “útil” refere-se à possibilidade de desempenhar atividades laborais. Assim, o caráter metafórico presente em (100) aponta, também, para o trabalho como punição, perspectivando os resultados desse tipo de penalidade sobre quem a ele esteja fadado.

Em (156), notamos uma relação indireta do trabalho como punição, mais especificamente no sentido de que TRABALHO É APLICAÇÃO DE PUNIÇÃO. Em uma França em que a degola era adotada como pena de morte, o trabalho do carrasco – no caso em específico, degolar – era motivo de orgulho, conforme observamos no trecho “o trabalho de que tanto se orgulha o sr. Deibler”, assim, podemos deduzir a metáfora TRABALHO É MOTIVO DE ORGULHO:

(156) Frederic Moyon, condenado á morte foi guilhotinado esta manhan no Boulevard Arago, tendo sabido da prisão de La Santé. Foi uma das mais dramaticas execuções levadas a effeito por ‘Monsieur de Paris’ (carrasco official). Moyon dirigiu insultos ao edoso carrasco e atracou-se com seus auxilliares, de forma que a sua cabeça não se ajustou bem no logar apropriado do aparelho, *o que difficultou o trabalho de que tanto se orgulha o sr. Deibler.* (Assassino guilhotinado – Notícia – Pariz, p.30, 1938).

Em (268), observamos a retomada do trabalho a partir do seu efeito, em que *suor de muito trabalho* é conceptualizado como *resultado*, por meio das metonímias CAUSA PELO EFEITO e AÇÃO PELA SUBSTÂNCIA. Assim, TRABALHO É RESULTADO DE ESFORÇO, retomando a ideia da punição metaforizada no *suor do rosto*:



(268) Leonardo Trevisan ressalta a importância da relação entre criatividade e competência para ser inovador. Relação esta, que só é atingida, *com o suor de muito trabalho*, afinal, é preciso propor algo novo, que ninguém ainda faz. (Mariana Holanda – Reportagem – O momento do profissional inovador, p.48, 2016).

A identificação da ocorrência (268) neste MCI se configura, a nosso ver, como uma retomada da ideia religiosa do trabalho como *pena* no sentido de pagamento de dívidas, reconceptualizado, a partir do século XIX, como *pena* no sentido jurídico, perfazendo um movimento conceptual que amplia o espectro conceptualizador do *trabalho*.

Diante do estudo do modo como os elementos conceptuais se relacionaram, no MCI da PUNIÇÃO, pudemos confirmar nossa hipótese de que os usos linguísticos, observados historicamente, podem revelar-nos formas de conceptualizações que continuam imbricadas, mesmo com o passar do tempo.

Presentes nos três séculos investigados, as ocorrências, ancorando-se em EI's, apresentaram formas de conceptualização do trabalho, tanto de tipo metafórico quanto metonímico.

Passemos, nesse ínterim, às considerações sobre o MCI da VIRTUDE.

### 3.1.3.3 Modelo Cognitivo Idealizado da VIRTUDE

No âmbito das relações humanas, o trabalho também foi conceptualizado enquanto privilégio, e, em determinados contextos, um privilégio que dignifica aquele que o goza, de modo que trabalhar é algo virtuoso, em detrimento daquele que não o faz, sendo, portanto, dependente do trabalho de outrem. A respeito dessas questões é que trata o presente MCI.

Em (10), observamos uma elaboração metonímica do tipo TODO PELA PARTE, em que *provincia* é usada em lugar de *provincianos*. Assim sendo, os elogios “formosa, rica, sadia e trabalhadora” são direcionados à província, em lugar de serem direcionados aos moradores do local:

(10) *A formosa, rica, sadia e trabalhadora provincia de S.Paulo seria a ultima que pudesse ter razão de queixar-se de negligencia da côrte. (Chronica politica – Promessas de um favor, p.1, 1878).*

Como os referidos elogios enaltecem virtudes dos provincianos, a expressão “trabalhadora” aparece como uma das virtudes dos moradores locais. Assim, inferimos a metáfora conceptual TRABALHO É VIRTUDE.

Observamos compreensão semelhante em (55), na qual o trabalho é associado a outras qualidades positivas atribuídas a um sujeito:

(55) *O sr. Octavio Mendes, que foi aqui um companheiro intelligente, dedicado e trabalhador, vae para a redacção da Gazeta de Campinas. (Noticiario, p.2, 1888).*

Desse modo, entre qualidades como “um companheiro intelligente, dedicado”, temos a de ser “trabalhador”, enquanto mais que uma característica atributiva, sendo, antes, um elogio.

(101) *Esta immigração continua e só tende a augmentar: não desperta entre nós desconfiança, menos ainda malevolencia, sendo todos os estrangeiros honestos e laboriosos acolhidos de braços abertos por um povo disposto a repartir com elles seus recursos economicos e seus direitos de nacionalidade. (Artigo – A conquista do Brasil, p.1, 1910).*

Em (101), o trecho “sendo todos os estrangeiros honestos e laboriosos acolhidos de braços abertos” sugere-nos que a especificidade de ser “laborioso”, ou trabalhador, é não somente como um elogio, mas um dos critérios definidores, que separam os imigrantes que seriam bem-vindos no país, daqueles que não o seriam. Assim, em um contexto de pós-abolição da escravidão (1910) e I Guerra Mundial, caberia o estabelecimento de critérios a serem aplicados para aqueles que desejassem se repatriar no Brasil, como aponta o trecho: “Esta immigração continua e só tende a augmentar: não desperta entre nós desconfiança, menos ainda malevolencia” (101).

No entanto, o perfil desejável para o trabalho seria daqueles que trariam algum retorno econômico ao país, pela sua força produtiva; foi o que percebemos no trecho: “acolhidos de braços abertos por um povo disposto a repartir com elles seus recursos

economicos e seus direitos de nacionalidade” (101). Assim sendo, antes de serem acolhidos “de braços abertos” e de poderem usufruir “seus recursos economicos e seus direitos de nacionalidade”, caberia saber quem eram estes a serem “abraçados”: seriam eles produtivos? Esforçar-se-iam eles pelo desenvolvimento da nação? Da resposta a estas perguntas dependeria o serem repatriados, ou não, no Brasil. O uso “estrangeiros honestos e laboriosos” além de sugerir o entendimento do trabalho como virtude, também aponta para o EI do CONDUTO, visto ser por meio da virtude de ser “laborioso” é que se alcançará o objetivo da imigração. Podemos, portanto, inferir os seguintes acarretamentos metafóricos *TRABALHO É MEIO PARA ALCANÇAR VIRTUDE*, e, por consequência, *TRABALHO É MEIO PARA CONSEGUIR IMIGRAÇÃO*.

O texto em (158) trata de um discurso proferido por um aluno, em um evento, em homenagem ao então professor Lévy-Strauss, em sua partida da USP, para Mato Grosso, por conta de suas pesquisas etnográficas. Notamos, pelos trechos em destaque, que *TRABALHO É VIRTUDE*, além de seu acarretamento *TRABALHO É VIRTUDE A SER HONRADA*:

(158) [...] um gesto de amizade tão natural após esses tres annos em que trabalhamos e estudamos sob vossa direcção na Faculdade de Philosophia [...]. Quer exprimir também um pouco da *admiração e do reconhecimento que, por nossa parte, acompanhou sempre vosso trabalho aqui realizado*. [...] De todas as lições que destes a de vossa *attitude foi a mais admiravel: attitude de trabalho, de severidade, de exactidão*. (Reportagem – Professor Claude Lévy-Strauss, p.10, 1938).

A ocorrência (173) apresenta uma concepção mais abstratizada da virtude, como sendo uma capacidade: “pelo seu patriotismo, e pela sua capacidade de trabalho”:

(173) [...] e que num futuro bem próximo possa eu, com o apoio do governo de nosso País, trazer também para aqui, não como um favor, mas como um ato de justiça que este povo bem merece, pelo seu patriotismo, e *pela sua capacidade de trabalho*, a energia que tanta falta faz a seu desenvolvimento. (Notícia – Texto do discurso do presidente em Cachoeira do Itapemirim, p.7, 1962).

O escrevente sugere-nos que o povo que tem essas duas características – patriotismo e trabalho – faz jus ao benefício que o presidente lhe oferecerá: “a energia

que tanta falta faz a seu desenvolvimento”. Observamos a metonímia TODO PELA PARTE, pelo uso da expressão “este povo”, que, por inferência, refere-se ao povo que reside em “Cachoeira do Itapemirim”, local onde fora proferido o discurso do então presidente.

Identificadas nos séculos XIX e XX, o presente MCI acionou elementos conceptualizadores de caráter metafórico, e a metonímia TODO PELA PARTE, ancorados pelos EI's.

#### 3.1.3.4 Modelo Cognitivo Idealizado da RECOMPENSA

O MCI da RECOMPENSA pareceu-nos estar associado ao trabalho na medida em que está atrelado ao recebimento de algo por conta de uma ação anterior, e não necessariamente pelo fato de que o trabalho, por si mesmo, seja a recompensa, como defende Smith (1996[1776], p.117): “O produto do trabalho é a recompensa natural do trabalho, ou seja, seu salário”. Desse modo, está mais relacionado ao *salário* como sendo a recompensa pelo trabalho; conforme Heidemann, ao discutir o sentido do salário, como troca de forças, para o trabalhador:

A variedade de trabalhos remete à variedade de mercadorias deles decorrentes, mas também à variedade de necessidades de uma sociedade complexificada. A concepção de tão diversas atividades concretas sob a qualidade de trabalho representa o seu caráter abstrato. Essa abstração real reitera-se como violência que força ao trabalho e que exige a troca constante de tempo de vida por ganhos monetarizados, fundamento fetichista do valor nessa sociedade. No limite, porém, a validade social de atividades das mais diversas só é efetiva quando representa para o trabalhador o recebimento do salário, ou, de outro ponto de vista, quando permite a obtenção do lucro, direta ou indiretamente pela exploração do trabalho alheio. (HEIDEMANN et al, 2014, p.56).

Ainda sobre esta intrínseca relação trabalho *versus* retribuição, De Masi (2001) aborda a relevância do *trabalho* enquanto construção social, estando, assim, condicionado a ser mais ou menos valorizado, ou melhor, retribuído financeiramente,

a partir do que o senso comum assim o determina, como sendo, ou não, lucrativamente viável e, conseqüentemente, melhor avaliado<sup>193</sup>.

Percebemos tais relações nas ocorrências seguintes:

(29) Está-se á espera da resposta ao pedido feito por esta folha. Não é regular que s.s. *fique-se com as plantas e não pague a quem teve o trabalho de as organizar. Esse trabalho representa um capital, pequeno embora para esses, mas grande para outros.* (Secção livre – Ao homem das plantas, p.1, 1880).

Em (29), observamos que o *pagamento*, quando realizado a alguém que executou um determinado trabalho é considerado como algo *regular*, de modo que identificamos a metáfora geral (que também permeou a maioria das ocorrências do MCI da RECOMPENSA): TRABALHO É ATIVIDADE QUE PRESSUPÕE RECOMPENSA.

Nesse, e na maioria dos casos, pressupomos o acarretamento conceptual *SALÁRIO É RECOMPENSA PELO TRABALHO*, reforçada, inclusive, pelo trecho: “Esse trabalho *representa um capital*”, o que aponta para o salário pago em dinheiro. Pelo trecho “Esse trabalho representa um capital, pequeno embora para esses, mas grande para outros”, sugere que *VALOR DO TRABALHO É RELATIVO*, a depender do agente que o executa. Assim os EI’s do EQUILÍBRIO e da ESCALA nos pareceram, aqui, como estruturantes, visto que, para um, o valor pode ter sido grande, mas, para outros, pequeno.

(42) Sabemos que por carta de 22 do passado o sr. dr. João Francisco de Paula Souza e sua exma. senhora, d. Gabriela Barros de Paula Souza, deram plena liberdade ao seu escravo Francisco Floriano, pardo, creoulo, de 29 annos, filho de Francisco Floriano e de sua mulher

---

<sup>193</sup> Nesse sentido, citamos De Masi (2001, p.15): “Depois disso, com o arrebatamento do parâmetro “trabalho”, chegou-se a dizer: tu receberás uma retribuição porque trabalhas, mesmo que teu trabalho não produza nada e não sirva para nada; até se esse trabalho for nocivo para ti e para a sociedade. O importante é que faças alguma coisa que as estatísticas oficiais possam classificar como “trabalho” e que a economia corrente possa considerar digna de retribuição. Com base nessas convenções, uma mulher que educa os filhos em casa não é remunerada, enquanto uma mulher que educa os filhos dos outros numa creche merece uma remuneração. Se duas mulheres cuidam cada uma do próprio filho, são consideradas donas de casa e não são pagas por isso; se uma cuida do filho da outra, são consideradas babás e remuneradas [...]. Num mundo em que a riqueza aumenta, mas é cada vez menos produzida pelo homem, é preciso redistribuí-la com base no trabalho humano: é preciso encontrar novos critérios capazes de conjugar os méritos com as necessidades”.

lídia; *como recompensa de bons serviços e fidelidade. E' um acto meritorio e recommendavel exemplo de generosidade, que registramos com satisfação.* (Noticiario – Liberdade, p.1, 1883).

Considerando o contexto em que a ocorrência (42) se localiza, entendemos que, pelo fato de a Lei Áurea ainda não haver sido promulgada, o oferecimento de liberdade a um escravo era compreendido como um ato honroso para os senhores, um gesto de bondade e até mesmo um favor ao escravo, como inferimos do trecho: “E' um acto meritorio e recommendavel exemplo de generosidade, que registramos com satisfação”. Assim, entendemos que o trabalho escravo era recompensado com a libertação do próprio escravo, de modo que *LIBERDADE É RECOMPENSA PARA O TRABALHO*, isto porque se entendia, no caso dos escravos, que *TRABALHO É OBRIGAÇÃO*. Como não recebiam salários, seu “pagamento” seria o próprio fato de não mais serem submetidos aos trabalhos forçados.

(79) *Vae ser paga ao cidadão Valentim Valerio a quantia de 8.448 # 368 pelos trabalhos executados no predio onde funciona o grupo escolar da cidade de Jundiahy.* (Notas e informações, p.2, 1895).

Em (79), fica reforçada a metáfora *TRABALHO É ATIVIDADE QUE PRESSUPÕE RECOMPENSA*, a partir do trecho “Vae ser paga ao cidadão Valentim Valerio a quantia de 8.448 # 368 *pelos trabalhos executados*”, em que o uso da preposição *por*, destacada, estrutura-se por meio dos EI do CONDUTO e ORIGEM-PERCURSO-META, visto que o trabalho é o *meio*, a partir do qual se espera *alcançar* a recompensa, no caso, o salário; e também o EI do RECIPIENTE, pelo trecho “trabalhos executados *no predio*”, sugerindo-nos que *TRABALHO É ATIVIDADE QUE SE REALIZA EM UM LUGAR*.

Também em (181), temos, no século XX, o reforço da ideia de que o trabalho deve ser recompensado pelo salário, de modo que, na ocorrência citada, a discussão já trazia à tona outros direitos e vantagens do trabalhador:

(181) Outra consideração apresentada é a de que se pretende aumentar o ganho real do assalariado em função não de sua produtividade mas de uma data religiosa. Sobre isso disse: ‘A *desvinculação do montante pago ao empregado de uma tarefa ou de um trabalho realizado* poderia conduzir-nos ao exagero de a cada passagem relevante de nossa História estabelecer uma gratificação que

seria adicionada à remuneração devida'. (Notícia – Manifestações contrárias ao 13º salário, p.21, 1962).

Os trechos “ganho real do assalariado” e “montante pago ao empregado de uma tarefa ou de um trabalho realizado” reiteram o acarretamento conceptual *SALÁRIO É RECOMPENSA PELO TRABALHO*, estruturada pelo EI ORIGEM-PERCURSO-META, de modo que o salário, como meta, é alcançado pelo trabalho (“em função [...] de sua produtividade”), sendo, também, o percurso.

Em (246), pudemos observar a conceptualização mais geral, que permeia as ocorrências aqui discutidas, a saber, que *TRABALHO PRESSUPÕE RECOMPENSA*, sendo esta, em geral, o salário, conforme destacamos em seguida:

(246) Mas o próprio Raul fez uma crítica dura aos problemas estruturais de Cuba, condenando a “mentalidade obsoleta”, a “total falta de sentido de urgência” na implementação das mudanças e os “efeitos nocivos do igualitarismo” quando se trata de *recompensar o trabalho e a iniciativa das pessoas*. (Reportagem – A última linha de defesa de Fidel Castro, p.17, 2016).

O MCI da RECOMPENSA, a nosso ver, estabeleceu relações com o MCI da MOTIVAÇÃO, porém, no caso do primeiro, entendemos que o próprio trabalho seja a força motriz para determinada prática, ao mobilizar elementos a ele relacionados, como por exemplo, o recebimento de salário. Presente nos três séculos, o MCI da RECOMPENSA acionou elementos metafóricos e de EI's em suas formas de conceptualização.

O próximo MCI por nós identificado, o da DIFICULDADE, apontou para um aspecto mais negativo do trabalho, relacionado, inclusive, ao MCI do ESFORÇO, porém, com foco nas situações relacionais.

### 3.1.3.5 Modelo Cognitivo Idealizado da DIFICULDADE

O presente MCI enquadra-se, a nosso ver, no DE das RELAÇÕES, na medida em que o exercício do trabalho, em si, associou-se a alguma atividade não prazerosa, que sugere peso e, ainda, esforço, focando no aspecto que diz respeito à relação com o outro, a partir do trabalho.

Em (18), observamos a evocação do EI de FORÇAS, estruturando a metáfora TRABALHO É SACRIFÍCIO, pelo trecho em destaque:

(18) Onde jaz a fidelidade aos principios liberaes? Na exclusão de 20 partes da população do Brazil, *que trabalha, que paga impostos, que vive em perennes sacrificios?* (Assembleia geral – Discurso do sr. José Bonifácio, p1, 1879).

Identificamos, ainda, a metonímia PARTE PELO TODO, ao perspectivar enquanto trabalhadores, a “*parte do Brasil que paga impostos, que vive em perennes sacrificios*”. Notamos, inclusive, que *trabalhar e pagar impostos* equivalem, conceptualmente, a *viver em perennes sacrificios*. O aspecto durativo da ação é reforçado pelo uso prepositivo *em*, e, ainda, adjetival, de *perennes*.

Em (66), pudemos identificar a metáfora TRABALHO É SOFRIMENTO:

(66) [...] Tudo isso porque o anonymo extraordinario que é o maior collaborador da historia, *o Povo que trabalha e que sofre* – sempre obscuro, entende, nessa festiva entrada da primavera deixar por momentos as asperas ferramentas e sonhar também como os felizes, pensar, elle que só tem um passado, no futuro. (Crônica – Dia a dia, p.1, 1892).

Além de ser a causa do sofrimento, observamos como o escrevente entende que *TRABALHO É IMPEDIMENTO PARA O SONHO*, pelo trecho “*deixar por momentos as asperas ferramentas e sonhar*”; isto, no contexto do dia do trabalho. A crônica em questão aponta para o não-trabalho como um momento de sublimação e de elevação do trabalhador, que seria a oportunidade de “*sonhar também como os felizes, pensar*”. Inferimos, ainda, como a metonímia INSTRUMENTO PELA ATIVIDADE foi acionada, ao tomar FERRAMENTAS POR TRABALHO, no trecho “*deixar por momentos as asperas ferramentas e sonhar*”.

Em (102), observamos a conceptualização metafórica TRABALHO É LUTA, que, por meio dos EI’s do ATRATOR e ORIGEM-PERCURSO-META, pelo trecho “*seu povo tão doado para*”, sugere que o trabalho constitui-se em um elemento atrativo para o trabalhador, ao desejar alcançá-lo, apesar das dificuldades que lhe impõe:



(102) [...] seu povo *tão doado para o labor* e para a luta. (Artigo – A conquista do Brasil, p.1, 1910).

Em (221), notamos o EI do EMPAREDAMENTO, na medida em que se interpõem situações que *dificultam* o trabalho, tornando-lhe lento e inoperante.

(221) É bem a cara do PT, que imagina o governo ser sua propriedade, a intensão de Dilma Rousseff de *dificultar ao máximo para a equipe de Michel Temer* a transmissão de funções que se dará tão logo a presidente tenha seu afastamento provisório do cargo decretado pelo Senado em decorrência do processo de impeachment. Como o **Estado** apurou, a ordem do Planalto que está sendo repassada a todos os ministérios, em particular àqueles controlados pelo PT, é que nenhuma informação seja transmitida aos “golpistas” que estão assumindo. Com sabotagem da administração pública, Dilma e os petistas pretendem registrar seu protesto contra o “golpe” de que se consideram vítimas e *dificultar o trabalho* dos novos e “ilegítimos” responsáveis pela administração federal [...]. (Artigo – Esgares de intolerância, p.3, 2016).

Tratando da situação de transição do governo federal, o texto defende a ideia de que a não apresentação de informações sobre planos de governo, por parte da então presidenta Dilma Rousseff, tratava-se de uma estratégia de ataque. Portanto, o *trabalho*, metonimicamente marcado como sendo aquele referente à equipe governamental que à época disputava a presidência (“o trabalho dos novos e ‘ilegítimos’ responsáveis pela administração federal”) seria prejudicado. Assim, entendemos o acarretamento *TRABALHO É ATIVIDADE DIFICULTÁVEL*, mediante a ação de terceiros.

Em (283), parece-nos que o foco da conceptualização encontrou no âmbito das relações interpessoais de trabalho:

(283) Lucas Silvestre admite que *é difícil trabalhar com o pai* por causa da cobrança, mas, por outro lado, tem mais liberdade: “Trabalhar com o pai não é fácil. [...] A cobrança é acima da média. Por outro lado, tenho muitas facilidades, como *liberdade e autonomia para trabalhar* [...]”, diz Lucas. (Gonçalo Junior – Reportagem-Herdeiro de Dorival planeja ser treinador em dez anos, p.75, 2016).

Identificamos, na ocorrência, a metáfora estrutural *TRABALHO É RELAÇÃO CONFLITUOSA*, que evoca os EI de *LIGAÇÃO* e de *FORÇAS*, advindo de uma situação de enfrentamento. Os mapeamentos percebidos nessa projeção do domínio-fonte *conflito* para o domínio-alvo *trabalho* nos sugeriram uma leitura em que o atleta

mais novo, portanto, o filho do treinador, encontra dificuldades para desenvolver uma relação profissional com o pai. Dessa forma, a ocorrência ofereceu-nos uma conceptualização indireta do trabalho, de modo que “trabalhar” correspondeu a uma dificuldade a ser enfrentada, em uma situação conflituosa. Assim, percebemos a evocação da referida metáfora TRABALHO É RELAÇÃO CONFLITUOSA <sup>194</sup>.

De acordo com Morin (2011)<sup>195</sup>, as disputas caracterizam os ambientes de trabalho em vários sentidos, não apenas em setores onde a produtividade precisa ser constantemente mensurada, como nas fábricas, mas envolve uma questão da própria natureza humana competitiva (daí sua defesa por uma revolução que envolva o trabalho, enquanto parte da reforma na sociedade). Assim, a percepção do conflito, como o tipo específico da *dificuldade*, em (283), estaria relacionada à identificação de uma convivência dificultosa (portanto, *trabalhosa*) com o pai, de modo que o confronto se estabelece no convívio, e, portanto, ao enfrentar dificuldades ou experiências desagradáveis e problemáticas.

Identificadas nos três séculos, as ocorrências do MCI da DIFICULDADE acionaram, ancoradas nos distintos El's, elementos conceptuais metafóricos e metonímicos.

Passemos às considerações a respeito do MCI do STATUS SOCIAL, também enquadrado por nós no DE das RELAÇÕES, por entendermos que, assim como no

---

<sup>194</sup>Uma correspondência que pode ser estabelecida na observação da ocorrência em (283) seria pensá-la em um sentido equivalente à expressão cotidiana *Eu dou trabalho*. Nesse caso, consideramos a observação de Lakoff (2012 [1990], p.34) sobre a metáfora CAUSAS SÃO FORÇAS. Essas relações entre os sentidos geralmente implícitos das metáforas compõem o que Lakoff (2012[1990]) entende como sua estrutura inferencial. Nesse sentido, o agente causador da força seria o “eu” então expresso que ao “dar trabalho”, por inferência, chega-se a entender que ele “tem trabalho” e o resultado seria o que o trabalho causa, ou seja, as dificuldades.

<sup>195</sup>“A hipercompetitividade da era neoliberal conduz a rebaixar custos, aumentar a produtividade, racionalizar o trabalho, ‘enxugar’ as empresas ou administrações, incrementar a precariedade e o desemprego. É a causa do novo sofrimento que se está vivendo nos escritórios e que, na França, se traduziu em ondas de suicídios. Este sofrimento no trabalho não afeta somente os empregos ‘precarios’, mas se estende aos empregos mais estáveis por causa da *competitividade generalizada*, incluídas as atividades denominadas ‘estatutárias’ dos setores protegidos”. (MORIN, 2011, p.234. Grifo nosso). Tradução nossa do original: “La hipercompetitividad de la era neoliberal conduce a rebajar costes, aumentar la productividad, racionalizar el trabajo, ‘adelgazar’ las empresas o administraciones, incrementar la precariedad y el desempleo. Es la causa del nuevo sufrimiento que se está viviendo en las oficinas y que, en Francia, se ha traducido en oleadas de suicidios. Este sufrimiento en el trabajo no afecta sólo a los empleos ‘precarios’, sino que se extiende a los empleos más estables a causa de la competitividad generalizada, incluidas las actividades denominadas ‘estatutarias’ de los sectores protegidos”.

MCI da VIRTUDE, foram as relações interpessoais que influenciaram a perspectivação positiva ou negativa do que seja o trabalho.

### 3.1.3.6 Modelo Cognitivo Idealizado do STATUS SOCIAL

As relações humanas sempre foram impregnadas por expectativas, sejam elas as de agradar os queridos ou impressionar e afrontar os desafetos, visto que o ser humano se estabelece por meio de seu lugar na comunidade a que pertence. Uma das formas de estabelecimento de tal posição na sociedade é por meio do poder aquisitivo, e este é, comumente, viabilizado através do trabalho. Pudemos observar algumas nuances de tais relações nas ocorrências seguintes:

(33) Roberto Tavares convida a todas *as bolsas de ricos e proletarios* a concorrerem, sexta-feira 7, a este leilão genuíno feito sem a mínima reserva. (Leilão, p.3, 1880).

Ao convocar pessoas para concorrerem a um leilão, o escrevente usa a expressão “ricos e proletários”, ao invés de estabelecer o contraste semântico previsível entre “ricos e pobres”. Assim, o trabalho é categorizado como indicativo de condição social, o que remonta ao ideal grego de que o trabalho era uma atividade destinada à plebe. Porém, no caso da ocorrência, metonimicamente, o termo *proletarios* aponta para um determinado tipo de trabalho; assim, temos que TIPO DE TRABALHO POR INDICATIVO DE CLASSE SOCIAL, mais especificamente, TIPO DE TRABALHO POR INDICATIVO DE POBREZA.

Em (121), temos outro tipo de relação com a atividade laboral, em seu aspecto mais positivo:

(121) Trata-se de honrar a memória de *um homem que se elevou pelo trabalho* e cujo nome é um título de orgulho para a civilização. (Notícia – A inauguração da estatua do visconde de Mauá, p.4, 1910).

Notamos uma conceptualização que retoma a metáfora TRABALHO É MEIO (a partir do EI do CONDUTO), a ela subordinando-se, ao especificar o fim almejado, sendo, portanto, que TRABALHO É MEIO DE ASCENÇÃO SOCIAL, apontando para

a metáfora orientacional MELHOR É PARA CIMA, evidenciada no trecho: “um homem que se *elevou* pelo trabalho”. O uso do verbo *eleva*r situa o trabalho realizado como o meio para elevar o nível de vida das pessoas, visto que, por inferência, percebemos a metáfora orientacional MAIS É MELHOR, que corrobora a conceptualização TRABALHO É MEIO DE ASCENÇÃO SOCIAL.

Antunes (2011 [1995]) discute essas novas relações do trabalhador com o trabalho, abordando o papel ativo por ele assumido no âmbito do processo produtivo; notamos algumas questões atinentes a estas relações, em (192) e (197):

(192) Os 65 escritórios regionais de saúde *assumiram em suas áreas de abrangência o trabalho de controle e avaliação* das contas de 400 hospitais [...]. (Artigo – Um convite à fraude, p.2, 1991).

(197) Ao *assumir o cargo*, o novo senador apresentou um currículo no qual omite sua profissão de pedreiro, substituída pela de ‘empresário da construção civil’. (Notícia – Senador toma posse e promete apoiar governo, p.5, 1991).

Nas referidas ocorrências, a evocação de uma base física que destaca a relação entre o status social e o poder, através da metáfora de espacialização BOM É PARA CIMA, de modo que TER CONTROLE É PARA CIMA/POSITIVO, o que percebemos, também, pelas expressões “assumir o trabalho” e “assumir o cargo”. Remetemo-nos, aqui, ao posicionamento de Lakoff e Johnson (2002 [1980], p.63) a respeito desta correlação: “Base física para o bem-estar pessoal: felicidade, saúde, vida e controle – as coisas que especialmente caracterizam o que é bom para uma pessoa – são todas PARA CIMA”. Daí, expressões cotidianas da língua portuguesa como “ser promovido”, “subir de cargo”, “liderar um grupo”, “ascensão na empresa”, remetem ao status positivo, em que alguém está “por cima”, não sendo “rebaixado”, “pisado” por alguém em posição hierárquica “superior”.

Assim, em (192) e (197), observamos que tais correlações sugerem que trabalhar é estar no controle, e, em consequência, a metáfora TRABALHO É CONTROLE, além de uma perspectivação metonímica segundo a qual TIPO DE TRABALHO É CONTROLE, advinda da evocação dos EI’s do CONTROLE e CENTRO-PERIFERIA, presumidos pela própria funcionalidade do cargo ou do trabalho que será “assumido” por alguém, ao ocupar um lugar central na referida organização ou empresa.

No trecho seguinte da ocorrência (197), “omite sua profissão de pedreiro, substituída pela de ‘empresário da construção civil”, vemos como as pessoas lidam com a questão do estereótipo relacionado a determinados tipos de trabalho, visto que a substituição do vocábulo *pedreiro* por *empresário da construção civil* implica em que determinados tipos de trabalho são prestigiados, em detrimento de outros. Assim, retoma-se a conceptualização metafórica TRABALHO É INDICATIVO DE STATUS SOCIAL.

Identificado nos séculos XIX e XX, o MCI do STATUS SOCIAL, apresentou-nos as suas formas de conceptualização do trabalho, predominantemente, através de metáforas, metonímias e EI's.

### 3.1.3.7 Modelo Cognitivo Idealizado da COMPANHIA

Ainda reforçando o DE das RELAÇÕES, tivemos o MCI da COMPANHIA, que foca o aspecto interativo das práticas laborais diversas, de modo que o trabalho, de acordo com as ocorrências estudadas, visa ao outro, ao motivar a execução de atividades com fins distintos, como veremos em seguida.

Nas ocorrências abaixo, a evocação da metáfora conceptual complexa TRABALHO É ATIVIDADE QUE SE FAZ EM COMPANHIA DE ALGUÉM se deu, mediante o uso, pelos escreventes, de expressões como “meu companheiro de trabalho” (13), “meus ex-companheiros de trabalho” (84), “trabalho de cooperação” (161), e, mais à frente, “para trabalhar comigo” (271), cujas preposições *de*, *para*, *com*, sugerem companhia e proximidade:

(13) Ao escrivão, *meu companheiro de trabalho*, perdô as offensas que me irroga [...]. (Seção livre, p.2, 1878).

(84) [...] pedindo-lhe a fineza de significar esses meus sentimentos nos seus dignos subordinados, *meus ex-companheiros de trabalho*. (Jornaes do Rio, p.1, 1898).

(161) As theses de cada um poderão conter sugestões de enorme utilidade. *O conjunto de suggestões talvez signifique um completo e eficiente programa de trabalhos agrícolas aplicado a todo o paiz. É o*

*maior trabalho de cooperação que se pode imaginar: todos os agrônomos e engenheiro-agrônomos do país trabalhando com um ponto de vista para a solução dos problemas nacionais. (Notícia – II Congresso Brasileiro de Agronomia, p.12, 1938).*

Em (13), (84) e (161), notamos que os EI's de LIGAÇÃO e PARTE-TODO foram acionados, de modo que a expressão “companheiros de trabalho” (13) e (84) e, ainda, “trabalho de cooperação” (161) sugerem a ideia de composição de um todo, a partir de outras partes, unidas entre si pelo objetivo comum da atividade laboral; notamos, ainda, a metonímia do tipo PARTE PELO TODO, em que *companheiros de trabalho*, como em (13), compõem o *ambiente de trabalho*.

Em (176), observamos como os EI's PARTE-TODO e LIGAÇÃO foram acionados, no contexto em que o escrevente apresenta sua definição de *empresa*: “comunidade de *peessoas fraternalmente unidas para os mesmos fins, com participação equitativa nos lucros, na gestão e na propriedade*”; de modo que pudemos notar, pelo EI ORIGEM-PERCURSO-META, o acarretamento metafórico *TRABALHO É ATIVIDADE QUE SE REALIZA EM COMUNIDADE, VISANDO A UM MESMO FIM*.

(176) Fez-se mister lembrar no trabalho humano sua dignidade pessoal e sua função social, como também as exigências de um salário justo e familiar. Reforme-se a empresa de maneira que os simples executores silenciosos e passivos, talvez como peças de uma máquina, caminhem para o ideal de *empresa, comunidade de pessoas fraternalmente unidas para os mesmos fins, com participação equitativa nos lucros, na gestão e na propriedade*. (Notícia – Fala sobre a última encíclica o cardeal arcebispo de S.Paulo, p.14,1962).

Em (194), consideramos que, pelo fato de o trabalho ser algo realizado em companhia de outros, gera *relações*, a fim de legalizar os procedimentos nos ambientes de trabalho:

(194) Propostas do governo mudam aposentadorias, registro de patentes e *relações trabalhistas*. (Artigo – Collor apresenta medidas do Projeto, p.3, 1991).

Em (271), o trecho “Quem eu busco para trabalhar comigo é quem efetivamente demonstra ter garra, que tem vontade de fazer a coisa caminhar” sugere-nos a ideia de seleção das partes para uma posterior composição do todo:

(271) “Quem *eu busco para trabalhar comigo* é quem efetivamente demonstra ter garra, que tem vontade de fazer a coisa caminhar. *Isto pode fazer a grande diferença entre um time de alta performance e um time regular*”, afirma Luiz Flaviano dos Santos, da IBM. (Cláudio Marques – Reportagem – No fundo, a função do líder é a de resolver problemas, p.49, 2016).

A continuação do texto aponta para a formação de um time: “Isto pode fazer a grande diferença entre um time de alta performance e um time regular”, de modo que a *COMPANHEIROS DE TRABALHO FORMAM UMA EQUIPE*, o que sugere em *TRABALHO É COMPETIÇÃO*.

Presente nos séculos XIX, XX e XXI, o MCI da COMPANHIA apresentou as formas de conceptualização do trabalho, fazendo uso da metonímia predominante *PARTE PELO TODO*, além dos acarretamentos metafóricos, estruturados por meio dos EI's.

Na sequência, veremos como se comportou o MCI do *NEGÓCIO*.

### 3.1.3.8 Modelo Cognitivo Idealizado do *NEGÓCIO*

Com suas ocorrências concentradas no século XXI, o presente MCI aborda o trabalho como um fim, que atende a interesses diversos, em grupos distintos de pessoas. No século de efervescência do capitalismo e da coisificação do homem pelo homem, o trabalho ser conceptualizado como *negócio* não destoa, a nosso ver, do espírito do tempo. Passemos à observação das ocorrências, nesse aspecto.

No texto “Gestão de pessoas: um guia para quem deseja se recolocar no mercado de trabalho”, identificamos as ocorrências (274), (275), (276) e (277), que discutimos a seguir.

Inicialmente, alguns elementos do título chamaram nossa atenção. A expressão “*mercado de trabalho*”, a nosso ver, aponta para a metáfora conceptual estrutural *TRABALHO É PRODUTO DE NEGOCIAÇÃO*, visto que a ideia de *mercado* remeteu-nos aos ambientes de negociação de produtos diversos, como *mercado de*

*frutas, mercado de carnes, mercado de roupas* etc. Como a expressão *mercado de trabalho* já nos é tão cristalizada, geralmente não nos atentamos para o fato de que uma conceptualização anterior possa ter motivado seu uso com o sentido de profissionalização, esvaziando da expressão este sentido de negociação.

O trecho “se recolocar no mercado de trabalho”, pelo uso da preposição locativa *em*, aponta para a metáfora conceptual orientacional *MERCADO É LUGAR*, que, em seu bojo, pelo contexto do uso, aponta para *MERCADO DE TRABALHO É LUGAR*, novamente acionando o EI do RECIPIENTE.

Outra expressão usada no título, “*um guia* para quem deseja se *recolocar* no mercado”, aponta para o EI do CONDUTO, de modo que, pelo fato de o mercado de trabalho ser um recipiente, coisas e pessoas entram e saem nele e dele. Aponta, além disso para o EI ORIGEM-PERCURSO-META, visto que, para ser *recolocado* (colocado *dentro de*, novamente), o sujeito precisa de um *caminho*, e, em consequência de *um guia*. Assim, as orientações apresentadas no texto foram entendidas como esse *guia*, de onde identificamos os mapeamentos: *ORIENTAÇÕES SÃO GUIAS, PROCURA POR TRABALHO É CAMINHO, CONSEGUIR TRABALHO É META*.

A partir da ocorrência (274), identificamos a conceptualização *TRABALHO É BEM PRECIOSO*, conforme discutida por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), visto que, pelo uso “ruptura ou perda do emprego”, entende-se que este pode ser perdido, rompido (como estruturado pelo EI de *LIGAÇÃO*), além do que podemos sentir os efeitos de sua perda: “Por mais difícil e dolorida que seja”:

(274) *Por mais difícil e dolorida que seja a ruptura ou perda do emprego, é preciso ter calma para lidar com a situação [...].* (José Augusto Figueiredo – Reportagem – Gestão de pessoas: um guia para quem deseja se recolocar no mercado de trabalho, p.51, 2016).

Em (275), os trechos “Trate a procura do novo trabalho como um trabalho importante”, e em (276) “procure trabalho” apontam para a metáfora *TRABALHO É BEM PRECIOSO*; o uso de expressões ao longo do texto, como *procura, importante, está em algum lugar, encontrar*, reforça esta compreensão. O trecho ainda sugere um movimento reconceptualizador a respeito do trabalho, segundo o qual, metonimicamente, *PROCURA POR TRABALHO É TIPO DE TRABALHO*:



(275) *Trate a procura do novo trabalho como um trabalho importante. Comprometa todo o seu tempo com isso, todos os dias.* (José Augusto Miranelli – Reportagem – Gestão de pessoas: um guia para quem deseja se recolocar no mercado de trabalho, p.51, 2016).

(276) *Mesmo com o mercado retraído, sempre existem oportunidades. Você precisa de um só emprego. E ele está em algum lugar. Se não encontrar emprego, procure trabalho.* Lembre-se de que um profissional necessita, na essência, de *ocupação e remuneração*. (José Augusto Miranelli – Reportagem – Gestão de pessoas: um guia para quem deseja se recolocar no mercado de trabalho, p.51, 2016).

O trecho “Se não encontrar emprego, procure trabalho” (276) reforça a ideia reconceptualizada, de modo a perspectivar *trabalho* em relação a *emprego*, isso, metonimicamente, pois o que se entende, aqui, como trabalho, seria uma categoria mais ampla, a partir do trecho: “Lembre-se de que um profissional necessita, na essência, de ocupação e remuneração” (276). A partir desse trecho, entendemos que qualquer atividade remunerada poderia oferecer tais elementos, sendo, portanto, um paliativo “encontrar um *trabalho*”, mas que, na realidade, se espera encontrar um *emprego*, por conta das questões relacionadas tanto à segurança financeira quanto à carreira do trabalhador. Assim, temos a metonímia EMPREGO POR TRABALHO<sup>196</sup>.

Em (277), o trecho “aja mercadologicamente. Circula e ‘venda o seu peixe’, ofereça o seu trabalho como um provedor de solução e não como pedinte de emprego” aponta para uma metáfora complexa, em que o escrevente traça caminhos estratégicos para o leitor que se encontra sem emprego, e, em consequência, está *fora* do mercado de trabalho; e, a fim de se inserir nele, o que deve ser feito é *oferecer o seu trabalho*, colocando-se como um negociante:

(277) *Entenda que mercado de trabalho é um mercado, um lugar de gente procurando satisfazer as suas necessidades mediante uma troca. Portanto, aja mercadologicamente. Circula e “venda o seu peixe”, ofereça o seu trabalho como um provedor de solução e não como pedinte de emprego.* Além do currículo, elabore cuidadosamente os seus argumentos de venda, seus conhecimentos, habilidades, experiências e benefícios que o contratante terá ao escolher você. (José

<sup>196</sup> No presente estudo, julgamos pertinente, não estabelecer distinções rígidas entre *trabalho* e *emprego*. Caso o interesse da pesquisa estivesse centrado em questões de cunho mais sociológico, pressupomos que estabelecer tais distinções seria necessário; mas, no caso desta, ao buscarmos compreender as formas de conceptualização, nos preocupamos em observar como o falante criou a realidade a respeito do trabalho, enquanto atividade que gera resultados, usando, para isso, mecanismos conceptuais inconscientes de caráter metafórico, metonímico ou imago-esquemáticos.

Augusto Miranelli – Reportagem – Gestão de pessoas: um guia para quem deseja se recolocar no mercado de trabalho, p.51, 2016).

Assim, temos que *PROCURAR TRABALHO É DESENVOLVER UMA ESTRATÉGIA*, de modo que, aplicando determinadas técnicas, como vemos no trecho: “Além do currículo, elabore cuidadosamente os seus argumentos de venda, seus conhecimentos, habilidades, experiências”, o candidato terá êxito: “benefícios que o contratante terá ao escolher você”. Mediante a preparação, métodos e técnicas indicados para conseguir uma vaga de trabalho: “ofereça o seu trabalho como um provedor de solução [...]”, se reforça a ideia de que pedir emprego com estratégias, não é o mesmo que pedir emprego como um favor: “Circula e ‘venda o seu peixe’, ofereça o seu trabalho como um *provedor de solução* e não como *pedinte de emprego*”, o que aponta, para o acarretamento metafórico *PEDIR EMPREGO SEGUINDO UMA ESTRATÉGIA É EFICAZ*, ancorada no EI ORIGEM-PERCURSO-META, que retoma a metáfora *TRABALHO É NEGÓCIO*, em uma especificação, apresentada como *PROCURAR TRABALHO É NEGÓCIO*.

(287) O que existe são algumas organizações que dividem a propriedade do jogador com o clube. Antes que alguém ache a palavra “propriedade” um pouco forte, quero dizer que penso em propriedade mesmo, no velho estilo brasileiro, *já que o jogador trabalha para quem o comprou, ou “adquiriu os direitos”*. (Ugo Giorgetti – Artigo – Todos por um, p.76, 2016).

Em (287), o escrevente, ao abordar o trato econômico circulante no mundo dos esportes, discute o conceito de trabalho a partir da ótica dos grandes clubes, ao comprarem o chamado “passe” dos jogadores, ou seja, o jogador é conceptualizado como alvo de negociações. Assim, o trecho “o jogador trabalha para quem o comprou, ou ‘adquiriu os direitos’” legitima a perspectiva da negociação praticada nesse contexto, de modo que a atividade desenvolvida pelo jogador (trabalhador) é alvo da negociação.

Assim, temos, através do acionamento do EI da *SUPERIMPOSIÇÃO*, a menção a organizações que compram a força de trabalho do jogador, tendo-o como “propriedade”, *impondo*, a partir de um lugar hierárquico *superior*, que o mesmo sirva ao clube, que lucrará com seu desempenho: “O que existe são algumas organizações que dividem a propriedade do jogador com o clube”. Assim, metaforicamente,

TRABALHO É MOTIVO DE NEGOCIAÇÃO, cujos acarretamentos seriam *ATIVIDADE DO JOGADOR É ALVO DE NEGÓCIO, JOGADOR É PROPRIEDADE, CLUBES SÃO TIPOS DE ORGANIZAÇÕES*, e, em consequência, *CLUBES SÃO PROPRIETÁRIOS DO JOGADOR*.

Ainda no campo das discussões sobre esportes, no texto em (289), notamos que *TRABALHO É META QUE UNE PESSOAS*, pelos trechos em destaque:

(289) O torcedor [Paulo Roberto] troca mensagens com os jogadores; segundo ele, a boa campanha não transformou o comportamento do elenco. *Todos continuaram humildes e focados no trabalho.* (Reportagem- Audax virou o primeiro time de muito torcedor, p.76, 2016).

A referida conceptualização nos sugeriu, ainda, alguns acarretamentos metafóricos complexos, como: *TIME DE FUTEBOL É ELENCO, ATUAÇÃO DE TIME DE FUTEBOL É ENCENAÇÃO, TRABALHO É FOCO DE EQUIPE*.

Ancoradas nos EI's e mapeando os conhecimentos do referido DE, por meio, unicamente, de metáforas conceptuais, as ocorrências do referido MCI concentraram-se no século XXI, conforme sinalizamos anteriormente, de modo a focar no trabalho como sendo um meio para alcançar determinado fim, a saber, o lucro.

Passemos à exposição sobre o MCI seguinte, a saber, o da RELIGIÃO.

### 3.1.3.9 Modelo Cognitivo Idealizado da RELIGIÃO

O MCI da RELIGIÃO estabeleceu relações de proximidade com o MCI da PUNIÇÃO, na medida em que projetou conhecimentos da religiosidade humana sobre o domínio-fonte *trabalho*. O que, a nosso ver, os diferencia, é que, no presente MCI, notamos relações mais amplas sendo acionadas, a fim de estabelecer sentidos novos aplicados às realidades, às vezes, alheias à própria religião; enquanto que, no caso do MCI da PUNIÇÃO, temos aspectos teológico-filosóficos que recaem sobre o próprio trabalho, buscando defini-lo e justificá-lo. Ou seja, no MCI da PUNIÇÃO tivemos um recorte conceptual metonímico do trabalho em relação ao MCI da

RELIGIÃO. Observemos como as ocorrências subsidiaram nossa leitura nesses aspectos.

(11) *Bem sabemos convir aos partidos monarchicos taxar de apostatas a todos os republicanos que occupam empregos publicos; mas entristece-nos que o collega, no seu furor de accusar, tenha se esquecido de distinguir entre os empregos que significam um serviço a um partido e aquelles que, pela natureza de suas attribuições, apenas são um serviço ao paiz. (Revista dos jornaes, p.1, 1878).*

A ocorrência (11) aponta para uma forma de categorização do trabalho que leva em conta os objetivos do mesmo. Desse modo, os tipos de trabalho são distinguidos pelos seus fins: se for considerado um serviço ao país ou um serviço a um partido. Essa forma de conceptualizar o trabalho aparece na ocorrência como uma justificativa para o que fora dito anteriormente: “Bem sabemos convir aos partidos monarchicos taxar de apostatas a todos os republicanos que occupam empregos publicos”. Assim sendo, de acordo com os membros de um dos partidos (os “monarchicos”), seus oponentes (os “republicanos”) eram tidos em pouca estima, ou seja, eram desprezíveis.

A adjetivação utilizada nos remontou ao domínio-fonte da religião, associando o referido membro do partido oponente a alguém que negou uma crença anterior, a partir da expressão “apostatas”, a ideia que pode ser respaldada pelo fato de que, no contexto da escrita – ano de 1878 – o Brasil vivia momentos de transição do seu modo de governo, em que os propósitos imperialistas estavam ruindo, avançava-se para a Proclamação da República, em 1889. Assim sendo, nesse contexto, quem não se adequasse ou não mais aceitasse os propósitos imperiais seria considerado, provavelmente, um “rebelde”. Daí, pela forte influência do Catolicismo, e da noção de negação/aceitação da fé cristã (assim o compreendemos porque esta terminologia é ancorada pelo uso de um item do vocabulário bíblico neotestamentário, a saber, “apóstata”) o escrevente lança mão da expressão aludida, ao ancorar-se na linguagem advinda do domínio da religiosidade para defender que aquele que negasse a monarquia poderia ser comparado a quem negasse um corpo doutrinário.

Assim, pudemos chegar a alguns acarretamentos, como: *FORMA DE GOVERNO É RELIGIÃO*, de modo que *PARTIDÁRIOS SÃO FIEIS*, o que implica em *NEGAR UM PARTIDO É SER INFIEL*. E pelo fato de a “negação” advir da aceitação

de um tipo de emprego oferecido pelo partido oponente, entendemos que, ao estruturar-se através do EI do CONDUTO, tem-se a metáfora geral EMPREGO É MEIO, que sugere o acarretamento *TRABALHO É MEIO PARA CONQUISTAR PARTIDÁRIOS*, a partir de expressões como: “todos os republicanos que ocupam empregos públicos” (11). Desta forma, observamos o acarretamento *TRABALHO É RELIGIÃO*, visto que *TIPOS DE TRABALHADORES SÃO APÓSTATAS*. O uso do verbo “ocupar” remeteu-nos ao EI do RECIPIENTE, que, metonimicamente, associa o trabalho ao lugar em que se realiza, de modo que temos a compreensão EMPREGO POR LUGAR, e seu acarretamento *ASSUMIR UM EMPREGO É OCUPAR UM LUGAR*.

O texto em que identificamos a ocorrência (22) trata-se de um discurso a respeito da defesa pelo direito ao voto por todos os cidadãos, que fora transcrito na sua íntegra, ocorrido em uma sessão da Câmara de Deputados, assistida por uma multidão que vibrava e causou grande alvoroço; a mesma foi interrompida por 35 minutos, devido ao tumulto, durante o discurso. Segue o trecho que destacamos do mesmo:

(22) [...] Essa voz dirá ao nobre ministro da Justiça: - Eu sou a banca em que devoravas o teu viver no estudo e no dever. Guiei-te a novos campos. Trabalha. Toda a ideia é um apostolado. (Assembleia geral – Discurso do sr. José Bonifácio, p.2, 1879).

Há, a nosso ver, a presença da metonímia conceptual ESTUDO POR TIPO DE TRABALHO, além da metáfora TRABALHO É DEVER, a partir do trecho “devoravas o teu viver *no estudo e no dever*”. Como se trata de trabalho ideológico, o escrevente estabeleceu uma associação com uma expressão de cunho religioso, a saber, *apostolado*, como identificamos o trecho: “Trabalha. Toda a ideia é um apostolado”, que aventa o acarretamento *TRABALHO É CUMPRIMENTO DO DEVER*.

A associação religiosa/filosófica que estabelecemos entre *apostolado* e *trabalho* foi no sentido de que a primeira refere-se, no âmbito religioso, à ideia de defesa da fé, no campo específico da Teologia denominado *apologética*, motivada pela concepção de prática considerada ortodoxa por ter sido corroborada pela práxis dos *apóstolos* de Cristo, de acordo com a teologia cristã. Nesse sentido, ser um *apologeta* é exercer um *trabalho de defesa da fé*, de modo semelhante ao que seriam

aqueles que defenderiam as ideias então apresentadas pelo discursista, em (22), ao remeter-se à expressão *apostolado*; assim, temos, metonimicamente, APOSTOLADO POR TIPO DE TRABALHO.

Em (109) e (110), observamos uma ancoragem no aspecto *vocacional* do trabalho enquanto religião, a partir de expressões como “piedosa faina de catechese dos selvagens”, “dedicação á causa dos aborígenes” (109) e “o trabalho da catechese” (110):

(109) Escolhido o sitio e installada a missão apostolica, *entregou-se de corpo e alma á piedosa faina de catechese dos selvagens, trabalho em que desde logo se distinguiu*, pelo zelo e dedicação á causa dos aborígenes. (Notícia – Monumento commemorativo da fundação de S. Paulo, 1910, p.2).

(110) Como inscrição elucidativa do baixo relevo que adorna a face lateral direita, *representando o trabalho da catechese, e dedicado á pessoa de Anchieta*. (Notícia – Monumento commemorativo da fundação de S. Paulo, 1910, p.2).

Desse modo, o trecho “entregou-se de corpo e alma á piedosa faina de catechese dos selvagens, *trabalho em que desde logo se distinguiu*” (109) sugeriu-nos a projeção, por meio da metáfora conceptual TRABALHO É VOCAÇÃO. Outras expressões como *missão apostolica, corpo e alma, piedosa, catechese, causa*, relacionadas à religiosidade católica, no que tange ao seu proselitismo conforme praticado pela figura do Pe. Ancheita, configuraram a conceptualização TRABALHO É MISSÃO RELIGIOSA, que traz, em seu bojo, os acarretamentos RELIGIOSOS SÃO TRABALHADORES e PROSELITISMO É TIPO DE TRABALHO.

O texto seguinte, intitulado “Disputa entre Trump e Cruz em Estado-chave”, versa sobre o andamento dos preparativos do processo eleitoral na cidade de Nova York, para o ano de 2016, e apresenta o conjunto das estratégias de um dos candidatos à presidência dos EUA – Donald Trump – como sendo uma *cruzada*.

(243) Indiana abriga um dos principais símbolos da cruzada de Trump contra a globalização e o desemprego: a fábrica que a empresa de aparelhos de ar-condicionado Carrier pretende transferir para o México, *deixando para trás 2.100 americanos sem trabalho nos próximos três anos*. (Cláudia Trevisan, Reportagem – Disputa entre Trump e Cruz em Estado-chave, p.15, 2016).

No âmbito da ocorrência (243), especifica-se que tal *cruzada* se deu “contra a globalização e o desemprego”. Ao acionarmos nossos conhecimentos enciclopédicos a respeito das *cruzadas*, as identificamos enquanto movimentos de conquistas medievais, empregados pela Igreja Católica, a partir do século XIII, a fim de “conquistar” os então considerados “povos pagãos” ao Cristianismo (LE GOFF, 2007). Algumas características que podemos elencar, prototipicamente, sobre tais movimentos, é que usavam de violência (física, cultural, religiosa, racial), por meio dos chamados *cruzados*, ou *cavaleiros* que empunhavam o símbolo da cruz para fins de legitimação de suas ações (DREHER, 2013), não somente com objetivos religiosos, mas, também, expansionistas, de caráter político e econômico.

Identificamos alguns desses elementos sendo projetados na ocorrência em questão. Assim, temos que *ESTRATÉGIA ELEITORAL É CRUZADA, CANDIDATO É CRUZADO, DESEMPREGO É INIMIGO, FÁBRICA É SÍMBOLO*. A junção dessas conceptualizações mais gerais, acionadas no domínio-fonte da *religião*, mobilizam nossa percepção de que, ao combater o *desemprego*, este é conceptualizado pela metáfora *DESEMPREGO É NEGATIVO*, que traz, em seu bojo, o seu oposto: *EMPREGO É POSITIVO*. Porém, de acordo com o texto, como o símbolo da então oportunidade de geração de emprego, em breve, seria demovido de seu lugar (“a fábrica que a empresa de aparelhos de ar-condicionado Carrier pretende transferir para o México”), o resultado seria uma catástrofe econômica: “deixando para trás 2.100 americanos sem trabalho nos próximos três anos”, o que relacionamos à metonímia *TRABALHO PELO LUGAR DE SUA REALIZAÇÃO*. Assim, os processos conceptualizadores possibilitam a construção e, ao mesmo tempo, a desconstrução da imagem positiva do candidato como uma opção para alcançar o desenvolvimento econômico dos EUA.

Em (255) e (262), por terem o mesmo autor e terem sido publicadas na mesma edição da ocorrência (243), percebemos como a perspectiva do sujeito se manteve impregnada em suas escritas, sendo que a conceptualização do trabalho é apresentada, por ele, de modo semelhante, porém, indiretamente, nas referidas ocorrências:

(255) [...] *trabalhadores vivem atualmente numa espécie de “purgatório”,* ou porque tiveram de aderir ao plano do governo de redução da jornada e do salário (59,9 mil) ou tiveram o contrato suspenso por três meses (12 mil funcionários nos três primeiros meses do ano). (Murilo Rodrigues Alves- Reportagem- Temer quer fechar 2016 criando empregos, p.34, 2016).

(262) *Além dos 11,1 milhões de desocupados, outros 70 mil trabalhadores brasileiros vivem numa espécie de purgatório.* Para evitar que fossem incorporados à massa dos desempregados, foram obrigados a aderir ao programa do governo que prevê a redução de salário e carga horária ou tiveram o contrato de trabalho suspenso por alguns meses. (Murilo Rodrigues Alves – Reportagem – 70 mil aguardam no “purgatório” do emprego, p.34, 2016).

Aqui, ocorreu um acionamento do aspecto mais teológico-filosófico da religiosidade cristã católica: a noção de purgatório. De acordo com este corpo de doutrinas, o purgatório é um lugar espiritual intermediário entre o céu e o inferno, em que as almas das pessoas mortas aguardam pela purgação de seus pecados para, então, alcançarem a bem-aventurança da entrada nos lugares celestiais. Assim sendo, é um lugar de sofrimento, porém, não tão intenso quanto o seria no inferno, já que o primeiro objetiva *purgar* os pecados, sendo, portanto, transitório; enquanto o segundo visa à *punição* dos pecados cometidos e que não geraram arrependimento para absolvição, sendo, assim, eterno (LE GOFF, 1995). A expressão “70 mil aguardam no ‘purgatório’ do emprego”, em (262), a nosso ver, confere à forma de conceptualização do *trabalho* esse aspecto teológico-filosófico que, a nosso ver, fora acionado pelo escrevente.

A consideração desses aspectos teológicos, compartilhados culturalmente em nossos conhecimentos enciclopédicos, se fez necessário, visto que o uso linguístico que subsidiou a inserção da ocorrência (255), e também no título, em (262), foi, ao que nos parece, a expressão *purgatório*, em “trabalhadores vivem atualmente numa espécie de ‘purgatório’”, e “70 mil aguardam no “purgatório” do emprego”. Inicialmente, houve a indicação do agente humano – *trabalhadores* – ocupando o purgatório, já que este destino, segundo a doutrina católica, é para seres humanos (e não para animais, por exemplo); outra indicação foi o uso adverbial *atualmente*, que relacionou-se ao aspecto temporal da estadia nesse *lugar*, perspectivado pela preposição locativa *em* (“numa espécie de”), além da expressão “*aguardam no ‘purgatório’ do emprego*”.



O restante da ocorrência nos ofereceu um vislumbre do que seria este purgatório para o trabalhador: as medidas governamentais visando às reformas trabalhistas que causaram grande insatisfação popular, como o demonstram os trechos: “ou porque tiveram de aderir ao plano do governo de redução da jornada e do salário (59,9 mil) ou tiveram o contrato suspenso por três meses (12 mil funcionários nos três primeiros meses do ano)”, e “foram obrigados a aderir ao programa do governo que prevê a redução de salário e carga horária ou tiveram o contrato de trabalho suspenso por alguns meses”. Tais medidas figuraram, no cenário brasileiro, como fatores de instabilidade para o trabalhador, o que gerou a sensação nacional de insegurança.

Dessa forma, entendemos que a instabilidade no trabalho assemelha-se à noção de purgatório, de modo que, por acarretamento, temos *TRABALHADORES INSTÁVEIS ESTÃO EM PURGATÓRIO, ESTABILIDADE DO TRABALHO É CÉU*, enquanto que *PERDA DO TRABALHO É INFERNO*. Em contraste, temos, metaforicamente, que *TRABALHO É SEGURANÇA*. Como o motivo da purgação não ficou explícito, ou seja, quais os “pecados” seriam pagos, entendemos que o mapeamento da ideia de purgatório foi parcial, e se focou apenas no aspecto do *sofrimento* ali experimentado, enquanto ali se permanecesse. Assim, temos o uso de *purgatório* por *sofrimento*, em uma compreensão metonímica do tipo CAUSA PELO EFEITO.

Ancorado em metáforas, metonímias e EI's como seus elementos conceptualizadores, o MCI da RELIGIÃO foi identificado nos três séculos estudados.

Passemos ao último MCI elencado como pertencente ao DE das RELAÇÕES, o MCI da CRISE.

### 3.1.3.10 Modelo Cognitivo Idealizado da CRISE

Com suas ocorrências concentradas no século XXI, o MCI da CRISE trouxe à tona a contemporaneidade de fatos socioeconômicos experimentados pelos brasileiros, em especial, a partir do ano de 2015, relacionados às questões de ordem política, que alteraram significativamente o cenário do país. Engendrando, mais

incisivamente, o aspecto econômico, o trabalho apareceu, na documentação acessada, ora como resultado, ora como fuga da crise. Seguem-se nossas observações a esse respeito.

Nas ocorrências seguintes, observamos que o MCI da CRISE abarcou a conceptualização de trabalho, metonimicamente, como TIPO DE TRABALHO / EMPREGO POR VÍTIMA DE CRISE, como destacamos em (259):

(259) “*O emprego é o primeiro que sofre em momento de crise e é o último a sair*”, afirmou o economista-chefe da Gradual Investimentos, André Perfeito. (Murilo Rodrigues Alves – Reportagem – Temer quer fechar 2016 criando empregos, p.34, 2016).

Pelo restante do trecho da ocorrência – “*O emprego é o primeiro que sofre em momento de crise e é o último a sair*” – pudemos notar, estando ancorada no EI do RECIPIENTE, a conceptualização metafórica *CRISE É UM LUGAR*, visto que nela se *sofre* e dela se *sai*. Além disso, o trecho “*O emprego é o primeiro que sofre*” sugeriu-nos a personificação do trabalho, em outra elaboração metafórica de tipo ontológica, visto que *sofrer* é um verbo geralmente associado a seres vivos, que reagem à determinada ação sobre ele; assim, também notamos o EI da CONTRAFORÇA, visto que, em (259), a crise realizaria um movimento de opressão sobre as taxas de emprego no país, gerando sua diminuição, conceptualizada negativamente, visto que, *MAIS É POSITIVO*, em detrimento de *MENOS É NEGATIVO*.

Outro reforço dessa conceptualização de trabalho, a temos em (260) e (261), segundo as quais *TRABALHO É RESULTADO DA CRISE*:

(260) “*Acho que a presidente tem de sair mesmo e o PT também, para acabar com toda corrupção que está por aí. Mas não tenho esperança de que as coisas vão ficar melhor. Antes de a economia melhorar, vai piorar primeiro. Olha o tanto que os juros subiram. Trabalhava como auxiliar de cozinha no hospital da UnB, mas era uma empresa terceirizada e me demitiram. Tenho experiência: já trabalhei em padaria e supermercado. Sempre que vou procurar emprego aqui no Plano, recusam pagar o vale-transporte. Não tem como trabalhar sem esse dinheiro. A passagem de Planaltina de Goiás pra cá custa R\$6,00 ida e volta. Tenho de pagar pra trabalhar*”. Elianusa Souza Oliveira, 30 anos. (Retratos do desemprego, p.34, 2016).

(261) “*A classe mais baixa sente mais na pele os efeitos dessa crise, que causa tanto desemprego. [...] Vou me mudar para Formosa, estado*

do Goiás, agora que fui demitida do emprego, onde trabalhava como babá.” Ana Lúcia Figueiredo, 32 anos. (Retratos do desemprego, p.34, 2016).

Na ocorrência (260), a entrevistada associa a crise a um partido político, e defende a ideia de que a mudança governamental poderia dirimir os efeitos da crise que se instalou no país, provocando, de acordo com o seu relato, o aumento do desemprego no país.

Em (261), notamos como a relação estabelecida entre crise e o consequente desemprego foi mais imediata; ao narrar sua experiência de perda de trabalho, as duas entrevistadas apontaram para a dificuldade que viveriam no momento, por conta do não-trabalho; assim, novamente, identificamos as conceptualizações *DESEMPREGO É NEGATIVO* e seu contrário: *EMPREGO É POSITIVO*. O nível de importância que foi dada ao trabalho pode ser notado no trecho: “Tenho de pagar *pra trabalhar*”, em que, pelo EI ORIGEM-PERCURSO-META, o escrevente sugere que este era o alvo da trabalhadora, ou seja, continuar em atividades laborais, ainda que estas não lhe fossem, imediatamente, recompensadoras.

Utilizando-se da metonímia conceptual TIPO DE TRABALHO POR VÍTIMA DE CRISE, o presente MCI, também ancorado em formas conceptualizadoras de cunho metafórico, através dos EI's, apresentou-nos um vislumbre de como os escreventes conceptualizaram o trabalho, na contemporaneidade (mais especificamente no ano de 2016), em um contexto de crise nacional, categorizando-o como tendo assumido um lugar importante nas configurações social e econômica do país.

Em seguida, serão apresentadas as reflexões a respeito do DE do TEMPO, e a forma como entendemos que estiveram estruturados seus respectivos MCI's.

### 3.1.4 Domínio da experiência do TEMPO

Lakoff e Johnson (2002[1980]), ao abordarem as formas de conceptualização que julgam ubíquas em nossa forma ocidental de compreendermos o mundo, e nos inserirmos nele, trata o tempo, assim como o faz em relação ao espaço, como sendo um dos elementos estruturantes de nossa forma de pensar. A conceptualização

metafórica amplamente discutida pelos autores, TEMPO É DINHEIRO, corrobora esta perspectiva. Do mesmo modo como valorizamos, negociamos, emprestamos, ganhamos ou perdemos *dinheiro*, projetamos tais conhecimentos no domínio-alvo *tempo*. Diversas expressões cotidianas corroboram esta conceptualização, também ancorada na metáfora TEMPO É BEM PRECIOSO.

Observamos, em nosso estudo, que os conceptualizadores-escreventes estabeleceram semelhante relação conceptual entre o *tempo* e o *trabalho*, mais especificamente no que tange aos MCI's da MARCAÇÃO e da ROTINA, que discutiremos a seguir.

#### 3.1.4.1 Modelo Cognitivo Idealizado da MARCAÇÃO

Sobre a relação entre o tempo e o trabalho, conceptualizado como sendo uma jornada, consideramos a fala de De Masi (2001, p.81-82):

A jornada de trabalho vai “desde o nascer até o pôr do sol”, como diz uma ordem emanada em 1395 pelo preposto de Paris. O horário de trabalho começa a aprisionar a vida do trabalhador, mas apenas no que diz respeito ao seu começo e ao seu fim, porque no interior da oficina os ritmos permanecem ainda aqueles do mundo rural. O relógio urbano, como escreveu Le Goff, “é ainda uma maravilha, um ornamento, um brinquedo de que a cidade se orgulha”. Mas dentro dela – acrescento eu – germina o cronômetro que, cinco séculos depois, nas mãos de Taylor, levará aos limites extremos a passagem dos ritmos aproximativos de trabalho à precisão extrema da organização científica.

A ideia de jornada de trabalho pode ser pensada como uma forma de marcação do tempo, fragmentando-o em horas, dias e semanas então considerados úteis, que nos remetem a uma noção de controle sobre as atividades produtivas (nossa e do outro). Assim, o trabalho passa a ser medido a partir do tempo que dura para ser realizado, e, conseqüentemente, a partir do custo financeiro que aufere para tal. Assim, localizamos uma relação direta com a metáfora estrutural TEMPO É DINHEIRO, conforme discutem Lakoff e Johnson (2002 [1980]), de modo a entendermos que TRABALHO É TEMPO, e, por acarretamento, temos TRABALHO É DINHEIRO. Assim, ganha-se, perde-se, negocia-se, empresta-se dinheiro, ao tempo

em que se trabalha. Observamos tais conceptualizações nas ocorrências que se seguem.

(23) [...] Os cidadãos que servirem como examinadores perceberão a gratificação de 10\$ *por dia de trabalho*. (Instrução publica – Sobre o ensino primario e secundario, p.2, 1879).

A ocorrência (23) propõe-nos a metáfora conceptual TRABALHO É MARCADOR DO TEMPO, pela expressão “por dia de trabalho”. Pelo EI do CONDUTO, entendemos que, *por meio do trabalho*, se alcançará a *gratificação em dinheiro*, considerando que tempo de trabalho equivale a tempo produtivo.

Em (147), o escrevente reforça esta ideia, além de TEMPO É DINHEIRO, pelas metáforas TRABALHO É RECURSO, sendo um possível acarretamento: *TRABALHO É MARCADOR TEMPORAL DO LUCRO*:

(147) Quanto economizará uma dessas moças *em tres annos de trabalho*? (Reportagem – A mulher japoneza na vanguarda do progresso, p.4, 1938).

Além da associação com possíveis ganhos através do trabalho, notamos uma associação com as etapas do trabalho, de modo que, tendo começo, meio e fim, o trabalho pode ser medido, sendo *iniciado*, *aberto*, *finalizado* ou *fechado*, assim como o fazemos com o tempo, como ficou sugerido nos trechos que destacamos, nas ocorrências seguintes:

(36) No dia 16 foram *encerrados os trabalhos* da assembleia provincial do Paraná. (Provincias do Sul, p.2, 1881).

(131) Nada mais havendo a tratar, o sr presidente *encerra os trabalhos*. (Noticias diversas – camara municipal, p.5,1910).

(146) As moças trabalham vestindo blusas azues de marinheiro e calções. Depois das *horas de trabalho* vestem o seu kimono de alegres cores. (Reportagem – A mulher japoneza na vanguarda do progresso, p.4, 1938).

(168) O comunicado divulgado em Washington depois de encerradas as entrevistas deve ser interpretado à luz das declarações feitas em Londres pelo secretário de Estado Rusk *ao serem iniciados os trabalhos* do CENTO. (Artigo – De um dia para o outro, p.2, 1962).

(177) A reunião realizou-se no Fórum local, completamente tomado por educadores e estudantes, sendo presidida pelo Dr. José Geraldo Rodrigues, presidente do Tribunal de Alçada e ex-aluno do insigne educador, *sendo abertos os trabalhos* pelo Dr. Martin Francisco de Andrada, juiz de Direito da comarca. (Notícia – Palestra sobre educador em Guaratinguetá, p.15, 1962).

(200) Em seu *último dia de trabalho* e após mais de cinco horas de discussões, a Assembleia Legislativa de El Salvador aprovou ontem de madrugada uma reforma de 47 artigos da Constituição. (Notícia – El Salvador dá mais poder a civis, p.7, 1991).

(242) Os informes não puderam ser consultados pela Comissão Nacional da Verdade, que *concluiu seus trabalhos* em dezembro de 2014, antes de a entidade ter aberto seus arquivos. (Jamil Chade, Reportagem – Relatos expõem “ciência” da tortura na ditadura militar, p.13, 2016).

(251) [...] a tensão marca o dia-a-dia da dentista Djaura dos Santos Oliveira, aposentada após *34 anos de trabalho* em hospital público. (Vinicius Neder – ‘E o mês que vem, como será?’, p.30, 2016).

Assim, pelas referidas ocorrências, houve o reforço da conceptualização **TRABALHO É MARCADOR DO TEMPO**.

Em (145) e (228), observamos, ancorada no EI ORIGEM-PERCURSO-META, uma conceptualização mais específica, a saber, **TRABALHO É UMA JORNADA REALIZADA NO TEMPO**, também apontando para a metáfora básica **TEMPO É ESPAÇO**, pelos trechos em destaque:

(145) *A fábrica trabalha em dois turnos*: das cinco horas até às 10 horas. (Reportagem – A mulher japoneza na vanguarda do progresso, p.4, 1938).

(228) [...] Na semana passada, Temer recebeu quatro das seis principais sindicais do país. Mas, por ora, as centrais deram um voto de confiança ao vice. Ele tem crédito junto a elas, porque quando era presidente da Câmara e estava em discussão o projeto de lei que *reduzia a jornada de trabalho de 44 para 40 horas semanais*, chamou os sindicalistas para uma conversa. (Reformas de Temer vão esperar ‘clima político’, p.4, 2016).

Assim, a ideia de **MARCAÇÃO DO TEMPO** foi incrementada com a noção de tempo produtivo, de onde concluímos que **TRABALHO É AÇÃO REALIZADA NO TEMPO PRODUTIVO**.

Identificado nos séculos XIX, XX e XXI, o MCI da MARCAÇÃO, por meio de formas conceptualizadoras predominantemente metafóricas, sugeriu-nos a ideia de controle sobre a ação laboral do outro.

O MCI seguinte, o da ROTINA, apresenta outras especificidades que identificamos na relação tempo-dinheiro-controle.

### 3.1.4.2 Modelo Cognitivo Idealizado da ROTINA

Enquanto associado ao tempo, tivemos, ainda, o MCI da ROTINA, relacionado a atividades que se repetem com determinada regularidade, por haver a evocação de sua ininterruptabilidade, ou quando tal interrupção é controlada pelo tempo, como observamos a seguir:

(93) *Depois do trabalho o aparelho digestivo reclama repouso.* Diminuí os feculentos, suprimí os corpos gordos e os alcoolicos. (Aphorismos para os dyspepticos, p.3, 1898).

(94) *O trabalho physico ou intellectual, durante a digestão,* aumenta o custo da produção, sem dar lucro. (Aphorismos para os dyspepticos, p.3, 1898).

Tratando-se do mesmo texto, as ocorrências (93) e (94) atribuem ao aparelho digestivo a atividade de trabalho, como sendo algo frequente e que possui etapas distintas, nos quais ocorrem fenômenos físico-químicos específicos, em uma proposta de personificação de parte do corpo humano, como sendo um ser autônomo, conforme o trecho “o aparelho digestivo *reclama* repouso” (semelhantemente ao que observamos na ocorrência (166), anteriormente discutida). Assim, os trechos destacados, com expressões adverbiais de tempo como *depois* e *durante*, reforçaram, pelo EI do CICLO, a repetição de etapas e processos, de modo que TRABALHO É ROTINA.

Em (130), temos a conceptualização TRABALHO É ROTINA, devido ao sentido de repetição da expressão utilizada: “trabalho esse que será feito *todos os mezes*”,

sugerindo atividade constante, novamente, por meio do EI do CICLO, conforme destacamos:

(130) O sr. dr. Pinheiro e Prado, primeiro delegado e auxiliar, que ultimamente foi encarregado de inspeccionar as prisões da capital, *trabalho esse que será feito todos os mezes*, apresentou hontem o seu primeiro relatório ao sr. dr. Washington Luis, secretario da justiça. (Visita às prisões, p.5, 1910).

Em (151), observamos como o uso das expressões “*desenvolve seus trabalhos*” e “*faina*” projetam a metáfora TRABALHO É ROTINA ENFADONHA, de modo que, mesmo tendo por objetivo “bem zelar pela saúde pública”, as atividades dos trabalhadores, tomados metonimicamente pela expressão “*Posto*”, ainda assim, são enfadonhas, de acordo com o significado que *faina* nos sugere, a saber, de “trabalho árduo que se estende por muito tempo”:

(151) Por esse resumo, fácil é aquilatar o grande raio de acção em que o Posto *desenvolve os seus trabalhos, na sua faina* de bem zelar pela saúde pública. (Notícia – A visita do embaixador italiano, p.6, 1938).

Em (184), no trecho destacado, o aspecto processual do trabalho, sugeriu-nos que TRABALHO É ATIVIDADE CONTÍNUA, estruturado pelo EI do CICLO:

(184) O comitê deverá reunir-se pelo menos uma vez a cada dois meses a fim de aprovar *seus programas de trabalho* determinando as medidas necessárias para sua execução. (Notícia – Aprovado o plano de acção da Campanha contra a fome, p.21, 1962).

Em (223), notamos a conceptualização de trabalho relacionado à rotina e ao funcionamento de determinado setor de atividades:

(223) Pelo menos durante as próximas semanas, o setor público *só vai trabalhar segundas e terças-feiras*, com exceção dos serviços essenciais. (Monumental desastre, p.3, 2016).

Desse modo, o uso metonímico de tipo PARTE PELO TODO, sugere a conceptualização SETOR POR TRABALHADORES DO SETOR. O aspecto durativo do trabalho pode, também, ser identificado nas seguintes ocorrências, de acordo com os trechos em destaque:



(269) “O robô substitui a atividade humana rotineira. Quem percebe o papel da inovação na sua *rotina de trabalho*, cria novas situações e funções”, destaca o professor da PUC. (Mariana Holanda – Reportagem – O momento do profissional inovador, p.48, 2016).

(286) A relação pai e filho só começa a valer do CT pra fora. *Durante o trabalho* Lucas chama Dorival de “professor”, não “pai”. (Gonçalo Junior – Reportagem-Herdeiro de Dorival planeja ser treinador em dez anos, p.75, 2016).

(299) A Samarco fala que as famílias recebem um cartão de auxílio financeiro e são acompanhadas para que possam *retomar o trabalho*. [...]. (Guilherme Mendes – Reportagem – Identidades rompidas, p.82, 2016).

O aspecto processual da rotina laboral evidenciou-se nos seguintes trechos: “atividade humana *rotineira*”, “sua *rotina de trabalho*” (269); “*Durante o trabalho*” (286); “*retomar o trabalho*” (299), apontado, por exemplo, para o EI ORIGEM-PERCURSO-META, de modo que o *percurso* seria a própria repetição da atividade, que, por sua vez, também se ancora no EI do CICLO e do PROCESSO, por entendermos, pela metonímia PARTE PELO TODO, que a repetição de etapas de um trabalho, é conceptualiza como sendo o próprio trabalho.

Tendo ocorrências identificadas nos séculos XIX, XX e XXI, assim como o MCI da MARCAÇÃO, o MCI da ROTINA sugeriu-nos a ideia da relação tempo-trabalho enquanto mediada por ações de controle da atividade humana, envolta por elementos limitantes, como no caso do próprio tempo e também do espaço.

A respeito dessas questões relacionadas ao trabalho sendo conceptualizado em sua espacialidade é do que trata o próximo domínio-fonte da experiência, o do ESPAÇO.

### 3.1.5 Domínio da experiência do ESPAÇO

Identificamos, no DE do ESPAÇO, os MCI's do LUGAR e da CONSTRUÇÃO, cujos movimentos de conceptualização discutiremos a seguir.

### 3.1.5.1 Modelo Cognitivo Idealizado do LUGAR

A noção de espaço, conforme defendido pelo experiencialismo (LAKOFF; JOHNSON, 2000 [1980]; 1999) é um dos conceitos primeiros a serem estabelecidos pelos seres humanos em suas interações físico-corporais e relacionais (GRADY, 1997). Assim sendo, o trabalho, enquanto elemento integrante da vida humana, também é circunscrito ao espaço, enquanto o lugar em que os seres humanos exercem suas atividades plenamente.

Com ocorrências ao longo dos três séculos investigados, observemos como, a partir dessa perspectiva experiencial com o próprio corpo, os escreventes sugeriram formas de conceptualizarem o trabalho, no âmbito do MCI do LUGAR.

(5) Tratando uma escolta de prender, a 23 do passado, *nos trabalhos da linha ferrea*, a 2 escravos fugidos, deu-se lamentavel conflicto, do qual resultaram mortes e ferimentos [...]. (Notícias – Limeira, p.2, 1875).

A ocorrência (5) aponta para uma elaboração conceptual metonímica dupla; por um lado, identificamos a metonímia de tipo TODO PELA PARTE, mais especificamente, TRABALHO POR AMBIENTE DE REALIZAÇÃO DO TRABALHO. O uso da preposição *em*, no trecho: “nos trabalhos” (em + os), aponta para o EI do RECIPIENTE, de modo a percebermos os limites DENTRO – FORA do trabalho como localizações possíveis. Percebemos, por outro lado, a metonímia PARTE PELO TODO, ou mais especificamente, LUGAR POR ATIVIDADE, onde se tem: TRABALHO É ATIVIDADE, ao considerarmos a expressão completa: “nos trabalhos da linha ferrea”.

(73) A nomeação de uma comissão especial de deputados e sennadores, que tranquilamente e com vagar estude os projectos e sobre elle formule parecer, depois de ter ouvido e examinado, *no silencio do recinto dos seus trabalhos*, as opiniões dos seus collegas, é indubitavelmente o único meio pratico para chegarmos à codificação definitiva. (Notas politicas, p.1, 1895).

O texto em (73) trata de um processo instaurado, a fim de examinar a viabilidade da inauguração de uma escola. O trecho “depois de ter ouvido e

examinado, *no silencio do recinto dos seus trabalhos*, as opiniões dos seus colegas” sugere-nos que *TRABALHO É TIPO DE ATIVIDADE DESENVOLVIDA EM UM LUGAR*, estruturada pelo EI do RECIPIENTE, através dos usos prepositivos “*em*” e “*de*”. Assim, ao mesmo tempo em que estará “*no recinto dos seus trabalhos*”, a referida comissão, estará, também, “ouvindo as opiniões dos seus colegas”, que corresponde ao próprio trabalho, visto que, assim, seria “o único meio pratico para chegarmos à codificação definitiva”.

(92) Dentista - Aureliano Amaral declara que é outra pessoa de igual nome que exerce um cargo publico e que *não deixou de trabalhar em seu gabinete* [...]. Continua com o antigo systema de convencionar os preços antecipadamente de todos os trabalhos, fazendo especialidades em chapas completas e montagens de dentes sobre raizes. (Indicações uteis – médicos, p.3, 1898).

(98) Uma pessôa com bastante pratica de lavoura, *necesita uma collocação, em uma fazenda*, para administrador, ajudante ou escrivão, dando de si as melhores referencias de fazendeiros, com quem tem servido. (Aos srs. fazendeiros, p.6, 1898).

Em (92) e (98), temos o aspecto espacial aplicado à noção de trabalho, nos trechos “*não deixou de trabalhar em seu gabinete*” (92) e “*necesita uma collocação, em uma fazenda*” (98), em que os termos destacados sugerem a metáfora *TRABALHO É LUGAR / TRABALHO É POSIÇÃO*, e, quando este lugar se associa com a atividade a ser realizada, temos, metaftonimicamente, a conceptualização *TRABALHO É TIPO DE ATIVIDADE DESENVOLVIDA EM UM LUGAR*. O uso da expressão “*necesita uma collocação*”, em (98), sugere-nos, inclusive que *TRABALHO É NECESSIDADE*. Neste caso, as possíveis atividades tiveram suas finalidades salientadas pelo uso preposicional, e seriam elas: “*para administrador, ajudante ou escrivão*” (98). O trecho final em “*fazendeiros, com quem tem servido*” aponta, secundariamente, para a conceptualização de trabalho, através da metáfora complexa *TRABALHO É SERVIÇO PRESTADO EM COMPANHIA DE ALGUÉM*.

(123) As usinas de assucar deste municipio, em numero de trinta, *iniciarão os seus trabalhos* no dia quinze de maio proximo, calculando-se que a safra deste anno attinge seiscentas mil saccas [...]. (Notícias, p.4, 1910).

Em (123), captamos uma conceptualização metonímica, em que o local de realização da atividade é compreendido como o agente da atividade, como vemos em: “As usinas de assucar deste municipio, em numero de trinta, iniciarão os seus trabalhos”, de modo que identificamos a metonímia ATIVIDADE POR PESSOA, temos, mais especificamente, TRABALHO POR AGENTE.

Outra ocorrência que também corroborou a perspectiva localista da conceptualização foi (127), através do uso da preposição *a*, ao tempo em que indica, também, deslocamento até o referido lugar, pelo EI ORIGEM-PERCURSO-META:

(127) Todos os grevistas *voltaram ao trabalho*. (Notícias – Nova York, p.5, 1910).

Em (140) e (154), pelos trechos em destaque, identificamos a conceptualização *TRABALHO É TIPO DE ATIVIDADE DESENVOLVIDA EM UM LUGAR*:

(140) Na pratica commercial não é permittida a humidificação artificial das *salas onde se procedem os trabalhos* de medição das fibras para não tornal-as mais longas. (Notas e informações, p.3, 1938).

(154) O regulamento dispõe também sobre *o trabalho em domicilio, entendendo-se por isso aquelle que é executado na habitação do empregado ou em officina de familia*, por conta de empregador que o remunere. (Notícias – Regulamento das commissões de fixação do salario minimo, p.8, 1938).

Em (178), observamos que o trabalho é conceptualizado, indiretamente, como lugar, a partir do trecho “condições especiais de trabalho dos Varejistas”:

(178) Mais um serviço exclusivo do Banco Nacional de Minas Gerais: uma carteira especializada para operar dentro das *condições especiais de trabalho dos Varejistas*. (Propaganda – Carteira Especializada para Varejista, p.17, 1962).

Notamos que a ideia posta é de que as *condições de trabalho* remetem ao *tipo de trabalho* desenvolvido, a saber, do *varejo*. Assim, temos a associação locativa ancorada, no EI do RECIPIENTE, a partir do uso prepositivo *dentro de*.

Em (187), tivemos outra indicação locativa para trabalho:

(187) O programa básico da campanha deverá ser *fundamentado num trabalho* a ser elaborado pelo Comitê Executivo. (Notícia – Aprovado o plano de ação da Campanha contra a fome, p.21, 1962).

O trecho “ser fundamentado num trabalho” sugere-nos a metáfora TRABALHO É FUNDAMENTO, ou seja, o trabalho servirá de *base* sobre a qual “o programa básico da campanha” será construído. Identificamos, ainda, o EI do PROCESSO, visto que o trabalho virá “a ser *elaborado pelo Comitê*”, de modo que alguns aspectos da base experiencial do MCI foram acionados, como fundamento e elaboração.

Em (191), ocorre uma projeção metonímica, em que o trabalho é tomado em lugar do seu espaço de acontecimento, no caso, as feiras:

(191) Com tantos locais próprios e praças de que o mato tomou conta, por que não tirar *as feiras da porta das casas*? (Carta de leitor – Feiras livres, p.2, 1991).

Estruturando sua forma de conceptualização pelo EI do RECIPIENTE, o escrevente sugeriu-nos que pelo fato de “as feiras [estão localizadas à] porta das casas”, estas poderão ser alocadas em outro espaço, focando o aspecto locativo das conceptualizações metafórica TRABALHO É LUGAR, e também, metonímica (do tipo PARTE PELO TODO) TIPO DE TRABALHO POR TRABALHO, de modo que FEIRA É TIPO DE TRABALHO.

As ocorrências seguintes apontaram para uma conceptualização metonímica, do tipo ATIVIDADE POR INSTRUMENTO, pelas expressões: “os que trabalhavam em pastas” (238) e “pasta onde trabalha” (239):

(238) No primeiro mandato de Dilma, somente a Presidência da República abrigava 3,272 servidores, incluindo os que *trabalhavam em pastas* como a Casa Civil e a Secretaria de Comunicação Social. (Tânia Monteiro, Reportagem – Planalto respira ares de fim de festa, p.8, 2016).

(239) Outro conhecido de Dilma, o técnico de carreira da Petrobras, Marcos Antonio Martins Almeida, recebeu, no último dia 21, um telefonema com a notícia de que comandaria o Ministério de Minas e Energia, *pasta onde trabalha* há quase 17 anos. (Leonêncio Nossa, Reportagem – O Ministério e a síndrome de alta rotatividade, p.8, 2016).

Assim, temos a metonímia geral ATUAÇÃO POR INSTRUMENTO, que possibilitou nossa interpretação de que PASTA É TIPO DE TRABALHO. Porém, pelo uso das preposições locativas *onde* e *em*, concluímos que PASTA É LUGAR DE TRABALHO, em uma projeção indireta de elementos conceptuais do domínio-fonte *lugar* sobre o domínio-alvo em questão, também se estruturando pelo EI do RECIPIENTE, em que PASTAS são conceptualizadas como ATIVIDADE e, ao mesmo tempo, como LUGAR, projetando-se sobre o domínio-alvo TIPO DE TRABALHO.

Os trechos “em pastas como a Casa Civil e a Secretaria de Comunicação Social” (238) e “comandaria o Ministério de Minas e Energia, pasta onde trabalha há quase 17 anos” (239) especificam de qual tipo de trabalho se está referindo: cargos públicos, relacionados à política, que acionam a metonímia TIPO DE TRABALHO POR TRABALHO. Esta percepção nos foi facilitada ao relacionarmos conhecimentos enciclopédicos a respeito dos trajes usados pelos sujeitos ocupantes de cargos relacionados à vida política no Brasil: ternos, gravatas, saias, *blasers*, sapatos finos, pastas, que visam a compor um aspecto visual formal, para sugerir seriedade e compromisso.

Nas ocorrências seguintes, observamos o caráter locativo evidenciando a metáfora TRABALHO É LUGAR, a partir dos trechos destacados, que se ancoram no EI do RECIPIENTE. Prototipicamente, nesse sentido, TRABALHO É LUGAR pelo fato de ser tomado como um espaço do qual se pode *sair* e *entrar*. Observamos, ainda, a ocorrência da metonímia AÇÃO POR ONDE SE DESENVOLVE A AÇÃO, cujo acarretamento imediato seria *TRABALHO PELO LOCAL ONDE SE DESENVOLVE O TRABALHO*.

Destacamos, nas ocorrências, expressões que apontam para algumas especificidades dessa conceptualização, através de mapeamentos que nos permitiriam entender a relação TRABALHO-LUGAR, pelo fato de que: contém *salas* (240, 296), pode ser *deixado* (245, 279), é onde se pode *chegar* (267), onde se pode *interagir* (270), serve como referencial locativo, por estar *perto* ou *longe* de outros locais (278), é compartimentável em *áreas diferentes* (279), por ser onde se realiza uma *missão* (296), é um local *para onde* nos dirigimos (298):

(240) A foto da família no gabinete ministerial [de Alessandro Teixeira, ministro do Turismo] foi substituída por um ensaio sensual da mulher, a modelo Milena Santos, na *sala de trabalho*. (Leonêncio Nossa, Reportagem – O Ministério e a síndrome de alta rotatividade, p.8, 2016).

(245) Dos 226 milhões de americanos aptos a votar, 153 milhões se registraram como eleitores nas últimas eleições. Desses, apenas 130 milhões foram votar. A votação é realizada em dia de semana e muitos eleitores têm dificuldade de *deixar o trabalho* para ir às urnas. (Lourival Sant'anna, Reportagem – Sistema imperfeito, p.16, 2016).

(267) “Todos os dias, ao *chegar ao trabalho*, se pergunte: como posso fazer isso diferente de ontem?”, diz o professor do Fórum de Inovação da Fundação Getúlio Vargas (FGV). (Mariana Holanda – Reportagem – O momento do profissional inovador, p.48, 2016).

(270) Sacramento ressalta que qualquer um pode ser inovador: basta incentivar o lado criativo. É neste momento que as empresas têm um papel fundamental: não basta procurar um profissional inovador, se ele não terá espaço para sugerir coisas novas *no trabalho*. (Mariana Holanda – Reportagem – O momento do profissional inovador, p.48, 2016).

(278) Mariana conta que além do valor, que deveria estar de acordo com seu orçamento, a região também era importante, pois queria *morar perto do trabalho*. “Tive de esperar um pouco mais, investir mais, para comprar [o apartamento onde mora] *próximo ao trabalho*”. (Edilaine Felix – Reportagem – Planejamento ajuda a comprar imóvel antes dos 30 anos, p.54, 2016).

(279) “Eu trabalhei por 20 anos na área de controladoria da empresa em que conheci meu marido. Na verdade, tudo começou porque, como *trabalhávamos em áreas diferentes*, trocávamos doces e receitas. Ele me levava bolo, brownie, e assim começou a paquera, com doces”, conta a fundadora da The Brownie Shop, Isabela Delorenzo. [...] Foi então que ela pensou: “Vamos investir no negócio próprio”, e, em 2011, Isabela decidiu que *deixaria o emprego* para investir nessa paixão. (Edilaine Felix – Reportagem – Paixão por doces faz surgir negócio para venda de brownies, p.69, 2016).

(296) Os professores da USP, da UNESP e da UNICAMP veem seus salários reais sendo reduzidos a cada dia. Nem por isso deixam de cumprir com zelo e competência, em condições adversas, *sua missão nas salas de aula, nos laboratórios e nos trabalhos de campo*. (José de Souza Martins – Reportagem – Ataque à ciência, p.81, 2016).

(298) Na quinta em que a lama triturou o que ela tinha, a Mônica saiu com a mãe *para trabalhar* logo cedo – ela *no consultório* de dentista onde é auxiliar, a mãe *no serviço público*. (Guilherme Mendes – Reportagem – Identidades rompidas, p.82, 2016).

O próximo MCI estudado, o da CONSTRUÇÃO, sugeriu-nos outra perspectivação do DE do ESPAÇO, cujas observações apresentamos a seguir.

### 3.1.5.2 Modelo Cognitivo Idealizado da CONSTRUÇÃO

Especificando ainda mais o DE do ESPAÇO, as ocorrências seguintes sugeriram, ao relacionar-se à CONSTRUÇÃO, a conceptualização de trabalho como atividades relacionadas à edificação, o que vai, a nosso ver, além de uma acomodação a um determinado lugar a fim de, nele, exercer um tipo de trabalho. Observemos como se deram tais relações.

Nas ocorrências (85) e (124), pelos EI de RECIPIENTE e PROCESSO, notamos a conceptualização TRABALHO É CONSTRUÇÃO. Seu acarretamento imediato seria *TRABALHO É CONSTRUÇÃO QUE SE REALIZA EM UM DETERMINADO TEMPO*:

(85) A cidade vai ser dotada com uma magnífica igreja, cujos *trabalhos de construção* já estão muito adiantados. (Os municípios – JAHÚ, p.1, 1898).

(124) Proseguem os *trabalhos de adaptação no prédio* destinado à escola de aprendizes marinheiros, nesta capital. (Notícias, p.4, 1910).

Em (126), por sua vez, notamos um desdobramento da metáfora conceptual anterior *TRABALHO É CONSTRUÇÃO QUE PODE SER INTERROMPIDA*:

(126) ‘La Nación’ lamenta que os milhões de pesos gastos para comemorar o centenario da independencia serão perdidos porque – diz o jornal – as festas não terão o brilhantismo esperado e desejado por culpa do governo que *abandonou os trabalhos preliminares*. (Notícias – Buenos Aires, p.4, 1910).

Em (285), inferimos que o escrevente aciona, pelo uso verbal *montar*, a ideia de *estrutura*, e, no caso em questão, estabelece relação com a ideia de *estratégia visando a um fim*. Assim, temos o acarretamento *TRABALHO É ESCOLHA DE ESTRATÉGIA PARA ALCANÇAR UM FIM*, estruturada pelo EI ORIGEM-PERCURSO-META:

(285) “A gente repensou nosso modelo de futebol. Era necessária uma mudança em relação ao acerto de passes. Começamos a *montar trabalhos em cima dessa mudança*. Procuramos processos



pedagógicos para a valorização da posse de bola”, diz o graduado em Educação Física [Lucas Silvestre]. (Gonçalo Junior – Reportagem-Herdeiro de Dorival planeja ser treinador em dez anos, p.75, 2016).

Presente nos três séculos investigados, o MCI da CONSTRUÇÃO, por meio de formas predominantemente metafóricas, ancoradas nos EI's, apresenta as formas de conceptualização de trabalho que corroboraram, a nosso ver, o DE do ESPAÇO, ao sugerir a intervenção humana em seu espaço, ampliando suas anteriores limitações de atuação, por meio do trabalho, ou visando ao trabalho.

Por meio da discussão sobre o DE seguinte – o da NATUREZA – apresentamos como conhecimentos do mundo natural foram projetados pelos escreventes, no domínio-alvo *trabalho*.

### 3.1.6 Domínio da experiência da NATUREZA

No DE da NATUREZA, identificamos o MCI da CRIAÇÃO, que será discutido em seguida.

#### 3.1.6.1 Modelo Cognitivo Idealizado da CRIAÇÃO

Ao considerarmos a situação contemporânea do mundo do trabalho no Brasil, notamos que a instabilidade no emprego tem acarretado a propagação do sentimento de não-pertença, mediante o fenômeno cunhado por Antunes (2011 [1995], p.38), como sendo o “desemprego estrutural”, ocasionado pelo aumento de mão-de-obra que não pode ser absorvida pelo mercado, não mais por um período determinado, mas configurando um estado social que parece ser permanente<sup>197</sup>.

Em especial, pelo incremento das novas tecnologias nos processos produtivos, antigos postos de trabalho que dependiam da manipulação humana passaram a ser

---

<sup>197</sup> A este respeito, citamos, ainda, o autor: “[...] se por um lado, podemos considerar o trabalho como um momento fundante da vida humana, ponto de partida no processo de humanização, por outro lado, a sociedade capitalista o transformou em trabalho assalariado, alienado, fetichizado. O que era uma finalidade central do ser social converte-se em meio de subsistência. A força de trabalho torna-se uma mercadoria, ainda que especial, cuja finalidade é criar novas mercadorias e valorizar o capital. Converte-se em meio e não primeira necessidade de realização humana”. (ANTUNES, 2008, p.3).

substituídos por máquinas, além de muitos setores de prestação de serviços, por exemplo, que já são considerados desnecessários, visto que o mundo em rede, resultante do incremento das formas de novas tecnologias aplicadas aos meios de comunicação, encurtou distâncias, reduziu gastos e relativizou a dependência da ação humana direta para a consecução de determinadas atividades. Vive-se, nesse contexto, o que Castells (2000) entende como um dos intervalos que marcam a história humana, e “cuja característica é a transformação de nossa ‘cultura material’ pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação” (CASTELLS, 2000, p.67).

Concordamos com Morin (2011, p.234), ao pontuar que:

O trabalho físico que utiliza a energia humana está diminuindo graças à automatização e à robotização dentro das fábricas. O trabalho industrial também está se reduzindo a favor do desenvolvimento dos serviços e o auge do trabalho informatizado<sup>198</sup>.

Assim, a sensação de constante não pertencimento em relação ao trabalho é seguida pelo rápido movimento de substituição e “descarte” dos trabalhadores. Bauman (2001) associa esse processo de não identificação com a transição da atividade artesanal para o estabelecimento da produção fabril, em que o interesse pelas atividades laborais, como sendo algo honroso e que deveria ser o alvo do trabalhador, foi sendo, aos poucos, desgastado pela nova configuração hierárquica nos ambientes das indústrias.

Assim, percebemos como esse entrelaçamento de propósitos afetos ao trabalho modificou, inclusive, as relações humanas, que, a partir de então, reafirmam os lugares sociais, através da hierarquização trabalhista. Na perspectiva baumaniana, tal migração dos processos produtivos acarretou na perda da emoção característica dos processos artesanais, em detrimento do distanciamento ocasionado pela racionalidade do mercado, já que o caráter mais particularizado do mesmo não faz

---

<sup>198</sup>Tradução nossa do original: “El trabajo físico que utiliza la energía humana está disminuyendo gracias a la automatización y a la robotización dentro de las fábricas. El trabajo industrial también se está reduciendo a favor del desarrollo de los servicios y el auge del trabajo informatizado”.

mais sentido no âmbito da coletividade, o que conduziu à perda de sentido na realização do trabalho<sup>199</sup>.

Nas ocorrências que se enquadraram no MCI da CRIAÇÃO, pudemos inferir essa transição de conceptualizações, iniciando pela valorização do processo produtivo em seu aspecto criativo, até a perspectiva mais atomizada do trabalho contemporâneo, em relação ao trabalhador. Observemos como as mesmas se deram.

Em (67), por exemplo, houve uma alusão ao caráter criativo/criador do trabalho:

(67) E que triste e desoladora perspectiva esta – de *vastas oficinas e ruidosas fabricas desertas, sem mais a movimentação fecunda do trabalho* – e as profundas minas, abandonadas, abrindo para os céus as gargantas escuras – num tenebroso bocejo. (Crônica – Dia a dia, p.1, 1892).

Percebemos a retomada metonímica do trabalho como o lugar de sua realização, mais especificamente, as “vastas oficinas e ruidosas fabricas” e “as profundas minas”, acionando a conceptualização metafórica TRABALHO É LUGAR. Assim, a partir do momento em que as fábricas estavam *desertas*, seria um indicativo de que o trabalho não estava sendo executado, ideia também reforçada pelo trecho “sem mais a movimentação fecunda do trabalho”, que nos sugeriu as metáforas TRABALHO É GERADOR DE MOVIMENTO e TRABALHO É GERADOR DE MOVIMENTO FECUNDO. Nesse aspecto, entendemos que esta ocorrência pertence ao MCI da CRIAÇÃO, na medida em que, ao lançar mão de termos como *fecundo* e *movimento*, aciona saberes enciclopédicos a respeito dos processos de fecundação humana, que envolvem a movimentação das células reprodutivas masculinas até o encontro das células femininas, que, em sendo ambas férteis e ativas nesse processo, em um ambiente específico, gerarão uma nova vida. Assim, temos que

---

<sup>199</sup>A esse respeito, citamos Bauman: “A solução para o problema foi praticar uma instrução mecânica, a fim de habituar os trabalhadores a obedecer sem pensar, ao tempo em que os privava do orgulho do trabalho bem feito e os obrigava a cumprir tarefas cujo sentido lhes escapava [...]. O novo regime fabril necessitava somente de partes de seres humanos: pequenas engrenagens sem alma integradas a um mecanismo mais complexo [...]. A imposição da ética do trabalho implicava a renúncia à liberdade” (BAUMAN, 2000, p.20). Tradução nossa do original: “La solución al problema fue la puesta en marcha de una instrucción mecánica dirigida a habituar a los obreros a obedecer sin pensar, al tiempo que se los privaba del orgullo del trabajo bien hecho y se los obligaba a cumplir tareas cuyo sentido se les escapaba. [...] el nuevo régimen fabril necesitaba sólo de partes de seres humanos: pequeños engranajes sin alma integrados a un mecanismo más complejo. [...] La imposición de la ética del trabajo implicaba la renuncia a la libertad”.

TRABALHO É PRODUÇÃO, resultante da conceptualização TRABALHO É GERADOR DE MOVIMENTO.

A ocorrência (139) apresenta elementos relacionados às discussões acima apontadas, como podemos observar no texto “As comemorações do dia 1 de maio na capital do paiz”:

(139) A hora histórica que estamos vivendo em meio às dificuldades criadas pelas inquietações do mundo contemporaneo, bem está a exigir um máximo de esforço e de dedicação da parte de todos quantos *num immenso esforço anonymo das massas trabalhadoras* cimentam a grandeza da nacionalidade. Que seja abençoado pela Providencia esse *trabalho fecundo do operariado brasileiro* e que delle exsurja maior e mais pujante sempre a arvore bendita da riqueza da prosperidade que há de fazer do Brasil um dos mais bellos florões da civilização humana. Cordialmente – Waldemar Falcão (ministro do trabalho). (As comemorações do dia 1 de maio na capital do paiz, p.2, 1938).

Explorando aspectos relacionados ao mundo vegetal, o escrevente se apropriou de expressões como: “*trabalho fecundo do operariado brasileiro*”, “*arvore bendita da riqueza da prosperidade*”, “*mais bellos florões da civilização humana*”. Ao qualificar o trabalho como *fecundo*, entendemos que o mesmo ancorou-se na elaboração metafórica TRABALHO É SEMENTE, visto apontar para a possibilidade de produzir vida, metaforizada, ainda, pela expressão *arvore*. Assim, entendemos que, do mesmo modo que SEMENTE É GERADORA DE ÁRVORE, TRABALHO É GERADOR DE PROSPERIDADE, visto que PROSPERIDADE É ÁRVORE (“*arvore bendita da riqueza da prosperidade*”).

A partir dos ciclos de vida dos vegetais, sabemos que, antes de uma árvore produzir frutos, há a geração de flores, que, no texto, é associada à “*civilização humana*”; assim, temos a correspondência: FLORES PRECEDEM FRUTOS, do mesmo modo que PROSPERIDADE PRECEDE CIVILIZAÇÃO. Como a *prosperidade* resultante do *fecundo trabalho*, temos que a força motriz da *civilização humana* é o *trabalho fecundo*, de onde podemos inferir a metáfora complexa TRABALHO É GERADOR DE CIVILIZAÇÃO HUMANA, ancorada no EI do CICLO.

Um aspecto a ser posto é que tal geração não é atribuída a um agente específico; no trecho “*trabalho fecundo do operariado brasileiro*”, ocorre, a nosso ver,

um apagamento do sujeito, pois não se identifica quem seja a “massa” que trabalha. Assim, *TRABALHO COLETIVO É ATIVIDADE DE GERAÇÃO ANÔNIMA*.

No texto “Desemprego pode cair para níveis de 96”, o tema do avanço da economia brasileira é discutido a partir de diversas conceptualizações metafóricas, em que ocorre a predominância de elementos do MCI da CRIAÇÃO. Sendo um texto que trata da importância da movimentação econômica, em um período de transição de séculos (do XX para o XXI), a estratégia de convencimento de que o governo mantém o controle sobre o avanço econômico sobre a vida do país, pareceu-nos serem algumas das motivações para tal escrita. Assim, o ancorar-se na “geração de empregos”, e, conseqüentemente, aumento de renda (melhoria da qualidade de vida) da população converteu-se em uma estratégia a ser utilizada, especialmente pelo fato de ser divulgada pela mídia nacional impressa, visando ao público eleitor, através de seus diversos canais de comunicação. Observemos mais detidamente como compreendemos tais elaborações, ao longo do texto, no qual identificamos as ocorrências que discutiremos em seguida.

O título em questão, “Desemprego pode cair para níveis de 96”, aponta para um uso conceptual sobre o “desemprego”, ancorado no EI do RECIPIENTE. Considerando que o “nível”, a que se refere, é uma forma de medir um fluido em um recipiente, em que a marcação externa mais elevada sugere crescimento, e a menos elevada, diminuição, constatamos que o “desemprego” pode ser entendido, a partir de uma metáfora ontológica, como uma substância ou fluido que se dilata ou se retrai; desta forma, entendemos ter sido acionado o EI CHEIO-VAZIO, que sugere, respectivamente, aumento/diminuição de quantidades.

Em (201) e (207), também observamos este acionamento do referido EI, além do EI do PROCESSO, já que o trecho aponta para um “Crescimento e emprego para todos”, sendo associado, como na ocorrência seguinte, ao “*movimento* de aumento”, destacando o aspecto dinâmico das relações econômicas:

(201) *Crescimento e emprego para todos*. É o que desejamos comemorar nos próximos dias do trabalho. (Propaganda, p.9, 1991).

(207) “Foi um aumento de 3,8% sobre março de 99”, disse o secretário. “Isso mostra que continua o movimento de aumento da *criação* de

*emprego, na margem*". (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37, 2000).

A partir da leitura, do texto integral, em que identificamos a ocorrência (207), por exemplo, observamos os seguintes mapeamentos: o recipiente é cenário brasileiro, o fluido é o desemprego e o nivelador é a medição do desemprego no ano de 1996. Assim sendo, temos, a partir do título, a conceptualização *DESEMPREGO É UM FLUIDO EM UM RECIPIENTE*, já que pode ser dilatado ou diminuído, e, portanto, medido.

Em uma elaboração que trata algo aparentemente negativo, como sendo positivo, na expressão “Desemprego pode cair para níveis de 96” o escrevente nos pareceu destacar o aspecto positivo dessa informação: em que uma diminuição no nível corresponde a um aspecto positivo na experiência econômica brasileira naquele momento. Assim, as metáforas orientacionais PARA CIMA É POSITIVO, PARA BAIXO É NEGATIVO (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980]) foram ressignificadas, em ocorrências que apontam contrário: PARA BAIXO É POSITIVO, no acarretamento *QUEDA DO DESEMPREGO É POSITIVO*.

Essa ressignificação apareceu, também, na ocorrência (211), em que o aumento da taxa de desemprego é conceptualizado como algo negativo, sendo que a “expectativa” do governo é, portanto, sua diminuição:

(211) *A expectativa de Amadeo é que a taxa de desemprego recue dos atuais 8,1%, registrado em março, para algo como 5,5% - o mesmo nível de antes das crises asiática, russa e brasileira – no fim de 2001. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).*

Tal desconstrução do próprio aspecto primário dessa metáfora (GRADY, 1997), corrobora a ideia de Kövecses (2010), segundo o qual, somente em contexto é que algumas formas de conceptualização farão sentido. Assim, temos que TRABALHO É ATIVIDADE MENSURÁVEL, pelo EI da VERTICALIDADE, que, nesse aspecto, estruturou a conceptualização de forma inversa, perspectivando o acarretamento metafórico *AUMENTO DA TAXA DE DESEMPREGO É NEGATIVO*, além de seu oposto *AUMENTO DA TAXA DE EMPREGO É POSITIVO*, o que, por

acarretamento nos sugere que *MAIOR TAXA DE EMPREGO É POSITIVO*, visto que *EMPREGO É POSITIVO*.

Em (205), observamos a estratégia do escrevente ao desenvolver a ideia proposta no título, através do comparativo com medições do nível da economia nacional realizadas anteriormente, no ano de 1996:

(205) *A criação de empregos na economia brasileira está em níveis que não se viam desde outubro de 96, segundo informou ao Estado o secretário de política econômica, Edward Amadeu. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).*

O MCI da criação foi acionado nas expressões como “*criação de empregos na economia brasileira*” (205), que nos remeteram à metáfora ontológica *EMPREGO É FRUTO*, recorrente no âmbito da economia (pela preposição *em*), de modo que, metonimicamente, temos *ECONOMIA POR LUGAR*.

(206) *Em março, segundo dados divulgados na quinta-feira, pelo IBGE, foram criados 620.616 novos postos de trabalho, na comparação com março do ano passado. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).*

(209) *A abertura de novos postos de trabalho está relacionada com o aquecimento na economia que vem sendo registrado desde o fim do ano passado. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).*

Nos trechos “foram criados 620.616 novos *postos de trabalho* [...]” e “a abertura de novos *postos de trabalho*” (206), inferimos uma conceptualização metaftonímica, em que a metáfora *TRABALHO É POSTO*, foi motivada pela metonímia *ESPAÇO DE TRABALHO POR TRABALHO*. Assim, temos o acarretamento *CRIAR POSTOS É CRIAR OPORTUNIDADES DE TRABALHO*. Ao proporcionar uma associação entre o local de trabalho e as atividades que nele serão desenvolvidas, em (209), notamos a evocação da metonímia *TRABALHO POR POSTO* e, considerando que “assumir” um posto, acarreta em tomar para si responsabilidades, percebemos a metáfora *TRABALHO É RESPONSABILIDADE*, visto que, se alguém “assume” a empresa, será somente uma consequência responsabilizar-se pelo que advirá dessa ocupação.

Em (208), o trecho “há crescimento na abertura de novas vagas” aparece, como consequência do “crescimento do Produto Interno Bruto (PIB)” (210), em que

podemos aventar uma ancoragem nos EI's do PROCESSO e do EQUILÍBRIO, em que o PIB e as vagas de emprego estão em uma relação de dependência, de sorte que, se há crescimento do PIB, haverá possibilidades de trabalho, na medida em que se “umentem as vagas”:

(208) O secretário refere-se ao fato de que há *crescimento na abertura de novas vagas*, nos dados mensais mais recentes, embora esse efeito não apareça quando se consideram as taxas de desemprego de um período maior de meses. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37, 2000).

(210) Neste ano, o governo espera *um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 4%*, ante cerca de 0,5% registrado em 99. Por isso, é de se esperar que *umentem as vagas*. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37, 2000).

Novamente, a economia – aqui metonimizada pelo PIB – é um fluido que, elevando seu nível, por dilatar-se, em um recipiente (que seria o contexto social do país), eleva, igualmente, a taxa de trabalho, aqui, metonimizado pelo número de *vagas de trabalho*. Porém, como a oferta foi menor do que a procura, o texto desconstrói esta expectativa, quando, em (212) e (213), aponta que não há trabalho suficiente para todos:

(212) Ao mesmo tempo em que *surgiram novas vagas, também aumentou o número de pessoas procurando emprego* – principalmente mulheres e jovens, que *saíram à busca de trabalho*, após a crise internacional, na tentativa de recompor a renda familiar. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).

Com o aumento da oferta de novas oportunidades de trabalho, houve maior procura pelas mesmas. O escrevente assim resume tal busca: “principalmente mulheres e jovens, que saíram à busca de trabalho, após a crise internacional, na tentativa de recompor a renda familiar” (212), que “não encontrou vagas por causa do impacto da crise financeira internacional do Brasil” (213). Diante dos fatos apresentados, podemos inferir a conceptualização TRABALHO É UM BEM QUE SE PROCURA, ancorada na metáfora geral TRABALHO É BEM PRECIOSO (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980]), conforme observamos a seguir:



(213) Há um estoque de pessoas que tentou *entrar no mercado de trabalho* a partir de outubro de 97 e *não encontrou vagas* por causa do impacto da crise financeira internacional do Brasil. Agora, com a economia em processo de reaquecimento, esse estoque está sendo gradualmente absorvido. Por isso, *a taxa de desemprego começará a recuar* a partir do segundo semestre deste ano. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).

O trecho “Há um estoque de pessoas que tentou entrar no mercado de trabalho” (213) aponta para o EI do RECIPIENTE, em que *MERCADO DE TRABALHO É LUGAR*, onde as pessoas “tentaram entrar”, indicando, além disso, o EI do BLOQUEIO, indicando que, para conseguir tal “entrada” seria necessário um emprego de forças significativo.

O trecho “com a economia em processo de reaquecimento, esse estoque está sendo gradualmente absorvido. Por isso, a taxa de desemprego começará a recuar” (213) aponta para o acionamento do EI do PROCESSO, visto que uma espécie de ciclo se deslinda diante de nós: a economia, como um fluido em um recipiente, ao se aquecer (novamente) eleva o seu nível; isso ocasiona a absorção do “estoque” (pessoas procurando trabalho), o que, em consequência, faz a taxa de desemprego recuar, pelo aumento do número de novos empregados. Em um *cluster model*, notamos a mescla de vários EI’s (como os do PROCESSO, RECIPIENTE, CONTRAFORÇAS, EQUILÍBRIO, CICLO) operando na estruturação do acarretamento *MOVIMENTO DA ECONOMIA GERA TRABALHO*. Ao deduzirmos esta metáfora complexa, notamos que outros acarretamentos se agruparam, como: *ECONOMIA É UM FLUIDO EM UM RECIPIENTE, PESSOAS SEM TRABALHO FORMAM UM ESTOQUE, PESSOAS SEM TRABALHO SÃO UMA SUBSTÂNCIA A SER ABSORVIDA, ABSORVER ESTOQUE É GERAR TRABALHO, AUMENTO DA ECONOMIA GERA DIMINUIÇÃO DE DESEMPREGO*, e, em consequência, seu oposto: *AUMENTO DA ECONOMIA GERA AUMENTO DE EMPREGO*.

Em (214) e (215), o escrevente apresenta a especificidade do tipo de trabalho que tem surgido, no âmbito da nova situação econômica, através da distinção entre o emprego formal e o informal:

(214) Um dado que chamou a atenção do governo é que as *novas vagas que estão surgindo* são, em sua maior parte, as chamadas

*informais, ou seja, sem carteira assinada.* (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37, 2000).

(215) Segundo dados do IBGE, das 620.616 *novas vagas abertas em março*, apenas 92.424 foram com carteira assinada, contra 454.346 sem carteira, fora os 67.152 trabalhadores por conta própria e 3.838 novos empregadores surgidos no período. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).

O primeiro (formal), o é por conta do registro em carteira, o que implica em mais segurança para o trabalhador, no sentido de que uma possível demissão gerará mais gastos para o empregador, enquanto que a modalidade informal, “ou seja, sem carteira assinada” (214), é mais instável para o trabalhador. Assim, também, pelas ocorrências seguintes, compreendemos que *TRABALHO FORMAL É LEGAL*, enquanto que *TRABALHO INFORMAL É ILEGAL*:

(216) “Há uma tese, com a qual não concordo, que o crescimento econômico por si só diminui a informalidade”, disse o secretário. “Eu diria que o crescimento não atrapalha, mas também não explica tudo, pois entre 94 e 97, *o País cresceu muito e a proporção de trabalho ilegal não caiu*”. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).

(219) O *avanço do emprego ilegal* mostra que o atual formato do *emprego formal precisa ser revisto*. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).

(220) No primeiro trimestre de 2016, como já previsto pelos analistas, [o desemprego] atingiu o assustador índice de 10,9%, ou 11,1 milhões de trabalhadores no olho da rua. Somente o setor industrial, em 12 meses contando até março, *fechou 1,52 milhão de postos de trabalho*. (Fórum dos leitores – O grande golpe: descalabro econômico- Paulo Panossian, p.2, 2016).

As expressões “a proporção de *trabalho ilegal* não caiu” (216) e “o avanço do *emprego ilegal*” (219) apontam, ao mesmo tempo, para uma distinção e uma aproximação semântica entre *trabalho* e *emprego*; assim, entendemos que o fator diferenciador entre ambos é o aspecto da formalização via carteira de trabalho. Dessa forma, temos a metonímia TIPO DA ATIVIDADE PELA ATIVIDADE, mais especificamente, *TRABALHO FORMAL POR EMPREGO*. Como o crescimento de um ocasiona o do outro (“o crescimento econômico por si só diminui a informalidade” (216)), percebemos sua estruturação por meio do EI do EQUILÍBRIO. A partir do trecho “o País cresceu muito e a proporção de trabalho ilegal não caiu” (216), captamos o uso metonímico do tipo *TODO PELA PARTE*, em que *país* é

perspectivado em lugar de *economia do país*. O trecho “[o desemprego] atingiu o assustador índice de 10,9%” (220) aponta para o EI da SUBSTÂNCIA, visto que, assim como um fluido em um recipiente, ao aumentar sua dilatação, ocupa maior espaço em seu interior, assim também se deu com o aumento do desemprego, medido por meio dos “índices” então divulgados.

A fim de tentar explicar tal aumento da economia atrelado ao aumento de trabalho informal, o escrevente, em (217), lança mão de outra expressão metafórica, que nos remeteu ao MCI da criação: “*raiz da maior oferta de vagas*”:

(217) *Na raiz da maior oferta de vagas sem carteira assinada, o secretário vê uma mistura de fatores que passam pela universalização dos serviços públicos de saúde, pelo processo inflacionário das últimas décadas e até pela relação do cidadão com o governo. Ele avalia que a Constituição de 88, ao estender a todos os cidadãos o acesso ao serviço público de saúde, acabou desvalorizando a carteira de trabalho – até então exigida para dar acesso ao atendimento. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).*

Como nossa experiência com raízes, na natureza, se dá, prototipicamente, com aquelas do tipo subterrâneo (ainda que haja as de tipo aéreas ou externas, por exemplo), associamos a raiz a algo que é o sustentáculo do vegetal, e que, portanto, encontra-se em sua base, como um fundamento, um alicerce. Dessa forma, temos, em (217), “*Na raiz da maior oferta de vagas sem carteira assinada, o secretário vê uma mistura de fatores*”, RAIZ POR FUNDAMENTO (metonímia), ao mesmo tempo em que RAIZ É CAUSA DO CRESCIMENTO (metáfora).

No trecho, “*acabou desvalorizando a carteira de trabalho*” (217), observamos a metonímia do tipo DOCUMENTO PELA ATIVIDADE, em que carteira de trabalho está em lugar de trabalho formal.

Em conclusão ao texto “*Desemprego pode cair para níveis de 96*”, em (218), a expressão *criam* também retoma o MCI da criação:

(218) *As diferenças entre o emprego com carteira assinada e sem carteira assinada criam dois tipos totalmente diferentes de trabalhador no Brasil, avalia o secretário. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).*

O agente criador, nesse caso, refere-se aos tipos de trabalho: “o emprego com carteira assinada e sem carteira assinada”, e os frutos seriam “dois tipos totalmente diferentes de trabalhador no Brasil”. Desse modo, temos a metáfora genérica TRABALHO É CRIADOR, mais sistematizada em TIPO DE TRABALHO É GERADOR DE TIPO DE TRABALHADOR; e, por acarretamento, *TIPO DE TRABALHADOR É FRUTO*.

Em continuação à estruturação do MCI da criação, o escrevente do texto “Temer quer fechar 2016 criando empregos”<sup>200</sup>, em que foram localizadas as ocorrências (252), (253), (256), (257) e (258), discutidas em seguida, apropria-se de alguns elementos da incerteza e do não-pertencimento do trabalhador ao seu lugar / posição laboral, e, a nosso ver, elabora toda uma argumentação propagandística sobre as propostas de melhoria do cenário econômico, por um novo governo do Brasil. A referida reportagem versa, especificamente, sobre as estratégias que seriam adotadas pelo, então, vice-presidente da República, Michel Temer, no caso de vir a assumir o poder, em função do *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff. De acordo com o texto, tal estratégia de desenvolvimento da economia, a ser praticada por sua equipe financeira serviria como medida emergencial, também, para amenizar a insatisfação popular e minimizar a grave crise econômica enfrentada pelo país, no ano de 2016, especialmente no setor trabalhista. Passemos a observar como se deram as referidas estratégias, a partir das seguintes ocorrências:

(252) Eventual governo acredita em retomada com a *criação de 100 mil vagas formais*. (Murilo Rodrigues Alves- Reportagem- Temer quer fechar 2016 criando empregos, p.34, 2016).

(253) O vice-presidente, Michel Temer, elegeu como prioridade de um eventual governo peemedebista recuperar a última bandeira conquistada pelo PT e perdida no ano passado: a *geração de vagas com carteira assinada*. (Murilo Rodrigues Alves- Reportagem- Temer quer fechar 2016 criando empregos, p.34, 2016).

---

<sup>200</sup> Mesmo que a expressão linguística utilizada no título tenha sido “empregos”, entendemos, de uma forma geral, que a atividade trabalhista se encontra então subentendida. Não foi nossa preocupação, no presente estudo, realizar distinção entre *trabalho* e *emprego*, a partir de implicações ou formalizações legais. Como já fora apontado na seção *Aspectos metodológicos*, a busca pelas ocorrências não se deu apenas no nível lexical, mas sim no contextual, o que permitiu considerar ocorrências como as seguintes, que se referem às atividades dos trabalhadores, entendidas, portanto, como seu *trabalho*, independentemente de questões legais. Desse modo, para fins de análise dessas ocorrências, não estabelecemos distinções categoriais entre as duas expressões.

(256) O esforço para *chegar a 100 mil novas vagas* será grande, tendo em vista que em 2015 foram fechados 1,54 milhão de postos com carteira assinada. Na hipótese de conseguir alcançar a marca, mesmo assim o resultado de 2016 será inferior ao de 2014 (quando foram geradas 420 mil vagas) e 2013 (1,138 milhão). Mas superior ao de 2012, quando *foram criadas apenas 70 mil vagas*. (Murilo Rodrigues Alves- Reportagem- Temer quer fechar 2016 criando empregos, p.34, 2016).

(257) A *queda no desemprego* virou uma das grandes vitrines de propaganda do governo petista. (Murilo Rodrigues Alves- Reportagem- Temer quer fechar 2016 criando empregos, p.34, 2016).

(258) Segundo os conselheiros de Temer, é possível *criar 100 mil vagas neste ano*, graças a alguns fatores, como a volta da credibilidade de uma nova equipe econômica, chefiada pelo ex-presidente do Banco Central, Henrique Meirelles. A mudança na percepção dos investidores destravaria as concessões de rodovias, aeroportos, rodovias e portos, e impulsionaria *a criação de vagas no setor*. (Murilo Rodrigues Alves- Reportagem- Temer quer fechar 2016 criando empregos, p.34, 2016).

Pela estrutura geral da reportagem “Temer quer fechar 2016 criando empregos”, identificamos a recorrência de expressões metafóricas relacionadas ao MCI da CRIAÇÃO, no que tange ao nascimento e à atividade criadora, através do uso de expressões, como as destacadas, em: “retomada com a *criação* de 100 mil vagas” (252), “a *geração* de vagas com carteira assinada” (253), “foram *criadas* apenas 70 mil vagas” (256), “é possível *criar* 100 mil vagas neste ano”, “impulsionaria a *criação* de vagas no setor” (258). O uso dos verbos *criar* e *gerar* acarretou, a nosso ver, na metáfora geral TRABALHO É CRIAÇÃO, como estando subjacente ao texto.

Pudemos identificar uma das consequências dessa criação de vagas em (257): “A *queda no desemprego* virou uma das *grandes vitrines* do governo petista”; a relação, estruturada pelo EI do EQUILÍBRIO, segundo a qual o aumento de vagas proporciona a diminuição do desemprego; resultados usados como “vitrine” ou como propaganda de governo, de modo a inferirmos que TRABALHO É PROPAGANDA, pela metáfora primária MAIS É POSITIVO.

Nossa percepção sobre a estruturação do MCI da CRIAÇÃO contou, ainda, com o acionamento de conhecimentos enciclopédicos a respeito da criação/geração humana, a qual envolve alguns elementos como: os progenitores, os fatores de risco/favorecimento da fecundação, o ambiente de fecundação, as etapas de

maturação, o parto de tipo “natural”<sup>201</sup> e o crescimento de um novo ser. Tais mapeamentos puderam ser captados por nós em algumas expressões, como em “*Eventual governo acredita em retomada com a criação de 100 mil vagas formais*” (252), em que o eventual governo é o progenitor; “Segundo os conselheiros de Temer, é possível *criar 100 mil vagas* neste ano, graças a alguns fatores, como a volta da credibilidade de uma nova equipe econômica, chefiada pelo ex-presidente do Banco Central, Henrique Meirelles” (258), que seriam os fatores que favorecem a fecundação; “é possível *criar 100 mil vagas* neste ano” (258), como sendo o ambiente da fecundação, entendendo metonimicamente o tempo pelo lugar (“neste ano”), através da metonímia TEMPO POR ESPAÇO, que no caso, em específico, temos o acarretamento metonímico: ANO DO GOVERNO PELO LOCAL DA FECUNDAÇÃO; “A mudança na percepção dos investidores destravaria as concessões de rodovias, aeroportos, rodovias e portos, e *impulsionaria* a criação de vagas no setor”, “O *esforço* para chegar a 100 mil novas vagas será grande” (258), que associamos aos momentos das contrações, já que estas iniciam o processo de expulsão da criança, impulsionando-a para fora do útero, através do “esforço” da mulher, assim como acordos econômicos “impulsionariam” a criação de novas vagas. Percebemos, em (258), os EI’s de RECIPIENTE, de FORÇAS e da ELIMINAÇÃO DE BARREIRAS, no sentido de que as vagas precisam de um “impulso” para serem “geradas”, ou saírem à vista, de dentro de um lugar, que seria o projeto governamental.

Essas ocorrências sugeriram uma especificidade do processo de criação que não necessita, em todas as etapas, da contrapartida advinda de uma parceria de dois progenitores, visto que só o governo mobilizará suas estratégias para alcançar este objetivo. Essa conceptualização aciona o modelo cultural contemporâneo das gestações independentes, a partir do qual as formas não convencionais de fecundação são, cada vez mais, utilizadas por mulheres com limitações de ordens diversas para conceberem, apontando para os múltiplos MCI’s de *mãe*, amplamente discutidos por Lakoff (1987). Assim, a não dependência direta de um progenitor necessariamente conhecido pela mulher, para uma gestação física, projetou-se no domínio da empresa, como em (258): “Na hipótese de conseguir alcançar a marca, mesmo assim o resultado de 2016 será inferior ao de 2014 (quando foram geradas

---

<sup>201</sup> Referimo-nos ao parto *natural* devido ao fato de que os mapeamentos identificados nas ocorrências nos pareceram mais associados, conceitualmente, com este tipo de parto.

420 mil vagas) e 2013 (1,138 milhão)”, ao sugerir uma criação independente, de modo que, a partir do domínio-fonte *criação*, entendemos ser o *governo* o gerador, e os resultados (ou domínio-alvo) como sendo os *empregos*.

Nesse contexto, o *governo*, metonimicamente representado pela expressão “Temer”, atuaria como um agente criador e o *trabalho*, por sua vez, seria o resultado desta ação criativa, conforme sugere-nos o título da reportagem: “Temer quer fechar 2016 *criando* empregos”. A partir disso, aventamos a conceptualização inicial TEMER É CRIADOR, que, por sua vez, aponta para seu acarretamento metafonímico GOVERNO É CRIADOR, como podemos observar no trecho “Eventual governo[...]”, em (252), que especifica o agente não mais como uma única pessoa, mas ampliando seu sentido, como também percebemos em (253), pelo uso da expressão “prioridade de um eventual governo peemedebista”. Assim, temos a metáfora conceptual TRABALHO É CRIAÇÃO.

Percebemos, a partir das seguintes expressões: “a criação de 100 mil vagas formais” (252), “a geração de vagas com carteira assinada” (253), “postos com carteira assinada” (256), a especificação do tipo de trabalho ao qual se refere, a saber, atividade remunerada que seja formalizada mediante assinatura da carteira de trabalho, provavelmente como uma resposta às expectativas populares que reagiram às tentativas contemporâneas de precarização do trabalho, exigindo do governo medidas concretas de valorização do trabalhador, por meio do estabelecimento de relações mais seguras entre empresa-empregados.

Assim, o trabalho a ser criado é aquele de tipo formal, de onde podemos inferir a metonímia TIPO DE TRABALHO POR TRABALHO. Ainda a respeito dos mesmos trechos, observamos que o uso das expressões “vaga” e “posto” (de trabalho) apontam para outra relação metonímica, ao tomar o LOCAL PELA ATIVIDADE (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]), ao indicar o espaço onde se realizará a atividade laboral.

No trecho “Na hipótese de conseguir alcançar a marca, mesmo assim o resultado de 2016 será inferior ao de 2014 (quando foram *geradas* 420 mil vagas) e 2013 (1,138 milhão). Mas superior ao de 2012, quando foram criadas apenas 70 mil vagas”, em (256), notamos que, na expressão “*geradas* 420 mil vagas”, houve uma remissão somente ao processo, sem especificar, nesse caso, os partícipes do ato de

gerar, focando apenas no resultado do processo gerador. Assim, identificamos a conceptualização metafórica TRABALHO É GERAÇÃO, sendo esta uma metáfora mais geral, que englobou diversos outros acarretamentos. Julgamos possível inserir essa ocorrência no MCI da CRIAÇÃO, por compreendermos que esta corresponderia ao início do processo criativo, estando a ele subordinado. Após a geração, seguem-se diversos aspectos que envolvem o criar: assumir, cuidar etc.

Percebemos, ainda, que, na ocorrência, o escrevente lançou mão das metáforas primárias MAIS É POSITIVO, MENOS É NEGATIVO (LAKOFF; JOHNSON 2002[1980]; KÖVECSES, 2010; GRADY, 1997), estabelecendo um comparativo entre o nível de crescimento da economia de anos anteriores com o de então; assim, se para 2014 e 2013 houve uma geração de vagas superior às 100.000 vagas propostas para 2016, esta marca supera o que fora alcançado somente em 2012 (70 mil).

Presente nos séculos XIX, XX e XXI, notamos que o MCI da CRIAÇÃO contou com formas de conceptualização de cunho metafórico e metonímico, estruturadas pelos El's, em suas formas de conceptualização do trabalho. Projetando conhecimentos do mundo natural – leia-se experiências humanas resultantes da interação corpo e natureza – notamos como os escreventes estabeleceram links conceptuais entre o trabalho e a natureza criativa, que se aplicaram à situação do mundo laboral, em suas problemáticas e desdobramentos atinentes ao seu próprio tempo e espaço.

Tais relações, por sua vez, em um âmbito mais abstratizado, pudemos observar no último domínio-fonte elencado em nosso estudo, e que será discutido em seguida: o do PROCESSO.

### 3.1.7 Domínio da experiência do PROCESSO

No DE do PROCESSO, identificamos os seguintes MCI's: RESULTADO, MEIO PARA ALCANÇAR ALVO, FIM, ATIVIDADE A SER AVALIADA, FUNCIONAMENTO/DESEMPENHO os quais discutiremos em seguida.



### 3.1.7.1 Modelo Cognitivo Idealizado do RESULTADO

A partir da fala heidemanniana, abaixo citada, observamos que *trabalho* se trata de um conceito complexo para se enquadrar em apenas uma categoria, especialmente, por sua característica movente e autossignificante. Estaria o autor sugerindo que o trabalho pode ser pensado enquanto parte central da história, enquanto condição ou atividade humana?

Estudado como um metabolismo natural, o trabalho parece ser a essência humana, a isso chamamos de fetichismo do trabalho, naturalização de uma relação social historicamente determinada, uma objetividade contraditória e por isso em transformação. Tomado como simples produtor de matéria, o trabalho está constantemente se autossuperando. (HEIDEMANN et al., 2014, p.55).

A necessidade de enaltecimento do trabalho, segundo Furtado (2003 [1959]), alcança padrões mais elevados, a tal ponto que o trabalho ganha uma importância significativa para as relações humanas, daí a necessidade de qualificá-lo.

Observamos esta tendência no presente MCI. A ocorrência (2) demonstra a preocupação do escrevente em enaltecer o trabalho como o resultado de um processo:

(2) Damos hoje a ultima parte *deste notavel trabalho ao mesmo tempo historico e politico*, devido á penna erudita e laboriosa do Dr. José Maria Costa, cujo merito de jornalista e publicista é escusado lembrar [...] prestado a este jornal. (Variedades: recordações sobre o poder pessoal, p.2, 1875).

Nesta ocorrência, a adjetivação do trabalho, como em “notavel trabalho” (2), não somente qualifica os feitos de alguém, mas, sim, propõe a antecipação textual do resultado, ao invés do agente (“Dr. José Maria Costa”), ao explicitar que o trabalho é que é notável, e não quem o realizou. Gramaticalmente, um adjetivo pode qualificar não somente pessoas, mas coisas e lugares, porém, na expressão, em (2), percebemos uma intencionalidade que ultrapassa o plano do elogio: o foco não é o agente, e sim o seu *resultado*. Notável não é o trabalhador, e sim o trabalho. Ainda em (2), a expressão “a ultima parte deste notavel trabalho” ancora-se no EI PARTE-

TUDO, o que aponta para a atomização das atividades laborais, já permeando o imaginário do último quartel do século XIX. Esta atomização pode ser percebida na metonímia do tipo PARTE PELO TODO, em “parte deste notável trabalho”, segundo o qual PARTE NOTÁVEL DO TRABALHO É RESULTADO, perspectivando-se não qualquer parte, mas aquela considerada pelo escrevente como “notável”, para figurar como o resultado esperado.

(24) Recebemos e agradecemos um folheto com esse título, no qual o sr. Salvador Carlos Avelino, que militou na guerra do Paraguay, relata ocorrencias daquella campanha. *É um trabalho ligeiro, mas que não deixa de ser interessante por muitos titulos.* (Notícia – Reminiscencias do Paraguay, p.3, 1879).

Em (24), observamos que ocorreu a divulgação de uma produção literária, considerada pelo escrevente como um “trabalho ligeiro”, que entendemos como sendo de pequena extensão, de modo que a metáfora que identificamos foi TRABALHO É OBRA LITERÁRIA, ao particularizar a metáfora mais geral e subjacente TRABALHO É RESULTADO.

Semelhante conceptualização também foi identificada nas ocorrências seguintes, por demonstrarem a preocupação em divulgar resultados de trabalhos, de modo a sugerir a metáfora TRABALHO É RESULTADO:

(26) Este diccionario é o *trabalho mais completo*, mais exacto e menos custoso daquelles que no mesmo genero e sobre a lingua portuguesa até hoje tem sido publicados. (Anuncio – Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa, por Francisco Caldas Aulette, p.3, 1879).

(27) O Diccionario Contemporaneo foi elaborado à vista dos *melhores trabalhos* scientificos modernos [...]. (Anuncio – Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa, por Francisco Caldas Aulette, p.3, 1879).

(45) Falleceu há 10 dias, numa pobre casinha, o bem conhecido poeta e escriptor Guimaraes Fonseca [...] tem sua expressao no Cantico dos Canticos biblico, cuja traducção realisou com um primor admiravel. A não ser esta traducção *nenhum outro trabalho se existe*, que se possa mencionar. (Correspondência de Portugal, p.1, 1885).

(48) O n. 1 do 3 anno da *Revista de Estudos Livres* publica um *importantissimo estudo* do dr. Theofilo Braga, sobre o Pe. Antonio Vieira. Chamamos a atenção dos leitores da *Provincia* para este *trabalho do erudito professor*. (Correspondência de Portugal, p.1, 1885).

(87) *A Hespanha, Cuba e os Estado-Unidos* é o título de um interessantissimo livro que appareceu em Pariz em fins do mez passado. [...] *Não há nada mais actual e não conhecemos trabalho mais completo* sobre esse assumpto. (Notas e informações, p.1, 1898).

Nas ocorrências (26), (27), (45), (48) e (87), observamos que um trabalho foi utilizado como parâmetro de comparação para outros trabalhos, devido à qualidade positiva dos mesmos. Assim, observamos que *RESULTADO DO TRABALHO É PARÂMETRO DE COMPARAÇÃO*.

(89) O illustre clinico na capital federal, sr. dr. Francisco Fajardo [...] na Copacabana, apresentou á apreciação da Academia Nacional de Medicina numerosos preparos de tecidos e de sangue de beribericos, nos quaes procurou demonstrar a existencia de um parasita até agóra ignorado. [...] *A academia Nacional de Medicina vae dar parecer sobre esse trabalho*, e folgaremos bastante se a tentativa do nosso illustre compatriota merecer a consagração da sciencia. (Microbio do beriberi, p.2,1898).

Em (89), apesar de referir-se, também, a uma obra de divulgação, atende a outro propósito, a saber, um instrumento de divulgação científica, da área médica, identificado como “numerosos preparos de tecidos e de sangue de beribericos”, não especificando o modo desta apresentação, a respeito do qual “A academia Nacional de Medicina vae dar parecer sobre esse trabalho”. Assim sendo, há, também, subjacente, a metáfora *TRABALHO É GERADOR DE RESULTADO DE PESQUISA* cujo acarretamento seria *RESULTADO DE PESQUISA É TRABALHO A SER AVALIADO*.

Em (106) e (116), temos a ideia de que *TRABALHO É RESULTADO*, em uma compreensão ancorada no EI do *PROCESSO*, de modo a sugerir atividades e trabalhos anteriores aos que se têm acesso; nesses casos, notamos tratar-se de obras literárias, pelos trechos em destaque:

(106) Com tal fito aprendeu o missionário os dialectos indios, de fórma que se devem a religiosos os *trabalhos philologicos* que a respeito possuímos e que datam dos primeiros seculos da vida americana. (Artigo – A conquista do Brasil, p.1, 1910).

(116) Submettido á discussão o parecer foi unanimemente aprovado pela commissão promotora do monumento. Esta votou uma *menção honrosa ao trabalho do esculptor*, Sr. Eduardo de Sá, lamentando não

poder aceitar *seu bello projecto*, pois elle se afastava das bases da concorrência publica. (Notícias avulsas, p.3, 1910).

Em (129), o trabalho pode ser entendido como algo a ser honrado, em lugar daquele que o realiza; o que aponta para a metonímia TODO PELA PARTE, mais especificamente, TRABALHO POR TRABALHADOR, evidenciada na expressão “hymno [...] ao trabalho brasileiro”:

(129) A 21 de outubro de 1880 fallecia, em Petropolis, esse maravilhoso gerador de actividades, cujo nome foi por si só o maior *hymno á capacidade e ao trabalho brasileiro*. (Avulsos – Visconde de Mauá, p.5, 1910).

Em (155) e em (169), ao estruturar-se pelo EI ORIGEM-PERCURSO-META, conforme os trechos “trabalho *foi elaborado*” (155) e “*encaminhar o trabalho*” (169), observamos a conceptualização TRABALHO É RESULTADO DE ATIVIDADE COLETIVA, nos casos em questão, ao tratar especificamente de documentos – *ante-projeto* e *projeto* – visando à regulamentação e oficialização de determinadas profissões, conforme destacamos:

(155) Ao ministro do Trabalho o Sindicato dos Vendedores Pracistas do Rio de Janeiro *enviou o ante-projeto que organizou de regulamentação da profissão de vendedor representante. O trabalho foi elaborado por uma comissão* especialmente nomeada por aquelle sindicato, e esta precedido de um memorial a respeito. (Notícia – Regulamentação da profissão de vendedor representante, p.8, 1938).

(169) [...] O Conselho da OAB concluirá e aprovará o *Projeto de Oficialização da Justiça do Estado da Guanabara*, o qual será entregue ao governador Carlos Lacerda. Já foi solicitada audiência ao governador o qual, por seu turno, *deverá encaminhar o trabalho do Conselho da OAB de Guanabara à Assembleia Legislativa*, onde deverá tramitar em caráter de urgência. (Notícia – Oficialização de Justiça na Guanabara, p.6, 1962).

Em (159), a expressão “O artigo de início accentua o caracter de divulgação que tem o seu trabalho”, semelhantemente, ancora-se na conceptualização mais geral **RESULTADO DE PESQUISA É TRABALHO A SER DIVULGADO**:

(159) O artigo de início *accentua o caracter de divulgação que tem o seu trabalho*, destinado apenas a dar aos não especialistas noticias dos ultimos progressos da especialidade [...]. Refere-se á questão

etiologica do Trachoma [uma espécie de bactéria], que segundo se *deprende dos trabalhos apresentados* ao Congresso Ophtalmologico Internacional do Cairo ainda é uma questão aberta. (Notícia – Movimento associativo: Sociedade de Medicina e Cirurgia, p.11, 1938).

Nesta ocorrência, a informação sobre o tipo de resultado ficou mais evidenciada, a partir da qual pudemos deprender o acarretamento metafórico *ARTIGO CIENTÍFICO É VEÍCULO DE DIVULGAÇÃO*, por meio do EI do VEÍCULO, em que a informação desloca-se do pesquisador até às comunidades acadêmica e não-acadêmica: “destinado apenas a dar aos não especialistas noticias dos ultimos progressos da especialidade”. Nesse sentido, outro acarretamento é sugerido, a saber, *ARTIGO CIENTÍFICO É TRABALHO A SER AVALIADO*, pela expressão “o caracter de divulgação que tem o seu trabalho, destinado apenas a dar aos não especialistas noticias dos ultimos progressos da especialidade”.

Nas ocorrências (225), (236), (250), (265) e (266), notamos a conceptualização metafórica *TRABALHO É RESULTADO VISÍVEL*, relacionados às *atividades de um grupo* (“força-tarefa formada pelo Ministério Público e pela Polícia Federal responsável pela Operação Lava Jato” (236)), *resultados* (225), *relatórios* (250), *atividade escolar* (“um trabalho de Geometria” (265)) e *obra de arte*, especificamente, fotografia (“trabalho de arte e trabalho” (266)):

(225) O atual conselho de administração em março, considerou que os gastos continuados estão altos demais e cobrou os *resultados do trabalho*. (Petrobras paga milhões por auditoria ineficaz, p.4, 2016).

(236) Mariz foi descartado para a função de ministro da Justiça por fazer reparos *ao trabalho da força-tarefa* formada pelo Ministério Público e pela Polícia Federal responsável pela Operação Lava Jato. (Adriano Ceolin, Reportagem – Vice admite que Justiça é escolha ‘mais difícil’, p.7, 2016).

(250) De acordo com *o trabalho de Velloso*, 21 estados comprometeram mais de 65% das receitas com pessoal e serviço da dívida no ano passado [...] *O resultado foi obtido com base nos Relatórios Resumidos de Execução Orçamentária e com dados informados pelos Estados*. (Anna Carolina Papp – Reportagem – Gastos com pessoal extrapolam limites, p.30, 2016).

(265) Dois mais dois também eram quatro nos EUA, mas, fora isso, eu estava perdido, incapaz de acompanhar os trabalhos de aula. Tudo agravado pela minha timidez e meu horror congênito à escola. Até que um dia... Completei *um trabalho de Geometria*, a *ao entregar o trabalho* para a professora, notei que era o primeiro a fazer isto [...]. *A professora*

*elogiou meu trabalho [...]. Anticlímax. Depois que deixei o “high school” e pelo resto da minha vida, nunca mais precisei usar a geometria. (Verissimo – Crônica – Geometria, p.43, 2016).*

(266) Em Barabise, *trabalho de arte e trabalho*, no sentido laboral e ainda coletivo, entrelaçaram-se de uma maneira pura como se pode ver em um monte de fotografias históricas do período. [...] “Pensei em eliminar um ângulo da superfície porque esta ideia seria mais representativa da situação que existe entre *quem produz o trabalho e quem o vê*: alguma coisa vai estar encoberta dos dois lados, algo vai estar sempre faltando, porque a comunicação nunca é integral”, explica o artista Antonio Dias. (Camila Molina – Reportagem – Trabalhos do Nepal, p.43, 2016).

Em (284), o trecho “As pessoas só aceitam mesmo depois de um tempo, quando veem o trabalho” sugeriu-nos a conceptualização TRABALHO É RESULTADO VISÍVEL, em que pudemos associar o desempenho favorável do atleta ao resultado então esperado; assim, temos que TRABALHO É BOM DESEMPENHO, sendo este, metonimicamente, um tipo específico de resultado:

(284) Lucas Silvestre admite que é difícil trabalhar com o pai por causa da cobrança, mas, por outro lado, tem mais liberdade: “Ainda existe um preconceito grande com o filho do treinador. *As pessoas só aceitam mesmo depois de um tempo, quando veem o trabalho [...]*”, comenta Lucas. (Gonçalo Junior – Reportagem-Herdeiro de Dorival planeja ser treinador em dez anos, p.75, 2016).

Identificado nos três séculos estudados, o presente MCI apontou para uma das partes que dizem respeito a um PROCESSO: os resultados que se esperam obter a partir de uma ação.

O próximo MCI trará pistas que nos levaram a entender o trabalho como sendo outra etapa, no outro elemento, no aspecto processual no âmbito das relações trabalhistas.

### 3.1.7.2 Modelo Cognitivo Idealizado do MEIO PARA ALCANÇAR ALVO

No presente MCI, notamos o aspecto de dependência que o ser humano desenvolveu, na contemporaneidade, em relação ao trabalho. Em concordância com De Masi (2001), é patente como a supervalorização do trabalho, seja na

contemporaneidade, seja em séculos pretéritos, fora condicionada da própria configuração social. Passemos às nossas considerações, sobre, como tal situação, típica em diversas relações trabalhistas, pode ser, por nós, inferida, a partir das ocorrências seguintes:

(6) Si todo o empregado publico, ainda *aquelle que nenhum honorario recebe, que tem consciencia dos deveres que contrahe para com a lei, o publico e para si mesmo*, indubitavelmente não pode e não deve ser remisso; com muito maior razão deve ser restricto *aquelle que, pelo seu trabalho, tem uma recompensa dos cofres publicos, seja bem ou mal pago*: a lei é igual para todos. Assim, pois, não se deve tolerar, por nenhum pretexto futil ou consideração mal cabidos, abusos que só servem para acariciar e alimentar a negligencia do empregado publico, porque a lei qualifica um crime essa negligencia, e como tal manda puni-la. (O professor da instrucção primária de Araçariguama, p.2, 1877).

Em (6), no trecho “*aquelle que, pelo seu trabalho, tem uma recompensa dos cofres publicos, seja bem ou mal pago*”, percebemos, inicialmente, através do uso de “*pelo seu trabalho*”, a referência ao EI do CONDUTO, em que o trabalho foi entendido como forma de alcançar uma recompensa, já que se trabalha com o fim de receber algo em troca; este algo seria, por sua vez, o salário (“dos cofres publicos, seja bem ou mal pago”). Também podemos aventar que o EI ORIGEM-PERCURSO-META também esteve subjacente à conceptualização na qual localizamos os seguintes mapeamentos: *origem* – conseguir um trabalho; *percurso* – seguir pertencendo a este trabalho; *meta* – receber o salário.

Ainda em (6), a expressão “seja bem ou mal pago” coincidiu com a proposta demasiana (2001), segundo a qual, independentemente do tipo de trabalho realizado, ainda que se “deteste” o mesmo, o trabalhador se desespera caso não o tenha. Ou seja, ainda que a recompensa (leia-se “salário”) não seja satisfatória, o trabalhador tende a conformar-se por estar engajado socialmente, e, nesse sentido, ser significativamente alocado em sua comunidade. Outra ocorrência corroborou esta perspectiva, como em (19), que, pelo fato de o trabalhador ter um trabalho, este o relaciona a um status de independência:

(19) Ide consultar o passado da nação, e lá, na vulgaridade da phrase, encontrareis o que valem as massas; lá vereis que pódem votar todos

aquelles que pódem produzir o valor de 260 alqueires. *Tem o direito de eleger todo aquelle que cultiva o solo, todo o que rega a terra com seu suor e lágrimas, porque todo o que vive pelo trabalho tem independencia.* (Assembleia geral – Discurso do sr. José Bonifácio, p.1, 1879).

Considerando o contexto em que se insere a ocorrência (19), a saber, um discurso político, proferido em Assembleia, e pelo teor do que se trata (o perfil dos eleitores e dos elegíveis), além da questão do status, observamos outras conceptualizações mais particulares do trabalho, especialmente no trecho “todo aquelle que cultiva o solo, todo o que rega a terra com seu suor e lágrimas, porque todo o que vive pelo trabalho tem independencia”. Inicialmente, percebemos a metáfora conceptual TRABALHO É CULTIVO, pelas expressões “cultiva o solo” e “rega a terra”. Na expressão: “rega a terra com seu suor e lágrimas”, notamos as metáforas TRABALHO É SUOR e TRABALHO É LÁGRIMA, motivadas pela metonímia CONSEQUÊNCIA DO TRABALHO POR TRABALHO, que nos remeteu ao entendimento de trabalho como sofrimento / dor, que ocasiona lágrimas. O “regar a terra com o suor”, aponta, inclusive, para a conceptualização, também, do trabalho como punição, porém, de forma implícita. Tal conceptualização nos foi sugerida ao compararmos esta expressão com o texto do Gênesis bíblico, segundo o qual o homem comeria “o pão com o suor do rosto” (Gn. 3.19) uma forma, igualmente, metonímica de pensar o trabalho humano.

Outro acarretamento, mais amplo, compreende o trabalho como condição para conquistar um direito, no caso em pauta, o de ser elegível: “Tem o direito de eleger todo aquelle que cultiva o solo, todo o que rega a terra com seu suor e lágrimas, porque todo o que vive pelo trabalho”. De forma semelhante, os votantes seriam aqueles que trabalhassem, porém, com outro foco, o do lucro: “[...] pódem votar todos aquelles que pódem produzir o valor de 260 alqueires”, ou seja, a produtividade é que determinava a possibilidade do exercício de um direito, em que teríamos a metáfora TRABALHO É MEIO PARA ALCANÇAR UM DIREITO, além das seguintes formas mais específicas: *TRABALHO É MEIO PARA ALCANÇAR O DIREITO DE SER ELEITOR* e *TRABALHO É MEIO PARA ALCANÇAR O DIREITO DE SER ELEGÍVEL*. A diferença do uso para referir-se às duas conceptualizações implica em que o *trabalho* em ambas as situações é *meio* para alcançar fins sócio-econômicos distintos: o primeiro seria “a massa”, aqueles que dependem do trabalho (para votarem, precisam produzir economicamente); já o segundo, seria “o indivíduo independente”,



que por ter trabalho (paradoxalmente) não depende dele (para serem eleitos, basta que tenham um trabalho). Desse modo, identificamos, na ocorrência, a metáfora TRABALHO É MEIO DE SOBREVIVÊNCIA (“vive *pelo* trabalho”), estruturado por meio do EI do CONDUTO.

Em continuação, no mesmo discurso, temos a seguinte ocorrência:

(20) [...] mede a capacidade pelo dinheiro, e isto é mais que horrível é um atentado contra a dignidade humana. Podia invocar opiniões em favor da idéia que sustenta, podia recorrer aos tempos da Grecia, de Roma. Não o fará. Dirá o que disse Guizot: *Obrar sobre as massas é o grande meio dos governos.* (Assembleia geral- Discurso do sr. José Bonifácio, p.2, 1879).

Em (20), o trabalho foi conceptualizado, inicialmente, como meio de aferir a capacidade de alguém, a partir do trecho “mede a capacidade pelo dinheiro”, de onde pudemos depreender a metáfora TRABALHO É INSTRUMENTO DE MEDIR. Em seguida, reforçando esta conceptualização, o trecho “Obrar sobre as massas é o grande meio dos governos” aponta para outra finalidade do trabalho: a exploração das massas. Assim, metaforicamente, vimos que TRABALHO É MEIO DE EXPLORAÇÃO, de forma que percebemos os seguintes mapeamentos: GOVERNOS SÃO EXPLORADORES, GOVERNADOS SÃO EXPLORADOS. No primeiro caso, metonimicamente, observamos que “governos” está colocado em substituição a “governantes”, e “massas”, em lugar de “população”.

Por “exploração” e “governos” pertencerem a domínios conceptuais diferentes, entendemos que se trata de uma elaboração metafórica; nesse sentido, a expressão “Obrar sobre as massas é o grande meio dos governos” assumiu, a nosso ver, um carácter metaftonímico. O EI que pudemos identificar foi o da CONTRA-FORÇA, visto depreendermos que duas forças opostas se chocam, comprimindo-se no sentido da VERTICALIDADE, em um movimento de CIMA PARA BAIXO, a partir da preposição destacada em “obrar *sobre* as massas”.

O texto seguinte trata do anúncio de um chamado “colégio interno”, que, à época, tinha estudantes do sexo feminino como seu público-alvo e parte da estratégia de divulgação era apresentar os conteúdos programáticos ali ministrados, dos quais destacamos o seguinte trecho:

(28) Além das materias marcadas no curso deste collegio, *as discipulas aprenderão*, debaixo da direcção da senhora do director, *todos os trabalhos que são precisos para dirigir os negocios domesticos de uma casa*. (Anuncios – Collegio de meninas, p.4, 1879).

Assim, em (28), a conceptualização TRABALHO É MEIO, através do EI ORIGEM-PERCURSO-META, sugere que um *fim* mais específico, ao apontar qual o tipo de trabalho específico a ser realizado, a partir do momento em que se domine determinado conhecimento. Assim, o trecho “trabalhos que são precisos para dirigir os negocios domesticos de uma casa” extrapola a metáfora geral TRABALHO É MEIO PARA ALCANÇAR ALVO, ao indicar o que seja a *meta*, pelo acarretamento complexo: *TRABALHO É TIPO DE ATIVIDADE A SER APRENDIDA A FIM DE REALIZAR TRABALHOS DOMÉSTICOS*.

(34) Portugal conhece o Brazil unicamente pelos portuguezes que se repatriam, quase sempre com fortuna, e pelas lendas e tradições da antiga colonia. Afiguram-se-lhe ainda as minas abundantes de ouro e pedras preciosas, onde em pouco tempo se podia enriquecer, *julga que o trabalho é facil aqui* [...]. (Artigo, p.2, 1881).

Em (34), o escrevente, ao discutir a perspectiva que os portuguezes tinham do Brasil (“Portugal conhece o Brazil unicamente pelos portuguezes que se repatriam”), reitera a ideia de que os mesmos viam nele oportunidades de enriquecimento fácil (“Afiguram-se-lhe ainda as minas abundantes de ouro e pedras preciosas, onde em pouco tempo se podia enriquecer”). A divulgação deste estereótipo a respeito do Brasil (“e pelas lendas e tradições da antiga colonia”) resultou na ideia de que era uma terra em que se poderia explorar riquezas facilmente, como aponta o trecho “julga que o trabalho é facil aqui”. Assim, temos, inicialmente, o mapeamento *BRASIL É LUGAR DE ENRIQUECIMENTO FÁCIL*, sendo “Brasil” depreendido por sua descrição, em “minas abundantes de ouro e pedras preciosas”, ao perspectivar, metonimicamente, apenas o aspecto que geraria lucro: as minas; desta forma, a fim de alcançar o lucro desejado, os portuguezes se valeriam da exploração tanto da terra quanto de seus recursos naturais, de onde pudemos perceber a conceptualização metafórica TRABALHO É MEIO DE EXPLORAÇÃO, e, como seu acarretamento *TRABALHO É MEIO DE ENRIQUECIMENTO FÁCIL*.

Os EI's, que, a nosso ver, estruturaram tais conceptualizações, foram os do RECIPIENTE (“Afiguram-se-lhe ainda as minas abundantes de ouro e pedras preciosas, *onde* em pouco tempo se podia enriquecer”- lugar em que estavam), do CONDUTO (“*em* pouco tempo se podia enriquecer” - meio para alcançar um fim), e também, de modo semelhante ao que pontuamos em (20), o da CONTRA-FORÇA (“as minas abundantes de ouro e pedras preciosas, onde *se podia enriquecer*, julga que o trabalho é fácil aqui” – exploração, compressão das forças da natureza, com interesses próprios).

(46) [...] a sua *actividade de escriptor está dispersa nos artigos de jornaes e traducções de insignificantes romances* que fazia para receber uns miseros tostões que não tardava a dissipar nos cavacos e ceias dos cafés. (Correspondência de Portugal, p.1, 1885).

Em (46), houve, segundo entendemos, uma dupla conceptualização do trabalho, porém, percebemos que o aspecto mais saliente diz respeito ao trabalho como meio. Em um primeiro momento, a expressão “a sua *actividade de escriptor*”, através de uma metonímia, perspectivou um tipo de trabalho, a saber, o de escritor. Em seguida, ao afirmar que “a sua *actividade de escriptor está dispersa nos artigos de jornaes e traducções*”, trouxe à tona a conceptualização metafórica TRABALHO É FLUIDO, pelo uso da forma verbal “dispersa”, e estruturada pelo EI do RECIPIENTE, visto que as atividades, como fluidos, após transbordarem do mesmo, encontram-se, agora, dispersas nas obras produzidas (“*está dispersa nos artigos de jornaes e traducções de insignificantes romances que fazia*”), de modo que TRABALHO É FLUIDO DISPERSO NOS SEUS RESULTADOS.

A partir do trecho em destaque “artigos de jornaes e traducções de insignificantes romances que fazia para *receber uns miseros tostões*”, deduzimos que as atividades realizadas visavam a um fim: obter lucro. Desse modo, a partir do EI ORIGEM-PERCURSO-META localizamos os seguintes mapeamentos: *ATIVIDADES SÃO TRABALHO, TRABALHO ESTÁ PRESENTE NAS OBRAS PRODUZIDAS, TRABALHO É MEIO PARA OBTENÇÃO DE LUCRO*. Por fim, reforçando o caráter do trabalho como substância, a ocorrência sugeriu-nos, ainda, que tanto o meio (trabalho) quanto o fim (lucro) são fluidos rapidamente dissipáveis, através do trecho

“uns miseros tostões que não tardava a *dissipar* nos cavacos e ceias dos cafés”, cujo verbo em destaque sugere o aspecto fugaz da atividade.

(95) O verdadeiro fim da vida é ser feliz e fazer felizes os nossos, *mediante o trabalho e o regimen*. (Aphorismos para os dyspepticos, p.3, 1898).

A ocorrência (95) apontou para a conceptualização TRABALHO É MEIO DE ALCANÇAR A FELICIDADE, ancorado no EI ORIGEM-PERCURSO-META, de modo que, como percurso (ou meio), temos o *trabalho*, e como meta, a *felicidade*; esta última, tanto relacionada à realização pessoal do trabalhador, quanto daqueles que estão próximos a ele (“ser feliz e fazer felizes os nossos”).

(128) Na primavera da vida – diz elle – havia eu já adquirido, *por meio de infatigável e honesto labor*, uma fortuna que me assegurava a mais completa independencia. (Avulsos – Visconde de Mauá, p.5, 1910).

Em (128), o trecho em destaque “havia eu já adquirido, *por meio de infatigável e honesto labor*, uma fortuna” aponta para a conceptualização metafórica TRABALHO É MEIO PARA ADQUIRIR RIQUEZAS; cuja estruturação, a nosso ver, se deu por meio dos EI’s do CONDUITO e da POSSIBILITAÇÃO (“por meio de [...]”). Possivelmente, com o fim de justificar a lisura de suas atividades, o escrevente qualifica positivamente o seu “labor”, visando a eliminar a ideia de enriquecimento ilícito: “por meio de *infatigável e honesto labor*”, que lhe possibilitou nada menos que “uma fortuna que me assegurava a mais completa independencia”, provavelmente um valor considerável em dinheiro.

Na ocorrência seguinte (144), temos um retrato de umas formas de exploração do trabalho humano praticadas desde inícios do século XIX, no âmbito das grandes fábricas, cujo período em pauta (1938), o entre guerras, marcou a participação mais efetiva da mulher na produção econômica, o que se constitui em uma virada, inclusive, na forma de pensar a economia doméstica, não mais centralizada apenas na figura masculina: a mulher também passa a ser considerada força de trabalho, portanto, “provedora” do lar. O título da reportagem traz à tona dois aspectos relevantes que trata no texto e que, ainda, se apresenta como uma temática

contemporânea: a exploração do trabalho da mulher e também do imigrante (“*A mulher japonesa na vanguarda do progresso*”).

(144) *Alli vimos as filhas dos lavradores – mais de cento e cinquenta mil - trabalhando por um salario diario equivalente a dezoito centavos de dollar, vivendo em barracões de madeira, comendo apenas um punhado de arroz e pescado, trabalhando durante longas horas e inundando o mundo com o producto do seu trabalho.* (Reportagem – *A mulher japonesa na vanguarda do progresso*, p.4, 1938).

O texto descreve o que escrevente havia percebido na realidade de uma das fábricas do Japão, talvez, com uma tentativa de naturalizar este modelo de exploração do trabalho no Brasil (deduzimos isto a partir da contemporaneidade e perpetuação de tais práticas em território nacional). Os tons assumidos na tessitura do texto ventilaram uma tentativa – se consciente ou não, como o saberemos? – do escrevente em suavizar o fato de que ocorre, em tais ambientes fabris, a mais aberta exploração do trabalho humano. A expressão “na vanguarda do progresso” sugere que, ainda estando alocadas em tal ambiente de trabalho aversivo – “Alli vimos as filhas dos lavradores [...] vivendo em barracões de madeira, comendo apenas um punhado de arroz e pescado, trabalhando durante longas horas” – aquelas mulheres eram as “vanguardistas do progresso”. Observamos, nessa expressão, um eufemismo velado. Ao descrever de forma um tanto ácida o ambiente de trabalho, o escrevente, em seguida, suaviza seu texto, ao usar a expressão “[...]e inundando o mundo com o producto do seu trabalho”, sugerindo que o mundo recebe sua influência, na medida em que há uma imensa produtividade, mesmo que esta ocorra em tais ambientes.

Assim, inicialmente, identificamos, pelo trecho “Alli vimos as filhas dos lavradores – mais de cento e cinquenta mil - trabalhando *por* um salario diario equivalente a dezoito centavos de dollar”, a metáfora TRABALHO É MEIO PARA CONSEGUIR SALÁRIO, estruturada pelo EI ORIGEM-PERCURSO-META. A expressão “vimos as filhas dos lavradores [...] inundando o mundo com o producto do seu trabalho” toma, metonimicamente, PRODUTO DO TRABALHO POR TRABALHO. A quantidade destes produtos é compreendida, metaforicamente, como uma onda, aludindo a algo gigantesco, sem controle e que inunda um ambiente devido a sua força; assim, temos a metonímia PRODUTO DO TRABALHO POR TRABALHO,

ancorada pela metáfora PRODUTO DO TRABALHO INUNDA / É ONDA, que, por acarretamento traz em seu bojo *TRABALHO É ONDA*.

(148) Agrade ou não, este systema dá bons resultados no Japão. *Proporciona trabalho certo* às moças que, de outra forma, morreriam de fome em suas casas. (Reportagem – A mulher japoneza na vanguarda do progresso, p.4, 1938).

Em continuação, outro trecho do texto acima comentado, na ocorrência (148), sinalizou outra tentativa de eufemização do quadro de exploração antes aludido, como notamos no trecho “Agrade ou não, este systema dá bons resultados no Japão”. Ou seja, de acordo com o escrevente, independe qual seja o método utilizado pelos contratantes, o importante é que este sistema traz resultados. E o resultado por ele destacado é de que “proporciona trabalho certo às moças que, de outra forma, morreriam de fome em suas casas”. Assim, temos, metonimicamente, EXPLORAÇÃO DO TRABALHO POR TRABALHO PRODUTIVO, sendo que o trabalho é conceptualizado tanto como o meio, quanto o fim: gerar produção; de modo que, percebemos, ainda, a metáfora TRABALHO É MEIO PARA SUSTENTAR-SE, a partir do excerto “de outra forma, morreriam de fome em suas casas” (148). Assim, seria melhor serem exploradas e terem o que comer, do que morrerem de fome, em casa, e, ainda, não terem um trabalho.

(152) Os ultimos mezes do anno de 1893 e os primeiros do anno seguinte decorreram cheios de sobressaltos e apprehensões para uma grande parte da população sancarlense, devidos aos successos da revolta armada, e ás medidas de rigor que o governo de S. Paulo precisou tomar. Entre estas, figura o recrutamento, terrivel espantelho que poz em debandada muita gente, principalmente a caboclada, que abandonava os seus tugurios e fugia para a mata e para as fazendas distantes *preferindo os inconvenientes da vida selvagem ou o trabalho pela comida*, a ter que formar ao lado dos que partiam para os campos, a combater as hostes aguerridas. (Reportagem – A historia da fundação da cidade de S. Carlos, p.7, 1938).

Em (152), o trecho “preferindo os inconvenientes da vida selvagem ou o trabalho pela comida [...]” aponta, igualmente, para a metáfora conceptual geral TRABALHO É MEIO, e de forma mais específica, pelo trecho “o trabalho pela comida”, notamos que TRABALHO É MEIO PARA CONSEGUIR COMIDA.

Pelo contexto da ocorrência, os chamados “caboclos” (152) estavam em situação de recrutamento para um conflito armado, e, para fugirem disto, se colocaram em fuga, vivendo nas matas. Assim, preferiam sobreviver em um ambiente hostil, do que serem alistados para a guerra; assim, tal hostilidade inclui o trabalho como meio para, apenas, garantir o necessário para a alimentação diária. Dessa forma, identificamos uma conceptualização estruturada pelo EI ORIGEM-PERCURSO-META, visto ser a alimentação o *fim*, e o trabalho, o *meio* para alcançar o salário a ser pago, que, no caso, seria a própria comida, o que reitera a metáfora aqui indicada (TRABALHO É MEIO PARA CONSEGUIR COMIDA).

Em (162) e (182), houve a conceptualização TRABALHO É ESTRATÉGIA PARA ALCANÇAR ÊXITO, ancorada pelo EI do CONDUTO:

(162) Os estudantes procurarão *desenvolver um trabalho bastante eficiente a fim de que* essa conferencia obtenha o exito que é de se esperar. (Notícia – Monumento aos bandeirantes em Goyania, p.12, 1938).

(182) Tendo como objetivo principal o incremento de estudos, *trabalhos e iniciativas destinados a aumentar a produção de gêneros alimentícios* essenciais o Plano de Ação contra a fome foi aprovado hoje. (Notícia – Aprovado o plano de ação da Campanha contra a fome, p.21, 1962).

A ocorrência em (264), em destaque no trecho “gente que trabalha dia e noite para sobreviver”, aponta para outra especificação da metáfora conceptual predominante neste MCI; nesse caso, temos que TRABALHO É MEIO DE SOBREVIVÊNCIA:

(264) “Sempre quis escrever uma história sobre esse mosaico de cultura que é São Paulo, *com bairros ricos ao lado de gente que trabalha dia e noite para sobreviver*, com japoneses e comércios antigos ao lado de grandes shoppings”, conta Ortiz em entrevista ao **Estado**. (Cristiana Padiglione – Reportagem – Clássico das 7 ganha reeleitura, 30 anos depois, p.36, 2016).

O uso da expressão adverbial “dia e noite” relaciona-se ao EI do CICLO, sugerindo que o movimento do trabalhador era contínuo. Especificamente, a respeito das grandes metrópoles, como a cidade de São Paulo, usam-se expressões do tipo *a cidade não para*, e, metonimicamente, percebemos o trabalho tomado em lugar da

cidade, até porque o foco do texto está na pretensão da entrevistada em escrever “uma história sobre esse mosaico de cultura que é São Paulo”.

Outra forma de conceptualização que captamos, referiu-se ao trabalho como indicativo de status social, no trecho: “bairros ricos ao lado de gente que trabalha dia e noite para sobreviver”; em que o escrevente parece sugerir que, de um lado, têm-se ricos, e, de outro, trabalhadores. Ou seja, a necessidade de trabalhar sem parar é própria daqueles que pertencem à classe social desprivilegiada. Assim, TRABALHO É MEIO DE DEMONSTRAR CLASSE SOCIAL, de modo que, por acarretamento, TRABALHADOR É POBRE, por viver freneticamente envolto no trabalho, a fim de sobreviver.

(288) Os desafios de atuar por clubes de menor expressão tinham cansado o goleiro anos atrás. “Alguns times não pagavam, aí larguei. Queria ter uma estabilidade para poder casar e ter filhos. Até que recebi uma oportunidade. Encarei como a última”, contou. (Ciro Campos – Reportagem – Sidão, de “perdido na vida” ao sucesso, p.76, 2016).

Em (288), notamos, ancorada nos EI’s do CONDUTO, do BALANÇO e ORIGEM-PERCURSO-META, a elaboração metafórica mais específica TRABALHO É MEIO PARA ADQUIRIR ESTABILIDADE FINANCEIRA. Pudemos identificar esta conceptualização no trecho: “Queria ter uma estabilidade para poder casar e ter filhos”, de modo que ao “receber uma oportunidade”, que se refere à possibilidade de contratação em um time de futebol de prestígio no país, o entrevistado optou por aceitar, de acordo com o trecho: “Até que recebi uma oportunidade. Encarei como a última”.

A partir do estudo do presente MCI, foi possível percebermos que, embora, comumente, o MEIO seja entendido como parte estrutural do EI ORIGEM-PERCURSO-META (e, portanto, como um possível acarretamento do mesmo), no caso em específico, os escreventes acionaram seus conhecimentos enciclopédicos, em suas formas de conceptualização metafóricas e metonímicas, a respeito do trabalho, entendendo-o como sendo o MEIO PARA ALCANÇAR ALVO.

Passemos à discussão do próximo MCI, que, de modo semelhante, também nos apresentou outra perspectiva a respeito do trabalho como sendo o FIM, ou a meta, de ações anteriores, evocando, assim, o DE do PROCESSO.



### 3.1.7.3 Modelo Cognitivo Idealizado do FIM

Relacionado ao DE do PROCESSO, pudemos observar que o trabalho também foi conceptualizado a partir do FIM ao qual se destina. Na maioria das ocorrências, em outros modelos cognitivos, o trabalho foi perspectivado como sendo meio para alcançar algo, por conta, especialmente, dos EI's do CONDUTO e ORIGEM-PERCURSO-META. Nas ocorrências seguintes, no entanto, discutiremos como o trabalho constituiu-se como o FIM em si mesmo, ainda que as conceptualizações tenham sido estruturadas pelos demais elementos do referido EI.

(52) Á vista do imenso consumo que tem tido o Cevadinho [medicamento] *para engordar e desenvolver animaes quer para o trabalho ou negocio*, resolveu aquele senhor, a resumir seus preços [...]. (Aos senhores criadores e proprietarios de animaes, p.3, 1885).

Em (52), notamos que TRABALHO É FIM, visto que, por estabelecer uma equivalência entre *trabalho* e *negócio*, ao se engordar o animal para que este trabalhe, haverá uma relação lucrativa, portanto, com o mesmo fim.

(86) Entre os navios mercantes armados em guerra pelos Estados – Unidos figuram o Saint Luiz [...]. A tripulação do navio compõe-se de 1 commandante, 6 officiaes, [...] *144 criados para os diversos serviços e cosinheiros* [...]. (A guerra, p.1, 1898).

Em (86), ao ancorar-se na conceptualização metafórica TRABALHO É ATIVIDADE COMPOSTA POR PARTES, de acordo com o trecho: “A tripulação do navio compõe-se de 1 commandante, 6 officiaes, [...] *144 criados para os diversos serviços e cosinheiros*”, o escrevente aborda o objetivo da presença de tais pessoas em um ambiente, visando ao desenvolvimento de um trabalho específico, de modo que *TRABALHO É META DE TRABALHADORES EM UM AMBIENTE*, estruturado a partir do EI ORIGEM-PERCURSO-META. Assim também o notamos em (149) e (160), pelos trechos em destaque:

(149) Desembarcaram hoje neste porto, de bordo do vapor 'Itagiba', 92 colonos nordestinos *que vêm contractados pela Companhia Itaquerê, para trabalhar na lavoura paulista*. (Chegada de colonos, p.6, 1938).

(160) Poderão tomar parte no congresso agronomos e engenheiro-agronomos bem como os técnicos e cientistas estrangeiros *contractados para trabalhar no Brasil*. (Notícia – II Congresso Brasileiro de Agronomia, p.12, 1938).

Observamos, em (149), como foram estruturantes, os EI's do RECIPIENTE, visto que os trabalhadores atuarão *na* lavoura, e *no* Brasil; e em (160), e o EI ORIGEM-PERCURSO-META, pelo trecho “*contractados para trabalhar*”.

Passemos ao próximo MCI, cujas ocorrências apontaram para o trabalho como sendo ATIVIDADE A SER AVALIADA, enquanto resultado de um PROCESSO, o que nos respaldou para incluí-lo no referido domínio-fonte da experiência.

#### 3.1.7.4 Modelo Cognitivo Idealizado ATIVIDADE A SER AVALIADA

Entendido como parte de um processo, o trabalho, no presente MCI, foi apresentado como ATIVIDADE A SER AVALIADA, metonimicamente, retomando o TRABALHADOR PELO TRABALHO, visto que quem será avaliado, para fins de recompensa e/ou punição, será o seu agente, o trabalhador, e não necessariamente o trabalho.

Assim, as seguintes ocorrências apontam para esta ressignificação agentiva do trabalho:

(122) O sr. ministro da guerra mandou elogiar o coronel Achilles Pederneiras director da fabrica de polvora do Piquete, e seus auxiliares pelo *desempenho que deram aos trabalhos* da mesma fabrica, relativamente á fixação do typo de polvora nacional para o fabrico de balas. (Notícia, p.4, 1910).

(142) “Não podemos resistir a competição dos japonezes”, asseguram os técnicos. A combinação do *trabalho barato* e da machinaria mais cara acabará por *fechar todas as nossas fabricas*. Temos que fazer alguma coisa para remediar tudo isso. (Reportagem – A mulher japoneza na vanguarda do progresso, p.4, 1938).

Em (142), observamos que o EI do CONDUTO foi estruturante para a metáfora TRABALHO É MEIO, e, ao mesmo tempo, TRABALHO É MÃO DE OBRA que, no caso em questão, foi adjetivada como sendo *barata*, por ser de fácil acesso e, portanto, requerer pouco custo financeiro aos empregadores, visto constituir-se em

situação de informalidade. O trecho, “acabará por *fechar todas as nossas fabricas*”, o uso do verbo “fechar” sugeriu-nos uma conceptualização metonímica, em que o ato de “fechar a porta”, aponta para o fim da atividade; assim como, ao final de um expediente, as portas são fechadas, o seu fechamento permanente demonstra o fim de suas atividades, ou o fim de um ciclo produtivo, semelhante ao que ocorre com os seres vivos. Tal abordagem do conceito de empresa, não só amplia a forma de conceptualização, como também modifica “a forma de [o sujeito] agir sobre ela” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p.88), de modo que o comprometimento dos donos da empresa, que se encontra em tais condições de risco, será bem maior em comparação com outras empresas que não enfrentem semelhantes problemas.

Nas ocorrências seguintes, observamos como o trabalho é foco de atenção do escrevente, a respeito de sujeitos que qualificam o trabalho, conforme destacamos:

(163) Como chefe da delegação [dr. Castello Branco], sou um dos que mais confiam na victoria. Em minha longa carreira de actividade esportiva, não observei jamais *um trabalho tão apurado na organização de uma delegação esportiva*. (Notícia – A delegação brasileira no campeonato mundial de futebol, p.15, 1938).

(183) Os *trabalhos serão estimulados e coordenados* pela comissão [...]. (Notícia – Aprovado o plano de ação da Campanha contra a fome, p.21, 1962).

Percebemos, ainda, que TRABALHO É RESULTADO A SER AVALIADO e TRABALHO É ATIVIDADE MONITORÁVEL, e que, em consequência, pode ser, de acordo com as ocorrências seguintes, *considerado* (185), *acompanhado* (186), *atualizado* (188), *orientado* (189), *denunciado* (193) ou *elogiado* (300), justamente por ser algo em processo, conforme nos sugere o EI ORIGEM-PERCURSO-META:

(185) Os trabalhos deste grupo *serão submetidos à consideração do comitê* Patrocinador. (Notícia – Aprovado o plano de ação da Campanha contra a fome, p.21, 1962).

(186) Compete ao comitê executivo o *acompanhamento dos trabalhos* em curso. (Notícia – Aprovado o plano de ação da Campanha contra a fome, p.21, 1962).

(188) [O GEIAL] propõe uma *revisão e atualização dos principais trabalhos de iniciativas* realizadas no País [...]. (Notícia – Aprovado o plano de ação da Campanha contra a fome, p.21, 1962).

(189) *Os trabalhos do GEIAL serão orientados de acordo com as linhas gerais estabelecidas para o desenvolvimento da campanha.* (Notícia – Aprovado o plano de ação da Campanha contra a fome, p.21, 1962).

(193) [...] está sendo processado por injúria, calúnia e difamação, pelos juízes do TRE, por haver *denunciado os trabalhos eleitorais* no Estado em 1990. (Notícia – papéis trocados, p.3, 1991).

(300) A Samarco fala que as famílias recebem um cartão de auxílio financeiro e são acompanhadas [...]. Entre os afetados que ouvi quase todos *elogiaram os trabalhos da mineradora*. (Guilherme Mendes – Reportagem – Identidades rompidas, p.82).

Identificado nos séculos XX e XXI, o MCI ATIVIDADE A SER AVALIADA ancorou-se na metonímia conceptual TRABALHADOR PELO TRABALHO, além de formas metafóricas, a fim de, como sinalizamos anteriormente, perspectivar o trabalho como sendo parte de um PROCESSO, por sua vez, como um resultado que deva ser avaliado por outras partes envolvidas na referida atividade.

Passemos à exposição do último MCI que elencamos no âmbito do DE do PROCESSO, a saber, o do FUNCIONAMENTO / DESEMPENHO.

### 3.1.7.5 Modelo Cognitivo Idealizado do FUNCIONAMENTO / DESEMPENHO

O MCI do *funcionamento* reforçou, a nosso ver, o aspecto processual do trabalho, visto que se refere ao *modus operandi* da referida atividade.

Os escreventes, nas ocorrências (135) e (136), focalizaram suas formas de conceptualização no percurso de onde podemos inferir a metáfora conceptual TRABALHO É FUNCIONAMENTO, estruturada por meio dos EI's do PROCESSO e ORIGEM-PERCURSO-META:

(135) Vendem-se tres descaroadores novos americanos novos, *trabalhando perfeitamente* e garantidos. (Propaganda, p.10, 1910).

(136) Enorme simplicidade e grande economia de combustível, pois gasta muito pouco, tendo muitos [motores a gaz] *trabalhando nesta cidade*, onde podem ser vistos. (Propaganda, p.15, 1910).

Em (180), o texto que versa sobre uma competição em hipódromo aponta para o DESEMPENHO de um dos cavalos, assim, por ser um agente animal (e não uma máquina), ao invés de *funcionamento*, entendemos que TRABALHO É DESEMPENHO:

(180) A vitalidade de Major's Dilemma foge a qualquer previsão. O animal compraz em desmentir todos os prognósticos pessimistas, pois *continua trabalhando esplendidamente com rara eficiência*. (Notícia – Arturo A. é força, os outros lutarão pelo 2º, p.15, 1962).

Em (295), o escrevente refere-se ao funcionamento de um objeto, enquanto resultante de um processo, de modo que TRABALHO É FUNCIONAMENTO:

(295) Pela primeira vez uma tocha olímpica se movimenta. A inovação foi concebida para os Jogos do Rio por Gustavo Chelles, que nesta entrevista ele *conta como foi o trabalho*. (Entrevista – Conceito comunica ao mundo nossa essência como nação, p.79, 2016).

Ao denominarmos o presente MCI como sendo FUNCIONAMENTO / DESEMPENHO, o fizemos com base na natureza dos processos de trabalho que identificamos. Assim, as ocorrências (135), (136) e (295) referiram-se ao *funcionamento* de máquinas e objetos, enquanto a ocorrência (180) refere-se ao *desempenho* de um ser animal. Notamos que ambas as formas de perspectivação do trabalho corroboraram com o entendimento de que TRABALHO É PROCESSO, elaboração conceptual esta que subsidiou a organização dos MCI's estudados, relacionando-os ao domínio-fonte da experiência do PROCESSO.

Com a presente subseção, objetivamos discutir como chegamos à compreensão aqui exposta, a respeito das formas de conceptualização do trabalho, identificadas na documentação acessada. Além disso, optamos por apresentar nossa perspectiva organizativa da documentação, priorizando um olhar mais holístico sobre os dados, ao invés de procedermos de modo excessivamente compartimentalizador, ao propormos segmentações e/ou repetições explicativas, seguindo a ordem cronológica de aparecimento das ocorrências no corpus, de forma rígida, na discussão dos dados.

Após este levantamento – que temos consciência de ter se tratado de uma possível leitura da documentação selecionada, a partir das lentes oferecidas pelos

estudos em SC – discorreremos, na subseção seguinte, a respeito das nossas contribuições reflexivas sobre o comportamento do sistema conceptual do *trabalho*, que nos foram oferecidas, ao realizarmos o presente estudo.

### 3.2 Por uma leitura cognitivo-sócio-histórica dos fenômenos de conceptualização do *trabalho*

O estudo ora empreendido, cujos resultados socializamos no subtópico anterior (3.1) da presente tese, acerca dos fenômenos de conceptualização do *trabalho*, identificados na documentação acessada, se deu com foco nos domínios da experiência, por nós organizados levando em conta os modelos cognitivos idealizados que nos pareceram salientes em cada um deles.

A opção por estudarmos as ocorrências, primeiramente, por seus domínios-fonte, e, então, nos debruçarmos sobre a teia semântica resultante, contemplando os resultados de modo mais holístico, abarcando todo o período coletado, nos pareceu ser um caminho hermenêutico mais eficaz, especialmente, pelo fato, já comentado na seção referente aos aspectos metodológicos, de que percebemos diversas repetições nas formas de conceptualização utilizadas pelos escreventes, o que, caso organizássemos nossos resultados pelo critério cronológico, acarretaria em muitas retomadas explicativas, o que não nos pareceu econômico, textualmente.

Inicialmente, realizamos a identificação dos DE's, no âmbito dos quais entendemos que as ocorrências se enquadravam. Em seguida, mapeamos os modelos cognitivos licenciados pelos diferentes domínios-fonte da experiência, a partir dos quais entendemos terem sido acionadas as conceptualizações do *trabalho*.

Aqui, cabe reiterarmos que nos ancoramos nos conceitos de domínios-fonte, ou *domínios da experiência*, enquanto sendo o domínio a partir do qual conceitos e conhecimentos considerados mais “concretos” são projetados, a fim de subsidiar conceptualmente novos conceitos, no âmbito do domínio-alvo, de acordo com o proposto por Lakoff e Johnson (2002 [1980]). No caso da aplicação dessa perspectiva

à nossa investigação, entendemos que os domínios-fontes foram aqueles domínios da experiência nos quais pudemos identificar a estruturação de diversos *modelos cognitivos idealizados*, que, por sua vez, a partir do proposto por Lakoff (1987), são estruturas conceptuais propostas pelos conceptualizadores em sua busca por entender o mundo e organizá-lo, ainda que não se ajustem perfeitamente ao mesmo; isto porque, sendo idealizados, resultam da interação do aparato cognitivo humano e suas experiências corporificadas. Tais estruturações se deram, no âmbito de nosso estudo, por meio de elementos conceptuais de caráter metafórico, metonímico e imago-esquemático. Assim, partindo da intrínseca relação que identificamos entre *domínios da experiência* e *modelos cognitivos idealizados*, foi que optamos por organizar os nossos resultados seguindo a presente estruturação. Assim, ao considerarmos as ocorrências individualmente, pudemos identificar as respectivas estruturas conceptuais subjacentes às mesmas, através de tipos distintos de modelos cognitivos.

Nesta última etapa, propomos uma discussão dos resultados, como um todo, a fim de apresentarmos nossas inferências sobre possíveis continuidades ou permanências no sistema conceptual do *trabalho*, por meio das ocorrências conceptualizadoras estudadas.

Partimos do pressuposto de que os DE, por serem recorrentes ao longo dos recortes temporais, interligaram-se constitutivamente às formas conceptuais que se descortinaram, em uma espécie de cruzamento, ao atravessar o contínuo temporal dos três séculos, a partir dos quais se estabeleceram novas nuances de sentidos para o domínio-alvo *trabalho*. Desse modo, o nosso entendimento a respeito da conceptualização sócio-histórica de *trabalho* partiu da identificação de que a perspectiva inicialmente projetada sobre os diferentes MCI's, e evidenciou-se a partir das ocorrências.

Após este levantamento geral da estrutura conceptual das ocorrências dos DE's e dos MCI's identificados, pudemos refletir sobre o caminho interpretativo que trilhamos, a fim de perceber o movimento de mudanças e/ou continuidades no sistema conceptual, a partir dos resultados encontrados. Nesse aspecto, optamos por considerar a documentação como um todo, ao invés de entendê-la como fragmentária, uma vez que essa perspectiva teórico-filosófico-metodológica condiz

com as decisões já tomadas desde a composição do corpus, nas etapas iniciais da investigação, através da qual propusemos oferecer uma amostragem de tratamento de dados linguístico-conceituais, em uma perspectiva sócio-histórica, que fosse mais holística, em lugar de uma perspectiva atomística e/ou fragmentária de tratamento dos dados.

Passemos, por conseguinte, às nossas impressões sobre os resultados obtidos, a partir dos comportamentos conceituais apreendidos, mediante o entrecruzar dos DE's e dos MCI's.

### 3.2.1 A teia<sup>202</sup> e seus fios: as formas de conceptualização unindo os pontos para uma sócio-história do trabalho

Ao pensarmos em *teias*, acionamos nossos saberes experienciais a respeito de elaborações presentes na natureza, a exemplo das teias de aranha, que são múltiplas em suas características e formatos, além de extremamente detalhistas em seus nós e ligações. Aludimos também à fragilidade de tais construções: sua função inicial na natureza é apanhar uma presa cujo peso geralmente é inferior ao da aranha que teceu a respectiva teia. Assim sendo, em geral, as teias de aranha constituem-se de uma complexa rede que, embora se constituam em uma armadilha para outros animais de pequeníssimo porte, podem desfazer-se rapidamente mediante um pequeno toque humano. Outra característica que nos chamou a atenção ao propormos a metáfora da teia, para ancorarmos a presente etapa da nossa reflexão foi a sua complexidade. As teias não são emaranhados fortuitos de fios, antes, constituem-se em uma complexa rede que visa a atender ao objetivo ao qual se destina.

Ao observarmos nossos resultados, também nos deparamos com uma complexa rede que, ao se desvelar, pareceu-nos estar mais entrelaçada do que esperávamos, ao propormos uma investigação cujo lastro temporal fosse de pelo

---

<sup>202</sup>Feltes (2007) usou a expressão *teias* no subtítulo de sua obra, a fim de defender a interação epistemológica no âmbito dos estudos cognitivistas. O uso que aqui fizemos, no entanto, não aponta para esta perspectiva, mas, sim, para a forma como optamos por mapear os resultados que obtivemos em nosso estudo, especialmente no que tange ao comportamento dos MCI's, como sendo uma tessitura complexa, que, a nosso ver, sedimentou o sistema conceptual do *trabalho*, por meio dos DE's.



menos três séculos: retomadas e ausências se revelaram como as interligações dos fios que compuseram a complexa teia do sistema conceptual do *trabalho*. Assim, temos que DOMÍNIOS DA EXPERIÊNCIA SÃO FIOS, o que, por implicação, redundando em que MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS SÃO TEIAS.

Concordes com a ideia weberiana, retomada por Geertz (2008 [1989]), que em seguida citamos, de que o ser humano encontra-se envolto em suas “teias de significado”, vemos essas teias como tentativas de atingir a autocompreensão, através da observação e retomada de suas relações com o outro e consigo mesmo:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que *o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu*, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 2008 [1989], p.4. Grifo nosso).

Assim, o que chamamos de *teias*, no âmbito de nosso estudo, foram as pistas deixadas pelos escreventes-conceptualizadores, ao longo do tempo, na documentação acessada, mais especificamente pela estruturação dos MCI's. Essas pistas nos proporcionaram chegar a determinadas conclusões interpretativas sobre as conceptualizações de *trabalho*, como sendo movimentos semânticos a respeito do próprio ser humano, também concordando com Engels (2004 [1876]), no sentido de que o trabalho cria o homem:

O trabalho é a fonte de toda riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que *o trabalho criou o próprio homem*. (ENGELS, 2004 [1876], p.1. Grifo nosso).

Os nós e entrecruzamentos dos MCI's poderão ser melhor entendidos a partir do lugar conceptual onde eles foram recorrentes: nos DE's<sup>203</sup>. Conforme defendem Ruiz de Mendonza Ibáñez e Hernández (2000), ao aplicarem a proposta teórica sobre os nós e as redes, de Langacker (1987), esse entrecruzar conceptual reforça o

<sup>203</sup>Esta discussão foi, por nós, ampliada, no subtópico seguinte (“As constelações e seus pontos: um olhar sobre o entrecruzar dos dados”).

caráter enciclopédico do significado, já que aciona diversas formas de convencionalização dos sentidos, mediante a conexão de diversos MCI's, durante as operações cognitivas<sup>204</sup>.

As retomadas e inovações dos sentidos de trabalho, que observamos ao longo do nosso estudo, levaram-nos a entender que os conceptualizadores, por meio de suas demandas sociais, ambientais, culturais e históricas, como sendo acessos conceptuais, moldaram o sistema conceptual do *trabalho*, tendo-o exposto em seus textos, no veículo jornalístico *O Estado de São Paulo*, ao longo dos séculos XIX, XX e XXI. Assim, concordamos com Ruiz de Mendonza Ibáñez e Hernández (2000, p.86), ao afirmarem que:

A noção de “acesso” a uma rede nos permite ver a comunicação não como uma transmissão de conceitos ou de ideais compostas de conceitos concatenados, mas sim como um processo pelo qual se dão pistas ao ouvinte sobre que aspectos de cada conceito se tornam relevantes para a interpretação exitosa de uma mensagem<sup>205</sup>.

Assim sendo, os aspectos sociocognitivos envolvidos no processo conceptual foram os que possibilitaram a percepção de determinados elementos como sendo mais ou menos salientes. Esta percepção corrobora um dos pressupostos básicos da SC, sobre o qual nos ancoramos, de que a conceptualização é a operação básica do sistema linguístico, de modo que a distinção entre os sistemas linguístico e conceptual já passa a assumir outros vieses menos dicotômicos, como sugere

---

<sup>204</sup>Na etapa de interpretação dos dados, consideramos as contribuições de Langacker (1987), no que diz respeito à sua defesa pelo estabelecimento de critérios para a identificação das relações de sentido de determinada categoria, a partir da noção-chave de *rede*. No capítulo 10, intitulado *Categorization and context*, Langacker (1987) explora a variação das unidades simbólicas, tanto em sua forma quanto em significado, como sendo analisáveis em categorias complexas, por meio da conexão entre regras e redes esquemáticas (categorização), apontando para a defesa de um modelo baseado no uso. O autor propôs que a unidade simbólica corresponde a um ponto de acesso a uma rede e seu valor semântico como sendo um nó resultante das relações conceptuais que se estabelecem, como observamos no trecho: “A estrutura de uma rede lexical é dada por um conjunto de relações categorizadoras entre os nós [...]. De fato, os valores centrais podem ser identificados com nós na sua rede esquemática”. (LANGACKER, 1987, p.379). (Tradução nossa do original: “The structure of a lexical network is given by a set of categorizing relationships between nodes [...]. In fact, the central values might be identified with nodes in their schematic network.”). No caso do presente estudo, entendemos tais redes como sendo os encontros conceptuais das formas de conceptualização que perpassaram o lastro temporal selecionado.

<sup>205</sup>Tradução nossa do original: “La noción de “acceso” a una red nos permite ver la comunicación no como una transmisión de conceptos o de ideas compuestas de conceptos concatenados, sino como un proceso por el cual se dan pistas al oyente sobre qué aspectos de cada concepto resultan relevantes para la interpretación exitosa de un mensaje”.

Fernández Jaén (2012, p.43): “[...] a semântica e a pragmática ao funcionarem juntas, permitem a existência dos MCI’s que formam nosso pensamento, por isso não há uma separação rígida entre o linguístico e o enciclopédico ou cultural”<sup>206</sup>.

Passaremos, neste sentido, a apresentar nossa proposta de união dos pontos dessa teia conceptual, a partir da observação dos MCI’s, que nos ofereceram pistas para a compreensão dos fenômenos conceptuais acerca do *trabalho*.

Os DE e os MCI’s identificados, com sua distribuição de ocorrências ao longo dos séculos<sup>207</sup>, foram os que seguem expostos na Tabela 5:

---

<sup>206</sup> Tradução nossa do original: “[...] la semántica y la pragmática al funcionaren juntas, permiten la existencia de los MCI’s que forman nuestro pensamiento, por eso no hay una separación rígida entre el lingüístico y el enciclopédico o cultural”.

<sup>207</sup> A não ocorrência do MCI em determinado século foi indicada, na referida tabela, pela célula preenchida em sombreado.

Tabela 5: Distribuição dos DE e MCI por séculos

<b>DOMÍNIOS DA EXPERIÊNCIA / MCI's</b>	<b>SÉC. XIX</b>	<b>SÉC. XX</b>	<b>SÉC. XXI</b>
<b>ATIVIDADE</b>			
OFÍCIO	X	X	
APERFEIÇOAMENTO	X	X	X
SERVIÇO	X	X	X
ESFORÇO	X	X	X
ESPECIALIDADE	X	X	X
ESCRAVIDÃO	X	X	
EXPLORAÇÃO	X		X
OCUPAÇÃO	X	X	X
<b>EVENTO</b>			
CERIMÔNIA	X	X	
ATUAÇÃO	X	X	X
FESTEJO	X	X	X
PROTESTO	X	X	X
COMPETIÇÃO		X	
<b>RELAÇÕES</b>			
MOTIVAÇÃO	X		X
PUNIÇÃO	X	X	X
VIRTUDE	X	X	
RECOMPENSA	X	X	X
DIFICULDADE	X	X	X
STATUS SOCIAL	X	X	
COMPANHIA	X	X	X
NEGÓCIO			X
RELIGIÃO	X	X	X
CRISE			X
<b>TEMPO</b>			
MARCAÇÃO	X	X	X
ROTINA	X	X	X
<b>ESPAÇO</b>			
LUGAR	X	X	X
CONSTRUÇÃO	X	X	X
<b>NATUREZA</b>			
CRIAÇÃO	X	X	X
<b>PROCESSO</b>			
RESULTADO	X	X	X
MEIO PARA ALCANÇAR ALVO	X	X	X
FIM	X	X	
ATIVIDADE A SER AVALIADA		X	X
FUNCIONAMENTO/DESEMPENHO		X	X

Fonte: Elaboração nossa.

Inicialmente, observamos que todos os DE's ocorreram em cada um dos três séculos investigados, sendo que os dados se distribuíram de formas distintas, através de MCI's diferentes, o que nos levou a defender a ideia de que o sistema conceptual do *trabalho* não tenha mudado de forma abrupta, no âmbito da documentação acessada, antes, apresentou nuances e ênfases que apontaram para

(re)conceptualizações mais adaptativas ao sistema cultural e ao contexto histórico de cada período. Assim, rupturas radicais de sentidos não nos pareceram ser o padrão ao longo do sistema conceptual do *trabalho*, mas, sim, retomadas e avanços mais sutis, como na perspectiva do contínuo.

Observando o comportamento do DE ATIVIDADE notamos que todos os MCI's apontados foram recorrentes no século XIX, enquanto no século XX, temos a ausência do MCI EXPLORAÇÃO. Já no século XXI, notamos a ausência dos MCI's do OFÍCIO e da ESCRAVIDÃO<sup>208</sup>.

O DE do EVENTO apresentou, no século XIX, a ausência do MCI da CERIMÔNIA; no século XX, apareceram todos os MCI's, enquanto, no século XXI, temos a ausência dos MCI's CERIMÔNIA e COMPETIÇÃO.

No DE das RELAÇÕES, temos, no século XIX, a ausência dos MCI's do NEGÓCIO e da CRISE (ambos presentes somente no século XXI); no século XX, além dos já citados MCI's, não tivemos, também, o MCI da MOTIVAÇÃO. Já no século XXI, temos a ausência dos MCI's VIRTUDE e STATUS SOCIAL.

Todos os MCI's dos DE: TEMPO, ESPAÇO e CRIAÇÃO foram identificados nos três séculos.

No DE do PROCESSO, os MCI's do RESULTADO e do MEIO estiveram presentes nos três séculos, enquanto que, no século XIX, houve a ausência dos MCI's ATIVIDADE A SER AVALIADA e FUNCIONAMENTO/DESEMPENHO; no século XX, temos todos os MCI's; enquanto, no século XXI, só não tivemos o MCI do FIM.

Se observarmos esses resultados em uma perspectiva mais global, ao contrário da perspectiva mais pontual que assumimos ao apresentá-los no subtópico anterior, inferimos que os mesmos se encontram em uma grande relação de proximidade.

---

<sup>208</sup> Tais ausências, a nosso ver, não indicam a inexistência (conceptual) do referido domínio, nos séculos em que não foram identificadas ocorrências que lhe ancoraram. Um exemplo disso, notamos ao estudar o MCI da EXPLORAÇÃO, pois, na contemporaneidade, ainda, identificamos ocorrências em que notamos formas veladas de escravidão, mas, que, por não estarem ancoradas por expressões que nos fizessem acessar, diretamente, o referido MCI, optamos por organizá-las como pertencentes ao MCI da EXPLORAÇÃO.

As ausências e/ou recorrências de determinados MCI's, identificadas ao longo dos séculos, remeteram-nos a uma tessitura mais complexa, em que, apesar de alguns fios não terem se tocado diretamente, estiveram imbricados em outros, através de elaborações conceituais que, a nosso ver, em alguns casos, não foram salientes. Um exemplo disso foi a compreensão metafórica TRABALHO É MEIO, que foi recorrente em diversos MCI's, de DE's diferentes, mas que, enquanto um modelo cognitivo em si, somente consideramos sua recorrência como sendo conceitualmente saliente no âmbito do DE do PROCESSO. Assim, consideramos que a mudança no sistema conceptual do *trabalho* tenha ocorrido, de acordo com as pistas oferecidas pelo corpus acessado, de forma lenta e complexa; em outras palavras, os resultados não nos sugeriram mudanças abruptas nas formas de os escreventes conceptualizarem o *trabalho*.

A complexidade da mudança do referido sistema conceptual apontou, ainda, para o caráter elástico das formas conceptualizadoras, visto que, ao concebermos o mundo ao nosso redor, o fazemos a partir de nossas relações conosco, com o outro e com o próprio mundo.

Ao defendermos a metáfora MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS SÃO TEIAS, propomos, por conseguinte, o caráter contínuo de tal elaboração conceptual, ao apropriar-se de elementos diferentes em situações conceptualizadoras semelhantes, ou, ainda, elementos iguais, em outras distintas. Por conta disso, pudemos lidar mais tranquilamente com as recorrências (ou as repetições) de algumas formas conceptualizadoras, especialmente por meio dos EI's, em diferentes DE's. Um exemplo foi o EI do RECIPIENTE, que apareceu em diversas conceptualizações, ao longo dos séculos, em DE's aparentemente díspares, mas que não nos pareceu ser suficientemente saliente para ser compreendido como um MCI, antes, optamos por considerar o DE do ESPAÇO, em seus desdobramentos cognitivos.

A estrutura de uma teia de aranha, observada na natureza, a nosso ver, corrobora com a ideia dessas recorrências conceituais, visto que, nesse tipo de arquitetura, torna-se muito difícil determinarmos onde começa e onde termina a urdidura do fio, que, vale destacar, em alguns casos, parece tratar-se de uma única peça. No caso do nosso estudo, a complexidade da referida tessitura conceptual foi

potencializada, na medida em que entenderíamos que cada MCI investigado poderia ser compreendido como sendo uma teia diferente na composição das conceptualizações de *trabalho*. Assim, entendemos que cada traço pode ser associado a um fio na composição da teia conceptual, apontando para as relações e processos cognitivos que uniram os sentidos de *trabalho*, disponíveis no âmbito dos diversos DE's acionados.

Esses fios, ao se encontrarem, formam pontos, ou nós, que salientam determinados aspectos conceptuais, sugerindo o que entendemos por “constelações conceptuais”. Passemos, no subtópico seguinte, a algumas ponderações acerca desse entrelaçamento entre os MCI's e os DE's.

### 3.2.2. As constelações e seus pontos: um olhar sobre o entrecruzar dos dados

Entendemos, com Silva (2010), que uma investigação sobre os resultados do alcance semântico das formas conceptualizadoras, termina por suscitar um estudo do seu comportamento polissêmico, a partir de seus múltiplos domínios-fontes<sup>209</sup>:

[...] a semântica de uma palavra não é um saco de sentidos, mas um potencial de significação prototípica, esquemática e multidimensionalmente estruturado. Os diferentes sentidos de uma palavra relacionam-se entre si através de determinados mecanismos cognitivos, designadamente metáfora, metonímia, especialização, generalização, transformação de esquemas imagéticos e subjectificação. A estrutura polissêmica do significado lexical exige não só um modelo radial e esquemático, mas também um modelo multidimensional. [...] Crucialmente, a estrutura semântica de uma palavra (ou construção) é um espaço multidimensional e a estrutura de uma categoria polissêmica é determinada pela covariação sob várias dimensões. (SILVA, 2010, p.52).

O que nos chamou a atenção na fala de Silva (2010) foi sua defesa pelo “espaço multidimensional” relacionado à estrutura semântica de uma categoria. Entender o movimento interpretativo como sendo movente, e, inclusive,

<sup>209</sup> O mesmo pode ser dito a respeito da polissemia de *trabalho*. Porém, como esse não foi o foco do nosso estudo, cujos resultados aqui socializamos, optamos por discutir tais elaborações em suas interações conceptuais a partir das formas dos processos conceptualizadores.

multidimensional, é, deveras, um desafio para o semanticista cognitivo; assim, também, o defende Fauconnier (1997), ao comparar os sinais linguísticos mentais com informações cujas origens e estrutura são longínquas e desconhecidas, embora sejam estruturadas, conforme citamos:

Eu tenho comparado os sinais lingüísticos vindos da mente a sinais recebidos de uma distante galáxia, ou de átomos infinitesimais, que nos possibilitam fazer conjeturas sobre estruturas e princípios de organização secretos que não podemos apreender diretamente (FAUCONNIER, 1997, p.3).

Este aspecto *secreto* da cognição, longe de ser um problema resolvido, é o que nos instiga à reflexão a respeito das formas conceptualizadoras que acessamos em nossa interação comunicativa com o mundo e com o outro.

Em nosso estudo, ao associarmos as relações de sentido identificadas, através das ocorrências, nos MCI's, com as teias, devido à sua complexidade e entrelaçamento, lançamos mão de outra metáfora, a fim de discutirmos o comportamento recorrente das formas conceptuais sobre *trabalho*: DOMÍNIOS DA EXPERIÊNCIA SÃO CONSTELAÇÕES. Nesse aspecto, pudemos observar como os nós, ou pontos mais ou menos, salientes, puderam ser relacionados aos pontos de encontro dos DE, ao longo do lastro temporal.

Pela nossa experiência, ao observarmos as constelações, podemos inferir que as mesmas são estabelecidas a partir do agrupamento aparente e imaginário de pontos visíveis do que se entende por estrelas (quando, inclusive, em muitos casos, são apenas rastros de outras estrelas que não mais existem), no espaço, a partir do qual se podem deduzir figuras e desenhos, cujas aparências nomeiam as referidas junções das estrelas, a saber, as constelações<sup>210</sup>. Entendemos, ainda, que aquelas mais brilhantes são as estrelas que se encontram mais perto – aqui confundindo as ideias de tempo e espaço, a partir da ideia de anos-luz – do campo visual humano (em muitos casos, conforme apontamos, a parte visível seria apenas a sua poeira cósmica). De modo semelhante, na constelação semântico-conceptual o que mais

---

<sup>210</sup> Uma ilustração para este aspecto idealizado das constelações é o conceito de Zodíaco, que determinaria outras questões além da própria física, como, por exemplo, as relações humanas em suas causas e efeitos, isto, a partir da influência da posição do Sol, no momento dos movimentos terrestres, incidindo, imaginariamente, sobre determinado ponto da referida constelação.



ficou saliente (ou “brilhante”) foi o que, conceptualmente, esteve mais próximo a nós, temporalmente.

Essas implicações e movimentos inter-relacionados, associados às constelações, que aqui trouxemos como tentativa de ilustração, possibilitaram o estabelecimento de algumas analogias com os diversos aspectos que consideramos em nossa abordagem semântica das formas de conceptualização. Assim como todos os DE's identificados em nosso estudo estiveram presentes ao longo dos três séculos, com acionamentos distintos dos seus MCI's, propomos a “junção” de tais pontos, ao defendermos um olhar correlacionado sobre o sistema conceptual do escrevente brasileiro, sobre o *trabalho*, na documentação acessada. Outros elementos, conforme sinalizamos na seção anterior, incidiram diretamente sobre nossa proposta hermenêutica, como aspectos históricos e situacionais que envolveram as escritas que selecionamos. Assim, quando entendemos que DOMÍNIOS DA EXPERIÊNCIA SÃO CONSTELAÇÕES, diversos mapeamentos puderam ser descortinados, os quais traçamos em seguida.

As coincidências e retomadas conceptuais nos ofereceram pistas para seguirmos os movimentos conceptualizadores então delineados, que seriam referentes às interpretações das “constelações” que, assim como o aspecto sócio-histórico do sistema conceptual, é movente em sua essência, visto que concordamos com Salomão (2003, p.75), quando nos propusemos a “explicar a dinâmica da interpretação em tempo real”.

Ao defendermos esta forma de interpretação dos dados, não nos furtamos ao reconhecimento de que, possivelmente, algumas inferências não mais estão em “tempo real”, pelo caráter criativo e expansivo do sistema conceptual, assim como podemos observar pelos “berçários de estrelas<sup>211</sup>”, no espaço, propondo uma infinidade de novas constelações existentes, ainda não totalmente mapeadas pelo ser humano. Foi nesse sentido que nosso estudo careceu de serem estabelecidas delimitações documentais e temporais, a fim de “fotografarmos” e refletirmos sobre os

---

<sup>211</sup> A este respeito, vide reportagens: “Observatório capta imagens de ‘berçário’ colorido de estrelas”. BBC-Brasil. 09-08-13. Disponível em: [http://www.bbc.com/portuguese/videos\\_e\\_fotos/2013/08/130809\\_espaco\\_estrelas\\_fn](http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2013/08/130809_espaco_estrelas_fn) e “Telescópio faz imagem de ‘berçário’ de estrelas a 8 mil anos-luz da Terra”. G1. 20-02-13. Disponível em: <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2013/02/telescopio-faz-imagem-de-bercario-de-estrelas-8-mil-anos-luz-da-terra.html>. Ambas com acesso em 14 fev. 2017.

modos de conceptualização, o que, a nosso ver, já poderá servir de contributo em futuras investigações, inclusive sobre a mesma categoria: o *trabalho*.

Por ora, passemos a algumas ponderações a respeito do entrecruzar dos dados, ao formarem as “constelações conceptuais”.

Winters (2010), ao discutir questões relacionadas às mudanças no sistema conceptual, aborda a direcionalidade da extensão semântica, contemplando a mudança metafórica, em que as condições de verdade não são mais suficientes para responder às mudanças, mas se incluem aspectos interacionais, afetivos e cognitivos, na apreensão dos significados. A respeito do que se defende como mudança na área de SC, Winters (2010) entende que a preocupação central seja o componente interno da rede semântica, estruturada em uma perspectiva radial, que seria o protótipo e suas extensões<sup>212</sup>. Nesse sentido, a mudança conceptual se caracterizaria como o movimento de extensão dos sentidos em relação ao centro prototípico de uma determinada categoria (seja de aproximação ou de afastamento), além das mudanças advindas da interação entre essas redes conceptuais, seja por sobreposição, fusão ou divisão, como citamos: “Um *locus* final da mudança é a conexão que une as extensões com o protótipo e uns com os outros. Aqui também mudança é mudança em relação às expressões dessas conexões, frequentemente, por metáforas e metonímias”<sup>213</sup>.

A partir do nosso estudo, pudemos inferir que o centro prototípico das formas de conceptualização de *trabalho* repousou sobre a metáfora conceptual TRABALHO É ATIVIDADE<sup>214</sup>, e, a partir deste centro, tivemos conceptualizações mais periféricas, como por exemplo, TRABALHO É PROTESTO, ou TRABALHO É LUTO, que, por

<sup>212</sup> A este respeito, citamos a autora: “O conjunto semântico configurado radialmente (Lakoff, 1987) continua a ser um ponto de partida [...]. Uma vez que a metáfora é a fonte primária (embora não única) de extensão de itens dentro do conjunto, uma extensão natural do campo tem sido a investigação diacrônica a respeito do nascimento de metáforas e, com outro o seu fim, a natureza das assim chamadas ‘metáforas mortas’”. (WINTERS, 2010, p.14). Tradução nossa do original: “The radially configured semantic set (Lakoff 1987) remains a point of departure [...] Since metaphor is the primary (although not sole) source of extension of items within the set, a natural extension of the field has been to the diachronic inquiry into the birth of metaphors and, of the other end of their lifespan, the nature of so-called ‘dead’ metaphors”.

<sup>213</sup> Tradução nossa do original: “A final *locus* of change is in the connections which link extensions to the prototype and to each other. Here too change is change in the expression of these connections, often metaphors and metonymies”.

<sup>214</sup> Reconhecemos que, o *trabalho* como um tipo de atividade, também, pode ser conceptualizado como uma metonímia conceptual, no entanto, como identificamos o DE da ATIVIDADE, entendemos que os escreventes, ao projetarem conhecimentos afetos à ao domínio-fonte *atividade* sobre o domínio-alvo *trabalho*, fortaleceram nossa hipótese de que o fizeram metaforicamente.

serem bastante específicas em seu uso, não apresentaram muitas ampliações de sentido.

Não ignoramos que o critério utilizado para definição do núcleo prototípico das categorias conceptuais ainda é ponto passível de discussões no âmbito dos estudos em SC (LAKOFF, 1987); em nosso estudo, optamos por defini-lo a partir da saliência que identificamos na referida forma de conceptualização, por força da experiência evocada do âmbito do domínio – ou dos domínios – a que pertencia, a respeito do *trabalho*. Assim sendo, ao apontarmos TRABALHO É ATIVIDADE como sendo o centro prototípico da categoria *trabalho*<sup>215</sup>, o fizemos pelo fato de que, tal forma de conceptualização foi identificada em todos os DE's, ainda que não o tenha sido em todos os MCI's.

A frequência, aqui, embora não deva ser ignorada, não foi usada como critério definatório pelo fato de que não tenha havido uma repetição em cada um dos modelos cognitivos, mas observamos como a produtividade da metáfora TRABALHO É ATIVIDADE pode permear elaborações distintas, julgamos conveniente defini-la, como o protótipo da categoria. Além disso, destacamos que, ainda que tenha havido desdobramentos conceptuais, em outros DE's, entendemos que ATIVIDADE constituiu-se como um DE por si mesmo, devido à sua elasticidade semântica. Como exemplos de conceptualizações metafóricas e seus desdobramentos relacionados à *atividade*, em outros DE's, tivemos: TRABALHO É ATIVIDADE REALIZADA NO TEMPO (DE do EVENTO), TRABALHO É ATIVIDADE QUE SE REALIZA EM COMUNIDADE, VISANDO A UM MESMO FIM (DE das RELAÇÕES), TRABALHO É ATIVIDADE CONTÍNUA (DE do TEMPO), TRABALHO É ATIVIDADE DESENOVIDA EM UM LUGAR (DE do ESPAÇO), TRABALHO COLETIVO É ATIVIDADE DE GERAÇÃO ANÔNIMA (DE da NATUREZA), ATIVIDADES SÃO TRABALHO (DE do PROCESSO).

Geeraerts (2010), outro pesquisador interessado nas questões históricas atinentes aos estudos linguístico-conceptuais, entende a linguagem como um fenômeno histórico, tanto quanto a própria experiência humana. Aponta duas características que ancoram sua perspectiva: a natureza experiencial da linguagem,

---

<sup>215</sup>Questões atinentes ao protótipo foram tratadas no subtópico 1.3 desta tese, referente à proposta da SC no que tange à categorização e organização do conhecimento.

no que tange à sua universalidade, enquanto os aspectos biológicos, e individuais, e as questões culturais e a natureza da linguagem baseada no uso, que implicam em seu aspecto dinâmico: o falante, ao mesmo tempo em que se adapta às regularidades da língua, pode também acionar as especificidades demandadas pelas diversas situações de comunicação. É nesse aspecto que defende que a linguagem é inerentemente histórica<sup>216</sup>, devido às suas possibilidades de transformação.

Ao falarmos, em SC, dos objetivos da categorização das coisas, entidades ou fenômenos, visamos, como o defende Fernández Jaén (2012, p.42), a “categorizar as coisas, para estabelecer limites conceptuais”<sup>217</sup>. Como um dos objetivos da investigação aqui empreendida foi buscar compreendermos como se estabeleceram as redes – ou teias – conceptuais, a respeito das formas de conceptualização do trabalho, desde o século XIX até o XXI, partimos da hipótese de que a mudança se estabelece, por meio dos conceptualizadores, sócio-historicamente situados, via extensão conceptual. Daí ter sido imprescindível o estudo das metáforas, metonímias e/ou esquemas de imagem que estruturaram os processos conceptualizadores. Assim, foram as recorrências, substituições ou sobreposições dessas formas conceptualizadores que forneceram o vislumbre de possíveis mudanças e/ou permanências no sistema conceptual, mediante as redes que então se estabeleceram na documentação investigada, dentro do lastro temporal selecionado.

Essas mudanças e permanências funcionaram, conforme pudemos observar, como *cluster models*, ou *modelos em grupo*, conceito lakoffiano (1987), já discutido por nós na seção *Aspectos Teóricos*, segundo o qual os MCI's se auto-organizam a fim de estabelecerem formas de conceptualização mais complexas. Assim, a categoria conceptual *trabalho* foi mapeada, no âmbito da documentação aqui perscrutada, como funcionando em *cluster models*, de modo que, até mesmo para estabelecermos graus de prototipia de determinados modelos foi para nós um caminho interpretativo complexo, visto que as retomadas conceptuais de determinadas formas foram recorrentes, e, desmembrar, ou desvincular determinada

<sup>216</sup> Apesar desse aspecto histórico, o autor aborda que, no âmbito dos estudos cognitivistas, a preocupação, de uma forma geral, ainda, não é o aspecto diacrônico dos estudos. O autor aborda, nesse aspecto, que a SC aproxima-se teórico-epistemologicamente com o pré-estruturalismo, devido a alguns interesses comuns, como o aspecto flexível do conhecimento, o foco em fenômenos semânticos como a metáfora e a polissemia. Por conta disto, o autor propõe um (re)pensar das contribuições da SC, mediante o programa a ela anterior (pré-estruturalista, mais especificamente o histórico-filológico), para o estudo diacrônico das línguas, em uma perspectiva da mudança linguística.

<sup>217</sup> Tradução nossa do original: “categorizar las cosas, para establecer límites conceptuales”.

forma conceptualizadora como sendo exclusiva de um ou outro MCI, de determinado século, acarretaria, a nosso ver, em algumas restrições dos sentidos.

Assim, levantaremos algumas ponderações a respeito dos resultados observados, ancorando-nos no critério por nós adotado, de definição do centro prototípico, a saber, a saliência conceptual evocada no âmbito do DE a que pertence. Por entendermos que o referido centro organiza conceptualmente os MCI's, e, em consequência, o DE, consideramos as formas conceptuais mais salientes em cada DE.

Inicialmente, pudemos observar, em cada MCI, que a conceptualização do *trabalho* girou em torno de projeções, nem sempre diretas, ou unidirecionais, partindo de um domínio experiencial concreto ou familiar, para o domínio-alvo mais abstrato ou menos familiar (no caso o *trabalho*), conforme preconizado pela hipótese da invariância, proposta por Lakoff (2002[1980]). Como ilustração, tivemos, no DE da ATIVIDADE, no âmbito do MCI do OFÍCIO, as elaborações seguintes, que, respectivamente, apontam para casos em que as projeções se deram entre domínios CONCRETO-ABSTRATO (TRABALHO É MOEDA DE TROCA), ABSTRATO-ABSTRATO (TRABALHO É TÉCNICA) ou ainda CONCRETO-CONCRETO (MÁQUINAS SÃO INSTRUMENTOS DE TRABALHO). Essa variabilidade interna em um mesmo MCI ofereceu-nos pistas que, a nosso ver, refutam a unidirecionalidade das projeções CONCRETO-ABSTRATO, no processo conceptualizador, conforme discutimos na seção *Aspectos teóricos*.

Outra questão diz respeito ao tipo de conceptualização, que, em alguns casos, não seguiu o padrão Y É X, em que temos TRABALHO É X<sup>218</sup>. Ao invés disso, notamos, além destas, formas complexas, que envolviam, inclusive, os acarretamentos, como por exemplo, no MCI do APERFEIÇOAMENTO, em que tivemos: *MUITO TREINO RESULTA EM MELHOR DESEMPENHO, NÃO TRABALHO AUMENTA DIFICULDADES, TRABALHADOR CAUSA MOVIMENTO DO TRABALHO, ESFORÇO PARA CONVENCIMENTO TRARÁ RESULTADOS, SERVIÇOS PRESTADOS DEMANDAM AGRADECIMENTO, MOVIMENTO DA ECONOMIA GERA TRABALHO, COMPANHEIROS DE TRABALHO FORMAM UMA*

---

<sup>218</sup> Ainda que, em sua maioria, as ocorrências apontaram para resultados que se enquadraram nessa formulação, levamos em conta que este comportamento não foi homogêneo, e, por isso, levantamos esta ponderação.

*EQUIPE*. Deste modo, entendemos que mapear as formas de conceptualização de *trabalho* não se constituiu em nos restringirmos à formulação fixa do tipo Y É X, mas, antes, exigiu um exercício hermenêutico que considerou outros desdobramentos no comportamento das metáforas, metonímias e dos EI's.

Ainda no DE da ATIVIDADE, notamos que os MCI's do OFÍCIO e da ESCRAVIDÃO não ocorreram no século XXI. Considerando que o entrecruzar dos DE's implica sua relação historicamente situada, compreendemos que a ausência de tais MCI's na contemporaneidade apontou para, no caso do OFÍCIO, o dinamismo das formas laborais, especialmente, advindas da era tecnológica, ao fazer emergirem novos formatos e conceptualizações de determinadas profissões, que, em seu bojo, diferem das noções oitocentista e novecentista do que seja um ofício, ao associar-se a questões afetivas e familiares, por exemplo. Já no caso do MCI da ESCRAVIDÃO, entendemos que a não ocorrência de tal modelo, nos textos contemporâneos, possa ter sido motivada pela atual condição ilegal da atividade, no país. O fato que nos chamou a atenção, e que já o discutimos no tópico referente a este MCI, é que ocorreu o MCI da EXPLORAÇÃO no século XXI, por meio de conceptualizações do tipo: *EXPLORAÇÃO DO TRABALHO É CRIME*, *TRABALHO É PRISÃO*, *EXPLORAÇÃO DO TRABALHO RESULTA EM TRABALHO EXTENUANTE* e *TRABALHO INFANTIL É TIPO DE EXPLORAÇÃO DO TRABALHO*, através das quais entendemos ter sido uma associação indireta com o que seria uma escravidão, ainda presente, na contemporaneidade, porém não explicitada no corpus.

No DE do EVENTO, praticamente todos os MCI contaram com ocorrências dos três séculos, exceto o de CERIMÔNIA (ausente no século XXI) e o de COMPETIÇÃO (presente somente no século XX). Os MCI's do FESTEJO e do PROTESTO podem ser considerados como intrinsecamente relacionados à história do Dia do Trabalho no Brasil. Por este motivo, conforme explicitamos na seção referente aos aspectos metodológicos, julgamos desnecessário apresentar, na presente tese, um tópico que tratasse exclusivamente sobre o Dia do Trabalho no Brasil, pois entendemos que os referidos modelos cognitivos, por si sós, poderiam oferecer um vislumbre do que foi esta data para o país, em seu sentido histórico e como elemento fundante para a luta dos trabalhadores por melhores condições de vida e de trabalho. Inicialmente pensada como ocasião de protesto, a data 1º de Maio foi sendo reconceptualizada pelo povo brasileiro, até que chegou a ser entendida como ocasião para festejos, ou

mesmo de luto; processo este confirmado pelas ocorrências estudadas. Entendemos, assim, que determinados MCI's ofereceram uma perspectiva de estudo mais proveitosa, socio-cognitivamente falando, que outros, visto que a relação com o contexto de produção e a experiência dos escreventes nos pareceu mais saliente, conforme deduzimos dos MCI's do FESTEJO e do PROTESTO.

No DE das RELAÇÕES, observamos que os MCI's do NEGÓCIO e da CRISE foram específicos do século XXI. A respeito do modelo cognitivo da CRISE, a metáfora CRISE É UM LUGAR, licenciada pelas ocorrências, esteve diretamente associada aos temas, de ordem política e econômica que tiveram lugar no país, a partir de 2015. Assim, ao abordar questões relacionadas ao trabalho, os escreventes acionaram elementos dos fatos constantemente noticiados pela grande mídia e pelas redes sociais, em especial, com valorações negativas a respeito da vida financeira do brasileiro. Mais uma vez, notamos como o aspecto contextual corroborou o estudo sobre as formas de conceptualização.

Os DE's do TEMPO, ESPAÇO e NATUREZA foram os únicos em que todos os MCI's tiveram ocorrências correspondentes em todos os séculos estudados. Arriscamos pontuar que, pelo fato de seus respectivos MCI's estarem presentes, de forma, quiçá, universal, na experiência humana, sua presença foi mais ubíqua nos processos cognitivos básicos, sejam eles a respeito de quaisquer categorias. Elaboraões como TRABALHO É TEMPO, TRABALHO É DINHEIRO (MCI da MARCAÇÃO); TRABALHO É ROTINA ENFADONHA, TRABALHO É ATIVIDADE CONTÍNUA (MCI da ROTINA); TRABALHO É ATIVIDADE DESENOVIDA EM UM LUGAR, TRABALHO É LUGAR / TRABALHO É POSIÇÃO (MCI do LUGAR); ESTRUTURAR TRABALHOS É ESCOLHER ESTRATÉGIA PARA ALCANÇAR UM FIM (MCI da CONSTRUÇÃO); TRABALHO É PRODUÇÃO, TRABALHO É SEMENTE, TIPO DE TRABALHADOR É FRUTO e TRABALHO É CRIAÇÃO (MCI da CRIAÇÃO) foram exemplos de como algumas das referidas conceptualizaões, em seus desdobramentos, se comportaram ao longo dos referidos DE's, que foram identificados nos séculos XIX, XX e XXI.

O DE do PROCESSO, por sua vez, foi compreendido, a nosso ver, como sendo motivado conceptualmente pela metonímia PARTE PELO TODO, de modo que, através de cada MCI, pudemos estabelecer uma analogia com uma parte de um

processo, com início, meio e fim. Desse modo, relacionamos o fato de, no século XX, termos identificado ocorrências referentes a todos os MCI's deste DE, com a proposta de avanço e aperfeiçoamento da industrialização e crescimento econômico do país, durante o referido século. Desta forma, a fragmentação e a alocação de atividades laborais em suas distintas partes estavam relacionadas ao espírito do tempo, à necessidade de compartimentalização. A ausência do MCI do FIM, apenas no século XXI, sugeriu-nos que o trabalho não seja a meta dos homens e das mulheres contemporâneos mas, sim, o meio pelo qual acessarão outros fins aos quais se interessem, em especial, o salário (sobrevivência) e o bem-estar. Já os MCI's ATIVIDADE A SER AVALIADA e FUNCIONAMENTO/DESEMPENHO não apareceram no século XIX, o que pode ser relacionado ao caráter mais pragmático das atividades então realizadas, com o início da industrialização no país, que requereria, a nosso ver, a ênfase no RESULTADO, MEIO e FIM do trabalho, conforme reforçaram as ocorrências identificadas<sup>219</sup>.

Ao defendermos que a categoria trabalho, em nosso estudo, foi conceptualmente organizada por um modelo em grupo, novamente, retomamos a metáfora DOMÍNIOS DA EXPERIÊNCIA SÃO CONSTELAÇÕES. Inferimos que, partindo de noções experienciais mais elementares com as atividades laborais, como as ATIVIDADES, os escreventes, em suas escritas de distintas épocas, puderam, de certa forma, deixar transparecer um aspecto mais abstratizado das conceptualizações de *trabalho*, chegando ao DE do PROCESSO.

Novamente, ancorando-nos em Silva (2010, p.52), percebemos como se deram as relações entre sentidos diversos, em um modelo multidimensional:

Em vez de ligar sentidos diretamente ao protótipo ou entre si, o que configura um modelo bi-dimensional, um modelo multidimensional permite descrever como os sentidos se associam pela co-ocorrência de variações semânticas que envolvem várias dimensões ao mesmo tempo.

A multidimensionalidade do sistema conceptual do *trabalho* apontou, em nosso estudo, para o entrecruzar dos elementos fornecidos pelos múltiplos domínios-fontes

---

<sup>219</sup> Conforme sinalizamos a respeito dos MCI's da ESCRAVIDÃO e da EXPLORAÇÃO, tais ausências podem ter ocorrido pelo fato de a amostra selecionada não trazer essas conceptualizações.



acionados, que deram suporte semântico para a organização de modelos cognitivos ainda mais distintos. Esse entrecruzar de “várias dimensões ao mesmo tempo”, verificado em nosso estudo, apontou questões de ordem históricas, sociais, econômicas, religiosas e morais como motivadoras concomitantes para as formas de conceptualização que emergiram.

Assim sendo, a partir da metáfora DOMÍNIOS DA EXPERIÊNCIA SÃO CONSTELAÇÕES, propomos alguns acarretamentos interpretativos, os quais sejam: *MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS SÃO ESTRELAS, SALIÊNCIA CONCEPTUAL É PROXIMIDADE, CONCEPTUALIZAÇÃO PERIFÉRICA É DISTÂNCIA.*

No que tange à saliência, referimo-nos ao caráter prototípico identificado no sistema conceptual do *trabalho* (TRABALHO É ATIVIDADE), enquanto outras formas conceptualizadoras são as menos salientes e, portanto, periféricas, ou distantes, do centro prototípico. Os MCI's, entendidos como ESTRELAS, nos remeteram aos pontos de ligação entre as formas de conceptualização, em períodos distintos, visto serem, no âmbito da natureza, o elo que possibilita o estabelecimento imaginário das constelações. Assim, ao identificarmos modelos que são, por sua própria natureza, idealizados, realizamos um processo análogo ao que é feito ao estabelecermos constelações e mapearmos diversos outros elementos do espaço em função de suas coincidências.

Essa característica idealizada dos MCI's nos remeteu, ainda, à aparente fragilidade das teias de aranhas, conforme discutimos no início da presente subseção: do mesmo modo como os MCI's são ligações estabelecidas entre sentidos, a nosso ver, dispersos entre ocorrências de períodos distintos, propomos que havia uma relação entre elas, de modo que podem ter sido organizadas em modelos coerentes de interpretação, a respeito do sistema conceptual estudado. Ainda assim, nossa proposta hermenêutica segue como uma possível leitura, o que reitera seu aspecto aproximativo e reflexivo sobre o sistema conceptual do *trabalho*, e não como uma resposta definitiva a seu respeito.

Chegamos, nesse aspecto, a algumas ponderações a respeito dos sentidos de *trabalho*, ao estudarmos as formas de conceptualizações observáveis na

documentação selecionada, as quais expusemos em seguida, inicialmente, com as continuidades, e, em seguida, com as especificidades de sentido, em cada período.

Conforme já discutimos, observamos que as continuidades conceptuais foram mais recorrentes, em nosso estudo, do que as rupturas abruptas de sentidos. Assim sendo, apesar de termos identificado processos de mudanças nas formas de conceptualização de *trabalho*, pudemos, também, caracterizar tal processo como tendo se configurado lentamente, através do tempo.

Um aspecto dos nossos resultados que corroborou esta perspectiva foi o fato de termos identificado todos os domínios-fonte da experiência nos três séculos investigados. Nesse aspecto, ao apontarmos as continuidades, optamos em concentrarmo-nos nas formas de conceptualização resultantes<sup>220</sup>, que melhor especificaram os sentidos ao cotejarmos os dados nos três períodos. Assim, tivemos:

- Continuidade conceptual ao longo dos séculos XIX, XX e XXI:  
MOTIVO PARA FESTEJOS
- Continuidades conceptuais nos séculos XIX e XX:  
ATIVIDADE A QUE SE ENTREGA, LIVRE NEGOCIAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO, LUGAR, ESPECIALIDADE QUE EXIGE CAPACIDADE, PRISÃO, CERIMÔNIA, EVENTO, ATUAÇÃO EM UM ESPAÇO, VIRTUDE, RECOMPENSA, ATIVIDADE QUE SE FAZ EM COMPANHIA DE ALGUÉM, RESULTADO
- Continuidade conceptual nos séculos XIX e XXI:  
ESPECIALIDADE QUE EXIGE CAPACIDADE
- Continuidades conceptuais nos séculos XX e XXI:  
JORNADA NO TEMPO, AÇÃO REALIZADA NO TEMPO PRODUTIVO, RESULTADO A SER AVALIADO.

Conforme pontuamos anteriormente, pudemos considerar como elemento prototípico para a categoria *trabalho* a conceptualização TRABALHO É ATIVIDADE,

---

<sup>220</sup> Conforme já demonstramos por meio da seção anterior, as formas de conceptualização do *trabalho* identificadas em nosso estudo estiveram ancoradas em diferentes esquemas imagéticos, por meio, inclusive, de projeções metonímicas. Assim, ao nos referirmos a uma conceptualização X do *trabalho*, levamos em conta que ela é resultante de um processo que envolve esses dois outros tipos de modelos cognitivos. Por conta disto, não julgamos necessário enfatizar, para fins da presente discussão, quais elementos de EI's ou de metonímias foram, ou não, recorrentes em cada século, visto que este fato corroborou para que chegássemos às conceptualizações que entendemos como resultantes desse processo.

visto entendermos que esta permeia todas as continuidades conceptuais, acima elencadas, direta ou indiretamente, ao longo dos três períodos.

Propomos, nesse sentido, que o centro prototípico dos sentidos de *trabalho* pode ser identificado na intersecção das temporalidades demarcadas pelos séculos que escolhemos como lastro temporal.

Além de estabelecer estreita relação com a questão temporal, a tessitura conceptual que esquadrimos, conforme temos discutido ao longo da presente seção, esteve intrinsecamente relacionada aos MCI's. Trazemos, em seguida, o que identificamos como especificidades conceptuais em cada período, relacionando, novamente tempo e formas conceptuais, e seu conseqüente estabelecimento do protótipo da categoria:

- Especificidades conceptuais do século XIX:  
NÃO OBSERVAMOS
- Especificidade conceptual do século XX:  
MCI da COMPETIÇÃO
- Especificidades conceptuais do século XXI:  
MCI's do NEGÓCIO e da CRISE

O fato de não termos identificado elementos específicos no período do século XIX reforçou nossa hipótese de que a mudança conceptual não se deu de modo abrupto, visto que as formas conceptuais, observadas no século XIX, também ocorreram, em certa medida, ao longo dos séculos seguintes. Não pudemos identificar se tais formas conceptuais se estabeleceram no próprio século XIX, mas, pelo movimento conceptual que se seguiu, podemos inferir que não surgiram, mas que vinham sendo elaborados desde séculos anteriores<sup>221</sup>. Já em relação ao MCI da COMPETIÇÃO, pudemos localizá-lo temporalmente como tendo sido elaborado a partir do século XX, visto que antes desse momento, não o identificamos, em nossa documentação. O mesmo raciocínio vale para os MCI's do NEGÓCIO e da CRISE, que foram identificados no corpus, prioritariamente, no século XXI.

---

<sup>221</sup> Deduzimos, a partir disso, que somente uma investigação de cunho diacrônico, que recuasse ainda mais no tempo, poderia responder a tais questões atinentes ao surgimento de determinadas formas conceptuais, anteriores ao século XIX.

A partir do que sugerimos em nosso estudo, intentamos demonstrar como compreendemos essa relação cognitivo-temporal, a partir das continuidades e especificidades conceptuais e de como relacionamos os fenômenos identificados. Inicialmente, defendemos que não foi nosso interesse salientarmos rigidamente os limites entre as partes referentes às distintas conceptualizações, o que corrobora a perspectiva defendida em SC da não-discrecionalidade das categorias (LAKOFF, 1987), ao estabelecermos os elementos prototípicos e os elementos periféricos em uma rede conceptual. Assim, apontamos indicações possíveis do que entendemos como conceptualização prototípica (TRABALHO É ATIVIDADE), intermediária (CONTINUIDADES E ESPECIFICIDADES) e periférica (TRABALHO É CRISE, TRABALHO É NEGÓCIO).

A ideia de unirmos as continuidades e especificidades como sendo intermediárias, na rede conceptual, justificou-se por entendermos que foi a mescla de ambas, ao longo do tempo, que resultou em formas de conceptualização de *trabalho* de tipo *modelo em grupo* (LAKOFF, 1987), pois mobilizou elementos de MCI's diversos, ou seja, por meio das retomadas e inovações da compreensão do *trabalho*, ao longo do tempo, é que pudemos distinguir o que se configurou como central e como periférico entre elas. O que se configurou como periférico, a nosso ver, foram as conceptualizações mais recentes de *trabalho*, ao unirmos, mais uma vez, o critério do momento de aparecimento no corpus com a especificidade dos modelos cognitivos resultantes.

Desse modo, entendemos que as outras formas conceptuais, escassamente documentadas, dizem respeito às ocorrências que se distanciaram mais do protótipo, a partir das similitudes e diferenças semânticas identificadas ao compararmos tais formas<sup>222</sup>. Isso implica em que cada conceptualização encontrada para *trabalho* foi entendida como um membro da categoria, do ponto de vista das semelhanças de família; assim existem membros nucleares e membros periféricos, em relação ao protótipo.

---

<sup>222</sup> Paz Afonso (2014), em seu estudo histórico sobre os verbos espanhóis *entrar* e *sair*, propôs que a evolução dos referidos verbos se deu em termos de prototipicidade, mediante novos significados nucleares e periféricos. A autora estudou o que chama de “tendência diacrônica em direção à geração de novas extensões semânticas” (Paz Afonso, 2014, p. 396. Tradução nossa do original: “tendencia diacrónica hacia la generación de nuevas extensiones semánticas”), geralmente partindo do sentido prototípico, encontrado como sendo um significado nuclear dos “subcorpus” (os documentos das diversas sincronias que selecionou).

Um desses efeitos seria a flutuação entre os limites categoriais, caracterizado, como já o apontamos, pela não-discrecionalidade na extensão das categorias<sup>223</sup>. Assim também o defendem Paz Afonso (2014, p.423): “as diferenças de relevância entre os membros de uma categoria servem para explicar a mudança semântica como resultado das modulações dos centros prototípicos”<sup>224</sup> e Fernández Jaén (2012, p.42): “A LC defende a prototipicidade das categorias, ou seja, a ausência da equivalência total de todos os elementos das categorias”<sup>225</sup>.

A rede conceptual então resultante, com seus nós, sugeriu-nos que tais resultados não são demonstrações de processos conceptuais que se deram de forma estanque ou fragmentária na história, mas que, a partir de um contínuo, organizaram e criaram, pelos usos dos conceptualizadores-escreventes, o que, hoje, podemos acessar, enquanto sistema conceptual do *trabalho*.

Tal sistema, a nosso ver, constituiu-se de modo a apontar para o fenômeno da polissemia<sup>226</sup> de *trabalho*, que, se pudéssemos localizar tanto conceptual quanto temporalmente, localizaríamos ATIVIDADE como sendo a forma prototípica e CRISE e NEGÓCIO como sendo as formas periféricas.

Ao longo da subseção anterior, *Os domínios-fonte da experiência e as conceptualizações de trabalho*, buscamos apresentar as conclusões hermenêuticas as quais chegamos a respeito das distintas formas de conceptualização de *trabalho*, ao traçarmos, através dos comentários de cada uma das ocorrências, como entendemos ter ocorrido o acionamento de formas metafóricas, metonímicas e imago-esquemáticas, que, a nosso ver, estiveram imbricadas na composição da teia semântica aqui apresentada.

Ao preocuparmo-nos com os aspectos diacrônico e sincrônico da análise do sistema conceptual do *trabalho*, decidimos realizar um estudo que propusesse um

---

<sup>223</sup> Isto porque os limites entre as categorias não se estabeleceram com rigidez, antes, apresentaram-se como sendo fluidos. A este respeito, já discutimos anteriormente.

<sup>224</sup>Tradução nossa do original: “las diferencias de relevancia entre los miembros de una categoría sirven para explicar el cambio semántico como resultado de las modulaciones de los centros prototípicos”.

<sup>225</sup>Tradução nossa do original: “La LC defiende la prototipicidad de las categorías, o sea, la ausencia de la equivalencia total de todos los elementos de las categorías”.

<sup>226</sup>Não foi nossa pretensão realizar uma incursão hermenêutica a respeito da polissemia. Somente julgamos necessário observarmos que as formas conceptualizadoras aqui discutidas culminam, a nosso ver, em um processo polissêmico, que, por sua complexidade, exigiria outro estudo, de caráter distinto do que aqui propusemos.

caminho interpretativo menos dicotômico no trato com tais conceitos, conforme defendemos na seção 2, referente aos aspectos filosóficos e metodológicos que permearam nossa investigação. O fato de optarmos por investigar dados conceptuais, ancorando-nos em textos escritos datados de três séculos diferentes, demonstrou nosso interesse em, sociohistoricamente, notar como tais formas conceptualizadoras se deram ao longo do lastro temporal definido, e, o fato de determo-nos em informações de cunho pontual, a respeito das ocorrências, a fim de melhor interpretá-las, apontou, ao mesmo tempo, para um caminho sincrônico.

Porém, não pretendemos dividir nosso estudo em duas partes, sincrônica e/ou diacrônica, antes, buscamos observar o corpus como um todo, propondo um caminho interpretativo que mesclasse as duas propostas, conforme tem sido praticado nos estudos sociocognitivos<sup>227</sup>.

Assim sendo, entendemos que o cerne de nossa investigação não foi, necessariamente, detectar se houve mudanças e/ou continuidades no sistema conceptual do *trabalho*, mas, em as havendo, discutir como se deu esse processo de mudanças e/ou continuidades no tempo. Defendemos, nesse aspecto, que, por meio da exposição proposta na subseção 3.1, tais reflexões puderam vir à tona, de modo a explicitar os fenômenos cognitivos subjacentes a cada desdobramento conceptual do *trabalho*.

Através da presente subseção, *Por uma leitura sociocognitiva dos fenômenos de conceptualização do trabalho*, objetivamos apresentar nossas impressões hermenêuticas acerca desses resultados obtidos, através da identificação das referidas mudanças e/ou continuidades nas formas de conceptualização do *trabalho*, após o estudo empreendido.

---

<sup>227</sup> Winters (2010) discute que, a partir da década de 90, começou a haver uma preocupação mais sistemática dos estudos cognitivistas, a respeito da mudança linguística e conceptual, em uma perspectiva diacrônica; para este fim, os estudos passam a revisitar as contribuições dos estudos linguísticos históricos, na área de linguística cognitiva. A autora aponta que a LC, como ocorreu com praticamente todas as correntes linguísticas, começou concentrando-se em uma perspectiva sincrônica de abordagem dos dados (cita como exemplo os trabalhos de Lakoff (1987) sobre as formas de categorização). Estudos focados no fenômeno da polissemia foram os que despertaram o interesse a respeito das relações dos significados entre si, através, por exemplo, da análise das metáforas. Nesse aspecto, Winters (2010, p.7) sumariza, da seguinte forma, sua proposta em relação ao estudo da mudança do significado, estando atrelado a redes radiais de sentido: “[...] a mudança em um significado poderia ser analisada como mudança tanto na configuração de qualquer conjunto radial dado tanto quanto a natureza do próprio significado prototípico”. Tradução nossa do original: “[...] the change in meaning could be analyzed as change both in the configuration of any given radial set and also the nature of the prototypical meaning itself”.

Assim, com a junção de duas metáforas da natureza – teias e constelações – procuramos levantar o caráter ecológico (ALMEIDA, 2016a) das formas de conceptualização do *trabalho*, o que confirmou nossa hipótese de que os fenômenos de conceptualização podem oferecer-nos pistas de cunhos cognitivo e experienciais, a fim de compreendermos o ser humano em sua relação consigo mesmo, com o outro e com o seu meio, no transcorrer do seu tempo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Às vésperas da conclusão da escrita da presente tese, o Brasil enfrenta, talvez, uma das piores crises vivenciadas por sua população. Auferimos a proporção da referida situação caótica a partir do “efeito cascata” que se apresentou quando áreas como ética, política, economia, segurança, educação, saúde, trabalho, dentre outras, passaram a apresentar ameaças ao sentimento de pertença e segurança do brasileiro. Denúncias, esquemas de corrupção, aumento avassalador do desemprego são apenas a ponta de um *iceberg* que tem afetado a todos os brasileiros, especialmente, no que tange ao nosso tema de interesse: o trabalho. A nebulosa insegurança gerada por decisões sobre reformas que envolvem os direitos do trabalhador tem sido o foco de discussões em diversos ambientes, para além daqueles midiáticos. A reação dos trabalhadores tem vindo à tona, por exemplo, por meio de mobilizações como as que ocorreram no dia 28 de abril de 2017, ao executarem uma greve de alcance nacional, ao reivindicarem direitos, especialmente, os trabalhistas. A referida greve, estrategicamente pensada, reverberou-se até o dia 1º de maio de 2017, através de manifestações populares que grassaram pelas ruas e redes sociais no Brasil, por meio dos trabalhadores.

Apesar de a constituição de nosso corpus e nosso estudo já terem sido concluídos à época dos fatos aqui citados, julgamos relevante trazê-los para o presente espaço de nossa tese, que, embora se constituam nas nossas últimas palavras no âmbito deste estudo, não entendemos que sejam palavras finais, pois notamos, mesmo sem termos realizado um estudo mais aprofundado dos últimos acontecimentos, e textualmente ancorado, que modelos cognitivos idealizados como o do PROTESTO, em especial, novamente, vêm à tona, por meio de desdobramentos como TRABALHO É MOTIVO DE LUTA, TRABALHADOR É LUTADOR, através de expressões metafóricas que foram massificadas nas redes sociais como: “*Nem um direito a menos*”, “*Trabalhar até morrer*”. Outros MCI’s que foram, a nosso ver, retomados pelos brasileiros foram o de TEMPO, ao ancorarem-se em expressões como “*jornada de trabalho de 44 horas*”; o de RELAÇÕES, em elaborações como “*relação empregador-empregado*”, “*acordo de férias*”, “*flexibilização dos modelos de*



*contrato*”, “*terceirização*”; NATUREZA (“*geração de empregos*”, “*fruto da luta*”), dentre outros<sup>228</sup>.

Este olhar aligeirado, mas relevante, sobre algumas manifestações textuais recentes, que podemos chamar de *microcorpus*, traz à tona algumas ponderações. Inicialmente, reforça o caráter contemporâneo do nosso estudo, que, ao propor, inicialmente, uma reflexão a propósito de formas de conceptualizações de uma categoria (*trabalho*), culminou em ponderações outras a respeito da importância de o ser humano (re)pensar sobre o seu fazer(-se) no mundo, por meio de suas experiências. Ao lutar pelos direitos atinentes ao trabalho, homens e mulheres têm ressignificado o ato de trabalhar, como sendo algo inerente às suas interações, seja como ORIGEM, como FIM, ou, ainda, como PERCURSO, em suas relações, com seus pares e seus empregadores. Ao realizar esse exercício hermenêutico, expresso na metáfora da luta, que explodiu nas ruas – desde os três últimos anos – os trabalhadores mostraram que (re)pensar o *trabalho* é uma questão de (re)colocar-se no mundo, como seu agente de transformação, especialmente, ao conscientizarem-se de que suas ações presentes serão reverberadas no futuro, por meio de registros escritos e orais, que, ao serem acompanhados em seu caráter viral de repercussão nas mídias sociais, revelam o aspecto *online* da conceptualização do ser humano, sobre categorias e, também, sobre fenômenos que lhe dizem respeito.

Outra questão que nos chamou a atenção foi a rápida consulta que realizamos a um número de ocorrências – para a referida observação dos últimos fatos – consideravelmente baixo, que chamamos de *microcorpus*. O mesmo nos ofereceu a possibilidade de podermos ter traçado considerações sobre as formas distintas de conceptualização do *trabalho*, que, ao compararmos com o nosso estudo, foram retomadas, com certa frequência, o que corrobora nossa defesa pela mescla de métodos quantitativo e qualitativo como sendo um caminho viável em determinadas modalidades de investigações em SC, além de reiterar o caráter, ainda em aberto,

---

<sup>228</sup> A fim de identificarmos as expressões acima destacadas, realizamos uma busca no site de pesquisas *Google*, através de “reforma do trabalho”, e acessamos, em 08 de maio de 2017, diferentes sites, como os seguintes: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,nao-ha-luta-de-merito-na-reforma-trabalhista-ha-luta-politica-diz-temer,70001764481>, <http://www.lutadeclases.org/2017/01/reforma-trabalhista-e-inconstitucional.html>, <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-05/no-recife-dia-do-trabalho-tem-manifestacao-contra-reforma-trabalhista>, além de acionarmos nossos conhecimentos enciclopédicos a respeito do últimos acontecimentos no país.

das questões atinentes ao método no âmbito das investigações cognitivas sócio-históricas, que nos fazem pensar mais adequação do que em limites rígidos.

Assim sendo, buscamos, por meio do estudo ora empreendido, cujos resultados socializamos na presente tese, apresentar nossa contribuição, através de uma proposta de caminho teórico-metodológico, em uma perspectiva cognitivo-sócio-histórica, para o estudo de categorias conceptuais que abarquem um lastro temporal com um recorte diacrônico. Ao observarmos a carência de investigações na área de SC a respeito de fenômenos sócio-históricos, em perspectiva cognitivista, o que pretendemos, além de contribuir com a consolidação de tais empreendimentos, foi propor um modelo teórico-metodológico, cuja aplicabilidade estivesse aberta a outras categorias conceptuais.

Para tanto, optamos por ancorarmo-nos, teoricamente, de forma predominante, na *Teoria da Metáfora Conceptual*, levando em conta suas mais recentes atualizações e revisitações, a partir de estudiosos que têm se debruçados sobre os fenômenos conceptualizadores. Assim sendo, o que fora proposto por Lakoff e Johnson, em obra de 1980, foi, por nós, aqui amplamente discutido e relido, a partir de nossa atualização aplicada à referida teoria, em suas mais contemporâneas atualizações, inclusive pelo próprio George Lakoff, em texto de 2012. Assim sendo, nossas escolhas teóricas foram conscientemente corroboradas e a opção por um arcabouço teórico delimitado tratou-se de uma escolha, que remontou a nossos caminhos metodológicos, visando a uma perspectiva de estudo mais holística, ao lidarmos com o nosso corpus.

Desse modo, o estudo que realizamos apontou para a conceptualização de *trabalho* através de modelos cognitivos metafóricos, metonímicos e imago-esquemáticos. Assim, além de considerar as expressões conceptualizadoras para realizarmos os movimentos interpretativos das ocorrências, foi necessário recorrermos, quando possível, ao contexto geral da escrita em que se situavam as passagens textuais estudadas, como sendo cultural e historicamente concebidas, visto envolverem os conhecimentos enciclopédicos a respeito da situação do Brasil, em seus aspectos sociais, históricos, políticos e econômicos.

A identificação dos MCI's de cunho metonímico possibilitou uma percepção de como os escreventes selecionaram e focalizaram determinados aspectos – em lugar

de outros – para elaborar aspectos diferentes da realidade. Os esquemas imagéticos esquadrihados nos ofereceram um vislumbre do caráter experientista das elaborações conceituais e reforçaram a ideia de que os mesmos funcionam simultaneamente, e, na maioria dos casos, através de *modelos em grupo*. Esse aspecto reforçou, a nosso ver, o caráter dinâmico das formas de conceptualização mobilizadas pelos usuários da língua portuguesa, ao mesclarem elementos aparentemente díspares na organização de sua realidade.

Assim, com o estudo cujos resultados aqui socializamos, concluímos que *trabalho* se trata de um conceito que suporta, em si, muitos outros, e que teve, predominantemente, o sentido de *atividade desenvolvida objetivando algum retorno*. Ao considerarmos as formas mais salientes de conceptualização do *trabalho* em cada sincronia, pudemos observar que não houve o que chamamos de “especificidades conceituais” no que tange ao século XIX, enquanto que tivemos as referidas especificidades nos séculos XX (MCI da COMPETIÇÃO) e no século XXI (MCI’s do NEGÓCIO e da CRISE), que, ao se entrecruzarem, por meio das denominadas “continuidades”, também observadas ao compararmos as sincronias, sugeriram-nos a conceptualização prototípica TRABALHO É ATIVIDADE, o que confirmou a hipótese, largamente defendida nos estudos semânticos de cunho conceptual, de que nossa forma de estabelecermos conceptualização se dá ancorada em uma base experiencial e cultural (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]). Além disso, as continuidades sugeriram-nos que a mudança no sistema conceptual do *trabalho* não se deu de forma abrupta, antes, constituiu-se, a nosso ver, como uma extensa rede de significações, conduzida por conceptualizadores-escreventes que levavam em conta aspectos pretéritos das formas de conceptualização culturalmente partilhadas, a partir dos quais estabeleciam novos sentidos para *trabalho*.

Nesse ínterim, ficou-nos sugerido que os múltiplos sentidos de *trabalho* possibilitariam a realização de investigações futuras que visem à identificação do seu caráter polissêmico enquanto categoria conceptual, por exemplo, enquanto resultantes de processos conceptualizadores, ou que partam da identificação do sentido prototípico de *trabalho*, demonstrando tais processos por redes radiais, ou outras formas de representação. Mas, por ora, optamos por nos concentrarmos nos processos e nas elaborações conceituais sobre *trabalho*, em um lastro temporal que

abarcou três séculos, como já dito anteriormente, o que acreditamos já ter-se constituído em uma tarefa de fôlego.

Desse modo, reiteramos que, conforme propusemos nas seções anteriores da presente tese, o estudo aqui realizado não pretendeu encerrar-se em seu aspecto linguístico, antes, buscou dele partir a fim de contribuir com investigações a respeito de outros fenômenos atinentes às diversas trocas de saberes entre escreventes e leitores, em especial, às formas de conceptualização.

Por olhar mais holisticamente para o fenômeno conceptual, acreditamos termos cumprido, ao menos em parte, o desafio interdisciplinar proposto aos semanticistas cognitivistas, ao realizarmos nosso exercício hermenêutico a respeito do *trabalho*, pois, ancorando-nos em áreas do saber como *Teoria da Complexidade*, *Sociocognição*, *História*, *Sociologia*, dentre outras, notamos como a experiência humana oferece um vislumbre extremamente complexo e articulado de saberes interconectados, em contextos e épocas distintas, entrelaçando-os em formas de pensar, interagir e experienciar o mundo.

Outra contribuição que julgamos ter-se concretizado através de nosso estudo repousa sobre nossa proposta filosófico-metodológica, ao lidarmos com pressupostos de constituição, organização e estudo do corpus, visto que, por entendermos que o todo é maior e menor do que a soma de suas partes, optamos por estudá-lo evitando uma fragmentação por sincronias, antes, concentrando-nos nos domínios-fonte da experiência nos quais, a nosso ver, pudemos organizar as ocorrências.

Nesse sentido, esperamos que, através do nosso estudo, os recortes temporal e documental realizados possam oferecer um vislumbre de como a linguagem verbal possibilitou-nos o acesso à parte do processo de conceptualização do *trabalho*, a partir de um olhar cognitivo-sócio-histórico, no âmbito do domínio discursivo específico do jornalismo, o que poderá contribuir, de forma mais ampla, quiçá em investigações futuras, para uma melhor compreensão sobre as formas de conceptualização humana, em geral.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Oh, oh, o gigante acordou! Brasil, junho de 2013: conceptualizações e metáforas das manifestações. In: *Acta Scientiarum*. Language and Culture. Maringá, v. 38, n. 2, p. 139-152, Apr.-June, 2016a. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/25277>. Acesso em 24 out. 2016.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. *Um africanismo no Brasil: histórias sobre o item léxico bunda à luz do sociocognitivismo*. No prelo. 2016b.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. *Notas de orientação*. Salvador: UFBA/PPGLinC. 5º e 6º Semestres. Disciplina: Pesquisa Orientada. 2015.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. *Notas de orientação*. Salvador: UFBA/PPGLinC. 3º e 4º Semestres. Disciplina: Pesquisa Orientada. 2014a.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. O ser humano é um animal? E o que mais? Metáforas da Idade Média. In: DA HORA, Dermeval (et.al.) (Orgs). *Anais*. XVII Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL). 14 a 18 de julho de 2014. João Pessoa: Ideia, 2014b.

ALMEIDA, Jane Soares de. As professoras no século XX: as mulheres como educadoras da infância. In: *Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação*. A educação escolar em perspectiva histórica. Curitiba: Universidade Federal de Curitiba - CDRoom, 2004. v. 01. p. 01-12. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo3/482.pdf>. Acesso 25 mar. 2017.

ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. (et al) (Orgs.) Breve introdução à Linguística Cognitiva. In: ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. (et al) *Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2009. p.15-50.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 15. ed. – São Paulo: Cortez, 2011 [1. ed. 1995].

ANTUNES, Ricardo. Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho? In: *Anais*. Seminário Nacional de Saúde Mental e Trabalho - São Paulo, 28 e 29 de novembro de 2008. Disponível em: <http://www.fundacentro.gov.br/Arquivos/sis/EventoPortal/AnexoPalestraEvento/Mesa%201%20-%20Ricardo%20Antunes%20texto.pdf>. Acesso em 16 ago. 2016.

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. 2.ed. São Paulo: Ars Poética, 1993. [Texto bilíngue grego-português. Tradução portuguesa cedida pela Ed. Globo S.A. Texto em grego baseado na edição da *Les belles lettres*, de 1932].

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – séc. XIX*. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1987.

BARCELONA, Antonio. La metonimia conceptual. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier. (Dir.) *Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. p.123-146.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Trabajo, consumismo y nuevos pobres*. Trad. Victoria de los Angeles Boschiroli. Barcelona: Editorial Gedisa, 2000.

BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Org. Ângela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel. Trad. e adap. de Judith Chambliss Hoffnagel. 3ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BERLINCK, Rosane de Andrade. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. In: *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 2, p. 169-195, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2008-vol-7-n-2/07-rosane-andrade-berlinck1.pdf>. Acesso 04 nov. 2014.

BETANCUR GARCÍA, Marta Cecília. *Metáfora y ver como: la creación de sentido de la metáfora*. Manizales: Editorial Universidad de Caldas, 2006. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=z2ptMGOBiu4C&pg=PA12&lpg=PA12&dq=Ricoeur+y+la+met%C3%A1fora&source=bl&ots=X1SwANBDuT&sig=h0UUnlh2A80Y07RnQMjp74EwAg&hl=pt-BR&sa=X&ei=ytarVNmIFKuOsQT964HABA&ved=0CFEQ6AEwBzgK#v=onepage&q&f=false>.

BLACK, Max. La metáfora. In: *Modelos y metáforas*. Madrid: Tecnos, 1966 [1954], p.36-56.

BLACK, Max. More about metaphor. In: ORTONY, Andrew (ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993 [1977], p.19-41.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario Portuguez & Latino: aulico, anatomico, architectonico...* Coimbra: Collegio das Artes da Compainha de Jesus, 1712 – 1728. Vol. 5. 1728. Versão online disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>. Acesso em 28 mar. 2017.

CAMBRAIA, César Nardelli. A Pesquisa Diacrônica e o Problema do *Corpus*. In: GUIMARÃES, Maria de Nazaré Serra Silva e; MENDES, Eliana Amarante de Mendonça (Orgs.). *Anais - II Semana de Estudos de Língua Portuguesa*, Vol. II. 21 a 25 de novembro de 1994. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1996. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/profs/cesarnardelli/data1/arquivos/1996-Cambraia-Pesquisa.pdf>. Acesso 11 dez. 2014.

CAMERON, Lynne; DEIGNAN, Alice. The emergence of metaphor in discourse. In: *Applied Linguistics*. n.27, 2006, pp. 671 - 690. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/42793048\\_The\\_Emergence\\_of\\_Metaphor\\_in\\_Discourse](https://www.researchgate.net/publication/42793048_The_Emergence_of_Metaphor_in_Discourse). Acesso em 2 abril 2017.

CANÇADO, Márcia. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. São Paulo: Contexto, 2012.

CARDOSO, Caroline Rodrigues. Pesquisa quantitativa e qualitativa em sociolinguística: dadaísmo metodológico? In: *Cadernos de Letras da UFF*. Dossiê: O lugar da teoria nos estudos linguísticos e literários n. 46, 2013. p. 143-156. Disponível: [http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=41%3Aedicoes-antiores-no-46&catid=6%3Aedicoes-antiores&Itemid=24](http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php?option=com_content&view=article&id=41%3Aedicoes-antiores-no-46&catid=6%3Aedicoes-antiores&Itemid=24) Acesso 24 nov.2014.

CARNEIRO, Paulina de Lira. *Metáforas conceituais da corrupção na charge e no blog jornalístico*. Tese (Doutorado)- Universidade Federal da Paraíba – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes- Programa de Pós-Graduação em Linguística, João Pessoa, 2012. Disponível em: <http://rei.biblioteca.ufpb.br/jspui/handle/123456789/232> Acesso 14 nov. 2014.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Venancio Majer. Vol 1. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTILLO, Jesús Martínez del. *La lingüística cognitiva: análisis y revisión*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2008.

CHALHOUB, Sidney; MATTOS, Hebe; MARQUESE, Rafael de Bivar. 50 anos de historiografia da escravidão brasileira (1961-2011): Balanços e perspectivas. In: *XXV Simpósio Nacional de História ANPUH – 50 anos*. Mesa Redonda. Auditório Fernand Braudel Departamento de História – USP. São Paulo, 18 de julho de 2011. p.1-10. Disponível em: [http://brasilindependente.weebly.com/uploads/1/7/7/1/17711783/marquese\\_chalhoub\\_mattos\\_mesa.pdf](http://brasilindependente.weebly.com/uploads/1/7/7/1/17711783/marquese_chalhoub_mattos_mesa.pdf). Acesso em 08 ago. 2016.

CHUEKE, Gabriel Vouga; LIMA, Manolita Correia. Pesquisa Qualitativa: evolução e critérios. In: *Revista Espaço Acadêmico*. N.128, Jan. 2012. p.63-69. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/12974>. Acesso 24 nov. 2014.

CIENKI, Alan. Frames, idealized cognitive models, and domains. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. (Eds.) *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p.170-185.

CONTENÇAS, Paula. *A eficácia da metáfora na produção da ciência: o caso da genética*. Lisboa: Instituto Piaget: 1999.

CORONA, Pablo Edgardo. *Paul Ricoeur: lenguaje, texto y realidad*. Buenos Aires: Biblos, 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=q9vc0Z8TqK0C&pg=PA70&lpg=PA70&dq=Ricoeur+y+la+met%C3%A1fora&source=bl&ots=mgmu21pzyQ&sig=IHdTxVMGJIGdwahapZgHDcVmoF8&hl=pt-BR&sa=X&ei=99arVOuFBu3CsASJmoL4Cg&ved=0CBwQ6AEwADgU#v=onepage&q=Ricoeur%20y%20la%20met%C3%A1fora&f=false>.

CROFT, William; CRUSE, D. Alan. *Lingüística Cognitiva*. Trad. Antonio Benítez Burraco. Madrid: Ediciones Akal, 2008 [2004].



CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joseph. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Editorial Ariel AS, [1999] 2007.

DE MASI, Domenico. *O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial*. Trad. Yadyr A. Figueiredo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos). *A Situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000*. São Paulo: DIEESE, 2012.

DIRVEN, René. Metonymy and metaphor: different mental strategies of conceptualisation. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf. (Eds.) *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 75-112. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=TMBJVVahaclC&pg=PA75&lpg=PA75&dq=dirven+metonymy&source=bl&ots=JAA7NyHQAc&sig=odAd7CfelAXZUumGcFs5EDq2IZI&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjHy\\_Qw-LPAhWCJCYKHYeOA64Q6AEISDAH#v=onepage&q=dirven%20metonymy&f=false](https://books.google.com.br/books?id=TMBJVVahaclC&pg=PA75&lpg=PA75&dq=dirven+metonymy&source=bl&ots=JAA7NyHQAc&sig=odAd7CfelAXZUumGcFs5EDq2IZI&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjHy_Qw-LPAhWCJCYKHYeOA64Q6AEISDAH#v=onepage&q=dirven%20metonymy&f=false). Acesso em 17 out. 2016.

DUEÑAS, Adán Martín. *Dinámicas cognitivas de la complejidad poética y lingüística del concepto tiempo. Modelización conceptual en el texto de T.S. Eliot "The Waste Land" (1922)*. Tese de Doutorado. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria. Las Palmas de Gran Canaria. 2014. 393p. Disponível em: [https://lookaside.fbsbx.com/file/Tese%20conceptualiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20tempo.pdf?token=AWyeUhxKd3oW6FFb9GmtmhPBbq-p7sVtyWjJttlhQANmQQyY7A\\_rTqXBq3LLWGIPY6Uz-dNnsy4dLczBnOu1A3eLbveNo\\_OfkxWuZITHG\\_IyE2jLDcJd66iyxnQ-u2uNjCMzfmnMnF-6lCtSwGu3iCe](https://lookaside.fbsbx.com/file/Tese%20conceptualiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20tempo.pdf?token=AWyeUhxKd3oW6FFb9GmtmhPBbq-p7sVtyWjJttlhQANmQQyY7A_rTqXBq3LLWGIPY6Uz-dNnsy4dLczBnOu1A3eLbveNo_OfkxWuZITHG_IyE2jLDcJd66iyxnQ-u2uNjCMzfmnMnF-6lCtSwGu3iCe) Acesso em 10 maio 2016.

DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. O poder cognitivo da metáfora. In: *Revista educação e cultura contemporânea*. Vol.8, n.17, 2011. p.1-22. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewFile/173/131>. Acesso em 03 mar. 2015.

ECO, Umberto. *Da árvore ao labirinto: estudos históricos sobre o signo e a interpretação*. Trad. Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

ENGELS, Friederich. *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. Neue Zeit (1876). Publica-se segundo com a edição soviética de 1952, de acordo com o manuscrito, em alemão. Traduzido do espanhol. Versão HTML de José Braz, 2004. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>. Acesso em 16 ago. 2016.

ESCANDELL VIDAL, M. Victoria. *Apuntes de semântica léxica*. Madrid: UNED Editorial, 2007.

EVANS, Vyvyan. *A Glossary of Cognitive Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.



EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Groups, 2002.

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. Mapas e *puzzles*: contribuições e desafios da Linguística Cognitiva para os estudos sobre a significação. In: GOMES, Languisner; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. (Orgs.) *Entre mesclas e metáforas: nos labirintos da geração do sentido*. Caxias do Sul: Educs, 2012. p.11-22.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERNÁNDEZ JAÉN, Jorge. *Semántica cognitiva diacrónica de los verbos de percepción física del Español*. Tese (Doutorado) – Universidad de Alicante – Departamento de Filología Española, Lingüística General y Teoría de la Literatura – Facultad de Filosofía y Letras, Alicante, 2012. Disponível em: [https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/26481/1/Tesis\\_Jorge%20Fern%C3%A1ndez%20Ja%C3%A9n.pdf](https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/26481/1/Tesis_Jorge%20Fern%C3%A1ndez%20Ja%C3%A9n.pdf). Acesso em 15 mar. 2017.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRAZ, Eliane Botelho. *O sistema metafórico da moralidade: uma abordagem cognitivista*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Juiz de Fora, 2007. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppglinguistica/files/2009/12/FERRAZEliane-Botelho-2007-Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em 26 out. 2016.

FERREIRA, Wasney de Almeida. *Metáforas do corpo humano nas ciências da saúde: os mapeamentos conceituais das estruturas, órgãos e vísceras*. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Letras- Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslin/defesas/1509M.pdf>. Acesso 07 nov. 2014.

FRITSCH, Winston. Apresentação. In: SMITH, Adam. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. Vol. 1. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996 [1776]. p. 5-24.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 32 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003 [1959].

GEERAERTS, Dirk. Prospects for the past: perspectives for cognitive diachronic semantics. In: WINTERS, Margaret; TISSARI, Heli; ALLAN, Kathryn. (Ed.) *Historical cognitive linguistics*. Berlin/ New York: De Gruyter Mouton, 2010. p.333- 356. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=RpMdsEA5eXwC&pg=PA68&lpg=PA68&dq=Historical+Cognitive+Linguistics+pdf&source=bl&ots=LqcYbmxFKj&sig=vrBZv9BFuHmRwBNLB9Zpclz6Mv8&hl=pt->

[BR&sa=X&ved=0ahUKEwjP39qJ35POAhWMjPAKHbkZD0cQ6AEIWzAJ#v=onepage&q&f=false](#) . Acesso em 29 jul. 2016.

GEERAERTS, Dirk. The interaction of metaphor and metonymy in composite expressions. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf. (Eds.) *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 435-468.

Disponível

em:

[https://books.google.com.br/books?id=TMBJVvahacIC&pg=PA75&lpg=PA75&dq=dirven+metonymy&source=bl&ots=JAA7NyHQAc&sig=odAd7CfelAXZUumGcFs5EDq2IZI&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjHy\\_Qw-LPAhWCJCYKHyeOA64Q6AEISDAH#v=onepage&q=dirven%20metonymy&f=false](https://books.google.com.br/books?id=TMBJVvahacIC&pg=PA75&lpg=PA75&dq=dirven+metonymy&source=bl&ots=JAA7NyHQAc&sig=odAd7CfelAXZUumGcFs5EDq2IZI&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjHy_Qw-LPAhWCJCYKHyeOA64Q6AEISDAH#v=onepage&q=dirven%20metonymy&f=false).

Acesso em 17 out. 2016.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 13 reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008 [1989].

GIBBS, Raymond W.; COLSTON, Herbert L. A realidade psicológico-cognitiva dos esquemas de imagem e suas transformações. In: SIQUEIRA, Maity; OLIVEIRA, Ana Flávia Souto de (Orgs.). *Cadernos de Tradução – Linguística Cognitiva*. Tradução: Larissa Brangel; Dalby Dienstbach. Porto Alegre, n. 31, jul-dez, 2012, p. 7-46. [obs-traduzido com a autorização dos autores, a partir do texto em inglês: GIBBS, R. W.; COLSTON, H. L. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. In: *Cognitive Linguistics*, Vol 6 (4), 1995, p.347-378].

GOOSSENS, Louis. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf. (Eds.) *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 349-378. Disponível

em:

[https://books.google.com.br/books?id=TMBJVvahacIC&pg=PA75&lpg=PA75&dq=dirven+metonymy&source=bl&ots=JAA7NyHQAc&sig=odAd7CfelAXZUumGcFs5EDq2IZI&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjHy\\_Qw-LPAhWCJCYKHyeOA64Q6AEISDAH#v=onepage&q=dirven%20metonymy&f=false](https://books.google.com.br/books?id=TMBJVvahacIC&pg=PA75&lpg=PA75&dq=dirven+metonymy&source=bl&ots=JAA7NyHQAc&sig=odAd7CfelAXZUumGcFs5EDq2IZI&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjHy_Qw-LPAhWCJCYKHyeOA64Q6AEISDAH#v=onepage&q=dirven%20metonymy&f=false).

Acesso em 17 out. 2016.

GRADY, Joseph. Metaphor. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. (Eds.) *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p.188- 208.

GRADY, Joseph. A typology of motivation for conceptual metaphor: correlation vs. resemblance. In: STEEN, G.; GIBBS, R. (Eds.). *Metaphor in cognitive linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1999.

GRADY, Joseph. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Dissertation (Ph.D.) - University of California, Berkeley, 1997.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Mai- Ago 2006, Vol. 22 n. 2, pp. 201-210 (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, nº 07). Brasília: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2> Acesso 24 nov. 2014.

HEIDEMANN, Heinz Dieter; TOLEDO, Carlos de Almeida; BOECHAT, Cássio Arruda. O trabalho no Brasil: traçado interpretativo de sua história de formação e de sua crítica. In: *Estudos Avançados*. v.28, n. 81. São Paulo. Maio-Agosto 2014. p.55-67. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142014000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000200005). Acesso em 08 ago. 2016.

HENRIQUES, Cláudio César. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HOBBSAWM, Eric. *A era do capital (1848-1875)*. Trad. Luciano Costa neto. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HOBBSAWM, Eric. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Trad. Waldea Barcellos; Sandra Bedran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000 [1984].

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide. Humanismo, Ciencia y Lingüística (Cognitiva): ¿incompatibles o complementarios? In: QUEROL, María. (Ed.) *El futuro de las humanidades*. Il volumen de artículos en homenaje al profesor D. Ángel López García. Valencia: Servei de Publicacions de la Universitat de València, 2010. p.49-70. Disponible en: [www.angellopezgarcia.es/homenajealopez.pdf](http://www.angellopezgarcia.es/homenajealopez.pdf) Acesso em 14 maio 2015.

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier. Lingüística cognitiva: origen, principios y tendencias. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier. (Dir.) *Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. p.13-38.

JOHNSON, Mark. *The meaning of the body: aesthetics of human understanding*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 2007. Preface and Introduction – p.6-20.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KABATEK, Johannes. ¿Es posible una lingüística histórica basada en un corpus representativo? *Iberoromania*. (77) 2013, p.8-28. Disponível em: <http://www.zora.uzh.ch/86198/1/ibero-2013-0045.pdf>. Acesso 25 nov. 2014.

KOCH, I.G.V.; CUNHA-LIMA, M.L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Org.) *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. 4. ed. v.3. São Paulo: Cortez, 2009. p. 251-300.

KÖVECSES, Zoltán. Recents developments in metaphor theory: are the new views rival ones? In: GONZÁLVEZ-GARCÍA, Francisco. et.al. (Eds.) *Metaphor and metonymy revisited beyond the Contemporary Theory of Metaphor*. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2013. p.11-26. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=364bAqAAQBAJ&pg=PA129&dq=The+invariance+hypothesis:+is+abstract+reason+based+on+image+schemas%3F+pdf&hl=pt-BR&sa=X&ei=ue8wVcD4B-HjsATc14DYCA#v=onepage&q&f=false> Acesso em 17 abril 2015.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: a practical introduction*. 2.ed. New York: Oxford University Press, 2010a.

KOVECSES, Zoltán. Metaphor, language, and culture. In: *DELTA*. São Paulo, v. 26, n. esp. p. 739-757, 2010b. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502010000300017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502010000300017&lng=en&nrm=iso). Acesso em 06 maio 2016.

KÖVECSES, Zoltán. Universalidade versus não-universalidade metafórica. Trad. Maitê Gil e Tamara Melo. In: *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre, n.25, jul-dez 2009. p.257-277. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/net/publicacoes/cadernos-de-traducao-2009/caderno-de-traducao-numero-25>. Acesso em 28 abril 2016.

KÖVECSES, Zoltán. *Language, mind and culture: a practical introduction*, Oxford: Oxford University Press, 2006. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=rvqafOskC6gC&printsec=frontcover&dq=Zoltan+K%C3%B6vecses+\(2006\):+Language,+mind+and+culture:+a+practical+introduction,+Oxford:+Oxford+University+Press&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEWjgkLj9iorQAhXCbiYKHaz5AFUQ6AEIGzAA#v=onepage&q=Zoltan%20K%C3%B6vecses%20\(2006\)%3A%20Language%2C%20mind%20and%20culture%3A%20a%20practical%20introduction%2C%20Oxford%3A%20Oxford%20University%20Press&f=false](https://books.google.com.br/books?id=rvqafOskC6gC&printsec=frontcover&dq=Zoltan+K%C3%B6vecses+(2006):+Language,+mind+and+culture:+a+practical+introduction,+Oxford:+Oxford+University+Press&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEWjgkLj9iorQAhXCbiYKHaz5AFUQ6AEIGzAA#v=onepage&q=Zoltan%20K%C3%B6vecses%20(2006)%3A%20Language%2C%20mind%20and%20culture%3A%20a%20practical%20introduction%2C%20Oxford%3A%20Oxford%20University%20Press&f=false). Acesso em 02 nov. 2016.

LAKOFF, George. A hipótese da invariância: o pensamento abstrato está baseado em esquemas de imagem? In: SIQUEIRA, Maity; OLIVEIRA, Ana Flávia Souto de (Orgs.). *Cadernos de Tradução – Linguística Cognitiva*. Tradução: Larissa Brangel; Dalby Dienstbach. Porto Alegre, n. 31, jul-dez, 2012, p. 7-46. [obs- traduzido com a autorização do autor, a partir do texto em inglês LAKOFF, George. The invariance hypothesis: is abstract reason based on image schemas? In: *Cognitive Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 39-74, 1990].

LAKOFF, George. *No pienses en un elefante*. Tradução: Magdalena Moura. Madrid: Editorial Complutense, 2007.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew. (Ed.) *Metaphor and thought*. 2.ed. New York: Cambridge University Press, 1993. p. 202–251.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980. Tradução brasileira: *Metáforas da vida cotidiana*. ZANOTTO, Mara Sophia (coord. de tradução- Grupo GEIM). São Paulo: EDUC/ Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh*. Chicago: The University Chicago Press, 1999.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989. Disponível em: [https://books.google.co.uk/books?id=AR\\_heEqnmXkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.co.uk/books?id=AR_heEqnmXkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em 21 out 2016.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites*. Vol I. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 1987.

LARA, Silvia Hunold. Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil. In: *Proj, História*. vol.16. São Paulo, fev. 1998. p. 25-38.

LE GOFF, Jacques (Org.). *Para uma outra Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Trad. Thiago de Abreu e Lima Florêncio e Noéli Correia de Melo Sobrinho. – Petrópolis: Vozes, 2013.

LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2007. p.135-142.

LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. São Paulo: Estampa, 1995.

LE GOFF, Jacques (Org.). *O homem medieval*. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. – Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LEEZENBERG, Michiel. Da linguística cognitiva à ciência social: 30 anos após Metáforas da Vida Cotidiana. Trad. Erik Miletta Martins. In: *Revista Investigações*. Vol.28, n.2, julho 2015. Disponível em: <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/download/1618/1425> Acesso em 29 abril 2016.

LENZ, Paula. Semântica Cognitiva. In: FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO, Renato. *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013. p.31-56.

LIMA, Carmen Rita Guimarães Marques de. Sob máscaras e véus: as bases metafóricas do conhecimento da verdade. In: VEREZA, Solange (Org.). *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: Ed. da UFF, 2012. p.119-151.

LIMA, João Paulo Rodrigues de. *A emergência de metáforas na fala sobre violência urbana: uma análise cognitivo-discursiva*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2012.

LITTLEMORE, Jeannette. *Metonymy: hidden shortcuts in language, thought and communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=iv5DBgAAQBAJ&pg=PA9&dq=metonymy+definition&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjilqZ-uHPAhUE7CYKHRMkBgY4ChDoAQhFMAQ#v=onepage&q=metonymy%20definition&f=false>. Acesso em 17 out. 2016.

LONGA, Víctor M.; LÓPEZ RIVERA, Juan J. Bibliografía seleccionada y comentada sobre la metáfora. *Moenia* 17. ISSN: 11372346; 2011. p.519-564. Disponível em: <https://dspace.usc.es/bitstream/10347/7344/1/18-Longa-L%C3%B3pez%20Rivera.pdf>. Acesso em 20 dez. 2014.

LOPES, Mailson. *Conceptualizações metafóricas do ato sexual nas línguas galega, castelhana e portuguesa contemporâneas*. Texto inédito apresentado em Mesa-Redonda, durante o I Encontro de Semântica Cognitiva (IENESCOG) –UFBA – Salvador, 19 de setembro de 2014.



LUCA, Tânia Regina de. *Indústria e trabalho na História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi de. Cognição e linguística. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; FARIAS, Emília Maria Peixoto. *Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul: Educus; Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio A propósito da metáfora. In: *Revista Estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, v.9, n.1, p.71-89, jan./jun. 2000. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/2319/2268>. Acesso em 09 jan. 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à Semântica*. 6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MARTÍNEZ, Inmaculada Penadés. La teoría cognitiva de la metonimia a la luz de locuciones nominales somáticas. In: *RSEL*. Universidad de Alcalá. Vol. 40, Num.2, 2010, pp. 75-94. Disponível em: <http://sel.edu.es/rsel/index.php/revista/article/view/86>. Acesso em 21 out. 2016.

MARTINS, Ismênia de Lima. Anotações sobre a história do trabalho no Brasil. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.15, n.30. 1995. p. 91-100. Disponível em: [www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=3787](http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3787) Acesso em 03 ago. 2016.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica: "ouvir o inaudível"*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Org. e Trad. Cristina Magro, Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MICELI, Sergio. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. 1ª reimpr. da 6.ed. de 2005. – São Paulo: Perspectiva, 2007. p.VII-LXI.

MIRANDA, Neusa Salim. O caráter partilhado da construção do significado. In: *Veredas*, v. 5, n.1, Juiz de Fora: EDUFJF, 2001. Disponível em: <https://veredas.ufjf.emnuvens.com.br/veredas/article/view/560/0>. Acesso em 26 out. 2016.

MORIN, Edgar. *La vía para el futuro de la humanidad*. Trad. Núria Petit Fontseré. Barcelona: Paidós, 2011.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez-UNESCO, 2000.

NOVELLI, Guilherme. Imigração pelas páginas do jornal A Província de São Paulo/O Estado de São Paulo. In: *Anais*. GT História do Jornalismo, no IX Encontro Nacional

de História da Mídia. UFOP-Ouro Preto, Maio 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/imigracao-pelas-paginas-do-jornal-a-provincia-de-sao-paulo-o-estado-de-sao-paulo>. Acesso em 15 abril 2017.

NUBIOLA, Jaime. El valor cognitivo de las metáforas. In: PÉREZ- ILZARBE; LAZARO, R. (eds) *Verdad, bien y belleza: cuando los filósofos hablan de los valores*. Cuadernos de Anuario Filosófico. N.103, Pamplona, 2000. P.73-84. Disponível em: <http://www.unav.es/users/ValorCognitivoMetaforas.html>. Acesso em 09 jan. 2015.

OAKLEY, Todd. Image Schemas. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. (Eds.) *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p.214-233.

OLIVEIRA, Luciana Pissolato de. *Aspectos linguísticos, comunicativos e cognitivos das metáforas terminológicas: uma análise baseada em um corpus da Genética Molecular*. Tese (Doutorado)- Universidade de São Paulo – Faculdade de Filologia, Letras e Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-03052012-165459/pt-br.php>. Acesso 4 nov. 2014.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol.2, 6.ed. São Paulo: Cortez, 2009. p.17-46.

ORTÍZ, María J. La metáfora visual corporeizada: bases cognitivas del discurso audiovisual. In: *Zer: Revista de estudios en comunicación*. Vol. 16 - Núm. 30. Bilbao: UPV/EHU, 2011. p.57-73. Disponível em: <http://www.ehu.eus/zer/hemeroteca/pdfs/zer30-03-ortiz.pdf>. Acesso em 03 mar. 2015.

OTAOLA OLANO, Concepción. *Lexicología y semántica léxica: teoría y aplicación a la lengua española*. Madrid: Ediciones Académicas, 2004.

PANNEKOEK, Anton. *A Revolução dos Trabalhadores*. Santa Catarina: Barba Ruiva, 2007.

PASCHOAL, Maria Sofia Zanotto. Em busca da elucidação do processo de compreensão da metáfora. In: PONTES, Eunice. (Org.) *A metáfora*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. (Série Pesquisas) p.115-130.

PAZ AFONSO, Ana. *Semántica cognitiva e história del léxico: evolución de los verbos entrar y salir (s. XIII-XV)*. Tese (Doutorado). Universidad Autónoma de Barcelona - Departamento de Filología Española – Facultad de Filosofía y Letras, Bellaterra, 2014. Disponível em: <http://www.tesisenred.net/handle/10803/283941>. Acesso em 15 mar. 2017.

PEÑA CERVEL, Maria Sandra. Los esquemas de imagen. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier. (Dir.) *Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. p.69-96.

PILAGALLO, Oscar. *A História da Imprensa Paulista*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira*. Goyaz: Typographia de Silva, 1832.

PONTES, Eunice. *A metáfora*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

PRAGGLEJAZ, G.. *PIM: Um método para identificar palavras usadas metaforicamente no discurso*. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, v. 25, p. 77-120, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/net/publicacoes/cadernos-de-traducao-2009/caderno-de-traducao-numero-25> Acesso 21 nov. 2014. Acesso 4 nov. 2014.

RADDEN, Günter. How metonymic are methapors? In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf. (Eds.) *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2003. p.407 – 434. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=TMBJVVahacIC&pg=PA75&lpg=PA75&dq=dirven+metonymy&source=bl&ots=JAA7NyHQAc&sig=odAd7CfelAXZUumGcFs5EDq2IZI&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjHy\\_Qw-LPAhWCJCYKHYeOA64Q6AEISDAH#v=onepage&q=dirven%20metonymy&f=false](https://books.google.com.br/books?id=TMBJVVahacIC&pg=PA75&lpg=PA75&dq=dirven+metonymy&source=bl&ots=JAA7NyHQAc&sig=odAd7CfelAXZUumGcFs5EDq2IZI&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjHy_Qw-LPAhWCJCYKHYeOA64Q6AEISDAH#v=onepage&q=dirven%20metonymy&f=false). Acesso em 17 out. 2016.

RADDEN, Günter; KÖVECSES, Zoltán. Towards a theory of metonymy. In: PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Günter. (Ed.) *Metonymy in language and thought*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999. p.17-60. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=82R4CnbaQ0kC&pg=PA334&lpg=PA334&dq=radden+kovecses+metonymy&source=bl&ots=Z9\\_1dqJY-6&sig=xki1Y5vP6kuzEE0GGoyxvy\\_SP0&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi41diSx-LPAhVExpAKHZq1C5QQ6AEIJjAB#v=onepage&q=radden%20kovecses%20metonymy&f=false](https://books.google.com.br/books?id=82R4CnbaQ0kC&pg=PA334&lpg=PA334&dq=radden+kovecses+metonymy&source=bl&ots=Z9_1dqJY-6&sig=xki1Y5vP6kuzEE0GGoyxvy_SP0&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi41diSx-LPAhVExpAKHZq1C5QQ6AEIJjAB#v=onepage&q=radden%20kovecses%20metonymy&f=false). Acesso em 17 out. 2016.

RICHARDS, Ivor Armstrong. *The philosophy of rhetoric*. Oxford: Oxford University Press, [1936] 1965.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo, Edições Loyola: [1975] 2000.

ROHRER, Tim. Image Schemata in the brain. In: HAMPE, Beate; GRADY, Joseph E. (Eds.) *From perception to meaning: image schemas in cognitive linguistics*. Cognitive linguistics research; 29. Berlin: Walter de Gruyter GmbH, 2005. p.165-198.

RUIZ DE MENDONZA IBÁÑEZ, Francisco José. Principios cognitivos y pragmáticos del procesamiento y la comprensión. In: *Arbor*. CLXVII, 697. Enero 2004. p. 1-28. <https://arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/download/615/618>. Acesso em 11 ago. 2016.

RUIZ DE MENDONZA IBÁÑEZ, Francisco José. El modelo cognitivo idealizado de tamaño y la formación de aumentativos y diminutivos en español. In: *Revista española de Lingüística Aplicada*. Vol. Extra 1. 2000. p.355-374. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=876322>. Acesso em 23 abril 2015.

RUIZ DE MENDONZA IBÁÑEZ, Francisco José; HERNÁNDEZ, Lorena Pérez. Primitivos semánticos y modelos cognitivos en la organización del conocimiento. In: *Scire*. N. 6. Jul. - dic. 2000. p. 79-97. Disponível em:



<http://www.ibersid.eu/ojs/index.php/scire/article/viewFile/1135/1117>. Acesso em 10 mar. 2017.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAÍZ, Carmen Llamas. *Metáfora y creación léxica*. Navarra: EUNSA (Ediciones Universidad de Navarra), 2005.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. “Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência”. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos 44* (Homenagem a Ingedore Koch), organizado por Edwiges Maria Morato, Anna Christina Bentes e Maria Luiza Cunha Lima, Campinas: Jan. /jun., 2003, pp. 71-83. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1698/1281>. Acesso em 26 out. 2016.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos de linguagem. In: *Veredas*, Revista de Estudos Lingüísticos, 4. Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora. p. 61-79. 1999. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo35.pdf>. Acesso em 26 out. 2016.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. In: *Veredas*. Juiz de Fora: EDUFJF, v.1- n. 1. Jul/dez 1997. Disponível em: <https://veredas.ufjf.emnuvens.com.br/veredas/article/view/530>. Acesso em 28 out. 2016.

SANTOS, Elisângela Santana dos. *A polissemia do verbo “tomar” ao longo da história da Língua Portuguesa: um estudo à luz da linguística cognitiva*. Tese (Doutorado em Letras) Instituto de Letras - Programa de Pós-graduação em Letras - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SANTOS, Josemar dos. *Jornalismo institucional: metáforas conceituais e recursos argumentativos presentes no discurso jornalístico*. Dissertação (Mestrado)- Universidade de Santa Cruz do Sul, 2010. Disponível em: <http://btd.unisc.br/Dissertacoes/Josemar.pdf>. Acesso 05 nov. 2014.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SARDINHA, Tony Berber. O que é um corpus representativo? In: *DIRECT Papers 44*. 2000. Disponível em: [www.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers44.pdf](http://www.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers44.pdf) Acesso 15 dez. 2014.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Org. Charles Bally. Trad. Antonio Chelini. 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1 ed. 1916].

SCHLEUMER, Fabiana. Bexigas, curas e calundus: a escravidão negra em São Paulo (século XVIII) sob uma perspectiva cultural. In: *Anais do II Encontro Internacional de História Colonial*. Mneme – Revista de Humanidades. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out. 2008. Disponível em [www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais) Acesso em 01 ago. 2016.

SCHRÖDER, Ulrike. Os precursores filosóficos da teoria cognitiva das metáforas. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. v.46, n.2 Campinas: Jul./Dez.2004. p.243-252. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1572/1146>. Acesso em 16 abril 2015.

SEDEÑO, Eulalia Pérez. El sexo de las metáforas. In: *ARBOR: Ciencia, pensamiento y cultura*. Vol. 187-747. Enero-febrero 2011, p. 99-108. Disponível em: [http://www.amit-es.org/assets/files/publi/perez\\_sedeno\\_2011.pdf](http://www.amit-es.org/assets/files/publi/perez_sedeno_2011.pdf). Acesso 25 ago. 2014.

SEIXAS, Lia. *Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação*. Covilhã: LabCom Books, 2009. Disponível em [http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110818-seixas\\_classificacao\\_2009.pdf](http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110818-seixas_classificacao_2009.pdf). Acesso em 10 set. 2014.

SILVA, Augusto Soares da. Palavras, significados e conceitos: o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição* n. 41, p. 27-53, 2010. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo1.pdf>. Acesso em 28 out. 2016.

SILVA, Augusto Soares da. A Sociolinguística Cognitiva: razões e escopo de uma nova área de investigação linguística. In: *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos* 13-1, 2009a, pp. 191-212. Disponível em: [https://www.academia.edu/19947180/A\\_Sociolingu%C3%ADstica\\_Cognitiva\\_raz%C3%B5es\\_e\\_escopo\\_de\\_uma\\_nova\\_%C3%A1rea\\_de\\_investiga%C3%A7%C3%A3o\\_lingu%C3%ADstica](https://www.academia.edu/19947180/A_Sociolingu%C3%ADstica_Cognitiva_raz%C3%B5es_e_escopo_de_uma_nova_%C3%A1rea_de_investiga%C3%A7%C3%A3o_lingu%C3%ADstica). Acesso em 28 out. 2016.

SILVA, Augusto Soares da. O cognitivo e o social nos estudos linguísticos: inimigos íntimos? In: *Textos Seleccionados*. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2009b, pp. 511-525. Disponível em: <http://www.apl.org.pt/docs/24-textos-seleccionados/35-Silva.pdf>. Acesso em 28 out. 2016.

SILVA, Augusto Soares da. Palavras e conceitos no tempo: Para uma onomasiologia diacrónica e cognitiva do Português. In: RIO-TORTO, G. M.; FIGUEIREDO, O. e SILVA, F. (Orgs.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras do Porto, p. 121-139. 2005. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4524.pdf>. Acesso em 28 out. 2016.

SILVA, Augusto Soares da. Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva. In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu; GONÇALVES, Miguel (Orgs.). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Almedina, vol. I, 2004, p.1-18. Disponível em: [http://jcienciascognitivas.home.sapo.pt/05-11\\_silva.html](http://jcienciascognitivas.home.sapo.pt/05-11_silva.html). Acesso 02 nov. 2013.

SILVA, Augusto Soares da. A abordagem cognitiva em Semântica Lexical. In: SILVA, Augusto Soares da: *A Semântica de DEIXAR: Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.p.9-76.

SILVA, Augusto Soares da. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. In: *Revista Portuguesa de Humanidades*. V.1, n.1-2, 1997.

p.59-101. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2755969>. Acesso 17 abril 2015.

SILVA, Eliane Santos Leite da; ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues. Metáforas do trabalho em textos do *Facebook*. In: DA HORA, Dermeval; et.al. (Orgs). *Anais*. XVII Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL). 14 a 18 de julho de 2014. João Pessoa: Ideia, 2014.

SILVA, Eliane Santos Leite da. *O campo léxico do trabalho em cartas de vaqueiros e negociantes ao barão de Jeremoabo*. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2011.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. Vol. 1. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996 [1776].

SORIANO, Cristina. La metáfora conceptual. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier. (Dir.) *Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. p. 97-121. Disponível em: [http://www.unmsm.edu.pe/ceupseducacion/distancia\\_archivos/lbarretxe-valenzuela-LC\\_CAP\\_2.3.pdf](http://www.unmsm.edu.pe/ceupseducacion/distancia_archivos/lbarretxe-valenzuela-LC_CAP_2.3.pdf). Acesso em 25 jan. 2014.

SOUZA, Jorge Pedro. Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974. In: SOUZA, Jorge Pedro. (Org.) *Jornalismo: história, teoria e metodologia*. Perspectivas luso-brasileiras. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008. p.93-118. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-do-jornalismo-1974.pdf> Acesso em 13 maio 2015.

SPERANDIO, Natália Elvira. Repensando a motivação metonímica da metáfora: uma análise pela perspectiva da Integração Conceitual. In: *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 41, n. 70, p. 15-28, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/6045>. Acesso em 11 ago. 2016.

SPERANDIO, Natália Elvira. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia na produção de sentido de charges animadas*. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. Tese de Doutorado. 155 p. 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MGSS-9W7LUQ>. Acesso em 11 ago. 2016.

THOMPSON, Edward. *A formação da classe operária*. A árvore da liberdade. Trad. Denise Bottmann. Col. Oficinas da História. V. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 [1963].

TOMASELLO, Michael. *Los orígenes culturales de la cognición humana*. Trad. Alfredo Negrotto. Buenos Aires: Amorrortu, 2007 [1999].

VALENZUELA, Javier; IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; HILFERTY, Joseph. La semântica cognitiva. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier. (Dir.) *Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. p. 41-68.

VILELA, Mário. A metáfora na instauração da linguagem: teoria e aplicação. In: *Línguas e Literaturas*. Revista da Faculdade de Letras. Porto, XIII, 1996, p.317-356. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2741.pdf> Acesso 05 fev.2015.

WINTERS, Margaret. Introduction: On the emergence of diachronic cognitive linguistics. In: WINTERS, Margaret; TISSARI, Heli; ALLAN, Kathryn. (Ed.) *Historical cognitive linguistics*. Berlin/ New York: De Gruyter Mouton, 2010. p.3-30. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=RpMdsEA5eXwC&pg=PA68&lpg=PA68&dq=Historical+Cognitive+Linguistics+pdf&source=bl&ots=LqcYbmxFKj&sig=vrBZv9BFuHmRwBNLB9Zpclz6Mv8&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjP39qJ35POAhWMjpAKHbkZD0cQ6AEIWzAJ#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 27 jul. 2016.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 [1945].

ZLATEV, Jordan. What is a schema? Bodily mimesis and grounding of language. In: HAMPE, Beate; GRADY, Joseph E. (Eds.) *From perception to meaning: image schemas in cognitive linguistics*. Cognitive linguistics research. 29. Berlin: Walter de Gruyter GmbH, 2005. p.313-342.

## ANEXO – OCORRÊNCIAS EM ORDEM CRONOLÓGICA

(1) Isento de outra paixão além da que principalmente sempre alimentamos – a da verdade – foi o espirito da mais estreita imparcialidade que nos guiou em todo este trabalho inspirado pelo amor da patria. (Historia politica: o poder pessoal, p.1, 1875).

(2) Damos hoje a ultima parte deste notavel trabalho ao mesmo tempo historico e politico, devido á penna erudita e laboriosa do Dr. José Maria Costa, cujo merito de jornalista e publicista é escusado lembrar [...] prestado a este jornal. (Variedades: recordações sobre o poder pessoal, p.2, 1875).

(3) [...] tendo há tempos comettido um furto de 600\$000, e sendo como castigo dessa falta, mandado para uma fazenda a empregar-se em trabalho agricola, dahi fugiu, há cerca de onze mezes. (Assassinato de tenente coronel, p.2, 1875).

(4) A 17 deo se a festa maçonica de inauguração do novo templo da loja Fraternidade daquela cidade. [...] Foram os trabalhos presididos pelo sr. Tomas de Molina. (Notícias – Rio Claro, p.2, 1875).

(5) Tratando uma escolta de prender, a 23 do passado, nos trabalhos da linha ferrea, a 2 escravos fugidos, deu-se lamentavel conflicto, do qual resultaram mortes e ferimentos [...]. (Notícias – Limeira, p.2, 1875).

(6) Si todo o empregado publico, ainda aquelle que nenhum honorario recebe, que tem consciencia dos deveres que contrahe para com a lei, o publico e para si mesmo, indubitavelmente não pode e não deve ser remisso; com muito maior razão deve ser restricto aquelle que, pelo seu trabalho, tem uma recompensa dos cofres publicos, seja bem ou mal pago: a lei é igual para todos. Assim, pois, não se deve tolerar, por nenhum pretexto futil ou consideração mal cabidos, abusos que só servem para acariciar e alimentar a negligencia do empregado publico, porque a lei qualifica um crime essa negligencia, e como tal manda puni-la. (O professor da instrucção primária de Araçariguama, p.2, 1877).

(7) [...] Ao empregado da fazenda mais pratico nesses trabalhos, encarregou do exame arithmetico, e ao engenheiro fiscal do legal, por ser elle mais conhecedor dos contractos, tarifas e despesas de custeio. Com esta divisão de trabalho, não podia aquelle aviso ter em vista privar o empregado da fazenda de votar nas questões concernentes ás contas. (Notícia – Estrada de ferro de Santos a Jundiahy, p.2, 1877).

(8) O agente de leilões Roberto Tavares tem a honra de participar ao respeitavel publico desta capital que pelo meritissimo Tribunal do Commercio do Rio de Janeiro foi nomeado leiloeiro desta cidade e seu termo. A longa pratica desta profissão que exerceu no Rio de Janeiro no largo tirocinio de 10 annos, habilitaram’no a bem desempenhar este encargo; offerecendo á confiança e a protecção do publico, a garantia do seu passado honroso e sem mancha. (Notícia – Agente de leilões, p.3, 1877).

(9) Um rapaz que quer habilitar-se para ser guarda livros, deseja achar uma casa de negocio para practicar. Não faz questão em ordenado [...]. (Anuncios – Guarda livros, p.4, 1877).

(10) A formosa, rica, sadia e trabalhadora provincia de S.Paulo seria a ultima que pudesse ter razão de queixar-se de negligencia da côrte. (Chronica politica – Promessas de um favor, p.1, 1878).

(11) Bem sabemos convir aos partidos monarchicos taxar de apostatas a todos os republicanos que occupam empregos publicos; mas entristece-nos que o collega, no seu furor de accusar, tenha se esquecido de distinguir entre os empregos que significam um serviço a um partido e aquelles que, pela natureza de suas attribuições, apenas são um serviço ao paiz. (Revista dos jornaes, p.1, 1878).

(12) Á vista da decisão do jury condemno o réu Francisco Sabino nas penas seguintes: [...] pelos crimes dos art.68, 85 e 87 em prisão perpetua com trabalho. (Sentença de chegar, p.2, 1878).

(13) Ao escrivão, meu companheiro de trabalho, perdão as offensas que me irroga [...]. (Seção livre, p.2, 1878).

(14) Linhares, desempregado a tres annos, não tem domicilio nem occupação [...]. (Seção livre, p.2, 1878).

(15) Poderá falar 'em probidade politica' um individuo que se diz liberal, e até republicano (que irrisão!) e entretanto vive da sopa do partido conservador de cuja camara é fiscal, que tem trabalhado como conservador na qualificação de votante, excluindo liberais, isto só vem mostrar que é liberal genuino – o coronel? (Seção livre, p.2, 1878).

(16) Patenteando o immenso serviço que recebi de tão abalisado medico, curando meu innocente filho, tenho em mente prestar tambem um bom serviço ao publico e mui principalmente aos paes que tenham a desdita de vêr seus filhos prostrados no leito do soffrimento. (Seção livre – Ao Ill. Sr. Dr. Jayme Serva, p.3, 1878).

(17) J.F. Hosman. Já há muitos annos conhecido em todo o império do Brasil e muito acreditado pela perfeição do seu trabalho, tendo trabalhado em 1859 em serviço da familia imperial, avisa aos seus amigos e antigos freguezes, e ao respeitavel publico, que se acha presentemente nessa provincia de S. Paulo afim de servir aos habitantes da mesma, com promptidão, garantido o seu trabalho. (Anuncios, p.4, 1878).

(18) Onde jaz a fidelidade aos principios liberaes? Na exclusão de 20 partes da população do Brazil, que trabalha, que paga impostos, que vive em perennes sacrificios? (Assembleia geral – Discurso do sr. José Bonifácio, p1, 1879).

(19) Ide consultar o passado da nação, e lá, na vulgaridade da phrase, encontrareis o que valem as massas; lá vereis que pódem votar todos aquelles que pódem produzir o valor de 260 alqueires. Tem o direito de eleger todo aquelle que cultiva o solo, todo o que rega a terra com seu suor e lágrimas, porque todo o que vive pelo trabalho tem independencia. (Assembleia geral – Discurso do sr. José Bonifácio, p.1, 1879).

(20) [...] mede a capacidade pelo dinheiro, e isto é mais que horrivel é um attentado contra a dignidade humana. Podia invocar opiniões em favor da idéia que sustenta, podia recorrer aos tempos da Grecia, de Roma. Não o fará. Dirá o que disse Guizot: Obrar sobre as massas é o grande meio dos governos. (Assembleia geral- Discurso do sr. José Bonifácio, p.2, 1879).

(21) [...] Essa voz dirá ao nobre presidente do conselho: - Há inumeros annos que trabalhas na liberdade do paiz, há inumeros annos que te cobres de serviços e de merecimentos – oh! não, não olvides o preterito. (Assembleia geral – Discurso do sr. José Bonifácio, p.2, 1879).

(22) [...] Essa voz dirá ao nobre ministro da Justiça: - Eu sou a banca em que devoravas o teu viver no estudo e no dever. Guiei-te a novos campos. Trabalha. Toda a ideia é um apostolado. (Assembleia geral – Discurso do sr. José Bonifácio, p.2, 1879).

(23) [...] Os cidadãos que servirem como examinadores perceberão a gratificação de 10\$ por dia de trabalho. (Instrução publica – Sobre o ensino primario e secundario, p.2, 1879).

(24) Recebemos e agradecemos um folheto com esse título, no qual o sr. Salvador Carlos Avelino, que militou na guerra do Paraguay, relata ocorrencias daquella campanha. É um trabalho ligeiro, mas que não deixa de ser interessante por muitos titulos. (Notícia – Reminiscencias do Paraguay, p.3, 1879).

(25) Precisa se de um empregado que saiba trabalhar em serviços de padaria. (Anúncios, p.3, 1879).

(26) Este dictionario é o trabalho mais completo, mais exacto e menos custoso daquelles que no mesmo genero e sobre a lingua portuguesa até hoje tem sido publicados. (Anuncio – Dictionario contemporaneo da lingua portuguesa, por Francisco Caldas Aulette, p.3, 1879).

(27) O Dictionario Contemporaneo foi elaborado à vista dos melhores trabalhos scientificos modernos [...]. (Anuncio – Dictionario contemporaneo da lingua portuguesa, por Francisco Caldas Aulette, p.3, 1879).

(28) Além das materias marcadas no curso deste collegio, as discipulas aprenderão, debaixo da direcção da senhora do director, todos os trabalhos que são precisos para dirigir os negocios domesticos de uma casa. (Anuncios – Collegio de meninas, p.4, 1879).

(29) Está-se á espera da resposta ao pedido feito por esta folha. Não é regular que s.s. fique-se com as plantas e não pague a quem teve o trabalho de as organizar. Esse trabalho representa um capital, pequeno embora para esses, mas grande para outros. (Secção livre – Ao homem das plantas, p.1, 1880).

(30) [...] a obrigação em que me julgo de, como democrata, trabalhar pela abolição do systema eleitoral, por lei ordinaria ou pelo trilho aberto por emergencias extraordinarias, acceitarei o principio da eleição directa, e trabalharei para que, o mais breve possivel, elle seja consagrado na legislacção pátria. (Ao eleitorado liberal, p.2, 1880).

(31) [...] communica ao publico e com especialidade a seus amigos que permanece no exercicio de sua profisção; e, sendo auxiliado em seus trabalhos forenses pelo muito distincto advogado [...]. (Jahú, p.2, 1880).

(32) Chegou alli a companhia japoneza que ultimamente trabalhou na côrte. Consta de equilibristas. (Campinas, p.2, 1880).

(33) Roberto Tavares convida a todas as bolsas de ricos e proletarios a concorrerem, sexta-feira 7, a este leilão genuino feito sem a minima reserva. (Leilão, p.3, 1880).

(34) Portugal conhece o Brazil unicamente pelos portuguezes que se repatriam, quase sempre com fortuna, e pelas lendas e tradições da antiga colonia. Afiguram-se-lhe ainda as minas abundantes de ouro e pedras preciosas, onde em pouco tempo se podia enriquecer, julga que o trabalho é facil aqui [...]. (Artigo, p.2, 1881).

(35) Que coragem! E que consciencias! Exporem um pobre e ignorante homem ás consequencias de um processo, e a prisão com trabalho por um voto! (A indifferença politica, p.2, 1881).

(36) No dia 16 foram encerrados os trabalhos da assembleia provincial do Paraná. (Provincias do Sul, p.2, 1881).

(37) Um portuguez recentemente chegado a esta capital offerece-se para trabalhos em qualquer chacara ou na roça. (Annuncios, p.3, 1881).

(38) Participamos ao publico que acabamos de montar o nosso estabelecimento com os aparelhos mais modernos, para facilitar o trabalho, de modo que podemos executar qualquer encommenda. (Annuncios – Fundição campineira, p.3, 1881).

(39) Acha-se á testa do nosso estabelecimento o socio sr. José Sims, com muitos annos de pratica em Inglaterra, Rio de Janeiro e ultimamente nesta cidade, cujos trabalhos já estão muito approvados, o que é uma grande garantia para nossos freguezes. (Annuncios – Fundição campineira, p.3, 1881).

(40) Precisa-se de um bom official de pedreiro para obra grande; quem estiver n'esse caso e sem serviço pôde dirigir-se ao Campo da Luz, rua do barão de Antonima. (Annuncios, p.4, 1881).

(41) A comedia, de autor desconhecido, tem situações engraçadas e denuncia sinão uma decidida vocação para aquelle genero de trabalho, pelo menos forte dose de jeito para a cousa e graça natural. (Noticiario – Theatro S. José, p.1, 1883).

(42) Sabemos que por carta de 22 do passado o sr. dr. João Francisco de Paula Souza e sua exma. senhora, d. Gabriela Barros de Paula Souza, deram plena liberdade ao seu escravo Francisco Floriano, pardo, creoulo, de 29 annos, filho de Francisco Floriano e de sua mulher Ildia; como recompensa de bons serviços e fidelidade. E' um acto meritorio e recommendavel exemplo de generosidade, que registramos com satisfação. (Noticiario – Liberdade, p.1, 1883).

(43) Um moço que tem bastante pratica de enfermeiro deseja empregar-se tanto n'esta capital quanto no interior da provincia, dando conhecimento de sua pessoa, e como tambem aonde tem prestado seus serviços. (Classificados – Enfermeiro, p.4, 1883).

(44) Cada um trata de se garantir e tomar as medidas convenientes a sua propria segurança [...] os mais competentes e aptos moram fóra, nas fazendas, e não podem chamar a si o serviço de policiamento da villa, com a autoridade e energia que as circunstancias exigem. (Comarca do Ribeirão Preto, p.1, 1885).

(45) Falleceu há 10 dias, numa pobre casinha, o bem conhecido poeta e escriptor Guimaraes Fonseca [...] tem sua expressao no Cantico dos Canticos biblico, cuja



traducção realisou com um primor admiravel. A não ser esta traducção nenhum outro trabalho se existe, que se possa mencionar. (Correspondência de Portugal, p.1, 1885).

(46) [...] a sua actividade de escriptor está dispersa nos artigos de jornaes e traducções de insignificantes romances que fazia para receber uns miseros tostões que não tardava a dissipar nos cavacos e ceias dos cafés. (Correspondência de Portugal, p.1, 1885).

(47) O barão do rio Zezere conseguiu empregar-o no ministerio das obras publicas em insignificantissimo lugar, estando já quase incapaz de trabalhar. O romantismo perdeu este homem que poderia ter sido uma notabilidade. (Correspondência de Portugal, p.1, 1885).

(48) O n. 1 do 3 anno da Revista de Estudos Livres publica um importantissimo estudo do dr. Theofilo Braga, sobre o Pe. Antonio Vieira. Chamamos a atenção dos leitores da Provincia para este trabalho do erudito professor. (Correspondência de Portugal, p.1, 1885).

(49) Com boa vontade e sobretudo se o lavrador se convencer de que deve acompanhar o progresso ou terá infallivelmente de desaparecer, talvez alguma coisa se obtenha e se consiga essa transformação. Os directores de engenhos centraes por meio de conselhos, muito poderão fazer tanto mais quanto fazendo-o, para si trabalham. (Correspondência de Portugal, p.1, 1885).

(50) No centro do Brazil temos alguns terrenos que são talvez os mais apropriados para a cultura da canna, já porque ella ahí dá com abundancia com muito pouco trabalho [...]. (Correspondência de Portugal, p.1, 1885).

(51) Segundo as ultimas noticias que nos communicam de Paris, em carta particular, continuavam com grande celeridade as obras do vasto edificio dos jardins e dependencias que devem servir a esta importantissima exposição. A affluencia de expositores, excedente do numero previsto determinára a necessidade de obras accessorias nas quaes se trabalhava dia e noite. (Exposição Universal de Antuerpia, p.2, 1885).

(52) Á vista do immenso consumo que tem tido o Cevadinho [medicamento] para engordar e desenvolver animaes quer para o trabalho ou negocio, resolveu aquele senhor, a resumir seus preços [...]. (Aos senhores criadores e proprietarios de animaes, p.3, 1885).

(53) [...] Manoel Teodoro, ex-escravo de d. Candida Maria da Pureza condemnado á pena de 12 annos de prisão com trabalho. (Actos officiaes, p.2, 1888).

(54) Seguiu hoje para a côrte o sr. dr. Ignácio Cockrane, que vae tomar parte nos trabalhos parlamentares como deputado. (Noticiario, p.2, 1888).

(55) O sr. Octavio Mendes, que foi aqui um companheiro intelligente, dedicado e trabalhador, vae para a redacção da Gazeta de Campinas. (Noticiario, p.2, 1888).

(56) Muitos escriptos têm sido publicados nesta grande crise da lavoura, relativamente á extincção do elemento servil, e sobre immigração estrangeira para o Brazil e com especialidade para a provincia de S. Paulo. [...] Os lavradores da

provincia estão com as mais difficuldades no intuito de encaminharem suas lavouras, pois que com a repentina cessação do braço escravo e abandono em que ficaram os estabelecimentos agricolas pela fuga em massa dos trabalhadores, ficaram como que de todo paralyzados todos os serviços taes como carpição de cafezaes e colheita de roças. (A posição dos lavradores da provincia de S.Paulo, p.2, 1888).

(57) Os ex-escravos não se sujeitam no trabalho, andam sem destino, passam de uma fazenda a outra, e não se firmam em local algum e vagabundos só procuram escamotear o que lhes é necessario para a fome, de sorte que por emquanto o fazendeiro não pode contar com esse elemento de trabalho. Os immigrants não accodem de momento ás necessidades da lavoura não só porque desconhecem e estranham os serviços; não estão acclimados, não estão habituados á alimentação que se lhes pôde fornecer e nem estão affeitos aos nossos costumes [...]. Pois bem, para obter colonos, para conseguir novos aprendises do trabalho, lucta o lavrador com os maiores empecilios de alojamento de immigrants, e quando os consegue [...] leva gente que não accode á urgencia dos serviços. O prejuiso dos lavradores é irremediavel e se conta por milhares de arrobas de café que ficarão perdidas no mato por falta de quem as colha e aproveite, devido á negação do trabalho por parte do liberto e á falta de pratica do immigrant. Serei o primeiro a louvar o governo, pela extincção da escravidão no Brazil, mas é preciso que se nos dê leis que tornem obrigatorio o trabalho. A. José da Costa Wilk. (A posição dos lavradores da provincia de S.Paulo, p.2, 1888).

(58) De ordem do exm. sr. conego Manoel Vicente da Silva, director da Escola Normal [...] acha-se de novo aberta [...] a inscripção para o concurso da cadeira de desenho e calligraphia do sexo feminino desta Escola. [...] só podem concorrer segundo o art. 40, senhoras brasileiras, natas ou naturalizadas. (Editaes – Escola Normal, p.2, 1888).

(59) Aluga-se uma moça para arrumar a casa e copeira; dorme no aluguel. (Annuncios, p.3, 1888).

(60) qualquer pessoa pôde trabalhar com essas machinas que não offerecem perigo algum. Os focos de 1.000 velas servem para illuminar terreiros de café facilitando extraordinariamente o serviço de noite. (Annuncios – Luz electrica para fazendas, p.3, 1888).

(61) O professor Faure Nicolay fará os melhores trabalhos de Magia elegante e alta prestidigitação classica sem nenhum aparato. (Annuncios – Theatro S. José, p.3, 1888).

(62) Nesta grande officina trabalha-se em qualquer modelo ou figurino, com toda e elegancia e capricho. (Annuncios – La saison, p.4, 1888).

(63) Procura-se um emprego numa fazenda para guardar os livros, fazer a correspondencia, tratar com os colonos e para outros trabalhos desta ordem [...]. (Annuncios – Guarda livros, p.4, 1888).

(64) Os telegramas de Havas e do Centro Telegraphico da Imprensa se têm referido á grande manifestação socialista que hoje se deve realizar em quase todas as grandes cidades da Europa e em algumas cidades dos Estados Unidos da America do Norte. Ultimamente começaram a apparecer receios de que se dessem grandes desordens no dia de hõje e todos os governos europeus, principalmente o da Austria, onde a

atitude dos operarios é mais ameaçadora, tomaram suas precauções. A força publica foi extraordinariamente augmentada [...] É possível, por causa das providencias em tempo adoptadas, que não seja perturbada a ordem publica. [...] para realizarem a manifestação de hoje, que se deve estender por todo o continente, os operarios não pediram licença ás autoridades civis. Reuniram-se em congressos, dicutiram-n'a, prepararam-n'a e anunciaram-n'a sem darem satisfações a ninguém. Os governos previnem-se mas não ousam prohibil-a. Há a notar uma circumstancia importantissima: - hoje é quinta feira, dia de trabalho geral. Se a manifestação se realizasse num domingo, disse um orador socialista num dos congressos preparatorios, não teria com certeza a significação que lhe queremos dar, porque os burguezes não deixariam de dizer que ella se compunha, em grande parte, de simples curiosos em descanço. A escolha do dia de hoje, portanto, é uma especie de provocação. Queiram os patrões ou não queiram – as suas officinas hoje háo de ficar inteiramente desertas, porque os operarios resolveram ir fazer discursos e protestos para a praça publica. Foi a American Federation of Labor reunida em S. Luiz em dezembro de 1888, que escolheu o dia 1 de Maio. O congresso marxista, reunido depois na Europa, não fez nada mais do que sancionar a escolha dos correligionários note-americanos. O tom especial dessa manifestação-monstro é para pedir para que sejam reduzidas a oito horas de trabalho no dia. [...] Não há divergencias, não há opposições. Em toda parte reina entusiasmo e é firme a resolução em toda a linha. (1º de Maio, p.1, 1890).

(65) Um guarda- livros, dispondo de algumas horas, encarrega-se de trabalhos avulsos. (Annuncios, p.4, 1890).

(66) [...] Tudo isso porque o anonymo extraordinario que é o maior collaborador da historia, o Povo que trabalha e que sofre – sempre obscuro, entende, nessa festiva entrada da primavera deixar por momentos as asperas ferramentas e sonhar também como os felizes, pensar, elle que só tem um passado, no futuro. (Crônica – Dia a dia, p.1, 1892).

(67) E que triste e desoladora perspectiva esta – de vastas officinas e ruidosas fabricas desertas, sem mais a movimentação fecunda do trabalho – e as profundas minas, abandonadas, abrindo para os céus as gargantas escuras – num tenebroso bocejo. (Crônica – Dia a dia, p.1, 1892).

(68) Em nossa patria – moça e rica – chegamos ás vezes a não o comprehender – transportando-nos porém aos grandes centros populosos, observando todas as difficuldades que assoberbam a vida alli, sentimos quão criminosa tem sido a exploração do trabalho. Alli, aonde o operario mal adquire para a base material da vida a falsissima lei de Malthus parece se exemplificar ampla e desoladora. Preso a longas horas de uma agitação automatica e além disto cerceado da existencia civil, o rude trabalhador é muito menos que um homem e pouco mais que uma machina. (Crônica – Dia a dia, p.1, 1892).

(69) O governo confia em que as festas do dia 1 de maio, não trarão alteração da ordem publica na capital e nas principais cidades do reino. Os operarios mostram-se tranquilos, não tendo até agora celebrado reuniões preparatorias com aquelle fim. (Europa – Italia, p.2, 1892).

(70) A União Operaria de Santos convidou os operarios a suspenderem o trabalho no dia 1 de maio e franqueiarem ao publico o seu salão. (Municipios – Santos, p.2, 1892).

(71) O Audace, [submarino] que tal é o seu nome, é dividido em diversos compartimentos, e possui uma porta de tal modo combinada que mergulhadores podem fazer o seu trabalho no fundo do mar para apanhar os seus objetos de valor. (Noticias da noite – Um novo submarino, p.2, 1892).

(72) O deputado Rodolpho Abreu communicou que se achava prompto para os trabalhos o seu colega sr. Gonçalves Ramos. (Telegrammas, p.1, 1895).

(73) A nomeação de uma commissão especial de deputados e sennadores, que tranquilamente e com vagar estude os projectos e sobre elle formule parecer, depois de ter ouvido e examinado, no silencio do recinto dos seus trabalhos, as opiniões dos seus collegas, é indubitavelmente o único meio pratico para chegarmos à codificação definitiva. (Notas politicas, p.1, 1895).

(74) Commemora o mundo-operario a data historica de 1 de maio: glorificação do Trabalho Universal. Facto de alta transcendencia social para as classes productoras, deve ser esse dia considerado feriado entre os operarios, sem distincção de classes, visto ser elle o inicio das reevindicações sociaes. O Partido Operario convida aos seus correligionarios a á classe operaria a suspender o trabalho neste dia, signal de respeito á laustosa data. (Os municipios – Santos, p.1, 1895).

(75) A alma das mulheres muito se parece com a alma das creanças, de modo que aquillo que muitas vezes para os homens é um trabalho rude, aspero e improficuo, é quase sempre para as mulheres um mister suave, agradavel, meigo e fertil em bonissimos resultados. Nos Estados Unidos, o paiz onde melhor se educa a infancia, as escolas preliminares e secundarias são quase todas regidas por senhoras. (Expediente, p.1, 1895).

(76) No dia 15 do corrente, quando se achava o presidente da Câmara Municipal, prompto para os trabalhos eleitorais, entrou o sr. tenente coronel Vicente de Oliveira T. M., acompanhado de uma malta de capangas. (Sessões da Câmara, p.2, 1895).

(77) Esse cidadão, sr. presidente, é um daqueles cidadãos que mais teem trabalhado, que mais teem se sacrificado, que mais se teem compromettido, até o seus haveres e interesses, em beneficio do progresso e desenvolvimento da Villa da Fartura. (Sessões da Câmara, p.2, 1895).

(78) Informam-nos que no referido trecho se trabalha com toda a actividade para o completo restabelecimento da linha [férrea]. (Notas e informações, p.2, 1895).

(79) Vae ser paga ao cidadão Valentim Valerio a quantia de 8.448 # 368 pelos trabalhos executados no predio onde funciona o grupo escolar da cidade de Jundiahy. (Notas e informações, p.2, 1895).

(80) Serão installadas brevemente, na Escola Normal, as officinas para trabalhos manuaes dos alumnos da Escola Modelo Caetano de Campos. (Notas e informações, p.2, 1895).

(81) Depois s. exa. encerrou-se no seu gabinete de trabalho com seu secretario. Estiveram por muito tempo a trabalhar na mensagem que será lida por ocasião da abertura do Congresso [...]. (Notas e informações, p.3, 1895).

(82) Devem usal-o [o Vinho de Peptona Defresne] igualmente as pessoas de constituição debil [...] as maens cujo vigor é comprometido pelo trabalho do aleitamento. (Anuncios, p.6, 1895).

(83) A festa do trabalho será solemnizada aqui pelo Gremio Operario. (Os municipios – São Simão, p.1, 1898).

(84) [...] pedindo-lhe a fineza de significar esses meus sentimentos nos seus dignos subordinados, meus ex-companheiros de trabalho. (Jornaes do Rio, p.1, 1898).

(85) A cidade vai ser dotada com uma magnifica egreja, cujos trabalhos de construcção já estão muito adiantados. (Os municipios – JAHU, p.1, 1898).

(86) Entre os navios mercantes armados em guerra pelos Estados – Unidos figuram o Saint Luiz [...]. A tripulação do navio compõe-se de 1 commandante, 6 officiaes, [...] 144 criados para os diversos serviços e cosinheiros[...]. (A guerra, p.1, 1898).

(87) A Hespanha, Cuba e os Estado-Unidos é o título de um interessantissimo livro que appareceu em Pariz em fins do mez passado. [...] Não há nada mais actual e não conhecemos trabalho mais completo sobre esse assumpto. (Notas e informações, p.1, 1898).

(88) A actividade extraordinaria desenvolvida pelo vice-almirante sr. Arias Salgado, em cujo arsenal se trabalha dia e noite [...]. (Cartas de Madrid, p.1, 1898).

(89) O illustre clinico na capital federal, sr. dr. Francisco Fajardo [...] na Copacabana, apresentou á apreciação da Academia Nacional de Medicina numerosos preparos de tecidos e de sangue de beribericos, nos quaes procurou demonstrar a existencia de um parasita até agóra ignorado. [...] A academia Nacional de Medicina vae dar parecer sobre esse trabalho, e folgaremos bastante se a tentativa do nosso illustre compatriota merecer a consagração da sciencia. (Microbio do beriberi, p.2, 1898).

(90) Na Trindade, representou-se o drama em tres atos João Darlot, traduzido do frances por Fialho de Almeida. É um dramalhão obrigado á lagrima com os sermões da semana santa, sendo de lamentar que o altissimo talento litterario de Fialho se tenha malbaratado em tal trabalho. (Notícias diversas, p.2, 1898).

(91) Clinica de molestias de criança, coração e pulmões- O Dr. Clemente Ferreira, laureado pelo Instituto da França, pelos seus trabalhos sobre estas especialidades, dá consulta das 8 ás 9 horas da manhan. (Indicações uteis – Médicos, p.3, 1898).

(92) Dentista - Aureliano Amaral, declara que é outra pessoa de igual nome que exerce um cargo publico e que não deixou de trabalhar em seu gabinete [...]. Continua com o antigo systema de convencionar os preços antecipadamente de todos os trabalhos, fazendo especialidades em chapas completas e montagens de dentes sobre raizes. (Indicações uteis – médicos, p.3, 1898).

(93) Depois do trabalho o aparelho digestivo reclama repouso. Diminuí os feculentos, supprimí os corpos gordos e os alcoolicos. (Aphorismos para os dyspepticos, p.3, 1898).

(94) O trabalho physico ou intellectual, durante a digestão, augmenta o custo da producção, sem dar lucro. (Aphorismos para os dyspepticos, p.3, 1898).

(95) O verdadeiro fim da vida é ser feliz e fazer felizes os nossos, mediante o trabalho e o regimen. (Aphorismos para os dyspepticos, p.3, 1898).

(96) Os engenheiros abaixo-assignados, com longa pratica de serviços, encarregam-se de todos os trabalhos de sua profissão [...]. (Escritorio de Engenharia, p.3, 1898).

(97) Abelardo de Cerqueira Cesar encarrega-se de todos os serviços concernentes á sua profissão não só nesta comarca como em qualquer outra servida por estrada de ferro. (Advogado, p.3, 1898).

(98) Uma pessôa com bastante pratica de lavoura, necesita uma collocação, em uma fazenda, para administrador, ajudante ou escrivão, dando de si as melhores referencias de fazendeiros, com quem tem servido. (Aos srs. fazendeiros, p.6, 1898).

(99) Há um anno e meio, mas ou menos, nove condemnados [...] fugiram afinal uma tarde. Eram uns verdadeiros demonios, sem temor a Deus nem ao diabo, endurecidos em toda especie de privações, em todos os trabalhos, acclimados com este paiz maldicto. (Novela – O orpham - cap. XXII - Os sofrimentos de um innocente, p.6, 1898).

(100) Após este dia de descanso os condemnados voltaram ao duro trabalho, bem denominado - trabalho forçado! – porque ninguem por maior que fosse o salario a vencer, seria capaz de empregar-se em semelhante mister e com semelhante clima! [...] “Este horrivel trabalho me inutilizará para sempre!”. (Novela - “O orpham - cap. XXII- Os sofrimentos de um innocente”, p.6, 1898).

(101) Esta immigração continua e só tende a augmentar: não desperta entre nós desconfiança, menos ainda malevolencia, sendo todos os estrangeiros honestos e laboriosos acolhidos de braços abertos por um povo disposto a repartir com elles seus recursos economicos e seus direitos de nacionalidade. (Artigo – A conquista do Brasil, p.1, 1910).

(102) [...] seu povo tão doado para o labor e para a luta. (Artigo – A conquista do Brasil, p.1, 1910).

(103) Os metais caros e as pedras preciosas constituíam seu poderoso attractivo, antes mesmo de que, entre a população portugueza, a caça dos escravos indios, indispensaveis ás duras fainas agricolas, ás quaes era bem preciso entregar-se para alimentarem-se os colonos e pôrem de lado alguma coisa, armasse em guerra e fizesse marchar os bandos de aventureiros. (Artigo – A conquista do Brasil, p.1, 1910).

(104) Os indigenas foram, é verdade, encarniçadamente perseguidos e reduzidos por milhares á servidão apesar de todo o ardor testemunhado em sua defeza pelos jesuitas; os africanos foram importados em larguissima escala para serem empregados na labuta esmagadora das minas e do arroteamento dos terrenos [...]. (Artigo – A conquista do Brasil, p.1, 1910).

(105) Os descobridores do deserto deixavam atraz uma população fixa, presa aos seus lares, entregue aos labores agricolas – os plantadores de canna, do fumo e de algodão. (Artigo – A conquista do Brasil, p.1, 1910).

(106) Com tal fito apprendeu o missionário os dialectos indios, de fórma que se devem a religiosos os trabalhos philologicos que a respeito possuimos e que datam dos primeiros seculos da vida americana. (Artigo – A conquista do Brasil, p.1, 1910).

(107) Mesmo nos escolhos [recifes], força era aos viajantes trabalharem dentro da agua, guiando o barco, felizes ainda se este não sossobrava com o seu conteúdo, ou se alguns dos viajantes não se afogavam na torrente. (Artigo – A conquista do Brasil, p.1, 1910).

(108) Na parte lateral esquerda um indio repousa no chão, parecendo prestar atenção ás palavras do missionario, o selvagem, em que o artista symbolisa o inicio da civilisação, tem entre as mãos uma enxada, emblema do trabalho agricola. (Notícia – Monumento commemorativo da fundação de S. Paulo, p.2, 1910).

(109) Escolhido o sitio e installada a missão apostolica, entregou-se de corpo e alma á piedosa faina de catechese dos selvagens, trabalho em que desde logo se distinguiu, pelo zelo e dedicação á causa dos aborígenes. (Notícia – Monumento commemorativo da fundação de S. Paulo, 1910, p.2).

(110) Como inscripção elucidativa do baixo relevo que adorna a face lateral direita, representando o trabalho da catechese, e dedicado á pessoa de Anchieta. (Notícia – Monumento commemorativo da fundação de S. Paulo, 1910, p.2).

(111) Nem foram estes seus unicos obreiros; em mais modesta labuta outros collaboraram nesta obra, pois, segundo narram as chronicas, começada a edificação [da cidade de S.P.] em 1554, já em 1556 estavam quase acabadas as casas e a egreja, feitas de taipa de pilão, graças ao esforçado trabalho dos indios catechumenos, os quaes nas horas disponiveis ajudavam o mestre do serviço, padre Affonso Braz, trazendo às costas as cestas de terra e os potes de agua [.. ]. Este episodio caracteristico foi com muita felicidade representado no projecto por numeroso grupo de figuras em attitude de trabalho, dispostas na parte central do monumento. (Notícia – Monumento commemorativo da fundação de S. Paulo, p.2, 1910).

(112) Elle [Anchieta] foi o que ali a recebeu em seus principios, asignalou-lhe lugar em suas terras, ajudou a fazer-lhe casa e egreja, trabalhou que fossem obedecidos e respeitados os padres. (Notícia – Monumento commemorativo da fundação de S. Paulo, p.2, 1910).

(113) Querem alugar-se um casal de estrangeiros e sem filhos, a mulher para lavar e engommar ou cuidar em creanças e o marido para jardineiro ou serviços domesticos. Tratar á rua de D. Teresa, n.10. (Classificados, p.3, 1910).

(114) Precisa-se de um menino de 16 a 17 annos de idade, para serviços de casa, jardim, etc. Carta á A. E. J. caixa do correio 18 - S.Paulo. (Classificados, p.4, 1910).

(115) Um guarda-livros, dispondo de algumas horas, encarrega-se de trabalhos avulsos. Cartas nesta redacção a F.I.C. (Annuncios, p.4, 1910).

(116) Submettido á discussão o parecer foi unanimemente aprovado pela commissão promotora do monumento. Esta votou uma menção honrosa ao trabalho do esculptor, Sr. Eduardo de Sá, lamentando não poder acceitar seu bello projecto, pois elle se afastava das bases da concorrência publica. (Notícias avulsas, p.3, 1910).

(117) Recomeçaram com grande actividade os trabalhos do ramal de São Francisco do Iguaçu, na estrada de Ferro São Paulo Rio Grande. (Notícias avulsas, p.4, 1910).

(118) Da outra banda se collocam os criadores reformadores, pretendendo mais depressa alcançar a meta almejada, pelo cruzamento das raças indigenas com as adiantadas e aperfeiçoadas raças europeas, ganhando assim tempo e poupando trabalhos. (Notícia – Exposição de animaes, p.3, 1910).

(119) Houve hoje diversas reuniões de sociedades operarias para tratar dos festejos a serem realizados amanha, dia da festa do trabalho. (Notícia / telegrammas, p.4, 1910).

(120) Os operarios commemorarão a data de 1 de maio, realizando comicios e conferencias sobre a festa do trabalho. (Notícia, p.4, 1910).

(121) Trata-se de honrar a memoria de um homem que se elevou pelo trabalho e cujo nome é um título de orgulho para a civilisação. (Notícia – A inauguração da estatua do visconde de Mauá, p.4, 1910).

(122) O sr. ministro da guerra mandou elogiar o coronel Achilles Pederneiras director da fabrica de polvora do Piquete, e seus auxiliares pelo desempenho que deram aos trabalhos da mesma fabrica, relativamente á fixação do typo de polvora nacional para o fabrico de balas. (Notícia, p.4, 1910).

(123) As usinas de assucar deste municipio, em numero de trinta, iniciarão os seus trabalhos no dia quinze de maio proximo, calculando-se que a safra deste anno attinge seiscentas mil saccas [...]. (Notícias, p.4, 1910).

(124) Proseguem os trabalhos de adaptação no predio destinado á escola de aprendizes marinheiros, nesta capital. (Notícias, p.4, 1910).

(125) Os jornaes alarmam-se com a baixa do preço do salitre. Em algumas fabricas, já trabalha apenas metade dos operarios. Brevemente, por falta de trabalho, varias fabricas ficarão paralisadas. (Notícias – Chile, p.4, 1910).

(126) 'La Nación' lamenta que os milhões de pesos gastos para commemorar o centenario da independencia serão perdidos porque – diz o jornal – as festas não terão o brilhantismo esperado e desejado por culpa do governo que abandonou os trabalhos preliminares. (Notícias – Buenos Aires, p.4, 1910).

(127) Todos os grevistas voltaram ao trabalho. (Notícias – Nova York, p.5, 1910).

(128) Na primavera da vida – diz elle – havia eu já adquirido, por meio de infatigável e honesto labor, uma fortuna que me assegurava a mais completa independencia. (Avulsos – Visconde de Mauá, p.5, 1910).

(129) A 21 de outubro de 1880 fallecia, em Petropolis, esse maravilhoso gerador de actividades, cujo nome foi por si só o maior hymno á capacidade e ao trabalho brasileiro. (Avulsos – Visconde de Mauá, p.5, 1910).



(130) O sr. dr. Pinheiro e Prado, primeiro delegado e auxiliar, que ultimamente foi encarregado de inspeccionar as prisões da capital, trabalho esse que será feito todos os meses, apresentou hontem o seu primeiro relatorio ao sr. dr. Washington Luis, secretario da justiça. (Visita ás prisões, p.5, 1910).

(131) Nada mais havendo a tratar, o sr presidente encerra os trabalhos. (Noticias diversas – camara municipal, p.5,1910).

(132) A nova compainha irá trabalhar no teatro Buenos Aires, da capital argentina, onde dará uma serie de sessenta espectaculos nos meses de setembro a outubro. Em novembro deverá a companhia vir trabalhar nesta cidade, no teatro S. José. (Noticias theatraes, p.6, 1910).

(133) [...] um canta, o outro paga, e dahí, além dos cortezãos, há os arrematantes, que desempenham bem o seu officio. (Folhetim – Terceira parte – Memórias de um médico, p.7, 1910).

(134) [...] eis porque as pessoas fracas, debilitadas pelas molestias, pelo trabalho ou por excessos devem tomar vinho de Quinium Labarraque. (Propaganda, p.9, 1910).

(135) Vendem-se tres descaroçadores novos americanos novos, trabalhando perfeitamente e garantidos. (Propaganda, p.10, 1910).

(136) Enorme simplicidade e grande economia de combustivel, pois gasta muito pouco, tendo muitos [motores a gaz] trabalhando nesta cidade, onde podem ser vistos. (Propaganda, p.15, 1910).

(137) Leilão de uma bem montada officina de relojoaria, havendo grande quantidade de relógios de bolso e de parede, correntes, joias, peças artisticas com trabalho de labor. (Propaganda, p.10, 1910).

(138) A companhia Calçado Rocha [...] mantem em constante trabalho cerca de seiscentos operarios, internos e externos. (Manifesto para a emissão publica de um emprestimo, p.16, 1910).

(139) A hora histórica que estamos vivendo em meio às dificuldades criadas pelas inquietações do mundo contemporaneo, bem está a exigir um máximo de esforço e de dedicação da parte de todos quantos num immenso esforço anonymo das massas trabalhadoras cimentam a grandeza da nacionalidade. Que seja abençoado pela Providencia esse trabalho fecundo do operariado brasileiro e que delle exsurja maior e mais pujante sempre a arvore bendita da riqueza da prosperidade que há de fazer do Brasil um dos mais bellos florões da civilização humana. Cordialmente – Waldemar Falcão (ministro do trabalho). (As commemorações do dia 1 de maio na capital do paiz, p.2, 1938).

(140) Na pratica commercial não é permittida a humidificação artificial das salas onde se procedem os trabalhos de medição das fibras para não tornal-as mais longas. (Notas e informações, p.3, 1938).

(141) Mais três espectaculos annunciam-se para hoje no Theatro Recreio, onde Genesio Arruda está trabalhando com sua Compainha de Disparates Comicos. (Noticias Theatraes, p.3, 1938).

(142) “Não podemos resistir a competição dos japonezes”, asseguram os técnicos. A combinação do trabalho barato e da maquinaria mais cara acabará por fechar todas as nossas fabricas. Temos que fazer alguma coisa para remediar tudo isso. (Reportagem – A mulher japoneza na vanguarda do progresso, p.4, 1938).

(143) Mas elle também vae ao Japão com um bom contrato por dois ou três annos, com o fim de installar uma nova machinaria, destinada a ensinar os japonezes a trabalhar com maior efficiencia e menor custo. (Reportagem – A mulher japoneza na vanguarda do progresso, p.4, 1938).

(144) Alli vimos as filhas dos lavradores – mais de cento e cincoenta mil - trabalhando por um salario diario equivalente a dezoito centavos de dollar, vivendo em barracões de madeira, comendo apenas um punhado de arroz e pescado, trabalhando durante longas horas e inundando o mundo com o producto do seu trabalho. (Reportagem – A mulher japoneza na vanguarda do progresso, p.4, 1938).

(145) “A fábrica trabalha em dois turnos : das cinco horas até ás 10 horas. (P.4-reportagem- “A mulher japoneza na vanguarda do progresso”- 1938)

(146) As moças trabalham vestindo blusas azues de marinheiro e calções. Depois das horas de trabalho vestem o seu kimono de alegres cores. (Reportagem – A mulher japoneza na vanguarda do progresso, p.4, 1938).

(147) Quanto economizará uma dessas moças em tres annos de trabalho? (Reportagem – A mulher japoneza na vanguarda do progresso, p.4, 1938).

(148) Agrade ou não, este systema dá bons resultados no Japão. Proporciona trabalho certo ás moças que, de outra forma, morreriam de fome em suas casas. (Reportagem – A mulher japoneza na vanguarda do progresso, p.4, 1938).

(149) Desembarcaram hoje neste porto, de bordo do vapor ‘Itagiba’, 92 colonos nordestinos que vêm contractados pela Companhia Itaquerê, para trabalhar na lavoura paulista. (Chegada de colonos, p.6, 1938).

(150) Falou, por fim, o sr. Vicenzo Lojacono, agradecendo a acolhida que estava tendo, a satisfação que tinha em ver brasileiros e italianos vivendo em perfeita harmonia e terminou exhortando estes ultimos a continuarem, como até aqui, trabalhando para o paiz que os hospeda. Todos os oradores foram calorosamente applaudidos. (Notícia – A visita do embaixador italiano, p.6, 1938).

(151) Por esse resumo, fácil é aquilatar o grande raio de acção em que o Posto desenvolve os seus trabalhos, na sua faina de bem zelar pela saude publica. (Notícia – A visita do embaixador italiano, p.6, 1938).

(152) Os ultimos mezes do anno de 1893 e os primeiros do anno seguinte decorreram cheios de sobressaltos e apprehensões para uma grande parte da população sancarlense, devidos aos successos da revolta armada, e ás medidas de rigor que o governo de S. Paulo precisou tomar. Entre estas, figura o recrutamento, terrivel espantelho que poz em debandada muita gente, principalmente a caboclada, que abandonava os seus tugurios e fugia para a mata e para as fazendas distantes preferindo os inconvenientes da vida selvagem ou o trabalho pela comida, a ter que formar ao lado dos que partiam para os campos, a combater as hostes aguerridas. (Reportagem – A historia da fundação da cidade de S. Carlos, p.7, 1938).

(153) São esses os pontos principais do decreto: a fixação do salário mínimo a que todo trabalhador tem direito, em retribuição aos serviços prestados. (Notícia – Regulamento das comissões de fixação do salário mínimo, p.8, 1938).

(154) O regulamento dispõe também sobre o trabalho em domicílio, entendendo-se por isso aquelle que é executado na habitação do empregado ou em officina de familia, por conta de empregador que o remunere. (Notícias – Regulamento das comissões de fixação do salário mínimo, p.8, 1938).

(155) Ao ministro do Trabalho o Sindicato dos Vendedores Pracistas do Rio de Janeiro enviou o ante-projeto que organizou de regulamentação da profissão de vendedor representante. O trabalho foi elaborado por uma comissão especialmente nomeada por aquelle sindicato, e esta precedido de um memorial a respeito. (Notícia – Regulamentação da profissão de vendedor representante, p.8, 1938).

(156) Frederic Moyon, condenado á morte foi guilhotinado esta manha no Boulevard Arago, tendo sabido da prisão de La Santé. Foi uma das mais dramaticas execuções levadas a effeito por 'Monsieur de Paris' (carrasco official). Moyon dirigiu insultos ao edoso carrasco e atracou-se com seus auxiliares, de forma que a sua cabeça não se ajustou bem no lugar apropriado do aparelho, o que difficultou o trabalho de que tanto se orgulha o sr. Deibler. (Assassino guilhotinado – Notícia – Pariz, p.30, 1938).

(157) Como homem de negócios, [Quaresma. Um frequentador das livrarias cariocas] não conhece desanimos. Seu sonho é abrasilizar o commercio de livros entre nós. Traça, para isso um plano. E para isso se esforça e trabalha como poucos. (Artigo – O Rio de Janeiro no começo do século XX: livrarias, p.10, 1938).

(158) [...] um gesto de amizade tão natural após esses tres annos em que trabalhamos e estudamos sob vossa direcção na Faculdade de Philosophia [...]. Quer exprimir também um pouco da admiração e do reconhecimento que, por nossa parte, acompanhou sempre vosso trabalho aqui realizado. [...] De todas as lições que destes a de vossa attitude foi a mais admiravel: attitude de trabalho, de severidade, de exactidão. (Reportagem – Professor Claude Lévy-Strauss, p.10, 1938).

(159) O artigo de início accentua o character de divulgação que tem o seu trabalho, destinado apenas a dar aos não especialistas noticias dos ultimos progressos da especialidade [...]. Refere-se á questão etiologica do Trachoma [uma espécie de bactéria], que segundo se depreheende dos trabalhos apresentados ao Congresso Ophthalmologico Internacional do Cairo ainda é uma questão aberta. (Notícia – Movimento associativo: Sociedade de Medicina e Cirurgia, p.11, 1938).

(160) Poderão tomar parte no congresso agronomos e engenheiro-agronomos bem como os technicos e cientistas estrangeiros contractados para trabalhar no Brasil. (Notícia – II Congresso Brasileiro de Agronomia, p.12, 1938).

(161) As theses de cada um poderão conter sugestões de enorme utilidade. O conjunto de suggestões talvez signifique um completo e eficiente programa de trabalhos agrícolas aplicado a todo o paiz. É o maior trabalho de cooperação que se pode imaginar: todos os agronomos e engenheiro-agronomos do paiz trabalhando com um ponto de vista para a solução dos problemas nacionais. (Notícia – II Congresso Brasileiro de Agronomia, p.12, 1938).

(162) Os estudantes procurarão desenvolver um trabalho bastante eficiente a fim de que essa conferencia obtenha o exito que é de se esperar. (Notícia – Monumento aos bandeirantes em Goyania, p.12, 1938).

(163) Como chefe da delegação [dr. Castello Branco], sou um dos que mais confiam na victoria. Em minha longa carreira de actividade esportiva, não observei jamais um trabalho tão apurado na organização de uma delegação esportiva. (Notícia – A delegação brasileira no campeonato mundial de futebol, p.15, 1938).

(164) Veneziano esteve bastante tempo afastado das lides do turfe, tendo em trabalho, perdido para a sua companheira, Veneziana. (Notícia – A principal competição do festival turfístico desta tarde, p.15, 1938).

(165) Veneziana trabalhou bem em partidas curtas, podendo fracassar em um percurso de quase dois quilometros. (Notícia – A principal competição do festival turfístico desta tarde, p.15, 1938).

(166) O estômago é por assim dizer, uma uzina que trabalha intensamente durante todo o dia [...]. (Propaganda – Magnesia Bisurada, p.18, 1938).

(167) Rusk disse ainda que a defesa contra as ameaças comunistas internas e externas baseiam-se não somente na defesa militar, mas também no bem estar geral, pelo que há a necessidade de ajudar economicamente os países subdesenvolvidos. Assegurou que os Estados Unidos continuarão a trabalhar com os membros do CENTO para assegurar a defesa e a estabilidade do Oriente Médio. (Notícias - CENTO: iniciada em Londres a reunião do Conselho Ministerial, p.1, 1962).

(168) O comunicado divulgado em Washington depois de encerradas as entrevistas deve ser interpretado à luz das declarações feitas em Londres pelo secretário de Estado Rusk ao serem iniciados os trabalhos do CENTO. (Artigo – De um dia para o outro, p.2, 1962).

(169) [...] O Conselho da OAB concluirá e aprovará o Projeto de Oficialização da Justiça do Estado da Guanabara, o qual será entregue ao governador Carlos Lacerda. Já foi solicitada audiencia ao governador o qual, por seu turno, deverá encaminhar o trabalho do Conselho da OAB de Guanabara à Assembleia Legislativa, onde deverá tramitar em caráter de urgência. (Notícia – Oficialização de Justiça na Guanabara, p.6, 1962).

(170) O Plano Nacional de Habitação é uma mobilização geral de esforços em favor da casa própria para a família trabalhadora. (Casa própria aos trabalhadores, p.6, 1962).

(171) Encerrou-se o Congresso dos Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte, que reuniu mais de duas mil pessoas. Os trabalhos do certame foram presididos pelo sr. Sinval de Oliveira. (Notícia – Favelados, p.6, 1962).

(172) Ontem a tarde realizou-se na Delegacia do Trabalho mesa-redonda entre patrões e empregados da construção civil para debate das reivindicações salariais dos empregados. Estes pretendem aumento de 60%, vigência do acordo por seis meses e fornecimento de ferramentas de trabalho pelos empregadores. (Construção civil, p.6, 1962).

(173) [...] e que num futuro bem próximo possa eu, com o apoio do governo de nosso País, trazer também para aqui, não como um favor, mas como um ato de justiça que este povo bem merece, pelo seu patriotismo, e pela sua capacidade de trabalho, a energia que tanta falta faz a seu desenvolvimento. (Notícia – Texto do discurso do presidente em Cachoeira do Itapemirim, p.7, 1962).

(174) O encenador italiano afirmou, por último, que foi seu trabalho ‘transpor para o palco a fusão de uma grande sensibilidade com um pleno domínio da técnica dramática’. (Notícia – Fusão do regional e do universal na peça do ‘Saci’, p.8, 1962).

(175) Seu principal objetivo é o de ajudar os operários, tanto nos países adiantados, como nos que estão em processo de desenvolvimento e conseguiram melhoria de salários, condições de trabalho e bem-estar geral. [...] Conclamando a classe trabalhadora de São Paulo para que compareça hoje à Praça da Sé, a partir das 8 e 30, participando da concentração dos trabalhadores cristãos e democráticos o Sr. Antonio Pereira, presidente da Confederação dos Empregados no Comércio do Estado de São Paulo frisou [...]. Referindo-se ao dia do Trabalho, o Sr. Antonio Pereira afirmou que ‘essa data vem sendo marcada, pela massa de trabalhadores, como símbolo de luta pela por melhorias em suas condições de vida e de trabalho. (Notícia – 1º de Maio: Grande concentração na Sé, p.13, 1962).

(174) O encenador italiano afirmou, por último, que foi seu trabalho ‘transpor para o palco a fusão de uma grande sensibilidade com um pleno domínio da técnica dramática’. (Notícia – Fusão do regional e do universal na peça do ‘Saci’, p.8, 1962).

(175) Seu principal objetivo é o de ajudar os operários, tanto nos países adiantados, como nos que estão em processo de desenvolvimento e conseguiram melhoria de salários, condições de trabalho e bem-estar geral. [...] Conclamando a classe trabalhadora de São Paulo para que compareça hoje à Praça da Sé, a partir das 8 e 30, participando da concentração dos trabalhadores cristãos e democráticos o Sr. Antonio Pereira, presidente da Confederação dos Empregados no Comércio do Estado de São Paulo frisou [...]. Referindo-se ao dia do Trabalho, o Sr. Antonio Pereira afirmou que ‘essa data vem sendo marcada, pela massa de trabalhadores, como símbolo de luta pela por melhorias em suas condições de vida e de trabalho. (Notícia – 1º de Maio: Grande concentração na Sé, p.13, 1962).

(176) Fez-se mister lembrar no trabalho humano sua dignidade pessoal e sua função social, como também as exigências de um salário justo e familiar. Reforme-se a empresa de maneira que os simples executores silenciosos e passivos, talvez como peças de uma máquina, caminhem para o ideal de empresa, comunidade de pessoas fraternalmente unidas para os mesmos fins, com participação equitativa nos lucros, na gestão e na propriedade. (Notícia – Fala sobre a última encíclica o cardeal arcebispo de S.Paulo, p.14,1962).

(177) A reunião realizou-se no Fórum local, completamente tomado por educadores e estudantes, sendo presidida pelo Dr. José Geraldo Rodrigues, presidente do Tribunal de Alçada e ex-aluno do insigne educador, sendo abertos os trabalhos pelo Dr. Martin Francisco de Andrada, juiz de Direito da comarca. (Notícia – Palestra sobre educador em Guaratinguetá, p.15, 1962).

(178) Mais um serviço exclusivo do Banco Nacional de Minas Gerais: uma carteira especializada para operar dentro das condições especiais de trabalho dos Varejistas. (Propaganda – Carteira Especializada para Varejista, p.17, 1962).

(179) Trabalhando nas grandes empresas paulistas, numa notável contribuição ao progresso nacional, mas de 200.000 industriários sentiram a necessidade da proteção do Seguro de Vida – Coletivo Vida, Acidente de Trabalho e Acidentes Pessoais. (Propaganda – Seguradora Minas-Brasil, p.17, 1962).

(180) A vitalidade de Major's Dilemma foge a qualquer previsão. O animal compraz em desmentir todos os prognósticos pessimistas, pois continua trabalhando esplendidamente com rara eficiência. (Notícia – Arturo A. é força, os outros lutarão pelo 2º p.15, 1962).

(181) Outra consideração apresentada é a de que se pretende aumentar o ganho real do assalariado em função não de sua produtividade mas de uma data religiosa. Sobre isso disse: 'A desvinculação do montante pago ao empregado de uma tarefa ou de um trabalho realizado poderia conduzir-nos ao exagero de a cada passagem relevante de nossa História estabelecer uma gratificação que seria adicionada à remuneração devida'. (Notícia – Manifestações contrárias ao 13º salário, p.21, 1962).

(182) Tendo como objetivo principal o incremento de estudos, trabalhos e iniciativas destinados a aumentar a produção de gêneros alimentícios essenciais o Plano de Ação contra a fome foi aprovado hoje. (Notícia – Aprovado o plano de ação da Campanha contra a fome, p.21, 1962).

(183) Os trabalhos serão estimulados e coordenados pela comissão [...]. (Notícia – Aprovado o plano de ação da Campanha contra a fome, p.21, 1962).

(184) O comitê deverá reunir-se pelo menos uma vez a cada dois meses a fim de aprovar seus programas de trabalho determinando as medidas necessárias para sua execução. (Notícia – Aprovado o plano de ação da Campanha contra a fome, p.21, 1962).

(185) Os trabalhos deste grupo serão submetidos à consideração do comitê Patrocinador. (Notícia – Aprovado o plano de ação da Campanha contra a fome, p.21, 1962).

(186) Compete ao comitê executivo o acompanhamento dos trabalhos em curso. (Notícia – Aprovado o plano de ação da Campanha contra a fome, p.21, 1962).

(187) O programa básico da campanha deverá ser fundamentado num trabalho a ser elaborado pelo Comitê Executivo. (Notícia – Aprovado o plano de ação da Campanha contra a fome, p.21, 1962).

(188) [propõe] Uma revisão e atualização dos principais trabalhos de iniciativas realizadas no País [...]. (Notícia – Aprovado o plano de ação da Campanha contra a fome, p.21, 1962).

(189) Os trabalhos do GEIAL serão orientados de acordo com as linhas gerais estabelecidas para o desenvolvimento da campanha. (Notícia – Aprovado o plano de ação da Campanha contra a fome, p.21, 1962).

(190) São Paulo hospeda [...], no Dia do Trabalho, mais de um milhão de trabalhadores sem trabalho. (Reportagem – Dia do (sem) Trabalho, p.37, 1991).

(191) Com tantos locais próprios e praças de que o mato tomou conta, por que não tirar as feiras da porta das casas? (Carta de leitor – Feiras livres, p.2, 1991).

(192) Os 65 escritórios regionais de saúde assumiram em suas áreas de abrangência o trabalho de controle e avaliação das contas de 400 hospitais [...]. (Artigo – Um convite à fraude, p.2, 1991).

(193) [...] está sendo processado por injúria, calúnia e difamação, pelos juízes do TRE, por haver denunciado os trabalhos eleitorais no Estado em 1990. (Notícia – papéis trocados, p.3, 1991).

(194) Propostas do governo mudam aposentadorias, registro de patentes e relações trabalhistas. (Artigo – Collor apresenta medidas do Projeto, p.3, 1991).

(195) 1º de maio: não poderia haver dia mais propício para iniciar um bom trabalho. [...] Aos 27 anos de existência, só há uma explicação para o excessivo crescimento do Sistema de Consórcio: muito trabalho. Para manter o Sistema em pleno funcionamento hoje, 550 empresas contam com a soma individual do trabalho de mais de 60 mil profissionais [...] Hoje, 1º de maio – dia que sentimos bastante nosso, assim como devem senti-lo todos aqueles que fazem do trabalho a principal arma para vencer obstáculos [...]. Que a soma de nossos trabalhos represente, acima de tudo, o engrandecimento do Sistema de Consórcio. (Propaganda – Sistema de Consórcios, p.4, 1991).

(196) Ao todo, o projeto de lei derruba mais de cem artigos da CLT [...] segundo os técnicos que trabalharam no texto. (Notícia – Intenção é liberar relação de trabalho, p.4, 1991).

(197) Ao assumir o cargo, o novo senador apresentou um currículo no qual omite sua profissão de pedreiro, substituída pela de 'empresário da construção civil'. (Notícia – Senador toma posse e promete apoiar governo, p.5, 1991).

(198) A comemoração do 1º de Maio, a festa do trabalho, tem se revestido de luto nos últimos anos, no mundo inteiro. Na França, existem atualmente 2,5 milhões de desempregados, de modo que os operários e todos os que estão trabalhando são pessoas privilegiadas. A festa do trabalho não é uma festa para aqueles que não têm emprego. (Artigo – Data perdeu significado de confronto, p.10, 1991).

(199) Olhe quem vai suar a camisa hoje. Hoje, dia do trabalho, essa vai ser sua única mão-de-obra: abrir uma SKOL. (Propaganda, p.6, 1991).

(200) Em seu último dia de trabalho e após mais de cinco horas de discussões, a Assembleia Legislativa de El Salvador aprovou ontem de madrugada uma reforma de 47 artigos da Constituição. (Notícia – El Salvador dá mais poder a civis, p.7, 1991).

(201) Crescimento e emprego para todos. É o que desejamos comemorar nos próximos dias do trabalho. (Propaganda, p.9, 1991).

(202) Por salário, entende-se quantia em dinheiro dada em pagamento de trabalho ou serviço. O Papa Leão XIII, na encíclica de 15/05/1891, preocupou-se sobremaneira com a profunda abjeção, miséria e desumana exploração com que eram tratados [os

operários] já no longínquo século 19. Trabalho extenuante de mais de 12 horas, em locais insalubres, anti-higiênicos, reduzia operários à condição de escravos. (Fórum de debates – tema: No Dia do Trabalho – Disparidade perturbadora, p.2, 2000).

(203) Trabalho infantil penoso. Que raio de penoso é este? Trabalho infantil é trabalho infantil e pronto. (Fórum de debates - tema: No Dia do Trabalho – Ideias penosas, p.2, 2000).

(204) O IBGE inscreveu 786 mil candidatos no concurso para trabalhar no censo deste ano. Para quem passar nas provas, são pelo menos dois meses de emprego, podendo chegar a um semestre. (Coluna do Estadão – Trabalho, p.6).

(205) A criação de empregos na economia brasileira está em níveis que não se viam desde outubro de 96, segundo informou ao **Estado** o secretário de política econômica, Edward Amadeu. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).

(206) Em março, segundo dados divulgados na quinta-feira, pelo IBGE, foram criados 620.616 novos postos de trabalho, na comparação com março do ano passado. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).

(207) “Foi um aumento de 3,8% sobre março de 99”, disse o secretário. “Isso mostra que continua o movimento de aumento da criação de emprego, na margem”. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).

(208) O secretário refere-se ao fato de que há crescimento na abertura de novas vagas, nos dados mensais mais recentes, embora esse efeito não apareça quando se consideram as taxas de desemprego de um período maior de meses. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37, 2000).

(209) A abertura de novos postos de trabalho está relacionada com o aquecimento na economia que vem sendo registrado desde o fim do ano passado. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37, 2000).

(210) Neste ano, o governo espera um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 4%, ante cerca de 0,5% registrado em 99. Por isso, é de se esperar que aumentem as vagas. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37, 2000).

(211) A expectativa de Amadeo é que a taxa de desemprego recue dos atuais 8,1%, registrado em março, para algo como 5,5% - o mesmo nível de antes das crises asiática, russa e brasileira – no fim de 2001. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).

(212) Ao mesmo tempo em que surgiram novas vagas, também aumentou o número de pessoas procurando emprego – principalmente mulheres e jovens, que saíram à busca de trabalho, após a crise internacional, na tentativa de recompor a renda familiar. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).

(213) Há um estoque de pessoas que tentou entrar no mercado de trabalho a partir de outubro de 97 e não encontrou vagas por causa do impacto da crise financeira internacional do Brasil. Agora, com a economia em processo de reaquecimento, esse



estoque está sendo gradualmente absorvido. Por isso, a taxa de desemprego começará a recuar a partir do segundo semestre deste ano. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).

(214) Um dado que chamou a atenção do governo é que as novas vagas que estão surgindo são, em sua maior parte, as chamadas informais, ou seja, sem carteira assinada. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37, 2000).

(215) Segundo dados do IBGE, das 620.616 novas vagas abertas em março, apenas 92.424 foram com carteira assinada, contra 454.346 sem carteira, fora os 67.152 trabalhadores por conta própria e 3.838 novos empregadores surgidos no período. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).

(216) “Há uma tese, com a qual não concordo, que o crescimento econômico por si só diminui a informalidade”, disse o secretário. “Eu diria que o crescimento não atrapalha, mas também não explica tudo, pois entre 94 e 97, o País cresceu muito e a proporção de trabalho ilegal não caiu”. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).

(217) Na raiz da maior oferta de vagas sem carteira assinada, o secretário vê uma mistura de fatores que passam pela universalização dos serviços públicos de saúde, pelo processo inflacionário das últimas décadas e até pela relação do cidadão com o governo. Ele avalia que a Constituição de 88, ao estender a todos os cidadãos o acesso ao serviço público de saúde, acabou desvalorizando a carteira de trabalho – até então exigida para dar acesso ao atendimento. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).

(218) As diferenças entre o emprego com carteira assinada e sem carteira assinada criam dois tipos totalmente diferentes de trabalhador no Brasil, avalia o secretário. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).

(219) O avanço do emprego ilegal mostra que o atual formato do emprego formal precisa ser revisto. (Lu Aiko Otta – Reportagem – Desemprego pode cair para níveis de 96, p.37,2000).

(220) No primeiro trimestre de 2016, como já previsto pelos analistas, [o desemprego] atingiu o assustador índice de 10,9%, ou 11,1 milhões de trabalhadores no olho da rua. Somente o setor industrial, em 12 meses contando até março, fechou 1,52 milhão de postos de trabalho. (Fórum dos leitores – O grande golpe: descalabro econômico-Paulo Panossiam, p.2, 2016).

(221) É bem a cara do PT, que imagina o governo ser sua propriedade, a intensão de Dilma Rousseff de dificultar ao máximo para a equipe de Michel Temer a transmissão de funções que se dará tão logo a presidente tenha seu afastamento provisório do cargo decretado pelo Senado em decorrência do processo de impeachment. Como o **Estado** apurou, a ordem do Planalto que está sendo repassada a todos os ministérios, em particular àqueles controlados pelo PT, é que nenhuma informação seja transmitida aos “golpistas” que estão assumindo. Com sabotagem da administração pública, Dilma e os petistas pretendem registrar seu protesto contra o “golpe” de que se consideram vítimas e dificultar o trabalho dos novos e “ilegítimos”

responsáveis pela administração federal [...]. (Artigo – Esgares de intolerância, p.3, 2016).

(222) [...] Com sabotagem da administração pública, Dilma e os petistas pretendem registrar seu protesto contra o “golpe” de que se consideram vítimas [...], mas estarão prejudicando, na verdade, aqueles para quem o governo deve trabalhar: os cidadãos brasileiros. (Artigo – Esgares de intolerância, p.3, 2016).

(223) Pelo menos durante as próximas semanas, o setor público só vai trabalhar segundas e terças-feiras, com exceção dos serviços essenciais. (Monumental desastre, p.3, 2016).

(224) [...] a Venezuela não tem dinheiro nem para pagar a impressão de dinheiro. O pagamento a pelo menos uma das grandes empresas impressoras europeias especializadas nesse trabalho, às quais o país habitualmente faz suas encomendas, está atrasado. (Monumental desastre, p.3, 2016).

(225) O atual conselho de administração em março, considerou que os gastos continuados estão altos demais e cobrou os resultados do trabalho. (Petrobras paga milhões por auditoria ineficaz, p.4, 2016).

(226) As comemorações de hoje do Dia do Trabalho são uma mostra de como o ambiente está envenenado para debates do tipo. Braço sindical do PT, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) promete fazer junto com os movimentos sociais ‘o maior 1º de maio da história’. Será contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff, com a presença da própria. ‘Mas o pano de fundo são os direitos dos trabalhadores’, afirmou ao **Estado** o presidente da CUT, Vagner Freitas. [...] (Reformas de Temer vão esperar ‘clima político’, p.4, 2016).

(227) As comemorações de hoje do Dia do Trabalho são uma mostra de como o ambiente está envenenado para debates do tipo. Braço sindical do PT, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) promete fazer junto com os movimentos sociais ‘o maior 1º de maio da história’. Será contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff, com a presença da própria. ‘Mas o pano de fundo são os direitos dos trabalhadores’, afirmou ao **Estado** o presidente da CUT, Vagner Freitas. [...] Ciente disso, o vice trabalha para consolidar uma base sindical que possa lhe dar apoio nas ruas [...]. (Reformas de Temer vão esperar ‘clima político’, p.4, 2016).

(228) [...] Na semana passada, Temer recebeu quatro das seis principais sindicais do país. Mas, por ora, as centrais deram um voto de confiança ao vice. Ele tem crédito junto a elas, porque quando era presidente da Câmara e estava em discussão o projeto de lei que reduzia a jornada de trabalho de 44 para 40 horas semanais, chamou os sindicalistas para uma conversa. (Reformas de Temer vão esperar ‘clima político’, p.4, 2016).

(229) [...] A aproximação com as centrais faz parte de um trabalho mais amplo do vice, que é construir um “governo de união nacional” para se enfrentar a dura agenda que se coloca à frente, sem a qual não será possível recolocar a economia nos eixos. (Reformas de Temer vão esperar ‘clima político’, p.4, 2016).

(230) A presidente Dilma Rousseff participa hoje, em São Paulo, da comemoração do Dia do Trabalho da central Única dos Trabalhadores (CUT) e vai anunciar um reajuste para o Programa Bolsa Família como principal medida de um “pacote de bondades”

[...]. O governo, o PT, a CUT e os movimentos sociais querem dar um caráter emotivo ao ato, já considerado nos bastidores como “último grande comício” de Dilma. O tema do ato, que terá artistas e intelectuais será “Mais Democracia e Mais Direitos”. (Dilma ataca vice em ato da CUT, p.4, 2016).

(231) Mesmo sem o Senado ter votado o afastamento da presidente Dilma Rousseff, o Congresso começa a votar na próxima semana uma pauta de projetos alinhados a um eventual governo Michel Temer. [...] O líder do DEM, Pauderney Avelino (AM), admitiu que, na Câmara, “existe uma tendência de trabalhar para o próximo governo”. (Notícia – Congresso já trabalha pauta para ajudar vice, p.5, 2016).

(232) [...] Na Câmara, os atuais opositores também trabalham com as demandas de um eventual governo Temer. [...] “Nesse momento não é nossa intenção trabalhar com um vácuo de governo, com uma presidente que governa sem poderes para isso, sem representatividade”. (Notícia – Congresso já trabalha pauta para ajudar vice, p.5, 2016).

(233) A fim de aproveitar seus últimos momentos, a presidente estava decidida a aproveitar a passagem hoje do Dia do Trabalhador para anunciar o chamado pacote de bondades como aumento nos benefícios dos programas sociais e correção na tabelado Imposto de Renda. Por que não fez antes? Porque não há dinheiro. (Dora Kramer, Artigo – Ponte para o passado, p.6, 2016).

(234) “Eu disse à presidente Dilma que foi um erro ter tirado o Moreira [Moreira Franco, ex-ministro da Aviação Civil] do Ministério. Ele trabalhou muito pela eleição de Dilma em 2014. Estávamos em lados opostos e Moreira nos atrapalhou bastante”, diz o presidente do PMDB-RJ, Jorge Picciani. (Luciana Nunes Leal, Moreira Franco ainda dá passos de ‘gato angorá’, p.6, 2016).

(235) Segundo o núcleo duro de Temer, o ex-ministro da Justiça e atual advogado-geral da União, José Eduardo Cardozo, errou ao deixar transparecer sua proximidade com o procurador-geral da República. Por causa disso, Cardoso sempre foi criticado pela oposição, pelo governo e pelo PT. Nos bastidores, os ataques mais fortes partiram do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que trabalhou pela demissão dele da Justiça. (Adriano Ceolin, Reportagem – Vice admite que Justiça é escolha ‘mais difícil’, p.7, 2016).

(236) Mariz foi descartado para a função de ministro da Justiça por fazer reparos ao trabalho da força-tarefa formada pelo Ministério Público e pela Polícia Federal responsável pela Operação Lava Jato. (Adriano Ceolin, Reportagem – Vice admite que Justiça é escolha ‘mais difícil’, p.7, 2016).

(237) Óbvio que há muita gente responsável e de bom senso que não apenas compreende o que está acontecendo como se preocupa mais com o País do que com um governo falido e um partido em polvorosa [...]. Segundo a turma do Temer, eles têm sido “homens de Estado”. Mantém a compostura até o fim. Não se viraram contra o governo, mas não trabalham contra o país. (Eliane Cantanhêde, Artigo – Explodir o país?, p.8, 2016).

(238) No primeiro mandato de Dilma, somente a Presidência da República abrigava 3,272 servidores, incluindo os que trabalhavam em pastas como a Casa Civil e a

Secretaria de Comunicação Social. (Tânia Monteiro, Reportagem – Planalto respira ares de fim de festa, p.8, 2016).

(239) Outro conhecido de Dilma, o técnico de carreira da Petrobras, Marcos Antonio Martins Almeida, recebeu, no último dia 21, um telefonema com a notícia de que comandaria o Ministério de Minas e Energia, pasta onde trabalha há quase 17 anos. (Leonêncio Nossa, Reportagem – O Ministério e a síndrome de alta rotatividade, p.8, 2016).

(240) A foto da família no gabinete ministerial [de Alessandro Teixeira, ministro do Turismo] foi substituída por um ensaio sensual da mulher, a modelo Milena Santos, na sala de trabalho. (Leonêncio Nossa, Reportagem – O Ministério e a síndrome de alta rotatividade, p.8, 2016).

(241) Comemorar o Dia do Trabalho é um clássico. A trilha sonora tinha que acompanhar. (Propaganda – Bachiana Filarmônica, SESI-SP, p.9, 2016).

(242) Os informes não puderam ser consultados pela Comissão Nacional da Verdade, que concluiu seus trabalhos em dezembro de 2014, antes de a entidade ter aberto seus arquivos. (Jamil Chade, Reportagem – Relatos expõem “ciência” da tortura na ditadura militar, p.13, 2016).

(243) Indiana abriga um dos principais símbolos da cruzada de Trump contra a globalização e o desemprego: a fábrica que a empresa de aparelhos de ar-condicionado Carrier pretende transferir para o México, deixando para trás 2.100 americanos sem trabalho nos próximos três anos. (Cláudia Trevisan, Reportagem – Disputa entre Trump e Cruz em Estado-chave, p.15, 2016).

(244) O Estado do Meio-Oeste americano lidera o ranking do país na proporção de empregos em manufatura, com 30% de sua força de trabalho em linhas de montagem de fábricas. (Reportagem – Fuga de empregos dá fôlego à retórica de bilionário em Indiana, p.15, 2016).

(245) Dos 226 milhões de americanos aptos a votar, 153 milhões se registraram como eleitores nas últimas eleições. Desses, apenas 130 milhões foram votar. A votação é realizada em dia de semana e muitos eleitores têm dificuldade de deixar o trabalho para ir às urnas. (Lourival Sant’anna, Reportagem – Sistema imperfeito, p.16, 2016).

(246) Mas o próprio Raul fez uma crítica dura aos problemas estruturais de Cuba, condenando a “mentalidade obsoleta”, a “total falta de sentido de urgência” na implementação das mudanças e os “efeitos nocivos do igualitarismo” quando se trata de recompensar o trabalho e a iniciativa das pessoas. (Reportagem – A última linha de defesa de Fidel Castro, p.17, 2016).

(247) Os estudantes apoiam os professores, em greve desde o dia 2 de março por melhores salários e condições de trabalho. (Fábio Leite – Reportagem – Estudantes invadem de novo Colégio Fernão Dias, p.22, 2016).

(248) Carla, a fotógrafa gaúcha de 41 anos vai encaixar o trabalho voluntário entre os compromissos pagos. (Roberta Pennafort – Reportagem – Uma rede de apoio só para mulheres, p.25, 2016).

(249) Orquídea, de 27 [anos], ajuda “com o que tem no momento”. “Três mulheres me procuraram porque estão estudando para o Enem. Corrijo textos. Estou desempregada, tenho tempo livre”. (Roberta Pennafort – Reportagem – Uma rede de apoio só para mulheres, p.25, 2016).

(250) De acordo com o trabalho de Velloso, 21 estados comprometeram mais de 65% das receitas com pessoal e serviço da dívida no ano passado [...] O resultado foi obtido com base nos Relatórios Resumidos de Execução Orçamentária e com dados informados pelos Estados. (Anna Carolina Papp – Reportagem – Gastos com pessoal extrapolam limites, p.30, 2016).

(251) [...] a tensão marca o dia-a-dia da dentista Djaura dos Santos Oliveira, aposentada após 34 anos de trabalho em hospital público. (Vinicius Neder – ‘E o mês que vem, como será?’, p.30, 2016).

(252) Eventual governo acredita em retomada com a criação de 100 mil vagas formais. (Murilo Rodrigues Alves- Reportagem- Temer quer fechar 2016 criando empregos, p.34, 2016).

(253) O vice-presidente, Michel Temer, elegeu como prioridade de um eventual governo peemedebista recuperar a última bandeira conquistada pelo PT e perdida no ano passado: a geração de vagas com carteira assinada. (Murilo Rodrigues Alves- Reportagem- Temer quer fechar 2016 criando empregos, p.34, 2016).

(254) [...] o total de desocupados no País já chega a 11,1 milhões de pessoas, como divulgou o IBGE. (Murilo Rodrigues Alves- Reportagem- Temer quer fechar 2016 criando empregos, p.34, 2016).

(255) [...] trabalhadores vivem atualmente numa espécie de “purgatório”, ou porque tiveram de aderir ao plano do governo de redução da jornada e do salário (59,9 mil) ou tiveram o contrato suspenso por três meses (12 mil funcionários nos três primeiros meses do ano). (Murilo Rodrigues Alves- Reportagem- Temer quer fechar 2016 criando empregos, p.34, 2016).

(256) O esforço para chegar a 100 mil novas vagas será grande, tendo em vista que em 2015 foram fechados 1,54 milhão de postos com carteira assinada. Na hipótese de conseguir alcançar a marca, mesmo assim o resultado de 2016 será inferior ao de 2014 (quando foram geradas 420 mil vagas) e 2013 (1,138 milhão). Mas superior ao de 2012, quando foram criadas apenas 70 mil vagas. (Murilo Rodrigues Alves- Reportagem- Temer quer fechar 2016 criando empregos, p.34, 2016).

(257) A queda no desemprego virou uma das grandes vitrines de propaganda do governo petista. (Murilo Rodrigues Alves- Reportagem- Temer quer fechar 2016 criando empregos, p.34, 2016).

(258) Segundo os conselheiros de Temer, é possível criar 100 mil vagas neste ano, graças a alguns fatores, como a volta da credibilidade de uma nova equipe econômica, chefiada pelo ex-presidente do Banco Central, Henrique Meirelles. A mudança na percepção dos investidores destravaria as concessões de rodovias, aeroportos, rodovias e portos, e impulsionaria a criação de vagas no setor. (Murilo Rodrigues Alves- Reportagem- Temer quer fechar 2016 criando empregos, p.34, 2016).

(259) “O emprego é o primeiro que sofre em momento de crise e é o último a sair”, afirmou o economista-chefe da Gradual Investimentos, André Perfeito. (Murilo Rodrigues Alves – Reportagem – Temer quer fechar 2016 criando empregos, p.34, 2016).

(260) “Acho que a presidente tem de sair mesmo e o PT também, para acabar com toda corrupção que está por aí. Mas não tenho esperança de que as coisas vão ficar melhor. Antes de a economia melhorar, vai piorar primeiro. Olha o tanto que os juros subiram. Trabalhava como auxiliar de cozinha no hospital da UnB, mas era uma empresa terceirizada e me demitiram. Tenho experiência: já trabalhei em padaria e supermercado. Sempre que vou procurar emprego aqui no Plano, recusam pagar o vale-transporte. Não tem como trabalhar sem esse dinheiro. A passagem de Planaltina de Goiás pra cá custa R\$6,00 ida e volta. Tenho de pagar pra trabalhar”. Elianusa Souza Oliveira, 30 anos. (Retratos do desemprego, p.34, 2016).

(261) “A classe mais baixa sente mais na pele os efeitos dessa crise, que causa tanto desemprego. [...] Vou me mudar para Formosa, estado do Goiás, agora que fui demitida do emprego, onde trabalhava como babá.” Ana Lúcia Figueiredo, 32 anos. (Retratos do desemprego, p.34, 2016).

(262) Além dos 11,1 milhões de desocupados, outros 70 mil trabalhadores brasileiros vivem numa espécie de purgatório. Para evitar que fossem incorporados à massa dos desempregados, foram obrigados a aderir ao programa do governo que prevê a redução de salário e carga horária ou tiveram o contrato de trabalho suspenso por alguns meses. (Murilo Rodrigues Alves – Reportagem – 70 mil aguardam no “purgatório” do emprego, p.34, 2016).

(263) Bárbara Paz vai viver o papel de seus sonhos em “Gata em teto de zinco quente” que estreia em 5/5. O resultado de suas produções tem recebido elogios do cineasta Hector Babenco. [...] No último trabalho de Babenco, Bárbara estava lá dançando na chuva à frente do ator Willem Dafoe. (Leandro Nunes – Reportagem, p.36, 2016).

(264) “Sempre quis escrever uma história sobre esse mosaico de cultura que é São Paulo, com bairros ricos ao lado de gente que trabalha dia e noite para sobreviver, com japoneses e comércios antigos ao lado de grandes shoppings”, conta Ortiz em entrevista ao **Estado**. (Cristiana Padiglione – Reportagem – Clássico das 7 ganha releitura, 30 anos depois, p.36, 2016).

(265) Dois mais dois também eram quatro nos EUA, mas, fora isso, eu estava perdido, incapaz de acompanhar os trabalhos de aula. Tudo agravado pela minha timidez e meu horror congênito à escola. Até que um dia... Completei um trabalho de Geometria, e ao entregar o trabalho para a professora, notei que era o primeiro a fazer isto [...]. A professora elogiou meu trabalho [...]. Anticlímax. Depois que deixei o “high school” e pelo resto da minha vida, nunca mais precisei usar a geometria. (Verissimo – Crônica – Geometria, p.43, 2016).

(266) Em Barabíshe, trabalho de arte e trabalho, no sentido laboral e ainda coletivo, entrelaçaram-se de uma maneira pura como se pode ver em um monte de fotografias históricas do período. [...] “Pensei em eliminar um ângulo da superfície porque esta ideia seria mais representativa da situação que existe entre quem produz o trabalho e quem o vê: alguma coisa vai estar encoberta dos dois lados, algo vai estar sempre

faltando, porque a comunicação nunca é integral”, explica o artista Antonio Dias. (Camila Molina – Reportagem – Trabalhos do Nepal, p.43, 2016).

(267) “Todos os dias, ao chegar ao trabalho, se pergunte: como posso fazer isso diferente de ontem?”, diz o professor do Fórum de Inovação da Fundação Getúlio Vargas (FGV). (Mariana Holanda – Reportagem – O momento do profissional inovador, p.48, 2016).

(268) Leonardo Trevisan ressalta a importância da relação entre criatividade e competência para ser inovador. Relação esta, que só é atingida, com o suor de muito trabalho, afinal, é preciso propor algo novo, que ninguém ainda faz. (Mariana Holanda – Reportagem – O momento do profissional inovador, p.48, 2016).

(269) “O robô substitui a atividade humana rotineira. Quem percebe o papel da inovação na sua rotina de trabalho, cria novas situações e funções”, destaca o professor da PUC. (Mariana Holanda – Reportagem – O momento do profissional inovador, p.48, 2016).

(270) Sacramento ressalta que qualquer um pode ser inovador: basta incentivar o lado criativo. É neste momento que as empresas têm um papel fundamental: não basta procurar um profissional inovador, se ele não terá espaço para sugerir coisas novas no trabalho. (Mariana Holanda – Reportagem – O momento do profissional inovador, p.48, 2016).

(271) “Quem eu busco para trabalhar comigo é quem efetivamente demonstra ter garra, que tem vontade de fazer a coisa caminhar. Isto pode fazer a grande diferença entre um time de alta performance e um time regular”, afirma Luiz Flaviano dos Santos, da IBM. (Cláudio Marques – Reportagem – No fundo, a função do líder é a de resolver problemas, p.49, 2016).

(272) Reflita sobre qual tipo de trabalho desejaria realizar: de especialista, de apoio, de pesquisa, etc? (Iaci Rios – Reportagem – Gestão de pessoas: um guia para quem deseja se recolocar no mercado de trabalho, p.51, 2016).

(273) Pense sobre quais as competências que já possui para realizar este tipo de trabalho, neste ambiente. E, ainda, porque seria importante realizar este trabalho, usando tais competências? (Iaci Rios – Reportagem – Gestão de pessoas: um guia para quem deseja se recolocar no mercado de trabalho, p.51, 2016).

(274) Por mais difícil e dolorida que seja a ruptura ou perda do emprego, é preciso ter calma para lidar com a situação [...]. (José Augusto Figueiredo – Reportagem – Gestão de pessoas: um guia para quem deseja se recolocar no mercado de trabalho, p.51, 2016).

(275) Trate a procura do novo trabalho como um trabalho importante. Comprometa todo o seu tempo com isso, todos os dias. (José Augusto Miranelli – Reportagem – Gestão de pessoas: um guia para quem deseja se recolocar no mercado de trabalho, p.51, 2016).

(276) Mesmo com o mercado retraído, sempre existem oportunidades. Você precisa de um só emprego. E ele está em algum lugar. Se não encontrar emprego, procure trabalho. Lembre-se de que um profissional necessita, na essência, de ocupação e

remuneração. (José Augusto Miranelli – Reportagem – Gestão de pessoas: um guia para quem deseja se recolocar no mercado de trabalho, p.51, 2016).

(277) Entenda que mercado de trabalho é um mercado, um lugar de gente procurando satisfazer as suas necessidades mediante uma troca. Portanto, aja mercadologicamente. Circula e “venda o seu peixe”, ofereça o seu trabalho como um provedor de solução e não como pedinte de emprego. Além do currículo, elabore cuidadosamente os seus argumentos de venda, seus conhecimentos, habilidades, experiências e benefícios que o contratante terá ao escolher você. (José Augusto Miranelli – Reportagem – Gestão de pessoas: um guia para quem deseja se recolocar no mercado de trabalho, p.51, 2016).

(278) Mariana conta que além do valor, que deveria estar de acordo com seu orçamento, a região também era importante, pois queria morar perto do trabalho. “Tive de esperar um pouco mais, investir mais, para comprar [o apartamento onde mora] próximo ao trabalho”. (Edilaine Felix – Reportagem – Planejamento ajuda a comprar imóvel antes dos 30 anos, p.54, 2016).

(279) “Eu trabalhei por 20 anos na área de controladoria da empresa em que conheci meu marido. Na verdade, tudo começou porque, como trabalhávamos em áreas diferentes, trocávamos doces e receitas. Ele me levava bolo, brownie, e assim começou a paquera, com doces”, conta a fundadora da The Brownie Shop, Isabela Delorenzo. [...] Foi então que ela pensou: “Vamos investir no negócio próprio”, e, em 2011, Isabela decidiu que deixaria o emprego para investir nessa paixão. (Edilaine Felix – Reportagem – Paixão por doces faz surgir negócio para venda de brownies, p.69, 2016).

(280) Na Influx, fundada por Ricardo Leal, a estratégia segue dois caminhos: “Trabalhamos para manter o nível e entregar o prometido: nível avançado de inglês em dois anos e meio com certificação internacional”, diz ele. (Cris Olivette – Reportagem – Crise exige criatividade das escolas de idiomas, p.71, 2016).

(281) “Acho que corremos um grande risco. Primeiro porque o Audax tem um trabalho e um conceito de jogo que é aprimorado a todo momento. Não foi por acaso que tirou os adversários que tirou”, afirmou o treinador Santos. (Notícia – Ciro Campos – Audax desafia hegemonia do Santos, p.74, 2016).

(282) Essa ascensão significa também declarações muito bem estudadas. “É uma semana decisiva. Tentar fazer um bom placar no primeiro jogo, trabalhar bem a bola. Temos de marcar e colocar nosso futebol em prática”. (Gonçalo Junior – Reportagem – Gabriel busca se consolidar como ídolo, p.75, 2016).

(283) Lucas Silvestre admite que é difícil trabalhar com o pai por causa da cobrança, mas, por outro lado, tem mais liberdade: “Trabalhar com o pai não é fácil. [...] A cobrança é acima da média. Por outro lado, tenho muitas facilidades, como liberdade e autonomia para trabalhar [...]”, diz Lucas. (Gonçalo Junior – Reportagem-Herdeiro de Dorival planeja ser treinador em dez anos, p.75, 2016).

(284) Lucas Silvestre admite que é difícil trabalhar com o pai por causa da cobrança, mas, por outro lado, tem mais liberdade: “Ainda existe um preconceito grande com o filho do treinador. As pessoas só aceitam mesmo depois de um tempo, quando veem



o trabalho [...]”, comenta Lucas. (Gonçalo Junior – Reportagem-Herdeiro de Dorival planeja ser treinador em dez anos, p.75, 2016).

(285) “A gente repensou nosso modelo de futebol. Era necessária uma mudança em relação ao acerto de passes. Começamos a montar trabalhos em cima dessa mudança. Procuramos processos pedagógicos para a valorização da posse de bola”, diz o graduado em Educação Física [Lucas Silvestre]. (Gonçalo Junior – Reportagem-Herdeiro de Dorival planeja ser treinador em dez anos, p.75, 2016).

(286) A relação pai e filho só começa a valer do CT pra fora. Durante o trabalho Lucas chama Dorival de “professor”, não “pai”. (Gonçalo Junior – Reportagem-Herdeiro de Dorival planeja ser treinador em dez anos, p.75, 2016).

(287) O que existe são algumas organizações que dividem a propriedade do jogador com o clube. Antes que alguém ache a palavra “propriedade” um pouco forte, quero dizer que penso em propriedade mesmo, no velho estilo brasileiro, já que o jogador trabalha para quem o comprou, ou “adquiriu os direitos”. (Ugo Giorgetti – Artigo – Todos por um, p.76, 2016).

(288) Os desafios de atuar por clubes de menor expressão tinham cansado o goleiro anos atrás. “Alguns times não pagavam, aí larguei. Queria ter uma estabilidade para poder casar e ter filhos. Até que recebi uma oportunidade. Encarei como a última”, contou. (Ciro Campos – Reportagem – Sidão, de “perdido na vida” ao sucesso, p.76, 2016).

(289) O torcedor [Paulo Roberto] troca mensagens com os jogadores; segundo ele, a boa campanha não transformou o comportamento do elenco. Todos continuaram humildes e focados no trabalho. (Reportagem- Audax virou o primeiro time de muito torcedor, p.76, 2016).

(290) Para tentar aumentar o número de mulheres já no ano que vem, a FPF (Federação Paulista de Futebol) criou um programa especial voltado para treinamento específico das árbitras, com trabalho físico, técnico ou psicológico, que permitam aumentar a performance nas diversas competições paulistas no ano que vem. A dificuldade para acompanhar o ritmo dos homens faz com muitas mulheres acabem desistindo de seguir carreira ou mesmo de evoluir a ponto de ter condições para trabalhar em grandes jogos. (Daniel Batista – Reportagem – Mulher na arbitragem rareia em São Paulo, p.77, 2016).

(291) [...] as meninas continuam fazendo testes físicos masculinos e além de ter de passar por um teste complicado, precisam estar habilitadas tecnicamente. Tudo isso faz com que tenhamos poucas assistentes aptas para trabalhar em jogos grandes no estado. (Daniel Batista – Reportagem – Mulher na arbitragem rareia em São Paulo, p.77, 2016).

(292) Existe muita procura de mulheres para trabalharem com arbitragem? [Pergunta de uma entrevista a Ana Paula de Oliveira, da ENAF]. (Daniel Batista – Reportagem – Mulher na arbitragem rareia em São Paulo, p.77, 2016).

(293) Márcia Bezerra Caetano, assistente, 41 anos. Já foi assistente FIFA, e neste ano trabalhou em três jogos série A-1 e três da série A-2. (Daniel Batista – Reportagem – Mulher na arbitragem rareia em São Paulo, p.77, 2016).

(294) Tatiane Camargo, 31 anos, assistente. É apontada como a melhor assistente do Estado. Trabalhou em apenas quatro jogos da Série A-1, pois foi convocada para trabalhar no Sul-Americano feminino em partidas de competições nacionais. (Daniel Batista – Reportagem – Mulher na arbitragem rareia em São Paulo, p.77, 2016).

(295) Pela primeira vez uma tocha olímpica se movimenta. A inovação foi concebida para os Jogos do Rio por Gustavo Chelles, que nesta entrevista ele conta como foi o trabalho. (Entrevista – Conceito comunica ao mundo nossa essência como nação, p.79, 2016).

(296) Os professores da USP, da UNESP e da UNICAMP veem seus salários reais sendo reduzidos a cada dia. Nem por isso deixam de cumprir com zelo e competência, em condições adversas, sua missão nas salas de aula, nos laboratórios e nos trabalhos de campo. (José de Souza Martins – Reportagem – Ataque à ciência, p.81, 2016).

(297) Hoje, com a casa destruída e morando de aluguel, Sônia e Antonio decidiram arregaçar as mangas. [...] O Antônio, pedreiro de formação e designer por hobby, não teme o futuro: “Não falta trabalho para quem quer”. (Guilherme Mendes – Reportagem – Identidades rompidas, p.82, 2016).

(298) Na quinta em que a lama triturou o que ela tinha, a Mônica saiu com a mãe para trabalhar logo cedo – ela no consultório de dentista onde é auxiliar, a mãe no serviço público. (Guilherme Mendes – Reportagem – Identidades rompidas, p.82, 2016).

(299) A Samarco fala que as famílias recebem um cartão de auxílio financeiro e são acompanhadas para que possam retomar o trabalho. [...]. (Guilherme Mendes – Reportagem – Identidades rompidas, p.82, 2016).

(300) A Samarco fala que as famílias recebem um cartão de auxílio financeiro e são acompanhadas [...]. Entre os afetados que ouvi quase todos elogiaram os trabalhos da mineradora. (Guilherme Mendes – Reportagem – Identidades rompidas, p.82, 2016).